Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

CIDADES COLONIAIS E INDUSTRIAIS NA COLÔMBIA E NO CANADÁ: história, identidade e cultura patrimonial

Maribel Deicy Villota Enríquez

São Carlos – SP
2024

MARIBEL DEICY VILLOTA ENRÍQUEZ

CIDADES COLONIAIS E INDUSTRIAIS NA COLÔMBIA E NO CANADÁ: história, identidade e cultura patrimonial

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar como parte das exigências para obtenção do título de Doutora em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Wilson José Alves Pedro

São Carlos – SP
2024

Enríquez, Maribel Deicy Villota

Cidades coloniais e industriais na Colômbia e no Canadá: História, identidade e cultura patrimonial / Maribel Deicy Villota Enríquez -- 2024.
496f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Wilson José Alves, Pedro
Banca Examinadora: Profa. Dra. Luciana de Souza Gracioso (UFSCar), Profa. Dra. Luzia Sigoli Fernandes Costa (UFSCar), Profa. Luciléia Aparecida Colombo (UNESP), Prof. Dr. Jairo Elicio Tocancipá Falla (UNICAUCA)
Bibliografia

1. Estudos urbanos. I. Enríquez, Maribel Deicy Villota. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Maribel Deicy Villota Enriquez, realizada em 03/09/2024.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Wilson José Alves Pedro (UFSCar)

Profa. Dra. Luciana de Souza Gracioso (UFSCar)

Profa. Dra. Luzia Sigoli Fernandes Costa (UFSCar)

Profa. Dra. Luciléia Aparecida Colombo (UNESP)

Prof. Dr. Jairo Tocancipá-Falla (UNICAUCA)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda minha família: meu pai Rodrigo Villota Semanate, minha madre Lilia Amparo Enríquez Gómez e a minhas belas irmãs, com quem continuo compartilhando os melhores momentos de minha vida. Por uma vida que juntou nosso tempo, em um tempo maravilhoso de amor. Em especial a meu *Anjo de açúcar*, quem agora é polvo de estrelas no universo e cuida de mim, e a todos os habitantes das cidades pesquisadas, porque neles se concentra todo o poder de resistir e perpetuar-se no tempo.

Dedico também este trabalho ao meu grande amigo *Paquito*, pois sem ele não houvesse sido possível tanto esforço e dedicação por entender a sutileza do amor. Seu carinho se reflete hoje neste texto. Nós veremos nas estrelas meu anjo de açúcar. Obrigado por me dar um motivo para sorrir, quando eu tinha mil motivos para ficar triste. Seu amor tornou esse trabalho possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a construção deste trabalho, aos professores, colaboradores e amigos que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa. Vai sendo hora de construir um discurso próprio desde os países latino-americanos sobre as novas transformações que acontecem em nosso espaço e tempo. Agradecimentos especiais, a todos aqueles que acolheram minha iniciativa como parte inovadora na construção de novas formas de produção do conhecimento cientifico desde nossa região:

A minha avó **Aura Irene Gómez de Enríquez** "in memoriam", por acender a curiosidade de pensar desde nossa tradição, a essência de uma região possível e seus legados históricos. Obrigada avó, pelo simples fato de ficar em minha memória sem ser removida. Pelo fato de levar em meu espírito, teu legado e teu amor. Aquela casa de infância será sempre parte de um povo maravilhoso.

A meus pais **Sra. Lilia Amparo Enríquez Gómez** e **Sr. Rodrigo Villota Semanate** pelo apoio durante toda minha formação acadêmica e seu interminável amor. Obrigada porque sem a luz de seus sonhos, o meu não houvesse sido possível. A minhas irmãs pelo amor e permanência em minha vida, pela carrera de costales em casa e a oportunidade de percorrer um bairro como antigos subúrbios latino-americanos. Voltar aos espaços que percorri tantas vesses de sua mão é a melhor das aventuras. Por Cali e Popayán, as duas cidades que são parte minha família e que significam voltar de novo ao amor. Pelas travessias no trajeto de suas ruas desde minha infância. Obrigada pai e mãe por cuidar de nós num universo que hoje existe em minha memória. Porque voltemos de novo a casa, porque nunca esqueçamos o caminho a casa, o caminho do amor.

A minhas irmãs por nossas diferenças, discussões e igualdades durante toda a vida. Obrigada porquê de sua mão os universos que transitei sempre estiveram cheios de amor. Por nosso legado e desdobramento do tempo, nosso sonho de transformar o universo. Não esquecerei aqueles olhos que sempre sustentaram os meus; aqueles abraços que sempre foram meu caminho a casa. Pelo tempo e por nosso tempo.

O meu prezado orientador, **Prof. Dr. Wilson José Alves Pedro**, um grande amigo que levo para toda a vida acadêmica desde meu mestrado no Brasil, até minha formação como doutora. Sem sua sabedoria, respeito, compreensão e dedicação durante mais de sete anos, este projeto não houvesse sido possível.

Ao **Prof. Dr. Jairo Tocancipá Falla**, meu mentor desde minha formação como antropóloga. Um grande amigo a quem devo inumeráveis aprendizagens e conhecimentos. Agradeço por me deixar

fazer parte do Grupo de Estudos Sociais e Comparativos GESC da Universidade do Cauca – Colômbia do qual formo parte.

À **professora Dra. Luzia Sigoli Costa**, membro da Banca Examinadora, que com seus aportes contribui enormemente a melhorar minha pesquisa durante minha formação. Sua compreensão e amor desde a integração do conhecimento me fiz crescer no campo cientifico.

Aos **professores e colegas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência, Tecnologia e Sociedade** da Universidade Federal de São Carlos, em especial ao apoio dado pelo grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Gerontologia Social (NIEPGS) e o Grupo de Estudios Sociales y Comparativos – GESC da Universidad del Cauca.

À **Dra. Dora Alexandra Villota E.,** por sua contribuição durante toda minha a pesquisa na Colômbia e no Canadá. Suas contribuições, debates, análises e perspectivas, ajudaram transcendentalmente a consolidar a informação histórica que foram muito acertadas no contraste de fontes historiográficas.

À **Dra. Jakeline Amparo Villota E.,** por sua contribuição, revisão do documento durante a pesquisa na Colômbia e no Canadá. Suas contribuições e perspectivas, ajudaram a consolidar o documento ademais de plasmar em algumas sessões, anotações pertinentes sobre a transformação dos espaços na cidade; nossas cidades de infância.

A meu anjo **Paquito** quem contribuiu, contudo, seu coração, esforço e tempo para que este trabalho fosse possível. Nunca vou a esquecer tua memória, pois só uma vez uma estrela como tu, cheia de luz, tanta obscuridade. Te amare por sempre; pelo que me ensinaste, me impulsaste a viver e contínuas me mostrando meu pequeno granito de açúcar. Muito obrigada por trocar meu universo, por trocar meu pensamento. Obrigada por aguardar meus retornos quando estive afastada de casa. Obrigada por amar a minha família com tanta força que desafiou meu tempo. Estaremos juntos sempre.

A minha família materna, por me lembrar-me do que somos. A minha tia **Nory Soveida Delgado,** e meus primos Diana Patrícia Villota, a Carlos Yamid Delgado, a Mario Villota Delgado e Mauricio Delgado, por fazer agradável minha instância durante a consolidação do trabalho escrito. Em memória de essas velhas cassa de minha avó **Aura Irene** onde existiram aqueles Talleres artesanais de cabuya, que sempre serão uma motivação para juntar nosso amor, nosso legado e nossa união. A nossa tia **Nory** que tanto amamos em casa, seu amor tem sido a conexão com a essência do que sou.

Enfim a todos àqueles que nos auxiliaram no apoio humano e técnico na Colômbia e Canadá para a realização desta pesquisa.

Maribel Deicy Villota Enríquez

É um clichê dizer que nenhuma sociedade é estática; mas a mudança é mais rápida e alguns sociedades que em outras. E existem diferentes classes de transformação. Por vezes, como resultado da influência do exterior, todos os membros de uma sociedade mudam quase simultaneamente, e de repente a comunidade converte-se em algo diferente. Os sistemas de vida das pessoas, não são por mais tempo, os mesmos que levaram os ascendentes. As formas antigas desaparecem, e cada pessoa na comunidade se encontra movendo-se rumo a um futuro incerto [...]. Esta é a mudança cultural. Pode ser abrupta ou gradual, rápida ou lenta, completa o parcial, observável ou escondida; mas, quando exerce sua influência, as sociedades e comunidades, as culturas e as pessoas, chegam a ser entidades diferentes do que eram antes.

Whiteford (1963)

RESUMO

ENRIQUEZ, Maribel Deicy Villota. CIDADES COLONIAIS E INDUSTRIAIS NA COLÔMBIA E NO CANADÁ: História, Identidade e Cultura Patrimonial. 2024. 496 p. Tese (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.

Os estudos no campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) tem sido fortemente diferenciado por suas correntes teóricas interdisciplinares e dimensões intervencionistas gestadas no campo. Reflexões sobre efeitos tecnológicos, benevolentes ao Norte, mas fortemente críticos no Centro e Sul da América evidenciam o fortalecimento dos discursos contrários. Neste sentido, a presente tese tem por objetivo caracterizar, descrever e analisar a representações de cidade colonial e industrial. A cultura patrimonial, em suas dimensões históricas, identitárias e culturais são norteadoras. As cidades coloniais investigadas foram *Popayán* e *Kingston*, e as cidades industriais: *Cali* e *Toronto*, respectivamente localizadas na Colômbia e no Canadá. Nesta direção, analisar as transformações urbanas de cada cidade, como uma conjugação dos discursos modernos, que emergem em sua maioria do centro histórico, conformado ao redor das praças fundacionais (1980-2022). Adotando a *metodologia analítico-descritiva* e de *documentação fotográfica*, *(*enfoque histórico-urbano) utilizou-se com fins de contraste e análises para determinar a consolidação do projeto modernizador. Os resultados do estudo são apresentados em capítulos que evidenciam informações sobre o surgimento das cidades coloniais e industriais. Destaca-se a importância repensar as realidades latino-americanas no campo – CTS, invertendo o espelho do sul ao norte, para explorar como os efeitos sociais da industrialização, mas ao mesmo tempo da colonização, são determinantes para definir a identidade cultural e patrimonial que muda continuamente. Demostrou-se, que o campo – CTS, pode contribuir desde os estudos de contraste, à reflexão de um continente americano que vive tanto ao Sul como ao Norte, suas próprias formas de desenvolvimentos, baixas pressões, incertezas e seguranças que ainda procuram em meio dos movimentos de revolução e luta de identidade, definir. Esta pesquisa é pioneira em fomentar os estudos de contraste na região, girando o caleidoscópio.

Palavras-chave: Cidade colonial, Cidade industrial, identidade, cultura patrimonial, contemporaneidade.

ABSTRACT

ENRIQUEZ, Maribel Deicy Villota. **Colonial and industrial cities in Colombia and Canada: history, identity, and heritage culture.** 2024. 496 p. Thesis (PhD in Science, Technology and Society) – Center for Education and Human Sciences, Federal University of São Carlos.

Studies in the field of Science, Technology, and Society (STS) have been strongly differentiated by their interdisciplinary theoretical currents and interventionist dimensions developed within the field. Reflections on technological effects, benevolent in the North, but strongly critical in Central and South America, demonstrate the strengthening of opposing discourses. In this sense, this thesis aims to characterize, describe, and analyze the representation of colonial and industrial cities. Heritage culture, in its historical, identity, and cultural dimensions, is a guiding principle. The colonial cities investigated were Popayán and *Kingston*, and the industrial cities were Cali and Toronto, respectively, located in Colombia and Canada. In this direction, the aim is to analyze the urban transformations of each city as a conjugation of modern discourses, mostly emerging from the historic center, formed around the founding squares (1980-2022). Specifically, the analytical-descriptive methodology and photographic documentation (historical-urban approach) were adopted, used for contrast and analysis to determine the consolidation of the modernization project. The results of the study are presented in chapters that demonstrate the emergence of colonial and industrial cities. The importance of rethinking Latin American realities in the STS field is also highlighted, reversing the mirror from south to north to explore how the social effects of industrialization, but also of colonization, are decisive in defining the cultural and heritage identity that is constantly changing. It is demonstrated that the STS field can contribute, through contrast studies, to the reflection of an American continent that experiences its own forms of development both in the South and the North, under pressures, uncertainties, and insecurities that are still being sought amidst the movements of revolution and struggle for undefined identities. This research is pioneering in promoting contrast studies in the region, turning the kaleidoscope.

Key words: Colonial city, industrial city, history, identity, patrimonial culture, contemporaneity, Science, Technology and Society.

RESUMEN

ENRIQUEZ, Maribel Deicy Villota. **Ciudades Coloniales e Industriales en Colombia y Canadá: Historia, Identidad y Cultura Patrimonial.** 2024. 496 p. Tesis (Doctorado en Ciencia, Tecnología e Sociedad) – Centro de Educación y Ciencias Humanas, Universidad Federal de São Carlos.

Los estudios en el campo de la Ciencia, Tecnología y Sociedad (CTS) han sido fuertemente diferenciados por sus corrientes teóricas interdisciplinares y dimensiones intervencionistas gestadas en el campo. Reflexiones sobre efectos tecnológicos, benevolentes al Norte, pero fuertemente críticos en el Centro e Sur de América evidencian el fortalecimiento de los discursos contrarios. En este sentido, la presente tese tiene por objetivo caracterizar, describir y analizar la representación de ciudad colonial e industrial. La cultura patrimonial, en sus dimensiones históricas, identitarias y culturales son directivas. Las ciudades coloniales investigadas fueron *Popayán* e *Kingston*, y las ciudades industriales: *Cali* e *Toronto*, respectivamente localizadas en Colombia y Canadá. En esta dirección, se pretende analizar las transformaciones urbanas de cada ciudad, como una conjugación de los discursos modernos, que emergen en su mayoría del centro histórico, conformado alrededor de las prazas fundacionales (1980-2022). Específicamente se adoptó la *metodología analítico-descriptiva* y de *documentación fotográfica, (*enfoque histórico-urbano), utilizándose con fines de contraste y análisis para determinar la consolidación del proyecto modernizador. Los resultados del estudio son presentados em capítulos que evidencian el surgimiento de las ciudades coloniales e industriales. Se destaca además la importancia de repensar as realidades latino-americanas no campo – CTS, invirtiendo el espejo desde el sur al norte para explorar como los efectos sociales de la industrialización, pero al mismo tiempo de la colonización son determinantes para definir la identidad cultural y patrimonial que cambia continuamente. Se demuestra que el campo – CTS, puede contribuir desde los estudios de contraste, a la reflexión de un continente americano que vive tanto al Sur como al Norte, sus propias formas de desarrollo, bajo presiones, incertidumbres e inseguridades que aún se buscan en medio de los movimientos de revolución y lucha de identidades por definir. Esta investigación es pionera en fomentar os estudios de contraste en la región, girando el caleidoscopio.

Palabras clave: Ciudad colonial, Ciudad industrial, historia, identidad, cultura patrimonial, contemporaneidad, Ciencia, Tecnología y Sociedad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Modelos de traçados ideais do Renascimento 87

Figura 2. Plano esquemático da expansão urbana da cidade de Guadalajara em México 88

Figura 3. Plano esquemático da fundação da cidade de Mendoza na Argentina.....88

Figura 4. Traço primitivo Barquisimeto, Venezuela e Lima 89

Figura 5. Traçados geométricos da cidade de Caracas e La Paz, Bolívia 89

Figura 6. Traçados geométricos da cidade de Pasto y Tunja na Colômbia.....89

Figura 7. Traçados geométricos e expansão da cidade de Bogotá na Colômbia.....90

Figura 8. Praça maior de México à esquerda e Praça maior de Panamá à direita 91

Figura 9. Litografia de uma Praça Maior colonial no século XVIII 92

Figura 10. Tipos de malhas urbanas na Iberoamérica.....93

Figura 11. Modelo de desenvolvimento estrutural da cidade latino-americana 94

Figura 12. Estrutura de pontes coloniais na Colômbia 96

Figura 13. Centro histórico da cidade de Bogotá na Colômbia 98

Figura 14. Distribuição da população, cidade e áreas metropolitanas no Canadá.....101

Figura 15. Contraste do uso de espaços no centro de Toronto, Minneapolis e Houston 103

Figura 16. Centros apropriados por privados em Toronto, Minneapolis e Houston 104

Figura 17. Área residencial de Calgary no Canadá.....105

Figura 18. Celebração American Folk Festival, Bangor.....106

Figura 19. Mapa do Município de Popayán.....116

Figura 20. Mapa das Comunas da zona urbana de Popayán 118

Figura 21. Mapa de Popayán distribuído por uso de áreas e zonas urbanas.....119

Figura 22. Mapa de Popayán 1885.....124

Figura 23. Plano de Popayán 1961.....126

Figura 24. Gravados da evolução urbana de Popayán séculos XVIII e XIX 127

Figura 25. Medições de terreno na arquitetura colonial de Popayán 128

Figura 26. Bairro popular periférico na urbe da cidade de Popayán em 1920 129

Figura 27. Área consolidada no período colonial e as duas etapas modernas.....130

Figura 28. Ponte colonial El Humilladero que cruza o rio Molino.....131

Figura 29. Lavandeiras Rio Cauca e Rio Ejido em Popayán Colonial no século XX 131
Figura 30. Desvio do afluente do rio Ejido em Popayán 132
Figura 31. Parque Caldas no centro da cidade de Popayán.....133
Figura 32. Placas de comemoração histórica no centro de Popayán.....134
Figura 33. Distribuição de casa e comércio no centro histórico de Popayán 136
Figura 34. Torre do relógio tomada desde a praça Caldas no centro histórico de Popayán 137
Figura 35. Algumas igrejas localizadas no centro histórico de Popayán 138
Figura 36. Casa de Doña Carmen Pino de Pardo no centro histórico de Popayán 139
Figura 37. Casa da Família Ângulo no centro histórico de Popayán 140
Figura 38. Participantes na celebração de Semana Santa em Popayán 141
Figura 39. Mapa da zona do setor histórico da cidade de Popayán.....142
Figura 40. Proprietária e interior de uma das casas coloniais do setor histórico 143
Figura 41. Chorros de água coloniais em Popayán.....144
Figura 42. Sistemas de aqueduto em Popayán.....145
Figura 43. Período moderno Frente Nacional (1958-1974) e antes do terremoto de 1983 146
Figura 44. Novos estilos de construção de casas em Popayán em meados do século XX 148
Figura 45. Plano específico do sector histórico da cidade de Popayán 1981 149
Figura 46. Reparações depois do terremoto de 1983 no setor histórico de Popayán 151
Figura 47. Tipo y estilo mudéjar de edificação colonial em Popayán no setor histórico 152
Figura 48. Reparações Casa Valencia de Popayán, 1985 no setor histórico 153
Figura 49. Área despois do terremoto de 1983 primeira e segunda fase.....153
Figura 50. Setor centro da cidade, depois do terremoto de 1906 e 1983 154
Figura 51. Edificações de concreto reforçado conjunto residencial Bloque de Pubenza 155
Figura 52. Cartografia e traços geométricos da construção de cidade ideal em Popayán 156
Figura 53. Esboço de transformação estética leve das edificações do centro histórico.....157
Figura 54. Zonas de expansão e áreas consolidadas no século XXI 157
Figura 55. Evolução do arco na arquitetura colonial, transformação tecnológica.....158
Figura 56. Transformação urbana, antigo Banco del Estado em Popayán.....160
Figura 57. Plano do setor histórico da cidade de Popayán 1995.....160

Figura 58. Cartografia de Popayán, princípios do século XXI 161
Figura 59. Plano do setor histórico da cidade de Popayán 2007.....162
Figura 60. Vendedores ambulantes século XX e princípios do XXI 164
Figura 61. Estratégias de sustentabilidade do setor histórico de Popayán 165
Figura 62. Cartografia local da distribuição urbana na cidade de Kingston, Ontário.....197
Figura 63. Cartografia de crescimento populacional em Kingston, Ontário 199
Figura 64. Histórico Canal de Rideau em Kingston, Ontário 200
Figura 65. Formas de preservação do patrimônio nas cidades norte-americanas.....202
Figura 66. Traçado antigo forte Frontenac e Kingston em 1784 por Frederick Haldimand.....204
Figura 67. Cartografia ilustrativa do desenvolvimento de Kingston 1800-1960.....205
Figura 68. Panorâmica da expansão de Kingston 1875 208
Figura 69. Pictografia de Shoal Tower, Market Battery e Kingston em 1865 210
Figura 70. Distrito de preservação da área de Barriefield Ville em Kingston.....212
Figura 71. Cartografia do período de crescimento em Barriefield, Kingston 213
Figura 72. Casas históricas em Barriefield, Kingston.....218
Figura 73. Cartografia distrito de Market Square, limites de conservação do patrimônio 220
Figura 74. Representação do fogo o 10 de janeiro de 1865 221
Figura 75. Cartografia da evolução de Kingston durante as primeiras cinco etapas 222
Figura 76. Reunião para a Proclamação da Confederação, 1º de julho 1867 223
Figura 77. Cartografia da evolução de Kingston durante as últimas fases do século XX 224
Figura 78. Cachimbas iroquesas encontradas nas escavações de Front Frontenac 225
Figura 79. Representação da Torre Murney em Kingston 226
Figura 80. Edificações patrimoniais no Distrito de Market Square 229
Figura 81. Cartografia do Distrito Old Sydenham.....234
Figura 82. Casas do Distrito Old Sydenham em Kingston 235
Figura 83. Cartografia do Fort Frontenac e a área do Old Sydenham em 1682 236
Figura 84. Edificação transferida da Ilha Carleton a Kingston.....237
Figura 85. Igrejas que foram transformadas durante o século XIX 238
Figura 86. Edificações no distrito de Sydenham em Kingston 240

Figura 87. Alguns monumentos na cidade de Kingston 241
Figura 88. Apartamentos Annandale na rua de William e Sydenham 242
Figura 89. Delimitação do Distrito de Barriefield em Kingston 247
Figura 90. Construções de baixa densidade e novas edificações em Barriefield 248
Figura 91. Adições traseiras a uma casa em Barriefield 253
Figura 92. Contraste Distrito de Market Square em finais do século XX 255
Figura 93. Fotografia Centennial Park, no Distrito de Market Square 255
Figura 94. Antigas edificações históricas patrimoniais no Distrito de Market Square 257
Figura 95. Edificações de finais do século XIX e princípios do XX, Market Square 258
Figura 96. Estilos arquitetônicos no Distrito de Market Square 259
Figura 97. Praça de mercado Springer Market Square em Kingston 260
Figura 98. Reparação de construções no Distrito de Sydenham em Kingston 261
Figura 99. Contraste urbano Distrito de Sydenham em Kingston 263
Figura 100. Castelo McIntosh, 14 Sydenham Street em Kingston 264
Figura 101. Contraste de edificações no Distrito de Sydenham 265
Figura 102. Zonas paisagísticas no Distrito de Sydenham 266
Figura 103. Paredes e passagens nas estruturas funcionais de Sydenham 267
Figura 104. Construções arquitetônicas em Ontário século XX, Canadá 269
Figura 105. Usos não residenciais, espaços abertos e Plano do Distrito de Barriefield 271
Figura 106. Construções históricas em Barriefield, Kingston 272
Figura 107. Plano de novas casas no Distrito de Barriefield 273
Figura 108. Dinâmicas comerciais no Distrito de Market Square 276
Figura 109. Patinação e atividades de integração no Market Square 277
Figura 110. Plano do sítio de escavação no Distrito de Market Square 278
Figura 111. Projetos de rearranjos urbanos no Distrito de Market Square 280
Figura 112. Projeto de escavação na Murney Tower em finais do século XX 281
Figura 113. Distribuição de áreas de zonificação no Distrito de Sydenham 284
Figura 114. Evento de Arte na Cidade de Kingston em 2014, Art Zoo 288
Figura 115. Obras expostas para a elaboração do Plan Maestro de Arte Público 289

Figura 116. Museu comunitário Pump House Steam em Kingston 290
Figura 117. Atividades realizadas no Museu da Carpintaria MacLachlan em Kingston.....291
Figura 118. Cultura e tradição no Museu da Carpintaria MacLachlan 292
Figura 119. Mapa de Swamp Ward em Kingston, Ontário.....293
Figura 120. Plano e recreação da ferrovia em Swamp Ward em Kingston, Ontário.....299
Figura 121. Apropriação da memória histórica local em Swamp Ward 300
Figura 122. Fábrica de Algodão de Hield Brothers em 1905 em Kingston, Ontário 301
Figura 123. Armazéns Chown Hardware Warehouse em 1947 em Kingston, Ontario.....302
Figura 124. Foto da reunião familiar das famílias gregas Sakell e Zakos, em Kingston.....304
Figura 125. Expressões culturais dos jovens na época do 1970 em Kingston 305
Figura 126. Comunidades envelhecendo em Kingston, manifestações 305
Figura 127. Memoriais e comemorações em Kingston, Ontário.....307
Figura 128. Principais recursos y produtos de Centro e Sul América.....310
Figura 129. Mapa do Departamento del Valle del Cauca e Cali.....329
Figura 130. El Ferrocarril del Pacifico no Valle del Cauca 335
Figura 131. Casa de fazenda ´Cañasgordas´, 1729.....339
Figura 132. Cartografias do povoamento de Cali em finais do século XVIII e XIX 341
Figura 133. Torre mudéjar de Cali, estilo arquitetônico da época colonial.....342
Figura 134. Características de estilo colonial na cidade de Cali 1536 – 1810 347
Figura 135. Praça Caicedo e Igreja de San Pedro em Cali em finais do século XVIII 348
Figura 136. Centro tradicional como elemento contiguo à centralidade do norte.....349
Figura 137. Dinâmicas urbanas em Cali durante o século XIX.....352
Figura 138. Sistema de navegação pelo Río Cauca e Puerto Mallarino século XX.....354
Figura 139. Plano de rota do bonde de Cali em 1910.....357
Figura 140. Bonde funcionando na cidade de Cali, 1920 358
Figura 141. Inauguração da planta de energia elétrica de Cali 360
Figura 142. Arquitetura de Estilo Colonial bairro Granada e Coltabaco 361
Figura 143. Anúncios publicitários de venda de lotes e casas 1920, Cali.....362
Figura 144. Bairro San Nicolas em 1944, Cali.....363

Figura 145. Características de estilo republicano na cidade de Cali 1810 – 1930 364
Figura 146. Contraste e remodelação de estilo republicano, Teatro Jorge Isaacs século XX.....365
Figura 147. Contraste cartográfico do crescimento urbano de Cali durante o século XX.....366
Figura 148. Esquerda, Banco de la República, e Direita, Hotel Aristi em Cali 366
Figura 149. Edificio del Batallón Pichincha, hoje Centro Administrativo – CAM.....367
Figura 150. Edifício da Governação de Santiago de Cali em meados do século XX.....368
Figura 151. Cartografia urbana da expansão de Cali em 1942 369
Figura 152. Ponte de Cali e o Hotel Alférez Real na segunda década do século XX.....370
Figura 153. Sistema de transporte tradicional na década de 1930 374
Figura 154. Características do estilo Art Deco Americano na cidade de Cali 1930 – 1945.....376
Figura 155. Dinâmicas no rio Meléndez e rio Cali em meados do século XX 378
Figura 156. Plano do setor histórico de Santiago de Cali, 1970 379
Figura 157. Características do estilo Moderno na cidade de Cali 1945 – 1959 381
Figura 158. Assentamentos humildes nos bairros El Aguacatal e Terrón Colorado 382
Figura 159. Plano do setor histórico de Santiago de Cali, 1980 385
Figura 160. Contraste da transformação do centro em Santiago de Cali entre 1915-1983 389
Figura 161. Escrevas no Parque Caicedo na década de 1970 391
Figura 162. Plano do setor histórico de Santiago de Cali, 1990 390
Figura 163. Mapa de concentração de pobreza nas comunas Cali – Valle del Cauca.....395
Figura 164. Distribuição das moradias em Cali, 2005-2018.....397
Figura 165. Contraste vendedores ambulantes 2002-2023 no Parque Caicedo de Cali 399
Figura 166. Reparações de iluminarias e danos ao patrimônio no Parque Caicedo de Cali.....399
Figura 167. Contaminação de afluentes e desgaste das estatuas no Parque Caicedo de Cali.....400
Figura 168. Contexto Urbano do centro histórico de Santiago de Cali.....401
Figura 169. Atividades desenvolvidas no setor urbano de Santiago de Cali.....402
Figura 170. Estudos de arqueologia ao longo do túnel da Avenida Colômbia em Cali 407
Figura 171. Prédios de acordo ao uso de moradia no setor histórico de Cali.....408
Figura 172. Distribuição e estilos arquitetônicos do centro de Cali.....409
Figura 173. Construção linha ferroviária de Toronto, Hamilton e Buffalo, 1894 414

Figura 174. Mapa cidade de Toronto, New Social Planning Neighborhoods 421
Figura 175. Plano de York (1818) do militar George Phillpotts 423
Figura 176. Cartografia formação da urbe de Toronto industrial, 1989.....424
Figura 177. Escola Enoch Turner, urbe de Toronto.....428
Figura 178. Plano de 1797 da distribuição urbana de Toronto 429
Figura 179. Reconstruções progressivas da Igreja de St. James no século XX.....430
Figura 180. Plano de 1797 da distribuição urbana de Toronto 431
Figura 181. Ajuntamento e Edificio del Parlamento, Toronto século XIX.....432
Figura 182. Padaria tradicional de Jhon Nashmith no centro de Toronto 433
Figura 183. Parque St. James, contraste 1956 – 2014 no centro de Toronto 434
Figura 184. Cartografia do centro do velho Toronto, sítios patrimoniais, 2024 435
Figura 185. Pictografia do centro do velho Toronto, sítios patrimoniais.....436
Figura 186. Localização edificações antigas de Toronto 1856-2023.....439
Figura 187. Reforma e ampliação de uma casa em Toronto em finais do século XX.....440
Figura 188. Transformação de Wellesley Street desde Sherbourne.....441
Figura 189. Estilos de apartamentos construídos em Toronto ao longo do século XX.....442
Figura 190. Caracterização centro de Toronto com potencial arqueológico (rosado).....445
Figura 191. Zona de escavação arqueológica, Edifícios Parlamento do Alto Canadá 446

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Locações registradas no plano cartográfico 1888 em Popayán 125

Tabela 2. Novas locações registradas no plano cartográfico 1907 em Popayán 126

Tabela 3. Popayán folclórica, personagens típicos e populares no século XX e XXI 176

Tabela 4. Tipos de edificação em Barriefield, Kingston 215

Tabela 5. Fortes militares em Kingston 227

Tabela 6. Tipos de edificações e contrastes fotográficos em Market Square 231

Tabela 7. Delineamentos de reparação e conservação no Distrito de Barriefield 250

Tabela 8. Delineamentos de preservação patrimonial no Market Square 256

Tabela 9. Lista de verificação de manutenção no Distrito Sydenham 262

Tabela 10. Novas construções no Distrito de Market Square 275

Tabela 11. Características de algumas construções no Distrito de Sydenham 283

Tabela 12. Divisão de subáreas no Distrito de Sydenham 286

Tabela 13. Algumas histórias locais e anedotas resgatadas de SWIHHP 295

Tabela 14. Empresas industriais no Valle del Cauca, 1940 334

Tabela 15. Primeiras características de urbanização em Cali no século XX 355

Tabela 16. Zonas industriais em Cali em finais do século XX 372

Tabela 17. Locações registradas no plano de Cali 1980 ao redor do Parque Caicedo 386

Tabela 18. Prédios que conformam a zona do centro histórico de Cali, 2014 404

Tabela 19. Alguns lugares salvaguardados, Cali século XX e inícios do XXI 406

Tabela 20. Estilos, construções e características da arquitetura do centro de Cali 410

Tabela 21. Tipos de edificação e estilo arquitetônico em Toronto 443

LISTA DE SIGLAS

ACC – Arquivo Central do Cauca (Archivo Central del Cauca)

AFKCA – Aliança Comunitária de Kingston Amigo das Pessoas Idosas

AHGC – Arquivo Histórico Governação do Cauca

ANDI – Asociación Nacional de Industriales

AMR – Lotes contíguos à Reserva Militar

ASA – Áreas Arqueologicamente Sensíveis

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

BVA – Barriefield Village Association

CAMP - Centro Administrativo Municipal de Popayán

CEPAL – Comissão Econômica para América Latina e o Caribe

CIAM – Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna

CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade.

DANE – Departamento Administrativo Nacional de Estadística

DND – Departamento Federal de Defensa Nacional (Canadá)

EGRC – Lotes ao leste do Rio Cataraqui

EMRU – Empresa Municipal de Renovación Urbana.

ESAP – Fundación Universitaria e a Escuela Superior de Administración Pública

FENALCO – Federación Nacional de Comerciantes

GESC – Grupo de Estudios Sociales y Comparativos

GPU – Grandes Proyectos Urbanos

GRIP – General Rate Income Pool

HAB/KM – Habitantes por quilômetro

HBC – Hudson's Bay Company

HCD – Heritage Conservation Distric (Barriefield)

ICETEX – Instituto Colombiano de Crédito Educativo y de Estudios Técnicos en el Exterior

ICT – Instituto de Crédito Territorial

IGAC – Instituto Geográfico Agustín Codazzi

INVICALI – Instituto de Vivienda del Municipio de Cali

MHBC – Planning Urban Design & Landscape Architecture

POT – Plan de Ordenamiento Territorial

PEMP – Plan Especial de Manejo e Proteção do Centro Histórico de Popayán

PIDECA – Plan Integral de Desarrollo de Cali

PLACTS – Pensamento latino-americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

POT – Plano de Ordenamento Territorial

PSR – Partido Socialista Colombiano

RAF – Real Force Aerea

RCAF – The Royal Canadian Air Force

RCHA – Royal Canadian Hourse Artillery

SENA – Serviço Nacional de Aprendizagem

SIG – Sistema de Informação Geográfica

SNAIPD – Sistema Nacional de Atenção Integral à População Deslocada

SWIHHP – Projeto de História de Swamp Ward e Inner Harbor

TRC – Truth and Reconciliation Commission of Canada

TSSS – Toronto Shelter and Support Services

UARIV - Reparação Integral de Vítimas

UE – União Europeia

UNAD – Universidad Nacional Abierta y a Distancia.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Introdução 24

Capítulo I. Enquadramento Teórico 45

1.1. A configuração do campo de estudos 47
1.2. Delineamentos históricos, teóricos e conceituais do objeto de estudo 60
1.3. Objetivos 80
1.4. Metodologia 80

Capítulo II. O Surgimento de cidades coloniais na América 87

2.1. História, identidade e cultura patrimonial na cidade colonial latino-americana 108
2.1.1. Generalidades e localização no contexto nacional, Popayán cidade colonial 113
2.1.1.1. Crescimento e transformação de Popayán: século XV e princípios do XX 121
2.1.1.2. Primeiras transformações urbanas em Popayán em meados do século XX 136
2.1.1.3. Transformações em Popayán em finais do século XX e princípios do XXI 158
2.1.1.4. Transformação social na Cultura popular, o envelhecimento e a tradição**.** 168
2.2. História, identidade e cultura patrimonial na invenção na cidade norte-americana 186
2.2.1. Generalidades e localização no contexto nacional, Kingston cidade colonial 196
2.2.1.1. Crescimento e transformação de Kingston, século XV e princípios do XX**.** 202
2.2.1.2. Primeiras transformações urbanas em Kingston em meados do século XX 243
2.2.1.3. Transformações em Kingston em finais do século XX e princípios do XXI 269
2.2.1.4. Transformação social na Cultura popular, o envelhecimento e a tradição**.** 288

Capítulo III. O Surgimento de cidades industriais na América 310

3.1. História, identidade e cultura patrimonial na cidade industrial latino-americana 322
3.1.1. Generalidades e localização no contexto nacional, Cali cidade industrial 329
3.2.1. Crescimento de Cali, séculos XVI e XX: Avançando ao período industrial 338
3.2.2. Consolidação de Santiago de Cali, séculos XXI: Reafirmando a industrialização**.** 394
3.2. História, identidade e cultura patrimonial na cidade industrial norte-americana 412
3.2.1. Generalidades e localização no contexto nacional, Toronto cidade industrial 422
3.2.1. Crescimento de Toronto, séculos XVI e XX: Avançando à consolidação industrial 427
3.2.2. Consolidação Toronto, século XXI: Reafirmando a industrialização 437

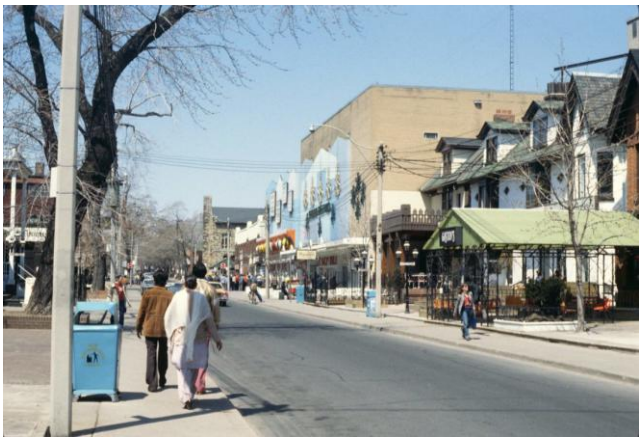
Reflexões finais 448

Referências 452




Esquerda, Popayán Plaza del Parque Caldas, Centro 1970. Direita Plaza Caicedo, Centro 1980. Colombia.

.

Esquerda, The old Kingston Road, 1980. Direita Markham Street ao norte de Bloor Street, Toronto 1982. Canada.

Introdução

Os estudos em ciência, tecnologia e sociedade (CTS) nas regiões da América Latina e da América do Norte, tem sido fortemente diferenciado por suas correntes teóricas e dimensões intervencionistas gestadas no campo. A reflexão dos efeitos tecnológicos, benevolentes ao Norte, mas fortemente críticos no Centro e Sul de América; encaminhavam as discussões ao fortalecimento dos discursos contrários (Vaccarezza, 2004). Esta tese intitulada "Cidades coloniais e industriais na Colômbia e no Canadá: história, identidade e cultura patrimonial", é produto da demanda de ressignificação dos estudos científicos, que trazem a colação, o desenvolvimento das regiões, como um medidor irregular, análogo, justaposto, e acidentado, que transita nos discursos modernos de consolidação de cidade. O conceito de centralidade e transformação patrimonial, será referente na descrição de locações, hábitos e costumes de expressão, repressão, tensão e descarrega, convertidas no que Mumford chama de cidade histórica (2012, p. 55).

Esta pesquisa se divide em quatro capítulos. Na introdução, considerando-se primeiro capítulo, apresenta-se um enquadramento teórico do campo CTS, que resgata a visão histórica, urbana e social de alguns pensadores de cada uma das regiões em estudo. Este fato é importante, porque o campo dos estudos – CTS nas regiões do Norte da América, esteve estimulado fortemente pelas reflexões históricas antecedentes ao desenvolvimento econômico; enquanto ao sul, o progresso como símbolo de industrialização, fraturou as dinâmicas independentistas que se haviam consolidado ao Centro, Sul e as Antilhas de Iberoamérica. Em termos das desigualdades, os impactos foram maiores para as regiões mais empobrecidas; expulsando as diversidades, da participação política de seus territórios.

Os delineamentos históricos, teóricos e conceituais que se expõem neste capítulo, integram, a visão de cada cidade a ser analisada, como uma representação do fluxo contemporâneo onde a noção de tecnologia é a precursora da transformação espacial. As narrativas construídas em cada território, e com cada figura de autoridade; colocam ao desvelamento das realidades implícitas de conservar ao progresso como finalidade histórica; e à tradição como forma de exclusão do moderno. É por esta razão, que o conceito de cidade, deve pensar-se no cenário da identidade, a representação simbólica e a reconstrução histórica que transita todo o tempo fazia a transformação dos paradigmas sociais.

No segundo capítulo – o surgimento das cidades coloniais nas Américas, enfoca um olhar sobre a construção dos tipos colonialidades: a primeira, a colonialidade tradicional da América Latina, na Colômbia; baseada na história de preservação patrimonial e no legado cultural de uma cidade como Popayán. Neste matiz cultural, a cidade conserva uma estrutura arquitetônica, estética e *aurática*, das velhas vitorias emancipadoras, ressaltando seu patrimônio como efeitos da consolidação contemporânea. E a segunda, desde a colonialidade Norte-americana, no Canadá; onde a cidade de Kingston apresenta duas noções: a antiga com a consolidação de três distritos patrimoniais: Market Square, Barriefield, e Sydenham, e a nova, onde seu legado produto do desenvolvimento econômico continua, no marco do fortalecimento industrial e comercial. Esta dicotômica relação sobrevive junta, segmentando a representação patrimonial, para "abrir caminho" ao progresso.

É importante observar, que não se propõe mostrar os processos de consolidação colonial como superiores ou inferiores dentro do projeto modernizador, apesar que a descrição possa gerar uma discussão preliminar. O convite para iniciar este longo caminho percorrido, é dirigir os esforços aos elementos e variáveis de integração que se entrelaçam nas duas configurações de cidade colonial; pois nesta rota, pode-se dilucidar o objeto de análises que para este caso são os elementos de integração tecnológico, na reconfiguração dos discursos que emitem as paisagens urbanos. Este tipo de avaliação é relevante, porque na medida que a organização arquitetônica da paisagem urbana se integra ao contraste entre o público e o privado, as atividades começam a reconfigurar-se como um discurso da cotidianidade urbana (Holston, 2008). Além disso, como variável complementar, se abordaram algumas histórias de vida representativas dos personagens locais, para ilustrar, como se consolidam os panoramas *auraticos* das cidades coloniais.

No terceiro capítulo – o surgimento das cidades industriais nas Américas – enfocaremos na construção dos tipos industrialização: a primeira, desde o fenômeno de industrialização na América Latina, na Colômbia; onde o modelo progressista se propaga como imaginário no contínuo modelo padrão de Cali, fortalecendo a relação dependente externa, e tensionado a interna, para construir sua modernidade urbana. Neste matiz cultural, a cidade não conserva sua estrutura arquitetônica, estética e *aurática*, senão de forma displicente, afastada das velhas lutas emancipadoras do território, ressaltando seu patrimônio unicamente, pela perdurabilidade das formas históricas complacentes. E a segunda, desde a

industrialização Norte-americana, no Canadá; a cidade de Toronto se assume como porto receptor de diversidades e fluxo comercial, no que dificilmente ao centro histórico representativo, destaca-se de outros micros centros. Esta relação entre a urbe e o comércio, que estabelece um centro aparente; flui com rapidez para outras centralidades, segmentando a representação patrimonial, para dar passo aos primeiros assentamentos, ao perpetuo caminho da industrialização que continua.

No quarto capítulo, apresenta-se algumas reflexões e considerações finais sobre o estudo, que contrastam com os elementos apresentados nos capítulos anteriores. Esta reflexão gira ao redor das disparidades que propõem os modelos progressistas, que tem trazido aos territórios do norte e sul de forma direta ao interpelar a construção da história, dissolver a identidade e recusar a cultura patrimonial como parte fundamental da aceitação das diferenças. Considera-se que este recorte é um dos mais importantes, pois se faz necessário que comecemos a construir discursos e reflexões que apontem a lente em direção ao norte para repensarmos como comunidades territoriais integrais, diversas e complementares ao sul. Virar o caleidoscópio em direção ao norte, considerando o sul como outra possibilidade de desenvolvimento e progresso é nosso aporte mais significativo ao campo da literatura dos estudos – CTS.

Do ponto de vista teórico-metodológico a presente tese é de natureza interdisciplinar. Nela, o conceito de gentrificação da cidade, se propõe estudar em relação ao trânsito do passado ao presente, e à incorporação dos campos da história, a geografia, a antropologia e os estudos urbanos. O principal interesse é compreender as transformações urbanas de cada uma das cidades em estudo, como uma conjugação dos discursos modernos, que emergem em sua maioria do centro histórico, conformado ao redor das praças fundacionais. A metodologia adotada, de natureza analítico-descritiva, alinha os aportes teóricos à documentação fotográfica pública e de acervos privados, que se enquadra no enfoque histórico-urbano. Assim, a utilização de fotografias com fins ilustrativos e contrastivos permitem fomentar análises para determinar a consolidação do projeto modernizador.

Esta tese contribui a repensar as realidades latino-americanas no campo CTS, potencializando a inversão do espelho do sul ao norte. Visa ainda, explorar como os efeitos sociais da industrialização, mas ao mesmo tempo da colonização, são determinantes para

definir a identidade cultural e patrimonial que muda continuamente. Evidencia-se que campo CTS, pode contribuir desde os estudos de contraste, à reflexão de um continente americano que vive tanto ao Sul como ao Norte, suas próprias formas específicas de desenvolvimentos, frente às pressões, incertezas e seguranças que ainda procuram em meio dos movimentos de revolução e luta de identidade, definir. Considera-se que pesquisa é pioneira em fomentar os estudos de contraste na região, girando o caleidoscópio urbano na contemporaneidade.

Os estudos sobre urbanismo são recentes, em particular no campo CTS. Nas últimas décadas, tem inspirado a examinar como as transformações urbanas e socioculturais das cidades, impactam diretamente no alcance dos fenômenos simbólicos que constroem os grupos sociais e as novas reconfigurações espaciais. Esta é a razão pela qual, esta pesquisa propõe como objetivo geral, caracterizar, descrever, contrastar e analisar a representação de cidade colonial e industrial na Colômbia e no Canadá, como se reconfigura a história, a identidade e cultura do patrimonial em pleno clímax dos processos modernistas contemporâneos de finais do século XX e meados do XXI.

A tradução dos acontecimentos históricos para cada região, sempre levaram um fio condutor próprio da percepção e idealização do Estado na preservação do colonial ou o contemporâneo. Este esclarecimento é chave, porque não se pretende ao longo do texto, nivelar na temporalidade, os acontecimentos que passam dispares em ambos os territórios; mas sem construir desde a ideia de região, um debate da vida social e econômica das paisagens coloniais e industriais que integram as estruturas sociais (Santos, 1990).

As transformações que se atribuíram para todos, como sendo a América um amplo e diverso território, geraram revoluções, batalhas, movimentos e guerras, que terminaram por significar desde os processos de independência, posições de desenvolvimento regional muito contrarias. Para o estudo do progresso na América é indispensável considerar três aspectos fundamentais: 1) o alcance do conhecimento produzido; 2) a reflexão sobre as dinâmicas da ciência e a tecnologia nos territórios; 3) a observação da conformação da estrutura social e suas transformações (Kreimer, 2007). No caminho foram integrando-se outros elementos relevantes como a distribuição do poder, os recursos do sistema econômico, o colonialismo interno referido à perpetuação das categorias raciais e o desenvolvimento das estruturas estatais (Hoffman e Centeno, 2004). A emancipação político-administrativa das colônias

americanas, respeito ao domínio europeu, se consolidou como projeto a partir da independência norte-americana, seguida da emancipação das colônias francesas no Haiti, da portuguesa no Brasil e posteriormente, das demais colônias continentais. De forma geral por volta de 1825, a maioria do território americano já se constituía por um conjunto de Estados independentes (De Alcázar, 2003, p. 27).

Ao final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) se consolidaram várias concepções políticas e econômicas na América Latina, impulsadas pelas classes sociais dominantes. Em algumas regiões, o crescimento econômico se estabeleceu no marco de sistemas políticos representativos e democráticos, enquanto em outros, foram ditatoriais, como no caso do México, que apostando pela modernização e o progresso, terminou desbordado pela Revolução Mexicana (1910-1920). A maioria das elites governantes, que se arriscaram pelas ideias positivistas e pelo nacionalismo no sentido do imperialismo norte-americano, se converteram rapidamente numa ameaça crescente para os ideais de outras regiões; sobretudo, a partir da Guerra de Cuba (1898) e a solidariedade que provocou a luta da Espanha contra Estados Unidos (Malamud, 2005).

A superposição de valores europeus transferidos e replicados posteriormente, desatou também discussões sobre a soberania dos territórios, a igualdade universal e o direito à autodeterminação dos povos. As consequências de manter o domínio dos territórios, em especial na América Latina de acordo com Bunge, liberou ao "gênio da lâmpada", promovendo a defesa em conta dos ataques à soberania nacional. Neste rumo, se fundaram partidos nacionais como no caso do Chile (1913) chamado União Nacionalista conformado por intelectuais afastados das lutas partidárias, e no Peru (1915) pela consolidação do Partido Nacional Democrata de luta popular.

As expressões nacionais, como na Argentina, defenderam a autenticidade da *argentinidade*, apelando à memória coletiva. No Brasil, expressões clássicas como *minha terra e meu povo*, promulgada por Afrânio Peixoto (1876-1947) enalteceram o sentido de pertencimento regional, ao ponto de que intelectuais como Elysio Carvalho (1880-1925) e Álvaro Bolmilcar (1874-1957), exigiram o reconhecimento da heterogeneidade étnica, como um fundamento próprio da nacionalidade brasileira (Rinke, 2019). Em todo o continente americano, as relações sociais e os mecanismos de autoperpetuação dos sistemas ideológicos,

lutaram, convulsionaram e se expandiram de forma permanente, encontrando fortes resistências.

No lado amável da construção democrática, alguns países da América Latina, avançavam na consolidação de suas leis, direitos e eleições populares; enquanto países como Argentina e Brasil, viviam uma profunda vulneração nas leis, gestando-se governos ditatoriais, fortemente organizativos. Os resultados das eleições presidenciais de 1880 na Argentina, deram lugar a uma guerra civil, ou na Colômbia, a oposição dos conservadores a Guerra dos Mil Dias (1899-1902) (Malamud, 2005); foram o princípio da gestação de movimentos sociais. Este fluxo de episódios, não foram mais, que as consequências que haviam deixado os processos de colonização nas regiões.

Este panorama, chamou a atenção de pensadores latino-americanos, como o argentino Saul Taborda (1895-1944*)*, nos debates das independências territoriais, superando o domínio comercial espanhol. A discussão da emancipação do novo domínio estrangeiro, foi colocada várias vezes a discussão, pois já existiam, generosas concessões, sobre a utilização e detrimento dos recursos naturais. Os estrangeiros aportaram em parte, o fluxo de capital; mas muitas das relações comerciais que se mantiveram, implementaram o desenvolvimento de neocolonialismos, por meio de alianças e tratados nacionais (Rinke, 2019).

As consequências econômicas dos tratados internacionais tentavam impulsionar o crescimento nas economias latino-americanas; mas estas iniciativas terminaram gerando mais dependência, que fortalecimento industrial (Bernecker e Tobler, 1993). Este fato em meados do século XX, pode visibilizar-se nos convênios regionais de comércio como a Associação Latino-americana de Libre Comercio (ALALC) (1961) e o Mercado Comum Centro Americano (1951), criados para superar temporalmente as desigualdades econômicas, mas não terminaram suscitando grandes transformações.

Algumas das inciativas comerciais, terminaram acionando, crises mais profundas, que terminaram por empobrecer mais, aos locais e suas regiões; sendo a pobreza agrícola, uma carga imposta pelo desenvolvimento do setor industrial (Mills, 1963).

Na América do Norte, países como Canadá, promoviam iniciativas de organização, encaminhadas ao desenvolvimento econômico, sobretudo depois da independência; sendo a meta dos confederacionistas era conseguir a autossuficiência dentro do Império Britânico. A

promessa de terras amplas e exequíveis, atraiu a escoceses, irlandeses, ingleses e galeses à consolidação dos projetos de fazenda, família e à prosperidade num novo país, convertendo-se a agricultura, no escudo canadense das diversas colônias da América do norte Britânica.

O usufruto das riquezas canadenses, motivou uma onda de expansão às terras desertas do Nordeste na Bahia de Hudson, muito antes que os estadunidenses. Todo este movimento se deu, diante da a promessa de terras gratuitas, e uma segunda chamada de *experts* da agricultura, que terminaram sendo em sua maioria, estadunidenses com experiências em lidar com o inverno das padeiras, sistemas de sequeiro, e desbravamento do solo nas planícies.

Por volta de 1945, a região se converteu numa terra de esperança e oportunidades com convites preferenciais e restritos para alguns; rejeitando, aos negros, impondo restrições fundadas na raça ou pais de origem. Isso muda, sobretudo depois do conflito bélico na Europa, as restrições da pós-guerra à migração, a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial que pararam o fluxo da migração europeia (Brown, 1994).

A percepção econômica, numa América dividida, entre o desenvolvimento e subdesenvolvimento; trouxe acentuadas diferenças nas regiões, gerado nas últimas décadas uma intensa investigação histórica e contrativa, sobre o surgimento das economias locais (Bernecker e Tobler, 1993). Neste rumo, destacam-se os aportes de trabalhos como The economic history review, que documenta o alcance da história econômica moderna, através das etapas de crescimento econômico de uma sociedade tradicional, estabelecendo em cada estágio, posições dinâmicas sobre a oferta, demanda e produção, como conteúdo histórico (Rostow, 1959). Ou trabalhos como *O atraso econômico na perspectiva histórica*, que analisa desde o enfoque histórico; o que Stuart Mill descreve como a escravidão das circunstancias antecedentes (Gerschenkron, 1968).

Esta discussão, se amplia aos questionamentos dos modelos de desenvolvimento e subdesenvolvimento que a partir de formulação de políticas, terminam por exaltar a história estrutural de alguns, e invisibilizar a de outros (Frank, 1973). Nas regiões do continente americano, a conformação do Estado–Nação se gerou por meio de legislações e estruturas políticas e economias com capacidade de mercado (Habermas, 2000). Nas palavras de Wallerstein, o desenvolvimento de cada país, se consolidou com um padrão de poder; é dizer, como uma materialização de exercer o controle (Quijano, 2000, p. 39), onde cada Estado,

criou coletividades homogêneas e igualitárias que permitiram a ampliação da cidadania nacional (Mann, 2004, p. 179). A consolidação das comunidades politicas nos territórios, se instaurou no plano legal, frente processos de inclusão e exclusão de nacionalidade e cidadania, como filiação estatal (Jaramillo, 2014).

Isto, sem dúvida, gerou benefícios e proteção nos marcos legislativos, mas inaugurou novas formas de exclusão, desigualdade e pobreza, principalmente todo em algumas zonas de fronteira de países com menor capacidade econômica. Os efeitos destas práticas políticas, para os países em desenvolvimento, foram críticos; ao ponto de debilitar e sobrecarregar os mercados, no esgotamento dos recursos não-renováveis (Habermas, 2000). Na Colômbia, em meados do século XXI, o fenômeno de estrangeirização da terra com respeito à produção de matérias primas e alimentos de exportação continuou servindo como estratégia de monopolização, na transferência de valor ao exterior (Puyana e Constantino, 2016). Esta situação impactou nos ecossistemas dos territórios nacionais, essencialmente por falta de políticas de remediação ambiental; desbordando as misérias e pobrezas que se formaram; às urbes da cidade.

Na América do Norte, o Canadá se limitou em finais do século XIX, à proteção de jovens industriais produtores de artigos de lã, tecidos de algodão, ferro, aço, sapatos e fogões; defendendo a indústria para proteger sua economia. Em termos gerais, a proteção e garantia das políticas nacionais no desenvolvimento industrial, permitiu a entrada a baixo custo de matérias primas como o algodão, açúcar sem refinar ou melaços, que elevaram os impostos de importação, aos artigos que as fábricas canadenses já não podiam manufaturar (Brown, 1994, p. 372). O pensamento de produção pelas manufaturas, trouxe um ambiente de segurança, identidade e coletividade, que o general Rate Income Pool resumiu assim:

> Os países crescem só por suas manufaturas [...] as tuas ferramentas, as tuas armas, as tuas roupas [...]. Os teus agricultores a teus trabalhadores todos subministraram alimentos, e as teus operários a eles tudo o que precisarem, todos ajudaram-se a todos e os ganhos virão […] surgirá a força e no Canadá será conhecido não como una mesquinha colônia […] o presente chegou; o preguiçoso passado se foi, teremos um país ou não teremos nenhum. (Brown, 1994, p. 372).[1]

[1] Tradução da autora. Texto original: “Los países crecen solo por sus manufacturas [...] tus herramientas, tus armas, tus ropas, hazlas cerca. Tus agricultores a tus trabajadores todos suministran alimentos, y tus obreros a ellos todo lo que necesitan, todos se ayudarán a todos y las ganancias vendrán […] Surgirá la fuerza y a Canadá se le conocerá no como una mezquina colonia sola […] el presente ha llegado; el perezoso pasado se ha ido, tendremos un país o no tendremos ninguno” (Brown, 1994, p. 372).

De forma geral, a construção histórica do Canadá, fundada desde o progresso, por meio da exploração e domínio das terras, os assentamentos e colônias, a conquista de Quebec, a criação de uma nova nação mar a mar, o valor da guerra e a crescente independência da Grã-Bretanha; sublimou a apropriação de uma identidade orgulhosa por seus logros e muito pouco por suas controversas (Clark, 2018). As políticas nacionais de permanência industrial, que garantiam a inversão em troca de ter a seguridade de ficar na região algum tempo; pelo menos 25 anos, trouxeram resultados favoráveis no surgimento de industriais jovens, convertendo-se rapidamente num traço importante da cultura canadense.

A expansão econômica na década de 1880, consolidaram indústrias para a fabricação de navalhas, relógios, feltros, louças, tecidos e produtos de lã e algodão. Sem dúvida, o capitalismo de exportação, que trouxe o fortalecimento industrial, gerou horas de trabalho extensas, trabalho infantil, e enfermidades com salários ruins, sobretudo no inverno, quando os trabalhadores eram despedidos, e seus pagamentos reduzidos. Desta forma, começa a consolidar-se sindicatos de trabalhadores, que protegeram às coletividades em conta dos descontos salariais ou as extensas jornadas de trabalho. O movimento trabalhista canadense, encontrou suas raízes nas cidades industriais como Hamilton, e Ontário, cujos trabalhadores metalúrgicos marcharam para conseguir jornadas de nove horas (Brown, 1994).

Em finais do século XX, os países na América Latina, começam a criar estruturas de voto, por meio de sufrágios e reformas eleitorais restritas, como no caso de Honduras, Nicarágua, El Salvador e Chile, que tiveram num início, somente votantes masculinos; limitando a participação de outros coletivos e fomentando as desigualdades. Países como Peru e Brasil, só permitiram a participação eleitoral daqueles que sabiam ler e escrever, excluindo indígenas e ex-escravos negros. De modo semelhante, na Guatemala em 1921, os votantes só podiam ser os alfabetizados e empregados municipais; e na Costa Rica, a reforma de 1917, exclui aos negros e índios de forma direta.

Excepcionalmente, países como Argentina, introduziram o sufrágio universal na reforma de 1911-1912 conhecida como a Lei Sáenz Penha (Malamud, 2005, p. 377). A noção de quem têm direito a construir, conformar e participar das decisões do Estado, terminou por segregar as diversidades em todo o continente americano; reprimindo e atacando de forma consecutiva ao indígena, afro, mulher ou imigrante. Canadá, tampouco escapou de despojar

de direitos, aos nativos locais; fomentando a exclusão para baixo a repressão Cristiana, e limitando sua participação, nas transações mercantis ou legais, a aquisição de terras, o direito a defender-se ante a justiça, ou ascender aos tratamentos médicos. Este fato muda a partir de 1960, quando os indígenas ganham o direito ao voto (Annet e Voice, 2005).

Os processos de consolidação do Estado, em sua perspectiva histórica evidencia a cultura, um espaço de influência nacionalista onde a gloriosa mostra de identidade e diversidade se constitucionalizaram. No Congresso de historiadores realizado em 1914, no Brasil, a exaltação ao passado se apresentava por meio de expressões musicais e artísticas autênticas. A arte brasileira, inspirada no pós Guerra, incentivou a criação de círculos de vanguarda; sendo uma das expressões a corrente Modernista, que deu forma à arte brasileiro original no início do século XX, livre de toda convenção europeia.

As influências da Guerra e da Revolução Bolchevique; fez com que artistas como Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Guilherme de Almeida, expressem seu sentir de transformação nacional, na Semana de Arte Moderna (1922), em São Paulo. Outras iniciativas de igual valor, foram as expressões do muralismo mexicano, a poesia de Vicente Huidobro no Chile, as narrativas líricas do peruano Alberto Hidalgo que evocavam a juventude como um novo começo, afastando-se da guerra e o antigo, entre outros (Rinke, 2019, p. 264-265).

No Canadá durante os primeiros anos do século XX, a nova sensibilidade modernista, aponta um caminho da homenagem ao imperialismo. O idealismo de '*salvar o mundo pela democracia*', trouxe na era industrial e urbana, que o materialismo fosse símil do crescimento, desenvolvimento e prosperidade, de uma sociedade muito contrariada. As ambiguidades culturais da região, foram impressas no sentir de escritores como o canadense Stephen Leacock, quem conseguiu captar o espírito da transição da era rural à urbana, a partir de sátiras na decadência da vida citadina; o francês Louis Hémon, no elogio dos valores rurais e religiosos em Quebec; o poeta Archibald Lampman, quem descreveu a cidade como o final das coisas, chamando a atenção sobre os males do industrialismo; e o prosaísta Duncan Campbell Scott nos poemas dedicados à tragédia dos indígenas.

A Arte Moderna, serviu de ponte, para descrever as transformações que trouxe a industrialização, entre elas, obras que evocavam naturezas mortas, e o romanticismo pastoril

substituído pelas máquinas. A maioria de artistas, se encontraram profundamente inspirados pela nova era materialista. O pintor A.Y. Jackson expressou seu desassossego em 1910:

> Algum dia, o jornaleiro da fazenda irá ao trabalho, começará o dia mexendo seu cartão no relógio sinalizador da Farm Products Company Ltd., e logo ficará movendo alavancas e apertando botões. Já hoje em dia, a romântica leiteira tem sumido e as máquinas se encarregam de ordenhar as vacas. O cansado lavrador já não caminha para sua casa pois ara de soco nove sulcos e se move por gasolina. E como demônios haverá de encontrar o artista sentimento algum nesta ordem de coisas? Imaginem-se simplesmente aviões e os dirigíveis, a 15 quilômetros por hora, lhe farão aos grandes e redondos cúmulos que se juntam sobre o horizonte durante o verão, com seu aspecto tão imponente e calmo; as pás dos aparelhos estourarem às velhas e queridas nuvens amontoadas como se fossem merengue e as dispersam pelo céu (Brown, 1994, p. 461).[2]

As influências culturais inglesa e francesa no território canadense, propiciaram que se pensara no genocídio cultural dos povos originários, e a segregação dos negros vitimados. A política de não participação desses povos em temas jurídicos, sociais, culturais e raciais, começou a mudar. Em 2007, a True and Reconciliation Comission of Canadá – TRC, começou a estudar os atos de genocídio em termos de destruição física e biológica, social e culturalmente, que tem gerado grandes avanços em termos de inclusão (Amir, 2018). A longo prazo, esta exclusão continua tomando forma com os imigrantes; sendo rejeitados por tentar preservar por parte do Governo Federal Canadense, a casta nacional. Centenas de imigrantes foram excluídos, apesar da pressão interna e externa porque seus funcionários respeitaram as leis. O trato aos antilhanos, foi um bom exemplo disso (Schultz, 1972).

Em finais do século XX, as políticas migratórias canadenses, mudaram seus critérios políticos e econômicos. A nova adoção de políticas multiculturais, redefiniu a identidade nacional (Davila, 2013). A ideia foi tentar reparar os antecedentes de exclusão histórica, como a promoção da imigração para colonizar o Prairie West (Oeste da Pradaria), quando agricultores negros estadunidenses, migraram com a ilusão de encontrar uma *terra livre* frente a proteção da Coroa Britânica; mas foram excluídos. Nem todos os negros migrantes foram tratados da mesma forma. Em Ottawa, eram considerados de melhor classe, ao ter um ofício, poder fazer o pagamento de seus gastos e ser empregados (Schultz, 1972).

[2] Minha tradução. Texto original: 'Algún día, el jornalero de la granja irá al trabajo, comenzará el día metiendo su tarjeta en el reloj marcador de la Farm Products Company Ltd., y luego se pondrá a mover palancas y a apretar botones. Ya hoy en día, la romántica lechera ha desaparecido y las máquinas se encargan de ordeñar las vacas. El cansado labrador ya no camina hacia su casa pues ara de golpe nueve surcos y se mueve por gasolina. ¡Y cómo demonios habrá de encontrar el artista sentimiento alguno en este orden de cosas! Imagínense simplemente los que los aviones y los dirigibles, a 15 kilómetros por hora, le harán a los grandes y redondos cúmulos que se amontonan sobre el horizonte durante el verano, con su aspecto tan majestuoso y tranquilo; las aspas de los aparatos reventarán a las viejas y queridas nubes aborregadas como si fueran merengue y las dispersan por el cielo" (Brown, 1997, p. 461-462).

A América Latina, tampouco fugiu a este fenômeno. As violências de segregação social pelas disputas do poder entre as oligarquias locais e a classe popular, acrescentaram as desigualdades. As alianças de setores nacionais e até o mesmo exército, se incorporaram nas lutas aristocratas e latifundiários, onde as riquezas se concentraram na minoria. No Peru, Nicolas de Piérola conhecido como Califa, juntou com seus inimigos, os civilistas, para criar consensos econômicos e fazer reformas que ampliaram o poder do Estado, aproveitando os recursos gerados pela agricultura, o setor mineiro do cobre, as explorações petrolíferas, a pecuária e o boom do caucho amazônico.

Os movimentos trabalhistas inspirados pelas esquerdas anarquistas ou socialistas; fizeram greves para negociar melhores condições de trabalho e salário, sendo algumas reprimidas pelos governos, selvagemente. A maioria de movimentos anarquista-sindical ou socialista, foram liderados por tipógrafos, linotipistas, trabalhadores de construção, padeiros, chapeleiros ou artesãos. A participação de imigrantes e estrangeiros, entre eles sindicalistas espanhóis, italianos, alemães e refugiados de Paris, incitou grandes revoluções, sendo assinalados ocasionalmente por instigadores (Malamud, 2005).

Na Colômbia, os movimentos sindicais que surgiram durante a terceira década do século XX, foram influenciados pela Revolução Mexicana de 1910, e pela Revolução Russa de 1917. Os primeiros intelectuais colombianos, conectados com as ideias liberais; forjaram as primeiras doutrinas socialistas, inspirados na Constituição Política Mexicana, no que o Estado-Igreja estavam separados, as jornadas laborais eram de oito horas e garantia-se um salário-mínimo, e se reconhecia aposentadoria jurídica.

A proteção das indústrias colombianas, principalmente de cigarros, doces, têxtil, cacau, refrigerantes, cervejas, café e cimento, fomentaram os princípios de industrialização em várias regiões. Contrário ao movimento dos trabalhadores industriais de outras territorialidades; foi a classe trabalhadora do transporte, os empregados portuários de Cartagena, Barranquilla e Santa Marta, as empresas de navegação fluvial do rio Magdalena e os ferroviários, que lutaram por melhorar as políticas laborais. Os portos e as zonas de influência da Costa Caribe, incitaram os primeiros movimentos. A greve de trabalhadores da United Fruit Company e a massacre dos trabalhadores de 1928, foram as lutas mais representativas. Contrariar às elites que se enriqueciam com o trabalho dos pobres, gerou que

alguns trabalhadores fossem identificados como revolucionários, gestando-se em 1926, a criação do Partido Socialista Colombiano – PSR em defesa do trabalhador (Caro, 2009).

Neste sentido, novos partidos políticos surgiram inspirados pelos ânimos libertários. Ditos movimentos, gestaram fortes confrontações que terminaram em revoluções nutridas que consolidaram uma massa crítica, capaz de derrubar um regime e mesmo contribuir para a reconstrução de uma ordem social. Na América Latina, o historiador Alan Knight, destacou que logo após os processos de independência, a revolução mexicana, boliviana e cubana, podiam ser comparáveis com revoluções mundiais do tamanho da inglesa, a francesa, a russa e a chinesa (Knight, 2022 *apud* Ayala, 2022, p. 19).

A modernização que seguiram nos governos latino-americanos, marchou rumo ao autoritarismo (Malamud, 2005). Durante a década de 1930, a Colômbia presenciou o enfrentamento a morte de Liberais e Conservadores pelo poder. Ditos partidos políticos, materializaram suas violências, pela implementação de ideias progressistas como a reforma educativa, a ampliação da cobertura escolar, o reconhecimento e ingresso das mulheres à educação nacional, a abertura de colégios mistos, e a propagação da liberdade de culto nas instituições escolares (Cartagena, 2014).

O antagonismo suscitado pelo reformismo liberal, tornou as formas de violência sectária; ao ponto de que os habitantes rurais e urbanos colombianos, se enfrentaram a morte, pela defensa ideológica de seus partidos. Neste sentido:

> Cada colombiano adiciona a suas características próprias, como distintivo essencial de sua personalidade, o pertencer desde o berço, invariavelmente, a um dos dois partidos tradicionais em que vem dividida a opinião pública. Liberais e Conservadores, têm sacrificado com magnanimidade seus bens, sua tranquilidade e até suas vidas por defender, como fórmulas intransigentes, seus princípios políticos. O enternecimento das lutas, tem pagado, periodicamente, com sangre de irmãos, o solo da pátria. Cada família jura, sobre a memória de seus mortos, fidelidade às doutrinas que eles amaram (Azula, 1956, p. 44).[3]

O ódio herdado das lutas dos partidos tradicionais, foi peça chave para compreender os discursos políticos e os fenômenos de violência, que se agudizaram com a expansão das guerrilhas em meados do século XX. Políticos, militares e setores econômicos da elite

[3] Minha tradução. Texto original: "Cada colombiano agrega a sus características propias, como distintivo esencial de su personalidad, el pertenecer desde la cuna, invariablemente, a uno de los dos partidos tradicionales en que viene dividida la opinión pública. Liberales y conservadores han sacrificado con largueza, sus bienes, su tranquilidad y hasta sus vidas por defender, como formulas intransigentes, sus principios políticos. La ardentía de las luchas ha abandonado, periódicamente, con sangre de hermanos el suelo de la patria. Cada hogar jura sobre la memoria de sus muertos, fidelidad a las doctrinas que ellos amaron" (Azula, 1956 en Acevedo, 1995, p. 44).

tradicional colombiana, acumularam durante este período suas fortunas sobre milhares de torturados, desaparecidos e assassinados. Esta desigualdade inspirou o surgimento dos primeiros grupos guerrilheiros campesinos em defesa dos territórios. Além disso, o êxito da Revolução Cubana, gerou na Colômbia, o levantamento popular da Guerra dos Mil Dias (1899-1902); sendo este episódio, a culminação de luta entre Liberais e Conservadores, estabelecendo-se a intercalação de governos, e reformas desenhadas a promover a agricultura de exploração (Malamud, 2005).

Não obstante, estes acordos não frearam de tudo, as violências. No setor rural campesino, que em ausência de alternativas democráticas populares, criaram grupos de insurreição com guerrilhas e partidos de esquerda em pleno século XX (Bergquist, 2004, p. 76 – 89). O discurso do *inimigo interno*, que se gerou na Colômbia produto do surgimento das guerrilhas campesinas e qualquer grupo de expressão política diferente às nacionais, justificou todo tipo de violências, quase que indiscriminadamente (Herrera, 2017).

Os movimentos gerados pelas crises econômicas, que se viveram na maioria das regiões da América Latina, se deram porque as elites dominantes, não queriam perder o poder, e fundamentalmente, porque existia uma pressão dos países dominantes sobre as economias regionais, para dominar e exercer o controle nos territórios. Todo o tempo, os países oprimidos, intentaram gerar resistências para contra-atacar os interesses dominantes que sustentavam as estruturas de poder (Cardoso e Faletto, 1979).

Na Colômbia, em meados do século XIX, a conformação de grupos subversivos e revolucionários que se opuseram às políticas tradicionais, tiveram uma ideologia radical e subversiva. Na América Latina, se consolidaram dois tipos de economias: uma de benefício, e outra de favorecimento. A primeira, estava ligada ao crescimento das ideias modernas e dinâmicas conectadas ao mercado internacional; e a segunda, antiga e atrasada, permanecia orientada ao autoconsumo e a especialização produtiva.

Depois da Primeira Guerra Mundial onde a Grã-Bretanha ficou debilitada, a maioria de investidores estrangeiros; britânicos em sua maioria, foram afastados. Se conheceram então, dois tipos de industrialização: uma prévia a 1930, onde se gerou a atividade primária exploradora; e outra, depois quando surgiu a substituição das importações. Esta última, só se deu com a capacidade industrial já instaurada em alguns países, que ajudaram a atender as

importações manufatureiras a consequência da guerra, como no caso de Monterrey no México, onde algumas oficinas de antanho se convertem em fábricas (Malamud, 2005).

A tecnologia manufatureira, incentivada pelos governantes para impulsionar a industrialização a princípios do século XX, promoveu a mobilização de mão de obra, o controle dos transportes com longos percursos percorridos, a intensificação da comunicação a largas distâncias no espaço e no tempo, a eclosão do espírito inventivo, o desenvolvimento em grande escala da engenharia civil, e a promoção de um gigantesco aumento na produtividade agrícola (Mumford, 2012, p. 24). As regiões fortalecidas economicamente, consolidaram a produtividade e economia do território, materializando-se as metrópoles e as cidades satélites (Frank, 1973).

No frenesi das economias de produção industrial, os sistemas latino-americanos e anglo-americanos experimentaram brechas de desenvolvimento moderno divergentes. Ao respeito, historiadores como Walther Bernecker e Hans Tobler, assinalam que os fatos acontecidos no continente americano e seus diferenciais podem estudar-se a partir de quatro tópicos: o sistema político, a estrutura social, a estrutura econômica e os fatores institucionais. O sistema político pode estudar-se, partindo da forte influência que os colonos espanholes tinham ao governo central, de forma mais representativa que os colonos ingleses, negando qualquer participação política efetiva desde a região.

A estrutura social, também foi estudada, partindo da ideia de que as colônias espanholas em comparação com as inglesas, tinham um desequilíbrio entre homens e mulheres; gerando uma desorganização no sistema de trabalho. Este foi o motivo, pelo qual se justificou o abuso da população indígena, onde houve escassez da mão de obra. Nesta direção, a estrutura econômica, partindo-se da distribuição da terra; no caso dos espanhóis, a terra poderia pensar-se como um estilo de vida porque gerou oportunidades de ascensão social, criando na América Latina uma estrutura econômica baseada no latifúndio, enquanto ao Norte, se estabeleceram mais bem assentamentos de estilo europeu, impulsados pelo espírito pioneiro, convertendo a experiência da conquista dos territórios, em mitos simbólicos da cultura e sociedade norte-americana (Bernecker e Tobler, 1993, p. 2-5).

Uma quarta diferenciação refere-se aos fatores institucionais pode ser incluída na geografia, o potencial dos recursos naturais, os fatores de produção, as políticas divergentes

que se gestam em cada uma das regiões para seus povoadores, e os fatores político-legais e socioculturais particularmente significativos. Neste sentido, pode-se analisar o estancamento das colônias latino-americanas e a abundância de terras, pelo pouco capital humano especializado em atividades industriais, contrarias ao auge nas regiões do norte, que ao igual que no desenvolvimento de Inglaterra, pobre em terras, foi mais rico em capital e mão de obra (Bernecker e Tobler, 1993, p. 3).

Nas regiões do Norte, o fenômeno econômico e tecnológico se expandiu produtivamente de forma competitiva, frente a outras economias (Clakson, 2009). Convertida a cidade num novo foco simbólico de expansão tecnológica depois da época da colônia, a cidade surgiu como um espaço de igualdade política, mas ao mesmo tempo, como um espaço de exclusão e morte. Em certa forma, o efeito de domesticação, exaltou o espírito de individualidade que deu forma a uma democracia social e um autogoverno de desenvolvimento, cada vez mais industrializado.

Frederick Turner, historiador norte-americano do século XX, postulava que a centralidade do processo de expansão era essencial para o desenvolvimento da democracia, insistindo no desvelamento dos fatores econômicos e sociais como causantes da evolução das sociedades (Turner, 2010). Em meados do século XX, quando a União Europeia – UE se apresentou como grupo mundial, as regiões emularam seus modelos de regulação econômica e política, referentes à acumulação de capital na produção, organização do mercado, o sistema de distribuição, e as divisões de trabalho a modalidade de políticas públicas.

A América Latina se acostumou, a utilizar como referente, as ocorrências das regiões norte americanas; sobretudo, em termos de desenvolvimento econômico e social, vinculado ao fortalecimento hegemônico global. Para alguns intelectuais, o grupo de regiões do Norte, se constituiu como um grupo simbólico integrado trilateral, sendo ao tempo, um coletivo dissociado estrategicamente, pois suas realidades históricas sobretudo no Canadá e México sempre estiveram fortemente divididas (Clakson, 2009).

Com o fortalecimento das políticas públicas em toda América, alinha-se o desenvolvimento social, econômico e produtivo, se consolidou como discurso. Contraditoriamente, esta iniciativa gerou a antíteses de todo o modelo de desenvolvimento econômico; sobretudo, porque se evidenciou, que o sistema capitalista, trazia sérias

repercussões aos sistemas de produtividade territorial. De forma geral, pode-se pensar, que o atual subdesenvolvimento da América Latina, é resultado de largos séculos de participação no processo de desenvolvimento do capitalismo mundial; introduzindo assim, uma aguda polarização de sua economia interna (Frank, 1973).

Algumas reflexões apontam também, que as riquezas das regiões industrializadas, acentuaram ainda mais as desigualdades. No desenvolvimento e a incorporação de novas tecnologias, os processos de produção e independência cresceram enormemente fraturando pequenas economias emergentes. A relação dos preços de importação e exportação de produtos primários e industriais na etapa de comércio condenou aos países mais pobres ao subconsumo, dependência e estancamento de seu crescimento econômico (Valory, 1968) em termos de produção.

Atendendo ao conceito de dependência:

> Por dependência entendemos uma situação na qual a economia de certos países está condicionada pelo desenvolvimento e a expansão de outra economia, à qual a outra está sujeita. A relação de interdependência entre dois ou mais economias e entre estas e o comércio mundial, assume a forma de dependência quando alguns países (os dominados) podem expandir-se, enquanto outros países (os dependentes) podem fazer isso solo como reflexo de aquela expansão, a que pode ter bem seja um efeito negativo o positivo sobre o desenvolvimento imediato. O conceito de dependência nos-permite olhar a situação interna destes países como parte da economia mundial (Santos, 1970, p. 231).

O desenvolvimento econômico dos países hispânicos sempre se refletiu desde a dependência externa com outras economias; sem dúvida, também hoje pode analisar-se, a partir do subdesenvolvimento como consequência direta na expansão do capitalismo (Santos, 1970). Este último fator é relevante, porque a maioria de países em desenvolvimento, tem experimentado pressões econômicas que tem agudizado seu próprio progresso econômico. As práticas de intromissão, que incidem profundamente nos territórios em desenvolvimento, especialmente em assuntos de caráter cientifico, tecnológico e industrial, impactam fortemente as autonomias regionais dos países mais empobrecidos.

Na Colômbia, o caudilho liberal Jorge Eliecer Gaitan, criticou fortemente a violência e o abuso de companhias estrangeiras como a United Fruit Company e a Tropical Oil Company que despertaram enaltecidos reivindicações dos movimentos trabalhistas Gaitan incorporou em sua luta nacionalista. A visão do historiador e economista cubano Ramiro

Guerra, que em seu ensaio clássico *açúcar e população* nas Antilhas, já destacava como os grandes capitais que produziam enormes quantidades de produção a preços baixos em virtude da maquinaria, traziam benefícios limitados, na construção de uma dependência obreira assalariada (Rojas, 2021). Lamentavelmente, Gaitan conhecido como *o caudilho do povo*, morreu a mãos daqueles se opunham à ideia de uma nação soberana e livre.

Como pode apreciar-se, o discurso do "atraso" tecnológico, social, político e econômico das regiões da América Latina, se deu sempre respeito às regiões do Norte. A resistência ao câmbio por parte das elites manteve a assimilação de uma só forma de concentração de poder que excluiu todo o tempo, aos demais atores regionais.

Desta forma, o desenvolvimento cientifico e tecnológico nos territórios se insertou duas tendências: a primeira, a tendência neoliberal, baseada na persecução da competitividade a qualquer preço; e a segunda, alinhada com os processos de democratização política em curso. Ambos os cenários, são fortemente preocupantes; pois os problemas de ajuste econômico e o abandono da ideia dos modelos de desenvolvimento, tem gerado e controvertido por mais de um século, o pensamento latino-americano. Orientar as estratégias em direção da democratização tecnológica, aponta o atendimento das necessidades sociais como prioridades; questão contra argumentativa que aparece na tendência neoliberal como último elo (Dagnino e Thomas, 1999).

Em regiões como Canadá, em meados do século XX, a produção industrial, não tardou em superar as expectativas. A reconversão industrial, reforçada pelo aumento do poder de compra, desvaneceu qualquer ameaça de depressão após a Guerra. Os veteranos e os antigos trabalhadores das fábricas de munições, encontraram empregos e os conservaram, assegurando assim, seus salários, para comprar casas, automóveis, moveis e aparelhos domésticos, que estiveram fora de seu alcance por mais de quinze anos. O movimento trabalhista, organizado de mais do 30% dos trabalhadores industriais, obteve uma segurança econômica e próspera com salários altos, férias pagas e outras prestações.

O Canadá avançou rumo a converter-se numa democracia contrária aos países ibero-americanos; anulando e invisibilizando outras realidades. Como projeto de alfabetização ideológica, incentivou programas sociais universais, solidificou um forte movimento sindical e com a vontade do Estado, designou empregos e eliminou disparidades regionais que

geravam atrasos sistemáticos. Províncias como a de Saskatchewan foi resgatada da bancarrota e transformada num laboratório de inovação legislativa; enquanto os rendimentos de outras províncias, foram gastos na pavimentação de estradas, o aumento do número de escolas e hospitais, e na melhoria da qualidade de vida. Ao longo do tempo, o Canadá com empresas grandes e pequenas, o capital estadunidense também participou do auge industrial, manufatureiro e extrativo (Brown, 1994, p. 513-514).

A abundante prosperidade nas regiões dos Estados Unidos e do Canadá; e o atraso quase que anacrônico em outras regiões ibero-americanas, gerou desigualdades, altruísmos e dependências latentes na ideia de nacionalidade, pátria e território. As tecnologias e os avanços científicos das regiões desenvolvidas, exerceram o domínio e pressão constante, sobre como as outras províncias, tinham que encaminhar seus progressos. Os estudos de subalternidade, pós-colonialidade e decolonialidade, considerados relevantes nas últimas décadas, mostram como a emissão dos discursos instaurados desde o saber/poder do colonial, terminam por impor ordenes diferentes do resgate da história, a consolidação da teoria latino-americana e a aceitação de fronteiras de gênero, etnia, raça e classe social (Aguiar, 2016).

O hostil panorama da herança colonial, enfrentou o aumento dos grupos subalternos que defendo a noção do público, o nacional e a liberdade; fomentava e exigia, uma nova ressignificação e renovação das realidades atuais na América Latina (Arango, 2015). A mudança dos imaginários, e a reivindicação com o passado, do qual muitos sentiam vergonha, se começou a enfrentar, sendo a noção de integração, símbolo na reconfiguração das diversidades, as culturas e as sociedades afastadas dos direitos públicos.

Os processos de reparação das formas de violência, tinham começado a percorrer um longo caminho. Na década de 1970, como resposta à concepção da atividade cientifica e tecnológica dos países desenvolvidos, se gerou o que Dagnino, Thomas e Davyt (1996, p. 19) chamaram o pensamento latino-americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade – PLACTS. Este movimento propõe um diagnostico crítico e instrumentos analíticos na demanda social por refletir a ciência e tecnologia, as políticas implícitas e explícitas, e os impactos e estilos tecnológicos.

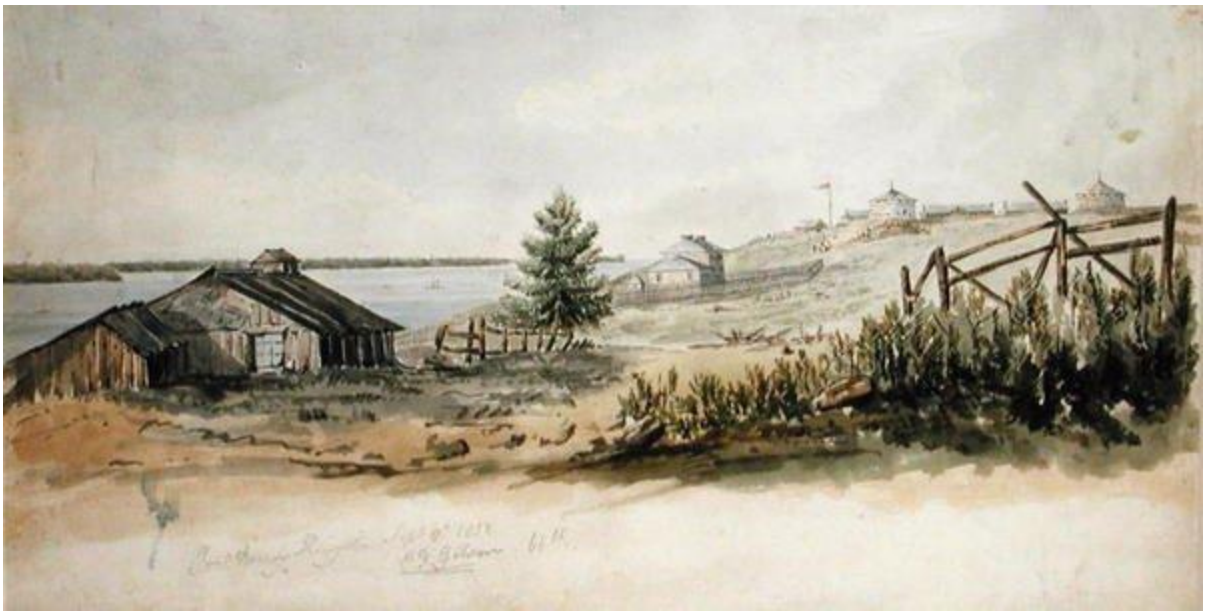
Dentro deste movimento se destacaram pensadores como Amílcar Herrera, Jorge Sábato e Oscar Varsasky na Argentina; José Leite López no Brasil; Miguel Wionczek no

México; Francisco Sagasti e no Peru; Máximo Halty Carrere no Uruguai; Marcel Roche na Venezuela, dentre outros, que se contrapuseram à postura idealista de considerar a ciência como algo intrinsecamente positivo. A ideia de acoplar a infraestrutura cientifico-tecnológica à estrutura produtiva das sociedades latino-americanas, foi uma das reflexões mais claras da corrente PLACTS. Os estudos CTS na América latina tem derivado mais perto à constituição de um campo de conhecimento comprometido com a militância crítica da ciência e a tecnologia, que rumo à formação de um movimento social (Quintero, 2010).

Em finais do século XX na América Latina, os questionamentos porque as tecnologias geradas localmente o as adquiridas dependentemente estiveram em função das demandas sociais, disparou o debate das verdadeiras necessidades dos grupos sociais em função das novas estratégias tecnológicas (Albornoz, 2009). Na década de 1970, os setores públicos e institucionais, desenvolveram rotas de avaliação tecnológica para diminuir impactos ambientais, e impulsar nas comunidades ideias de proteção e preservação do território (Cerezo, 1999).

Com os avanços científicos e tecnológicos que se implementaram na região, começou-se a perceber como uma necessidade fundamental para a superação do subdesenvolvimento (Olivares, 1995). Não obstante, na Colômbia, o tema de mineração ou a implementação de estruturas de informação e comunicação, seguem gerando impactos contrários aos projetados nas iniciativas de eficiência e desenvolvimento.

Os discursos que se instauram no imaginário particular dos habitantes de uma região, se reproduzem sistematicamente até alcançar proporções de consentimento geral, mesmo assim, as realidades dos territórios, não se conjugam ao uníssono de universais que excluem outras formas de representação simbólica. Chamamos a diluir, a ideia de que um território possa ser mais próspero que outro, desmantelando assim a possibilidade de que os discursos hegemônicos de opulência de Estado, possam exercer controles e restrições sobre realidades históricas específicas, que não se comportam unilateralmente frente a sua identidade, tradição e cultura. A construção de nossa identidade - quem somos*?* transita em direção ao movimento harmônico dos processos de transformação e reivindicação histórica, em outras palavras, se trata de como a essência impressa nos discursos de desenvolvimento, fica supeditado os imaginários pendidos do espaço e o tempo.



Fort Henry, Kingston – Ontário, Canadá. Pintura ao Óleo realizada em 1832 de C. J. Gibson

Capítulo I. Enquadramento Teórico

Esta tese se enquadra no campo interdisciplinar dos estudos – CTS aproximando-se das discussões das últimas décadas sobre diversos ambientes preocupados pelos rumos que a tecnologia vem tomando no mundo contemporâneo. As consequências dos impactos científicos e tecnológicos, surgidos no entorno sociocultural da década de 1960 no século XX, mudaram as correlações de força entre o conceito de nação, e as concepções tradicionais que se aventuraram em adaptar a seu modelo, um sistema produtivo industrial com limitações críticas de fundo. Os questionamentos do mundo técnico, tomado a orientação material, enuncia a reflexão sobre o progresso e a construção de novos paradigmas (Bazzo, 2002).

Nesta direção, este capítulo propõe contribuir para uma reflexão crítica acerca dos impactos dos processos de tecnologização industrial sobrevindos em regiões que apresentam inumeráveis semelhanças, mas ao mesmo tempo, inumeráveis diferenças surgidas da invenção e idealização da cidade contemporânea na transfiguração histórica do colonial e o industrial. Tais efeitos partem da concepção clássica, essencialista e triunfalista de um modelo linear de desenvolvimento em expansão, que resultou desconexo para algumas regiões, mais que beneficiou a outras, aproximando sua visão positivista ao funcionamento de um código de conduta objetivista, bastante questionável (Palácios, 2003).

No âmbito dos estudos CTS, é possível distinguir analiticamente duas correntes epistemológicas distintas: por um lado a tradição europeia – *Science and Technology Studies*, que aborda a dimensão social e pratica da ciência e tecnologia, partindo do sentido de como os fatores sociais operam como antecedentes dos desenvolvimentos cientifico-tecnológicos, e dizer, como participam os fatores econômicos, políticos, sociais e culturais, no consentimento das teorias cientificas, o que implica considerar as inovações tecnológicas; e por outra parte, a tradição americana – *Science, Technology and Society*, que enfatiza nas consequências sociais dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos, influindo nos paradigmas, as formas de vida e a organização social nos produtos da ciência e das tecnologias (Glavich, 2010).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, ambas correntes serão de grande importância, pois tanto o pensamento crítico como o construtivista, integram e possibilitam a reflexão de explicar os fenômenos que regem a ciência e a inovação tecnológica, nas formas de produção

dominantes. As sociedades estão tecnologicamente configuradas, mas este fato, não acontece de forma imediata, pois depende exatamente do momento em que as tecnologias são socialmente construídas e postas em uso, convertendo a tecnologização em uma manifestação própria do fenômeno social (Viales Hurtado, 2017).

Tendo os elementos anunciados para esta pesquisa, utilizou-se um enfoque do campo CTS, considerando que os demais enfoques como o histórico-urbano na consolidação de cidade contemporânea. Os delineamentos teóricos norteadores de paradigmas alternativos da compreensão do fenômeno cientifico-tecnológico, tem como objeto compreender a dimensão social que a ciência e a tecnologia trouxeram desde o ponto de vista dos antecedentes históricos e urbanos e que hoje envolvem a natureza das trocas simbólicas na construção de cidade. Nas palavras de Quintero (2010, p. 224), o enfoque CTS particularmente tem um caráter crítico respeito à clássica visão essencialista e triunfalista da ciência e a tecnologia, incluindo na discussão, outros campos próprios do conhecimento cientifico para ampliar a perspectiva da autonomia do pensamento crítico desde a interdisciplinaridade.

Para documentar esta relação de expansão nas quatro cidades, utilizaremos o modelo clássico de traçado de ruas perpendiculares ou chamado *damero*, sendo referente a praça central dos povoados. Dita geometria forma um quarteirão idêntico considerando quatro ruas em direção norte, sul, este e oeste; indispensáveis para nossos contrastes, descrições e análises. Este trabalho foi feito de forma construtiva considerando que as quatro cidades compartem inumeráveis semelhanças, más também inumeráveis divergências surgidas da invenção de cidade contemporânea.

A metodologia utilizada durante esta pesquisa foi analítico-descritiva, enquadrada dentro do enfoque histórico-urbano encargado de articular a história de cada cidade com seu desenvolvimento urbano, e o método de documentação fotográfica que registra as narrativas do entorno arquitetônico na consolidação do Centro. A tecnologia influi nos cidadãos, na medida em que fazem uso dela. Dita aceitação social o de imposição melhor sutil de determinadas tecnologias em lugar de outras, transformam profundamente as sociedades e entornos modelados pelas perspectivas intencionais das técnicas desenvolvidas (Acevedo-Díaz. 1996, p. 35).

1.1. A configuração do campo de estudos

Os avanços da ciência e a tecnologia tem impactado fortemente nas sociedades, a ideia do espaço moderno e contemporâneo (Cerezo, 1999). Como elemento articulador, os estudos das cidades têm representado recentemente os progressos e retrocessos das civilizações que constituem hoje um crescente interesse, ao papel essencial da história no legado intangível do patrimônio cultural e a construção da identidade (Choay, 2019; Schlesinger, 1940).

As cidades da América, hibridas por sua transitoriedade entre a cultura herdada depois da conquista, e a aceitação da invenção de desenvolvimento, continuam lutando por seu papel protagonista na história do progresso contemporâneo, onde os artefatos técnicos de qualidades políticas, incidiram diretamente nas transformações regionais, respondendo inerentes, às disposições de poder e autoridade estabelecidas com o fim de modelar os estranhos híbridos (Winner, 2008).

Como ponto de partida enfocaremos nos primeiros dois capítulos o campo dos estudos CTS, analisando desde a perspectiva do conhecimento cientifico, como o desenvolvimento, predileto para instaurar noções de progresso, trouxe divergências e incertezas críticas na construção de sociedades polivalentes. A proposta tecnocrática onde a tecnologia era o fim, mas nos impactos negativos, não podia ser culpável, início o debate da incidência direta que o desenvolvimento tecnológico tinha trazido aos ambientes urbanos.

Nos propomos a refletir sobre a visão clássica da tecnologia, implicada no campo do determinismo tecnológico, objetando: 1) que a tecnologia se desenvolve autonomamente, seguindo uma lógica interna, independente às influências externas; e 2) que a tecnologia configura à sociedade a partir de seu impacto econômico e social (Bijker, 2005). Será de utilidade considerar para nossa análise, o clássico papel da tecnologia na incidência direta com o desenvolvimento, e suas lógicas de transformação. A controvérsia da cidade como objeto técnico, na descrição transitória dos elementos que conjugam suas representações, integra o debate da incidência tecnológica na alteração da perspectiva de desenvolvimento contemporâneo (Rodriguez e Lanche, 2015).

Nos últimos dois capítulos, refletimos a partir dos enfoques interdisciplinares dos estudos CTS, a ideia da conformação do sistema progressista, à estrutura monopolística de

desenvolvimento desigual (Frank, 1973); dois fenômenos produzidos em regiões da América, a imagem defensora do mito de progresso, que como assinalava Winner, deve-se analisar a crítica das implicações tecnológicas (Glavich, 2000).

Constituir uma reflexão contrastante sobre os tipos de progresso e os impactos da incerteza na consolidação das desigualdades regionais, agrega um valor aos registros fotográficos, as histórias de vida, a memória dos habitantes mais velhos e os novos que se acercam a entender sua história, mas sobretudo, a descrição espaço-temporal das manifestações dos atores na consolidação do seu selo próprio.

Finalmente olharemos as continuidades e descontinuidades da história material e os câmbios de cidade, como instrumentos analíticos da autonomia cada vez mais complexa da imagem urbana com formas materiais, regras e tempos específicos. Nossa intenção confinada a documentar as convulsões e transformações tecnológicas que acontecem nos desenvolvimentos urbanos, nos subsidia a pensar seguindo a Perrot, a cidade como tempo petrificado ou, a cidade como personagem histórico em De Seta, assinalando a transformações dos objetos de cidade, como parte das representações simbólicas onde se constrói identidade e cultura continuamente (Gorelik, 1999).

O campo dos estudos CTS na América Latina salienta um enfoque político em suas propostas e concentrações sobre a transformação de suas cotidianidades implícitas em diversidades, culturas e sobre todas as lutas sociais. A insistência nos anos setenta de elaborar um pensamento alternativo por parte de pesquisadores como: Amílcar Herrera, Jorge Sábato, Oscar Varsavsky, Máximo Halty Carrère, Francisco Sagasti, Marcel Roche, Miguel Wionzcek, entre outros, estabeleceu a crítica aos modelos e formas habituais de considerar a ciência e a tecnologia, como movimentadores do desenvolvimento social (Davyt, 2023).

Os estudos CTS orientados a questionar os discursos legitimadores de meados do século XX, que enalteciam o progresso tecnológico, como uma condição necessária e suficiente para gerar o desenvolvimento econômico e social dos países periféricos, constituíram uma reação acadêmica contra a concepção herdada do imperialismo logico mais também uma reação política e social de neutralidade valorativa (Dagnino, Thomas e Davyt, 1996; Glavich, 2000).

Os movimentos de protesto, gerados a partir dos anos 60 e 70 na América Latina, robusteceram a visão crítica dos paradigmas alternativos, materializados nas lutas sociais dos movimentos contra culturais, que contraria da clássica imagem essencialista da ciência e suas relações com a tecnologia e a sociedade, começaram a gestar uma agitação sociopolítica de como deviam gestar-se as críticas ao redor das transformações (Quintero, 2010). Os movimentos sociais, tiveram uma forte influência anarquista produto em grande medida da migração europeia, principalmente italiana em finais do século XIX e princípios do XX, onde se formaram os primeiros movimentos de trabalhadores e artesãos.

Em toda a região de 1917 até 1919, se gestaram movimentos sociais que propiciaram o processo de sindicalização, como no caso de Peru, Brasil, Argentina e México. Os movimentos de trabalhistas, campesinos, indígenas, estudantes e de classes médias, formaram frentes populares e de lutas nacionais democráticas, mas as violências se recrudesceram, quando os governos militares como no caso de Chile, Peru e Argentina, geraram pânico em meio do terror estatal e as formas radicais de repressão na região (Malamud, 2005). A força por tecnificar a região, cega e fora de controle seguindo seu curso, começo arrasando as necessidades, diversidades, lutas e o florescimento dos direitos de trabalhadores, artesãos e demais atores sociais, sobretudo nos países mais empobrecidos (Bijker, 1999).

Contra toda previsão, os movimentos sociais sobretudo latino-americanos, obtiveram vitorias significativas como a Revolução em Guatemala com Arbenz em 1952; a Revolução Boliviana, quando as milícias campesinas e mineiras tomaram a direção de seu país; e na década de 1950 no Brasil, quando se iniciaram as Ligas campesinas lideradas por Francisco Julião (Bruckmann e Dos Santos, 2005).

A ideia de progresso inserida desde o materialismo histórico para intervir na estrutura social, pretendia criar o que Alan Tourine identificou como equilíbrio entre subjetivação e racionalização; atuação que trouxe consequências desastrosas e benignas que já para a década de 1990, se havia tornado de caráter critico, integrando aos processos de transformação, experiências destrutivas que alteravam os fenômenos sociais como os de classe, nação e Estado (Wagner, 2013).

A campanha de colonialismo econômico, político, social e cultural na América empreendido pelos países desenvolvidos, como uma relação de dominação sobre as regiões mais empobrecidas, teve seu ponto mais crítico, discriminações raciais, étnicas e classistas que fomentaram a repressão dos modos de produzir, simbolizar, significar e criar instrumentos de expressão própria. Na América hispânica a repressão cultural e colonização do imaginário coletivo, estivou acompanhada de um massivo extermínio de indígenas (área Asteca, Maya e Caribe) que usados como mão de obra descartável, foram arrojados a violências e enfermidades, exterminando aproximadamente a 35 milhões, num período não menor a 50 anos (Quijano, 1992). Os sobreviventes ao genocídio, continuaram sobrelevando a segregação, violência e pobreza, até bem avançado o século XX.

Instaurado os delineamentos do dominante e o dominado, como parte da política de extensão de fronteiras, desenvolvimento econômico e seguridade social; empresas nacionais, estrangeiras ou transnacionais, com aval estatal e licenças nacionais, avançaram sobre zonas historicamente ocupadas, como na região da Amazônia brasileira; transgredindo populações como no caso do extermínio dos Indígenas Achés e outros grupos originários no Paraguai, o assedio às populações Mapuches ao sul de Chile, e Wichí, Toba dentre outros, no Norte de Argentina, transcendendo assim, até a criação de grupos paramilitares, guerrilhas e grupos subversivos de origem contestatária no México, Colômbia, Peru e outros países da região (Feierstein, 2009).

As lutas ideológicas, políticas e sociais principalmente do centro, sul e as Antinhas no continente americano em auxílio de suas diversidades culturais, tem sido duramente selvagem. O modelo unidirecional que expressa "ciência = + tecnologia = + riqueza = + bem-estar" (Cerezo, 1999), chamado de assalto ao desenvolvimento, contabilizou desde as violências e perdas de capital humano na região, a inoperância da gestação da maior parte do determinismo tecnológico (Londoño, Gaviria e Guerrero, 2000). O desenvolvimento urbano foi então um caminho para chegar à modernização, mas não sua consequência mais próxima; pois a modernidade se impôs como parte de uma política deliberada para conduzir a modernização, e nessa política, a cidade se converteu num objeto privilegiado (Gorelik, 2003). O conjunto de elementos que integravam a cidade, eram colocados e retirados permanentemente para avançar ao estado ideal.

As dinâmicas de progresso se instauraram na região, como novas formas de ficar no mundo, ressaltando-se conceitos como a liberdade abstrata, a racionalidade instrumental individual, o individualismo e o raciocínio ocidental, que apareceram em algumas regiões em finais do século XIX, em outras a princípios do século XX. Em termos gerais, a modernidade começava a ter uma apertura no horizonte-temporal de assimilação do desenvolvimento, instaurando nessa direção, uma competência desigual para alcançar o ideal da sociedade moderna (Wagner, 2013; Frank, 1973).

As desigualdades alcançaram propósitos inimagináveis em todas as regiões da América. Os autopistas paisagísticos de Long Island em Nova York foram desenhados para que na época, os brancos da classe alta e média acomodada proprietários de automóveis, se sentissem livres caminho do trabalho e como espalhamento; enquanto os pobres e negros, que pelo geral utilizavam o transporte público, não podiam atravessar os passos elevados. Consequência direta deste fato, se gerou um limitado acesso das minorias raciais e pobres a Jones Beach, e o parque público de Moses (Winner, 2008, p. 29).

Os objetos da cidade, se constituem em virtude da representação. Numa região, as representações podem variar, conforme a como olhamos a nosso ao redor e prestamos atenção às questões mais relevantes, tomando uma posição objetivista. A retorica da representação para descrever o estado das cosas, aceita que os objetos que representam e significam numa sociedade, chegam a constituir-se ali-fora e por tanto, não se pode deixar de lado o processo da implicação legitima.

A construção de território e os objetos que o compõem, se constituem dentro das redes de relações, pelo qual sua representação nunca está insolada de seu contexto, em outras palavras e seguindo a Walter Ong, as tecnologias têm um aprofundado efeito sobre a natureza de argumentação e razoamento. Projetamos a existência de um estado de cosas, em virtude de uma tecnologia disponível, objetando os atributos do objeto para sua representação (Woolgar, 1991). Nesta direção, a análoga tarefa de analisar as implicações que trouxe a ideologia da representação, tem dado lugar ao surgimento da crítica alternativa, condessada hoje, em interrogar as representações aprisionadas na unilateralidade das formas conceptuais.

O afã por mostrar os benefícios dos artefatos técnicos utilizando uma linguagem política na reprodução da onda industrial, levou à opressão da justiça nos entornos da vida

pública dos menos favorecidos. O estímulo de poder que favoreceu os interesses de alguns poucos, mas que prejudicou a outros, impaciento a reflexão de que dos artefatos técnicos deviam importar, não só por suas tecnologias, senão pelos impactos sociais e econômicos nos que se inseriam. Nas palavras de Winner:

> Os objetos que chamamos <<tecnologias>> constituem formas de construir ordem em nosso mundo. Muitos artefatos e sistemas técnicos que são importantes na vida cotidiana, contém possibilidades para ordenar a atividade humana de formas muito diversas. Bem seja de forma consente ou inconsciente, deliberada ou involuntariamente, as sociedades escolhem estruturas tecnológicas que influem na forma de trabalhar das pessoas, em sua forma de comunicar-se, de viajar, de consumir, etecetera, durante muito tempo [...] as inovações tecnológicas são similares aos decretos legislativos ou as fundações políticas, que estabelecem um marco de ordem público que perdurara por muitas gerações. Por esta razão, a mesma atenção que prestamos às regras, os roles e as relações em política, também devemos de prestar a coisas tais como a construção de estradas, a criação de redes de televisão e a adaptação de traços aparentemente insignificantes em novas máquinas. Os aspetos que unem ou dividem às pessoas na sociedade se desenvolvem não só nas instituições e práticas da política propriamente dita, senão também, de forma não tão óbvia, em disposições tangíveis de aço e concreto, cabos e semicondutores, pregos e parafusos (Winner, 2008, p. 35-36).[4]

A dependência da tecnologia com o meio, faz que o seu potencial caminho a estruturar o desenvolvimento, se integre as descontinuidades coletivas. Ante este panorama, a vulnerabilidade da cultura tecnológica se converte numa característica inevitável como requisito da inovação. Os ataques em New York *e* Washington em 11 de setembro de 2001, são exemplo, da vulnerabilidade de nossas sociedades modernas. Analisar nossas tecnologias como indispensáveis na concepção construtivista da sociedade contemporânea, transgrede de forma crucial, a noção de imperfeição, no que os sistemas continuam sendo representados – significados e simbolizados permanentemente (Bijker, 2008). A noção do 'vulnerável' num sistema tecnológico e dinâmico, mas intrinsicamente imperfeito, caótico e até descoordenado, propicia a reflexão da percepção do contemporâneo.

Países da América Latina, se integram bem à noção do difuso e o amorfo, talvez por isso é que ao ter um sistema não supeditado à luz da ideia moderna, termina por incorporar

[4] Minha tradução. Texto original: "Los objetos que denominamos <<tecnologías>> constituyen maneras de construir orden en nuestro mundo. Muchos artefactos y sistemas técnicos que son importantes en la vida cotidiana contienen posibilidades para ordenar la actividad humana de maneras muy diversas. Ya sea de forma consciente o inconsciente, deliberada o involuntariamente, las sociedades eligen estructuras tecnológicas que influyen en la forma de trabajar de la gente, en su forma de comunicarse, de viajar, de consumir, etcétera, durante mucho tiempo […] las innovaciones tecnológicas son similares a los decretos legislativos o fundaciones políticas, que establecen un marco de orden público que perdurará por muchas generaciones. Por esta razón, la misma atención que prestamos a las reglas, los roles y las relaciones en la política también debemos prestarla a cosas tales como la construcción de carreteras, la creación de redes de televisión y la adaptación de rasgos aparentemente insignificantes en nuevas máquinas" (Winner, 2008, p. 35-36).

em suas realidades in situ, diversidades heterogêneas e pulareis que se opõem todo o tempo, à generalização dos paradigmas e a homogeneização de regiões fortemente diferençadas. A aguerrida violência da região nos países hispano-americanos, se constitui como uma clara resposta aos direcionamentos que seus caudilhos, líderes e atores locais têm impulsionado para consolidar o neoliberalismo em territórios de precária estabilidade econômica (Vaccarezza, 2004).

A intromissão de políticas econômicas dispares, convulsas e erráticas, tem ocasionado também, o retrocesso dos processos de fortalecimento histórico e cultural que ainda hoje permanecem suspendidos no vácuo. O custo da emancipação político-administrativas da maioria das regiões do continente americano sobretudo de Europa, tive marcadas diferenças; pois enquanto as colônias britânicas cresceram como refúgio dos discrepantes com o regime político inglês, as latinas se expandiram, mas com o fim de dar a maior gloria e recursos à Corona (Del Alcázar, 2003).

A disparidade histórica nas regiões norte, centro e sul, contínuo expandindo-se até o âmbito social, onde a rejeição às diferenças culturais, inspirou o surgimento de movimentos contestatários e subversivos produto das repressões, exclusões e supressões que se deram na construção das nações de forma contínua. Nas colônias britânicas, contrário ao que aconteceu em América Latina, não se consentiu a mestiçagem nem a convivência com os índios.

As motivações das independências, que no caso do norte se deram pela necessidade de efetuar reformas fiscais e administrativas das treze colônias inglesas[5], e nas regiões latinas como contestação às chamadas Reformas bubônicas motivadas pela negativa de aceitar por uma parte a autoridade da monarquia dos Bonaparte, e por outra a do Parlamento Liberal Espanhol, foi inspirando movimentos emancipatórios que no caso das regiões do norte conservaram seu unidade e até se expandiram, mas ao Sul, ocasionaram que os espanhóis perdessem o domínio naval e como consequência o controle do tráfego marítimo, quebrando seu unidade territorial. Afinal, as treze colônias conseguiram gerar uma república federal presidencialista, os brasileiros se organizaram como império constitucional herdeiros da

[5] Massachusetts, Connecticut, New Hampshire, Rhode Island, Nueva Jersey, New York, Delaware, Pennsylvania, Virginia, Maryland, Carolina del Norte, Carolina del Sur e Georgia. Nove das treze colônias eram reais, Maryland e Pennsylvania conservavam sua dependência dos proprietários, e Rhode Island e Connecticut seu estatuto corporativo (Del Alcázar *et al*, 2003, p. 30).

dinastia dos Bragança, e os haitianos se debateram entre república ou império, proliferando sequencialmente nas demais colônias hispanas, repúblicas instáveis (Del Alcázar, 2003).

A distância cada vez mais perceptível dos fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais dos países desenvolvidos e os países em desenvolvimento, cresceu até o ponto de documentar sua separação, como uma analogia a duas civilizações. A primeira baseada no progresso da ciência como principal atividade geradora de conhecimentos, na rápida evolução das tecnologias cientificas e seu incorporação aos processos produtivos e sociais; e a segunda, caracterizada pela impossibilidade de originar conhecimentos científicos a grande escala e, se uma anuência passiva, das técnicas importadas da primeira civilização onde seu sistema de produção começou a depender da expansão dos países ocidentais industrializados, todo este panorama, imerso em formas culturais desarticuladas e contraditórias produto dos processos históricos. A disparidade material e intelectual da primeira e segunda civilização, criam a possibilidade de consolidar numa terceira civilização as inaceitáveis dificuldades que rejeitam ambas as posições (Sagasti, 1988, p. 14-23).

Com tais antecedentes, as regiões da América continuam abrindo caminhos para se integrar aos desafios cientifico-tecnológicos, produzido assim, suas próprias formas representação. Na América Latina, países como Colômbia de tradição hegemônica aninhada em setores maiormente políticos a princípios do século XX, têm despertado a reação social do campesinato ante a ofensiva latifundiários e o avanço das relações capitalistas com o campo (Acevedo, 1995). As propriedades ingovernáveis, mas genuínas de certas tecnologias, estão categoricamente ligadas a modelos particulares de poder e autoridade. Desta forma, o contexto no que se situam os objetos técnicos, integram conceptos e controvérsias que produzem significado.

Esta lógica se produziu similar em países desenvolvidos, como os Estados Unidos onde o progresso agrícola favoreceu os interesses de grandes empresas e negócios (Winner, 2008); ou no Canadá, que para a mesma época, a política agrícola de liberação, eliminou alguns subsídios e diminuiu a proteção de fronteira, para aplicar programas de seguridade e ingresso aos produtores, duplicando as exportações enquanto as importações cresciam a um ritmo menor (Reyes, 2003).

Em meados do século XX, as regiões da América Latina se embarcaram em sua maioria na formulação de políticas cientificas e tecnológicas especificamente intencionais. Não obstante, o vazio da legitimação, nos estreitos margens da economia enquadrada nos princípios neoliberais, gerou desde o campo dos estudos CTS, uma crítica ao modelo construtivista com o que o desenvolvimento tecnológico, condicionava os aspectos mais relevantes da estrutura social. Nas palavras de Vaccarezza:

> Desde meados dos anos 50 e 60, organismos internacionais como a UNESCO e a OEA se constituírem como pontes internacionais chaves para a introdução de políticas de ciência e tecnologia em América Latina. Isto significou um transpassou relativamente acrítico das experiências europeias de pós-guerra que levaram a diminuir a brecha de ciência e tecnologia com EEUU [...] isto se expressou na criação de conselhos nacionais de Ciência e Técnica e de organismos setoriais de pesquisa tecnológica, na formulação de planos específicos, na construção de uma burocracia estatal vinculada à área, na confecção de diagnósticos e instrumentos de planejamento e gestão. O ingresso de capitais multinacionais a partir desses anos significou o ditado de políticas especificas de transferência internacional de tecnologias, com resultantes contraditórias respeito à promoção da ciência e a tecnologia nativas (Vaccarezza, 2011, p. 47).[6]

Os adiantamentos científicos e tecnológicos, insuficientes para construir uma sociedade desenvolvida na América Latina, pretendiam uma transformação social profunda que se materializou na greta do modelo determinista. A imitação de sociedades opulentas inseridas a lógica da produção de bens, serviços de tipo cultural, político e institucional de infraestrutura, fomentaram políticas de consumo.

O desenvolvimentismo como desafio de imitação, requeria pelo menos uma tecnologia similar à de norte, mas com adaptação a recursos naturais e outras características locais, que entraram a fazer parte da lógica de independência econômica desigual que se implemento no projeto nacional dos países mais vulneráveis. As tecnologias físicas, se converteram então nas únicas de consideração digna, enquanto os aspectos sociais, eram relegados sem considerar maiores planejamentos frente aos impactos agressivos da simplificação técnica (Varsavsky, 1972).

[6] Minha tradução. Texto original: "Desde mediados de los años 50 y 60, organismos internacionales como la UNESCO y la OEA se constituyeron como puentes institucionales claves para la introducción de políticas de ciencia y tecnología en América Latina. Ello significó un traspaso relativamente acrítico de las experiencias europeas de postguerra que la habían llevado a disminuir la brecha de ciencia y tecnología con EEUU [...] esto se expresó en la creación de consejos nacionales de Ciencia y Técnica y de organismos sectoriales de investigación tecnológica, en la formulación de planes específicos, en la constitución de una burocracia estatal vinculada al área, en la confección de diagnósticos e instrumentos de planificación y gestión. El ingreso de capitales multinacionales a partir de esos años significó el dictado de políticas específicas de transferencia internacional de tecnologías, con resultantes contradictorias respecto a la promoción de la ciencia y la tecnología nativas" (Vaccarezza, 2004, p. 47).

Pode-se assinalar em termos gerais, que existem múltiplas formas de perceber o que significa a tecnologia, os impactos e sua representação simbólica nos delineamentos na construção das sociedades contemporâneas. Kline (1985; Acevedo-Díaz, 1996, p. 36) assinala quatro definições importantes: 1) a tecnologia como um conjunto de produtos artificiais fabricados pela humanidade; 2) a tecnologia como os processos de produção, isto é, o conjunto de pessoas, máquinas ou recursos necessários num sistema sócio técnico de fabricação; 3) a tecnologia como conhecimento, metodologia, capacidade e destrezas necessárias para poder realizar tarefas produtivas; e 4) a tecnologia como sistema sócio técnico, necessário para poder usar os produtos fabricados. A integralidade da noção conceitual da tecnologia, traça dentro da trajetória sociotécnica, as implicações que devem procurar-se para compreender o funcionamento tecnológico, uma avaliação socialmente construída (Bijker, 1995).

O ritmo das transformações tecnológicas de uma região, está determinado por um lado, pelas dinâmicas que alcança sua atividade invenção interna, e por outro, ao fluxo de conhecimento e informação cientifico-técnica que dito território recebe do exterior, bem seja incorporada nos bens de capital ou desincorporada a forma de planos, desenhos de engenharia, manuais de operação de planta, entre outras. Para os países dependentes das tecnologias estrangeiras, os produtos adquiridos sempre significam ataduras comerciais, financeiras, restritivas e condicionais, que para o caso dos países da América Latina, tende se a comportar como um monopolista discriminador (Katz, 1975).

As características de desenvolvimento para os países mais pobres, deveriam estar sujeitas a reconhecer dentro de seu meio e realidade, outras formas de desenvolvimento, talvez uma terceira civilização, que seja racional, que utilize coerentemente os recursos, que reconheça as possibilidades e limitações de seu entorno, mas sobretudo, que ultrapasse a necessidade intuitivamente justificadas, para forjar assim, seu próprio desenvolvimento (Sagasti, 1988, p. 30).

Em todas as regiões da América, as incursões tecnológicas têm transformado e continuam transformando a experiência humana, vida e morte. Intelectuais do porte de Rumford, Heidegger, Ellul, Marcuse, Dinner, Idhe e Feenberg, discutiram os impactos da tecnologia sobre nosso meio, exibindo suas representações, como máscaras tecnológicas. A

construção social da tecnologia, no que uma peça tecnológica de significado social, percorria vários significados, podia ter êxito o fracassar, dependendo da utilidade. A noção do objeto fronteiriço, aquele que cruza a fronteira entre mundos sociais e que pode significar diferentes coisas para as pessoas em diferentes mundos sociais, capturava o poder liminar do objeto.

O fato de não estar aqui, mas tampouco lá, traça dentro do marco da liminaridade, diferentes significados e por tanto, sofrem mutações as identidades. Em outras palavras, os atores aqueles modificadores de fronteiras, trabalham da mão com as entidades liminares para atravessar fronteiras e produzir transformações. Nas palavras de Pinch:

> Ao tratar com a materialidade e especificamente com a tecnologia sugeri como podem resultar uteis novos enfoques dentro da construção social da tecnologia. O tema chave é compreender que manter a dicotomia entre humanos e coisas é inútil. No caso da tecnologia, ambas se constituem mutuamente. Ao repensar o trabalho sobre instituições e organizações, devemos repensar nossas categorias. Sugiro que não necessitamos ser tão radicais como alguns de meus colegas. Bruno Latour, por exemplo, quem não realiza nenhuma distinção entre humanos e não-humanos e por isso, deve inevitavelmente descartar a maior parte da sociologia convencional. As organizações, as instituições, os grupos sociais, as identidades, são todos termos uteis, mas estes termos necessitam ser reconsiderados para dar conta de forma mais adequada da materialidade e as novas formas de agencia transformativa que nos fornece a tecnologia [...] as instituições podem se construir tanto com cosas como com pessoas (Pinch, 2008, p. 94).[7]

A crise de sentido no que estão imersas as sociedades modernas, são consequências para Berger e Luckmann, do pluralismo moderno. Quando as crises de sentido tanto subjetivas como intersubjetivas acontecem numa sociedade de forma massiva, se convertem num problema social. O pluralismo desenvolvido inteiramente nos países industrializados, deixou de lado o patrimônio comum dos membros de uma sociedade, substituindo os sistemas de valores de uma estrutura social a uma estrutura de consciência superficial. Esta característica própria da modernidade, implica uma transformação radical das condições externas da vida humana; nesta ordem, as tecnologias que eram transmitidas de uma geração

[7] Minha tradução. Texto original: "Al tratar con la materialidad y específicamente con la tecnología he sugerido cómo pueden resultar útiles nuevos enfoques dentro de la Construcción Social de la Tecnología. El tema clave es comprender que mantener la dicotomía entre humanos y cosas es inútil. En el caso de la tecnología, ambas se constituyen mutuamente. Al repensar el trabajo sobre instituciones y organizaciones debemos repensar nuestras categorías. Sugiero que no necesitamos ser tan radicales como algunos de mis colegas. Bruno Latour, por ejemplo, quien no realiza ninguna distinción entre humanos y no-humanos y por ello, debe inevitablemente descartar la mayor parte de la sociología convencional. Las organizaciones, las instituciones, los grupos sociales, las identidades son todos términos útiles, pero estos términos necesitan ser reconsiderados para dar cuenta de manera más adecuada de la materialidad y las nuevas formas de agencia transformativa que nos provee la tecnología[...] las instituciones pueden construirse tanto con cosas como con personas" (Pinch, 2008, p. 94).

a outra, e que constituíam o fundamento da existência material, passaram a ser plurais, dentro dos sistemas tecnológicos de aperfeiçoamento (Berger e Luckmann, 2008).

Na América Latina, o fantasma de desenvolvimento foi acolhido de forma desigual, puxando entre o reducionismo economicista e as pugnas sociais, onde de acordo com Wallerstein, o que se desenvolveu não foi a região, senão um padrão de poder. A colonialidade do poder, num primeiro momento, assentada na dominação dos índios e escravos por parte das classes mais acomodadas, impediu avançar na produção industrial porque implicava assalariar às 'raças' colonizadas.

Tais obstáculos, não evitaram que o progresso se instaurara como monopólio, e quando as regiões se enfrentaram à voracidade do capital, encontraram oligarquias ricas cuidando de suas heranças, e desarticuladas ao novo domínio do moderno. A dependência histórico-estrutural como componente da colonialidade, seguiu um padrão de concentração de poder e de democratização contínua das relações sociais que polarizadas emergiram nas lutas populares (Quijano, 2000).

O aumento das desigualdades na América Latina, produto da adaptação das práticas ibéricas e a resistência das elites à modernização depois da Independência, geraram respostas tardias, que unicamente até meados do século XIX e princípios do XX, a forçosa política de crescimento econômico, levou às elites a integrarem projetos de modernização. A insistente exclusão das maiorias e a negação de libertardes e direitos coletivos agora integrados ao novo desenvolvimento, foram aumentando gradualmente as misérias na restrição continua ao crescimento econômico e social (Coatsworth, 2008). A presunção de ameaça, percebida pelas elites da região ao reconhecimento próprio do outro e a integração de outras economias, onde se incluíram as diversidades, as identidades e tradições dos povos, colocou na linha de fogo, a percepção de liberdade e direito que cresceu desigual em todos os confines.

Ao norte do continente americano, os excessos mesmo que distintos da América Latina, seguiram com o mesmo padrão de exclusão social, mas o reconhecimento de uma noção libertaria de direito, camuflada de ordem e seguridade. A acumulação de capital na região em meados do século XVII, produto da distribuição de produtos de açúcar, chá, tabaco, madeiras, cereal e outros a Europa, permitiu que a economia interna subsistisse à margem das relações bilaterais com a Inglaterra, o que significou que nas terras mais pobres, se

implementaram atividades manufatureiras, ou se fortaleceram as indústrias que começavam a se abrir passo frente ao autoabastecimento das colônias.

Um fato interessante de notar, é que o fortalecimento da economia da região, sempre se antepôs aos enfrentamentos de emancipação. Uma vez que as colônias conseguem resolver suas necessidades de abastecimento autônomo, a metrópole, regulada pelo mercantilismo, não se enfrentou com estas liberdades; mas aproveitou o fato de que as economias se fortaleciam, para se assegurar um mercado de produtos de plantação e a subvenção de produtos de exportação, (Del Alcázar, 2003).

A industrialização da produção, em países como Estados Unidos e Canadá, dependeu explicitamente das tecnologias, criando meios e transformado em outros. O mito de progresso ilimitado e a técnica incontrolada de limites da nova onda tecnológica, irrompeu no panorama dos questionamentos políticos e éticos no marco tradicional da sociedade e a natureza (Glavich, 2000).

A reflexão sobre os impactos, consequências e negociações que tinham que manter-se para privilegiar o desenvolvimento de seus territórios, gerou em países como Estados Unidos, os chamados Comitês de Correspondência que mantiveram alianças, propiciaram distúrbios e protestam contra os ingleses. Destaca-se as apreciações de Dickinson, quem criticava as medidas de prejuízo aos colonos; Franklin, quem assinalava que ao não pagar de acordo com as disposições de Londres, o enfrentamento com a metrópole seria inevitável, e Samuel Adams, partidário de não pagar sem representação dos colonos (Del Alcázar, 2003). A aposta pelo desenvolvimento econômico nos países mais prósperos foi sempre negociada.

Em termos gerais, para os países de maior desenvolvimento econômico, o progresso sempre estivou estreitamente ligado com a tecnologia; sendo este, um elemento articulador definitivo no surgimento de uma sociedade transformada ao serviço do técnico. A aceleração do ritmo de vida e as novas formas de poder jurídico e luta de classes, consequências diretas deste pensamento, insertaram aos habitantes dos aglomerados demográficos das cidades, em dinâmicas contemporâneas à vanguarda do progresso, começando a afastar às pessoas, de seus próprios costumes (Berman, 1985).

A inovação que se adentrou e transformou os entornos coletivos, construiu também uma espécie de vulnerabilidade frente à perda de consciência social e cultural que os atirou

a outro tipo de realidades. A carga valorativa do histórico, detonou em algumas sociedades, a proteção de seu patrimônio cultural, sendo capazes incluir a tradição, nas novas formas de expressão contemporânea (Bijker, 2008).

Nossa intenção ao documentar que existe uma desfasagem espaço temporal e histórico nas regiões da América, não é para estabelecer comparações, mas para enaltecer e caracterizar que existem várias formas de desenvolvimento. O caminho para alcançar a ideia do progresso foi discrepante, porque enquanto ao Norte, os processos independência como a Guerra de Sucessão se consolidaram para integrar a economia ao sistema capitalista de exportação durante a época oligárquica, convertendo-se os Estados Unidos numa grande potência; América Latina, gestava movimentos populistas e fragmentários em plena metade do século XX, onde o caudilhismo lutava pelos direitos civis, as repercussões internas da Guerra do Vietnã, as revoluções e ditaduras junto com a Década Perdida, e os processos de transição caminho à consolidação democrática (Del Alcazar, 2003).

A transformação tecnológica pode ser apreciada na região, na medida em que os processos históricos, sociais, culturais, políticos e econômicos sejam considerados de igual importância na consolidação de nação.

Este estudo propõe que a cidade seja analisada como artefato, estabelece uma ampla reflexão sobre variáveis tecnológicas postas à disposição no cenário do urbano das regiões americanas. Os aspetos materiais – tecnológico - que interagem com a estrutura da rede da vida urbana, dilucidam o conceito histórico de cidade com o trânsito geral de quem escrevem e participam em sua configuração (Hommels, 2003). Os imaginários com os que se constrói a noção de cidade, são importantes na medida que a relação da inovação, progresso e desenvolvimento social da tecnologia, cria outras formas de representação e exclusão discursiva nos territórios. A urbanidade, envolve as interações de três componentes: a formação, a percepção e a representação (Madsen e Plunz, 2005).

1.2. Delineamentos históricos, teóricos e conceituais do objeto de estudo

Compreendendo a cidade como um elemento necessário na contemporaneidade, para desenvolver a ideia de transformação tecnológica, a relação da tecnologia com a cidade, relativamente descuidada no campo dos estudos tecnológicos, tem crescido

consideravelmente desde a década de 1990, descrevendo desde o enfoque da Ciência, Tecnologia e Sociedade, a transformação da cidade, como elemento diruptivo (Hommels, 2005, 2020).

Nesta direção, estudaremos a noção de cidade em três perspectivas: 1) a história e a construção de antecedentes do colonial ao industrial, considerando as dinâmicas integradoras que servem para construir os processos de desenvolvimento; 2) a identidade e a cultura patrimonial, resgatando a participação dos habitantes na cidade, a partir da memória, narrativas, arte e fotografias, como formas discursivas de contestação, ao planejamento urbano; e 3) a ênfase aos contrastes que a ideia de desenvolvimento contemporâneo, que tem trazido aos países latino-americanos de forma direta, interpelando a construção da história, diluindo a noção de identidade e irrompendo na cultura patrimonial para nos aproximar ao reconhecimento das diversidades.

Apontamos a refletir em geral, como tem sido pensado, mas ao mesmo tempo, como nossas realidades têm sido induzidas pela ideia de desenvolvimento econômico, tem construído, outros tipos de realidades. Impulsionados a estudar as transformações urbanas desde a história e as análises de uma geografia mais humana e urbana, que explore os espaços de indeterminação que ainda são subjetivos, e que David Harvey relaciona como espaços de tenções nostálgicas. O desafio de representar a cidade considerando as transformações tecnológicos e práticas sociais do colonial ao industrial, construídas em meio da contestação, apropriação e resistência, se envolve hoje no que Mike Devis chamou *nostalgias* (Coutard e Guy, 2007), mas que, simultaneamente, desdobram a cidade e suas manifestações simbólicas.

Nas palavras de Harvey:

> A cidade se parece mais a um teatro, a uma série de cenários onde os indivíduos podem desenvolver sua magia distintiva no empenho de multiplex roles. A ideologia da cidade como uma comunidade perdida, mas nostálgica [...] como labirinto ou colmeia, com redes totalmente diferentes de interação social, orientadas em multiplex direções [...] um lugar onde as pessoas têm relativa liberdade para atuar e fazer o que se proponham (Harvey, 1998, p. 17-24).[8]

[8] Minha tradução. Texto original: "La ciudad se parece más a un teatro, a una serie de escenarios donde los individuos pueden desarrollar su magia distintiva en el empeño de múltiples roles. La ideología de la ciudad como una comunidad perdida pero nostálgica […] como laberinto o colmena, con redes totalmente diferentes de interacción social, orientadas en múltiples direcciones […] un lugar donde las personas tienen relativa libertad para actuar y hace lo que propongan" (Harvey, 1998, p. 17-24).

Este estudo explora aspectos das cidades localizadas ao norte e sul do americano, representa intencionalmente a consolidação da onda tecnológica em dois estágios: um fixo na tecnologização como roteiro, e outro, dependente e desigual, que não consegue encaminhar-se rumo ao desenvolvimento como ideia contemporânea. Tanto ao norte como ao sul da América, em países como Canadá e Colômbia, os processos sociais, políticos, econômicos e culturais, diferentes por suas características inatas, transformaram sua cotidianidade e as formas de representação que as tecnologias deixaram a seu passo. Mesmo assim, dita transformação díspar pela inegável influência dos países desenvolvidos, gera até agora, uma reflexão crítica na América Latina, aos impactos representativos que se tem consolidado como formas de resistência e expressão nas regiões mais empobrecidas.

De forma geral pode-se assinalar quatro distinções entre ambas regiões:

> 1. O sistema político, onde nas colônias espanholas instauraram um governo centralizado na Coroa, enquanto as colônias inglesas, deram lugar a um governo dividido entre a Coroa e o Parlamento, permitindo a autodeterminação e o surgimento de instituições de governo, baseadas no consentimento dos governados, de fato, a partir do século XVII, se estabeleceu um sistema de representação política entre os colonos ingleses aberto às classes médias (agricultores, artesãos, comerciantes);
>
> 2. A estrutura social, no que os espanhóis tiveram maior êxito na exploração de indígenas como mão de obra, ao colonizar mais áreas povoadas que os ingleses, sometendo aos nativos a seu domínio, e incorporando-os em seu sistema econômico, enquanto os colonos britânicos não o conseguiram, e como resultado surgiram condições étnicas muito diversas, mesclando-se extensamente ao Sul, e ao Norte, produzindo segregação racial sistemática, respaldada pela legislação, a interpretação judicial e aos costumes sociais.
>
> 3. A estrutura econômica, onde os espanhóis consolidaram o latifúndio como estilo de vida, convertendo-se as elites agrarias em parasitarias, e cultivando as desigualdades da propriedade da terra, no que os pobres eram maioria e seu sistema dependente, enquanto no América do Norte, a exaltação do espírito da igualdade e autogoverno nos assuntos de extensão de terra, trouxe um individualismo poderoso na democratização, sendo as granjas familiares, símbolos de economia diversificada e cada vez mais industrializada, produzindo para os mercados locais e pela exportação; e
>
> 4. Os fatores institucionais, que se circunscrevem às diferenças geográficas, a desigualdade dos recursos naturais, as diferenças nos fatores de produção, as políticas divergentes das metrópoles coloniais, os fatores político-legais e socioculturais, o auge industrial nos Estados Unidos muito similar na Inglaterra, o estancamento da ausência de princípios de igualdade, lei e um sistema racional de justiça em Latino América e ao mesmo tempo o fato de ter muitas terras, mas pouco capital e mão de obra qualificada, entre outros (Bernecker e Tobler, 2020).

O fenômeno da fundação de cidades na América, começou na época da ‘conquista’ e da ‘colonização’, entre os séculos XIV e XVIII. Os novos habitantes, cumprindo com o objetivo de povoar o território, converteram seus assentamentos, em núcleos para estender-

se a uma conquista mais ampla, que unificaram seus domínios. Estes núcleos, se converteram nas primeiras cidades americanas, e com isto, passaram a ser centros de poder administrativo, religioso, comercial e cultural, das demais regiões circundantes. Os centros de controle, especialmente da propriedade do solo e a população indígena e escrava que eram sometidas, respondeu a um detalhado projeto de apropriação que a sangre e fogo, se desbordou quando no caso dos espanhóis, se enfrentaram ambientes físicos, totalmente distintos aos que estavam acostumados.

O relevo do terreno do Orinoco até a imensa Cordilheira Andina nada tinha que ver com as terras castelhanas, estremenhas os andaluzas, que eles procediam (Rojas, 1982). Sem dúvida, uma vez assentado o centro de controle, o desenho da cidade seguia padrões de simetria antigos onde a quadricula de demarcação era representada por ruas retilíneas que cruzavam em ângulos retos, até conformar blocos regulares que assemelhavam ordem, e uma forma de neutralizar ao meio ambiente (Sennet, 2004).

A cidade se constrói como um modelo ideal, e o urbano, se converteu no novo estilo de vida. A representação e o significado dos espaços passaram a ser ordenados e secularizados ao interior da cidade, foram adquirindo inumeráveis expressões, até o grau que a percepção dos espaços, dependia das histórias que os habitantes tinham de sua cidade, centro, bairro ou morada, onde a configuração histórica, jogou um grande papel, descrevendo a realidade espaço temporal a vivencia, memoria e nostalgia de seus locais.

Nas palavras de Rykwert (2002), um dos exponentes da história da arquitetura temos:

> Nós imaginamos a cidade como um entreamado de construções que cresce de forma mais ou menos imprevisível, percorrido por ruas, que se despeja nas praças, ou também como uma rede de avenidas flanqueada de edifícios nas aforas e lotada deles no centro. Contemplamos as cidades como se fosse de um fenômeno natural regido pela lei do crescimento ou expansão, uma lei incontrolável, independente e a vesses imprevisível, como a que orienta os organismos naturais, mas o certo é que o crescimento das cidades não obedece a uns impulsos anteriores e inescrutáveis. As cidades são levantadas pedaço a pedaço por seus habitantes ou em grandes blocos por obras dos especuladores ou das autoridades [...] pode dizer-se que as autoridades cívicas, e até os mesmos planificadores, são incapazes de pensar a nova cidade como um todo, como um modelo que entranharia outros significados distintos dos tópicos habituais de setorização ou a circulação (Rykwert, 2002, p. 33).[9]

[9] Minha tradução. Texto original: "Nos imaginamos la ciudad como un entramado de construcciones que crece de manera más o menos imprevisible, recorrido por calles, que se despeja en las plazas, o también como una malla de avenidas flanqueada de edificios en las afueras y repleta de ellos en el centro. Contemplamos las ciudades como si se tratara de un fenómeno natural regido por la ley del crecimiento o expansión, una ley incontrolable, independiente y a veces imprescindible, como la que rige los organismos naturales, pero lo cierto es que el crecimiento de las ciudades no obedece a unos impulsos interiores e inescrutables.

A notável crítica aos subúrbios ao redor do pensamento estadunidense em finais dos anos setenta, converteu a expansão urbana, num assunto ideológico, porque aparentemente por um lado, os novos subúrbios eram uma congregação de pequenas células contiguas que constituíam tendência nacional, homens de vida simples, autossuficientes e dedicados ao seu trabalho; e por outro, eram considerados espaços onde as famílias viviam sobrecarregadas pelo consumismo e a homogeneidade, impedindo iniciativas e desenvolvimento espiritual. Todo este assunto, se tratava em pleno século XX, da iniciação de um discurso da sociedade moderna e da sociedade suburbana (Bolán, 2003).

A intenção de rejeitar os esforços planificadores e abandonar a história dos habitantes por considera-la irrelevante, permitiram criar supostos sociais de necessidades modeladas em premissas, que não eram sentidas realmente, porque as necessidades sentidas unicamente podiam ser documentadas desde a história da experiência individual de cada cidadão. Todas estas formas de criticar a situação urbana, tratavam sempre de explicar onde haviam falhado e quais tinham sido as desvantagens dentro do projeto modernizador, mesmo que não houvesse uma medição, ou um discurso racional que se permitisse criar planos para passar dos fracassos anteriores a êxitos futuros (Rykwert, 2002).

Frente a estas iniciativas, sobretudo de desenvolvimento e tecnologização das regiões; as cidades coloniais percebidas como tecnicamente atrasadas para a época, ofereceram resistência e se encaminharam a aproveitar suas riquezas e recursos. Ao ser as cidades colônias desde seus inícios, centros de operação militar e administrativo, áreas de preparação para incursão, mercados, depósitos de matérias primas, pontos de encontro residenciais e espaços de atividades notáveis; os artefatos da cidade, tenderam a integrar-se como objetos históricos produto da influência do passado e das eras imperiais, enaltecendo sua grandeza tradicional (Hugil, 2017).

A maioria das cidades coloniais que se mantem até hoje, devem sua reconfiguração aos artesãos e construtores que ajudam a manter os espaços de identidade e reconfiguração cultural (Calvo, 2015; Villota-Enríquez, 2018). Mesmo assim, antropólogos como Patrick Wolfe, pensam que o ‘colonial’ representa uma forma de violência, considerando que esta

Las ciudades son levantadas trozo a trozo por sus habitantes o en grandes bloques por obra de los especuladores o de las autoridades […] se diría que las autoridades cívicas, y hasta los mismos planificadores, son incapaces de pensar la nueva ciudad como un todo, como un modelo que entrañaría otros significados distintos de los tópicos habituales de la sectorización o de la circulación” (Rykwert, 2002, p.33).

época da expropriação e acumulação de terras, obscureceu e deslocou, centros de indígenas nativos de seus territórios, para criar sistemas econômicos de agressão e abuso, como no caso dos genocídios e segregação ao norte, e o deslocamento e a barbárie ao Sul da América (Hugil, 2017; Orellana, 2016).

As cidades coloniais preservadas como sistemas de tradição, constituem hoje, uma mostra tangível da 'colonização' como um imaginário histórico que se resiste à perpetuação da contemporaneidade. Cidades como Popayán na Colômbia, mostram traços culturais e coloniais onde as hierarquias sociais ainda continuam prevalecendo, mesmo que de forma simbólica. Para as elites de Popayán, a cidade termina sendo admirável pela historicidade das igrejas, mais que pelas fábricas; a representação dos museus, mais que os edifícios; e o significado da arte mais que os processos de transformação urbana. Hollingsworth afirma:

> Contudo, é justo reconhecer que Popayán não é tradicionalista até o ponto de descartar completamente a modernização. Em forma um tanto imperceptível vem ganhado aceitação muitos elementos de modernidade, sem que os habitantes da cidade tenham deixado de pensar que é igualmente importante manter daquelas costumes e tradições que através dos anos comprovaram ser dignas de se conservar [...] Uma razão pela qual Popayán carece de desenvolvimento industrial, de acordo com um dirigente payanés, é que o traçado da ferroviária desde Buenaventura, o porto mais importante do Pacífico, se orientou em direção a Cali e não rumo a Popayán. Porém, uma explicação tal vez mais solida encontrada se situa nos valores sustentados pelos próprios payaneses. Orgulhosos de seu passado glorioso e dos belos exemplos da arquitetura colonial espanhola nas residências, edificações públicas e igrejas, o povo parece desdenhar o progresso, como si se agarrasse ao que fosse, sem mostrar sinais de que a transformação seja bem recebida. Em efeito, quando, faz poucos anos, a Nestlé Milk Company enviou seus representantes a Popayán, com intenções de estabelecer uma planta nessa localidade, foram desprezados, pelo que decidiram instalá-la em outra parte, é como se os payaneses preferissem aproveitar a luz do passado em vez de se esforçarem para mudar o status quo. Em outra direção, a história desempenhou um papel importante no caráter tradicional da cidade. Popayán se mantive intensamente leal tanto à coroa espanhola como à igreja católica. O ter sido favorecida por ambos, pode ter contribuído para seu renuncia ao câmbio (Hollingsworth, 1975 apud Webber e Ocampo, p. 133-134).[10]

Na época colonial, a cidade exerceu como capital da Governo de Popayán sendo um dos territórios com maior extensão, quase a metade da área da Colômbia atual. Seu passado

[10] Minha tradução. Texto original: "Con todo, es justo reconocer que Popayán no es tradicionalista hasta el punto de desechar completamente la modernización. En forma un tanto imperceptible, han ido ganando aceptación muchos elementos de la modernidad, sin que por ello los habitantes de la ciudad hayan dejado de pensar que es igualmente importante mantener aquellas costumbres y tradiciones que a través de los años han comprobado ser dignas de conservarse […] Una razón por la cual Popayán carece de desarrollo industrial, de acuerdo con un dirigente payanés, es que el trazado del ferrocarril desde Buenaventura, el puerto más importante del Pacífico, se orientó hacia Cali y no hacia Popayán. Empero, una explicación tal vez más sólida se halle en los valores sustentados por los propios payaneses. Orgullos de su pasado glorioso y de los bellos ejemplos de arquitectura colonial española en las residencias, edificios públicos e iglesias, el pueblo parece desdeñar el progreso, como si se aferrara a lo que fuera, sin mostrar señales de que el cambio sea bien recibido. En efecto, cuando hace pocos años, la Nestlé Milk Company envío sus representantes a Popayán, con intenciones de establecer una planta en esa localidad, fueron desairados, por lo que decidieron instalarla en otra parte. Es como si los payaneses prefiriesen solearse a la luz del pasado en vez de esforzarse por cambiar el *statu quo*. En otra dirección, la historia desempeñó un papel importante en el carácter tradicional de la ciudad. Popayán se mantuvo intensamente leal tanto a la corona española como a la iglesia católica. El haber sido favorecida por ambos, pudo contribuir a su renuncia al cambio" (Hollingsworth, 1975 en Webber e Ocampo 1975, p. 133-134).

glorioso em metades do século XIX, se deu em grande medida, a que a província tinha um sistema econômico baseado na mão de obra indígena, escrava e de manumissão, onde os brancos representaram demograficamente a menor parte da população, mas dominante (Chapman, 2013; Sebastian, 2018).

A arquitetura urbana e popular, exaltada como uma das mais belas do país, se desenhou do referente europeu, apensar de que para meados do século XX, escassamente havia desenvolvido sua indústria, contando só com um moinho de farinha, uma destiladora de licores e uma cervejaria (Astudillo, 2016). Nos anos cinquenta, Whiterford descreveu a cidade, como uma comunidade tradicional, resistente às transformações modernas. Atualmente, Popayán se assemelha às denominadas cidades fidalgas que conservam um patrimônio simbólico importante, preservado pela burguesia, para exaltar os ânimos e o apegou da história (Campo, 2018).

Popayán e suas paredes brancas, pintadas como estratégia para combater a praga de níguas, que invadiu os solos das construções novas e antigas a inícios do século XX, enalteceu o setor colonial e se converteu num marco da conquista da tradição nacional. Seu centro colonial resistente as modificações de ordem estrutural, se preservam ainda depois do terremoto de 1983, dando começo à incorporação de outros ornamentos, mas o mesmo tempo, à consolidação de novos bairros que transformaram as dinâmicas socioculturais com a integração de novos moradores que desconheciam as dinâmicas e significados tradicionais da formação de cidade (Villota-Enríquez, 2018).

Os imaginários do desenvolvimento tecnológico, colocaram mais pressão em regiões que ainda não estavam preparadas para assumir transformações radicalmente agressivas como no caso de Popayán. Algumas cidades coloniais nos países ibéricos, dificilmente atravessaram à etapa da consolidação industrial como imaginário moderno, pois seus ideais coletivos estavam caminhando rumo à consolidação de sua tradição.

Os esquemas urbanísticos replicados no continente americano desde princípios do século XVI, incluíram sempre ideais renascentistas. A construção da ‘cidade ideal’, seguiu um padrão alinhado à simetria geométrica. Os centros das cidades, se deviam de escolher, afastado das zonas de população indígena; localizando assim no núcleo central, a praça maior e quatro ruas principais em direção a todos os pontos cardinais da cidade, compreendendo

um perímetro onde a igreja e as instituições estatais foram visíveis. Além disso, as ruas principais, casas, solares e edifícios localizados no centro, deviam se construir com um determinado tipo de estética e altura simétrica, para não transgredir a estética projetada.

Os centros das cidades, eram comumente reservados para posicionar as igrejas, instituições financeiras, núcleos administrativos, casas reais e edifícios públicos, como representação do poderio local. Uma vez organizada a estrutura primária, procedia a dar-se prioridade aos locais de comércio e casas dos comerciantes, sendo construídas acima de outros grupos sociais (Timmling, 1987). Geralmente, este foi o legado que conservaram algumas cidades coloniais, enquanto outras, que se desenharam de forma similar, transformaram seus centros históricos radicalmente, como no caso das cidades industriais ou terminaram deslocando sua centralidade, para construir outro tipo de narrativas.

Contudo, uma história bastante diferente acontece na cidade colonial de Kingston, Ontário - Canadá, uma das mais antigas da capital (1841 até 1846), onde uma zona delimitada representa a parte da tradição histórica nas edificações, igrejas e moradas colônias; e outra, a contemporânea, materializada no desenvolvimento comercial. Território Katarokwi, a jurisdição foi povoada pelos europeus desde o século XVII, onde foi construído o forte Fort Frontenac que cresceu graças a colonos leais ao Império Unido e membros da tribo Tyendinaga, nativa do norte do Estado de New York, até princípios do século XIX.

Ontário marcou seu legado, não só porque tinha uma posição dominante como o porto interior de transbordo, no trajeto marítimo desde o Oceano Atlântico ao interior do continente, senão que adicionalmente seu legado histórico destacável mesmo para os indígenas, converteram a cidade num referente de tradição nacional, mas ao mesmo tempo, de desenvolvimento social (Kingston Historical Society, 1954).

Atualmente, a Lei de Patrimônio de Ontário, proporciona à Kingston ferramentas para conservar especificamente três distritos antigos: Barriefield, Market Square e Sydenham, que contém mais de 700 áreas e representam mais de 200 anos de história. As construções que ficam ao interior dos distritos de conservação patrimonial são estritamente protegidas, determinando a seus proprietários uma autorização da prefeitura para qualquer modificação, demolição ou construção de novas edificações, sem a permissão do Serviço Patrimonial ou o Conselho Municipal. Na década de 1920 e 1930, a preocupação pela conservação do

patrimônio da história e a arquitetura em Kingston, levaram a Eric Arthur a fundar a Architectural Conservancy of Ontário, preservando edificações como a House Barnum, sentando um precedente, para reconstruir a icônica imagem tradicional da cidade (Corporation of the City of Kingston, 2023).

Depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) o esforço se viu dissipado e os objetivos sociais tenderam a concentrar-se no florescimento da cidade e a reconstrução de zonas centrais urbanas, arrasando os bairros marginais. Contudo, a partir de 1970 o Canadá promoveu a conservação de estruturas coloniais, todavia fraca na legislação nacional, designado assim áreas patrimoniais e lançado um inventario de edificações no que se criaram gretas no planejamento e preservação ao pertencer a um dos últimos bairros e aldeias de trabalhadores, parte do tecido social por mais de 100 anos (Sprage, 1989).

Kingston, patrimônio da humanidade da UNESCO, consegue mesclar seu legado histórico, com dinâmicas de inovações moderna, albergando por um lado, empresas e indústrias de manufatura avançadas e tecnologias; e por outro, uma arquitetura histórica de contraste em construções feitas de pedra calcária e características da arquitetura moderna. Um exemplo fascinante, é o edifício mais antigo que sobrevive na Rua 9 Kennedy de tijolos de bairro, com a escola de negócios, Smith School of Business de aço e vidro. A cidade tem jurisdição para o processamento de alimentos e bebidas, sendo uma das mais representativas no Canadá, conhecida como a capital mundial da navegação em água doce (Corporation of the City of Kingston, 2023).

As cidades colônias ao norte e sul do continente americano, criam pontos de inflexão, onde os processos históricos e de preservação do patrimônio frente as técnicas modernizadoras, acontecem de formas muito diferente. Enquanto Popayán permanece intencionalmente suspensa no tempo, relembrando a grandeza de sua história e consolidando os processos simbólicos de colonização das elites; Kingston se alinha ao desenvolvimento tecnológico por um lado com a consolidação de indústrias, e por outro, sem perder sua historicidade colonial, preserva as edificações memoráveis aos processos renascentistas.

A construção da cidade e sua extensão, emergem na modernização, como uma representação de significados, segregação, excessos, injustiças, economias, culturas, misérias, governança e política. As trocas de significado e suas representações, mudam todo

o tempo. De fato, em algumas cidades latino-americanas, o caráter evolutivo do ambíguo, conferido tradicionalmente aos espaços públicos, está sendo alterado por outros elementos de significação, que rompem as dinâmicas de circulação e pontos de incidência. A necessidade de consolidar uma cidade que afronte os desafios do desenvolvimento, parece estar conduzindo mais a agravar os problemas, do que resolver (Borja, 1999). A natureza histórica da cidade, encarregada de distinguir entre as dinâmicas originais surgidas e as que ainda podem manifestar-se, estabelece uma percepção de consciência (Mumford, 1966).

As trajetórias das cidades que se atendem como um ordenamento de incertezas reguladas pelas tecnologias, devem ser questionadas e renegociadas (Coutard e Guy, 2007). A urbe, que envolve a noção de cidade e suas interações em três componentes, formação, percepção e representação, integra decisões e valores históricos que continuam influindo nas ações e comportamentos que trazidos desde o passado, impactando o futuro de outras sociedades em numa mesma espacialidade (Hommels, 2020). O desfase entre cidade real e a cidade como se representa em novelas, relatos, planos urbanísticos e mapas, também pode mostrar distinções interessantes, uma mítica e simbólica, e outra moderna e futurística onde a percepção das identidades urbanas, coexistem num mesmo espaço, mantendo o tempo sem alteração (Madsen e Plunz, 2005).

Pode-se compreender a cidade, como uma representação viva na que os indivíduos imprimem suas dinâmicas, produto da natureza humana, mas sobretudo, de sua cultura. Quando o presente se instaura sobre o passado, o percurso da transformação se impõe a temporalidade da época. Nesta perspectiva, trabalhos como o de David Blain, destacam a estreita relação da arquitetura com as relações sociais que convergem nos artefatos culturais, convertendo os operadores práticos em elementos representativos dos sistemas econômicos espaço temporais. Os artefatos materiais de um conjunto de atores em rede, dependem da relação social e histórica, para perdurar. Não obstante, a incorporação de tecnologias nos entornos urbanos, podem surgir, como efeitos colaterais decadentes (Coutard e Guy, 2007).

O desenvolvimento de tecnologias arquitetônicas e agrícolas sustentáveis na construção do edifício Blueprint Farm em Auxtin-Texas, desenhado para beneficiar aos trabalhadores agrícolas deslocados pela industrialização da agricultura no Valle do Rio Grande, fracassaram pelo término prematuro do projeto, suprimindo o sustentável pelo

moderno (Moore, 2001). De igual forma, a contaminação da água subterrânea em Phoenix Arizona, onde ao ser excluídos os moradores das decisões de tomaram os expertos e técnicos, se evidenciam enormes prejudicados.

É inevitável, a introdução das ideias políticas e as relações de poder, nas decisões que envolvem a inserção de artefatos tecnológicos (Winner, 1999, p. 2). Esta consequência direta da contemporaneidade, estimula dinâmicas justapostas aos interesses das comunidades e até o próprio desenho de cidade. Os entornos urbanos onde se desenvolvem métodos e técnicas de estimulação social, substituem todo o tempo o velho pelo novo; recentemente a inserção de bairros-jardim e edifícios modelo no que ficavam moradas deterioradas, tornou-se popular para construir outros centros e outras periferias. Na América do Norte, o intento de renovação de bairros com péssima reputação, se tem redesenhado por meio da construção de *playgrounds*, e a introdução de todo tipo de atividades desportivas e incluindo danças nas salas de baile municipais.

Os espaços desenhados popularmente, para elevar a moral da população mais segregada, terminam diferenciando-se por raça e por classe. As colônias raciais como o Chinatown de São Francisco e New York, o a pequena Sicília, Little Sicily, se integram a favelas de vício e criminalidade. Nas cidades velhas da Europa, esta segregação tem ido muito além da distinção, formando bairros como ao Leste de Londres, habitantes de uma mesma classe social (Park, 1999). A diversidade étnica e racial produzida pela migração, faz também parte da divisão urbana nas grandes cidades, disparando-se o fenômeno nas décadas de 1960 a 1970, crescendo a presença de outros grupos minoritários (Fong e Shubuya, 2005).

Frente a estes antecedentes, a urbanização traz paradigmas subsequentes como o direito à cidade como fenômeno social e a distribuição de classes, onde a qualidade de vida é uma mercadoria. O inevitável surgimento de novas geografias ao interior da cidade, produto do deslocamento e o abandono, tem produzido outros centros, periferias, riquezas e marginalidade no que o direito a reinventar a cidade, é tangível na construção coletiva, mas o poder da distribuição e seu desenho, radica sempre, nos mais abastados. Algumas vezes, os movimentos sociais conseguem transformar e remodelar a percepção dos espaços, mas isto só ocorre, esporadicamente. O direito à cidade é uma questão de poder, sobretudo para as

elites dominantes, planejando um controle generalizado de um espaço percebido desde a anti-democratização (Echaniz, 2021 e Lefebvre, 1969).

Os estudos da cidade, contribuem ao enriquecimento empírico e teórico das dinâmicas e imaginários de poder, onde as formas de resistência global, se cruzam e chocam constantemente com a percepção dos coletivos sociais e os territórios. Não obstante, a cidade como espaço dinâmico e flexível, é realmente muito difícil alterar, pois uma vez que as estruturas urbanas se tornam fixas numa ordem obstinada, os artefatos urbanos terminam sendo traços de decisões de planificações históricas com eloquências perpetuas.

A importância de estudar a cidade como um organismo tecnológico vivo, já tinha sido assinalado por historiadores como Joel Tarr e Gabriel Dupuy, assim:

> Hoje, o que chamamos de infraestrutura urbana fornece os "tendões" tecnológicos da área metropolitana moderna: suas redes rodoviárias, pontes e trânsito; suas linhas de água e esgoto e instalações de eliminação de resíduos; e seus sistemas de energia e comunicação. Estes "tendões", orientam e facilitam o funcionamento urbano e a vida urbana de várias maneiras […] A infraestrutura inclui não apenas redes, senão também estruturas e máquinas (Tarr e Dupuy, 1998 em Hommels, 2005, p. 324).[11]

A industrialização como uma característica moderna do capitalismo competitivo, impulsionou que a cidade se convertera, num núcleo de aceleração econômica. Os processos de industrialização local, sempre foram intencionais, e dizer, que quando a produtividade e ganancias econômicas eram rentáveis, os centros de industrialização se instauravam ao interior das cidades, mas quando a indústria necessitava instaurar-se perto das fontes de energia (rios, bosques e mais tarde carvão), meios de transporte (rios, canais e mais tarde ferroviárias), matérias primas (minerais), ou por mão de obra, se deslocava às periferias.

O drama da cidade frente aos processos de industrialização segundo a Lefebvre pode descrever-se em três períodos:

> Primero período. A indústria e o processo de industrialização invadem e atropelam a realidade urbana preexistente até destrui-la mediante a pratica e a ideologia e extirpá-la da realidade. A industrialização levada mediante uma estratégia de classe, se comporta como potência negativa da realidade urbana: a economia industrial nega o social urbano.

[11] Minha tradução. Texto original: "Today, what we call the urban infrastructure provides the technological "sinews" of the modern metropolitan area: its road, bridge, and transit networks; its water and sewer lines and waste-disposal facilities; and its power and communication systems. These "sinews" guide and facilitate urban functioning and urban life in a multitude of ways […] The infrastructure includes not only networks but also structures and machines." (Tarr e Dupuy, 1988 em Hommels, 2003, p. 324).

> Segundo período (em parte justaposto ao primeiro). A urbanização se prolonga. A sociedade urbana se generaliza. A realidade urbana se faz reconhecer em sua destruição e através desta mesma destruição, como realidade socioeconômica. Se descobre a sociedade total corre o resgo de descompor-se se a cidade e a centralidade faltam; tem desaparecido um dispositivo essencial para a urbanização planificada da produção e do consumo.
>
> Terceiro período. Se encontra o se reinventa (não sem que as práticas e as concepções sofram sua destruição) a realidade urbana. Se intenta restituir a centralidade. Quer dizer que tem desaparecido a estratégia de classes? Não é assim: simplesmente foi alterado. Às antigas centralidades, à decomposição dos centros, substitui agora o centro de decisão (Lefebvre, 1969, p.38).[12]

O famoso axioma dos anos setenta que diz '*tudo vai bem se a construção vai bem*' (*Va tutto bene quando l'edilizia va bene*), colocou em conflito, quando a desigualdade e o crescimento da distância social, entre pobres e ricos na cidade técnica e cientifica, se consolidou como um projeto urbanístico. As categorias especulativas do pobre e o rico, algumas vesses indefiníveis, sobretudo nas últimas décadas do século XX, se estacionaram como referentes para dividir a cidade em espaços de admissão ou aversão.

Nas duas categorias das sociedades democráticas, sempre existiu o medo a ser, ou demasiado miserável ou muito afortunado, para alcançar o consentimento do acesso a certos espaços da cidade. Definir as características morfológicas e tipológicas de uma parte da cidade, pode traduzir-se, por acima da intencionalidade, numa política de separação e exclusão, no que se especifiquem o nível de estruturas, equipamentos, espaços verdes, escolas, centros, geologia, indústria, entre outros. A tradição também pode converter-se em símbolo de expulsão, porque as obrigações metafisicas e metodológicas, se estendem como uma série de elementos sacros, onde o ritual de iniciação sempre está condicionado pela política histórica que antecede ao objeto conceitual (Secchi, 2015).

O campo CTS, a Antropologia e a História têm questionado a consolidação os espaços urbanos como espaços históricos de diversidade na cidade, que se materializam na urbanização simbólica de forma difusa, limítrofe, pública, sometida a dinâmicas centralizadas, massificadas, estratificada e de consumo. A noção de cidade o não cidade,

[12] Minha tradução. Texto original: "Primer período. La industria y el proceso de industrialización asaltan y arrollan la realidad urbana preexistente hasta destruirla mediante la práctica v la ideología y extirparla de la realidad. La industrialización, llevada según una estrategia de clase, se comporta como potencia negativa de la realidad urbana: la economía industrial niega lo social urbano. Segundo período (en parte yuxtapuesto al primero). La urbanización se extiende. La sociedad urbana se generaliza. La realidad urbana se hace reconocer en su destrucción y a través de esta misma destrucción, como realidad socioeconómica. Se descubre que la sociedad total corre el riesgo de descomponerse si la ciudad y la centralidad le faltan; ha desaparecido un dispositivo esencial para la urbanización planificada de la producción y del consumo. Tercer período. Se reencuentra o se reinventa (no sin que la práctica y las concepciones sufran su destrucción) la realidad urbana. Se intenta restituir la centralidad. ¿Quiere esto decir que ha desaparecido la estrategia de clases? No es así: simplemente. se ha modificado. A las antiguas centralidades, a la descomposición de los centros. sustituye ahora el centro de decisión" (Lefebvre, 1968, p. 38).

como diz Marc Auge, é ao mesmo temo uma expressão e uma reprodução da sociedade heterogênea, comprimida e coesa (Borja, 2014). Os discursos de modernidade que sofrem de fascinação, alguns marcados de otimismo e outros de desencantamento, trona possível refletir sobre a cidade considerando a cultura como um fator determinante, pois existe uma relação consubstancial e indissolúvel que se expressa no pensamento e os imaginários urbanos (Carion, 2010 em Arias, 2014).

Numa cidade onde a pluralidade é relativizada e a alteridade vista como um estado transitório, cria identidade coletivas fusionadas, governa o fantasma da mitificação individual. A crises da modernidade, bem pode ser atribuída ao encontro da imposição da identidade com a alteridade, mas ao mesmo tempo, ao mal-estar simbólico em toda a extensão epistemológica (Auge, 1998). A cidade é como argumenta Lefebvre (1969 *apud* Arias, 2014), uma expressão da sociedade e ao mesmo tempo, uma contradição múltipla do sistema, no que se plasma a estrutura e as relações urbanas.

A América Latina, apreende grandes desigualdades, pobrezas e riquezas, consolidando grandes subúrbios praticamente idênticos; nas palavras de Gilbert:

> A Paz, arquétipo de cidade andina, caracteriza-se por sua empobrecida população indígena que mora entre as nuvens; Rio de Janeiro caleidoscópio cultural, de praias e sol, de estilos de vida e glamour, pertence a um mundo totalmente distinto. Bogotá é diferente: uma cidade pobre que, a diferença das maiorias das urbes latino-americanas, não se empobreceu mais durante o decênio de 1980. Caracas, com suas vias rápidas e arranha-céus, resulta muito similar a uma cidade estadunidense; solo as colinas circundantes invalidas de casebres, lembram ao visitante onde se encontra. Por último, Guadalajara, em aparência uma perla de limpeza e amabilidade mexicana, é uma franca contradição à desordem evidente nas demais cidades (Gilbert, 1997, p. 15).[13]

A inclusão e exclusão social como um fenômeno de perpetuação e secularização, continuam. Nos países como Brasil a companhia americana Alphaville tem construído dezenas de condomínios fechados de grandes dimensões consolidando exclusivas cidades novas que já alcançam até os cem mil habitantes; na Argentina, mais especificamente em Buenos Aires, em meados do século XX, podiam encontrar-se perto de 450 condomínios fechados, cada um com seu próprio nome, para os mais ricos.

[13] Minha tradução. Texto original: "La Paz, arquetipo de ciudad andina, se caracteriza por su empobrecida población indígena que habita entre las nubes; Río de Janeiro, caleidoscopio cultural, de playas y sol, de estilos de vida y glamur, pertenece a un mundo totalmente distinto. Bogotá es diferente: una ciudad pobre que, a diferencia de la mayoría de las ciudades latinoamericanas, no se empobreció más durante el decenio de 1980. Caracas, con sus vías rápidas y rascacielos, resulta muy similar a una ciudad estadunidense; solo las colinas circundantes invadidas de casuchas le recuerdan al visitante donde se encuentra. Por último, Guadalajara, en apariencia una perla de limpieza y amabilidad mexicanas, es una franca contradicción al desorden evidente en las demás ciudades" (Gilbert, 1997, p. 15).

Os modelos urbanísticos New urbanism e Smart Cities, nascidos da década de 1980 nos Estados Unidos e replicados na América Latina, defendem critérios estéticos e retóricas de poder, num marketing de qualidade e seguridade que atualmente são pilares da construção da moradia moderna (Secchi, 2015). Estas ilhas artificiais, privadas e aparentemente novas, que tem começado a formar parte da cidade, tendem a imitar cada vez mais, os espaços públicos clássicos com certa atitude contemporânea. A intenção de separar aos grupos por suas condições econômicas, segue perpetuando-se no desenho da cidade, assinalando até com divisões, a separação do passado com o contemporâneo (Rytwert, 2010, p. 4).

A transformação das cidades, não é um processo que possa cessar; pois seu dinamismo repercute nos efeitos simbólicos da redenção cultural, onde a cultura no mundo contemporâneo, a luta contra os efeitos da globalização e a falsa inclusão do universal. Analisar esta relação é transcendente, porque as paisagens dos textos de Baudelaire, Chateaubriand, Proust ou Benjamin, aferrados à memória da experiência das pessoas que habitam os espaços de socialização, se tem deslocado até o ponto de encontrar agora, lugares nostálgicos entre pessoas condenadas a não se reencontrar jamais (Vargas, 2013).

A organização espacial da cidade industrial moderna, é talvez a mostra mais representativa da invenção de falsa autonomia; a desconexão parece ser o caminho por onde a estrutura espacial da cidade começa a se consolidar. A industrialização que caracteriza a noção moderna, e que tende a implantar-se fora das cidades, logram distinguir-se das cidades antigas, onde seu capital disponível ficava no centro através de bancos, meios de produção e reserva de mão de obra, num limitado espaço. Este fato, produz nas cidades industriais, seus próprios centros urbanos e aglomerações que contribuem na deterioração do centro da cidade e suas representações. Nas palavras de Lefebvre:

> A indústria pode prescindir da cidade antiga (pré-industrial, pré-capitalista), mas, para isto, deve construir aglomerações nas que o caráter urbano se deteriora [...] onde um reticulo de antigas cidades preexiste [...]. Se apodera do reticulo, remodelá-lo de acordo a suas necessidades. Azimíssimo, ataca à cidade (a cada cidade), apresenta-lhe combate, a apanha, a abate. Apoderando-se dos antigos núcleos, tende a quebrara-la. Isto não impede a extensão do fenômeno urbano: cidades e aglomerações, cidades obreiras, bairros periféricos [...] nós encontramos ante um duplo processo, ou, se prefere-se, ante um processo com dois aspetos: industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social (Lefebvre, 2020, p, 25).[14]

[14] Minha tradução. Texto original: "La industria puede prescindir de la ciudad antigua (preindustrial, pre capitalista), pero, para ello, debe construir aglomeraciones en las que el carácter urbano se deteriora […] donde un retículo de antiguas ciudades prexiste, la industria lo toma al asalto. Se apodera del retículo, lo remodela de acuerdo con sus necesidades. Asimismo, ataca a la ciudad (a cada ciudad), le presenta combate, la toma, la

Em finais do século XX, regiões da América Latina copiaram em sua grande maioria, o desenvolvimento urbano que se internacionalizou afora. Durante os anos 40 a moda dos subúrbios ricos foi construir casas de estilo inglês, muito parecidas hoje, ao estilo que mantem as zonas residenciais da elite estadunidense (Gilbert, 1997). As cidades latino-americanas remitidas desde suas origens, a um contra sentido, por um lado de ordem físico em respeito à construção de suas edificações urbanas, e por outro, a seus signos de referência e estabilidade, permitiram consolidar a ideia de cidade como um artefato tecnológico de desenvolvimento, como um projeto moderno ou revolucionário.

As cidades latino-americanas como construção cultural, no que respeita às análises que projetaremos mais adiante, procuram oferecer uma alternativa de invenção que ao redor dos estudos históricos, consolida o caráter de representação simbólica, nas simbioses de sua própria transformação técnica (Gorelik, 2022; Orellana, 2016; Rama, 2009). Olharemos cidades latino-americanas, como uma figura de imaginação coletiva, cujas fraturas históricas, encarnam ideais próprios da época e das realidades seculares que resistem, lutam e se consolidam em meio das transformações contemporâneas.

Analogamente, a tradição de converter a cidade, como um estigma de fenômenos sociais, é herança direta de começos do século XIX na Europa. O crescimento acelerado da urbanização nas cidades industriais, impulsionou condições de vida excludentes e ideais de riqueza e progresso que marcaram o curso do desenvolvimento econômico. As cidades emergentes deviam expulsar aos arcaizantes, enquanto os futuristas, planejavam reformas, localizando ao pensamento urbano como uma fase da história: entre um passado sombrio e um futuro promissório. (Schorske, 2006)

Esta foi a herança do século XIX que chegou a América, e se instaurou nas regiões mais pobres, onde as tecnologias começavam a formar parte do meio colonial, a reestruturação das organizações de trabalho, a produção da vida social, criando dinâmicas emergentes que reconfiguraram os espaços urbanos, mas que ao mesmo tempo, consolidaram limites de desigualdades e segregação contínua. (Hess e Line, 1992; Villota-Enríquez, 2018). As regiões do norte da América, também se viram voltadas pelos novos avanços

arrasa. Adueñándose de los antiguos núcleos, tiende a romperla. Ello no impide la extensión del fenómeno urbano: ciudades y aglomeraciones, ciudades obreras, barrios periféricos […] Nos encontramos ante un *doble proceso,* o, si se prefiere, ante un proceso con dos aspectos: industrialización y urbanización, crecimiento y desarrollo, producción económica y vida social" (Lefebvre, 2020, p. 25).

tecnológicos, não obstante, não levantaram maiores objeções e se submeteram as transformações em prol de alcançar a modernização.

O desenvolvimento interno de 1920 e 1930, fizeram possível a industrialização a partir da construção de vias férreas e de rodovias que reformaram o crescimento produtivo em vários setores (Borsdorf, 2003). No Canadá, a elaboração interna do estado seguiu os marcos estabelecidos do imperialismo contemporâneo, permitindo uma sociedade de controle que enfrentou a colonos e grupos indígenas na luta pelos territórios como parte da identidade cultural. A diversidade canadense, se diluiu então, só com o propósito de legitimar ao Estado e monopolizar o território, experimentando uma colonização intelectual e ideológica em escolas, residências, programas governamentais e imagens, como uma forma de enaltecer as atitudes racistas dos colonos.

Nas palavras do crítico britânico Arthur Blair, todos terminam sendo iguais, mas alguns mais iguais que outros. Há também referência a esta dinâmica, como a pirâmide dos pequenos tiranos*;* oprimidos que permitem ser oprimidos e até cooperam com seus opressores para oprimir a outros, e assim criar, um nível de privilégios para si mesmos (Barker, 2009). A esperançada liberdade que os dirigentes das regiões do norte da América prometeram, como formas de estabilização, alimentou permanentemente a ideologização da opressão simbólica, mas consentida; sendo o racismo, a segregação e a desigualdade social, consequências permanentes na consolidação dos Estados.

Em abril de 1994, só por aludir um acontecimento, uma multidão de brancos perseguiu um homem negro inocente pelas ruas do centro de Toronto, convencidos de que era um fugitivo. Este incidente detonado pelos meios de comunicação quando fizeram circular fotografias desfocadas de um homem de cor com *dreadlock* foi amplamente difundido. Depois deste evento, jovens negros com o sem *dreadlock,* se tornaram monstros atribuídos à histeria pública. Um colunista liberal do Globe and Mail chamado Michel Valpy, se aventurou a vincular a tendência crescente de crimes violentos aleatórios ocorridos na cidade de Toronto, com a aparição de jovens negros de origem jamaicano, que ele descreveu como promotores de uma cultura de violência. Para o jornalista, a vestimenta, o dialeto e o comportamento dos jovens negros foram um perigo porque intimidavam aos outros jovens canadenses (Clarke, 1997).

Nas últimas décadas do Século XX, frente aos processos de segregação social no Canadá, vários cidadãos conscientizados em incluir as diferenças como parte construção nacional, tem propiciado pequenas resistências. No verão de 1990 quando os Mohawks armados, bloquearam a construção de um campo de golfe em Quebec, porque o dito território fazia parte do cemitério sagrado do povo Oka, uma multidão saiu em sua defesa. Quando o exército canadense atendeu ao chamado, para apresar aos líderes Mohawks, estes foram violentados e apedrejados pela turba branca, impedindo a reação da polícia provincial, *La Sureté du Quebec*. (Baker, 2009). Este episódio, reconhece a aceitação e visibilização dos povos indígenas canadenses, como atores simbólicos na reconfiguração da identidade nacional cultural canadense.

Distintamente às regiões do norte, a América Latina levou a costas o imaginário de querer-se integrar à contemporaneidade, mas de não triunfou por suas próprias realidades históricas, convulsa na representação do poder, sobretudo em finais do século XIX, quando se agudizaram os problemas políticos, a luta de classes, a aceitação das diversidades sociais, a defesa coletiva dos direitos cidadãos, entre outros. A ideia de modernização na década de 1930, sobretudo na consolidação das cidades, foi contraditória porque em meio da exclusão donde a maioria eram pobres e as minorias ricas, confluiu a contradição de construir uma economia nacional, fragmentando a cidade local.

Os problemas que suscitou a tecnologização ao Sul, bateu às diversidades e os processos inclusão. Nos anos cinquenta do Século XX, a relação centro – periferia projetou, economias dissociativas e um dualismo entre o tradicional e moderno. Frente a este panorama, a maioria de grupos sociais, criticaram fortemente o planejamento e transformação que trouxe o desenvolvimento econômico, tentando domesticar a revolução e substituindo o mundo rural para depois condená-lo à miséria. A fundação de cidades ao Sul da região, experimentaram o desenvolvimento dos valores ocidentais pensados só para certos tipos de sociedades (Blain, 2018; De Nieto, 1978; Goelik, 2003).

O legado destas dinâmicas aprecia-se hoje, na arquitetura e na herança cultural que mistura as técnicas europeias com as americanas. Entre 1820 até 1870, a maioria de países ibero-americanas viveram uma confusão política e uma disputa ideológica permanente, que ente 1920 e 1940 no discurso de desenvolvimento econômico, podia olhar-se a fragmentação dos territórios (Bethell, 2000). Azuela descreveu a América latina, neste período como:

“países desgarrados não só por suas misérias e repressões ou suas oligarquias e ditaduras, senão por suas revoluções erradas e o peso injusto de tantas dívidas” (1991, p. 13).

Para Leopoldo Zea, as regiões latino-americanas se encontravam enfrentando um mundo interno, no qual se sentiam inadaptados ao ‘moderno’, mas também ambíguos. O boom nas cidades, díspar nos territórios pelo desenvolvimento intrínseco de seu crescimento econômico e industrial, disparou ainda mais a brecha de pobres em comparação com os ricos. (Riofrio, 2010; Santana, 2000). Foi de notoriedade, a crise de alguns Estados, que prevendo a atenção de demandas sociais, colapsaram pelas extensões territoriais de suas pobrezas, tendo que improvisar e fragmentação a cidade, de forma irregular para criar entornos não previstos nas demandas de desenvolvimento social.

A localização das indústrias na América Latina, se deu considerando custos, matérias, energia, facilidade de comercialização, e disponibilidade de mão de obra. Os centros urbanos mais desenvolvidos, idealizaram a acumulação do capital, como uma forma representativa do uso e manejo do poder administrativo, que normalmente vinha de atividades agrícolas, pecuárias ou mineiras (Uribe e Székely, 1979). Durante a década de 1990, na Colômbia e especificamente na área metropolitana de Cali, a projeção tecnológica, converteu a cidade, em numa das economias industriais mais sobressalentes do país. Cali, recebeu ao fenômeno da industrialização, como uma oportunidade de crescimento econômico, expandindo-se depois a outros municípios como no caso de Jumbo, Palmira e Jamundi.

Como efeito contrário, a ampliação das áreas de industrialização, significaram uma perda, sobretudo na representatividade do centro, transformando seu caráter patrimonial e histórico na população. O crescimento de Cali, propiciou a aparição de novas centralidades periféricas, que já não se desprendiam da Praça Caicedo e seus arredores (Sebastian, 2018; Toro, 2014). Os problemas de estratificação, insegurança, congestionamento veicular e ocupação do uso residencial inadequado de vendedores e indigentes no centro da cidade, fomenta a iniciativa de novas dinâmicas urbanas que trazem identidades sociais muito diferentes, de formas desiguais e fortuitas. A identidade contida representativamente na arquitetura da cidade, associa o valor da memória na reflexão do que somos. Ítalo Calvino descreveu o passado da cidade assim:

> Nessa onda de memórias que reflui, a cidade absorve como uma esponja e se expande […] mas a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas de uma mão, escritas

> nas esquinas das ruas, nas barras das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nas os mastros das bandeiras, cada segmento sulcado por arranhões, entalhes, incisões, vírgulas (Calvino, 1972, p. 31-32).[15]

A aleatoriedade com a que hoje se consideram certos lugares como históricos, representativos e patrimoniais numa cidade, descansa sobre a vontade de perpetuação simbólica. Chama a atenção no campo patrimonial, a integração que tem surgido desde a arquitetura da mistura de técnicas e tecnologias para resguardar as tradições, mas ao mesmo tempo para mostrar o contemporâneo. Em Cali, a nova arquitetura que projeta por meio da utilização de novos materiais como o concreto armado, aço e vidro, se contrasta com a estética de lugares que ainda não tem sido deslocado da tradição. A hibridação desbordada da arquitetônica se deve a dois fatores, por um lado, o massivo interesse ao crescimento e tecnologização, e por outro, a progressiva interação cultural que conserva a tradição arquitetônica como a Central de Transportes, El Centro Assistencial Comfandi de Francisco Sornoza e Pablo Marulanda em 1972, a Casa Solanilla de 1967 com cobertas de telhas de barro, a Urbanização Mónaco de Benjamin Barney em 1976 onde utiliza-se tijolos, entre outras imitações próprias de Bogotá (Sierra, 2016; Perdomo, 2013).

Os processos de transformação tecnológica, estão incidindo, na construção de outros tipos de cidade simbólica ao interior da mesma representação. A lógica de nodos e redes com os que se desenha a cidade, nos conduzem a uma sociedade fractal onde aumentam as desigualdades, a segregação e as violências, como resultado da imposição de uma organização econômica de pautas de consumo e circulação agressivas. As tecnologias nesta nova construção de cidade estariam exercendo um grande papel, ao justapor multiplex realidades e planos, num mesmo tempo e espaço descontinuo (Mattos, 2002).

Há cidades latino-americanas que percorrem os mesmos rumos que as cidades europeias e as norte-americanas, com exceção, que sua expansão, critica pelo fato de segundar a ideia de desenvolvimento, exclui a tradição de sua própria linha histórica, e nesta direção, cria legados patrimoniais como referentes culturais, mais próximos ao supérfluo, onde as realidades distam dos imaginários coletivos que os cidadãos têm de seus territórios.

[15] Minha tradução. Texto original: “En esta ola de recuerdos que refluye la ciudad se embebe como una esponja y se dilata […] Pero la ciudad no cuenta su pasado, lo contiene como las líneas de una mano, escrito en las esquinas de las calles, en las rejas de las ventanas, en los pasamanos de las escaleras, en las antenas de los pararrayos, en las astas de las banderas, cada segmento surcado a su vez por arañazos, muescas, incisiones, comas” (Ítalo Calvino, 1972, p. 31-32).

1.3. Objetivos

Objetivos gerais

- Caracterizar, descrever e analisar a representação de cidade colonial e industrial na Colômbia e no Canadá, como se constrói a cultura patrimonial desde a história, identidade e cultura em finais do século XX e princípios do século XXI (1980-2022).

Objetivos específicos

- Descrever e identificar as transformações sociais, espaciais e patrimoniais do centro histórico num radar de quatro ruas das cidades coloniais de Popayán na Colômbia e Kingston, Ontário no Canadá.
- Descrever e identificar as transformações sociais, espaciais e patrimoniais do centro histórico num radar de quatro ruas das cidades industriais de Cali na Colômbia e Toronto no Canadá.
- Comparar as transformações da cidade colonial e industrial na Colômbia e no Canadá, em relação a sua cultura patrimonial, identidade e cultura desde finais do século XX até princípios do século XXI.
- Analisar e refletir sobre os aspectos emergentes dos estudos CTS e as representações das cidades coloniais e industriais.

1.4. Metodologia

O método de análise descritiva adotado como recurso teórico-metodológico ao longo desta pesquisa, pretende mostrar interdisciplinarmente no campo de estudos – CTS, categorias, demarcações e interpretações do desenvolvimento por meio da construção das regiões americanas no transcurso da construção tecnológica de sua história local contemporânea. Pretende-se desde os saberes objetivados, situar os modos e formas de descrever e analisar os acontecimentos históricos; mas também, irromper e reescrever no debate do desenvolvimento, a razão pela qual as regiões vivem e constroem suas próprias realidades espaço temporais, considerando sempre relevantes seu contexto particular, a

cultura, diferenciação, e sobretudo, os critérios de codificação de suas próprias descontinuidades. De acordo com Vazquez, Lahitte e Tujague:

> A análise descritiva é uma ferramenta poderosa que ajuda a evidenciar os caminhos mentais seguidos pelos pesquisadores. O movimento de pensamento que reflete, mais que reflexiona, conforma um motor básico para revisar o estatuto das próprias construções teóricas [...] a análise descritiva permite estabelecer, delimitando melhor os alcances das construções cientificas e verificando o conhecimento proposto a partir do que poderia denominar-se uma prova metodológica padrão (Vazquez, Lahitte e Tujague, 2010, p. 113-114).[16]

De forma geral, construiremos uma representação de categorias e dimensões, com descrições e atributos, onde os referentes teóricos sejam a ponte para aceder aos elementos que compõem o universo do objeto, e nos permitam extrair, traços distintivos para acoplá-los ao cenário da discussão das hipóteses e objetivos construídos. Nosso ponto de partida foi considerar que existem diferentes tipos de desenvolvimento, e que a contemporaneidade como elemento integrador nos processos tecnológicos, desafia as dinâmicas dos territórios, na adoção da consolidação da ideia de uma 'sociedade civilizada'.

Nesta direção, as regiões estudadas se projetaram discursivamente desde os centros urbanos, considerando os traçados geométricos regulares, como uma estrutura formal na materialização da cidade planificada, estabelecida comumente desde seu nascimento, primeiros assentamentos ou fundação (Rojas, 1982). A descrição dos antecedentes históricos, polêmicas, guerras e pacificações que fazem parte da identidade e a cultura dos povos em ambas as regiões, será abordado com a maior ética e responsabilidade possível, situando-nos sempre desde nossa realidade latino-americana.

O método de análise descritiva articula o enfoque histórico-urbano e sócio histórico a longo desta pesquisa, procura passar da descrição e análises dos fatos ao análises do sentido histórico dos fatos, o que implica a recuperação da historicidade na concretude dos fenômenos, e ao mesmo tempo, dos processos atuais (Piovani e Krawczyk, 2017), com o fim de compreender sua singularidade nos novos desafios que propõem os discursos de cidade, e a integração de seus elementos, que podem ter diversas formas de expressão na história do surgimento da cidade e seus câmbios locais, com a noção de contemporaneidade.

[16] Minh tradução. Texto original: "El análisis descriptivo es una herramienta poderosa que ayuda a evidenciar los caminos mentales seguidos por los investigadores. El movimiento de pensamiento que refleja, más que reflexivo, conforma un motor básico para revisar el estatuto de las propias construcciones teóricas a la hora de hacer ciencia [...] el análisis descriptivo permite establecer, delimitando mejor el alcance de las construcciones científicas y verificando el conocimiento propuesto a partir de lo que podría denominarse una prueba metodológica estándar" (Vazquez, Lahitte e Tujague, 2010, p. 113-114).

A reflexão sobre a história da paisagem urbana, ainda abstrata, pelos elementos que compõem o conjunto de suas representações, e sua transformação na fuga para a frente, avança na gestão do valor patrimonial, com o fim de integrar as intervenções, nas denominadas tradições que ao ser subjetivas, terminam também ampliando a perspectiva e renovando os conceitos das transformações locais (Lalana, 2011).

As recentes dinâmicas registradas nas paisagens urbanos e suas representações, proporcionam hoje, novos desafios que obrigam a ampliar o espectro do panorama cultural e redefini-lo; é esta a razão pela qual os análises das similitudes, diferenças e padrões dos estudos comparativos podem revelar propriedades enfáticas nos estilos de efeito real, considerado independente, a partir da verificação de estados em dois pontos de tempo – antes e depois – da transformação consecutiva do objeto experimental (Piovani e Krawczyk, 2017).

O aporte metodológico dos estudos comparativos aponta que as relações empíricas gerais entre dois o mais variáveis controladas como o tempo, incorporam um valor agregado, considerando o espaço, também como variável relativa do objeto de estudo tecnológico. A crítica convergente amplamente considerada ao longo do texto, não procura estabelecer paralelismos unilaterais em respeito às variáveis do tempo ou espaço, senão melhor, pretende envolver as dinâmicas espaço-temporais, numa estrutura discursiva de compreensão do fenômeno e sua reconfiguração como atores determinantes na construção de sua própria história.

O período do processo desta pesquisa, transcorreu entre fevereiro de 2019 e dezembro de 2023. Em 2020 tempo marcado pelos impactos da pandemia mundial do Covid-19, se iniciou com a definição do problema, os objetivos e a delimitação do campo de estudo. Durante esta fase se realizou um análise documental das regiões involucradas, considerando relevantes seus posições geográficas e históricas na consolidação dos imaginários contemporâneos em América do Norte e América do Sul. Posteriormente até 2021, se continuou com a revisão bibliográfica, mas esta vez, mais enfocada nas características gerais que involucravam a consolidação das cidades como processo de transição e transformação ao longo de 1980 até 2022, revisando eventos e conexões especificas nestes períodos com fontes locais nas quatro cidades, para poder estabelecer a perspectiva de desenvolvimento local na inserção das tecnologias em cada cidade.

Em finais do 2021 e meados 2022, realizou-se o trabalho de campo com o fim de revisar os arquivos históricos, coletar fontes primárias, narrações, histórias de vida e tirar fotografias atualizadas do setor histórico, que ajudaram na consolidação do objeto de estudo. Finalmente em 2023, se realizam os primeiros análises e se contrastam os referentes documentais com o trabalho de campo, procurando as análises dos dados para obter resultados e conclusões extraídas delas. A escritura deste documento se realiza na consolidação deste período. Para dar uma maior ordem e atender ao problema e os objetivos planejados durante o texto, metodologicamente, esta pesquisa se dividiu em quatro etapas:

Primeira etapa - Revisão documental. Nesta fase realizou-se uma avaliação de fontes primárias e secundarias de informações, presentes nos arquivos históricos das cidades, universidades e publicações. Esta procura de fontes documentais, consolidou o enquadramento teórico, conceitual e histórico, bem como a configuração do campo de estudos, encaminhado a sistematizar desde a noção de desenvolvimento social a transformação dos centros urbanos das cidades.

Entre as fontes documentais primárias examinadas destaca-se os jornais, publicações, fotografias e arquivos históricos em cada uma das cidades. A pesquisa documental histórica na Colômbia foi feita no Archivo Histórico de Cali, o Archivo de Patrimonio Fotográfico y Fílmico del Valle del Cauca, o Centro de Investigaciones Históricas José Maria Arboleda Llorente, o Archivo de la Gobernación del Cauca, o Archivo General de la Nación e a Sección de Gestión Documental da Universidad del Valle e a Universidad ICESI. A pesquisa documental histórica no Canadá foi realizada em Kingston Historical Society, Queen´s University Archives, o Digital Kingston, o Digital Archive Toronto, The Corporation of the city of Kingston, City of Toronto Arquives, o Digital Archive Ontário e Discover Archieves da University of Toronto.

As fontes primárias descrevem as relações das transformações da cidade a partir dos fatos sociais, econômicos, políticos e culturais nos que participam diferentes grupos por cada região. Entre as fontes secundárias pesquisadas encontram-se algumas histórias de vida dos habitantes mais velhos das cidades em estudo, filmes e a representação de obra de arte como extensão das percepções da transformação local.

Segunda etapa - trabalho de campo. Esta fase se realizou em etapas nas quatro cidades estudadas, durante quatro meses. Compreendeu uma porcentagem relevante, a revisão de acervos em físicos dos arquivos históricos que não puderam ser estudados remotamente, pelo estado de deterioração dos materiais. Durante o trabalho de campo, percorreu-se cada uma das cidades, nos adentraremos a descrever e identificar as transformações sociais, espaciais e patrimoniais do centro, num radar cardinal de quatro ruas ao redor da localização da Praça Central principal, previamente identificada. A ubiquação do centro em cada cidade foi primordial, porque permitiu registrar documental e fotograficamente, os elementos de expansão urbanos da arquitetônica de expressão colonial ou industrial que se incorpora e prevalece na cidade como parte do legado patrimonial contemporâneo. Tanto na Colômbia, como no Canadá, a transformação simbólica, representativa e ornamental de cada cidade foi contrastada considerando a ideia de sociedade, identidade, história e patrimônio locais e próprios.

Os aspectos éticos a considerar no trabalho de campo repousam na inclusão tanto da história hegemônica construída desde as elites, como a história desde, reconfigurada pelo povo para criar lugares de reivindicação e identidade social. Esta metodologia articula e integra a visão histórica das realidades, a primeira a imposta e a segunda a invenção, considerando ao desenvolvimento como um rastro perceptível na arquitetura urbano. Nesta etapa se contou com o respaldo do Grupo de Estúdios Sociales y Comparativos – GESC na Colômbia, e as permissões antecipadas enviadas a docentes e às instituições locais de cada cidade internamente (Ver Anexo 1).

Terceira etapa: análises da revisão documental e o trabalho de campo. Nesta fase, avaliou-se e confrontou a informação coletada em ambas as etapas estabelecendo-se um paralelo de pontos convergentes e divergências das transformações da cidade colonial e industrial na projeção contemporânea. Este estudo segue uma cronologia linear histórica ascendente considerando relevantes os anos de transformação urbana na arquitetura de cada cidade de 1980 até 2022, onde se identificaram previamente acontecimentos relevantes para poder estabelecer estas análises.

Para contrastar os acontecimentos históricos no Canadá, consideraremos as relações simbólicas de desenvolvimento que envolvem seus territórios, e para Colômbia, o

subdesenvolvimento das regiões, considerando as dependências históricas como referentes representativos.

De norte a sul da América, o contraste da história, a identidade patrimonial e a cultura, atenderam a suas próprias formas de transformação social e tecnológica como influência dos processos inerentes ao progresso. Nesta etapa serão indispensáveis gráficos, tabelas e fotografias que contrastam a construção do urbano como uma janela de observação na transformação e transmutação social.

Quarta e última etapa: socialização do documento final de tese. Nesta fase se analisou e contrastou desde a representação de cidade colonial e industrial na Colômbia e no Canadá, como se construiu a cultura patrimonial desde a história, identidade e cultura em finais do século XX e princípios do século XXI desde 1980-2022, considerando os avanços locais de cada uma das regiões destacáveis na reconfiguração das tecnologias e o desenvolvimento, como formas de consolidação contemporâneas.

Nosso posicionamento desde as narrativas latino-americanas não pretende comparar fatos históricos numa região ou outra, senão assinalar os antecedentes e recorridos seguidos nos territórios desde a reconstrução e configuração dos impactos modernizadores nos territórios a partir do contraste de registros documentais, fotografias e artefatos tecnológicos que foram instrumentalizados desde a era tecnológica na contemporaneidade como imaginário. A consolidação deste documento final de presente tese apresentado a continuação, é o resultado desta etapa.

Os resultados do estudo foram submetidos aos critérios de autenticidade de dois softwares libre, Copy Spider no Brasil e Turnitin da Universidad del Valle na Colombia. As informações conferidas marcaram uma porcentagem de autenticidade de aproximadamente o 94% e o 96%. Os resultados do estudo foram submetidos a periódicos científicos indexados em categorias A e B Qualis Capes - Brasil e Publindex na Colombia, sendo enviado para avaliação a consolidação dos referentes teóricos e a sínteses dos capítulos um e dois.



Cidade de Popayán – Colômbia. Parque Caldas centro histórico 1999.

Capítulo II. O Surgimento de cidades coloniais na América

Nas primeiras décadas do século XIX, as construções urbanas começaram a ser estudadas desde as representações sociais e culturais gestadas na reflexão crítica do espaço, e, a importância que se havia construído, na reminiscência de seus costumes. Os significados das transformações das cidades, observados desde as residências até a consolidação dos espaços públicos, foi objeto de reflexão de intelectuais como Lefebvre, Bacelar, Soya, Harvey e outros críticos, que abordaram a cidade como um lugar privilegiado, *lócus* das mais importantes e significativas experiências que tinha o ser humano.

A cidade é em termos gerais, uma materialização do desenvolvimento contemporâneo que integra desde as '*realidades'*, desafios que fraturaram a relação histórica frente à tradição (Duch, 2015; Germani, 1967). O efeito da '*cotidianidade*' que invadiu os processos mais mínimos de integração social, produzida na era tecnológica, ainda continua criando paradigmas e reproduzindo tensões incomensuráveis a uma nova revolução tecnológica que se se diluiu nos espaços sociais (Kuhn, 2019).

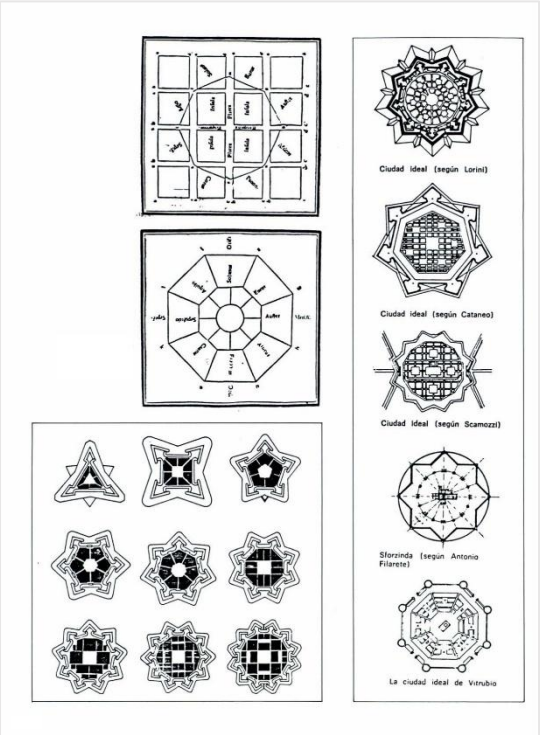
Pode-se considerar, que nos espaços urbanos, onde se reproduzem estas novas '*realidades*', se constroem distintas representações. Mais que isso, nos espaços artificiais não naturais, é onde se concentram as modalidades de secularização mais próximas ao desdobramento dos discursos de integração e de desenvolvimento. A formulação da paisagem urbana nesta pesquisa, parte de uma reflexão crítica sobre os acontecimentos mais relevantes nas últimas décadas, na incorporação e desenvolvimento do progressivo tecnológico na América do Norte e Sul, sem que isso signifique que caiamos na dicotômica relação da destruição ou preservação do objeto patrimonial, porque os dois fazem parte de um mesmo processo em que suas práticas são inseparáveis, e complementares para tratamento do tema cidade (Lalana, 2011).

A consideração paisagística da cidade que se estende desde o centro até a periferia, passa pelo limite da construção histórica à inserção da contemporaneidade no fluxo transitório dos objetos. A construção, interpretação e reconfiguração do significado dos espaços, faz parte das percepções de '*realidade*' que invisível para alguns atores sociais, reproduz padrões muito notáveis de divisão, permissão e supressão das dinâmicas locais, sobretudo, enquanto mais se insiste no discurso moderno. As primeiras cidades americanas

que se fundaram como núcleos Desestabilização de assentamentos foram estratégicas para conseguir a introspecção nas regiões vizinhas.

A adequação das cidades como espaço, foram representação de centros administrativos, religiosos, comerciais e culturais, tomando o controle do solo e as populações indígenas estabelecidas inicialmente. Todos os elementos de expansão que giraram ao redor das *cidades planificadas*, responderam a uma distribuição espacial inerente, de traçados regulares geométricos, onde o modelo de quadricular e de praça central, enalteceram a tradição do *damero*, procedente em parte das influências pré-colombianas (Tecnochtitlán e Cuzco), os traçados gregos e romanos de tradição militar, com influências renascentistas e a teoria da cidade ideal (Figura 1).

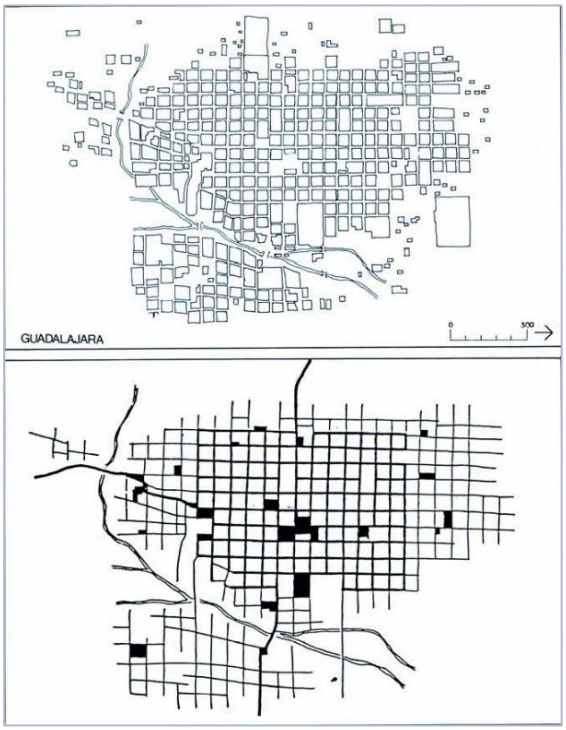
Figura 1. Modelos de traçados ideais do Renascimento.



Fonte: Rojas (1982, p. 62).

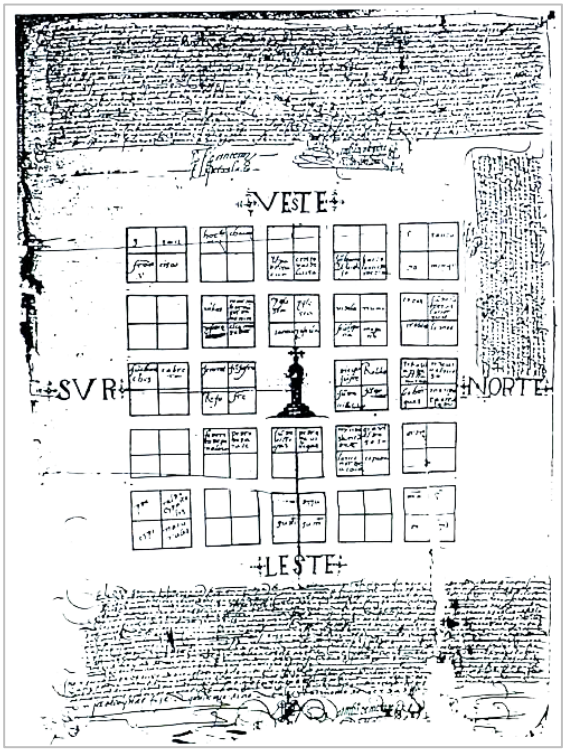
As primeiras quadriculas urbanas e as tipologias americanas, se implementaram em cidades fundadas durante o século XVI, ente elas, Guadalajara no México; Mendoza, Buenos Aires e Córdoba na Argentina; Santiago, Osorno e La Serena no Chile; Caracas e Barquisimeto na Venezuela; Lima e Huamanga no Peru, La Paz na Bolívia; e Santafé de Bogotá, Pasto e Tunja na Colômbia (Figuras 2-7) (Rojas, 1982).

Figura 2. Plano esquemático da expansão urbana da cidade de Guadalajara em México



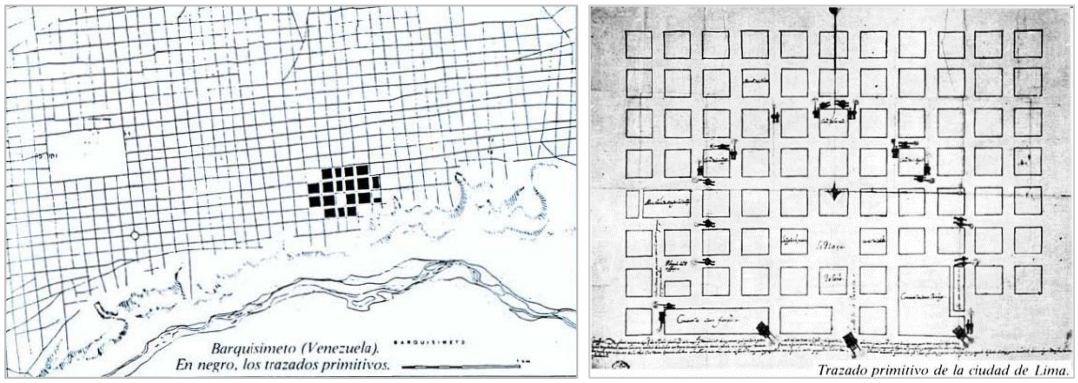
Fonte: Rojas (1982, p. 66).

Figura 3. Plano esquemático da fundação da cidade de Mendoza na Argentina.



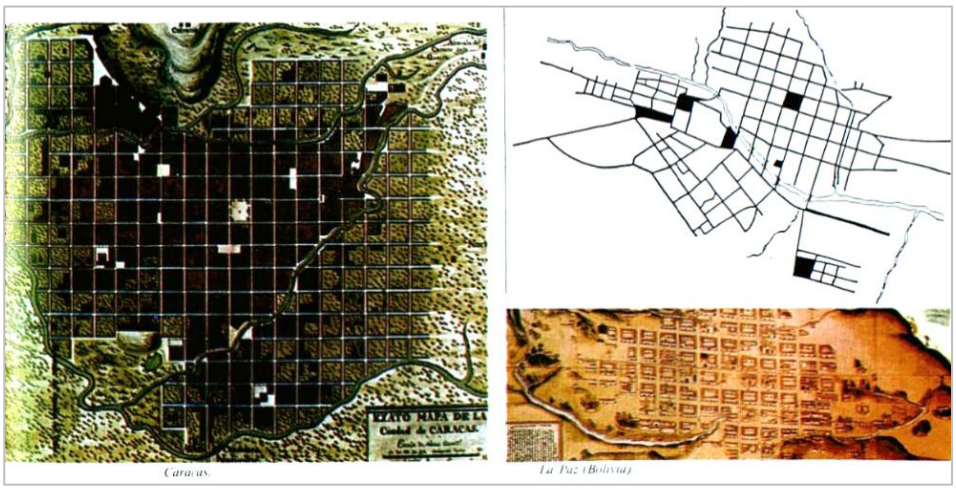
Fonte: Rojas (1982, p. 66).

Figura 4. Traço primitivo Barquisimeto, Venezuela e Lima



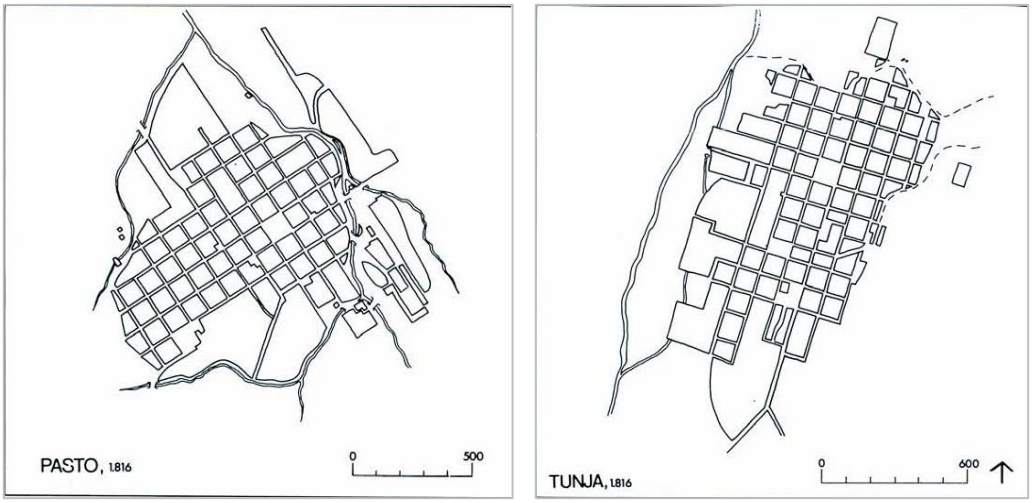
Fonte: Rojas (1982, p. 67).

Figura 5. Traçados geométricos da cidade de Caracas e La Paz, Bolívia.



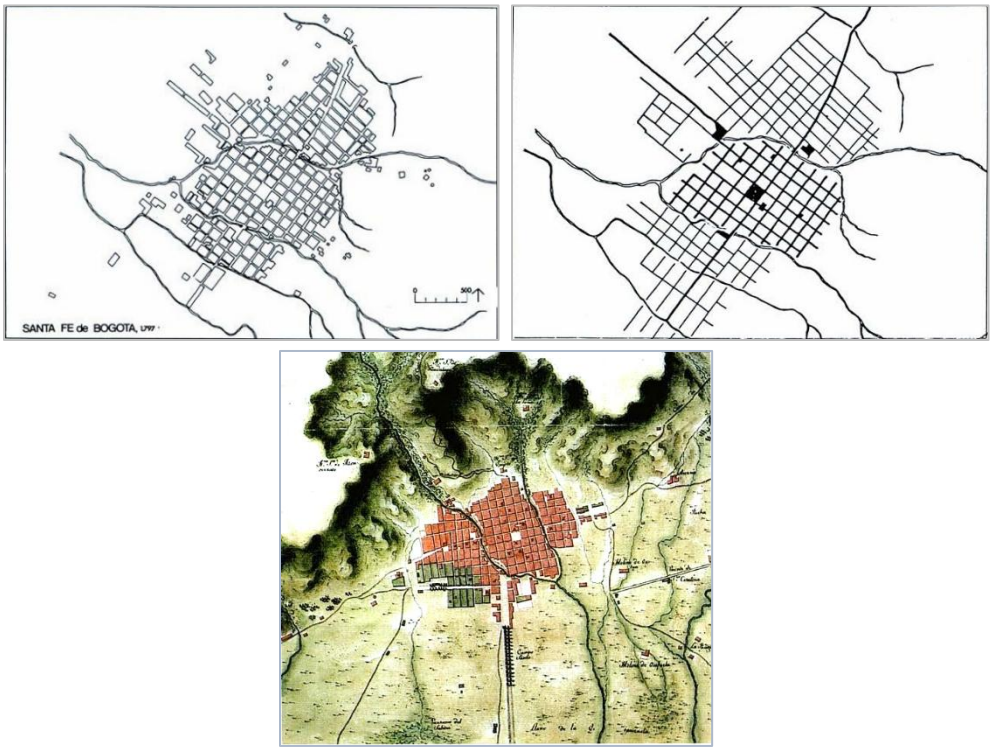
Fonte: Rojas (1982, p. 67).

Figura 6. Traçados geométricos da cidade de Pasto y Tunja na Colômbia.



Fonte: Rojas (1982, p. 68).

Figura 7. Traçados geométricos e expansão da cidade de Bogotá na Colômbia.



Fonte: Rojas (1982, p. 68).

Os centros urbanos identificados como lugares históricos mais representativos na cidade, conferiram na memória dos habitantes, um sentido de identidade coletivo que se perpetuou na materialização do patrimônio e se insertou nas formas ideológicas que correspondem ao uso dos espaços urbanos tradicionais e sua intervenção nas formas arquitetônicas. Ainda assim, existem nos panoramas urbanos, representações fragmentadas da história local que deslocados da centralidade, também começaram a formar parte do entramado simbólico dos espaços de memória e identidade. Em Popayán o antigo molinho de farinha de Moscopán localizado ao Sudeste da cidade, tem sido objeto de reconhecimento patrimonial nas últimas décadas; despertando o interesse do estudo cultural pelas edificações antigas que não haviam sido considerados na história local.

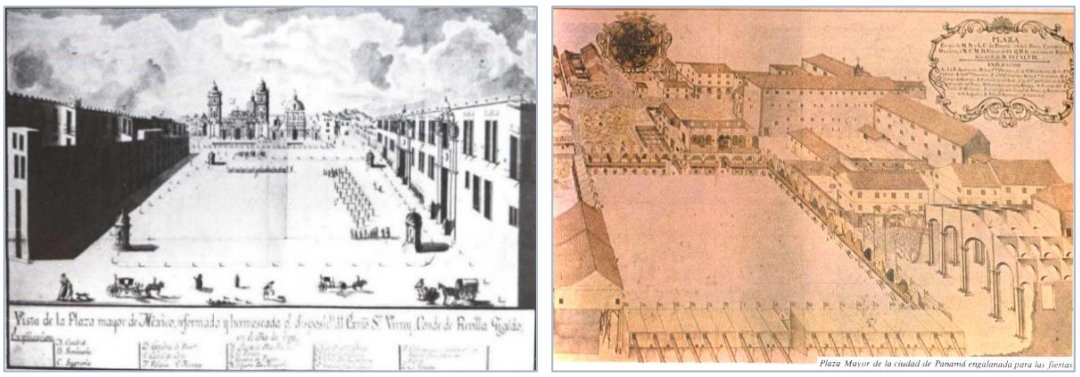
A proteção de determinadas peças que compõem as movimentações culturais na cidade, geram referentes que contrastam com as transformações que se desenvolvem no percurso da história. A conservação ao igual que a destruição patrimonial dos objetos que compõem a cidade, sobretudo em pleno século XIX, quando se começou a evidenciar as primeiras transformações, trouxe em termos urbanísticos, realidades bem diferenciadas, onde

cada peça urbana emanava um significado de tradição ou mutação. A dialética da conservação-destruição, se converteu então, numa prática contínua, inseparável e complementar para intentar unificar uma só ideia de cidade: uma que se debate entre a necessidade de criar a cidade moderna, e outra, de resguardar as edificações mais representativas na história, para conservar a memória (Mora, 1993).

O ordenamento territorial que se consolidou na maioria das regiões da América, foram disposições legais expressadas nas Ordenanças de descobrimentos, nova população e pacificação das Indias. A normativa de fundação e traçado de cidades, estava disposta nas Ordenanças de povoamento de Felipe II, sancionadas em 1517, e incluídas nas chamadas Leis de Índias, compiladas em 1638. A formação de quarteirões com formas retangulares, permitiram a distribuição homogênea dos lotes urbanos que se repartiram entre os primeiros povoadores. Algumas destas edificações compostas de solares, serviram como igrejas, casas reais, presídios, hospitais, conventos, e casas de conselho, localizando-se no centro pelo geral, a praça maior, representativa da trama urbana (Rojas, 1982, Villota-Enríquez, 2018).

O modelo arquitetônico de quadricula e da praça central, se perpetuou nas cidades americanas, extensa e numerosamente ao longo do século XVI, preservando-se quase de forma inalterável no transcurso dos séculos. As antigas praças maiores, também conhecidas como praças das armas, se materializaram em todas as fundações de cidade, em especial das colonizações espanholas na América, centrando suas atividades de desenvolvimento militar, religioso, mercantil e político, como uma das estratégias mais representativas de expansão (Figura 8) (Rojas, 1982).

Figura 8. Praça maior do México à esquerda e Praça maior do Panamá à direita.



Fonte: Rojas (1982, p. 74).

A praça e seus arredores se converteram paulatinamente em algumas cidades americanas, em lugares de máxima influência, onde os habitantes significavam seus encontros de forma contínua, perpetuando assim uma tradição extensa, sobretudo, em termos de representação sociocultural. Em algumas praças, se localizaram os mercados de vendas de produtos campesinos, que terminaram congregando às classes populares com os membros destacados da política e da alta sociedade (Figura 9).

Figura 9. Litografia de uma Praça Maior colonial no século XVIII.



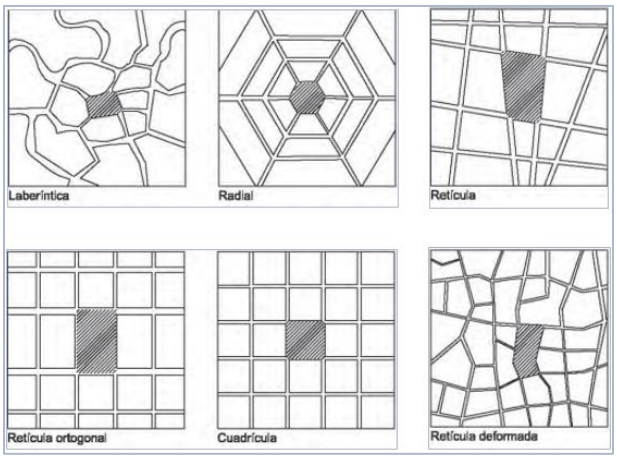
Fonte: Rojas (1982, p. 75).

As múltiplas formas que adquiriram as praças maiores, demostram sua riqueza urbanística. Em alguns lugares, deve-se ressaltar, que a centralidade esteve condicionada por elementos exteriores, como no caso das cidades costeiras. A conservação de edificações históricas, se consolidou nas cidades de forma aleatória, integrando-se à ideia do patrimonial, estruturas que afastadas dos centros urbanos que resultaram ser altamente representativas e simbólicas (Mora, 1993; Rojas, 1982). As formas da arquitetura histórica que até agora se tinham estabelecido nos centros urbanos, se abriram a novas políticas urbanísticas dentro das lógicas monumentalistas. A noção da paisagem urbana foi susceptível de interpretações, mas na ordem da intervenção histórica, parecem aproximando-se às intenções predominantes de conceitos que começaram a interferir nas categorias existentes (Lalana, 2011).

Os tipos morfológicos das malhas urbanas implantados na região variaram consideravelmente em função das necessidades especificas, o lugar e o clima, sem dúvida, a

regularidade das malhas ortogonais e quadriculares onde predominava a hierarquização a partir da praça maior, foram exclusivas das cidades de origem espanhola (Figura 10) (Rocca, 2006). A conservação do patrimônio nos setores históricos mais sobressalentes da cidade, transita por caminhos indefinidos e caóticos onde a identidade, diversidade, representação ou o intervencionismo, podem perceber-se oblíquos, ineficazes, vazios, livres e complexos. Este é talvez o desafio mais proeminente que temos ao definir atributos da era colonial ou moderna, a uma cidade com referentes convulsos.

Figura 10. Tipos de malhas urbanas na Iberoamérica.



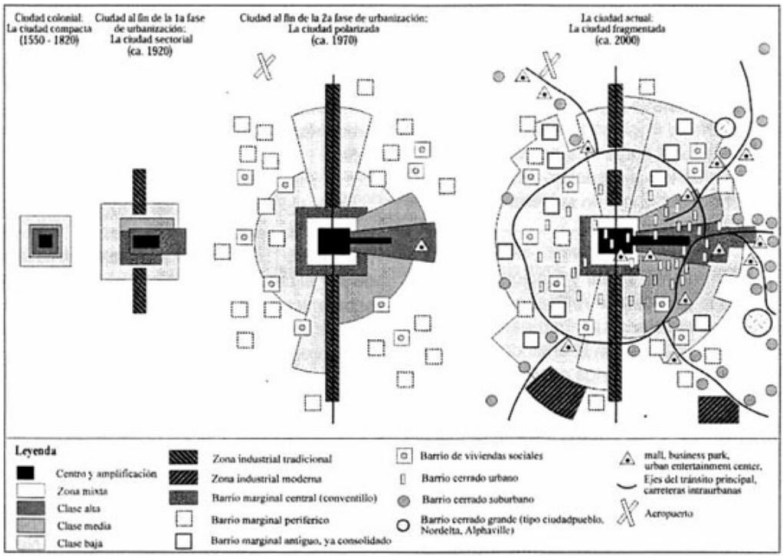
Fonte: Rocca (2006, p. 116).

A prática ideológica de preservação de centros urbanos como formas de reivindicação coletivas, se integra aos processos de transformação, duas contradições que marcam um mesmo comprimento, conservação – destruição. Ambos são ao mesmo tempo, determinantes nas intervenções arquitetônicas e transformadores dos elementos simbólicos. As duas práticas distantes de contradizer-se, marcham em paralelo sobretudo quando corresponde intervir na cidade, contribuindo a diferenciar o tratamento entre o centro – considerado como espaço tradicional e periferia – um novo espaço onde se incorpora a cidade industrial.

Os novos conteúdos simbólicos que começam a integrar-se às cidades, revertem o sentido prático dos elementos que compõem exclusivamente um fragmento do urbano. As lógicas da sociedade consumo, que demandam novos espaços e organizações, dissociam os objetivos específicos planejados para os centros históricos. A solução a problemas como o tráfego, os novos usos residenciais, ou a intromissão de novas áreas de centralização, diluem o significado transversal das zonas históricas (Mora, 1993).

Os primeiros estudos de abstração nas ciências regionais tanto na Europa como nos Estados Unidos, realizaram os primeiros modelos da compreensão da estrutura urbana, na famosa Escola de ecologia de Chicago, na década de 1920. As análises da estruturação urbana que se estenderam até depois de terminada a Segunda Guerra Mundial, propiciaram debates em diferentes regiões culturais, para incluir as narrativas e tendências observadas nas remodelações e os elementos da paisagem urbano. Os distintos modelos podiam distinguir-se por suas dimensões espaciais e temporais, mostrando elementos socioespaciais (distribuição de classes sociais), econômicos (indústria, infraestrutura de comércio, serviços como aeroporto e trânsito), e desenvolvimento urbano (consolidação, moradia social) (Borsdorf, 2003) (Figura 11).

Figura 11. Modelo de desenvolvimento estrutural da cidade latino-americana.



Fonte: Borsdorf (2003).

Os estudos sobre cidades coloniais ibero-americanos foram iniciados no campo da história da arte e a arquitetura neocolonial a partir de 1910, ajudaram a construir de forma geral, discursos encaminhados ao reconhecimento da identidade cultural nos modelos de vanguarda moderna, e a estabelecer, dicotomias entre a perpetuação histórica e a transformação da urbe. Por sua vez, os estudos cartográficos de arquivos espanhóis, portugueses e americanos, se converteram em ferramentas úteis para construir inventários urbanos e arquitetônicos que fomentam paradigmas ao redor das transformações nacionais e as políticas das cidades.

Nas cidades coloniais ou também conhecidas como pré-industriais, compreendidas entre a segunda metade do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, sucederam os primeiros movimentos de independência; surgindo na experiência urbanística do espaço interior aberto, a herança de uma região, bem seja própria da arquitetura grega (território rural dependente complemento do paisagem), romana (domínio e controle centrifugo a partir da expansão das vias de comunicação), islâmica (adaptação da topografia no traçado de ruas, formas, setorização e organização comercial e industrial), medieval (adaptação da tipologia no traçado de ruas, hierarquia dos espaços e edificações públicas) , renascentista (fortificação moderna permanente utilizando técnicas locais, sísmicas e aproveitamento da infraestrutura), ou barroca (centralidade dos edifícios públicos e formação de conjuntos urbanos em alguns casos de finais do século XVIII) (Rocca, 2006, P. 123-124).

Em Bogotá, a cidade colonial que se levantou foi construída inicialmente com materiais de adobe secados ao sol, tijolos, tijolos devastados, tábuas e telhas de barro cozido nos assentamentos *muisca*s, nos *chircales* das colinas orientais de Santa Fé, ao redor do atual Chorro de Quevedo. A pedra e a madeira dura extraída das canteiras e bosques dos cerros orientais, fizeram parte da paisagem. Gradualmente, a arquitetura colonial residencial de Bogotá se foi construindo com adobes, tábuas e tijolos nas paredes, e telhas cerâmicas na coberta; enquanto na arquitetura religiosa colonial se utilizaram técnicas de alvenaria mista (Molino Prieto, 2010).

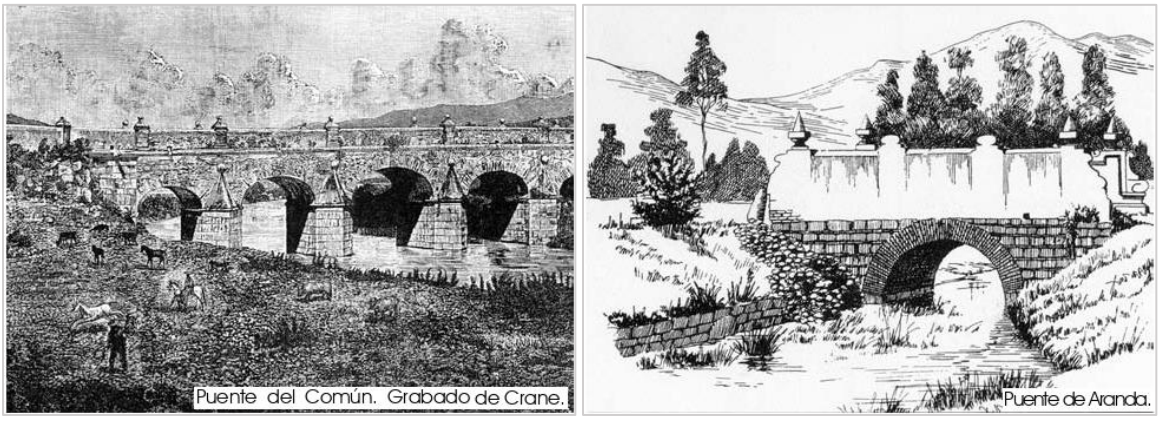
Em trezentos anos, as técnicas de construção coloniais não se alteraram, pois a estética se manteve estática e o uso de materiais foi sempre o mesmo. As pontes coloniais também foram importantes a princípios do século XVII, comunicando à cidade com outras populações, como o Puente Grande de Mestra Señora de Atocha, construído em 1664 com tijolo e alvenaria mista:

> Uma das pontes mais importantes para a época colonial foi o que se construiu com o fim de comunicar a Santafé com a população de Hontibón (hoje Fontibón), chamado "Ponte grande de nossa senhora de Atocha" que cruzava o rio Bogotá, pois uma das principais preocupações da Audiência colonial, foi a de melhorar, no possível, a rota para Honda, já que por esta, a cidade não só se comunicava com grande parte do país senão com o exterior, e logicamente com Espanha (Dama, 2000 em Molina Prieto, 2010, p. 55).[17]

[17] Minha tradução. Texto original: "Uno de los puentes más importantes para la época colonial fue el que se construyó con el fin de comunicar a Santafé con la población de Hontibón (hoy Fontibón), llamado "Puente Grande de Nuestra Señora de Atocha", que cruzaba el río Bogotá, pues una de las principales preocupaciones de la Audiencia colonial fue la de mejorar, en lo posible, la ruta hacia Honda, ya que por ésta, la ciudad no sólo se comunicaba con gran parte del país sino con el exterior, y por supuesto, con España" (Dama, 2000 em Molino Prieto, 2010, p.55).

Ao longo do período colonial, se construíram várias pontes entre os que se destacam o Puente de San Miguel em 1551, o Puente de San Francisco em 1618 reconstruído em 1662, o Puente San Victorino em 1791 e o Puente de las Águas em 1801. Estas construções se replicaram também no Puente Común sobre o Rio Bogotá no caminho a Zipaquirá em 1792, e o Puente Aranda (Figura 12).

Figura 12. Estrutura de pontes coloniais na Colômbia.



Fonte: Prieto (2010, p. 55).

Em finais do século XX, com exceção de Cuba, todos os países da América Latina se viram influenciados pela economia da industrialização, assumindo o paradigma econômico do neoliberalismo. Consequência desta onda, a privatização e a falta de regulação permitiram a inversores, planificadores e cidadãos, 'maiores libertardes' no planejamento urbano; desmaterializando as instituições públicas sob o pretexto, da reinvestimento social (Borsdorf, 2003; Torres, 2005).

De acordo com Borsdorf (2003) para ilustrar as dinâmicas de estruturação urbana, podemos situar-nos em três momentos: a primeira fase rápida de urbanização, a cidade setorial (1820-1920), compreendida como o princípio de estruturação espacial linear de setores de classe alta e o desenvolvimento das primeiras zonas industriais, apesar que as economias ainda estavam supeditadas à exportação de recursos agrícolas e recursos minerais; a segunda cidade setorial, a cidade polarizada (1920-1970), onde as regiões da América Latina se viram deslocadas pelo paradigma do desenvolvimento para dentro, nascendo os bairros marginais e periféricos, enquanto os ricos se afastavam do centro, intensificando as diferenças de classe social cada vez mais; e a terceira fase mais recente de desenvolvimento

urbano, *a* cidade fragmentada (1970 – até hoje), no que se construíram condomínios fechados, os primeiros *urban entertainment centers* (*mall e shopping*), aeroportos e autopistas interurbanas modernizadas e amplas, com capital privado que conectaram as zonas periféricas e periurbanas, tornando-se mais atrativas para as classes médias e altas.

Todas estas fases, geraram grandes mudanças em países como Colômbia, Chile, México e Paraguai, onde a quinta parte da população residia nas áreas rurais na década de 1960, diminuindo só à terça parte, dez anos depois (Varela, 1988). O ordenamento dos territórios na América Latina que iniciou em meados do século XX, adotou de referentes aos países de Ocidente, França, Alemanha e Inglaterra; suscitando um crescimento populacional nas cidades, grandes fluxos de migrantes do campo à cidade, altas taxas de desemprego, profundas desigualdades sociais, irracionalidade no crescimento urbano, marginalidade, entre outros. (Carrillo, 1983; Tovar, 2005). A elaboração de modelos sobre a estrutura e o desenvolvimento urbano, continuam sendo revisados a causa da consolidação e diluição de espaços que consolidam os novos *estilos de vida* dos grupos sociais (Borsdorf, 2003).

Na Colômbia, o período de industrialização (1925–1929) marcou uma etapa histórica decisiva. Entre os fatores destaca-se o fortalecimento da produção cafeeira no mercado interno, a acumulação do capital, a construção da infraestrutura de comunicações e transporte, que possibilitou não só a conexão do país com o exterior senão a unificação do mercado interior, e a comercialização dos produtos e medidas protecionistas do Estado, que permitiram o desenvolvimento industrial pela via da substituição de importações.

A utilização intensiva do fator trabalho, permitiu estabelecer um equilíbrio entre a oferta e demanda da mão de obra, nos centros de produção e industrialização nacional de grande importância, como no caso de Bogotá em finais de 1930 e princípios de 1940.

Desta forma, para 1938, Bogotá contava com 144 estabelecimentos industriais, 503 oficinas artesanais, 106 depósitos e garagens; e para 1945, com uma ascendência no número de estabelecimentos, de até 1060, somando um total 21.224 de pessoas ocupadas nestas frentes. Como consequência imediata, os limites da cidade se deslocaram, dando lugar a uma forma urbana desvertebrada onde apareceram núcleos de população isolada afastadas do centro, e grandes espaços desabitados entre os polos de crescimento metropolitano, como é

o caso do centro e Chapinero. As novas inversões adicionalmente, também geraram novos pontos de valorização, estimulando as áreas residenciais (Carrillo, 1983).

O centro histórico da cidade colonial de Bogotá, privilegiada pelas instituições de dominação político-administrativas, que serviram aos interesses espanhóis até começos do século XIX, se transformaram por completo em função das dinâmicas econômicas e financeiras por excelência. Expandida desde a praça do centro de acordo com Carillo (1983), a cidade albergou o Palacio del Virrey, a Real Audiencia, o Cuartel de Caballería, a Casa de la Moneda, o Colegio de San Bartolomé, e o Palacio Episcopal, que sofreram mudanças significativas sobretudo em meados do século XIX, quando as atividades comerciais tiveram um crescimento e começaram a surgir as Casas estrangeiras, os locais intermediários, os exportadores de matérias primas, e os importadores de bens manufaturados (Figura 13).

Figura 13. Centro histórico da cidade de Bogotá na Colômbia.



Fonte: Carrillo (1983, p. 5).

Com a implementação da arquitetura moderna, o conceito de cidade e seu centro, se transformou, ajustando-se assim, às novas alternativas de mobilidade e à delimitação do fluxo de acesso aos centros históricos para sua demolição e/ou preservação. O surgimento de novas centralidades urbanas, produto do deslocamento das dinâmicas do centro, geram uma preocupação pela valorização da historicidade e os paradigmas monumentalistas. Esta onda progressista, colocou em agonia aos centros históricos, e significou o fim da centralidade histórica. Em algumas cidades de fato, estas dinâmicas deterioraram os centros, afloraram as pobrezas e agudizaram os problemas ambientais que trouxeram insegurança (Carrion, 2005).

Na Colômbia, pelo menos até 1986 se definiu a preservação do patrimônio como um programa prioritário na política nacional, sendo reformado em 1989, em mudanças da lei urbana, frente ao tema da conservação e planejamento municipal. Os centros históricos listados como patrimônio mundial na United Nation Educacional e a Scientific and Cultural Organization, começam a ser importantes para as nações, porque serviram para revitalizar, construir e consolidar a demanda turística em benefício da economia e a sustentabilidade.

As resoluções, acordos municipais, Planos de Ordenamento Territorial – POT, iniciativas do Ministério de Cultura, projetos urbanos – GPU, iniciativas municipais, planos de manejo e proteção dos setores históricos (em Popayán PEMP), entre outros, se estabeleceram como os primeiros atuantes da recuperação dos centros, edificações, fachadas e sítios históricos. De fato, em pleno início da etapa pré-capitalista, ou pré-modernista que liderou Bogotá no favorecimento dos interesses materiais das elites, as políticas neoliberais da construção de cidade nascida na Revolução Industrial, caíram em desuso no histórico e o patrimonial (Gonzáles, 2018; Zuluaga. 2016). Nas palavras de Zuluaga:

> A magnitude do progresso é disfrutada por um grupo muito reduzido da população urbana, em especial pela classe alta, e desconhecido pela maioria de campesinos e habitantes afastados das cidades importantes, que escassamente os escutam mencionar. Isto implica que a modernidade na Colômbia, ao igual que em muitos países latino-americanos, não se desenvolva de forma mais ou menos uniforme, senão que é uma modernidade parcial e de acentos diversos [...] A modernidade multiplica os desencontros dos países colombianos, por exclusão ou por rejeição, o que se converte numa das razoes da violência acendrada da cidade contra o não urbano [...] este argumento es determinante no nascimento de uma cidade disgregada (Zuluaga, 2016, p. 86-87).[18]

A fragmentação da cidade nos finais do século XX e inícios do XXI, criou centros metropolitanos, e regenerou os velhos centros, garantindo a mobilidade e acessibilidade agora, nos tecidos urbanos polivalentes. No caso dos centros antigos, a congestão e a degradação foram substituídas pela dialética da conservação; enquanto para os novos centros, a expansão urbana era necessária para integrar as áreas industriais, os terrenos militares, os condomínios, as estações, entre outros. Contudo, as formas e as tramas urbanas relevantes na continuidade da urbe formal, como a quadricula, os ensanches, os eixos, e demais, geraram

[18] Minha tradução. "la magnitud del progreso es disfrutado por un grupo muy reducido de la población urbana, en especial por la clase alta, y desconocido por la mayoría de los campesinos y habitantes alejados de las ciudades importantes, que escasamente los escuchan mencionar. Esto implica que la modernidad en Colombia, lo mismo que en muchos países latinoamericanos, no se desarrolla de manera más o menos uniforme, sino que es una modernidad parcial e de acentos diversos [...] La modernidad multiplica los desencuentros de los países colombianos, por exclusión o por rechazo, lo que se convierte en una de las razones de la violencia acendrada de la ciudad contra lo no urbano [...] Este elemento es determinante en el nacimiento de una ciudad disgregada" (Zuluaga, 2016, p. 86-87).

elementos diferenciadores como resultado da trama herdada (Borja e Muxi, 2001). As quadriculas geométricas que se estendiam desde o centro da cidade ou praça, começaram a diluir-se na periferia. Dita transformação em parte geométrica e em parte intencional como solicitação de pertença aos espaços, refletia a ruptura e a fragmentação dos paradigmas que envolvem as novas narrativas locais.

Nas regiões da América do norte, também as disfunções espaciais foram interessantes, pois seu comportamento histórico trouxe outras formas de consolidação urbana, manejando a lógica a favor da globalização e sua transcendente luta pelo progresso. Em primeira instância pode-se dizer, que as cidades norte-americanas incorporaram similares modelos de quadricula linear e ortogonalidade, mas com o objetivo de negar a complexidade, e estabelecer distanciamento frente ao meio ambiente.

Ao Norte, a tendência a eliminar os centros públicos foi significativa. Nos planos de Chicago de 1833, e San Francisco de 1849 e 1856 se registram grandes blocos de edificações onde se projetam poucos espaços públicos. Contudo, mesmo estabelecendo-se o centro urbano, não foi possível definir inicialmente, qual poderia ser a ubiquação das edificações públicas. Com a chegada do transporte ferroviário e o investimento de capitais, as cidades norte-americanas de influência hispânica, romperam com as disposições das Leis de Índias, anulando o centro como ponto de referência, e gerando espaços deslocados da quadricula geométrica inicial, como no caso da cidade de Los Angeles.

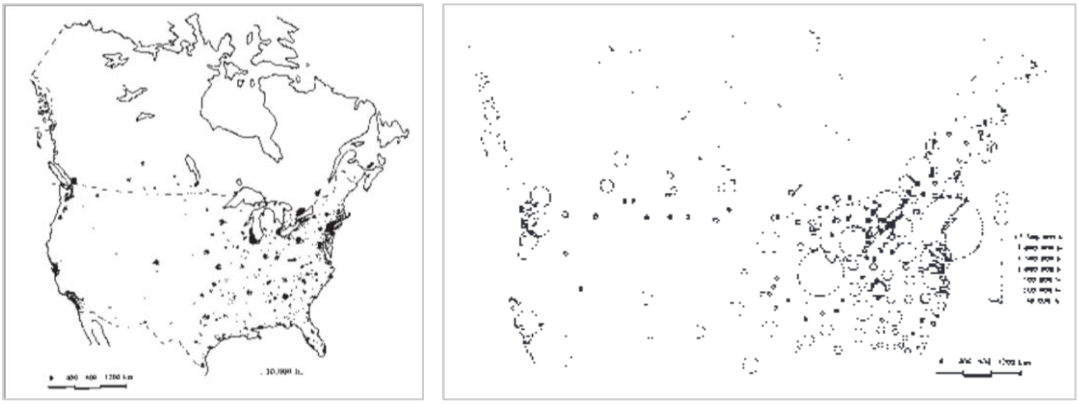
Em finais do século XVIII, os enfrentamentos por irromper no desenho da quadricula regular e abandonar a pauta de cidade interminável de linhas, colocaram a concepção de transformar espaços independentes da ideia de centro. *Charles l'Enfant*, responsável do desenho das ruas em Washington manifestava que a cidade tinha o direito a refletir seu próprio poderio simbólico:

> Em abril de 1971, Pierre Charles l'Enfant, que livrava um combate denotado contra o projeto de Thomas Jefferson de aplicar uma quadricula rígida ao desenho da nova capital, escrevia ao presidente Washington: 'os planos regulares [...] resultam em última instancia fatigosos e insípidos; em sua origem, a quadricula não tem sido mais que o produto de uma imaginação fria e carente de sensibilidade ante a verdade beleza e a autêntica grandeza (Sennet, 2004, p. 3).[19]

[19] Minha tradução. Texto original: "En abril de 1791, Pierre Charles l'Enfant, que libraba un carácter denotado contra el proyecto de Thomas Jefferson de aplicar una cuadricula rígida al diseño de la nueva capital, escribía al presidente Washington: 'Los planes regulares […] resultan en última instancia fatigosos e insípidos; en su origen, la cuadricula no há

A dimensão, perspectiva e construção das áreas nodais urbanas nos Estados Unidos, influenciaram fortemente na construção dos espaços canadenses. A influência em termos gerais de fortalecer os espaços como recursos tecnológicos, gerou que as regiões do norte, se comportam de forma similar à ideia de extensão norte-americana. Com todo, a extensão territorial do Canadá, apresentava sérios problemas em relação ao escasso nível de integração territorial que tinha, a baixa densidade populacional e as consequências do clima, na perpetuação de um modelo espacial de povoamento, muito voltado ao sul, que propiciou uma morfologia de sua rede de distribuição, excessivamente alargada e estreita (Figura 14) (Martínez, 1999).

Figura 14. Distribuição da população, cidade e áreas metropolitanas no Canadá.



Fonte: Martinez (1999, p. 132-133).

A geografia e o clima dos territórios canadenses foram fatores determinantes para a consolidação de suas cidades; considerando que a parte mais densamente povoada do país foi a zona de Quebec e o corredor Windsor ao sul. O Canadá como território federal, se formou a partir de colonização que reforçaram o protagonismo das cidades portuárias situadas em sua parte oriental mais perto da Europa, como o porto de Vancouver, Toronto e Montreal, convertendo-se nas cidades mais pujantes do país. Os grandes processos de migração, também simbolizam o crescimento das cidades canadenses mais representativas, resultando na pujança econômica nacional (Ver Apêndice A).

As cidades canadenses semelhantes às estadunidenses, foram construídas com um centro urbano perfeitamente reconhecível e um panorama urbano de perfil *sky line*, onde a

sido más que el producto de una imaginación fría carente de sensibilidad ante la verdadera belleza y la auténtica grandeza' (Sennett, 2004, p. 3).

divisão parcial do horizonte artificial mostrava as estruturas das edificações mais altas, como os arranha-céus de Manhattan ou Chicago, que se estenderam como modelo em toda América do Norte. No Canadá o *sky line* aparece representado em Calgary e Vancouver, e um pouco menos tradicional, em Edmonton e Montreal, remarcando o grande centro metropolitano de Toronto. De fato, a existência de um *downtown – centro*, formado por um arranha-céu, simbolizou a destruição e transformação do centro histórico, onde as construções modernas de altura tem deslocado os monumentos de interesse local (Gonzáles, 2012).

Os urbanistas norte-americanos tenderam a rejeitar as irregularidades geográficas que nas quadriculas ortogonais, pois não se consideravam relevantes. Em Chicago semelhante a outras cidades do norte, se nivelaram os acidentes naturais e drenaram as águas, ignorando os obstáculos que a natureza colocava, como o curso irregular dos rios e lagos, que foram sometidos a planejamentos urbanos, para evitar deformações que não puderam ser sometidas a uma geometria mecânica.

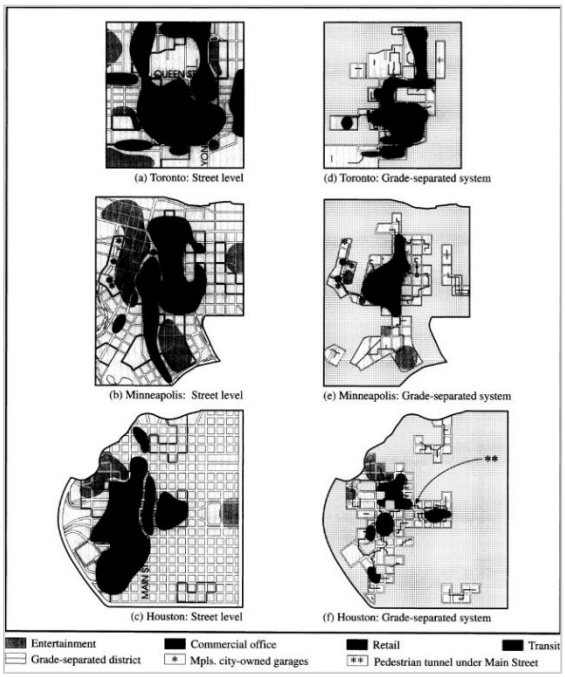
A imposição da quadricula não só suprimiu a expressão do natural, senão também segregou e classificou dentro de seu desenho, a permissão social e econômica das formas de vida circundantes nos espaços da cidade. Em outras palavras, ao construir cidades de quadricula, os norte-americanos procederam da mesma forma que com os indígenas, apagando e ignorando a presença do que era diferente nos espaços, e estabelecendo seu controle mediante a afirmação de sua hierarquia e neutralidade (Sennett, 2004).

Nas últimas décadas os espaços públicos de muitas das cidades da América do Norte, se tem estratificado física e socialmente através da construção de sistemas pedestres como no caso de Houston, Minneapolis e Toronto. O desenvolvimento do sistema de separação de graus que se tem implementado na maioria de casos, aludindo aos climas extremos para a construção de vias aéreas e túneis, terminou separando o tráfego de veículos, dos pedestres. Nesta emergente geografia urbana, apareceram os espaços *quase-públicos* do centro, um desenho intencional e controlado no que a expansão das ruas e estabelecimentos regulados foram sendo privatizados dentro dos espaços públicos.

Os sistemas de conexão das vias áreas, terrestres e túneis das cidades americanas e canadenses, se encontram entre os mais antigos e extensos do continente. O controle do privado nos espaços públicos dos centros urbanos, reduz consideravelmente a importância

das dinâmicas tecidas na cidade (Figura 15), e este fato se agudiza ainda mais, porque a integração e segregação das atividades, se reduz a um grupo muito limitado de atores que desenham a perspectiva e consolidação dos centros urbanos (Figura 16) (Byers, 1998). A maioria das urbes canadenses, no centro e os espaços mais antigos onde converge a classe trabalhadora, os processos de ocupação de classe média têm criado *modelos de gentrificação*. Neles, as classes com menor poder aquisitivo, são expulsadas do capital imobiliário.

Figura 15. Contraste do uso de espaços no centro de Toronto, Minneapolis e Houston.



Fonte: Byers (1998, p. 192).

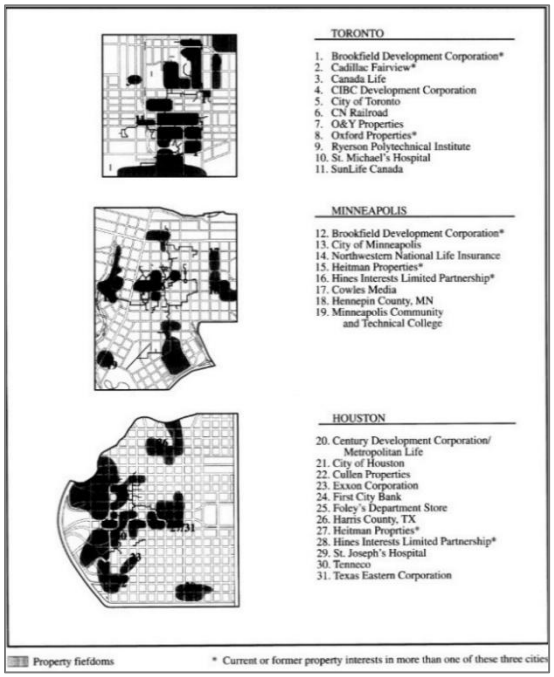
Chama a atenção, como nas últimas décadas tem proliferado as novas comunidades residenciais supostas *pós-modernas*, que intentam recriar a vida antiga da localidade, mas agora, com um centro comercial próprio, pequenas lojas de bairro, praças, espaços verdes de passeio, edificações luxuosas; definindo a independência, respeito aos demais espaços da cidade (Figura 16). O resultado da descentralização e independência do centro, na maioria de cidades canadenses tem criado uma cotidianidade de vida individualista, que pode-se passar o tempo um tanto, caminhando, em casa, no automóvel, no trabalho e de compras no *mall local* (Gonzáles, 2012). Nas palavras de Gonzáles:

> Assim, em cada área da cidade se acostuma a instalar um centro comercial normalmente articulado a partir de um grande hipermercado, que concentra todo tipo de tenda em seu interior. Nos bordes desta promoção imobiliária única, se situam restaurantes, algum hotel

> ou motel, oficinas de aluguel de coches ou certos pubs de dimensões respeitáveis [...] as muito baixas temperaturas em Canadá dificultam o funcionamento dos estabelecimentos varejistas no exterior. De fato, os mesmos tampouco proseiam tanta tradição como na urbe europeia, posto que nós encontramos ante umas populações muito novas e os que existiam em bairros tradicionais tem desaparecido frente ao impulso dos mall ou se mantem como exemplos relictos em setores muito característicos da cidade (um velho bairro italiano, português ou chino, um distrito próximo ao centro, etc.) [...] para fora da cidade sempre nos encontramos, e dita estrutura também vincula o urbanismo europeu e o norte-americano, com um conjunto de espaços ocupados por grandes superfícies varejistas orientadas a distintos produtos (alimentação, moveis, venda de automóveis, etc.) e áreas industriais delimitadas [...] a urbe canadense apenas possui fábricas o lugares de produção em seu interior (Gonzáles, 2012, p. 236).[20]

Nas regiões da América do Norte, a aplicação da quadricula que constitui um dos primeiros signos modernos de expressão, também o é de repressão; pois a negação do valor dos demais atores que faziam parte da estrutura social e sua neutralidade na construção de edificações com objetivos de planejamento visual autorregulada, termina por confrontar identidade que lutam por ser incluída nos espaços urbanos (Sennett, 2004).

Figura 16. Centros apropriados por privados em Toronto, Minneapolis e Houston.



Fonte: Byers (1998, p. 197).

[20] Minha tradução. Texto original: "Así, en cada área de la ciudad se acostumbra a instalar un centro comercial normalmente articulado a partir de un gran hipermercado, que concentra todo tipo de tiendas en su interior. En los bordes de esta promoción inmobiliaria única, se sitúan restaurantes, algún hotel o motel, oficinas de alquiler de coches o ciertos pubs de dimensiones respetables […]. Las muy bajas temperaturas invernales y primaverales en Canadá dificultan el funcionamiento de los establecimientos minoristas en el exterior. De hecho, los mismos tampoco poseían tanta tradición como en la ciudad europea, puesto que nos encontramos ante las poblaciones muy nuevas y los que existían en barrios muy tradicionales han desaparecido frente al empuje de los *mall* o se mantienen como ejemplos relictos en sectores muy característicos de la ciudad (un viejo barrio italiano, portugués o chino, un distrito próximo al centro, etc.) […] Hacia el exterior de la ciudad siempre nos encontramos, y dicha estructura también vincula el urbanismo europeo y el norteamericano, con un conjunto de espacios ocupados por grandes superficies minoristas orientadas a distintos productos (alimentación, muebles, venta de automóviles, etc.) y áreas industriales delimitadas […] la ciudad canadiense apenas posee fábricas o lugares de producción en su interior" (Gonzáles, 2012, p. 236).

Evidencia-se que existem ao redor dos espaços urbanos do centro das regiões da América do norte, dois entornos claramente definidos: o exterior, onde se encontram as ruas, calçadas, praças e parques; e o interior, no que os pontes, tuneis, corredores, saguões e pátios, se consolidam como redes. A relação entre público local e o privado comercial na cidade, se conectam permanentemente. O caso dos tuneis que conectam com os teatros Huston, construídos por benfeitores privados, é um exemplo claro da intromissão da separação dos espaços públicos (Byers, 1998).

Figura 17. Área residencial de Calgary no Canadá.



Fonte: Gonzáles (2012, p. 235).

Quando os espaços urbanos ao Norte não conseguiam perpetuar-se na memória histórica dos habitantes ou pelo menos, como veículo sociocultural, a estratégia de resgate simbólico recaiu na invenção de enaltecer os processos de identidade, habitabilidade e economia, por meio de celebrações culturais. Desta forma, quando um evento era promovido pela cidade, este melhorava o *status* social da urbe e viabiliza a inversão, sobretudo do capital privado. Este foi o caso da cidade de Bangor, quem depois do gozar por mais de um século do auge da indústria madeireira, sua economia caiu em desuso; sendo o American Folk Festival a estratégia de revitalização urbana. Bangor foi sede do festival do 2002 até o 2019, enaltecendo o patrimônio cultural regional na antiga zona industrial durante três dias. Na inauguração do 2002, este evento atraiu a mais de 10.000 visitantes, logrando o patrocínio da National Council for the Traditional Arts (Figura 18) (Frenchman, 2004).

A espontaneidade e o crescimento com que aparecem e desaparecem os eventos das cidades ao Norte, tem gerado um *negócio da cultura*, sobretudo se pensamos, que a

construção de cidades que se desenham, responde a modelos artificiais e supérfluos, significados só pela popularidade e a ideia de integrar-se ao nacional. As políticas de desenvolvimento, que se inspiram nos modelos atuais dos países mais ricos, têm aumentado o número de autopistas urbanas, centros comerciais e áreas residenciais de luxo, que se conectam em rede aos sistemas de consumo global. Os espaços fragmentados desenhados como pequenos lugares seguros, deixam aos mais pobres *sem cidade*.

Figura 18. Celebração American Folk Festival, Bangor.



Fonte: Frenchman (2004, p. 39).

A segregação social, racial e sobretudo a desigualdade dos recursos materiais disponíveis na cidade, gerou também políticas de espacialidade marginada. Este é o caso dos *townships* de África do Sul, as *favelas* de Rio de Janeiro, os *ranchos* de Caracas, os *bairros espontâneos* de Abidjan, Lomé ou Douala, as *invasões* de Salvador Bahia e Cali, entre outros. A urbanização informal, precária e ilegal, num novo contexto de globalização econômica, política e cultural, incrementou a divisão de classes, disparando também os buracos, vácuos, e informalidades que rompem as análises estruturais nos espaços urbanos (Agier, 1999).

De forma geral, as cidades americanas escolhidas nesta pesquisa, compartilham uma proposta de construção expansiva desde seu centro urbano, que histórica ou não, procuram salvaguardar seu patrimônio. Nelas se desprendem, as reconfigurações mais significativas do espaço local dos habitantes. O conceito de colonialidade e industrialização, será abordado não só como características urbanas inerentes das construções e reconstruções arquitetônicas, senão também dos discursos envolventes de tradição ou desenvolvimento, que como tem sido

analisado anteriormente, dependem da tecnologização e o comportamento prévio de seus próprios processos históricos.

Frente às cidades colombianas escolhidas, considera-se suas desigualdades, contradições e fragmentação dos espaços, como parte relevante da história de Popayán e Cali que apresentam sérios problemas de divisão urbana e seguridade. E frente às cidades canadenses selecionadas, analisaremos como transcendente, a segregação, neutralidade e alienação da justaposição do público com respeito às dinâmicas de intervenção privada. Em ambos casos, as histórias que atravessam a 'realidade' urbana, descrita a continuação, dependerá exclusivamente dos processos históricos, identitários e culturais, das formas de patrimônio e invenção da contemporaneidade que se constroem permanentemente.

2.1. História, identidade e cultura patrimonial na cidade colonial latino-americana

A fundação de cidades coloniais na América em princípios do século XVI, obedeceu a processos de conquista urbana sobrevindos do poder e da dominação, que sempre esteve condicionado pela velocidade, a complexidade e o alcance que os urbanizadores executaram como fato histórico. Prematuramente, em 100 anos, entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI, se fundaram mais de 360 cidades somente no México e no Peru. As acomodações urbanas fortalecidas como sistemas de referência, se estenderam de extremo a extremo, desde o norte do continente, até o sul de Chile, atravessando paisagens urbanas indígenas que terminaram sendo ligados.

A apropriação do espaço local, se definiu como uma estratégia de colonização no novo mundo, sendo a cidade colonial, um instrumento fundamental de conquista, um símbolo que os indígenas reconheciam, como fonte de estabilização e transgressão das diversidades locais. Uma história atribuída ao avanço do cacique Lautaro à cidade de Santiago de Chile em 1556, com o propósito de destruí-la, afirmou: *Irmãos, saber que ao que vamos é a cortar de raiz de onde nascem estes cristãos, para que não nasçam mais* (Orellana, 2016).

A diversidade, ambiente e riqueza da região, deixou impressionado aos europeus que não duvidaram em explorar, a América Latina rural, encontrando-se os imponentes Andes, a selva Amazônica, intermináveis padeiras das planícies ou pampas, assentamentos indígenas e enormes extensões de terras, que os cronistas e viageiros, descreveram por séculos,

orientando assim, aos novos colonizadores que decênios depois, trouxeram a paisagem urbano da região (Bethell, 1991). O colonialismo de assentamento que reafirmou a soberania do núcleo metropolitano, e fortaleceu o desenho de cidade, foi fortemente invasivo e discriminante, pelo deslocamento das comunidades indígenas, expulsadas fora de seu território, impondo lógicas econômicas que arruinaram a vida cotidiana dos nativos.

Os processos coloniais na América Latina, modelados pelos europeus, em sua grande maioria espanhóis e portugueses, fomentaram o desenvolvimento econômico, se estenderam até as regiões mais amplas do continente a fim de justapor seu controle sistemático. Este fluxo, desencadeou a consolidação das novas cidades coloniais, que consolidou um sistema feudalista desde um princípio, submetendo aos nativos e escravos como uma forma estrutural de sua projeção ideológica. A objetivo do modelo foi auspiciar de antagonistas, na inserção das etapas de desenvolvimento, que trouxe novas formas de construção do novo mundo (Dorries, Hugil e Tomiak, 2022).

As maiores cidades latino-americanas, que se planejaram como assentamentos de expansão colonial, estiveram orientadas pela praça, onde as residências de ricos e elites, ao igual que os centros urbanos de administração, serviço e comércio, se localizavam ao redor do parque central. Os distritos centrais foram característicos de cidades como Rio de Janeiro, La Habana, Ciudad de México y Buenos Aires; todas as urbanizações que no começo, não se estendiam mais de cinco ou dez quarteirões desde a praça principal, rodeado de construções de casas sólidas, pavimentação, calçadas e luminárias que conseguiam congregar à maior parte dos povoadores, nos mercados, oficinas, armazéns, clubes, teatros, igrejas e escolas, ao serviço da membros da elite.

Além dos limites urbanos, encontravam-se ranchos modestos e humildes de caminhos polvorinhos de gente pobre, que na distância parecia mais rural que urbano:

> Nos centros urbanos pequenos, as residências de famílias, especialmente de classe alta, estavam protegidas da cidade. Predominava a arquitetura hispânica de pátio. Detrás de grosas paredes, solidas portas de madeira e janelas com relhas, se desenvolvia uma existência social reservada, que dependia pouco do mundo exterior. Construídas em solares urbanos alargados, estendendo-se desde a rua até três o quanto vezes sua largura de vinte os trinta metros, estas cômodas residências albergavam pátios, poços, jardins, árvores, frutais, lenha, letrinhas, galinhas, patos, às vezes incluindo alguns caprinos, cerdos ou carvalhos, junto com serventes, primos e primas distantes, tias solteiras ou alguns empregados e seus famílias. Pouca tentação havia de ostentar riqueza, já que só os membros da família estavam neste santuário. O groso da população urbana – peões,

> servientes, artesãos – vivia de forma muito mais modesta. Suas casas estavam construídas com os materiais mais econômicos que se encontravam no lugar, tais como canas, ramos, palha ou pedras, e se erguiam nos bordes urbanos, às vezes até três quilômetros da praça principal [...] a demanda que seus habilidades e serviços encontravam dentro da economia monetária urbana, incluso permitia que alguns deles melhorassem sua posição econômica e social (Bethell, 1991, p. 202-203).[21]

A cidade colonial a que aludiremos, será aquela que fundada como núcleo de assentamento colonizador, conseguiu perpetuar-se e prevalecer no tempo às narrativas enaltecedoras de seu passado e sua história. A *cidade ordenada* na América estruturalmente, planejada e traçada como assentamento econômico na época colonial, apresentou um modelo de hierarquização definido e estratificado no qual concentraram suas riquezas, mas ao mesmo tempo, suas expectativas do moderno. Neste sentido, a cidade colonial reproduziu seus vínculos permanentes com os modelos piramidais de jurisdição que tempo despois, entraram em crises, em especial, na América Latina (Rama, 2009).

A dificuldade que projeta o conceito de 'cidade colonial' ao logo do texto, surge por um lado, da teoria urbana que estabeleceu a ideia de cidade, como produto social, onde para compreender qualquer aspecto da cidade, econômico, social ou físico, é indispensável fazer referência do ambiente ao qual faz parte, direcionando o discurso à cidade do capitalismo industrial moderno; e por outro, a compreensão dos processos de colonialismo, desenvolvimento e subdesenvolvimento, ligadas à dependência e a perspectiva do sistema global. Em geral, a cidade colonial pode ser compreendida em três tópicos: a) conjunto *sui generis* de dinâmicas urbanas; b) uma manifestação de cidade moderna, produto da economia e a sociedade, especificamente do capitalismo industrial; e c) um modo de produção capitalista com rearranjos históricos (King, 1985). Para King:

> Historicamente pode-se supor que as cidades se criaram inicialmente mediante o exercício de poder de alguns grupos sobre outros, para extrair excedentes agrícolas e promover serviços, numa sociedade geograficamente definida. Posteriormente é importante que houvessem ficado outros assentamentos dentro dessa sociedade como um meio para

[21] Minha tradução. Texto original: "En estos centros urbanos pequeños, los hogares de las familias, especialmente de la clase alta, estaban protegidos de la ciudad. Predominaba la arquitectura hispánica de patio. Detrás de gruesas paredes, sólidas puertas de madera y ventanas con rejas se desarrollaba una existencia social reservada, que dependía poco del mundo exterior. Construidas en solares urbanos alargados, extendiéndose desde la calle hasta tres o cuatro veces su anchura de veinte o treinta metros, estas cómodas residencias albergaban patios, pozos, jardines, árboles frutales, leñeras, letrinas, gallinas, patos, a veces incluso algunas cabras, cerdos o caballos, junto con sirvientes, primos y primas lejanos, tías solteras o algunos empleados y sus familias. Poca tentación había de ostentar riqueza, ya que sólo los miembros de la familia entraban en este santuario.

El grueso de la población urbana —peones, sirvientes, artesanos— vivía de forma mucho más modesta. Sus casas estaban construidas con los materiales más baratos que se encontraban en el lugar, tales como cañas, ramas, paja, o piedras, y se alzaban en los bordes urbanos, a veces hasta a tres kilómetros de la plaza principal […] La demanda que sus habilidades y servicios encontraban dentro de la economía monetaria urbana incluso permitía que algunos de ellos mejorasen su posición económica y social" (Bethell, 1991, p. 202-203).

> promover o controle político e criar o expropriar um excedente. A lógica deste processo é ampliar ainda mais, mediante o desenvolvimento do transporte (inicialmente o transporte marítimo), as fronteiras de uma sociedade para incorporar outros territórios e povos de ultramar. Isto é, a cidade – como artefato cultural – se converte num instrumento de colonização (King, 1985, p. 8).[22]

Os recentes debates acadêmicos propiciados pelos estudos interdisciplinares, intentaram compreender o papel do colonialismo na produção de cidades coloniais. O estudo das formas culturais e as práticas de governabilidade estabelecidas com finalidades mercantilistas e capitalistas em todo o continente americano, prevaleceram nas chamadas *colônias de exploração*, incrementando as desigualdades e posicionando as elites coloniais, como governantes de grandes populações, perpetuando o legado histórico da submissão, no ambiente da cidade modernizadora (Higill, 2017).

O estudo das cidades coloniais que descreveremos mais a frente, proporciona uma análise sobre os modelos de desenvolvimento econômico, frente à dependência e tecnologização histórica, de uma ideia de contemporaneidade que sempre se tem imposto frente a outras diversidades. O desenvolvimento urbano nos países ibero-americanos, faz parte hoje, da herança dos imaginários externos que se impuseram como lógicas comuns em centros de sociedades; lamentavelmente, sua materialização, continua impulsando a fragmentação, e fomentando o deslocamento da integração regional, como uma forma de inclusão e segregação que pode viver-se no mesmo instante. As impressões históricas representativas nos usos e construções da cidade, estabelecem narrativas na cidade colonial, que se justapõem, espaço-temporalmente, a lógica das cotidianidades de seus habitantes, e ao mesmo tempo, das heranças dos modelos socioculturais.

Nos últimos séculos, o estudo das cidades coloniais, sobretudo dos centros urbanos na América Latina, tem suscitado a proteção, preservação e restauração dos monumentos como significado das expressões patrimoniais. Três enfoques se destacam teoricamente, para analisar os centros históricos: 1) ideias funcionalistas urbanas, que procuram adaptar os espaços às novas condições modernas do urbanismo; 2) os enfoques progressistas que têm uma visão cultural, mas apreciam na centralidade histórica, um freio ao desenvolvimento; e

[22] Minha tradução. Texto original: "Historically, it can be supposed that cities were first created by the exercise of power by some groups over others, to extract an agricultural surplus and provide services, in one geographically defined society. Subsequently, other settlements may have been planted within that society as a means of furthering political control and both creating or expropriating a surplus. The logic of this process is to further extend, by developments in transportation (initially shipping), the boundaries of one society to incorporate other territory and peoples overseas_ In this, the city - as a cultural artefact - becomes an instrument of colonization" (King, 1985, p. 4).

3) os desenvolvedores com visão econômica, que tendem a olhar o desenvolvimento desde uma perspectiva da economia, o turismo e a indústria, acima do patrimônio.

Nas regiões latino-americanas tem sido priorizado, o terceiro enfoque, onde numerosos centros urbanos de herança espanhola, portuguesa ou mourisca, se mantem quase intactos, sendo a arquitetura patrimonial uma apologia ao incentivo de novas economias e projetos políticos, da onda progressista (Carrion, 2004 *apud* Patiño, 2016).

Por outro lado, a crescente demanda de mercados e fábricas na região, estimulou os níveis de comércio que eram impensáveis no período colonial. Em meados do século XX, os resultados já eram notáveis: a importação de vinhos franceses a Buenos Aires, subiram de 500 barris anuais antes de 1850 a mais de 300.000 na década de 1870. Por sua vez, as exportações de lã, se incrementaram de 7000 a 10.000 toneladas; no Brasil, as exportações de café ascenderam de 19.000 toneladas anuais na década de 1820, a 158.000 toneladas em 1850 (Di Virgílio e Perelman, 2014; Bethell, 1991).

O comércio exterior do Chile também se triplicou entre 1845 e 1860; ao igual que em várias cidades costeiras, deixando de ser vilas de pescadores e marinheiros, para converter-se após em grandes portos como o caso de Tampico em Medellín, Cólon em Panamá, Bahia Branca na Argentina, e Barranquilla na Colômbia. As vias férreas aceleraram a conexão das rotas comerciais e melhoraram suas economias, aumentando o fluxo dos automóveis que substituíram os transportes mais rudimentares, ajudando a multiplicar a população, como no caso de Valparaiso em 1850-1870; ou Rosário que dobrou seus habitantes em 1870, conectando a ferrovia ao porto, até o interior da Argentina (Bethell, 1991).

O crescimento das cidades, trouxe uma segregação e desigualdade profunda na forma como os países latino-americanos afrontaram o desenvolvimento tecnológico. As violências como exclusão, e o significado do espaço urbano, avivaram fortes debates sobre o popular, as relações de trabalho, as barreiras do visível e invisível no acesso dos espaços, entre outros, que evidenciaram as estratégias de desenho geográfico com que projetaram as cidades segregarias (Di Virgílio E Perelman, 2014). Este fato não era nada novo, pois desde a fundação das cidades, as moradias e o estilo de vida urbana, se desenhavam em benefício das classes altas, deslocavam logo à periferia no auge da expansão comercial.

Na cidade do México, os ricos escolhiam com frequência os lugares do sul, ao longo do passeio da reforma; em São Paulo, a elite econômica e influente construíram edificações senhoriais ao longo da Avenida Paulista; em Buenos Aires, as famílias de classe alta começaram a transladar-se aos bairros periféricos que se estendiam mais próximos ao Distrito Federal; em Bogotá, durante a expansão comercial e o auge do café, os ricos se trasladaram às zonas mais altas, em direção ao povoado do Chapinero. Quando os caudilhos do século XIX, foram substituídos pelas elites na América Latina, em princípio do século XX, instauraram-se instituições de governo representativo que respondiam a sua dominação. Nesta fase, apareceram grupos urbanos, especialmente de classe média, que desempenharam um papel crítico, no desenvolvimento econômico, social e político da região (Bethell, 1991).

2.1.1. Generalidades e localização no contexto nacional, Popayán cidade colonial

Os câmbios e o crescimento do país têm evoluído ligeiramente nos últimos séculos, deixando uma população urbana e rural que se há invertido em termos percentuais. No censo de 1951, o 61% da população morava e área rural, mas para 1993, as áreas urbanas dos diferentes municípios, passaram a concentrar 69%. O crescimento da população urbana, segue em aumento, enquanto as atividades econômicas conservam um padrão especifico, concentrando o 70% das atividades industriais manufatureiras, em cidades metrópoles como Bogotá, Cali, Medellín e Barranquilla. As expectativas por integrar fatores de urbanização modernos mais eficientes e flexíveis, faz parte da fratura de planejamento que se multiplicou por todo o território nacional, embora, algumas regiões o executaram com maior êxito que outras.

O desenvolvimento nacional e a luta pela tecnologização dos territórios, tornou ainda mais visível os problemas da pobreza, contaminação ambiental, abandono rural, crescimento econômico, especulação nos preços do solo, o congestionamento de trânsito, entre outros fatores relevantes (Crist, 2008; Plan de Ordenamiento Territorial, 2013).

A Colômbia se integrou como *aliada*, às ideias modernizantes dos estadunidenses, ajudando a financiar sua economia, estabeleceram alianças com as elites governantes para depois gerar uma codependência. Na década de 1970, o país começou a participar nos acordos de integração de livre comércio, a atualização dos sistemas de comunicação, as

reformas tributárias, os programas habitacionais de saúde e educação, os acordos Desestabilização de preços e bens de exportação e a cooperação financeira (Florian, 2013).

Os novos processos de urbanização, se converteram nas cidades colombianas em estratégias reguladoras do crescimento dos bairros, as áreas industriais e demais zonas, que hoje podem descrever-se em cinco fases: 1) urbanização das maiores cidades do país: Bogotá, Medellín, Cali e Barranquilla onde inicialmente o urbanismo é regulado pelo Código de Polícia; 2) a incorporação por primeira vez, da Legislação nacional, na qual se estabelece a obrigatoriedade de elaboração do plano regular com a intervenção de equipes urbanistas ; 3) o surgimento da *explosão urbana*, na qual a maior parte da população se concentrou nas áreas urbanas, produzindo contrariamente um enfraquecimento do urbanismo como função pública; 4) a crise urbana de 1970 a 1980 onde a concentração da pobreza e as deficiências urbanas na periferia, começam a mostrar deficiências e precariedade nos serviços públicos, evidenciado problemas de governabilidade e protestos, desembocando na consolidação da Lei 9ª de 1989; e 5) o urbanismo como função pública e de dimensão nacional que salienta a necessidade de superar o âmbito 'municipalista', mantendo a ideia de tradição frente ao campo de desenvolvimento urbano e de ordenamento territorial.

A necessidade de reforçar o papel da cidade e a dimensão territorial a futuro, tem gerado a materialização de políticas públicas para fortalecer em várias regiões colombianas, a substituição de planos urbanísticos, afiançados atualmente nas normativas, leis e códigos urbanísticos nacionais (Del Castillo Daza, 1998). Desde metade do século XX, os cenários urbanos têm apresentado uma evolução descontrolada de povoamento, provocado pelo *deslocamento interno* do país em relação ao conflito armado, que tem gerado escassas oportunidades de desenvolvimento humano, especialmente nas áreas rurais, onde a marginalidade social se tem disparado consideravelmente.

Em Cauca especificamente, um dos departamentos mais golpeados pela presença de atores armados devido à existência de redes de narcotráfico, armas e mobilização de tropas do exército nacional desde o Ocidente ao centro do país, tem gerado um contexto social de pobreza. As transformações urbanas da região, sobretudo no caso da cidade de Popayán, se ampliaram ainda mais, depois do terremoto de 1983, onde o crescimento urbano se disparou, aparecendo 27 assentamentos populares nas periferias, ocupando uma área de 1320 hectares.

O fortalecimento dos atores armados, gerou um controle do espaço que desbordou as periferias da cidade, criando setores amplos e marginais que fomentaram a inclusão e exclusão de certos habitantes de seus territórios, fortalecendo as violências e deslocamentos sistemáticos (Agredo, 2011; Ordoñez e Casas, 2016). Mais à frente retomaremos este aspecto, mas inicialmente descreveremos as caraterísticas da cidade pesquisada.

Popayán foi fundada em meados do século XVI, em 1535 por Sebastian de Belalcázar, sendo um importante centro administrativo e comercial durante a expansão do império hispânico no Novo Mundo. Figurando a região, como uma das poucas cidades privilegiadas, a Coroa espanhola concedeu títulos e escudos de armas, estendo se sua capitania de intendência desde o Equador ao Caribe. Com o passar dos anos, o território do Grande Cauca como foi conhecido, próspero por ser conexão ao norte pela via a Cartagena e ao sul com as fronteiras de Quito e Lima, até o século XIX, se reduziu consideravelmente, conservando unicamente, seu legado histórico patrimonial como capital do Estado, assentamento de universidades e importantes centros na hierarquia da Igreja Católica.

Berço do legado nacional, Popayán aportou 16 presidentes a Colômbia, arcebispos, prelados, embaixadores, poetas, pintores, artesãos, diplomáticos, generais e outros ilustres representantes, sublimando sua herança histórica. Seu poderio territorial, materializado nas edificações administrativas e residenciais, se plasmou em a construção de pátios flanqueados de arcadas e pesadas portas coroadas por escudos de armas esculpidos, sendo os clérigos os encarregados de supervisionar o trabalho dos artesãos indígenas de marcenaria para seus altares, e a esculpida em pedra, das fachadas coloniais (Whiteford, 2019; 1963).

A classe social como uma entidade real em Popayán, estava bem estruturada, pois a identificação social de um indivíduo respeito a sua classe ou posição social, era bem conhecida entre os membros da aristocracia. As notícias locais ressaltavam continuamente aos filhos das famílias pudentes, ou nos obituários, se acostumava a lamentar a partida de um membro de classe média. No entanto, os pobres eram designados como *classe trabalhadora, povo ou chusma,* usando termos alusivos à posição social e a divisão de classe.

Existiu tradicionalmente em Popayán até finais do século XX, uma construção terminológica visível para a identificação das classes no entorno popular. Este fato formava parte inerente de como se estruturava a sociedade para alguns e como se desenvolviam os

modos de vida de cada indivíduo e suas relações à luz da opacidade de sua economia. O enaltecimento das fachadas arquitetônicas, placas, monumentos, estátuas, pontes, solares, e casas onde moraram personagem heroicos e aristocráticos, é hoje, o reflexo de uma Popayán tradicional e elitista (Whiteford, 1963). Nas palavras de Whiteford:

> Muito do sabor e do tono de Popayán se derivam diretamente de suas famílias aristocratas. A maioria delas moravam perto da praça central em enormes casas que foram construídas durante o período colonial. Moravam gentilmente, vestiam à moda das grandes cidades, monopolizavam a maioria dos postos importantes, e possuíam grandes fazendas pecuárias em todas as direções. Seus membros eram educados, pronunciadamente literatos, de uma erudição cosmopolita, e orgulhosos. A cidade também parecia aristocrática; apassiveis ruas, simples beleza das igrejas coloniais e das casas com balcões cujos tetos revestidos se projetavam sobre as estreitas calçadas. Para 1952 havia relativamente poucos carros e camiões, nenhuma fábrica ou armazém grande, e a estação ferroviária estava situada ao outro lado do rio, de forma que o arribo do trem de Cali, não causava maior tumulto ou comoção [...] a classe social era uma forma de vida em Popayán. Como em qualquer comunidade antiga e estável, a presença e o conhecimento de uma forma tradicional de comportamento e interação, produzia tranquilidade, graça e seguridade, mas simultaneamente provocava tédio, frustração e estancamento (Whiteford, 1963, p. 41-44).[23]

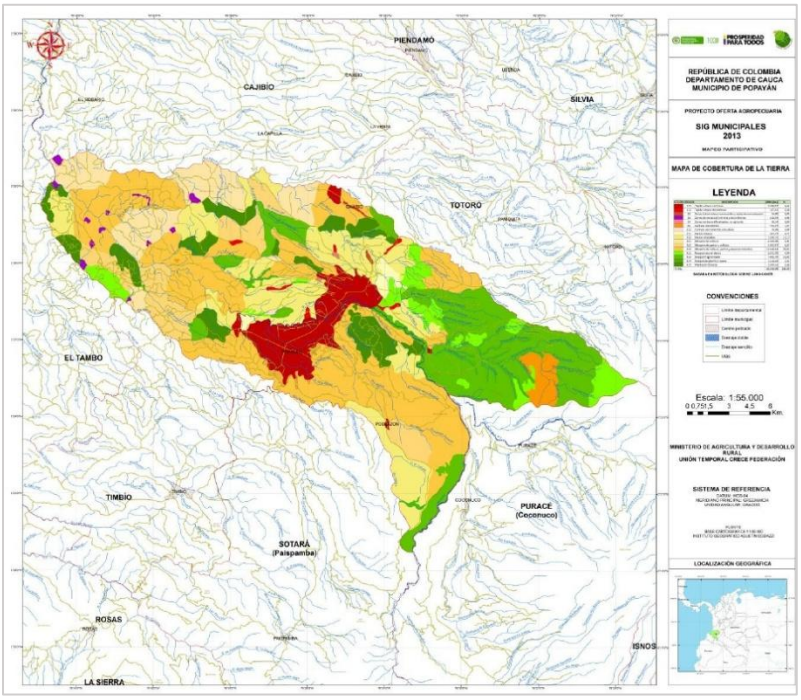
Popayán encontra-se a uma altitude de 1.738m acima do nível do mar, com uma temperatura média de 19°C durante todo o ano, alcançado temperaturas máximas nos meses de julho, agosto e setembro até os 29°C ao meio-dia, e mínimas passado pelos 10°C, na madrugada. Ao Sudoeste, no denominado Valle de Pubenza, a cidade se localiza aos 2° 27' de latitude norte e 76° 37' 18" de longitude oeste no Meridiano de Greenwich, no Piedemonte da Cordilheira Central. A população aproximada é de 339.454 habitantes, sendo sua extensão territorial de 512 km2. Limita ao norte com os municípios de Cajibío e Totoró, ao Leste com Totoró e Puracé, ao Sul com Sotará, ao oriente com Puracé, e ao Oeste com Timbío e o Tambo (Figura 19) (Departamento Administrativo Nacional de Estadística, 2022; Alcaldía Municipal de Popayán, 2019).

De forma geral, as principais fontes hídricas da região são os rios Blanco, Ejido, Molino, Las Piedras, Cauca, Negro, Mota, Pisojé, Calrete, Saté e Hondo, dos quais, quatro

[23] Minha tradução. Texto original: "Mucho del sabor y del tono de Popayán se derivaba directamente de sus antiguas familias aristocráticas. La mayoría de ellas vivían junto a la plaza central en enormes casas que fueron construidas durante el periodo colonial. Vivían bien, vestían a la moda de las grandes ciudades, monopolizaban la mayoría de los puestos importantes, y poseían grandes haciendas ganaderas en todas direcciones. Sus miembros eran educados, pronunciadamente literatos, de una erudición cosmopolita, y orgullosos. La ciudad también parecía aristocrática; apacibles calles, sencilla belleza de las iglesias coloniales y de las casas con balcones cuyos techos entejados se proyectaban sobre las estrechas aceras y las protegían de las lluvias. En 1952 había relativamente muy pocos carros y camiones, ninguna fábrica o almacén grande, y la estación del ferrocarril estaba situada al otro lado del río, de tal forma que el diario arribo del autoferro de Cali no causaba mayor alboroto o conmoción. [...] La clase social era una forma de vida en Popayán. Como en cualquier comunidad antigua y estable, la presencia y el conocimiento de una forma tradicional de comportamiento e interacción producía tranquilidad, gracia y seguridad; pero simultáneamente provocaba tedio, frustración y estancamiento" (Whiteford, 1963, p. 41-44).

abastecem o aqueduto municipal para levar água potável a toda a população. Os recursos hídricos, se tem convertido nas últimas décadas num problema latente na região, pois as águas contaminadas dos rios Cauca, Molino, Saté e Ejido, tem trazido graves consequências, alcançando o 80% de nível crítico, as correntes que atravessam a zona urbana.

Figura 19. Mapa do Município de Popayán.



Fonte: Ministério de Agricultura e Desarrollo Local (2013, p. 8).

Por sua ubiquação sobre as Fallas del Romeral, Popayán tem uma alta atividade sísmica que tem provocado terremotos devastadores. As elevações de terra máximas são as colinas de San Rafael, Canelo, Puzná, Santa Teresa, Tres Tulpas, e a Tetilla, sendo Puzná o mais alto a 3000m sobre o nível do mar. Adicionalmente, entre as principais atividades econômicas da cidade, se destacam os serviços sociais, comunais e pessoais; o comércio e a construção civil, incrementando no ano de 2018, a capitalização de atividades de agricultura e comércio, e decrescendo o setor da construção e a produção das indústrias extrativas (Alcaldía Municipal de Popayán, 2019; Ministerio de Hacienda y Crédito, 2019, Plan de Ordenamiento Territorial, 2013).

Em relação a composição étnica, o departamento apresenta uma diversidade da população mestiça, negra, indígena e branca, assentada na área rural e urbana. Cada etnia, tem vivido e motivado na região, transformações socioculturais altamente simbólicas,

herdado não obstante, desigualdades e pobrezas nos que ainda, não se superam as violências. Mesmo assim, os indígenas Nasa, Yanacona, Misak, Coconuco, e Totoró, tem experimentado um aumento considerável da população a partir do 2005 passando de 248.532, a 308.455 no censo nacional de 2018, com um crescimento do 24,1%. Nesta mesma projeção, se calcula uma população indígena urbana de aproximadamente 26.111 habitantes, enquanto nos centros povoados e áreas rurais dispersas de 282.344 habitantes (Departamento Administrativo Nacional de Estadística, 2019).

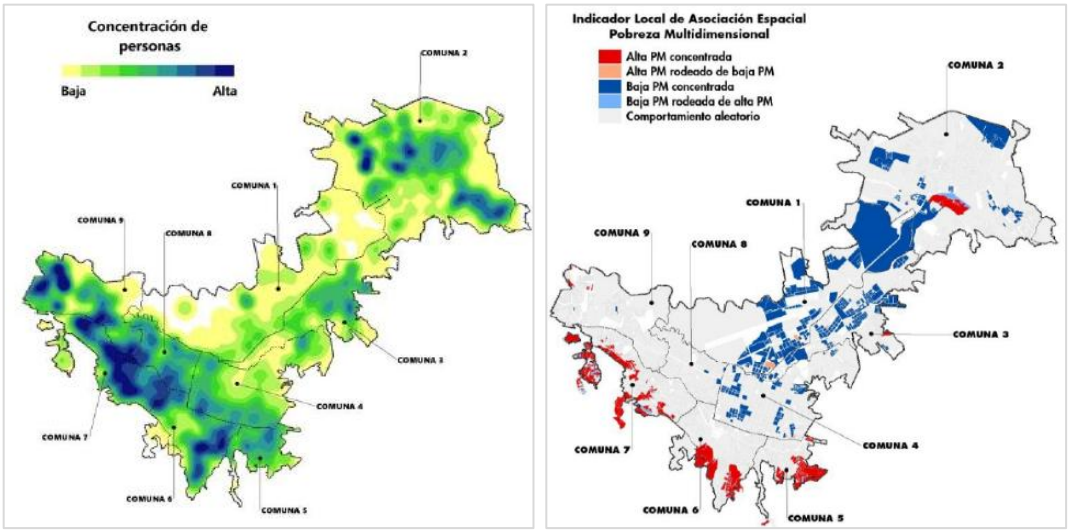
Ao norte do Cauca, a presença da população negra nos municípios de Santander de Quilichao, Buenos Aires, Suárez, Puerto Tejada, Caloto, Villa Rica, Corinto, Miranda, Padilla, e mais recentemente Guachené, apresentam uma economia ligada com o cultivo extensivo de cana de açúcar, o modelo econômico agroindustrial, a exploração artesanal do ouro e a atividade comercial (Vanegas e Rojas, 2012). No entanto, a violência no território por mais de setenta anos, tem gerado fortes deslocamentos, impactando diretamente no crescimento da área urbana de Popayán, sobretudo por parte dos grupos indígenas, negros e campesinos que tem caído na miséria nas urbes O fenômeno das economias latifundistas, o narcotráfico e a disputa pelos territórios, continuam trazendo cenários de intimidação e de opressão no território (Hernandez Delgado, 2006; Villa e Houghton, 2005).

A projeção populacional de Popayán para o 2024 foi de aproximadamente 343.011 habitantes, dos quais o 48% são homens e 52%, mulheres. A zona urbana se divide em nove comunas: o centro histórico da cidade, parte da comuna 4, junto aos bairros Cadillal, Valencia, Achiral, Las Américas, Colombia II Etapa, Argentina, San Camilo, El Empedrado, Hernando Lora, Moscopán, Obrero, Santa Inés, Fucha, Loma de Cartagena, La Pamba, Liceo, Caldas, El Refugio, San Rafael, Los Alamos, Siglo XX, El Prado, Vasquez Cobo, Santa Teresita, Pomona, Bosques de Pomona, e Provitec II Etapa (Figura 20).

Nas últimas décadas, o fenômeno de migração venezuelana tem sido considerado como um fator de incidência social, registrando-se nos últimos cinco anos, um total de 3.275 migrantes, tanto na zona urbana como em outros municípios da região. Os conglomerados de alta pobreza em Popayán, se encontram registrados majoritariamente nas comunas 5, 6 e 7 da área urbana, onde a incidência da pobreza é de 18.4%. As atividades. Desta zona são variáveis, destacando-se o trabalho informal, a dependência econômica, o atraso escolar, a

falta de serviços de saúde, o analfabetismo, a falta de fontes hídricas, e outros aspectos críticos (Departamento Administrativo Nacional de Estadística, 2021).

Figura 20. Mapa das Comunas da zona urbana de Popayán.



Fonte: Departamento Administrativo Nacional de Estadística (2021, p. 99).

De acordo com o Censo Nacional de População e Casa, Popayán contava com uma população de 318.059 habitantes, dos quais 51.498 viviam nas zonas rurais (14%) e 266.561 habitantes na zona urbana (86%), concentrando-se a maioria na cidade e arredores (Departamento Administrativo Nacional de Estadística, 2018). As projeções de crescimento da população a partir do 2018, se mantiveram estáveis, muito contrário, a elevada porcentagem apresentada em 2005, onde o deslocamento forçado interno na região, provocou uma migração massiva da zona rural à urbana (Ver Apêndice B).

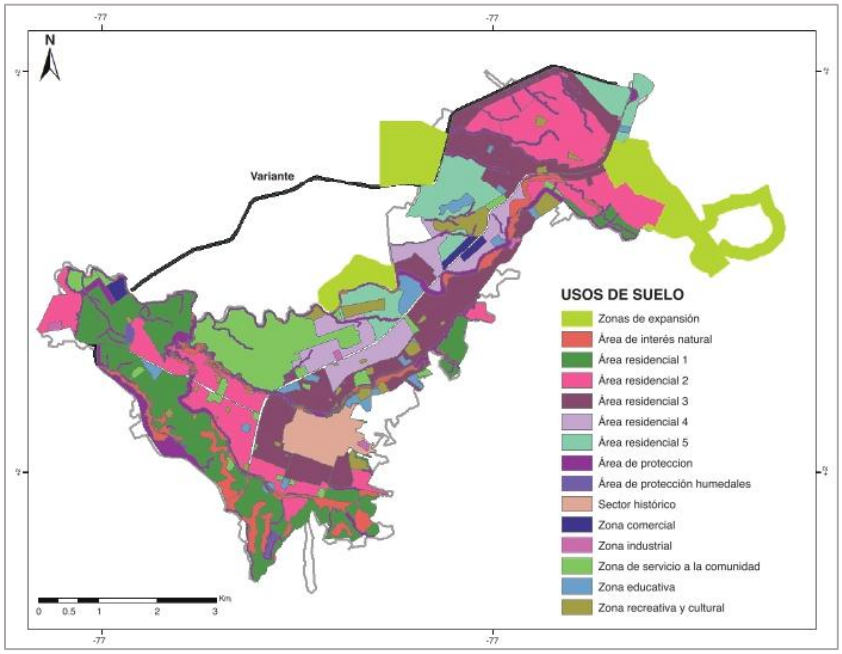
A população deslocada que chegou à zona urbana da cidade entre 1998 e 2014, vinha tanto da mesma região como de outros territórios nacionais. De acordo com o Sistema Nacional de Atenção Integral à População Deslocada – SNAIPD, entre 1995 e outubro do 2006, chegaram a Popayán 21.171 pessoas (Alcaldía Municipal de Popayán, 2019).

A Unidade para a Atenção e Reparação Integral de Vítimas – UARIV, indicou que entre 1998 e 2014, a população recebida foi de 94.477 habitantes (Ver Apêndice C). Estas cifras alarmantes, evidenciam o conflito armado acentuado no Cauca, sendo a maioria da população deslocada, proveniente dos municípios da Vega, Argélia, Bolívar, San Sebastian

e Florência; e regiões nacionais, provenientes dos departamentos de Nariño, Putumayo, Huila e Caquetá (Macuacé e Landázury, 2021).

O crescimento de Popayán, tem trazido grandes problemas de reacomodação urbana; pois longe de melhorar a qualidade de vida de seus habitantes, criou-se sérias distorções demográficas. Passar de 309 hab./km em 1985 a 650 hab./km em 2018, reduziu em menos de três séculos, o espaço de mobilidade ao dobro, concentrando-se a maior parte da população, na zona central e nas áreas comerciais, onde atualmente se apresentam sérios problemas de invasão ao espaço público e uma forte contaminação ambiental.

Figura 21. Mapa de Popayán distribuído por uso de áreas e zonas urbanas.



Fonte: Macuacé e Landázury (2021, p. 87).

Com a nova redistribuição urbana, os usos de solo da região se dividiram em zonas de expansão, comércio, indústria, serviço à comunidade, educação, recreação e cultura; de áreas de preservação natural, proteção ao patrimônio, zonas húmidas, residências e demais que começaram a conformar os rearranjos urbanos (Figura 21) (Macuacé e Landázury, 2021).

O fortalecimento de atividades econômicas, como o comércio, a construção civil, o turismo e as atividades imobiliárias, se insertaram em Popayán criando dependências diretas com o setor de serviços, muito contrarias à do Departamento do Cauca, que gira ainda ao redor do setor agrícola. Em 2012, a cidade registrou 7.825 unidades produtivas,

subministrando uma alta inversão em infraestrutura, nas dependências de energia, gás e água, das empresas locais; enquanto no setor comercial registrou uma variação de 17.01% de inversão em ativos do município. Em ordem de importância, o setor de hotéis e restaurantes conta com 840 registros, 736 atividades imobiliárias e 598 industriais, que não concentram mais do 13% do valor total de ativos, e o 27,7% do total de empesas.

Os setores agrícola, pecuário, caça e silvicultura, contam com 85 empresas registradas, representando 1.2% do total de ativos; de acordo a seu tamanho reduzido registrado na Câmara do Comercio, 7.442 delas são microempresas (unidades econômicas) que não geram mais de 10 empregos, e cujos ativos, não superam os 500 SMMLV, inferior a 300 dólares americanos mensais (Ver Apêndice D) (Gómez, Sarmiento e Fajardo, 2016).

2.1.1.1. Crescimento e transformação de Popayán: século XV e princípios do XX

O crescimento das áreas urbanas de Popayán se expandiu significativamente em finais do século XX, depois do terremoto do 1983, transformando a arquitetura colonial da zona central, integrada substancialmente, com as inovações técnicas e tecnológicas trazidas para sua reconstrução. Como efeito em cadeia, a abertura de outras centralidades urbanas, desbordaram a centralidade do setor histórico que até a data, se mantinha como um referente socioespacial de integração local. Edificações como os centros comerciais Plaza Colonial inaugurado em 2005, Campanário em 2008, e recentemente Terraplaza em 2016, surgiram como seções urbanas de entretenimento que começaram a articular, outro tipo de dinâmicas de integração urbanas, esta vez desde as zonas centro-periferia.

Antes das mudanças irreversíveis dos espaços urbanos sobretudo no setor histórico de Popayán, os habitantes celebravam uma madrugada, a última processão de Semana Santa anunciando a despedida dos velhos tempos, mas ao mesmo tempo, no concerto de sinos celebrado nos templos da cidade, a boas-vindas à modernidade, tal como aconteceu no renascimento italiano (Torres, 1989).

Estudos antropológicos recentes, descrevem o fluxo moderno das expansivas construções urbanas, como efeitos da segregação socioespacial, onde as barreiras físicas, a insegurança e as transformações nos hábitos e rituais, tendem a estabelecer distâncias, entre muros que reforçam o caráter de separação entre os grupos (García-Canclini, 2001). O

enaltecimento simbólico das estruturas urbanas, se converte então, no ato de resistência mais representativo que se estabeleceu dentro das comunidades, exaltando seus símbolos desde a histórica tradição do legado, cujo resultado, foi a congregação e o encontro com os outros nos espaços de confluência urbana.

O antropólogo Hernán Torres descreve a Torre del Reloj e seu campanário localizados no centro de Popayán, como objetos representativos e simbólicos das formas desdobradas e obliquas do tempo. O legado histórico, frente à transitoriedade dos eventos alegóricos apresentados na memória de seus velhos moradores, representava também o despertar emotivo de uma nova expectativa de transição nos espaços modernos:

> Na antiga cidade colonial de Popayán, no sudeste de Colômbia, a Torre do Relógio, tem estabelecido, desde 1682, os focos espaciais e os ciclos temporais da cidade. Como modelo evocador de uma ordem sociocultural, serve ao observador antropológico como fonte de informação para nossa compreensão etnográfica da cultura de Popayán. Como símbolo intrínseco, articula os mundos intersubjetivos daqueles nascem nesta comunidade. Da imponente solenidade dos sete sinos do campanário, emana um ambiente reverencial que se estende pela rede de inter-relações expressivas das diversas realidades da cultura. [...] Fui ficando cada vez consente de um movimento em sua imagem do tempo, um movimento que percebo como o de uma espiral, na que o tempo camina, o tempo passeia, avançando constantemente através de ciclos até níveis superiores. Esta imagem do tempo, quando o tempo caminha, contrasta com o conceito lineal do tempo, no que o tempo corre, o tempo corre. O conceito de espiral permite a reconstrução cíclica através da intensificação cultural ao longo do ano, e ano por ano, enquanto a imagem lineal concebe o tempo como uma marcha incessante para frente, no que as coisas nunca tornaram a ser como foram; o rápido e reto túnel cinza que termina na obscuridade. A este esforço o chamo 'antropologia evocadora' (Torres, 1989, p. 49-50).[24]

Os projetos de recuperação e fortalecimento da arquitetura de Popayán é de inusitada importância, sobretudo na zona setor histórico, enalteceram a ideia de patrimônio que conserva um significado sociocultural.

Este fato despertou a tendência de oferecer ao público, a cidade e seus atrativos, como um produto de consumo. A conservação da arquitetura urbana, herança da colonização do

[24] Minha tradução. Texto original: "In the old, colonial city of Popayan in southeastern Colombia, the Torre del Reloj has, since 1682, established the spatial foci and the temporal cycles of the city. As an evocative model of a socio-cultural order, it serves the anthropological observer as a source of information for our ethnographic understanding of the culture of Popayan. As an extrinsic symbol, it articulates the inter-subjective worlds of those born in this community (Geertz 1973, 93-94). From the imposing solemnity of the seven bells in the Torre a reverential mood emanates, and it spreads throughout the web of expressive interrelations of the diverse realities of the culture. […] I became more aware of a movement in their image of time, a movement which I perceive to be that of a spiral, in which time walks, *el tiempo anda*, constantly advancing through cycles to higher levels. This image of time, when time walks, contrasts with the linear concept of time in which time runs, *el tiempo corre*. The spiral concept permits cyclical reconstitution through cultural intensification throughout the year and year after year, while the linear image conceives of time as a relentless onward march, wherein things will never again be as they were; the fast, straight grey tunnel which ends in darkness (Eliade 1959; Leach 1966; Kearney 1984). I call this endeavor "evocative anthropology" (Torres, 1989, p. 49-50).

território, marchou rumo à consolidação da identidade cultural própria de tempos gloriosos. Mesmo assim, com a influência do progresso, que tensionou os centros urbanos, ocorrido também em outras regiões, se propulsou o abandono e a destruição de algumas edificações históricas, para integrar-se ao moderno. Desta forma, comerciantes, vendedores ambulantes, moradores de rua, e outros atores, se integraram à coexistência tradicionalista das desigualdades (Patiño, 2012).

A aceleração das novas construções urbanas no centro de Popayán, sobretudo em finais do século XX e princípios do XXI, motivaram que tanto instituições como dirigentes locais, empreenderam uma política de resgate e proteção patrimonial dos monumentos, edificações, imóveis, tradições e histórias com elementos regionais de grande importância para a consolidação da identidade cultural (Villota-Enríquez, 2018; Patiño, 2012). As dinâmicas de apropriação, ressignificação e reconhecimento dos espaços urbanos na cidade Popayán, estiveram delimitadas pelo *fluxo espaço temporal* da perpetuação histórica; daí a importância de rastrear as transformações mais significativas de povoamento ao longo deste trabalho.

O fim da cidade tradicional e o ressurgimento dela, mas esta vez com outros elementos espaço temporais, entraram em contradição com a sociedade payanesa. O mal-estar da *cidade nua*, e os desejos incertos de transformar os espaços baixo em desenvolvimento; começou a marcar a vida dos habitantes payaneses, incluindo os mais pobres. Nesta direção se tornou necessário questionar a construção dos laços, redes, identidades e razões de viver, como um desafio que transcendeu a ação política e a marca social, produto da estruturação e os valores que incidiram sobre o cidadão (Agier, 1999 e 2002).

Estudos sobre Popayán, realizado preliminarmente desde a cultura urbana latino-americana, tem agenciado a descrição de cidades de base tradicional e aristocrata na Colômbia. Afetada pouco pelo fenômeno industrial, a cidade passou de ser centro administrativo nacional, a viver de seus nutridos e auraticos acontecimentos históricos, que aludem simbolicamente à importância de seu legado, poder e domínio colonial, presente na memória nacional.

A complexidade de uma cidade tão heterogênea como Popayán, se descreverá a continuação, considerando como fez Whiteford (1963) e recentemente Villota-Enríquez e cols. (2018), por meio da identificação de episódios simbólicos, de acordo a posições relativas na estrutura social. A compreensão dos modelos sociais e as formas de vida da comunidade que abordaremos, proporcionam uma reflexão crítica, desde seus antecedentes históricos, atividades econômicas, cultura, tradição e costumes, que darão conta da compreensão de uma sociedade total e conformada, desde a noção contemporânea e a manifestação das transformações tecnológicas, onde as elites sociais, jogam um papel condicionadamente dominante.

A importância do cidadão em Popayán, esteve sempre condicionada por sua casta familiar e o papel que desempenhavam os indivíduos na sociedade payanesa. O ambiente elitista, de conotação burguês, foi símbolo distintivo da construção de uma sociedade fortemente aristocrata. Até a distribuição dos prédios, foi condicionada por tais efeitos, concedendo-se um tamanho maior o menor, de acordo à importância do morador e suas riquezas familiares.

Quando um cidadão se torna um personagem de destacada importância um dos fundadores os dirigentes políticos, o tamanho do prédio atribuído para sua casa, era amplo e extenso, localizando-se perto da praça central, recebendo até meio quarteirão da esquadra para edificar seu legado, enquanto capitães e soldados, que seguiam na ordem, se lhes entregavam espaços mais reduzidos e afastados da praça. Por um testemunho notarial de 1605, se conhece que entre as primeiras distribuições urbanas da zona central, se encontravam a Alcaldía (Casa Cabildo), a morada do governador Francisco Pizarro, e as casas dos capitães Sebastian de Belalcázar e Juan de Ampudia; prédios que foram construídos com um destacado desenho colonial (Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico, 2009).

Ao redor dos prédios centrais, foram somando-se paulatinamente os descendentes e familiares de figuras ilustres como a de o capitão Diego Delgado Salazar, o tesoureiro das Caixas Reais de Popayán Bernardino Pérez de Ubillús, os capitães Pedro de Velasco e Francisco de Alvarado, o capitão espanhol Francisco de Mosquera e Figueroa, a prisão municipal, a açougue, entre outros. Com o tempo, as edificações e distribuições do centro

histórico, se expandiram e transformaram em centros administrativos, conventos, escolas, talheres, estabelecimentos comerciais, teatros, museus, hotéis, joalherias, igrejas, cafés, estancias de tabaco, alfaiatarias, ferreiras, padarias, bancos, miscelâneas, armazenes, sedes universitárias e outras dependências.

A cartografia da cidade, se transformou com o passar dos séculos na consolidação da *urbe payanés*, registrando-se as primeiras locações urbanas, no Mapa de Popayán de 1885 elaborado pelo ajudante general Carlos Albán, onde se apreciam caminhos de entrada e saída da cidade, dos primeiros quarteirões existentes à hora de traçar os planos no que se ilustram os povoados de Timbío, Cajete, Santa Barbara, Yanaconas, Pueblillo, Calibío, Puelenje, Julumito, e alguns rios e montanhas (Figura 22) (Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico, 2009; Villota, 2017).

Figura 22. Mapa de Popayán 1885.



Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico (2009, p. 118).

Posteriormente os planos cartográficos de Popayán, de 1888, elaborados por Rubén Mosquera, localizando-se os principais inoveis de valor arquitetônico e histórico como a Casa de Camilo Torres e Julian Trujillo onde funcionou a primeira sede do Banco do Estado, e

alguns potreiros, bairros e ruas de atalho como as que unia a rua 7ª com rua 6ª para pegar o Puente de la Custodia (Ver Tabela 1).

Tabela 1. Locações registradas no plano cartográfico 1888 em Popayán.

Locações registradas no plano cartográfico de 1888			
Casas	**Igrejas**	**Praças e escolas**	**Outros**
Casa Valencia	Catedral	Praça central	Universidad del Cauca
Casa Manuel de Jesus Quijano	San Francisco	Praça de Mercado	Casa de Governo
Casa Joaquin Valencia	San Camilo	Escola de meninos	Sala da assembleia
Casa Sergio Arboleda	Santo Domingo	Seminário Conciliar	A prisão pública
Casa Prócer Caldas	El Carmen	Escola de meninas	Galerias
Casa Júlio Arboleda	La Ermita	Escola Normal de varões	Hospital
Casa Camilo, Gerónimo	La Encarnación	Casa Municipal	Rio Molino
Casa Prócer Camilo Torres e General Ignácio Torres	San Agustín	Torre do Relógio	Administração de correios
C. Joaquin Mosquera, 1er presidente na Colômbia	La Compañia de Jesus	Quartel Militar de San Camilo	Puente del Humilladero
C. General Julián Trujillo ex-presidente da República	Palácio Episcopal	Escola Normal de mulheres	Casa de Moeda e Casa de repouso
C. Manuel Maria, Manuel José, Joaquin e T. Cipriano de Mosquera	Belém	----------	Impronta departamental

Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico (2009, p. 118-119).

O plano cartográfico de Popayán de 1907, elaborado pelo engenheiro e arquiteto Luis Chiappini, identifica o antigo cruzamento do Rio Molino, o cemitério e alguns quarteirões e ruas em construção na zona sul (Ver Tabela 2) (Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico, 2009).

Institucionalmente o Plano geográfico de Popayán de 1961, realizado pelo IGAC a escala 1:5000, elaborado com fotografias aéreas tomadas em anos anteriores, e desenhos e esboços do pintor Efraín Martínez. Nele se ilustram aspectos da cidade colonial, no óleo Canto a Popayán, bem como outros rascunhos elaborados por Adolfo Dueñas sobre o campanário de Santo Domingo, a Cúpula da Catedral, e as arcadas desaparecidas na frente do Hotel Monastério.

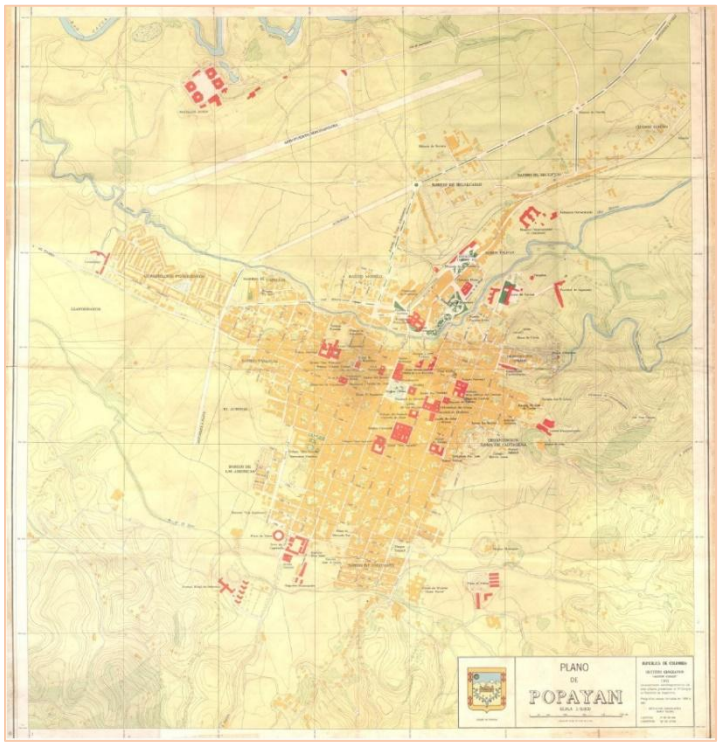
Tabela 2. Novas locações registradas no plano cartográfico 1907 em Popayán.

Locações registradas no plano cartográfico de 1907			
Casas	**Igrejas**	**Praças e escolas**	**Outros**
Casa de Governo Nacional	Torre da Praça	Escola dos H.H. Maristas	Impronta departamental
Terreno e Casa da Dioceses	Palácio Arzobispal	Escolas de Institutoras	Universidad del Cauca
Terreno da C. de Governo	Templos	Escola das Madres Josefinas	Presidio e Penitenciária
Palácio da governação	Terreno e pátio da Catedral	Escola das H.H da caridade	Quartel
Edifício Gov. Departamental		Praça de Mercado	Correio e Telegrafo
Edifício do Distrito	-------	Real Seminário Maior	Matadouro publico
Hospital	------	Seminário Maior (San Camilo)	

Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico (2009, p. 119).

No plano de 1961, pode-se observar o processo evolutivo da cidade e suas edificações, destacando-se o Aeroporto Machangara com só um hangar de abordagem, o bairro Achiral em processo de expansão, o bairro Lomas de Cartagena, onde haviam construídas seis casas, e o Conjunto San Camilo, com três quadras por ½ de extensão (Figura 23) (Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico, 2009).

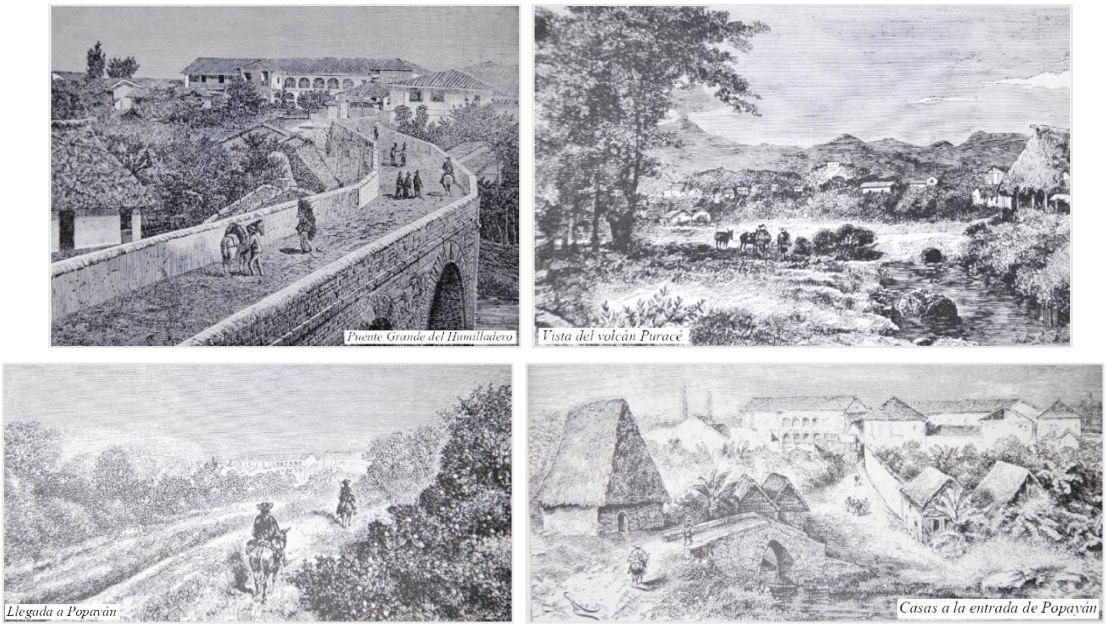
Figura 23. Plano de Popayán 1961.



Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico (2009, p. 121).

Os gravuras dos viajantes dos séculos XVIII e XIX, publicados em vários livros e periódicos, descrevem aspectos relevantes da transformação urbana da cidade, entre eles, a Vista del Volcán Puracé de J. Flóres, no que se aprecia El Rio Molino, El Puente de la Custodia (Puente Chiquito), as velhas casas de palha e La Capilla de Belén. , desde El Puente del Humilladero observa-se o viaduto Simon Bolívar, alguns transeuntes, e as primeiras casas da cidade junto a seus hortas e solares, ainda sem alterações ásperas. De igual forma se apreciam as casas à entrada Popayán, El Puente de la Custodia, ranchos de palha perto do rio, hortas e uma rua empinada no Humilladero. A maioria modificados atualmente (Figura 24) (Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico, 2009).

Figura 24. Gravados da evolução urbana de Popayán séculos XVIII e XIX.



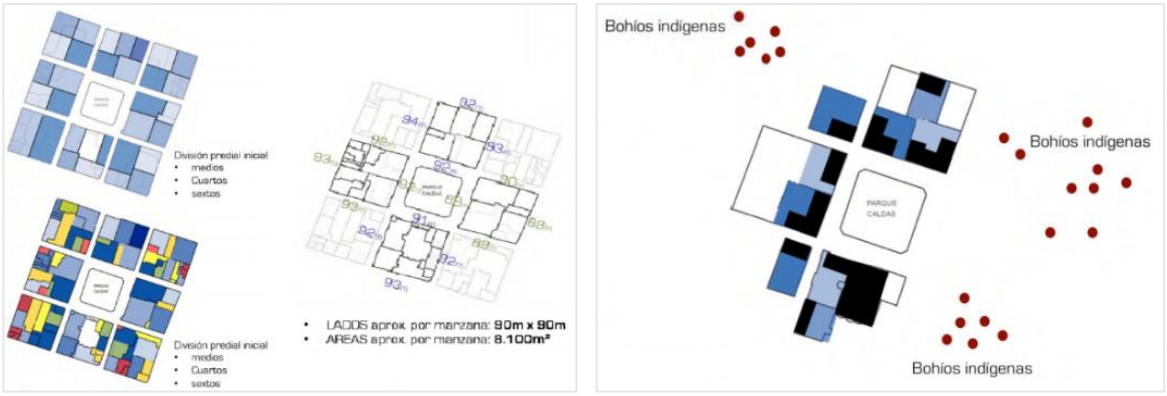
Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico (2009, p. 123-125).

Popayán construiu durante os séculos XVI e XVII, um modelo urbanístico, muito similar ao de outras regiões na América Hispânica Colonial de traçado em formato tabuleiro (em espanhol, damero). A quadricula morfológica, modelo oficial da área andina, se replicou ao sul da América de forma básica, com as fundações de Pizarro, Piura e Cajamarca; mas depois das fundações de Quito (1534) e Lima (1535), atuaram suas cidades, como referentes do modelo de tabuleiro para outras regiões do continente.

A uniformidade das ruas de Popayán à medida dos quarteirões em forma de *tabuleiro de xadrez*, impressiona aos visitantes, sobretudo a praça central onde se concentrava a

atividade política, econômica, social, religiosa, e cultural, que foi utilizada como um mercado regional aberto. Está clara a identificação de hierarquia, se distinguia inclusive, na aproximação das casas à praça; pois entre mais riqueza tivera o cidadão, menor seria a distância de sua morada ao núcleo central. No centro da praça, morava a aristocracia colonial, enquanto os demais habitantes, viviam aos arredores, contrastando os bairros ou rancheiros indígenas mais pobres, com as casas colônias da cidade (Durston, 1994). Uma vez traçada a geometria urbana, se materializaram as estradas principais e quarteirões, preferivelmente, afastados dos assentamentos indígenas (Figura 25) (Plan de Ordenamiento Territorial, 2013).

Figura 25. Medições de terreno na arquitetura colonial de Popayán.



Fonte: Echeverry (2016, p. 25).

Na distribuição urbana de Popayán, sempre existiu uma clara intenção de distinguir as elites, dos trabalhadores, indígenas, africanos e pobres. De fato, a importância da orientação cardial foi significativa, pois o conceito de rua oriente-poente, se colocava como rua direita; e a do norte-sul, se colocava como atravessada, onde uma rua direita tinha uma conotação de maior prestígio que a atravessada (Duston, 1994). Nas palavras de Herrera-Angel, o traçado *damero* era:

> Um determinado ordenamento do espaço, que é incorporado na experiência do indivíduo desde sua mais tenra infância, terminado a ser para ele o ordenamento natural das coisas e não um dos tantos ordenamentos possíveis. Esse ordenamento, a sua vez, não é ingênuo nem intercedente, senão que, pelo contrário, reflete e, à vez, inculca parâmetros de classificação, princípios cosmológicos, valores sociais, hierarquias, critérios de identificação, o 'dever ser' e as proibições sociais. Na sociedade colonial hispano-americana a hierarquia e o privilégio implícito em ocupar a ponta da mesa ou de viver sobre o marco da praça, assim como os critérios cosmológicos subjacentes na ideia de que os rios haviam sido postos 'por natura' para dividir jurisdições, constituem exemplos deste fenômeno, que adquire uma grande complexidade ao considerar os diversos níveis e

> dimensões em que as sociedades vivem e estruturam o espaço com o que se identificam (Herrera-Angel, 2009, p. 1-2).[25]

Durante o Período Colonial (1537-1810), Popayán ampliou sua conformação urbana, do centro de traçado reticular, à expansão periférica, incorporando novos quarteirões, entre eles, os bairros das classes populares mais pobres, rumo ao sudoeste, para a classe trabalhadora (Figura 26) (Echeverri, 2016). Os bairros populares periféricos na cidade, se consolidaram afastados do centro histórico; continuando a praça do Parque Caldas, ainda como centro econômico pela localização antiga do mercado, e pela congregação de povos nas festividades onde confluíam todo tipo de setores e classes sociais.

Figura 26. Bairro popular periférico na urbe da cidade de Popayán em 1920.



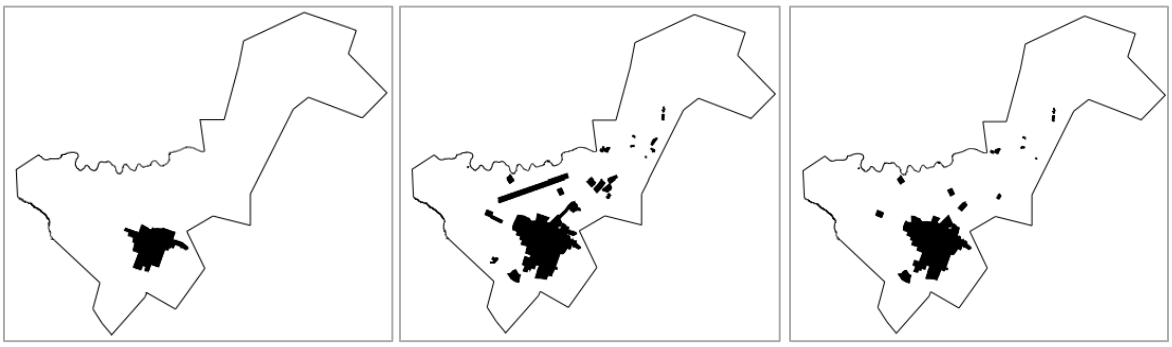
Fonte: Paredes (1983).

A divisão predial de origem oficial e governamental, decretada como desenho da estrutura urbana, continuou com o mesmo padrão geométrico formal na divisão de cada uma das edificações; no entanto, sua reprodução se modificou posteriormente, no Período Republicano (1810-1906), quando se ampliam as construções urbanas e se incorporaram tecnologicamente outros desenhos e materiais de forma paulatina, de quebrar a simetria, intentado aproximar-se aos afluentes hídricos, como o Rio Molino (Figura 27) (Plan de Ordenamiento Territorial, 2013).

[25] Minha tradução. Texto original: "Un determinado ordenamiento del espacio, que es incorporado en la experiencia del individuo desde su más tierna infancia, termina por ser para él el ordenamiento natural de las cosas y no uno de los tantos ordenamientos posibles. Ese ordenamiento, a su vez, no es ingenuo ni intrascendente, sino que, por el contrario, refleja y, a la vez, inculca parámetros de clasificación, principios cosmológicos, valores sociales, jerarquías, criterios de identificación, el "deber ser" y las prohibiciones sociales. En la sociedad colonial hispanoamericana la jerarquía y el privilegio implícito en ocupar la cabecera de la mesa o de vivir sobre el marco de la plaza, así como los criterios cosmológicos subyacentes en la idea de que los ríos habían sido puestos "por natura" para dividir jurisdicciones, constituyen ejemplos de este fenómeno, que adquiere una gran complejidad al considerar los diversos niveles y dimensiones en que las sociedades viven y estructuran el espacio con el que se identifican" (Herrera-Angel, 2009, p. 1-2).

O crescimento acelerado, irrompeu as etapas de transformação urbana do período moderno em Popayán, consolidando-se durante a *primeira etapa do período moderno* (1906-1946), a construção das estradas de conexão com cidades como Cali e Pasto, bem como a execução do projeto do Ferrocarril del Pacifico, que facilitou a edificação dos primeiros assentamentos ao norte e ocidente da cidade, dispersos do núcleo urbano (Figura 27). Em 1925, o funcionamento do aqueduto regional e seu tratamento, é implantado, utilizando como fonte de abastecimento, o Rio Molino.

Figura 27. Área consolidada no *período colonial* e as duas etapas *modernas*.



Fonte: Plan de Ordenamiento Territorial (2013, p. 14).

A *expansão demográfica urbana* do período moderno (1946-1958), se comportou coincidente, com o aumento da violência em regiões da Colômbia, pois seus efeitos colaterais ocasionaram um grande fluxo de deslocados que migraram do campo à cidade, aumentando assim, a densidade populacional de núcleos urbanos como Popayán (Villota, 2017).

A fundação de cidades coloniais como Popayán, vinculadas estreitamente com a cercania de fontes de água, se deu sobre os eixos norte e sul. A barreira natural de corrente, que fluía desde as montanhas ao noroeste da cidade, era delimitada pelo Rio Molino ao norte, na área central onde o rio atravessava a cidade e no que se construiu a ponte colonial arqueado de El Humilladero, conservado até hoje como patrimônio; enquanto ao sul, pelo rio Ejido, seu afluente era aproveitado para levar a pastar e beber ao rebanho, ou para irrigação de cultivos, pois a praça de férias e alguns bairros marginais da cidade, localizavam detrás do rio, sobre a margem sul oriental da cidade (Whiteford, 2019).

Destaca-se em Popayán, o Rio Ejido, uma das fontes hídricas distantes do centro histórico mais representativas, sobretudo, para os habitantes mais pobres, assentados em suas

ribeiras. O Rio Ejido, sócio culturalmente um dos mais típicos, atravessava o pobre e povoado bairro Alfonso López que se formou em meados do século XX, sendo utilizado seu afluente, por centenas de mulheres que chegavam a lavar suas roupas, golpeando e sacudindo, os trajes da classe aristocrata, sobre as rocas del arrollo; dinâmica que também faziam trabalhadoras lavandeiras no Rio Cauca desde princípios do século XX (Figura 28).

Figura 28. Ponte colonial El Humilladero que cruza o rio Molino.



Fonte: Esquerda Whiteford (2019, p. 84), e Direita Paredes (1983).

O ofício das lavandeiras em Popayán passava de geração em geração, similar à dos *aguadores* encarregados de coletar água e vender a domicílio às famílias mais ricas. As lavandeiras, lavavam as roupas das elites e ricos, permanecendo as praticantes do oficio, inclinadas e expostas ao sol durante várias horas. Nesta extenuante atividade, se contraiam doenças infeciosas e pulmonares que tempo depois resultavam ser críticas para a saúde e o deterioramento físico (Cabrera, 2021) (Figura 29).

Figura 29. Lavandeiras rio Cauca e Ejido em Popayán Colonial no século XX.



Fonte: Esquerda Perafán-Cabrera (2021, p. 121), direita Whiteford (2019, p. 107).

Os afluentes da cidade, menos contaminados que na atualidade, eram também utilizados para tomar banho; cultivar verduras nas zonas mais úmidas, pelas famílias mais pobres (Whiteford, 2019; Wyrobisz, 1980). Lamentavelmente, o fluxo do Rio Ejido foi sendo contaminado e na intervenção das entidades locais, foi redirecionado sem que se tenha nenhum resultado de reparação ambiental. O mal funcionamento do esgoto na cidade, o derramamento de águas ensanguentadas que preveniam do antigo Matadero Municipal, e o descarte inadequado de resíduos convertidos em lixo, foi secando alguns trechos, deixando improdutiva várias sessões e abrindo, novos projetos de habitação urbanos e problemas de insegurança local (Figura 30).

Figura 30. Desvio do afluente do rio Ejido em Popayán.



Fonte: Campo e Ortega (2018, p. 19).

Em geral, o problema de contaminação hídrica não foi só do rio Ejido, senão também de outros afluentes regionais que foram alterados radicalmente os ecossistemas de flora e fauna, produto do carente planejamento urbano e falta de políticas de sensibilização em termos de remediação ambiental. O caso do rio Cauca foi outro dos mais críticos na região (Villota-Enríquez, 2021; Campo e Ortega, 2018).

Na zona central de expansão da cidade, a histórica praça maior inicialmente utilizada como Plaza de Mercado, foi convertida para 1538, no resguardo do cepo onde foram decapitados os conquistadores Jorge Robledo e Álvaro de Oyón; alterada posteriormente em 1766, por uma chorro de água que permaneceu até 1807 quando foi modificado por uma pila de água de piedra. A contínua procura de significação urbana da praça foi alcançado até princípios do século XX, quando finalmente foi situada a estátua do sábio Caldas, e em seus arredores, plantadas árvores que até hoje, acompanham o desenho da praça (Figura 31). Com

a alteração estrutural, a composição do solo da praça, passou pelas etapas de utilização de materiais de argila (1538), argila e cascalho (1766), pedra (1805) e asfalto (1893), para melhorar o fluxo dos transeuntes e a chegada do automóvel (Yangana, 2019).

Figura 31. Parque Caldas no centro da cidade de Popayán.



Fonte: Paredes (1983).

A imagem da cidade colonial na metade do século XX, enaltecia a Plaza Caldas, rodeada por árvores floridas, e na metade, a figura em bronze colocada em 1910, do prócer Francisco José de Caldas, executado pela luta pela independência, que se manteve até após do terremoto de 1983. No rádio da praça igualmente, se encontravam para a época, casas antigas de dois andares com balcões das famílias mais ricas da região. Estas edificações sem dúvida, ressaltavam a herança de linhagens ilustres como o do capitão Don Pedro Velasco, Francisco de Mosquera e outros que chegaram com Sebastian de Belalcázar em meados do século XIV.

As placas, escudos e emblemas da cultura heráldica, também se inscreveram na cultura *patoja*, entre eles, contiguo à praça municipal, pela *Calle de los Héroes*, uma placa ostentava a comemoração do nascimento do prócer Caldas, ou dobrando a esquina da rua em outra placa, se destacava a morada do general Tomás Cipriano de Mosquera, quatro vezes presidente de Colômbia. Este costume enaltecendo os imaginários hegemônicos da arcádia colonial e republicana, com seus signos, marcas e tatuagem. Em toda a cidade, as placas típicas em mármore e bronze, colocadas nas casas das famílias mais pudentes, sublimavam a residência, o lugar de nascimento de personagens com legados históricos: presidentes, poetas, diplomatas ou arcebispos (Figura 32) (Whiteford, 2019; Quintero, 2004).

Na Cidade branca de Colômbia, como é conhecida Popayán, por sua cor branca nas paredes da arquitetura central; a marca simbólica do patrimônio, representa um modelo emotivo, reproduzido na velha tradição colonial que se estende solo até os limites da parte mais representativa de sua história.

Figura 32. Placas de comemoração histórica no centro de Popayán.



Fonte: registro da autora, julho do 2023.

Na época, onde a madeira era utilizada para a construção, casa por casa, e como medida de saúde, seus proprietários pintaram suas locações com cal, evitando a proliferação de carrapatos; pois os tablados, mezaninos e andares junto com a proximidade dos animais domésticos, favoreciam sua cria (Valencia, 1994; Quintero, 2004; Urreste Campo, 2003). Nas palavras de Valencia:

> De improviso, a coceira irritante nos pés, acusava a presença dos carrapatos baixo as unhas ou a epidermes dos calcanhares. A preocupação de ter que ser perfurados por uma navalha bem afiada, ou um estilete, para extraí-los, não já com estilete de ouro, dava tempo a que fizessem seus ninhos e se multiplicassem em quantidades de bagas brancos, alcançando a estender-se em forma de colônias, chamadas ‹‹jarreteras››. Então podiam produzir a deformação dos pés e sua torcedura, dando origem ao tipo social do patojo, chamado assim por seu andado pendular, como o dos patos. Os calcanhares tinham atividade noturna, incitada pela tibieza da cama. Era um prazer cruel coçar e mais coçar os pés, e uma doce amargura fazê-lo contra uma esteira, o mais áspera possível [...] quando se usavam os sapatos para assistir à missa de festa. O calor do sapato as alborotava, mas sem o recurso de poder-se coçar livremente. Uma vez extraídos os calcanhares, havia que cobrir o pequeno orifício, sob pena que outros calcanhares encontrassem a entrada livre. Isto se fazia com isca ou algum unguento amargo; havia vários roteiros segundo a religião. [...] se há pensado, não sem razão, que as níguas foram um incentivo de lucidez mental (Valencia, 1994, p. 43).[26]

[26] Minha tradução. Texto original: “De improviso, la piquiña irritante en los pies, acusaba la presencia de las niguas bajo las uñas o la epidermis de los talones. El temor de tener que ser pinchados por una navaja bien afilada, o una aguja, para extraerlas, no ya con alfiler de oro, daba tiempo a que hiciesen sus nidos y se multiplicasen en cantidades de huevecillos blancos, alcanzando a extenderse en forma de colonias, llamadas «jarreteras». Entonces podían producir la deformación de los pies y su torcedura, dando origen al tipo social del ‹‹patojo››, llamado así por su caminado pendular como el de los patos. Las niguas tenían actividad nocturna,

Cronistas da conquista como Fray Pedro Aguado, Fray Pedro Simón e o Padre Gumilla, deram enaltecida preponderância à presença das pragas nos relatos de soldados espanhóis, afligidos pela imobilização de suas picadas, que causavam inflamações, ardências, e febre que dificilmente eram controláveis. Esta epidemia chamou a atenção de intelectuais como o Doutor Pierre Crouchet, ante a academia de medicina de Paris, expondo sua tese sobre os impactos das epidemias nas colônias francesas da África, as tumbas dos faraós no Egito, e as investigações no México e Popayán sobre os carrapatos, chegando a estudar mais de dois mil casos (Valencia, 1994). A história dos carrapatos, fortaleceu a identidade patoja, incentivando relatos engraçados, frente à conformação, e desenho da cidade, simbolicamente hoje pintada de branco como símbolo de poder.

2.1.1.2. Primeiras transformações urbanas em Popayán em meados do século XX

Os impactos das missões religiosas e os processos de independência na construção dos povos e cidades coloniais na Colômbia, propulsaram as primeiras etapas de desenvolvimento econômico, na procura da dominação regional. A sólida e próspera economia das cidades coloniais, conseguiram o poder, arrasando e sometendo a centenas de índios e negros, que terminaram agressivamente reduzidos. Os processos de colonização, que se perpetuaram até finais do século XX, construíram uma sociedade regulada desde um começo por aldeias, igrejas ou capelas, comissária ou inspeções que serviram às autoridades departamentais para exercer o controle das regiões e seus habitantes. Apareceram na organização, artesãos e comerciantes que providenciavam mercadorias como machados, telas, sal, fósforos e demais, agora, ao alcance dos novos moradores (Pérez Ángel, 1988).

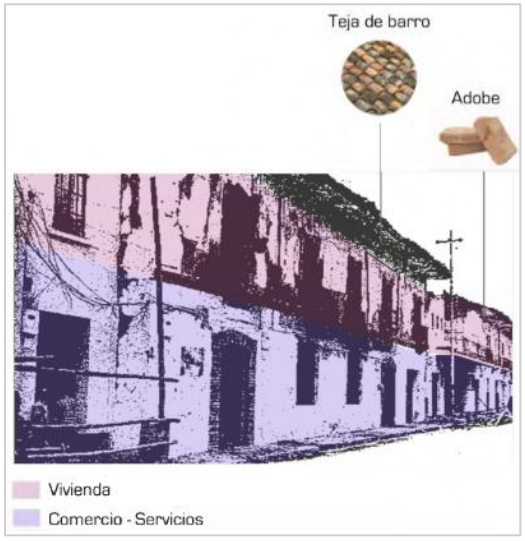
Cidades como Popayán símbolo do poderio da aristocracia na época colonial, se somam à perpetuação de uma preservação da história de classes sociais dominantes, frente a classes populares (Telles, 1998). Enaltecendo seu legado histórico, as elites implantaram e fomentaram na urbe central de Popayán, legendas, mitos, tradições e formas de comportamento específicas, que se adotaram como normativas tradicionais.

incitada por el tibio de la cama. Era un placer cruel rascar y más rascar los pies; y una dulce amargura hacerla contra una estera lo más áspera posible […] cuando se usaban los zapatos para asistir a misa de fiesta. El calor del zapato las alborotaba, pero sin el recurso de poderse rascar libremente. Una vez extraídas las niguas, había que taponar el pequeño orificio so pena de que otras niguas hallaran la entrada libre. Ello se hacía con sebo o alguna untura amarga; había varias recetas según la religión […] se ha pensado no sin razón, que las niguas fueron un incentivo de lucidez mental" (Valencia, 1994, p, 43).

A transformação das residências como lugares de moradia familiar, foram mudando depois do terremoto de 1736, em pleno século XVIII, quando a cidade estava mais consolidada e as edificações estavam sendo reforçadas, com diferentes materiais, como telhas de bairro e adobe (Echeverry, 2016). A restruturação após o terremoto, propiciou o auge do comércio, aproveitando os proprietários, para reconstruir, casas de dois andares nos que localizaram os negócios no primeiro andar, e os espaços familiares, cima. A nova conformação da morada colonial, registra-se ainda em meados do século XX, onde grandes e velhas casas retangulares no setor histórico, estavam conformadas como espaços de moradia familiar e como lugares de comércio. Nestes comércios locais se encontravam pelo geral. medicamentos, sapatos, rádios e máquinas agrícolas que serviam de aprovisionamento (Figura 33) (Whiteford, 2019; Echeverry, 2016).

As edificações governamentais por outro lado, localizadas ao sul e leste do centro histórico, eram limítrofes com o Palacio del Arzobispado, La Catedral, e La Torre del Reloj ou a *nariz de Popayán*, nomeada assim pelo poeta Guillermo Valencia. A majestosa Torre del Reloj construída entre 1673 e 1682 porta na cima um relógio inglês fundido que o arcebispo Cristóbal Bernaldo de Quiróz agenciou, para proteger os cimentos da segunda catedral da cidade. A Torre, legado material da cultura europeia é herança espanhola e se localiza na esquina da Calle Quinta com Carrera Séptima do centro, onde há prevalecido por séculos, presenciando as sequências históricas das gerações.

Figura 33. Distribuição de casa e comércio no centro histórico de Popayán.



Fonte: Echeverry (2016, p. 26).

A construção da torre de estilo romanesca foi supervisionada pelo arcebispo Quiróz, para impressionar aos nativos e visitantes. No entanto, colapsou no sismo de 1736, perdendo-se a altura inicial com sua restauração e as balanças de chumbo que pendiam da torre, sendo estes fundidos por bolas de mosquete, pelos soldados do General Nariño, quando expulsaram aos espanhóis de Popayán em 1814; e substituídos por pedras que ainda permanecem (Figura 34) (Whiteford, 2019). O clássico monumento, inspirou poemas e temas musicais, como o *bambuco*, *La Torre del Reloj*, composto pelo maestro e engenheiro Sergio Rojas Fajardo, enunciando a importância de seu relógio e campanário no percurso do tempo, como signos e símbolos culturais que representam o passado recorrente e nostálgico da cidade.

Figura 34. Torre do relógio tomada desde a praça Caldas no centro histórico de Popayán.



Fonte: Esquerda, Whiteford (2019, p. 86), Direita Diário Proclama (2010).

O legado das igrejas antigas, também foi representativo na construção da representação de uma Popayán religiosa e sacra. Os templos antigos em meados do século XX, eram onze, destacando-se por sua relevância e decoração coríntio: La Iglesia San Francisco; a torre branca espanhola do século XVII, Santo Domingo; a torre quadrada das monjas, a Encarnação do século XVI; a capela branca da *Ermita*, uma das mais antigas da cidade, apesar de construir-se em 1720, mas sendo considerada a ampliação ou modificação da antiga capela original erguida em 1585; *La Capilla de Belén*, com duas torres gêmeas jônicas; e as igrejas de San José, San Agustín, e o Carmen, todas construções submetidas a continuas renovações, adições e reconstruções, sobretudo depois das guerras, terremotos (Whiteford, 2019), e as decisões político-administrativas que transformaram a cidade.

O legado arquitetônico da cidade, replicado e reconstruído permanentemente, sofreu vários movimentos sísmicos. A estampa colonial de Popayán, hoje pode definir-se como barroca e neoclássica, sobretudo pelas edificações cardinais. Entre os primeiros sismos reportados se encontram o de 1566 e 1736 que deixou em pé só La Iglesia de la Ermita; destacando-se os terremotos de 1785, 1841 e 1983, e os movimentos telúricos devastadores de 1817. Nesta direção, a primeira grande obra de construção religiosa jesuíta pode apreciar-se na igreja a Compañia ou San Jose terminada a princípios do século XVIII, e remodelada depois pelo arquiteto Simon Schneider, depois do sismo de 1976. Durante o século XVIII, a construção de La Iglesia de San Francisco, fiel a sua composição renascentista, se integrou ao desenho da urbe patoja (Sebastian, 1965).

Na mesma linha pode-se apreciar a tendência *mudéjar*, a construção de La Iglesia de Santo Domingo, obra do maestro Gregório Causí, e a tendência neoclássica, na reconstrução de La Catedral, inicialmente feita de palha ao igual que a *Ermita*, sendo alterada pelo deterioramento e a ruína que trouxe o sismo do 1736. No entanto, de forma diferente se construiu *La Capilla de Belén*, financiada pelo artesão Juan Antônio Velasco que foi doada em 1689 às carmelitas para fazer o Santuário da Virgem, sendo ampliada pós devido aos movimentos telúricos que afetaram sua fachada.

De forma similar, o *Convento del Carmen*, também recebeu influxo europeu, sendo fundado em 1729 com a chegada de cinco religiosas de Bogotá. Unidades religiosas destacadas também foram La Iglesia de San Jose, a igreja de San Joaquin, e a igreja de San Agustín, reconstruída utilizando o tijolo cortado, depois de 1736 com ajuda da Marquesa de San Miguel, que enalteceu o desenho barroco da época por suas gigantescas colunas e os quebres do frontispício (Figura 35) (Sebastian, 1965).

Figura 35. Algumas igrejas localizadas no centro histórico de Popayán.



Fonte: Secretaria Municipal de Popayán (2021).

As casas de tipo neoclássico construídas para as elites e suas famílias na região, instauraram a estética colonial que ainda se conserva, como é o caso das Casas de Doña Carmen Pino, guarnecidas de tijolo, muros brancos, porta com desenho vertical, pilares de pátios cruciformes e arcos flanqueados (Figura 38); a Casa de Ângulo, fechada em 1809, cuja portada de tijolo e pedra cinza, formavam as *pilastras toscanas* e o *entablado* que conduzia ao pátio onde se podia encontrar arcos de meio ponto apoiados nas colunas dóricas de tijolo, que já existia no *Valle del Cauca* em finais do século XVIII, na Casa de Marisancena de Cartago; as duas edificações (Figura 36).

Figura 36. *Casa de Doña Carmen Pino de Pardo* no centro histórico de Popayán.



Fonte: Esquerda, Sebastian (1965, p. 134), e direita, Universidad del Cauca (2022).

Algumas das casas coloniais são utilizadas hoje como sedes da Universidad del Cauca, este o caso da Facultad de Artes dos programas de Artes Plásticas, Música, Desenho Gráfico e o Conservatório. Originariamente a grande propriedade de Jerónimo de Torres Tenório, irmão de Camilo Torres, foi dividida, e para meados do século XIX, já existiam três casas diferentes: a Casa Ângulo (que hoje corresponde ao pátio principal da faculdade), a Casa Arboleda (edifício de quatro pisos localizado na parte posterior), e a Casa Llanos que corresponde ao lugar onde atualmente se encontra a cafeteria (Sebastian, 1965) (Figura 37).

Nesta direção se destacam também as casas da família Mosquera Mañosa de singular monumentalidade e estilo barroco que ainda conservavam os marcos quebrados das janelas, e os arcos do pátio com enormes pilastras de ordem jônico que abarcavam os dois andares; a Casa de los Borja, destacável por seu arco colonial e o pátio que conserva o pavimento primitivo de tijolo e pedra; a Casa del General Mosquera, construída em 1788 por José Maria

Mosquera y Figueroa, e dividida em dois, sendo atualmente sede do Archivo Histórico de la Casa Museo Mosquera; a sede da Faculdade de Humanidades da Universidade del Cauca, antigo Claustro o Carmen, que construído no século XVIII; o prédio da Marquesa Doña Dionisia Pérez Manrique, destinada como o Convento de Clausura da comunidade das Hermanitas Descalzas fundada em 1729, entre outras de igual importância (Sebastian, 1965).

Figura 37. Casa da Família Ângulo no centro histórico de Popayán.



Fonte: Esquerda, Sebastian (1965, p. 134), e direita, Diário del Cauca (2022).

A arquitetura e ornamentos decorativos de desenho colonial pode apreciar-se nos planos, fachadas, cornijas, cortes, interiores, detalhe nas portas, tipologia *Zaguan*, arcos, pedestais, laterais, entre outros. A proeza arquitetura patoja tem gerado que a nível nacional, a cidade seja reconhecida como a *ciudad branca* de Colombia, ou por eventos religiosos tais como La Semana Santa e La Jerusalém de América.

A tradição da Semana Santa começou em 1556 aproximadamente, quando os peregrinos fecharam um acordo com as forças hostis que estavam acampando ao redor das montanhas, para poder percorrer suas ruas com oferendas e representações culturais. Se comemora cada ano, nas últimas semanas de março e primeiras de abril (Universidad del Cauca, S.F). Esta tradição, identidade da cultura popular e uma representação do poderio hegemônica da igreja, tendo seu reconhecimento como Patrimônio cultural e imaterial da humanidade pela UNESCO em outubro do 2009. Esta celebração abriu espaços como o Festival de Música Religiosa, a Exposição Nacional de Orquídeas, as multiplex Férias de artesanato o Congresso Nacional Gastronômico, e outras atividades.

A Semana Santa de Popayán, está a cargo da Junta Pro Semana Santa, quem incentiva o trabalho de limpeza das igrejas, casas e monumentos no setor histórico, bem como de

antecipar-se na escolha dos participantes que oficiaram como Barrendero, Monaguillos, Cargueros, Sahumadoras, Moquero, Regidor, Sindico, Músicos de banda, e demais figuras alegoricamente, que percorrem as ruas do centro, quando se tem um clima favorável (Figura 38) (Alcaldía Municipal de Popayán, 2022; Whiteford, 2019).

Figura 38. Participantes na celebração de Semana Santa em Popayán.



Fonte: Esquerda, Whiteford (2019, p. 202), Direita Diário Proclama (2022).

A comemoração da Semana Santa, tem sofrido nas últimas décadas, alterações significativas, pois a atividade comercial tende a monopolizar em grande parte, as dinâmicas que se eram construídas ao redor. A figura do cargueiro passada por gerações e cuidada zelosamente, tem perdido a conotação de tradição familiar antecipada do Natal e a celebração grupal das festas de congregação. Este evento de acordo com Whiteford (2019, p. 208), era provavelmente, o único que conseguia integrar às classes sociais e preservar a união do popular entre os pobres e às famílias aristocratas da região.

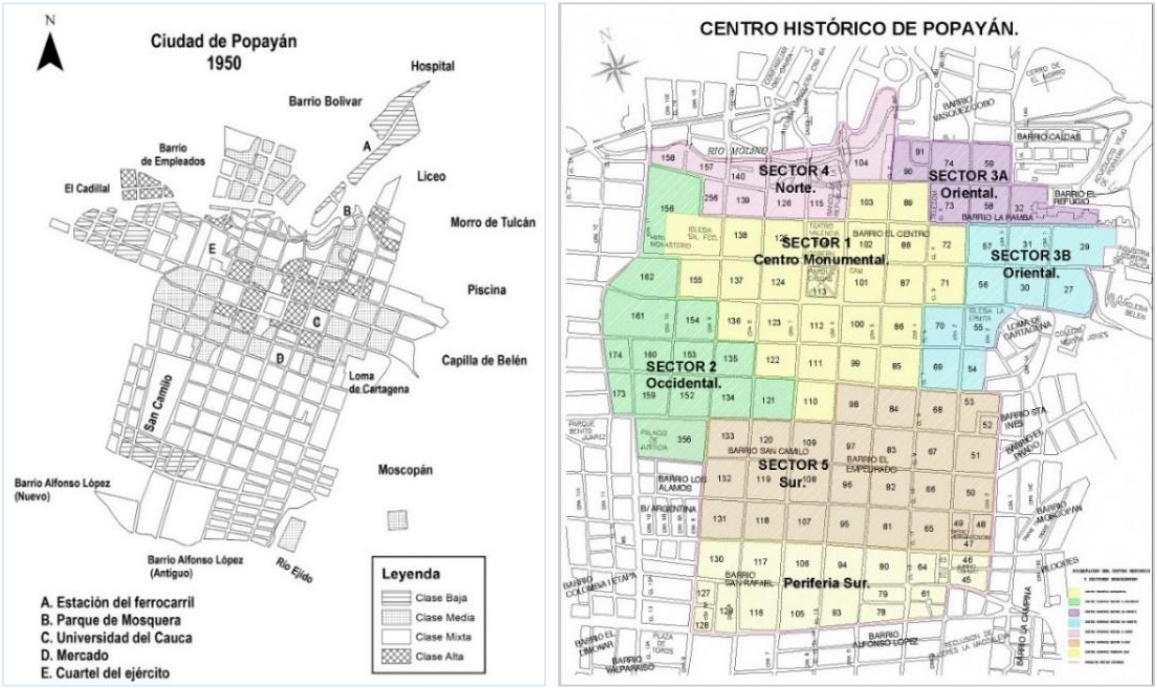
A participação das mulheres também é importante, pois eram encarregadas da estética do evento na confecção de trajes, alimentos, preparação das vestimentas dos santos, e até as perfumadoras (Sahumadoras), representam às trabalhadoras populares e conseguem um equilíbrio social de participação cultural (Whiteford, 2019).

Na cidade, o setor comercial e bancário resultava mais consistente com a onda moderna, enquanto a indústria e a igreja eram percebidos como tradicionais; pois por uma parte, o sistema religioso, estava orientado a preservar os valores e costumes exemplares da sociedade clássica, e por outro, os industriais departamentais, carecendo do capital e produção, não conseguia superar as demandas locais da cidade, e tinham que depender de outros sistemas econômicos e produtivos (Hollinggsworth, 1975 *apud* Webber, 1975).

A condição de industrialização que alcançou Popayán, recebeu influência direta da proximidade com a cidade de Cali, fortemente industrializada e próspera; das plantas processadoras e a conexão que a ferrovia tinha gerado entre o Puerto de Buenaventura no Pacifico e Cali. O crescimento industrial, sem dúvida, devido em parte à pouca preparação para o desenvolvimento industrial e comercial, que trouxe a perdida das minas do Chóco e as terras ricas do *Valle del Cauca*, geraram indústrias muito limitadas e pequenas, que somado ao dano ambiental do rio Magdalena onde se reduziu sua navegabilidade, ocasionou inumeráveis desvantagens. Na atualidade, o departamento de Cauca conta com uma só via longitudinal, que comunica a Popayán ao Norte com o resto do país, e ao sul com Pasto e Equador, o que gera uma limitação para os investidores que olham esta situação, como uma debilidade na região (Whiteford, 2019; e Gamarra, 2007).

Cartograficamente, a expansão da região, posterior à ideia de modernização, transformou a zona urbana, alterando a divisão da cidade, num começo tipicamente fragmentado por separação de classes sociais para meados do século XX. A conformação de uma cidade setorizada homogeneamente começou a ser delimitada por subúrbios, bairros e assentamentos que configuram a imagem espaço-temporal de Popayán (Figura 39).

Figura 39. Mapa da zona do setor histórico da cidade de Popayán.



Fonte: Esquerda, Whiteford (2019, p. 83); Direita Echeverry (2016, p. 21).

A preservação dos assentamentos pré-hispânicos no perímetro urbano, tem suscitado a intervenção histórica e o salvamento arqueológico encarregados de implementar estratégias de proteção, respaldadas na Constitución Política de Colombia (Lei 163 de 1959, Lei 99 de 1993, e Lei 397 de 1997). O número de proprietários dos prédios do setor histórico se estima ao redor de 5.931, sendo o 96.57% de propriedade máximo de cinco pessoas naturais ou jurídicas, onde 4.353, são de propriedade de uma só pessoa, ou seja, 73.39%. Na extensão da área perimetral no setor histórico, dos 1.584 prédios, 26.71%, tem um máximo de 50 m^2, 18.66% um máximo de 100 m^2, e 18.26% um máximo de 150 m^2, cuja área construída tem um máximo de 100 m^2 em 1.431 prédios, equivalentes ao 24.13% dos prédios do setor histórico de Popayán (Ver Apêndice E) (Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico, 2009).

Nas últimas décadas, a inspeção às construções do setor histórico para que conservem suas estruturas coloniais, se tem aumentado para poder exercer controle dos incentivos e ajudas frente à estratificação 1 que reduz consideravelmente o pagamento de impostos aos proprietários nos serviços públicos de água, eletricidade e outros. Histórias como as da Família Vargas, quem expressa o compromisso de preservar uma edificação colonial, legado de seu pai, ao comprar o prédio no ano 1947 à Família Ramirez Penagos, expressa que a ajuda dos entes municipais e governamentais fortalece os acordos de preservação do patrimônio, impedindo que os imóveis sejam arrendados, vendidos ou alugados, deteriorando a infraestrutura clássica (Alcaldía Municipal de Popayán, 2023) (Ver Figura 40).

Figura 40. Proprietária e interior de uma das casas coloniais do setor histórico.



Fonte: Alcaldía Municipal de Popayán (2023).

Os requerimentos de inspeção aos imóveis, também podem ser agenciados pelos cidadãos, quando as edificações na zona, apresentam alguma anormalidade em relação a sua construção, abandono, deterioramento, propagação de pragas ou invasão indevida dos espaços, que prejudicam às comunidades vizinhas. No bairro Alfonso López, perto do setor histórico, a início do 2022, um cidadão representando a comunidade, eleva uma petição para gerenciar a inspeção de um dos imóveis da zona. Uma vez realizada a visita técnica, por parte dos funcionários da Secretaria de Planeación Nacional, oficializa-se o abandono e deterioramento da edificação, decretando o fechamento e limpeza do prédio urbano, amparados no artigo 148 do acordo 06 do 2022 da cidade (Ver Apêndice F).

Por outra parte, durante o período moderno da Frente Nacional (1958-1974), foram realizados importantes obras de infraestrutura na cidade, entre elas, o novo aqueduto, o terminal aéreo e a autopista Panamericana (substituta da antiga via Cali-Popayán). A preservação das casas coloniais no centro para a época, construídas de telhas de barro e adobe, prevaleciam desde século XVIII, a igual que sua conformação estrutural, sendo negócio no primeiro andar, e espaço familiar acima (Plan de Ordenamiento Territorial, 2013).

Figura 41. *Chorros de água* coloniais em Popayán.



Fonte: Esquerda e meio, Hernández e Patiño (2021, p. 14).

Entre as áreas de conservação ambiental, se destacam a proteção de alguns *chorros de água* do antigo sistema do Acueducto Municipal como o Chorro de la Pamba, o Chorro del Macarón e o Chorro de Marcos Campo. O desenvolvimento do aqueduto na cidade se deu a princípios do século XX, localizando-se o primeiro filtro no rio Molino, à costa ocidental do Morro de Tulcán, abastecendo a uma população para a época de 7.074 habitantes. No entanto, para finais do século XVIII, na Casa del Tesoro Real ou mais conhecida com Casa de la Moneda, já se havia construído o primeiro aqueduto em canal de tijolo, obras que se originaram nas fontes dos cerros orientais da cidade, uma delas, o Chorro de la Pamba, que esteve funcionando até 1928 (Figura 41).

O processo de aquisição da água, se fortaleceram com os *chorros* tradicionais, os poços e aquedutos localizados nas casas dos ricos e outros lugares públicos como os afluentes hídricos dos rios ou quebradas onde se podia exercer o trabalho de trazer água (Patiño e Zarankin, 2010; Pérez Hernández, 2018). Estudos recentes no campo da arqueologia histórica em Popayán, tem logrado a intervenção do patrimônio em sítios coloniais e republicanos escavados por entidades oficiais. O fortalecimento da cronologia histórica durante a época da Colônia, a Independência e a República, considerando a cultura material da cidade como uma aproximação ao entendimento dos contextos socioculturais, recém tem começado (Figura 42) (Ver Apêndice G) (Hernandez e Patiño, 2021).

Figura 42. Sistemas de aqueduto em Popayán.



Fonte: Esquerda e meio, Hernández e Patiño (2021, p. 14), direita, *Acueducto y Alcantarillado de Popayán* (2023).

Uma vez estabelecido os aprovisionamentos de água e o aqueduto, a cidade começou a estabelecer sua conexão por via aérea, inaugurando a Pista do Aeroporto Machangara, hoje, Aeroporto Nacional Guillermo León Valencia, em 1949, gerando o sentimento da entrada à

onda moderna. A conexão terrestre e aérea, ficaram próximas, procurando ter a maior cercania e acessibilidade ao setor histórico, o que significou um incremento no crescimento e promoção mais amplos da cidade. Durante esta fase, denominada como o período antes do terremoto (1974-1983), continuou a expansão das áreas urbanas e o núcleo central se dirigiu em quatro direções, localizando-se os limites de expansão entre o rio Molino e o aeroporto (Ver Figura 43) (Plan de Ordenamiento Territorial, 2013).

Figura 43. Período moderno Frente Nacional (1958-1974) e antes do terremoto de 1983.



Fonte: Plan de Ordenamiento Territorial (2013, p. 16).

Inicia-se um dos primeiros momentos de dispersão da urbe para meados do século XX; alterando a panorâmica de extensão na periferia, e o desenvolvimento interno no centro. Durante esta etapa, as tradições, o *costumbrismo*, a familiaridade da identidade coletiva, e a integração comunitária previamente definidos, se diluíram com a entrada de outros moradores (Guerra, 2002). A atmosfera para a época, era descrita assim:

> Ao longo das firmes e retas ruas da maioria da cidade, as casas permanecem unidas de parede a parede, sua unidade se rompe só pelas portas embutidas e janelas gradeadas e fechadas. Perto à praça as casas são de dois andares, com amplas portas gradeadas e balcões pouco profundos ladeados de ferro ornamental que se destacam das janelas alargadas do segundo andar. As telhas de bairro inclinadas se estendem sobre a calçada como proteção das chuvas e os tubos de drenagem de metal baixam pelas paredes e passam baixo a calçada para esvaziar as águas até as calçadas. A dois blocos da praça, o padrão arquitetônico cambia a grandes e espaçosas casas de um só andar, perto do centro da cidade, mas diminuiu gradualmente em tamanho a um só quarto ou a cabanas com teto de palha na periferia.
>
> Todos os muros são de adobe ou tijolo, com revestido liso, recobertos com calcária e lavagens em cor pastel suaves: verde, azul, amarelo, terracota, rosado e cinza. Muitos são solo brancos, mas os bordes ao redor das portas e nas aberturas das janelas apresentam uma franja a quase um metro da parede pintada numa cor de contraste, uma prática que oferece uma sensação de beleza simples às ruas que de outra forma virariam canhões de

> gesso e cimento sem uma sola sinal de erva ou arbustos verdes para suavizá-lo [...] em estilo latino-americano típico, os jardins são internos às casas e podem ser olhados desde a rua só através das portas abertas. Nas casas pequenas as portas estão quase sempre fechadas, mas nas casas grandes que se encontram perto da praça as portas exteriores muitas vezes estão abertas e os belos jardins, com suas fontes e árvores florescidos, podem ser vistos por meio das intrincadas relhas de ferro forjado. Alguns portões asseguram o mesmo escudo de armas que aparece na parte superior das portas, o qual é talhado em pedra. [...]. Mesmo que as casas de estilo clássico coloniais já não estão sendo construídas, incluso em Popayán, a cidade intenta preservar sua harmonia com seu passado. Para o caso de construções projetadas perto da praça os planos devem ser aprovados, o novo Banco do Estado na esquina noroeste é um exemplo da fachada estilo colonial que está em curso e a imitação deste estilo também pode-se olhar em várias casas novas que se encontram na periferia do noroeste da cidade. Alguns membros mais jovens das velhas famílias têm construído casa ali, nelas sacrificam o velho pátio para construir um pátio estadunidense com uma parede o cerco perimetral, mas que preserva o tono local com portas de estilo velho, cores pastel suaves sobre o muro exterior e relhas ornamentais nas janelas. Usualmente os quartos são muito menores, que nas velhas casas, e a aparência geral sugere algo sacado de um magazine norte-americano homemaker (Whiteford, 2019, p. 93-94).[27]

Com o progresso, o surgimento de outros estilos arquitetônicos, começaram a aparecer, fundidos com o modelo clássico. Desta forma para finais do século XX, as técnicas de soldadura, e o prensado de materiais de ferro industrial, junto com as novas tecnologias empregadas, a aceitação de novos estilos, foi cada vez mais acolhido no setor histórico pelos novos moradores (Villota-Enríquez, 2018).

O estilo colonial moderno, se expandiu então nas construções de influência colonial, e posteriormente se copiaram às periferias. O estilo contemporâneo, modificou os retoques funcionais do desenho dos quartos coloniais, os ailerons para a proteção do sol e a chuva, a cor das casas e demais. Os novos estilos foram difíceis de classificar, mas inauguraram um

[27] Minha tradução. Texto original: "A lo largo de las firmes y rectas calles de la mayoría de la ciudad las casas permanecen unidas de pared a pared, su unidad se rompe solo por las puertas empotradas y ventanas enrejadas y cerradas. Contiguo a la plaza las casas son de dos pisos, con amplias puertas enrejadas y balcones poco profundos bordeados de hierro ornamental que sobresalen de las ventanas largas del segundo piso. Las tejas de barro inclinadas se extienden sobre el andén como protección de las lluvias y los tubos de drenaje de metal bajan por las paredes y pasan por debajo de la acera para vaciar las aguas hacia las cunetas. A dos cuadras de la plaza el patrón arquitectónico cambia a grandes y espaciosas casas de un solo piso cerca al centro de la ciudad, pero disminuyen gradualmente en tamaño a un solo cuarto o a chozas con techos de paja en la periferia de la ciudad.

Todos los muros son de adobe o ladrillo, con estucado liso, recubiertos con cal y lavados en colores pastel suaves: verde, azul, amarillo, terracota, rosado y gris. Muchos solo son blancos, pero los bordes alrededor de las puertas y en las aberturas de las ventanas presentan una franja a casi un metro de la pared pintada en un color de contraste, una práctica que brinda un toque de belleza simple a las calles que de otra forma serían cañones de yeso y cemento sin una sola señal de hierba o arbustos verdes para suavizarlo [...] En estilo latino típico, los jardines son internos a las casas y pueden ser vistos desde la calle solo a través de las puertas abiertas. En las casas más pequeñas las puertas están casi siempre cerradas, pero en las casas grandes que se encuentran cerca de la plaza las puertas exteriores a menudo están abiertas y los bellos jardines, con sus fuentes y árboles florecidos, pueden ser vistos por medio de las intrincadas puertas de hierro forjado. Algunos portones sostienen el mismo escudo de armas que aparece en la parte superior de las puertas, el cual es tallado en piedra. […].

Aunque las casas de estilo clásico colonial ya no están siendo construidas, incluso en Popayán, la ciudad intenta preservar su armonía con su pasado. Para el caso de construcciones proyectadas cerca de la plaza los planes deben ser aprobados, el nuevo Banco del Estado en la esquina noroccidente es un ejemplo de la fachada estilo colonial que está en curso y la imitación de este estilo también se puede ver en varias casas nuevas que se encuentran en la periferia noroccidente de la ciudad. Algunos miembros más jóvenes de las viejas familias han construido casas ahí, en ellas sacrifican el viejo patio para construir un patio estadounidense con un muro o cerca perimetral, pero que preserva el tono local con puertas de estilo viejo, colores pastel suaves sobre el muro exterior y rejas ornamentadas en las ventanas. Usualmente los cuartos son pocos y más pequeños que en las viejas casas, y la apariencia general sugiere algo sacado de un magazín norteamericano *homemaker* (ama de casa)" (Whiteford, 2019, p. 93-94).

caminho a desenhos como o bairro Modelo, localizado no setor ocidental de classe média, perto do centro histórico, no qual a configuração das construções, o conformava um pequeno pátio vedado na frente, e espaços, e aberturas pela entrada da luz solar, muito diferentes ao estilo colonial (Figura 44).

Figura 44. Novos estilos de construção de casas em Popayán em meados do século XX.

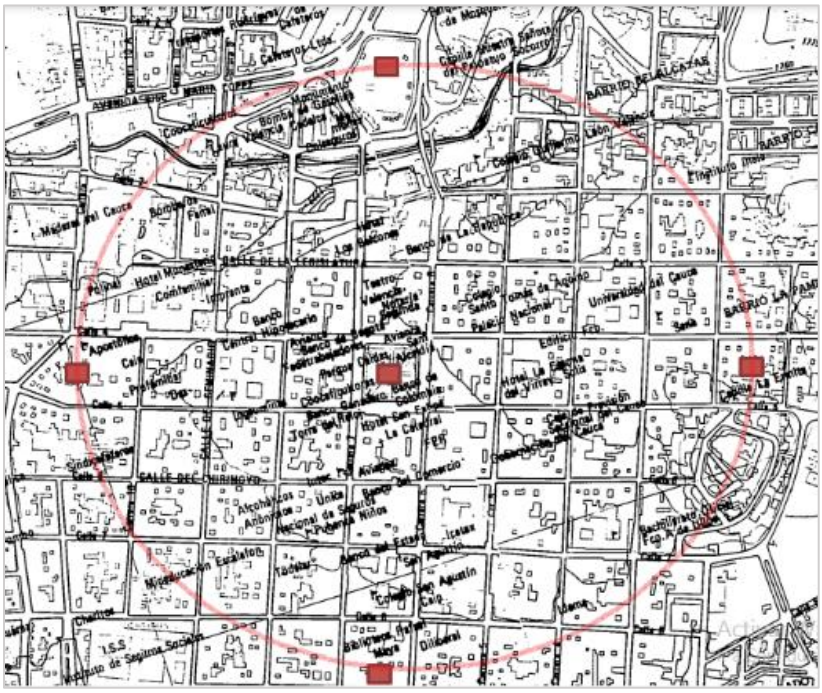


Fonte: Whiteford (2019, p. 95).

Hoje, é difícil diferenciar que tipo de componentes estruturais se consolidaram entre os novos desenhos urbanos que começaram a formar parte da cidade, e as construções coloniais antigas determinantes em várias faixas de tempo. Este fato deve-se a que na arquitetura tradicional, se estiveram integrando solidamente outros estilos e características exógenas, que começavam a formar parte dos espaços urbanos modernos, e ao mesmo tempo, da envelhecida relembrança, dos ambientes coloniais (Whiteford, 2019). Mesmo assim, existem estudos que tentar dilucidar espaço temporalmente como poderia haver sido esta integração de componentes e elementos representativos de uma arquitetura contemporânea misturada com a colonial.

Estes tipos de análises são importantes, porque ajudam a reconfigurar a identidade patrimonial da localidade. Em 1981 a cidade apresentava uma expansão paulatina, incrementando-se as construções novas e edificações em algumas ocasiões; construindo-se casas coloniais, designadas agora, com outras funcionalidades públicas ou privadas, que atendiam as necessidades dos crescentes fluxos urbanos (Figura 45). Por enquanto, depois, a edificação descontrolada perdeu o modelo.

Figura 45. Plano específico do sector histórico da cidade de Popayán 1981.



Fonte: Plano do Instituto Geográfico Agustín Codazzi (1982) elaborado pela autora.

Nota-se para a conformação espacial de 1982, o incremento de hotéis para viajantes, bancos e colégios de ampliar-se as sedes da *Universidad del Cauca*. Chama consideravelmente a atenção para a época a presença da rádio, o diário local, o Ministério da Educação, os bombeiros, a biblioteca, o teatro municipal e a Caixa de Compensação Familiar, inicialmente promovida pelo engenheiro Júlio Arboleda, que em 1966, assumiu a gerência do Banco do Estado, previamente o Banco Emisor. Hoje, Comfacauca, faz parte das empresas públicas da região, e contribui a melhorar a qualidade de vida dos empregados e suas famílias, outorgando subsídios e projetos sociais (COMFACAUCA, 2016).

O despertar das agremiações para fins do século XX foi visível, na consolidação dos grupos de cafeicultores e trabalhadores. A presença de Profamilia, indicava que o Estado estava fomentando programas de atenção integral a jovens colombianos. A dinâmica comercial se mostra na cartografia local, com o Centro comercial Idema, a bomba de gasolina, a Nacional de Seguros, e outras dependências importantes (Ver Apêndice H).

Adicionalmente, os primeiros bairros antigos registrados, entre eles o bairro Santa Catalina, Empedrado, Santo Domingo, San Francisco, San Agustín, San Camilo, *La Pamba*, Valencia, Modelo, *El Callejón* e *La Carniceria*, continuam aparecendo na cartografia patoja,

apesar de que alguns poucos foram renomeados novamente. A cartografia, também mostra que para finais do século XX, continuam aparecendo nos registros, a documentação dos pseudônimos das ruas mais comemorativas, entre eles a rua dos Bueyes, *La Lomita*, *La Pamba*, e *El Chirimoyo*, como as mais importantes desde que se traça a quadricula na zona urbana desde sua instituição (Quintero Esquivel, 2017). De modo geral, os nomes e sobrenomes populares das ruas foram outorgados em memória de próceres, políticos, celebrações, atividades comerciais, ofícios, artesãos, praticas jurídicas, vegetação, projetos de progresso, elevações de terrenos, entre outras invenções do imaginário popular (Ver Apêndice I).

Na cidade o poder se concentrava na prolifica descendência das famílias da elite que defendiam seus interesses próprios, desde meados do século XVII e Princípios do XIX. Os Mosqueras, Rodriguez, Caldas, Tenorios-Torijanos, Tenorios-Carvajal, Torres, Angulos, Jimenez de Ulloa, Hurtados, Castrillon, Fernandez-Moure, Arboledas, Gruessos, Solís, Cajiao, Larraondo, Perez de Arroyo, Perez de Valencia, Pombo, Rivera, Velasco, Castro, Garcia- Rodayega, Lemos, e Riva, ocupavam por herança, os postos mais representativos e lucrativos da cidade; apesar de que o poder exercido teve expressões contraditórias no crescimento urbano e a inserção na onda moderna (Quintero Esquivel, 2017).

No entanto, em finais do século XVIII, alguns membros da elite, investiram em bens culturais, educativos como o Seminário, abrindo espaço aos mais jovens na revalorização da lógica frente à retórica. Desta forma, se fomentou o reconhecimento dos outros como sujeitos de direitos não só na cartografia do território e a classificação e quantificação do patrimônio e a riqueza como produto do trabalho, senão como aliciente à integração das lógicas coloniais preexistentes. As tendas públicas de Popayán, se inundaram assim de livros trazidos de Lima, Quito e Santafé; panorama que surpreendeu a Humbold, em novembro de 1801, e que se manteve com a Universidad del Cauca, sendo nomeada a região, como Cidade Culta (Quintero Esquivel, 2017; Villota-Enríquez, 2018).

Estas transformações terminaram de consolidar-se, depois do terremoto do 31 de março de 1983, de magnitude 5.6 na escala de Richert, que destruiu o 90% das edificações de adobe e taipa do setor histórico, 2.470 construções, 11.722 edificações afeitadas, 10.000 danificados e perdidas por ao redor dos 377.8 milhões de dólares (Guzman-Gomez, 1984).

A destruição da cidade, foi registrada em diários, periódicos e documentais nacionais, visualizando-se perdas materiais e humanas que deram maior visibilidade nacional e na região (Ver Apêndice J) (Figura 46).

Figura 46. Reparações depois do terremoto de 1983 no setor histórico de Popayán.

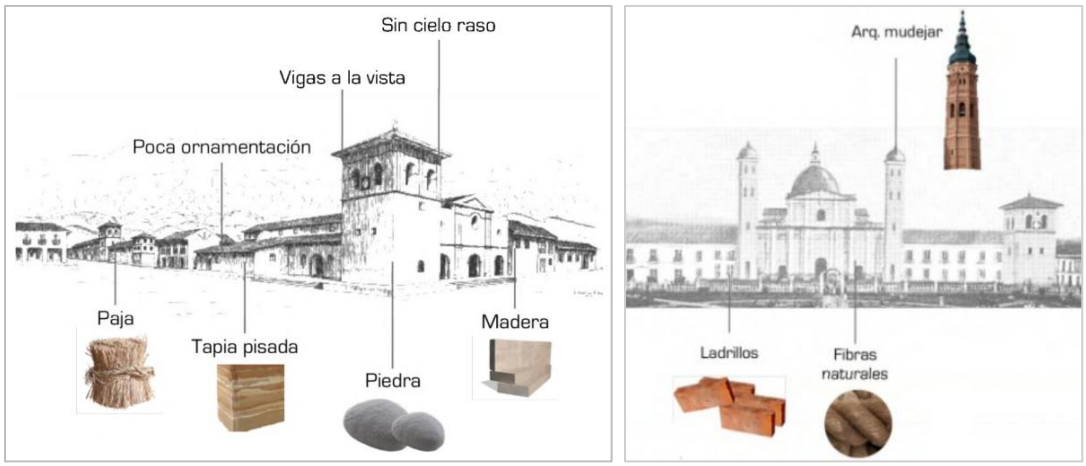


Fonte: Archivo Central de Cauca – ACC (1984, sem digitalizar, fotos da autora), Arquivo morto.

A raiz deste evento, se expediu o decreto de Lei 1400 de 1984, pelo qual se adotou o código colombiano de construções sismo resistentes, sendo a primeira norma para o desenho e construção de estruturas de uso obrigatório em todo o contexto nacional (Servicio Geológico Colombiano, 2019). O terremoto de 1983, abriu sem premeditar, a transformação de uma cidade, que ainda não estava preparada para assumir a expansão social, demográfica e territorial, que se gerou décadas depois, com a criação de assentamentos, bairros e extensão nas periferias desbordadas, que reimprimiram aspectos socioculturais bem afastados das ideias tradicionais (Ver Apêndice K). A composição urbana, que até o século XIX, manteve-se com o denominado Estilo Popayán, de influência neoclássica *mudéjar* colonial, que previamente já havia sido destruído em 1735 e reconstruído, foi prioridade para preservar, na nova reconstrução (Echeverry, 2016; Guzman, 1984).

O estilo *mudéjar* das obras de construção da Nueva Granada, entre as que se destacam templos, capelas e algumas edificações domésticas, utilizaram mão de obra indígena e mestiça, possivelmente pelo baixo custo e a direção de *alarifes espanhóis* conhecedores de técnicas como as armaduras ou alfares de madeira, estruturas de par e *nudillos*, arcos de meio ponto apoiados sobre colunas isentas, naves estreitas condicionadas pela longitude das peças de madeira, pátios de *columnatas ochavadas*, bem como o uso e manipulação de fluxos de água que eram levados aos espaços urbanos (Figura 47).

Figura 47. Tipo y estilo mudéjar de edificação colonial em Popayán no setor histórico.



Fonte: Echeverry (2016, p. 25).

Em finais do século XVIII, se temiam definidas as tendências arquitetônicas: um estilo de caráter popular produto da tradição artesanal, herdada por gerações de maestros improvisados e *alarifes* com ofício; e outra, de corte academista muito influenciada pelos sacerdotes e arquitetos que promoveram projetos civis e religiosos, como aconteceu na próspera e colonial Popayán (Diaz, 2011). Entre 1983-1994, grande parte das edificações do setor histórico na cidade foi reconstruído, redesenhado e reforçado considerando os delineamentos das construções sismo resistentes, como no caso das casas coloniais das famílias de elite, pois as réplicas de movimentos telúricos continuaram.

O terremoto de 1983 devastou a cidade de Popayán, sendo danificadas 23.000 famílias, 165 pessoas idosas desalojados dos asilos fora da cidade, 53.350 estudantes afetados pela destruição parcial da infraestrutura de 180 centros educativos, e cemitérios, deixando expostos cadáveres que trouxeram problemas de salubridade. Frente ao caos, as reparações arquitetônicas foram feitas por toda a cidade (Ver Figura 48) (Servicio Geológico

Colombiano, 2019). O aumento da população depois do terremoto, gerou uma imigração de cerca de 26.400 pessoas à cidade, agravando a magnitude da catástrofe, pelos nulos planejamentos urbanos. Desta forma ao terminar o século XX, durante o período do post-terremoto (1994-1999), o registro de obras de construção ainda se mantinha, apreciando-se desenvolvimentos urbanos por fora do perímetro regional.

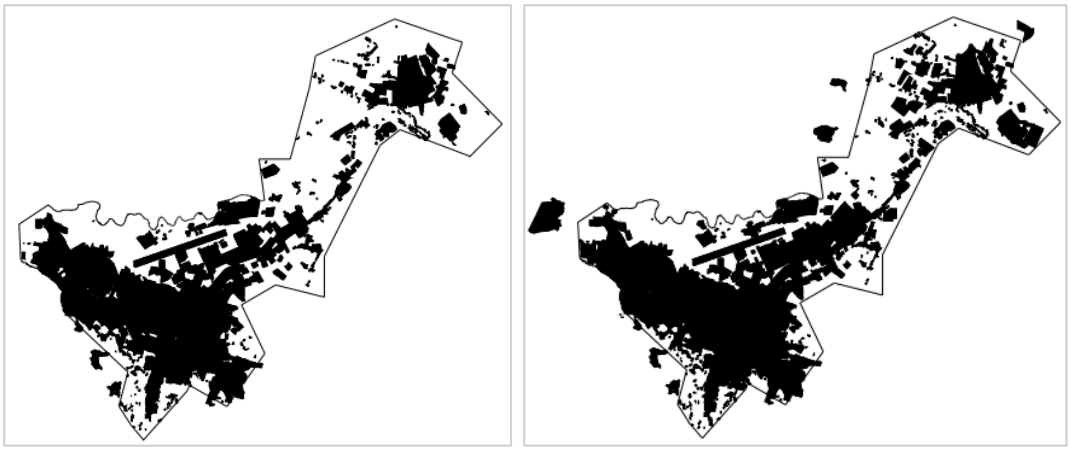
Figura 48. Reparações Casa Valencia de Popayán, 1985 no setor histórico.



Fonte: Arquivo Central de Cauca – ACC (1985, sem digitalizar foto Autora), Arquivo morto.

Com a construção da Variante de Popayán, se consolidou um novo eixo de progresso que trouxe grandes benefícios, gestando-se vários projetos urbanos de coletivos sociais que se organizaram aleatoriamente. O escasso planejamento urbano, incrementou a densidade populacional, desbordando os limites da cidade e obrigando a repensar as periferias, como parte do projeto modernizador (Figura 49) (Plan de Ordenamiento Territorial, 2013).

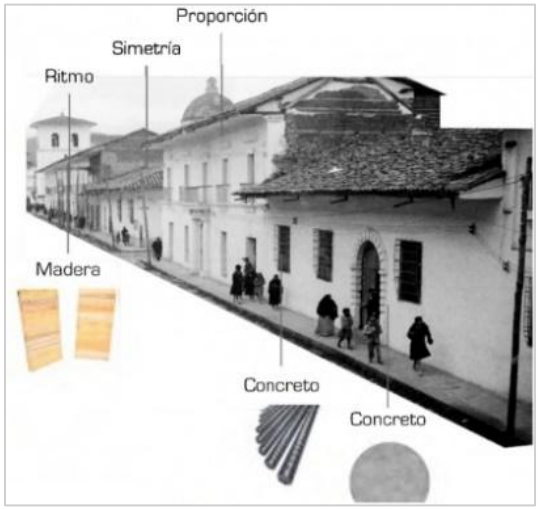
Figura 49. Área despois do terremoto de 1983 primeira e segunda fase.



Fonte: Plan de Ordenamiento Territorial (2013, p. 17).

A reconstrução de Popayán depois dos terremotos; pretendeu preservar sempre, a imagem colonial, o mais fielmente possível. No entanto, com o auge da industrialização e a chegada de novos materiais de construção, se fomentou a incorporação de técnicas e tecnologias que transformaram as influências históricas, sociais e arquitetônicas que se haviam preservado zelosamente. A integração de materiais e técnicas, transformou a estética colonial de algumas casas históricas e as incorporou à nova arquitetura republicana (Villota-Enríquez, 2018) (Figura 50).

Figura 50. Setor centro da cidade, depois do terremoto de 1906 e 1983.



Fonte: Echeverry (2016, p. 28).

No setor histórico, a maioria das casas e edificações de madeira foram reestruturadas e redesenhadas radicalmente, substituindo os muros de adobe, *bahareque* tradicional, terra pisada, estruturas de madeira, telhados de palha e mistura de materiais (terra/*bahareque* com tijolo) construídos durante os séculos XVII, XVIII e XIX, que já exibiam sofrido fraturas e deterioração, por materiais muito mais resistentes e comerciais em termos de conservação, controle de pragas e desenho estético (Villota-Enríquez, 2018; Echeverry, 2016; Plan de Ordenamiento Territorial, 2013; Cardona, 2004).

Na reconstrução das casas coloniais, se incluiu a instalação de energia elétrica, *closets* e banheiros ao interior das habitações, que trouxe como consequência a instalação de tubos de drenagem e tabulações hidráulicas que atravessaram os muros. Ditas construções contemplaram se era necessário, a demolição de algumas seções, para adaptá-las ao serviço dos novos moradores ou comerciantes (Cardona, 2004). Estas remodelações sobretudo no

centro histórico, afetaram a estética das casas coloniais e terminaram por debilitar o estilo colonial. De fato, várias casas reconstruídas e outras destruídas uma vez deterioradas, permaneceram desocupadas, e as edificações abandonadas, nunca se restauraram de novo.

A proteção, recuperação, conservação, revitalização e sustentabilidade patrimonial das antigas construções coloniais de Popayán no centro, exigiam a restauração periódica das estruturas de madeira que suportavam os tetos de telha e muros de adobe. As novas estradas de cemento, pavimentadas e resistentes aos sismos, substituiu o estilo de ruas em pedra, ocultando assim, uma rede subterrânea, semelhante aos cabos elétricos, para melhorar o desenho estético. Com o tempo, as técnicas de amarrações laterais ao interior das colunas, a substituição de ferro por arame farpado e materiais de reboque (areia e pedra), também foram suprimidos, passando a integrar ao espaço urbano, estruturas resistentes e reforços estruturais adequados (Cardona, 2004).

Estas substituições arquitetônicas se deram progressivamente a consequência do colapso das edificações depois do terremoto do 83. O conjunto de condomínios dos *Bloques de Pubenza*, de oito apartamentos distribuídos em quatro andares, feitos de estrutura de tijolos, se desplumou a falta de materiais sismo resistentes para a época (Ver Figura 51). Entre as edificações destruídas se encontravam a Alcaldía, o hotel Lindbergh, o edifício de engenheira da Universidad del Cauca, a Casa Mosquera, o Ponte do Humilladero, o Colégio INEM, e outras próximas ao setor histórico (Guzman, 1984).

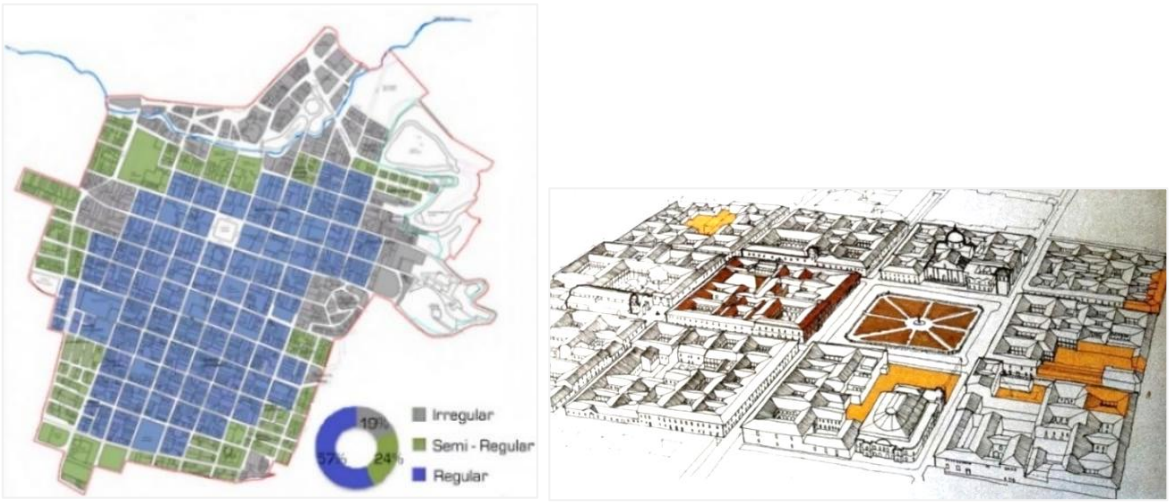
Figura 51. Edificações de concreto reforçado conjunto residencial *Bloque de Pubenza*.



Fonte: Sevicio Geológico Colombiano (2019, p. 1).

Na restauração da cidade se manteve ao redor da Plaza Caldas todo o centro Administrativo Municipal de Popayán – CAMP, entre elas a Alcaldía Municipal com seus respectivas secretarias e despachos, o Conselho Municipal, as empresas municipais, o Departamento nacional de Planeamento, o Centro municipal de convenções, a Biblioteca municipal com a galeria de arte, a hemeroteca, uma sala de música e uma zona comercial. A perímetro do setor histórico, contempla aproximadamente 9.600 m^2, dos quais 8.800 m^2 foram reabilitados mediante a restauração, e 7.200 m^2 inseridos como área de construção nova (Figura 52) (Tellez, 1984).

Figura 52. Cartografia e traços geométricos da construção de *cidade ideal* em Popayán.

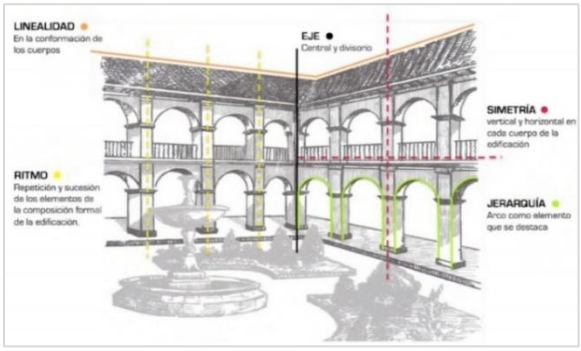


Fonte: Echeverry (2016, p. 29 – 61).

Depois da recuperação do centro histórico, os novos elementos arquitetônicos inovaram e se misturaram com o estilo antigo. Os arquitetos Germán Tellez e Juan Manuel Caicedo planejaram o projeto de reconstrução, ambientes urbanos e pátios interiores das casas *payanesas*, associados aos delineamentos tradicionais.

Estima-se que o custo do projeto, incluindo a aquisição de prédios foi de 483 milhões de pesos colombianos aproximados para a época, sendo financiado pelos bancos Mundial, Interamericano de Desenvolvimento – BID, Central e Hipotecário da Corporação para a Reconstrução do Cauca e o Município de Popayán (Figura 53) (Tellez, 1984).

Figura 53. Esboço de transformação estética leve das edificações do centro histórico.

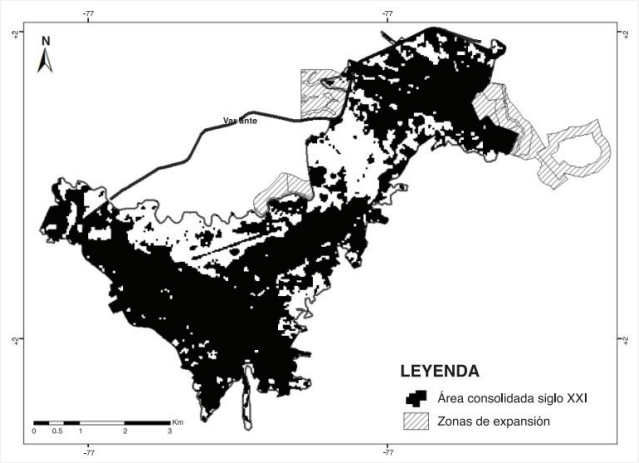


Fonte: Echeverry (2016, p. 36).

2.1.1.3. Transformações em Popayán em finais do século XX e princípios do XXI

A aceleração urbana em finais do século XX e princípios do XXI gerou o aumento das edificações, e o surgimento de invasões que transpassaram a área urbana projetada para sua construção. Este foi o caso do bairro Lomas de Granada, que se encontrava fora do perímetro urbano na zona ocidental, incluído posteriormente após seu crescimento; e a construção da Variante no mesmo setor. No entanto, chama a atenção que nas últimas décadas, não se tenha registros significativos do aumento de extensão do solo na zona rural (Figura 54) (Macuaré e Cortés, 2021). O resgate do centro histórico, evocador da essência colonial, agora com estruturas antissísmicas, reproduziu elementos de desenho moderno tênues, que intentaram não transgredir os traçados coloniais, nem as fachadas republicanas simbólicas.

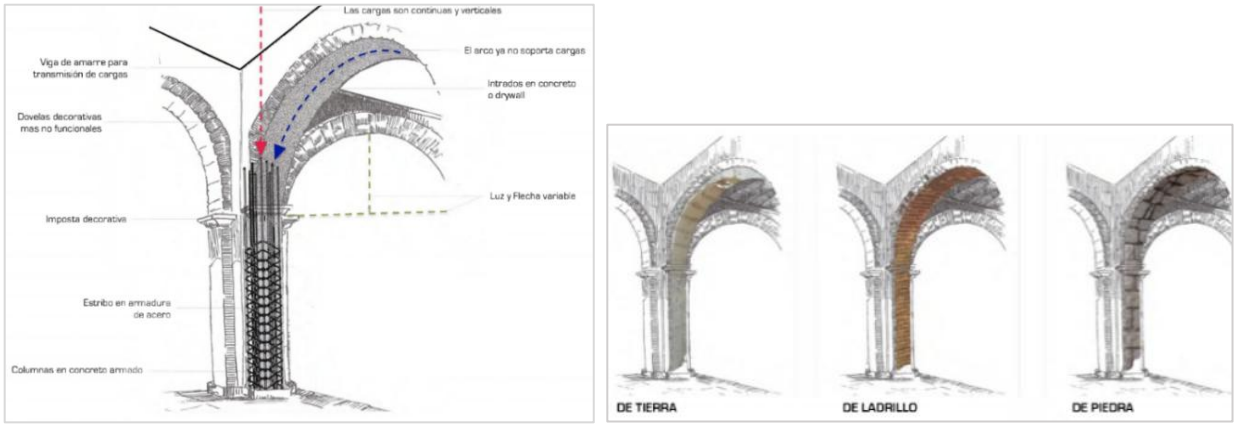
Figura 54. Zonas de expansão e áreas consolidadas no século XXI.



Fonte: Macuacé y Landázury (2021, p. 83).

Entre as transformações tecnológicas dos elementos urbanos se destacam também os arcos tradicional das edificações coloniais. Progressivamente os arcos passaram a ser construídos inicialmente de terra (estrutura de fundição, deformações progressivas, pouca rigidez, degradação dos materiais), logo de tijolo (tijolos ordinários e moldados, uso de morteiro, massa em forma de cunha etc.) e depois por pedra (cúpulas talhadas, estabilidade por corte de material, aglutinantes, uso de treliça e arcos etc.) (Figura 55). Depois de todas as mudanças, o concreto reforçado perdurou nas reconstruções da cidade, perdendo a essência da história colonial como símbolo nostálgico (Tellez, 1984).

Figura 55. Evolução do arco na arquitetura colonial, transformação tecnológica.



Fonte: Echeverry (2016, p. 33).

A invasão e compra de novos lotes, estendeu os limites urbanos. Na compra de prédios a administração municipal e os donos de grandes fazendas se comprometeram a dividir os hectares não ocupadas, para estabelecer o projeto modernizador. Os coletivos sociais, também se somaram à expansão urbana, de fato, um grupo de professores que conformou a cooperativa Provitec, para ajudar na construção de casas ao norte da cidade, conseguiu comprar um lote na Tijoreira de Yambitará, que posteriormente foi urbanizado (El Liberal, 2004).

O surgimento dos bairros periféricos foi inevitável ao igual que a conformação dos assentamentos e urbanizações como o Perpetuo Socorro onde vários habitantes viveram de aluguel por anos, nos bairros José Maria Obando, a Esmeralda e Pandiguando. Os empreendimentos nestas zonas foram significativos, mas ao não ter os habitantes uma casa

própria, vários invadiram lotes de propriedade municipal e edificaram, ganhando o direito legal só depois judicialmente (Ver Apêndice L) (El Liberal, 2004).

Mesmo assim, não todos os que chegaram à cidade tiveram a oportunidade de receber ajudas municipais ou nacionais, afetando assim, aos residentes de fora, que a falta de oportunidades de prosperar, cresceram exponencialmente. A este fato somou-se a ausência de indústrias locais e a displicência das elites de Popayán ao progresso (Urreste Campo, 2003). Este evento se descrevia para a época assim:

> Popayán não está de nenhuma forma industrializada – um moinho de farinha, uma destilaria de licores e uma cervejaria são os únicos representantes do que pode-se chamar indústrias modernas. Parece que as pessoas de influência em Popayán não estiveram interessadas em trair a indústria, o resultado tem sido que aqueles que tem dinheiro para investir, olharam para outros sítios para o posicionamento das indústrias [...] mesmo que o capital e o trabalho tem sido ambos amplamente utilizáveis para o desenvolvimento industrial, não tem havido nem o pujante empreender do homem de negócios que acumula capital, nem a independência de espírito do proprietário absoluto de fazendas, para envolver-se na luta pela abolição do feudalismo colonial (Urreste Campo, 2003, p. 71-72).[28]

A integração de novos bairros trouxe uma ruptura na estética das edificações urbanas do centro à periferia. As edificações contemporâneas com um valor estético agregado, incorporaram a redução de espaços, e a suma de andares. Nos relatos de Whiteford (2019, p. 94-95), o antropólogo canadense documenta, que as casas de estilo colonial, já não estavam sendo construídas, e que as edificações projetadas deviam ser aprovadas pelo Banco del Estado, sacrificando assim o pátio amplo das casas tradicionais, por um pátio de estilo estadunidense, com um muro o cerca perimetral, colores suaves sobre o muro exterior, e barras ornamentais nas janelas. Entre estas alterações arquitetônicas se destacam o antigo Banco del Estado, hoje sede do Banco AV Villas; a sede atual da Institución Universitaria Colegio Mayor del Cauca, e outras que foram reconstruídas (Figura 56).

Estas alterações foram incorporando-se a outras centralidades ao norte da cidade que incrementaram a taxa de população, despois do terremoto do 1983. Os processos de urbanização fora do perímetro urbano deram passou à construção da Variante de Popayán e

[28] Minha tradução. Texto original: "Popayán no está de ninguna manera industrializada – un molino de harina, una destilería de licores y una cervecería son los únicos representantes de lo que se pueden llamar industrias modernas. Parece que las personas de influencia en Popayán no han estado interesadas en atraer la industria, el resultado ha sido que aquellos que tienen dinero para invertir, han mirado a otros sitios para el emplazamiento de las industrias […] si bien el capital y el trabajo han sido ambos ampliamente utilizables para el desarrollo industrial, no ha habido ni el vigoroso emprender del hombre de negocios que acumula capital, ni la independencia de espíritu del propietario absoluto de fincas, para comprometerse en la lucha por la abolición de feudalismo colonial" (Crist, 2003 em Urreste Campo, 2003, p. 71-72).

novos eixos de desenvolvimento social (Plan de Ordenamiento Territorial, 2013; e Urreste Campo, 2003).

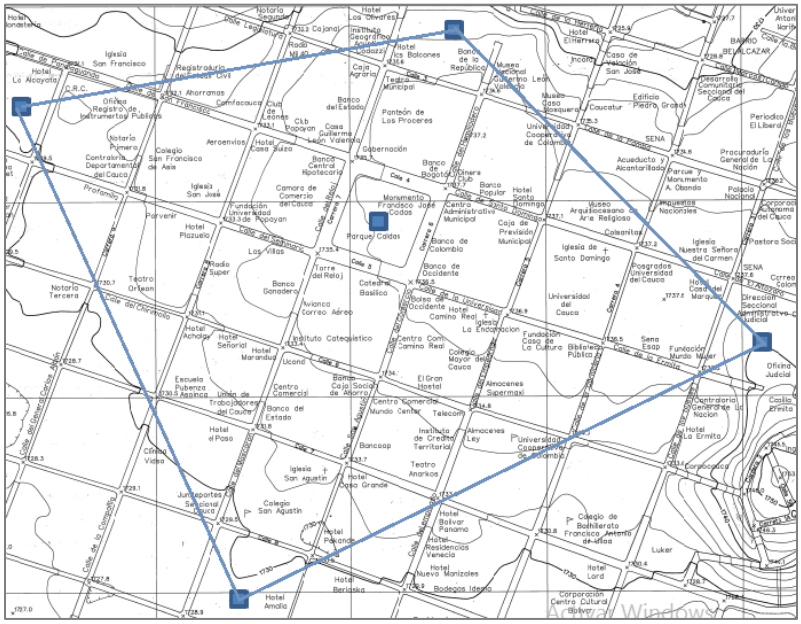
Figura 56. Transformação urbana, antigo *Banco del Estado* em Popayán.



Fonte: Esquerda, *Comfacauca* (2016), e direita *Unimayor* (S.F).

Nos registros de distribuição topográfica de 1995, aparecem novas construções que respondem à dinâmica de expansão que afrontava a cidade (Ver Apêndice L). Na cartografia se mostra o surgimento de muitos hotéis e residências não só da área de estudo, que para este caso é o centro histórico, senão também da periferia urbana que quase que igualam aos que se encontram registrados para a zona central (Figura 57) (Instituto Geográfico Agustín Codazzi, 1995).

Figura 57. Plano do setor histórico da cidade de Popayán 1995.

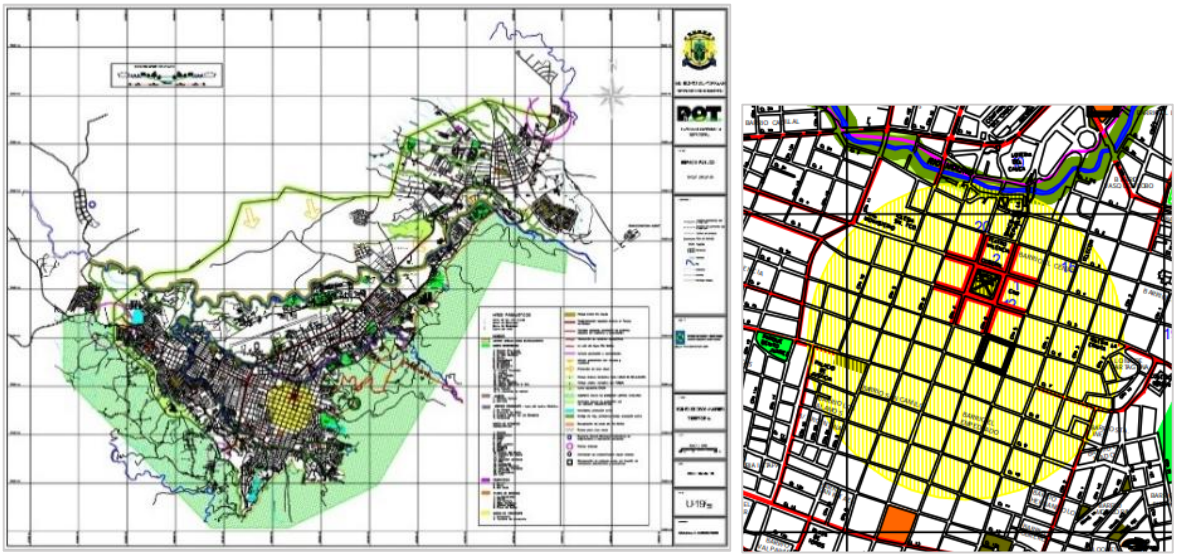


Fonte: Plano do Instituto Geográfico Agustín Codazzi (1995) elaborado pela autora.

Constata por outro lado, na cartografia de 1995, o incremento das instituições educativas entre elas a escola de pós-graduação da Universidad del Cauca, a Fundación Universitaria, La Cooperativa, La Escuela Superior de Administración Pública – ESAP, El ICETEX (o Instituto Colombiano de Crédito Educativo e de Estudos Técnicos no Exterior) e vários colégios e teatros novos. Destaca-se também a presença do Clubes na zona urbana, como o Club Popayán fundado previamente o 12 abril de 1919 e o Club de Leones em 1917. Ambos clubs criaram projetos sociais como a consolidação do Colégio Melvin Jones em meados do século XX, e a prestação de serviços como centro de reuniões empresariais e celebrações na cidade, abrindo assim passo ao progresso (Diário Proclama, 2013).

O incremento de centros e locais comerciais durante este período foi visível, sobretudo a partir dos anos de 1990. De forma similar, nesta época, se registrou o aumento de construções e edifícios com funcionalidades estatais, entre eles, três notarias, oficinas de impostos, a Procuradoria Geral, o Instituto de crédito territorial, o IGAC, o Registro de Instrumentos Públicos, La Caja de Previsión, a Contraloria Departamental, a Camara de Comercio de Cauca, entre outras, mostrando a ampliação da presença do Estado na região. Por outro lado, na cartografia de 1995, mistura-se os nomes das novas ruas e seus pseudônimos, mantendo no inventivo da imaginação popular, sobretudo na zona do centro histórico (Ver Apêndice M) (Instituto Geográfico Agustín Codazzi, 1995).

Figura 58. Cartografia de Popayán, princípios do século XXI.

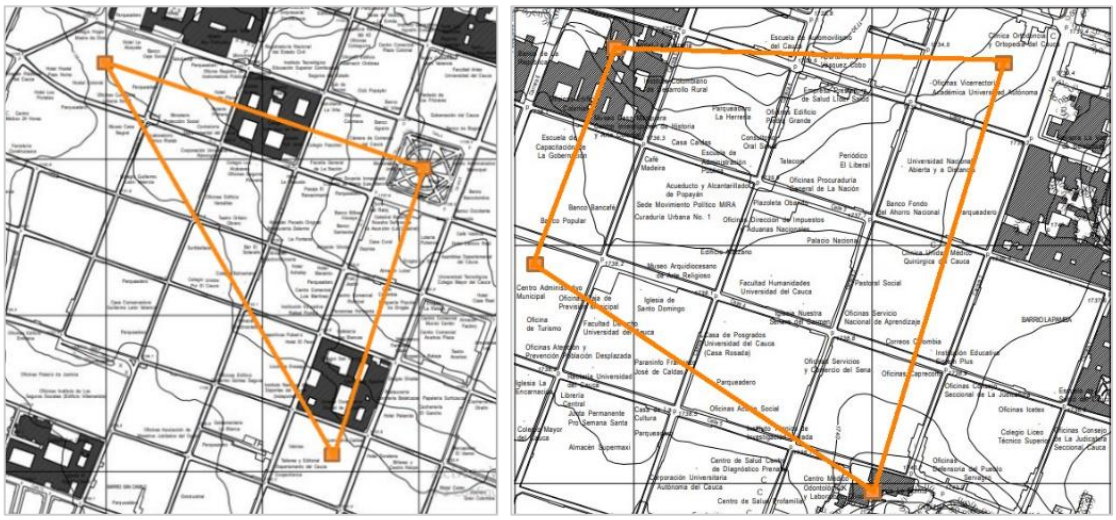


Fonte: Plan de Ordenamiento Territorial (2001).

Anos depois, no mapa cartográfico do 2001, destaca-se algumas mudanças urbanas leves, ao redor da inclusão de edificações como La Loteria del Cauca, e o incremento de estacionamentos no centro da cidade que mostram uma desorganização no manejo de espaços para estacionamentos (Plan de Ordenamiento Territorial, 2001). Durante início deste século, mostra-se também a integração de zonas patrimoniais como El Cerro de las Tres Cruces e El Morro de Belalcazar no centro; El Morro de Moscopán e La Cueva del Indio ao Sul Oriente e os bairros María, Santa Catalina e Colgate Palmolive. Na periferia da área começaram a figurar El Estadio Ciro Lopez, El Coliseo La Estancia, La Villa Olimpica, Tulcán, Comfacauca, Campestre, El Tablazo, El Seminário, El Bambú, Upesco, Los Patojos, Minigolf, o centro desportivo O Uvo, a Ciclo Via, a Cabaña, e o Diamante del Beisebol.

Nesta direção, na cartografia de Popayán em 2007, pode-se apreciar um aumento no setor saúde com a abertura de clinicas, centros de atenção, farmácias, novos centros comerciais, armazéns, seguros e oficinas na zona central, que até então, não apareciam registradas. Chama a atenção que nesta nova cartografia, não aparecem tampouco os pseudônimos e nomes das ruas do setor histórico de corte tradicional. Em relação à oferta educativa também existe um incremento de instituições, colégios e universidades como a Universidad Nacional Abierta y a Distância – UNAD, uma alternativa de educação formal, vinculada aos ambientes virtuais de aprendizagem (Ver Apêndice N) (Figura 59) (Instituto Geográfico Agustín Codazzi, 2007).

Figura 59. Plano do setor histórico da cidade de Popayán 2007.



Fonte: Plano do Instituto Geográfico Agustín Codazzi (2007) modificado pela autora.

Observa-se de forma similar, a elevação exponencial de oficinas, instituições e dependências públicas do Estado como a Fiscalia, o Ministério de Proteção Social e El Instituto de Desarrollo Rural. A legalização de prédios, a presença de partidos políticos e os organismos de controle eleitoral também figuram, entre eles, La Registraduría, as curadorias encarregadas de expedir licenças de parcelamento, as urbanizações e as subdivisões de prédios (Instituto Geográfico Agustín Codazzi, 2007).

Na mesma fecha se registram de igual forma, vários restaurantes, bares, cafés, livrarias, armazéns, centros de fotografia, bancos, asseguradoras, papelarias, empresas de licores e cosméticos, e o surgimento de pequenos empreendimentos de porte comercial em conjuntos fechados ao interior do centro, despertando a aura dos desenhos e estilos norte-americanos dos anos cinquenta, nas cidades economicamente desenvolvidas do continente (Instituto Geográfico Agustín Codazzi, 2007). As dinâmicas de desorganização e dispersão no centro em Popayán por parte dos comerciantes, vendedores y moradores de rua, desbordaram as estratégias implementadas pelas políticas públicas locais.

De fato, desde princípios do século XX, a intenção de organizar as dinâmicas do setor histórico frente à dispersão comercial, levaram ao planejamento de estratégias como o translado do Mercado do atual Parque Caldas, al Huerto de las Monjas de la Encarnación, para que o setor pudesse converter no parque principal. Este fluxo trouxe a movimentação de dinâmicas urbanas ao redor do setor histórico, consolidando-se o primeiro bairro obreiro na antiga entrada à cidade, El Callejón, hoje El Barrio Bolívar, onde o mercado, a venda de pratos típicos, artesanias e demais, se converteram em expressão popular.

No entanto, a dispersão e informalidade dos vendedores no centro, transformou as normas de patrimônio arquitetônico planejadas para a preservação da cidade colonial, abrindo assim, outros focos de incidência econômica (Bravo, 2012; Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico, 2009). Existe na atualidade, um grande problema para a recuperação dos espaços e zonas verdes em todo o setor histórico, principalmente por o fluxo veicular, a invasão do espaço público, a presença do comércio, os fatores de indigência, o uso de drogas, a delinquência e a contaminação ambiental (Figura 60).

Entre as atividades econômicas da primeira década do século XXI em Popayán, se encontram a zona do setor histórico, associando-se 45.2% a centros comerciais, 43%, os

armazéns, e 56.3%, à intenção de visitas de igrejas e sítios históricos (Ver Apêndice O) (Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico, 2009).

Figura 60. Vendedores ambulantes século XX e princípios do XXI.



Fonte: Esquerda, Whiteford (2019, p. 89, e direita, Cortés e Angulo (2020, p. 19).

Popayán, declarada patrimônio nacional, se encontra amparada pela Ley 163 de 1959, regulamentada pelo Decreto nacional 264 de 1963, regulando medidas pela defesa e conservação do patrimônio histórico, artístico e monumentos públicos da nação. Em seu Artigo 4 declara-se que os monumentos nacionais antigos das cidades de Tunja, Cartagena, Mompox, Popayán, Guaduas, Pasto y Santa Marta, devem ser salvaguardados incluindo suas ruas, praças, muralhas, imobiliário, casas, construções históricas e demais, conservando ao resgate da memória das populações do século XVI, XVII e XVIII (Ver apêndice P). Desta forma, a intervenção no setor patrimonial se classifica em quatro grupos: urbanização, subdivisão, construção e espaço público; realizando-se reconstruções, fechamentos, ou ruínas, por meio da legislação nacional (Cortés, 2011; Función Pública, 2019).

Nas últimas décadas a preservação do legado patrimonial na cidade é considerado importante o resgate de cerros, moinhos, mercados, grutas, ruas, sítios pré-hispânicos, aquedutos, e vários ambientes naturais. A este fato se associam, a solicitação de licenças urbanas para construção, modificação, ampliação e demolição de estruturas coloniais e patrimoniais que ainda estão sendo recuperadas e das quais a localidade recém tem prestado atenção (Buitrago-Campo, 2016; Bravo, 2012; Cortes, 2011). Enquanto estas dinâmicas continuam, os acordos de restauração e preservação das construções coloniais locais se integram com as nacionais, estabelecendo políticas de proteção frente ao manejo das águas

(na colocação de tubos), a iluminação (eliminação ou adição de sessões), a vegetação e a ventilação de lugares históricos (Figura 61) (Ver Apêndice Q).

Atualmente, a transformação do centro de Popayán segue seu curso, entre elas, encontramos mudanças significativas nos ambientes religioso, educativo, político, jurídico, cultural, social, comercial, urbano e governamental, que tem transpassado *o imaginário tradicional* com a que as elites haviam estabelecido seus acômodos. Em geral, este tipo de mudanças se deve às dinâmicas que começaram a surgir a meados do século XX, e que envolveram à periferia e seus entornos rurais. De uma ou outra forma, os novos habitantes se resistiram à reafirmação da ideia tradicional e colonial na *urbe patoja*; jogando assim, um papel decisivo na cultura popular e a fratura periódica do discurso vitoriano.

Figura 61. Estratégias de sustentabilidade do setor histórico de Popayán.



Fonte: Echeverry (2016, p. 29 -30), modificação de alguns parâmetros pela Autora.

O desenvolvimento econômico que viveu Popayán, trouxe o surgimento de pequenos empreendimentos locais que incrementaram os micronúcleos urbanos de capitalização. No entanto, a cidade se afastou progressivamente do panorama de finalização da etapa pós-industrial, ou a consolidação da etapa industrial, pelo apegou das ideias elitistas que cego o caminho do fortalecimento equitativo do trabalho e a distribuição do poder. Popayán, presa da lembrança do auge mineiro e comercial da época colonial durante o Virreinato de la Nueva Granada, foi superada depois da Independencia de Colombia em 1910, por outras regiões que se posicionaram economicamente melhor no panorama nacional.

A arquitetura moderna de Popayán, tardou aproximadamente cinco décadas desde meados do século XX, para desenvolver-se e dinamizar o modesto contexto urbano (Tellez, 1984). No entanto, continua sendo um desafio, identificar as tendências que os novos estilos têm implantado na cidade, pois a integração de expressões estrangeiras e nacionais, se misturaram sem controle ou seguimento especifico, dos detalhes e desenhos que foram sendo substituídos ou modificados. Este crescimento descontrolado de estilos, gerou no imaginário local, uma rejeição a integrar-se com outras centralidades e periferias (Urreste Campo, 2008). A nostalgia de uma *Popayán*, mais sossegada, pacifica e tranquila, de princípios do século XX, fraturou-se com dinâmicas que dispararam uma urbanidade congestionada de veículos, acidentalidade e violência que terminou sobrepassando à usança tradicional.

O incremento também de centros comerciais, armazéns, sítios de recreação e comércio, invadiram à Popayán de finais do século XX, convertido à cidade, numa região fortemente dependente, e com a esperança, da abertura de novas estradas. Todo o tempo a região viveu expectativa da consolidação da etapa pós-industrial, que não se concluiu. De fato, a onda de progresso que se construiu baixo a dependência de cidades como Cali ou Bogotá, fizeram que Popayán navegará pela colonialidade como um passeio em barco, como um tirar fotos e fechar seus camarás. De nada serviu que os grupos tradicionais e populares lutam pela independência econômica, pois o fortalecimento dos imaginários histórico-religiosos e as troças comerciais foram descarnadamente agressivas (Ver Apêndice R).

Hoje, quando a cidade se encontra espalhada em direção já não só ao centro, senão à periferia, os projetos de industrialização e comercialização, impedem uma estruturação urbana organizada. Desafortunadamente, à data desta pesquisa, não existem projetos sólidos consolidados ao redor das áreas de industrialização; perpetuando-se os micronegócios e empresas de poucos empregados, que ainda mostram uma dependência direta com cidades como Cali, Pasto e Huila, onde alguns habitantes se mudam temporalmente, para poder ter um trabalho estável. Chama a atenção que nesta época, a distribuição dos poderes públicos, ao igual que os postos de trabalho de alta hierarquia, continuam nas mãos dos ricos e as famílias descendentes das elites *patojas* da região, como o descrevia Whiteford (2019) em meados do século XX. Este fato, indicaria a perpetuação do domínio colonial e a reconfiguração das desigualdades, que ainda se mantem vigente.

Espera-se que com a visibilidade aumentado nas últimas décadas por parte dos grupos indígenas, africanos e diversidades na região, equilibrar de alguma forma a balança frente aos novos desenvolvimentos econômicos (Whiteford, 2019; Villota-Enríquez, 2018). A luta de classes perpetuada como uma categoria explícita e de conotações sociais e culturais, se espalha como sistema de reconhecimento tecnológico, convertendo as histórias locais transmitidas pela rede, como outras formas de reconhecimento e aceitação social.

Neste aspecto, as tecnologias têm sido fortemente transformadoras, pois o desenho do rol social, governamental, local, político, cultural e ético, transitam sobre o que estamos presenciando na era tecnológica: a sobreposição da realidade sobre a virtualização do real, convertendo o complexo da transmissão, na elaboração e reelaboração, das percepções locais, mentais, éticas, culturais, políticas e sociais. O fluxo do tecnológico na vanguarda de uma idealização histórica, pode ser virado em direção da elevação subjetiva do etéreo, convertendo a debilidade das transformações, num porto seguro de ritualização e segregação, sobre como estamos dispostos a ser levados pela experiência do colonial, mas ao mesmo tempo, pela experiência histórica de compartir um legado que reside na invenção dos constructos urbanos.

2.1.1.4. Transformação social na Cultura popular, o envelhecimento e a tradição.

As transformações urbanas do setor histórico de Popayán pode perceber-se também desde as *histórias de vida* de seus habitantes, a evocação de seus costumes a traves da cultura, e a manifestação da tradição, que há ido cambiando com o passo dos anos. Depois do terremoto de 1983 que destruiu a cidade, as novas mudanças arquitetônicas e os povoadores que chegaram depois, alteraram radicalmente o '*panorama pacifico*', que liturgicamente circundava (Vieira, 1956). Os habitantes mais antigos perceberam depois do terremoto de 1983, uma inevitável mudança a nível sociocultural, que terminou por acelerar a transição de uma cidade sossegada, a outra mais desbordada, sobretudo, com crescimento e a expansão demográfica.

Os relatos das transformações urbanas se documentaram desta forma, em narrações escritas, canções, fotografias familiares, poesias, opiniões em rádio e jornais, pinturas e anedotas, que pareciam evocar a alteração dos eventos depois de um melhor tempo. Estas

novas dinâmicas de expansão urbana, aceleraram, o afastamento das famílias elitistas e tradicionalistas do setor histórico e seus arredores, procurando salvaguardar, a diferença de classes sociais, nas novas reconfigurações socioespaciais, sobretudo em finais do século XX. Este fato reclamou a invenção da tradição cultural como parte da herança por direito das elites, reinventando assim, formas de permanecer intangivelmente na urbe de categorização histórica; exaltando os antigas costumes religiosos a traves da *Semana Santa*, o turismo, a arquitetura, e outras formas de poder simbólico e representativo.

A poeta e periodista Maria Viera White catalogou a Popayán como '*La ciudad remanso*', descrevendo numa de suas obras, o sucesso do terremoto do 1983 assim:

> A velha casa maternal de Popayán se estremeceu de pronto. Eram as 8:15 da manhã da Quinta-feira Santa de 1983. Na mesa fumegava café e o pão era branco como um pedaço de nove. A tarde anterior havia sido misteriosamente bela. No balcão estiveram jogando o sol e a chuva. Brigavam com pequenas lanças de cristal, que atravessavam, convertidas em gotas brilhantes, os anchos faroles e as paredes branquíssimas. Pela noite, haviam passado, frente à janela, a processão das flores rosadas [...].
>
> A noite foi pacifica. Muito poucos sentiram o movimento leve das dois da manhã. Que se deram conta, o uniram a um sono inquieto, de naves aéreas em emergência, um sono que alguém essa manhã começou a contar 'para que não acontecera'. Mas aconteceu. De repente, um rugido profundo da terra, e como um chicote. A casa inteira pareceu levantar-se para proteger a seus sete moradores. Começou a sacudir-se e a gemer, como um imenso barco desbordado pela tempestade. Voavam as telhas cinzas, se curvavam as paredes, e do teto, caia uma areia fina que velozmente ia convertendo-se em pedras cada vez maiores.
>
> Dies e oito segundo podem ser uma eternidade. E o foram, para muitas pessoas sobre que caíram em aquele momento a solitária e lírica cúpula da Catedral, a Torre de San Francisco, a espadana de Santo Domingo, e teto da Ermita, o simplesmente, o de sua casa, convertidos em morte e dor. Durante aqueles segundo eternos, a casa abria seus braços, sacudia seus cimentos, convertia sua estrutura em músculos tensos, ressonantes, afirmava seus anchos escalões de pedra e nos deixava passar, ilesos. Fora, na rua, rodavam os muros, as campanhas sonhavam sacudidas por mãos diabólicas, enquanto a gente gritava, clorava, chamava aos seus, e começava a trágica missão do resgate.
>
> Cavando as ruinas da Catedral destroçada, se seu sair, com morados roupagens talares, ao arcebispo. Angustiado pedia ajuda para seus fiéis, enterrados baixo o ouro devastado dos altares. Um caminhão apareceu de pronto. Dúzias de mãos febris começaram a levantar pedras que tinham, ao cair, a mesma ressonância dos redobres do processão do dia anterior. Por momentos se podia crer que todo era um pesadelo, um mal sono do que despertaríamos quando a processão da Quinta-feira Santa, terminara de passar baixo as janelas. [...].
>
> Apesar que os muros caíram sobre ante a piqueta demolidora, e das paredes se desprendam os velhos retratos, que contém muitos anos de história de uma desaparecida Popayán, nossas sombras seguirão rondando a velha casa maternal, que nós protegemos, enquanto ao redor, se derrubava o mundo. Graças a ela, estamos vivos. Graças a ela, a suas velhas pedras gentis, feitas de tempo, luz e música. Porque nela viveram muitos anos a bondade e o amor...Requiem Eternam (Viera, 1956, p. 3-5).[29]

[29] Minha tradução. Texto original: "La vieja casa maternal de Popayán se estremeció de pronto. Eran las 8.15 de la mañana del Jueves Santo de 1983. En la mesa humeaba el café y el pan era blanco como un pedacito de nube. La tarde anterior había sido misteriosamente bella. En el balcón estuvieron jugando el sol y la lluvia. Peleaban con pequeñas lanzas de cristal, que atravesaban, convertidas en gotas brillantes,

Nesta direção, antropólogos como Hernán Torres, descreveram a representação dos elementos arquitetônicos de Popayán, como um *retruécano* retorico donde o passo do tempo se registrava de forma inevitável, desde a antiga Torre del Reloj, construída em 1682. Para Torres (1989), a cultura de uma sociedade denotava um sistema de concepções herdadas, expressadas em formas simbólicas, mediante as quais as pessoas comunicavam seus conhecimentos e atitudes na vida com o passo do tempo; em outras palavras, símbolos como La Torre del Reloj, podiam articular-se aos mundos intersubjetivos da comunidade; congregando desde a representação implícita e explicita, a transformação de significados e práticas que se alteravam gradualmente. O antropólogo canadense Andrew Hunter Whiteford, reforçou esta ideia quando visitou a cidade em meados do século XX, documentando a uma Popayán adormecida no tempo e resiliente ao moderno; onde as classes sociais formavam grupos categoricamente divididos, que desempenhavam roles muito fixos.

A exaltação de uma imagem de cidade sossegada e aprazível, se plasmou também em peças musicais como as composições do engenheiro e poeta Sergio Rojas Fajardo, nascido em 1920, compondo num princípio doce canções, igual que o número de arcos do *Puente del* Humilladero de Popayán, e harmonias nacionalistas que ficaram na memória de uma época tradicionalista. Rojas registrou o 8 de julho de 1980 na División de Registro Nacional de Propriedade Intelectual na Colômbia as obras musicais: Popayán de mis recuerdos, La torre del Reloj, Ella, En Neiva, Popayán Maternal, Despedida de Guillermo León, Bahía de Santa Marta, El Puente del Humilladero, Ciudad de Paredes Blancas, La Ermita, El Rosal Desecho, Valle de Pubén, entre outras.

---

los anchos faroles y las paredes blanquísimas Por la noche había pasado, frente a la ventana, la procesión de las flores rosadas.

La noche fue pacífica. Muy pocos sintieron el leve movimiento de las dos de la mañana. Quienes se dieron cuenta lo unieron a un sueño inquieto, de naves aéreas en emergencia, un sueño que esa mañana alguien comenzó a contar "para que no sucediera". Pero sucedió. De repente, un rugido profundo de la tierra y como un latigazo. La casa entera pareció levantarse para proteger a sus siete habitantes. Empezó a sacudirse y a quejarse, como un inmenso barco desarbolado por la tempestad. Volaban las tejas grises, se arqueaban las paredes y del techo caía una arena fina que velozmente iba convirtiéndose en piedras cada vez más grandes.

Dieciocho segundos pueden ser la eternidad. Y lo fueron para muchas personas sobre quienes cayeron en aquel momento la solitaria y lírica cúpula de la catedral, la torre de San Francisco, la espadaña de Santo Domingo, el techo de La Ermita, o sencillamente el de su hogar, convertidos en muerte y dolor. Durante aquello segundos eternos la casa abría sus brazos, sacudía sus cimientos, convertía su estructura en músculos tensos, resonantes, afirmaba sus anchos escalones de piedra y nos dejaba pasar, ilesos. Afuera, en la calle, rodaban los muros, las campanas sonaban sacudidas por manos diabólicas, mientras la gente gritaba, lloraba, llamaba a los suyos y empezaba la trágica labor del rescate.

Cavando las ruinas de la catedral destrozada se vio salir, con morados ropajes talares, al arzobispo. Angustiado pedía auxilio para sus fieles, enterrados bajo el oro deshecho de los altares. Una volqueta apareció de pronto. Docenas de manos febriles empezaron a levantar piedras que tenían, al caer, la misma resonancia de los redobles de la procesión del día anterior. Por momentos se podía creer que todo era una pesadilla, un mal sueño del que despertaríamos cuando la procesión del Jueves Santo terminara de pasar bajo las ventanas. […].

Aunque los muros caigan ante la piqueta demoledora y de las paredes se desprendan los viejos retratos, que contienen muchos años de historia de una desaparecida Popayán, nuestras sombras seguirán rondando la vieja casa maternal, que nos protegió mientras alrededor se derrumbaba el mundo. Gracias a ella estamos vivos. Gracias a ella, a sus viejas piedras bondadosas, hechas de tiempo, luz y música. Porque en ella vivieron muchos años la bondad y el amor…Requiem Eternam" (Vieira, 1956, p. 3-5).

O bolero Ciudad de Paredes Brancas, descreve o panorama de uma região de casas velhas, campanários e muros de antanho, que evocava uma aura espanhola de princípios do século XX, que repousava na arquitetura colonial payanesa:

> Ciudad donde yo viviera, mi niñez, mi adolescencia, escucha vibrar de ausencia las cuerdas de mi guitarra. Ciudad de paredes blancas, ciudad de los campanarios, ciudad de los muros recios como las alarmas de antaño.
>
> Al evocarte en mis sueños te recorro palmo a palmo. Cada paso es un recuerdo que nada podrá borrarlo, porque las huellas de infancia son las más hondas del alma. Ciudad de paredes blancas, ciudad de campanarios.
>
> Cuando te sueño despierto van pasando en mi memoria tantos nombres y recuerdos de parajes y de historia. Veo tus viejos caserones, tus ventanas y balcones, tus aleros, tus portales y tus patios españoles.
>
> Oigo sonar las campanas llamando a tus procesiones, repicar los corazones de tus hijos que te aman. Veo cómo sale la luna por el cerro de las cruces, y en silencio las luces desfilar una por una (bis). Ciudad de paredes blancas, ciudad de campanarios (Ayala *et al.*, 2020, p. 51).

As peças musicais inspiradas em Popayán, fomentaram o espírito da *música tradicional caucana* do século XX, provocando expressões nacionalistas de incalculável valor cultural nas regiões onde as narrativas da vida cotidiana, o trabalho, o amor, ou os recorridos pelos grandes vales do país, foram de caráter identitário. A versatilidade de compositores como *Sergio Rojas*, fez que a nível nacional, Popayán se destacara como referente histórico a partir de composições de Bambucos, Boleros, Pasillos, Danzas, Guabinas, Joropos, Pasos Dobles, Porros, Sanjuaneros e Vals, entre eles: La Pamba em 1945, Al pie de tu ventana em 1948; Linda payanesa em 1963; Guillermo León, A Calibio em 1966, La Ermita em 1969, Sed y Pureza em 1970, Valle de Puben em 1972, Gazón em 1975, Popayán de mis Recuerdos, Ciudad Maternal em 1976, La Torre del Reloj em 1978; El Carguero em 1990, entre outros (Ayala et al., 2020, p. 51).

No entanto, para alguns pensadores payaneses, este tipo de evocações escondia a conformação de uma *marginalidade urbana* que romantizava a tradição e ocultava as realidades de uma sociedade crioula e mestiça, que para nada se assemelhava com as narrativas reproduzidas. A cultura tradicionalista fomentada pelas elites, contribuiu a configurar o simbolismo de uma Popayán culta e educada de traço Hidalgo, que segregou e atrasou todo o tempo a região, intencionalmente. Estas elites que constantemente marginaram outras realidades socioculturais, promoveram a conformação de uma *cidade dual*,

percebendo-se assentamentos inominados e relegados a uma condição sumida à margem da história e a identidade cultural histórica. Este evento se descrevia assim:

> A situação atual que vive a cidade é o resultado de um processo histórico de reprodução de desigualdades sócio espaciais, manifestadas na construção dual de seu território, que pendula entre dois visiones de cidade que tem entrado em tensão histórica – viver de seu passado de poder e gloria – , e o encobrimento das geografias da diferença, dado o não reconhecimento das territorialidades, outras surgidas desde a marginalidade urbana, que em troca legitima socialmente a cidade colonial tradicional, como o principal relato da identidade sócio histórica de Popayán (Fernández, 2018, p. 20).[30]

Vários historiadores, insistem em descrever o período depois do terremoto de 1983, como um ponto de inflexão nas transformações urbanas. A reinvenção de novas fronteiras, trouxe outras formas de fazer e transitar a cidade, forçando a seus dirigentes a apostarem mais pela contemporaneidade que pelo passado. Este fato é plausível na extensão e conformação dos bairros e assentamentos com dinâmicas próprias e as lideranças de outras centralidades urbanas espalhadas. Contudo, não se conseguiu concluir com o projeto modernizador como aconteceu em Cali, Barranquilla ou Medellín, que se posicionaram a nível nacional como portos estratégicos, centros mercantis, zonas agroindustriais ou locações político-administrativos e de serviço (Pérez Hernández, 2002).

Popayán ficou suspensa na memória, como um afluente de evocações tradicionalistas. Entre as composições mais destacáveis figura: Popayán (1978) e Recordando Popayán (1983) do compositor *huilense*, Jorge Villamil, e várias interpretação do maestro Efraín Orozco (1897-1975), diretor da Banda Sinfónica del Cauca, no que figuram composições como *Popayán de mis amores*, El Regreso, Cajibio, Alma de Popayán, Fogoncito, entre outras. No tema recordando a Popayán, se descreve a aura da cidade assim:

> Popayán de mis amores, dulce y bella ensoñación, hoy te traigo mis canciones, en alas de una ilusión. Ilusión de verte un día, y decirte mi canción, giro de la patria mía, pedazo del corazón. Hoy vencida la distancia, que me separo de ti, el verdor de la esperanza, se ha tornado de rubí, ilusión de verte un día, y decirte mi canción, que linda es la patria mía, pedazo del corazón. Popayán de mis amores, lejanías, sentimental, clara estrella de mis noches, trasparecía de cristal. Popayán de mis amores, con la voz de la emoción, a través de mis canciones, yo te traigo el corazón. Hoy vencida la distancia, que me separó de ti, el verdor de la esperanza, se ha tornado de rubí. Mi ilusión de verte un día, y decirte mi

[30] Minha tradução. Texto original: "La situación actual que vive la ciudad es el resultado de un proceso histórico de reproducción de desigualdades socio-espaciales, manifestadas en la construcción dual de su territorio, que péndula entre dos visiones de ciudad que han entrado en tensión histórica -vivir de su pasado de poder y gloria-, y el encubrimiento de las geografías de la diferencia, dado el no reconocimiento de las territorialidades otras surgidas desde la marginalidad urbana, que en troca legítima socialmente a la ciudad tradicional colonial, como el principal relato de la identidad socio-histórica de Popayán" (Fernández, 2018, p. 20).

> canción, que linda es la patria mía, pedazo del corazón. (Popayán de mis Amores – Efraín Orozco) (Fernández, 2018, p. 20).
>
> Yo pasé por tus calles, coloniales Popayán, y visité rincones de belleza y majestad, la Torre del Reloj, La Iglesia San Francisco, os retamos del Carmen, custodias rutilantes, la talla de tus cristos. Aún recuerdo la blancura de La Ermita, y al subir hacia el Santuario de Belén, admiren la ciudad, muy cerca de su cruz, el Valle de Pubenza, bajo tu cielo azul. El Valle de Pubenza, bajo tu cielo azul. Popayán, la ciudad señorial, del maestro Valencia, cuna de los Mosqueras, tus ocasos la historia plasmó, con la sangre de Caldas, de Torres y Arboleda. Al oriente el Volcán Puracé con sus fiebres eternas de rosa y de cristal, en las noches de abril, yo vi lento cruzar, procesiones sin fin, de tu Semana Santa. Y a la luz de un farol, un balcón contemplar, dos geranios en flor, que adornan la ñapanga. Popayán, la ciudad señorial, del maestro Valencia, cuna de los Mosqueras, tus ocasos la historia plasmó con la sangre de Caldas, Obandos y Arboledas. Semejante a un celoso guardián, la estatua de Belalcázar se yergue todavía, cual testigo crucial, del momento fatal, recordando el ayer, cuando te dio la vida. Recibe con amor, la fe de la nación, pues tú siempre serás, la flor de siempre viva (Recordando a Popayán, Jorge Villamil).

Este tipo de narrativas, incentivou os estudos sobre a memória, as histórias de vida, a conformação dos novos bairros e assentamentos, e as formas de agrupamento urbana sobretudo em finais do século XX e princípios do XXI, convertendo-se para os acadêmicos numa iniciativa para tomar-lhe o pulso às novas mudanças patojas. Entre estas pesquisas destaca-se o papel da mulher, a vizinhança, e os bairros de Popayán no século XVII de Salcedo (2012); a história dos bairros de Pérez Hernández (2018; 2022), a construção da memória coletiva do bairro 31 de Mayo de Zuñiga (2020), a construção da história do Barrio Solidariedad de Tocancipá-Fallá (2018), a resistência dos habitantes do Eco bairro Sinai de Vasquez (2022), entre outros.

Uma década depois do terremoto de 1983, se gravaram vários documentários de contraste, relatos e histórias de cidadãos que conseguiram sobreviver e ajudaram na reconstrução da região. Entre os documentos destaca-se: Popayán 10 años después realizado pela Universidad del Valle televisão, com assessoria do Observatorio Sismológico del Suroccidente Colombiano. Neste documento narra-se a transformação da sociedade de finais do século XX e princípios do XXI por meio de personagens ilustres como o historiador Diego Castrillon, o alcaide Luis Guillermo Salazar, o arquiteto Luis Eduardo Ayerbe, o padre Francisco Paz, o maestro Álvaro Pio Valencia, a diretora coral Stella Dupont, o coveiro Jose Vicente Quilindo, o pianista Harol Martina, o fotografo Marco Tulio Hernandez, e vários habitantes entre eles, comerciantes de galerias, moradores do centro, socorristas, estilistas, e transeuntes, que mostram a ruptura de uma Popayán sossegada no tradicional.

Um dos sobreviventes, professor da Universidad Externado de Colombia, apontava que acontecimentos como estes, fraturaram a estrutura de machismo que circundava a região:

> Si para algo tem servido os desastres na Colômbia, é para que a mulher tire à superfície, toda sua capacidade de liderança, toda sua criatividade e toda suas possibilidades, frente aos retos das crises. Uma das transformações mais importantes que provocou o terremoto de Popayán de 1983, foi o referente ao papel da mulher na reconstrução. Sua participação em todos os campos e setores, obrigou a uma mudança profunda da imagem que a comunidade tinha de suas mulheres y, sobretudo, da imagem que as mulheres tinham de se mesmas. O machismo colombiano tem ido sofrendo derrotas significativas, como consequência positiva das crises (Wilches-Chaux, 1993, p. 22).[31]

Ao longo do século XX, Popayán e em geral o Cauca, haviam perdido poder político e econômico no âmbito nacional, isto significou, que se apresentaram duas situações: 1) que seus habitantes olharem em direção ao passado com nostalgia; e 2) que seus habitantes, saíram da cidade, na procura de novas oportunidades, deixando no centro, suas lembranças (De Negret, 1987). Assim, se fizeram célebres, os relatos e histórias de vida dos habitantes mais populares, que a maioria conheceu como personagens típicos, e seu intercâmbio com os familiares das classes econômicas mais acomodas da cidade.

Historiadores como Jaime Vejarano Varona, cofundador da Fundação a "Tertúlia payanesa", coletou algumas velhas anedotas a princípios do século XXI:

> Rogerio Guevara, personagem típico em Popayán, foi popularmente conhecido com o apodo de Anacoreta. Era um homem de povo, flautista, pobre de solenidade e cujo <<modos vivendi>> era trabalhar a pólvora. Se fiz conhecer pela fabricação de magníficos "Castelos de luzes", arte em que não tinha rival idôneo.
>
> Alguma vez Anacoreta se apresentou onde o pintor Luís Carlos Valencia, levando-lhe um libro belíssimo, antigo, com pastas em couro, ferragens nos bordes, e as pontas e filos dourados. Tinha suas folhas em pergaminho, e estava manuscrito com belíssima ortografia. Era, pois, todo um incunable.
>
> Admirado o pintor Valencia detalho a obra, notando que faziam falta várias folhas, que haviam sido tosca, grotesca e estupidamente arrancadas. Disse-lhe a Anacoreta que lhe interessava o livro, e que enquanto o vendia.
>
> Então nosso personagem lhe respondeu: "Não Maestro, eu não venho a vender-lhe o libro, senão a que me saque de uma dúvida.
>
> Y, que é o que você quere saber?

[31] Minha Tradução. Texto original: "Si para algo han servido los desastres en Colombia, es para que la mujer saque a flote toda su capacidad de liderazgo, toda su creatividad y todas sus posibilidades frente a los retos de la crisis. Uno de los cambios sociales más importantes que provocó el terremoto de Popayán en 1983, fue el referente al papel de la mujer en la reconstrucción. Su participación en todos los campos y sectores obligó a una transformación profunda de la imagen que la comunidad tenía de sus mujeres y, sobre todo, de la imagen que las mujeres tenían de sí mismas. El machismo colombiano ha ido sufriendo derrotas significativas como consecuencia positiva de la crisis" (Wilches-Chaux, 1993, p. 22).

> Pois Maestro: diga-me de que estão feitas essas folhas? porque resulta que faço com elas uns foguetes [...] e estouram tão saboroso!!!
> Luís Carlos Valencia esteve a ponto de desmaiar-se" (Vejarano, 2000, p. 52).[32]

Se destacam também, anedotas contemporâneas de personagens populares como Alberto Mosquera, Hernando López Narváez, e Francisco Lemos Arboleda, assíduos participantes em natal da Misa del Gallo que se celebrava com grande solenidade na Iglesia de Santo Domingo, divisando embora seja à distância, a suas prometidas, alunas nessa época do Colégio, que assistiam em Congregação.

Foram personagens de destacada importância: Don Salustio Guzmán, pai de mais de uma dezena de filhos, pobre e muito estimado socialmente; Don Fabio Grueso, distinguido acaudalado; Hernando Grueso Arboleda, oficial de cimento na cidade; Don Canuto Sanclemente, proprietário da loja El Centavo Menos, que ficava na esquina da Calle del Cacho; o médico e péssimo condutor de automóvel, Carlos de Valdenebro, quem tinha a fama de conduzir sempre na via contraria, alegando sem repercussões, emergências e imprevistos importantes; Don Júlio Arboleda Gonzáles, amigo de todo Popayán, e que sempre estava em sobressaltos econômicos que lhe impediam cumprir com suas obrigações; Ramon Dolores Pérez, o fantástico e genial violinista da cidade; Andrés Arroyo, governador de Popayán, entre outros (Vejarano, 2000).

Pouco a pouco, se foram construindo no albor popular, tradicionalismos *patojos* que fizeram da época de finais do século XX, um período de contraste, abruptamente poético. Os personagens típicos da cidade, sobretudo na década de 1970, foram conhecidos como pilares da cultura e a identidade, fomentando junto às elites, a pertinência pelos costumes, o humor e as narrativas grandiloquentes de centenas de personagens que foram desaparecendo com o tempo (Vejarano, 2005; 2000).

---

[32] Minha Tradução. Texto original: "Rogerio Guevara, personaje típico de Popayán, fue universalmente conocido con el apodo de Anacoreta. Era un hombre de pueblo, flautista, pobre de solemnidad y cuyo <<modus vivendi>> era trabajar la pólvora. Se hizo conocer por la fabricación de magníficos "Castillos de luces", arte en que no tenía rival idóneo.
Alguna vez Anacoreta se presentó donde el pintor Luis Carlos Valencia llevándole un libro bellísimo, antiguo, con pastas en cuero, herrajes en los bordes y las puntas y filos doradas. Además, tenía sus hojas en pergamino y estaba manuscrito con bellísima caligrafía. Era pues todo un incunable.
Admirado el pintor Valencia detalló la obra, notando que le hacían falta varias hojas que habían sido tosca, burda y estúpidamente arrancadas. Le dijo a Anacoreta que le interesaba el libro y en cuánto se lo vendía.
Entonces nuestro personaje le respondió: "No maestro, yo no vengo a venderle el libro, sino a que me saque de una duda"
Y ¿Qué es lo que quiere saber?
Pues Maestro: dígame de qué son esas hojas; ¡¡¡¡porque resulta que hago con ellas unos cohetones […] y revientan tan sabroso!!!!
Luis Carlos Valencia estuvo a punto de desmayarse" (Velasco, 2000, p. 52).

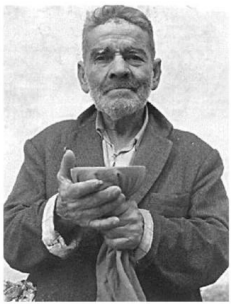
De forma cultural, também se foi entretecendo o símbolo identitário de uma *Popayán folclórica*, por meio de escritores como o jornalista Horacio Dorado (2012), e o historiador Jaime Vejarano (2000), que começaram reviver em suas narrativas, histórias de personagens típicos que foram relevantes na cidade. As histórias narrativas folclóricas em Popayán, tinham a intencionalidade de apresentar a futuras gerações, um espaço e personagens únicos que só podiam entender-se por meio de suas anedotas na época.

A cidade tradicional, evocativa e pitoresca, que trouxera em suas descrições, mostrava o carinho pela região, mas também a nostalgia do passo do tempo. Nesta visão, o mundo dos pobres, poetas, pintores, forasteiros, trabalhadores, viajantes e ricos, se fazem legenda (Ver Tabela 3) (Vejarano 2000). Os personagens típicos e populares de meados do século XX e princípios do XXI em Popayán, mostraram muito tradicionalmente, uma forma de *envelhecer socialmente*, que foi transformando-se com os anos.

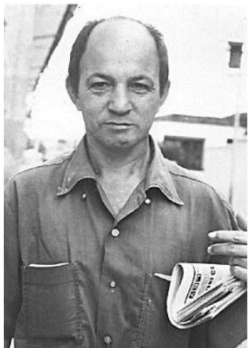
Relembrando o legado cultural também foram destacáveis personagens como Don Roberto Sánchez, Carlos Dueñas, Carlos Villamil, Manuel José Mosquera, Rafael Diago, Gabriel Caicedo, Genaro Guerrero, Castellanos ‹‹pajarito›› Carvajal, Etiel Montesuma, Tito Barragán, Antonio Gonzales Vidal, Gerardo Astudillo, e o famoso Balanta, que tinha farmácia e exerceram como médicos farmacêuticos, tendo na cidade, as primeiras boticas tradicionais no que se preparavam formulas magistrais, droga branca, pílulas homeopáticas, glóbulos e outros medicamentos. Relevantes Don Jorge Tobar dono da Tertúlia Payanesa, Don Tulio Solarte dono do deposito e laboratório, Don Carlos Latorre proprietário do laboratório químico, e personagens Sui-Generis, entre eles, o Cieguito Baldomero, Las sahumadoras de ébano, La Negra Concha e Sara, ‹‹Yotecuro››, ‹‹Zócalo››, ‹‹Gilibistibis››, ‹‹Bonifacia››, La Borrachera, El Jorobado, El Pintor, La Barbera, e outros (Vejarano, 2005).

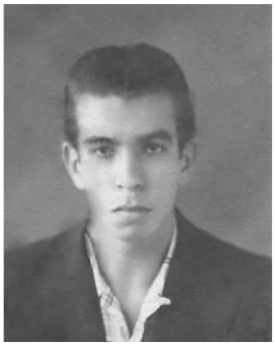
A mostra da precária situação econômica a consequência da violência na Colômbia, e a desigualdade social, gerou e emergiram problemáticas como o deslocamento dos territórios rurais à cidade por parte dos campesinos, a mendicidade e o desemprego, que fez desempenhar aos mais pobres, qualquer tipo de ofício para sobreviver, dignificando seu papel nas tradições populares das regiões.

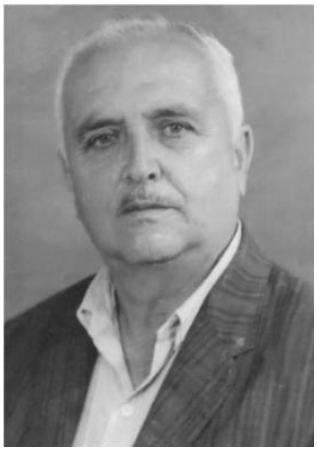
Tabela 3. Popayán folclórica, personagens típicos e populares no século XX e XXI

Nome do personagem	Descrição	Figura
Avispa	Alfonso Salazar viveu na Rua 4. Era cabeleireiro nas escolas públicas junto com "Sancocho" e Luiz Carlos Santeliz. Tinha outro trabalho que era alquilar cavalos e pertencia a uma família meia da cidade. Poucos gostavam de Avispa, pois muitos diziam que ele fazia um corte ruim. Usava cascos e polainas à rodela, para montar seus carvalhos. Sua barbearia ficava na Calle 8 # 8-24, um pequeno local onde solia amarrar seus cavalos.	
Mitigal	Jorge Enrique Tobar era do Valle do Cauca. Por relatos populares se sabe que foi irmão do dono de uma importante cadeia 'Sorvetes Liz' de Cali; mas não se sabe como chegou a Popayán. Alguns dizem que foi por desenganos amorosos e outros por desilusões familiares. Gostava do tomar licor, o participava das celebrações para pedir licor. Vendia sorvetes e picolés num carrinho branco de três rodas, elaboradas com faixas de caucho de automóvel. Chamava a atenção de seus compradores por frases como: 'leve o sorvete de abacaxi para a menina, ou de amora para a senhora' e 'o de pimenta para a empregada'. Quando não tinha clientes, dizia: ¡Não façam barulho que para todos há! Seu pseudônimo derivou de um unguento para calmar a coceira.	
Ratão de Igreja	Pertenceu a uma prestante família da sociedade patoja. Seu nome era *Gerardo Delgado López*, e sempre visitou com roupas de pano negro e gravata. Seus camisas eram de cor amarelo pela nicotina do tabaco e o cigarro que fumava. Ele fumava a todas horas e todos os dias até altas horas da noite, era adicto aos cigarros. Era magro, colecionava jornais e já quase não tinha dentes na boca. 'Gerardito' como o chamava sua família, era muito religioso, pelo que as pessoas lhe diziam 'Ratão de igreja'. Dedicava seu tempo a acompanhar as cerimonias nas igrejas, ajudava aos sacerdotes e recolhia a esmola. Vivia numa habitação alquilada por Dona Paulina Castro, onde termina o Puente del Humilladero.	
Chancaca	Agustín Olmedo Vidal, era um extraordinário flautista que vagaba pelas ruas da cidade. Era descendente direto, sobrinho, de um fundador e integrante da Chirimia 'Los Gavilanes', talvez o mais famoso grupo que existiu em Popayán. Era de pele morena, cabelo encaracolado e pé ao solo. Dormia na rua, sem problema o sol e a chuva. Foi um celebre ator, formidável flautista, e gostava de deleitar aos pedestres com concertos, enquanto tomava aguardente como refresco. Numa ocasião, um grupo de estudantes no Parque Caldas, por jogar-lhe uma broma, roubaram sua flauta, e Chancaca falou: 'Desgraciados, bandidos ignorantes, já me roubaram a flauta, agora venham, pela música'.	

Mieldeabeja	Personagem típico de grata popularidade. De pele franzida pelos anos e torrada pelos raios do sol, era muito comum encontra-lo nas ruas velhas da cidade. Tinha uma vestimenta com olor a terra e fedor fresco de verde campo, com olor a mele de abelhas. Enamorado qual não há dois na cidade, *Repela* com sua verba fazia rir, andando com sua mochila e levando sobre a espalda, frascos de mel para vender. Se desvelava por misturar uma boa quantidade de panela, à doce reserva da abelha. E vendia também bolas de cera que compravam os sapateiros para encerar as meadas de fio, matéria prima na elaboração do calçado. Rompia em fúria, quando em vez de chamar-lhe 'mele de abelha', lhe diziam 'mele de rapadura'.	
Barrabás 'Pillo de luenga barba'	Era um personagem sinistro que vestia de listras (característico uniforme dos presidiários), permanecia com grilhões nos pés, e as mãos sujeitas com algemados, pelo que apenas podia fazer sonar a campanha. Era um presidiário, próximo a cumprir seu condena, a portas da liberdade. Congregava às pessoas para obter dinheiro e algumas moedas, enquanto era vigiado por guardiães. Até agora a figura de Barrabás segue sendo um mistério: pois era simbolicamente político, ladrão e assassino, o que pode haver significado que quando saia, é dizer, o dia que era crucificado jesus, fosse transmitido uma mensagem de esperança e perdão.	
Os irmãos Murillo	Eram três os irmãos Murillo que davam exemplo de unidade familiar. Sempre andavam juntos, dos homens: Pablo e Alfonso, e uma mulher, Trinidade, a quem conheciam como Trina, com pano e pé ao solo. Humildes e campesinos, talvez prevenissem das terras do sul. Ganhavam seu sustento com os ofícios mais modestos, limpavam jardines, cuidavam casas, lavavam roupas, e eram de uma honradez imensa. Especificamente, Pablo Murillo, recitava com fluidez os grandes discursos de Laureano Gómez, e as pessoas pagavam por escutar suas declamações porque eram verdadeiros discursos que hoje, qualquer político invidiaria.	
O Milionário	Era um velho mendigo que deambulava pelas ruas da antiga Popayán, com cara e chapéu ao estilo mexicano. Suas roupas da época, eram de pano e vestia com trajes completos. É importante anotar que os mendigos da época, vestiam muito bem e não eram esfarrapados. Foi apodado 'o milionário' porque uma vez se desmaiou, em suas roupas encontraram alguns bilhetes de sua atividade de mendicidade. Não se acostumava a falar com ninguém, sendo mais bem 'o enigmático acaudalado'. Pedia caridade publica, estirando a mão para receber qualquer moeda, mais que todo nas igrejas. Era um homem educado e muito espiritual.	

Timbilimbo	Jorge Eduardo Artunduaga Jordán, nasceu em Popayán em 1932, era uma pessoa de excelentes qualidades morais, de boa formação, descente, e com disposição para o trabalho, apesar das limitações físicas e mentais. Depois de uma larga ausência da cidade o Dr. Andrés Arroyo Cajiao, regressou como Governador del Cauca, e nosso personagem falou: 'Oi Andrés, sequer volveste a Popayán, embora fosse de governador'. Sempre se ganho o dinheiro para viver, repartindo volantes desde faz muito tempo, nos teatros: Municipal, Valencia, Popayán, Anarkos, Palacé, e Bolivar, com os que proporcionava películas de cine. Eram pequenos papelitos rosados, azules, brancos, ou verdes nos que se anunciavam cintas ou matines sociais.	
O inefável 'Catecismo'	De nome José Dolores Ramos, este filosofo de 'Pata ao solo', era um nobre patojo. O poeta payanés, Gerardo Ibarra Castro escreveu assim em sua homenagem 'Nenhum como tu, nobre Patojo; nenhum igual em teu galante impulso; nenhum superou jamais tua coragem, agora nenhum ao relembram-te *muje*. Dos seres queridos que eu escolho, solo o 'Patojo' sobre o peito range. Meu elogio para ti jamais foi coxo. E hoje como o mar para teu elogio range. Que simpática em teu ser; e que mollera. Onde a faísca se volvia cumeeira. E o vocábulo sutil um silogismo. Tanque auxiliar portavas negro 'CATE'. E era teu enjundia como abacate. Sempre cordial oh! Negro Catesismo'.	
Caquiona	Este personagem vendia loteria, e vivia respondendo a várias ofensas que as pessoas costumavam dizer-lhe. Vestia com roupas de pano, chapéu, gravata, saco e boné, de uso antigo. Seu sobrenome era Vidal, e vênia da Vereda Santa Barbara. Não gostava de seu pseudônimo, e quando alguém lhe gritava 'Caquiona', ele xingava a todo o mundo, sem vergonha. Rondava pelas ruas da cidade para conseguir vender os bilhetes de loteria, entre a Loncheria Belalcázar, e o Café Alcázar. Alguns habitantes e estudantes lhes gostava incomodá-lo, e ele não tinha mais remédio que insultá-los e dizer: ¡Hijueputicas! No tempo do velho povoado patojo.	
Guineo	Seu nome era Eulogio Bolaños e gostava muito de disfarçar-se dependendo a roupa. Este personagem típico tinha por costume vestir-se de sacerdote com sua larga túnica que arrastrava pelo solo. Como era pequeno, quase anão, o chamavam Guineo, como uma variedade de banana da terra da região. Não gostava de seu pseudônimo, e quando alguém lhe dizia Guineo, saia correndo com uma vara a alcançá-lo. Também se disfarçava de militar, com roupas que já não usavam os policiais e que lhe regalavam. A maioria do tempo vivia no Permanente Municipal onde recebia a mesma comida que os presidiários, servindo em alguns trabalhos de mensageiro. As famílias mais acomodadas da cidade, lhe regalavam roupas que ele usava até que estas ficavam bem desgastadas.	

Índio Romulo	Conhecido declamador folclórico, artisticamente denominado o 'Índio Romulo'. Incluía em seu repertorio as anedotas do escritor Jaime Vejarano Varona e fazia apresentações em público para deleitar à classe popular. O historiador Jaime Vejarano Varona escreveu para ele: "Índio verriondo sou, índios são os que me fizeram, índios meus taitas avós, que também de índios nasceram. Índio de terra nos pés, e que tão solo em domingo quando a over a missa vou, me coloco minhas alpargatas que em cabuya me teceram. Índio que nasci virringo e em virringo vou para o céu, quando vim, num petate, quando vou em puro cabelo [...]".	
Guaba	Carlos Artunduaga, era irmão de Timbilimbo. Morreu aos 82 anos de vida. Era porteiro do Teatro Popayán, e não deixava passar a nenhum sem boleto. Era introvertido e não se sabe quem coloco seu pseudônimo; mas o chamavam assim desde a escola. Foi o irmão de Luis, quem trabalho em Coltejer, o armazém maior de telas, como agencia de Medellín, e que existiu no centro, em frente do Parque Caldas, hoje secretaria de educação. Além de ser porteiro, vendia doces, acomodava as cadeiras e consignava os dinheiros da venda no teatro. Era muito honesto e solia pagar contas de serviço de água, luz ou telefono, sendo recompensado por seus mandados.	
Rosarito ou Achiote	Provocadora, Rosarito sempre esperava poder casal, com sua cara feita uma gosma da gama de multicolor que usava. Se pintava com urucum de maquilagem, e fez uma promessa para matrimoniar-se. Era miúda e de cara rugosa pelo passo dos anos. Sofria de delírio de beleza. Utilizava um iluminado batom em seus lábios e uma larga cabeleira. Caminhava pela cidade recebendo elogios, sendo admirada por sua forma de vestir e os brincos que adornavam suas orelhas. O poeta colombiano nascido em Popayán, escreveu para ela: 'Rosarito a chata cinquentona, que brinda seus encantos em charola, docemente aos meninos lhes cluequea, mas implacavelmente solteirona. De Moreno pudor se desmorona adiante do tramajo e a correia, enquanto a doncellez lhe corveia, apesar de sua estampa de galderia [...]'	
O Cantinflas payanés	Este personagem vinho a Popayán por azar, e jamais quis regressou a Palmira, onde nasceu em 1940. Chegou enganado baixo a suposta enfermidade de sua mãe, mas chegou tarde, um mês depois de sua morte. Se caso com uma patoja e teve sete filhos. Em Pereira debutou como na praça denominada 'Circo Bengala', a direção do matador 'El Jerezano', quem encontrou nele certas atitudes para o toureio. Decidiu exercer o ´toureio cômico´, imitando ao ator e humorista Mario Moreno Cantinflas. Concurso nacionalmente com vários personagens imitadores, sendo batizado como o ''Cantinflas payanés'. Em seus últimas dias, nosso personagem se aferrou a sua pobreza, e com o passo inevitável dos anos, ficam algumas fotografias de tempos nos que tourava e fazia apresentações por todo o país.	

A negra Chispas	Não era originaria em Popayán e falava em monossílabos. Seu sotaque era do Norte do Cauca e Sul do Valle del Cauca, mas nunca se soube sobre sua procedência. Sua pele era azeviche e seu cabelo era desordenado. Não tinha quase dentes e fumava cigarro, enquanto deambulava pelas ruas da cidade. Carregava um costal e suas roupas eram lamentáveis. Entrava e saia dos bares todo o tempo, para satisfazer seu alcoolismo. Tinha problemas de álcool e frequentava as casas de citas e bailes para poder tomar licor. As cantinas abertas da época, estavam iluminadas e reproduziam musica por jukebox, ativada por moedas, onde se divertiam os povoadores de classe média escutando tangos, zones, cumbias, guarachas e boleros.	
Ave Lingua	Multifacetado personagem, Don Avelino Paz era musico, poeta e narrador de ágil fala. El poeta Carlos López Narvaez escreveu ao respeito: 'El varão que teve comércio de anis, fama de coberto, pico de alcatraz, musical a orelha, pequena a nariz, e o chilco lavrada a 'rucuta' face; a plumacastiza, punzante e feliz, a palavra harmoniosa, a língua mordaz; a totuma cheia de matéria gris, e a vida em traços a esquadra e compras. Pulquérrimo, fino do tuste aos pés, a 'manga' de ianque, saleiro andaluz; esse que caminha como o avestruz, é flor de patojos'.	
Foto Aguitas	Gilberto Hernandez, tomou fotografias sempre na Praça Caldas do centro. Sua câmera antiga, forma a imagem tradicional de uma época em que as lembranças familiares, se imprimiam diretamente em folha física. Gerações e novas gerações posaram e possam ao lado da estátua de Caldas, evocando a famosa frase: 'Oh Larga e preta partida', rubricada com sua assinatura. O ritual da espera de que a fotografia pudesse tomar-se quando saísse o sol, era algo inexequível. A caixa magica e os produtos químicos que ele usava para revelar as fotos, era um grande espetáculo. Centenas de pessoas se paravam a olhar seu trabalho e outras se tiraram suas fotos como memorias.	
CAPI Olano	Entre os meios de comunicação mais antigos estão: 'El Liberal' e a 'Voz de Belalcázar', mas Luís Carlos Olano Cobo, mais conhecido como o 'Capri' foi o pioneiro da notícia oral ambulante. Seu ofício primordial era de pregoeiro. Redigiria anúncios e difundia notícias. Inaugurou um novo estilo jornalístico na cidade. Equipado de um embudo feito de latão, zinco, que com o tempo evolucionou a um alto-falante compensado até as costas. Megafone na mão, sai a percorrer as ruas com anúncios informativos e outros persuasivos, para convencer ou influir de forma direita nas opiniões cívicas ou críticas. Se ganhava o dinheiro, proclamando anúncios publicitários ou de conotação política. 'A voz do comércio' se denominou seu programa comercial que despertava muito interesse na comunidade. Foi de tendência política de esquerda, bom cristão, amante da leitura, de roupas europeias, de cabelo café e olhos cor azul, e grossa contextura. Foi um grande empresário	

O ‘’Gênio Castrillon’	Na época da colônia, quando as elites da cidade apenas estavam tomando relevância de classe social e política, apareceu Jaime Castrillón Arboleda, de nobre família. Era um homem inteligente, velozes respostas, ironias de grande genialidade, elegância e respeito. Era uma característica de sua fidalguia demostrada não solo em seus sobrenomes, pois estimulava a leitura e era bastante ilustrado. Era conhecido como ‘O Gênio’ e acudia às tertúlias de Bohemia payanesa. Alfaiate de nota e grande qualidade foi em Popayán seu padre Don Polo Castrillón. A este proposito dizia Jaime: ‘Em mi família todos são doutores, o merecem sê-lo. Mas a meu não me exijam muito, vocês sabem. Eu somente sou filho de alfaiate’. Acostumava-se a presentar-se como Jaime Satrillón.	
¡Hola! Chaus	Carlos Holman López Arias é filho de Don Jorge Alberto López Valencia, famoso condutor de um Mercedes Bens color azul da Governação do Cauca. Foi um fiel servidor do médico Victor Chaux Villamil, tanto em seu consultório como em sua residência. Era homem de confiança e seu mandadeiro oficial. Em seus últimos dias, vendia pão, enquanto se enterrava de todos os rumores. Também comunicou recados para ficar sabendo quem morria para dizer, se estava ou não em dívida com ele.	
El Gato	Nasceu em Bogotá e se mudou tempo depois a Popayán. Jorge Benavides, solia escrever frases em letreiros com grande imaginação e ironia. Seu pensamento diário se escreve em frases que cheias de sarcasmo, tentam mostrar realidades escondidas que não a muitos lhes gosta saber. E um personagem critico, e que leem seus escritos, encontram um valor e sentido construtivo. Foi estudante da Universidad del Cauca em Comunicação Social e candidato ao Conselho de Popayán. Não foi eleito porquê de acordo com ele: suas ideias surgem da quantidade de informação e não da corrupção. Morreu este mesmo ano, em 2024 a causa de seu consumo de cigarro.	
Manolo o grande jornalista	Manolo Martinez Espinoza, foi um grande periodista patojo, assinado o 28 de setembro de 1993 a seus 64 anos. Trabalhava na emissora Super de onde tinha um espaço de locução, chamado *El Yunque*. Foi filho do pintor Efraín Martinez e a poetiza Matilde Espinoza, sendo intendente no Putumayo, Chefe de Ação Comunal em Popayán e Palmira (Valle), diretor da Penitenciária Nacional San Isidro, Gerente da Voz do Cauca RCN, proprietário da revista semanal *Avanzada Caucana*, e finalmente locutor em vários espaços radiais. Seus restos foram postos em câmara ardente, no salão do Conselho, entidade à que pertenceu entre 1968 e 1970. Falava dos problemas da cidade e analisava os fatores políticos, sociais, econômicos e culturais da cidade. Este tipo de periodismo lhe constou sua vida, sendo ameaçado várias vesses, antes de ser assassinado. Hoje seu crime não tem sido esclarecido, prescrevendo em 2013, condenando-se solo a um dos autores materiais.	

Engenheiro, musico e poeta	Sergio Alberto Rojas Fajardo (1929-1993), percorreu os caminhos entre a Engenheira Civil, a música e a poesia. Exponente da música tradicional colombiana, sempre professou amor pela cidade natal Popayán. Escreveu o poema 'Cidade de paredes brancas', que depois foi entonada. Seu repertorio de canções e poemas e muito variado. Em eles escreveu e descreveu com muito sentimento e amor, o que a cultura, os monumentos e as edificações haviam significado historicamente em sua vida.	
O 'Mono'	Luís Hernando Ledezma, foi um dos fotógrafos mais antigos da cidade. Um veterano da fotografia que retrato a imagem de Popayán com camarás que naquele tempo em meados do século XX, as pessoas não conheciam. Não havia celebração na que não estivera nosso personagem. Suas fotografias apareciam nos jornais mais importantes da cidade. Grande parte da memória fotográfica é de Ledezma. Nasceu o 1 de abril de 1931 e morreu o 14 de junho de 2019. Foram quase 50 anos retratando a imagem de uma cidade que se transformou com o tempo. Hoje sua obra contém a vida social, cultural, política, religiosa e econômica da Popayán de 1960 até 2010.	
Carlos 'Talego' Ramirez	Nos albores dos anos 1965, Carlos iniciou trabalhando na companhia telefônica da cidade. Foi o primeiro e último trabalho que teve, pois se aposentou aos 18 anos de permanência, graças à Convenção do Trabalho, assinada no município. Seu papel na empresa era manipular a mesa de prova, sentado esperando o reporte dos trabalhadores da rua, que informavam se havia quedado funcionando bem o telefono o não. Talego se tornava com outro operário e trabalhava de 8am -12pm e de 2-6 pm. Nesses tempos quando não havia diretório telefônico, ele mostrava ter uma memória prodigiosa, pois sabia perto de 2000 números telefônicos entre: empresariais, governamentais, oficiais e particulares.	
El Lord dos jornalistas	Don Silvio Sierra Sierra, foi um grande periodista que marcou uma época muito representativa no periodismo local. Nasceu na cidade de Antióquia, e quando estudava para ser sacerdote no seminário, se apaixonou pela locução, convertendo-se em periodista. Era uma grande amante da leitura e se converteu na voz das comunidades da região do Cauca, fazendo um periodismo crítico e de denúncia que sempre colocava às autoridades em alerta. Quando chegou a Popayán, se converteu em ícone da crítica política e a importância de acercar-se às comunidades, registrando várias denúncias da cidadania, que lhe deram reconhecimento. Morreu aos 81 anos, o 11 de maio de 2024 produto de um acidente de pedestre, quando uma moto o atropelou. Como periodista exerceu em importantes médios de comunicação como o Diário El Pais, onde trabalho mais de 25 anos, ao igual, que o periódico el Crisol, Radio Sucessos, RCN e outros.	

Dona 'Chepa'	Conhecida como a dama da gastronomia patoja, Doña Josefina Muñoz de Bonilla ganho seu reconhecimento pelo ofício de preparar doces como bolos, bolachas, volovanes, aplanchados, entre outras delícias. O Conselho Municipal lhe reconheceu a grande labor culinária e cultural e não há celebração no Natal, onde as famílias não gostem de seus preparativos. Teve quatorze filhos e viveu até os 101 anos. Nasceu o 19 de janeiro de 1920 na Vereda 'La Cabuyera' uma zona rural do Cauca. Morreu na Popayán, em 2021 por problemas de saúde. A UNESCO declarou aos aplanchados (bolo tradicional feito com farinha, ovos e açúcar, forneado), como patrimônio gastronômico de Colômbia.	
Blanca Ligia	*Blanca Ligia Espinoza Mariaca* nasceu em Popayán, residindo no Bairro Los Sauces. Personagem da nova onda de personagens típicos, Blanca é especial por caminhar, gritar e situar-se nas intercepções das ruas, controlando o tráfego. Pelo geral usa chapéu, tênis e um rádio. Apresenta sequelas de motricidade. Frequentemente grita e critica a política e os governantes de turno, dizendo: ¡Abaixo o governador ou alcaide! Critica a corrupção da cidade.	
Carlos Campo "Cate" Campo	O periodista payanés nasceu o 13 de maio de 1936 no Centro Comercial Anarkos (demolido por problemas em sua estrutura). Intentou estudar arquitetura em Quito, mas a universidade cancelou seu matricula e voltou de novo a Popayán donde foi insígnia do periodismo local. Iniciou como jornalista no Diário El Liberal, baixo a orientação de Próspero Calvache e Rafael Fernandéz, ingressando como *saca pruebas* na oficina de tipografia da época. Depois passo a escrever notas nos obituários da cidade, sendo promovido como jornalista do *Occidente* e o *Espectador*. Chegou a ser diretor de *El Liberal*. Se aposentou de *El Tiempo*, sendo reconhecido por suas magnificas crônicas. Também trabalho na rádio e todas as emissoras de Popayán. Entre seus últimos programas de opinião destaca-se *Atalaya* na *Voz de Belalcázar de Todelar*. Foi arbitro de basquete e futebol em vários campeonatos nacionais, treinador de basquete em alguns colégios de Popayán, bombeiro voluntario, chefe de prensa de algumas instituições oficiais e toureiro. Foi fundador da *Asociación Colombiana de Periodistas*. Morreu o 29 de março del 2025.	

Fuente: Elaborada pela autora com jornais, Dorado (2012) y Vejarano (2000, p. 47-153).

O envelhecimento na região, fomentou um exemplo tácito de vida popular, tradicional e cultural, que sempre esteve dentro das visões antagônicas e habituais, de uma cidade sossegada e tranquila. A evocação hoje deste tipo de anedotas, é uma mostra clara do transcendental que foram seus habitantes, na memória de uma cidade que pode olhar-se transformada, pelos ofícios e os papéis que cada personagem tinha, nos espaços urbanos.

Sem lugar a dúvidas, suas atividades transcenderam significativamente na história e o legado de uma cidade colonial popular e modesta.

Os personagens típicos e históricos, que hoje servem para imortalizar e homenagear escritores, artistas e cidadãos payaneses, é uma mostra da cultura, e a tradição popular de como se viveu a cidade, mas também, ao mesmo tempo, de como foram acontecendo suas transformações. Sem dúvida, cada personagem que representou um role na sociedade da cidade, descodificou na memória dos cidadãos um trecho de história, nos que eles foram particularmente imprescindíveis; necessariamente surpreendentes:

> Popayán se há distinguido por ter um povo de espírito aberto, e desde logo, alimentador de delírios. Seguramente o calor de seus habitantes, seu agradável clima, até o mesmo sabor do licor predominante por seu sabor e aroma, influíram para que surgira de todos os confines, e ficaram aqui para sempre, na melhor morada do mundo. Os identificamos bem, pelos pobres no vestir, por seus sapatos rotos, longas e descuidadas barbas, assim como outras particularidades ou senhas que nós servíamos para gostar-lhes até destemidos de riso. [...] Encontraram entre eles forasteiros que chegaram à Vila de Sebastian de Belalcázar, mas que nunca quiseram regressar a seus lugares de origem, embriagados pelo idílico lugar, e ... a embriagante sapidez de seu produto etílico destilado desde a colina de Belém (Dorado, 2012, p. 11-12).[33]

Este panorama, faz refletir sobre a ideia de como era envelhecer socialmente naqueles tempos, e o que hoje significa fazê-lo, com todas as mudanças técnicas e tecnológicas apropriadas. Na Colômbia, a criação de *políticas para o adulto maior* na sociedade, apenas início em 2007, fomentando leis como 1171, expedida no Congresso da Republica, que começou a proteger e estabelecer benefícios às pessoas maiores. Este fato, talvez, significativo em grande escala, foi integrando-se nos imaginários urbanos, restando certo valor, às atividades que os atores tinham dentro da sociedade (Pedro, 2016; Formiga *et al.*, 2017). Dita distinção, entre quem pode ser útil a uma sociedade e quem poder o deve ser protegido, terminou por apagar uma época em que o envelhecer dignamente, era despedir o ocaso da vida, fazendo o que as pessoas sabiam fazer. E pode que seu role social fosse inativando-se com o passo dos anos, mas era sua própria forma de ser parte de uma sociedade e de uma região, na que haviam nascido e trabalhado todo o tempo.

[33] Minha Tradução. Texto original: "Popayán se ha distinguido por tener un pueblo de espíritu abierto y desde luego, alimentador de delirios. Seguramente la calidez de sus gentes, la placidez de su clima, hasta el mismo saborcillo del licor predominante por su sabor y aroma, influyeron para que surgiera de todos los confines, y anclaran aquí para siempre, en el mejor vividero del mundo. Los identificamos bien por lo pobres en el vestir, por sus zapatos rotos, y luengas y descuidadas barbas, así como otras particularidades o señas que nos servían para gozarlos hasta desternillarnos de la risa. […] Encontrarán en ellos, forasteros que llegaron a la Villa de Sebastián de Belalcázar, pero que nunca quisieron regresar a sus lugares de origen, embriagados por el idílico lugar, y…la embriagante sapidez de su producto etílico destilado desde la colina de Belén." (Dorado, 2012, p. 11-12).

As trocas de papéis que se deram para alguns depois de aposentar-se, foram outras características inevitáveis para alguns personagens. A adaptação a um novo estilo de vida, fiz que sua participação na cidade fosse mais ativa; de fato, muito mais representativa (Pedro e Mena-Chalco, 2015). As dinâmicas particulares da velhice em Popayán, são amplas e diversas. Naquela cidade de 'brancas paredes' como é conhecida, a desmitificação do velho como sujeito protegido, tem sido uma questão nova. Os direitos que têm sido ganhados nas últimas décadas, têm desmiudo, embora que seja um pouco, as formas de miséria e pobreza que circundam a região, mas este trabalho continua segregando e classificando à população.

Vamos envelhecendo desde que nascemos, com histórias particularmente diferentes; mesmo assim, os significados que vamos construindo nos mostram que no ocaso da vida, o *envelhecimento ativo*, como no caso de nossos personagens típicos, deve fazer-se aproveitando ao máximo as atividades de gosto e consentimento; pois ali podemos ser, infinitamente maravilhosos, infinitamente uteis a nossa sociedade.

2.2. História, identidade e cultura patrimonial na invenção na cidade norte-americana

As *urbes* norte-americanas de princípios do século XX, expandiram a ideia de *centro direcional funcional* das cidades, como uma ilha de consumo cultural. Em geral, os centros urbanos, foram organizados, como conglomerados de atividades administrativas públicas e privadas, que em zonas de consumo cultural e comercial, marcaram uma tendência desde o *espontâneo*, ao social. Dito panorama de tipo cultural, reproduzido de Europa e unido ao urbanismo de moda, que se realizava já em Paris e Barcelona, onde as elites organizavam seus espaços, de acordo com a sua forma de residência, trabalho e ócio; expressavam, uma profunda desigualdade social, o que poderia chamar-se de aristocratismo urbano, recuperando a cidade novamente, pero esta vez, para benefício das classes sociais, mais ricas. A artificialidade desta centralidade urbana, que não descansou sobre nenhum tipo de tecido social, produz um forte desarraigo cultural, onde a experiência flutuante, começou a criar barreiras de desigualdade, e mostras de uma comunidade firmemente diluída (Castells, 1979).

As primeiras instituições coloniais da região do norte, que se impuseram após o período da conquista, deram passo ao desenvolvimento econômico, favorecido em alguns territórios, por sua acessibilidade, clima, ou recursos naturais. No Canadá, especificamente,

os exploradores que cruzaram o Atlântico em procura de riquezas, mantiveram contato com os nativos, por mais de três séculos, desde meados do XVI até as primeiras décadas do XIX, explodindo os recursos marítimos, e mantendo intercâmbios desde Terranova *ao* Pacifico e o Ártico, onde se estabeleceram assentamentos famosos como o de Port Royal e Quebec.

Relatos como os do navegante John Cabot em 1520, onde se informava a existência de *bacalhau* no Mar do Norte e as águas de Islândia, atraiu pescadores de Portugal, França e Grã-Bretanha, iniciando um processo de extração massiva. O incremento da atividade pesqueira foi tão extenso, que para 1560 e 1570, mais de um mil pescadores, passavam na região, o verão e o inverno, convertendo-se gradualmente assim, num terço do tráfego comercial marítimo. Consequência do êxito naval na região, o contato com os indígenas foi inevitável; estreitando suas relações, com intercâmbios de couro e peles, que os navegantes aproveitaram para seu uso, e comercialização, realizando-se na segunda metade do século XVI, viagens especificamente solo para este tipo de trafico comercial (Brown, 1994).

Na região do norte, em princípios do século XVII, quando se consolidaram os primeiros assentamentos dos colonos franceses, os reconhecidos *habitantes*, fundaram patrioticamente à Nueva Francia. O domínio das terras do norte, desencadeio uma luta de quase século e meio entre Grã Bretanha e França, que terminou com o triunfo dos ingleses, estabelecendo seu controle, na maioria dos territórios. Assim, depois da Revolução Americana de 1775-1783, que alterou a composição social, o Canadá foi dividido em quatro colônias: Nova Escócia, Nueva Brunwick, e Quebec, dividido em Alto (hoje Ontário) e Baixo Canadá (Hoje Quebec), intrujou novas dinâmicas de desenvolvimento econômico.

Paulatinamente, as colônias britânicas, foram crescendo, especialmente na década de 1850, quando as riquezas começaram a surgir excepcionalmente depois da ferroviária; gerando colônias que pensaram em unir-se, como uma vantagem econômica, frente ao imperialismo estadunidense, já fundido Texas e Califórnia. Por isso, em meados do século XIX, as colônias de Nueva Brunswick, Nueva Escócia e Canadá, se integraram conformado popularmente o que se conheceu como Confederação, e legalmente, Domínio de Canadá, integrando-se posteriormente, o resto de colônias britânicas, sendo a última Terranova, em meados do século XX (Robledo, 1993).

Mesmo assim, a diferença dos impérios coloniais, como o espanhol e o português, tanto França como Inglaterra, cederam às companhias mercantis e privadas, a exploração de suas terras e recursos em troca de pagamento à Coroa. Quando se criou a companhia da Nouvelle France os Cent-Associés, em meados do século XVII, os franceses conquistaram o vale do rio San Lorenzo, onde Canadá se converteria na colônia de Nueva Francia, estendendo-se desde o Golfo deste rio, ao norte, até o Golfo do México (Louisiana). Com a chegada dos primeiros missionários, em 1615, a migração da região aumentou, e baixo a promessa de trabalho e propriedade de terras, muitos agricultores aproveitaram e terminaram associando-se aos senhorios *jesuítas*, *sulpicianos*, *ursulinas* e outros, que depois, se integraram o sistema da colônia.

O legado dos franceses na região, se deu a partir da língua, a religião, o direito civil, e uma forma de propriedade da terra, que fortaleceu as relações sociais e econômicas, entre o Rei da França e os fazendeiros, os quais lhes outorgava direitos reais sobre algumas terras para seu aproveitamento. Por outra parte, aos britânicos também se lhes deve, a fundação de 13 colônias de Nueva Inglaterra, que pronto estiveram povoadas e sustentavam uma das economias mais prosperas da Nueva Francia. Esta arbitragem de forças, sobretudo entre ingleses e franceses, manteve uma forte competência por consolidar territórios desenvolvidos (Andreu, 2001).

O comércio de peles se manteve até meados do século XIX e se estendeu em todo o território do norte, involucrando a grandes companhias como a North West Company e a Hudson's Bay Company, que dependiam da produtividade e as relações com os nativos. Para ganhar terreno de expansão, a estratégia de casamentos mistos, principalmente entre franceses e indígenas, do qual se desconhecem as cifras, foi efetuado, para que alguns homens criaram nexos econômicos com as famílias e formaram parte de suas redes comerciais. Em geral, a estratégia dos europeus por manter, apoderar e estabelecer-se na região, para conquistar o mercado, arrojaram aos indígenas a combater europeus intrusos, que por mais de um século, os enfrentou a guerras pela dominação comercial e as rotas, que não estavam em suas dinâmicas culturais.

Um exemplo, destes tipos de conflitos, foram as guerras franco-iroquesas ou Guerra dos castores, entre a Confederação Iroquesa (mohawks, senecas, oneidas, onondagas e

cayucas) junto a seus aliados holandeses e britânicos, entre 1640 e 1701, contra os franceses e outros indígenas como os algonquinos; visando aumentar seu território, e ao mesmo tempo, ampliar o comércio de peles de castor e servo. Foram relevantes na época, as guerras do Rey Guillermo (1689-1697), a Reina Ana (1702-1713), o Rey Jorge (1744-1748), e a Guerra Franco-Índia (1754-1763), que consolidaram caminhos ao interior da região, onde os europeus propagaram epidemias como o sarampo e a varíola (Galdo, 2021; Brown, 1994).

No Canadá, em meados do século XVII, o assentamento indígena Red River que se localizava numa geografia muito favorável, foi reclamado pelos britânicos na Cuenca da Bahia de Hudson em 1668, sendo cedidos os territórios pelo Rey Carlos III a seu primo, o príncipe Rupert. A Royal Charter of Adventurers (Carta Real de Aventureiros), que comerciavam na Bahia de Hudson, não só outorgou à Hudson's Bay Company – HBC (Companhia da Bahia de Hudson) direitos exclusivos para comercializar dentro do chamado território de Rupertsland, senão que também lhe concedo à – HBC, direito exclusivo para governar, o que fiz por quase dos séculos. Em 1869, quando a confederação do governo canadense comprou Rupertsland à – HBC por 300.000 libras esterlinas, os residentes de *Red River,* se negaram a ser incluídos no governo do Canadá, e estabeleceram um governo paralelo, à liderança de Louis Riel. Como resposta ao desafio de Red River, o governo canadense reuniu suas forças em Ontário, e embarcou num processo de *inundação racial*, abrumado o território de assentamentos brancos que levaram a milhares ao exilio; culminando assim, com uma série de acordos sem cumprir e a proliferação dos *metis* (comunidade étnica de ascendência mestiça) (Dorries, Hugil e Tomiak, 2022).

O deslocamento dos povos indígenas nas regiões do norte, aconteceu também nos países ibero-americanos, permitindo a conquista de territórios sem o menor tipo de consideração frente a seus costumes e a tradição cultural, que séculos depois, desencadearam fortes fraturas sociais. Particularmente, no Canadá, os grupos indígenas agrupados em seis regiões: o bosque Boreal, leste e oeste; os grandes Lagos de San Lorenzo, com os bosques de Vegetação Mista; as padeiras das Tierras de Hierba; o Artico; as Tierras Áridas; e os bosques do interior e da costa, ao oeste das Montañas Rocosas; foram arrasados pela riqueza produtiva. Na vegetação selvagem podia encontrar-se desde caçadores montados em búfalos percorrendo as grandes planícies, até coletores de arroz silvestre nos Grandes Lagos do oeste, e horticultores de milho no vale e a comarca perto do rio San Lorenzo.

Traçar uma cartografia da região, permitiu conhecer suas características. De fato, navegantes como o francês Jacques Cartier, ao norte, permitiram distinguir as dinâmicas do Golfo de San Lorenzo e algumas terras ásperas e secas, que afetavam a relação comercial, e o estabelecimento de um mercado rentável. A tecnologia em grande parte, serviu para estabelecer novas dinâmicas de extração de recursos e produtos, que transformaram o entorno das sociedades a pequena escala, conformadas por grupos de poucas famílias emparentadas que sorteavam a economia familiar e a partir da agricultura, a caça de bisontes e práticas culturais tradicionais (Cox, 1995; Brown, 1994).

Cidades como Kingston no Canada, mostram a importância da história colonial indígena, baixo o legado de uma paisagem patrimonial, dominado pelas práticas políticas e administrativas que se misturam com as narrativas culturais. Figurando a cidade desde o século XVII, como um dos primeiros assentamentos europeus, território tradicional Anishinaabe e Haudenosaunee, converteu-se, por um lado, na materialização do projeto moderno, e pelo outro, na preservação da memória histórica de narrativas políticas que terminaram protegendo áreas estratégicas para a consolidação da identidade regional. A inclusão de novos discursos nacionalistas encaminhados à integração cultural, gerou iniciativas como a Commission de vérité et réconciliation du canada em 2007, para unificar a identidade indígena ao projeto nacional (Nelson e Godlewska, 2023).

A decomposição do velho mundo nas regiões do norte, trouxe como consequência a expansão europeia, através de quatro frentes: os franceses em San Lorenzo, os ingleses ao redor das bahias de Hudson e James; os espanhóis ao norte de México e o sudoeste dos Estados Unidos; e os espanhóis, ingleses, russos e norte-americanos, na costa ocidental. Séculos depois, a delimitação dos territórios se deu entre navegantes, empresários, indígenas, e titulares de terras, se formalizou em companhias como a North West Company e Hudson's Bay Company, integrando-se para eliminar a competência incontrolada e as atividades dos traficantes, que se haviam fortalecido no território. Em Quebec, este fato serviu para que as vagas comerciais e as missões posteriores, aumentassem a interação social entre os grupos; e na Bahia de Hudson, para alterar as trocas comerciais em pleno século XVIII, onde os indígenas cambiavam peles por qualquer coisa, gastando seus recursos na caça, armas de fogo, munições, artigos de metal, telas, tabaco e outros (Brown, 1994).

Este fato gerou que os centros de assentamento comercial iniciassem durante as fases de desenvolvimento econômico nas regiões canadenses, deslocaram as granjas tradicionais da Nueva Francia, e instauraram os princípios de um governo real que em 1663, fizessem que povoados urbanos como Louisbourg, Montreal e Quebec, crescessem albergando mais de um terço dos colonizadores do território.

No caso de Quebec, sua localização como porto, centro religioso e capital da Nueva Francia, converteu na maior cidade da colônia. O desenvolvimento técnico era tão amplo, que o Marques de Montcalm, descrevia seu luxo e estética urbana como uma aura similar à de Paris, onde oficiais militares, funcionários reais, curas e monjas, caminhavam, montavam a cavalo, ou se faziam transportar em veículos, entre o Castelo de Saint Louis do governador geral, e o palácio do intendente, a catedral, o seminário e os conventos (Brown, 1994):

> Na cidade baixa, onde ancoram os barcos e se amarrava às vacas, empregados dos comerciantes e marinheiros pululavam pelo cais e os armazenes da comunidade mercantil, descarregando e estribando os gêneros importados à colônia, todos os quais desembarcaram em Quebec. Grandes edificações de pedra de dois e até três andares, separados por altos remates e tapias que serviam de mata-fogos, bordeavam as estreitas ruas repletas de carruagens, com damas acomodadas que visitavam as tendas dos artesãos e de criados e escravos que atendiam a seus trabalhos (Brown, 1994, p. 171).[34]

Em outras cidades como Montreal, semelhante a Quebec, ser o centro do tráfego de peles e conservar um ar de população de fronteira, provocou em meados do século XVIII, que o desbordamento dos limites comerciais, fosse criando edificações (futuros aranha -céus) próprios das cidades capitais, feitos de calcária e canto em vez de madeira (Cox, 1995). Neste projeto, as casas dos nobres deviam ser maiores e mais vistosas, exibindo seu poderio aristocrata, assim tivessem que endividar-se, para aparentar seu caudal econômico. A maioria das cidades de Canadá, foram centros comerciais e sustentaram dinâmicas mercantis: Montreal com o tráfego de peles; Quebec com as importações e exportações; Louisbourg, com a pesca e o comércio, entre outras.

Para esta época, o papel dos comerciantes foi altamente relevante, convertendo-se em provedores e proporcionando às cidades do século XVIII na Nueva Francia. Produtos de

[34] Minha Tradução. Texto original: "En la ciudad baja, donde anclaban los barcos y se amarraban a las vacas, empleados de los comerciantes y marineros pululaban por los almacenes y el muelle de la comunidad mercantil, descargando y estribando los géneros importados a la colonia, todos los cuales desembarcaron en Quebec. Grandes edificios de piedra de dos y hasta tres pisos, separados por altos remates y tapias que servían de matafuegos, bordeaban las estrechas calles repletas de carruajes, con damas acomodadas que visitaban las tiendas de los artesanos y de criados y esclavos que atendían a sus labores" (Brown, 1994, p. 171).

consumo como rum, melaço, café, roupas, joias, vinho, livros, e até objetos de arte, que quase não se conheciam nas pequenas cidades (Brown, 1994). Finalmente, logo depois da Guerra dos sete anos (1756-1763), que culminou com o Tratado de Paris; a Nueva Francia passou à Inglaterra, adotando o nome da província de Quebec, apesar de seus habitantes preferiam seguir chamando de Canadá; tornando-se assim, em súbditos da monarquia britânica, anglófona e anglicana (Andreu, 2001; Brown, 1994).

Toda esta onda de progresso, que fraturou as tradições e costumes culturais, foram registradas por escritores e artistas que expressaram o espírito de decadência de um país que estava passando da era rural à urbana, sem a mínima contemplação. Sátiras como as do escritor e humorista Stephen Leacock sobre a queda da virtude, o escritor francês Louis Hémon frente ao elogio dos valores rurais e religiosos, o poeta Archibald Lampman com seu escrito sobre a cidade do final das coisas, que expressava contra a industrialização, o prosaísta canadense Duncan Campbell Scott, que dedicou seus poemas à tragédia dos indígenas, os autores Nellie McClung literato de contos moralistas e Ernest Thompson Seton escritor de livros sobre animais, o clérigo Ralph Connor, enaltecendo o vigoro cristianismo e patriotismo, entre outros, marcaram um precedente importante na transformação regional.

No campo da pintura, a evocação de paisagens e lembranças gráficas de algumas locações, enalteceram nostalgicamente, a velha época romântica antes do progressismo, que artistas como Horatio Walker, Homer Watson, Maurice Cullen, Clarence Gagnon e outros, passaram estabelecer desde novas correntes. Desta forma, quase não se apreciou o gênio de Oziac Leduc, sobre a decoração de igrejas e a natureza morta; o flutuante mundo pós-impressionista de J.W. Morrice, sobre seu exilio, o gênio de Tom Thompson, A.Y. Jackson, e Lawren Harris, frente à expressão da natureza canadense; todos irrompidos, pela violência da cor e as formas atrevidas e robustas, que substituíram ao romantismo pastoril da geração anterior (Brown, 1994).

Os relatos materialistas desta época, expressavam o dessossego que causava a grande transformação regional, a princípios do século XX:

> Algum dia, o jornaleiro da fazenda irá ao trabalho, começará o dia metendo o cartão no relógio marcador da Farm Products Company Ltd., e logo começara a mover alavancas e apertar botões. Já hoje em dia, a romântica leiteira tem desaparecido, e as máquinas se encargam de ordenhar as vacas. O cansado labrador já não caminha até sua casa, pois ara de golpe nove sulcos e move-se por gasolina. ¡E como demônios haverá de encontrar o

> artista sentimento algum nesta ordem de coisas! Imaginem-se simplesmente, o que os aviões e os dirigíveis, a 150 quilômetros por hora, vão a fazer aos grandes e redondos cúmulos que se agrupam sobre o horizonte durante o verão, com seu aspeto tão majestoso e tranquilo; as aspas dos aparelhos estragaram às velhas e queridas nuvens aglomeradas como se fossem merengue e as dispersassem pelo céu (Brown, 1994, p. 461-462).[35]

Para 1837, os chamados Patriotes do Baixo Canadá (Quebec) e os Reformers do Alto Canadá (Ontário), se enfrentaram com a oligarquia aristocrática, gerando reformas sobretudo econômicas da província unida. Na região do Alto Canadá, o auge da exportação de cereais teve um êxito sem precedentes, fortalecendo um fluxo migratório durante a primeira metade do século XIX de pessoas deslocadas do desenvolvimento industrial de Grã Bretanha, e de refugiados da guerra civil estadunidense, que se estabeleceram trazendo novas técnicas agrícolas. Desta forma, durante a décadas de 1940 e 1950, as exportações de trigo se quadriplicaram, logrando que Ontário tivesse raízes de peso econômico e que o trigo fosse a máquina de crescimento nacional. Ontário se converteu com o passar dos anos, na província com a maior fonte de ingressos individuais e corporativos do país, mesmo assim, se associa a Ontário e Quebec, como uma sola unidade de poder econômico e político, localizando-se o 80% da manufatura e mantendo o oeste controlado (Dávalos, 2019).

Os primeiros núcleos urbanos da América do Norte, podem ser descritos como cidades coloniais; pois se criaram com fins administrativos e de poder, que terminaram exercendo dominação de uns grupos sobre outros, para extrair recursos e proporcionar serviços, numa sociedade em fluxo à consolidação da estrutura capitalista. Alguns autores, referem-se à cidade colonial, como um território colonizado, onde ao existir um assentamento indígena prévio, se podia fundar uma urbe. As cidades coloniais resultantes deste período, foram impostas culturalmente, ao igual que nos territórios do sul; passando a integrar a etapa de modernização, com significativas mudanças durante a industrialização, mas ao mesmo tempo, com inumeráveis contradições, frente a uma ideologia de força elitista que espalhou ainda mais a pobreza e desigualdade social (King, 1985; Villota, 2018).

[35] Minha tradução. Texto original: "Algún día, el jornalero de la granja irá al trabajo, comenzará el día metiendo su tarjeta en el reloj marcador de la *Farm Products Company Ltd*., y luego se pondrá a mover palancas y a apretar botones. Ya hoy en día, la romántica lechera ha desaparecido, y las máquinas se encargan de ordeñar las vacas. El cansado labrador ya no camina hacia su casa pues ara de golpe nueve surcos y se mueve por gasolina. ¡Y cómo demonios habrá de encontrar el artista sentimiento alguno en este orden de cosas! Imagínense simplemente lo que los aviones y los dirigibles, a 150 kilómetros por hora, le harán a los grandes y redondos cúmulos que se amontonan sobre el horizonte durante el verano, con su aspecto tan majestuoso y tranquil; las aspas de los aparatos reventarás a las viejas y queridas nubes aborregadas como si fueran merengue y las dispersaran por el cielo" (Brown, 1994, p. 461-462).

Em princípios do século XX, o fenômeno de exclusão social nas regiões do Norte havia tomado forma, permanecendo latente desde as primeiras construções urbanas até a conformação de cidades norte-americanas, onde as moradas eram desenhadas e transformadas drasticamente, dependendo a riqueza, o poder de aquisição econômico e a diversificação racial ou étnica. Este fator se explica em regiões como os Estados Unidos, porque os brancos representavam mais do 87% da população total, os negros um 12% e os demais grupos restantes um 1%. Mesmo assim, esta representação entrou em tensão depois do 2000, quando a população branca havia caído a um 75%, a negra se mantinha em 12%, e os demais grupos começaram a ascender a um 13%. A este fator suma-se que as regiões do norte se converteram em receptores de migrantes, registrando um crescimento exponencial no aumento da diversidade racial.

Esta secularização demográfica nas regiões do norte, ocasionou fraturas sociais a respeito à compreensão dos processos históricos e a consolidação das estruturas urbanas (Fong e Shibuya, 2005). Os grupos indígenas e afro-americanos, foram os primeiros discriminados, estabelecendo-se uma cultura popular ao redor da segregação, que fortaleceu e promoveu padrões raciais e étnicos, com o único fim de estabelecer nas *urbes*, espaços privilegiados. Esta exclusão socioespacial, forçou vários acomodações urbanas, pois as populações discriminadas, conseguiram estabelecer sua identidade, em espaços onde a lei também foi excluída; e as privilegiadas, onde a lei era bem-vinda. Paulatinamente, foram conformando-se, bairros, assentamentos, subúrbios, colônias, favelas, e recentemente, conglomerados fechados, produto das políticas públicas de obtenção de moradias populares a nível nacional, que rapidamente entraram em conflito com os modelos progressistas de cidade; reclamando para os marginados também, um domínio da urbe fragmentada.

O planejamento de uma urbanidade desproporcional, sobretudo no centro das cidades pelo crescimento, provocou desafios como a escassez de moradias, a crises dos recursos energéticos, a explosão do comércio, e o fluxo de classes sociais, que começaram a dar outros significados aos centros. A esta instabilidade urbana, somaram-se a degradação dos ecossistemas ambiental, as tensões sociais, a violência e o aumento de automóveis, que terminou por atenuar a população em algumas das grandes cidades, e fixar em urbes menores, onde fosse mais acessível o fluxo econômico. Este êxodo de migração foi particular, entre 1980 e 2010 em aproximadamente 100 cidades norte-americanas (Hartt, 2018).

A expansão das cidades norte-americanas às periferias desde o século XIX, trouxe o surgimento em sua maioria de fábricas e distritos manufatureiros nos limites urbanos, surgindo a figura das *cidades metropolitanas* a partir de desenhos reformistas. O fomento da decantação do centro urbano foi a partir da época, um referente comum em todas as regiões do Norte, aumentando os novos parques industriais periféricos e outras formas de planejamento e desenho, como no caso das *cidades empresariais*, dentre as quais se destaca Lowell, Pullman, e Homestead, como urbes de vida custosa e distração comercial. Os governos acolheram as medidas de inclusão das zonas industriais à urbe; trabalhando em estreita colaboração com empresas, na conformação de zonas de uso misto e os trabalhadores passam a morar perto das fábricas.

Este tipo de rearranjos, formaram ordenamentos urbanos ao redor de empresas que financiaram as construções de subúrbios e bairros, pontualmente, escolas, igrejas, parques, casas, e alguns centros comerciais. Este *planejamento urbano* se estendeu em regiões como Estados Unidos e Canadá, a grande escala, convertendo-se na intenção de impor um desenvolvimento e um crescimento das cidades, tanto no centro, como nas periferias. A maioria dos esforços por comercializar os territórios foram financiados por uma constelação de banqueiros, proprietários de serviços públicos, industriais, comerciantes, e negociadores de terra, que esperavam obter ganancias pessoais e coletivas (Walker e Lewis, 2001).

Atualmente, países como Canadá, mais do 75% da população vive nas zonas metropolitanas, sendo a região, um dos territórios com maior porcentagem de urbanização do mundo. O Canadá se converteu num país urbanizado bastante prematuro, quando seus habitantes migraram em massa para as cidades, surgindo problemas de crescimento e decadência. As atribuições de poder, também terminaram tensionado os conflitos entre grupos sociais e classes étnicas. Hoje, cidades como Toronto, Montreal e Vancouver tem se convertido em referência de industrialização nacional, desenvolvendo uma economia que muda permanentemente de acordo com a invenção do moderno, projetando a imagem de paisagens frias, onde as urbes podem ser modernas, eficientes e sustentáveis (Artibise, 1988).

A prosperidade do Canadá, devida à construção da primeira ferrovia transcontinental, o aproveitamento de recursos naturais, as tarifas impostas, a abertura de terras ocidentais à colonização e o desenvolvimento de novas indústrias, tem gerado a ideia de que a

prosperidade seja uma percepção produtiva; fomentando o modelo de centro-periferia ou centro-interior que ajudou na consolidação de desenvolvimento.

O *regionalismo canadense* como símbolo distintivo, continua sendo uma característica da economia nacional; mesmo assim, concentrada em poucas zonas, especialmente favorecidas, se percebem padrões de desigualdade que tem impulsado programas complementários como a Lei de Prairie Farm Rehabilitation e a Lei de Agriculture Rural Development Act, para o pagamento de serviços sociais, sustentando assim, as economias da região mais empobrecidas. O uso de tecnologias no território é indispensável para o desenvolvimento e a competência internacional, fomentando o desenho de novas políticas urbanas, que ainda fragmentam o êxito econômico e industrial na região (Robinson e Webster, 1985).

2.2.1. Generalidades e localização no contexto nacional, Kingston cidade colonial

O crescimento das principais cidades de Canadá em princípios do século XX, foi um dos acontecimentos mais importantes do desenvolvimento urbano. Em 1901, quando cerca do 60% da população canadense era rural, seus habitantes se deslocaram às grandes urbes, procurando entrar no progresso do federalismo. Este fato, desencadeou uma baixa de até o 10% na transformação da vida agrícola e campesina nas décadas seguintes, concentrando grandes populações em urbes que cresceram demograficamente.

Cidades como Edmonton, Calgary, Regina e Saskatoon, traduzem o resultado deste longo processo de consolidação urbana; convertendo-se em referentes regionais. Soma-se a estas transformações, nos centros das cidades mais velhas, como Halifax e Montreal, os bairros das pessoas mais ricas, se integraram ao desenho de edificações populares de baixa qualidade, feitas pela classe trabalhadora. Estes lugares conhecidos como *urbes suburbanas*, trouxeram a construção de *bondes elétricos* e novas relações comerciais. A disposição ao progresso na região, gerou politicas flexíveis como a venda de terras, subsídios, reduções de impostos, diminuição nos pagamentos da energia, e propagandas de exaltação, que atraiu a residentes rurais, e imigrantes.

Todas as cidades, incluindo os povoados menores, caminharam no *espírito do progressismo*; apesar do crescimento das urbes, e a escassez de moradias, especialmente

habitações, que era o que podia pagar a classe trabalhadora. Nas zonas abarrotadas de Ontário, era comum problemas de água potável, acesso a saúde pública, educação, parques ou áreas de recreação, que aumentaram os indicadores de mortalidade da população. Estas práticas, motivaram o surgimento do *populismo cívico*, que impulsou a criação de um sistema hidroelétrico de propriedade Estatal de Ontário, impulsionando a política, ao fabricante de caixas de puro Adam Beck, que conseguiu obter energia de baixo custo das indústrias que se assentavam na região (Brown, 1994).

No século XX, o crescimento das cidades canadenses continuou intensamente. Comparativamente, se estima que a princípios do século XIX, menos de 2% da população mundial vivia em cidades de mais de 100.000 habitantes; em 1850, esta proporção havia alcançado o 2.3%; em 1900, era aproximadamente de 5.5%, e já para 1950, superava os 13%. O aumento da população como fenômeno mundial, sobretudo em *cidades contemporâneas*, se registrou em 900 cidades, com uma população de 100.000 habitantes; onde para 1800 havia só 20 deste tamanho; e em 1950, quase 50 cidades tinha com população superior a 1.000.000, localizando-se a metade ou mais da metade, nos países cujo nível de desenvolvimento econômico, era suficientemente alto.

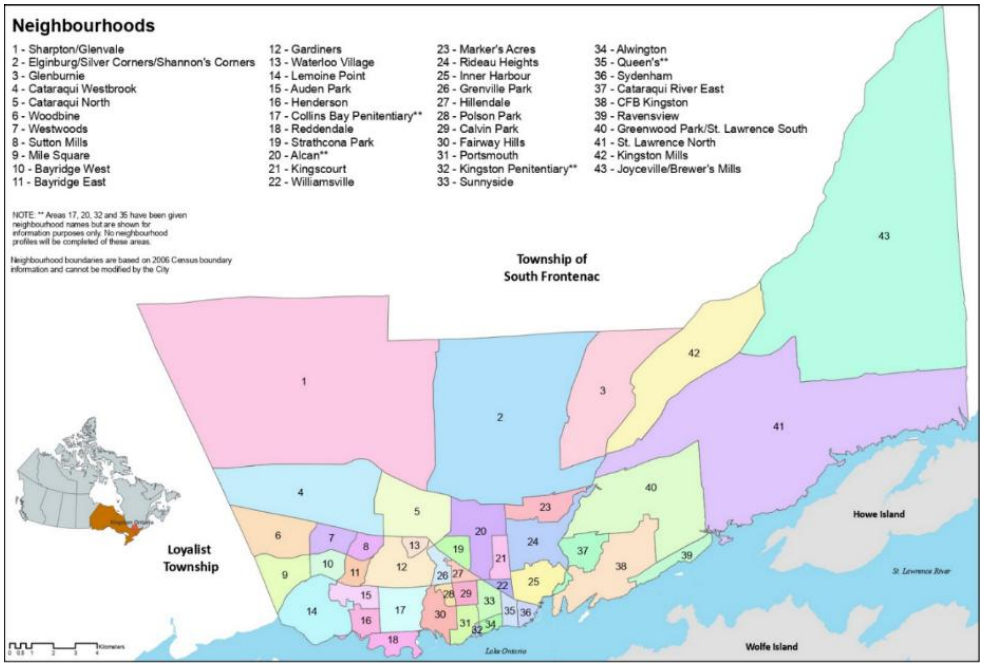
As *cidades desenvolvidas*, fortaleceram em sua maioria, uma relação sólida com a indústria, frente ao refinamento dos sistemas de transporte, e as comunicações, depois da grande explosão urbana de princípios do século XIX. O crescimento urbano-industrial, poderia ver-se assim sob duas perspectivas: a primeira, como uma fase da história da cultura, e a segunda, considerando o crescimento, como uma contingencia econômica (Lampad, 1955). De qualquer forma, na cultura da competência econômica, sempre houve uma forte tendência por estabelecer a transformação na região, como um marco de referência favorável. Mais adiante, retomaremos este tópico, mas inicialmente faremos uma descrição da cidade de Kingston, como uma representação transitória do colonial ao contemporâneo.

A cidade de *Kingston* foi um dos primeiros assentamentos no sudeste do Canadá; província capital, de 1841 até 1846. Território Katarokwi, os indígenas canadenses aproveitaram igualmente aos europeus, os recursos dos rios Lawrence e Cataraqui que desembocam no Lago Ontário, favorecendo a construção do forte Fort Frontenac que cresceu graças a colonos leais ao Império Unido e membros da tribo Tyendinaga, nativa do norte do

Estado *de* New York, até princípios do século XIX (Kingston Historical Society, 1954). As primeiras visitas registradas ao território, tiveram lugar em 1615, quando Samuel de Champlain e seu grupo de bandeirantes franceses, passaram 38 dias, nos arredores caçando, pescando e explorando.

O projeto de expansão francês, para ampliar o comércio de peles ao oeste em 1673, suscitou que em Cataraqui se assentara uma base ou fortificação, e uma zona comercial, construídos para dominar o Lago Ontário; mantendo assim, contato pacifico com os iroqueses, e cortando laços de comércio com os ingleses. Esta iniciativa do Conde de Frontenac, suscitou que um ano depois, Louis XIX concedera à Salle, o primeiro Senhorio de Frontenac; mas como a Salle, estava mais interessada em explorar o Oeste, que em converter a Frontenac em posto comercial rival de Montreal, não houve uma política firme de comércio (Stephenson e Muirhead, 1961).

Figura 62. Cartografia local da distribuição urbana na cidade de Kingston, Ontário.



Fonte: Statistics Canadá (2009), modificação de alguns parâmetros pela Autora.

Kingston localizada nas terras tradicionais dos Huron-Wendat e Mississauga dos Ojibways é para os indígenas locais, herança do povo Katarokwi, que significa território onde há muita argila. Situada especificamente no corredor Quebec-Windosor, ao extremo do Lago Ontário, o rio San Lorenzo e o Canal Rideau, a região se encontra entre Ottawa e Toronto,

no cruzamento fronteiriço do Ponte Thousand Island Bridge[36], onde pode-se aceder por três rotas: a via navegável de San Lorenzo, a autopista 401 de Ontário que desemboca no autopista 20 de Quebec e o corredor Windsor a Quebec das ferrovias canadenses, ou ainda pelo aeroporto de Kingston, Norman Rogers Airport (Figura 62).

A cidade é conhecida não só por conservar seu legado patrimonial, herança colonial, mantendo em seus museus, quatro pinturas de Rembrandt; senão por auspiciar dois festivais de cinema, conservar um dos mercados públicos mais antigos da região e fomentar um dos cenários musicais modernos mais relevantes do país (Visitor Information Centre, 2021). Sua superfície terrestre abarca 1.919,17 Km^2, sendo a densidade de população de 89,9 pessoas por Km^2. Em 2021, a população registrada era de 172.546 habitantes, exibindo 7.1% com respeito ao 2016, o que pode comparar-se com a porcentagem provincial de 5.8% e o porcentagem nacional do 5.2% (Census Metropolitan Area, 2021) (Ver Apêndice S).

A população de *Kingston* aumentou de forma significativa entre 2006 até 2021, em 11.371 residentes adicionais, estando entre as primeiras 10 urbes de mediano crescimento de Ontário. A cidade composta por 40 bairros e o Mercado Público mais antigo da região desde 1801, destaca-se por seu legado histórico com edificações como o antigo Kingston Fire Hall, o histórico Woollem Mill e outros, que se transformaram a partir do incêndio de 1840, quando se proibiram as construções de madeira, e se começar a utilizar materiais de tijolo e pedra. Os municípios e subdivisões do censo, incluem a Kingston e os municípios de South Frontenac, Loyalist, e Frontenac Islands, experimentando aumentos de população oscilantes, 9.7% nas Islands Frontenac, 8.3%, em South Frontenac, e 5,7% em Loyalist; sendo o 82%, a população da cidade (Ver Apêndice T).

Nas últimas décadas, Kingston tem experimentado um crescimento populacional elevado em comparação com outros períodos, encontrando-se como escolha de preferência, as maiores áreas de acréscimo nos bairros da cidade localizados em Cataraqui North, Greenwood Park and Queen's (Figura 63) (Census Metropolitan Area, 2009).

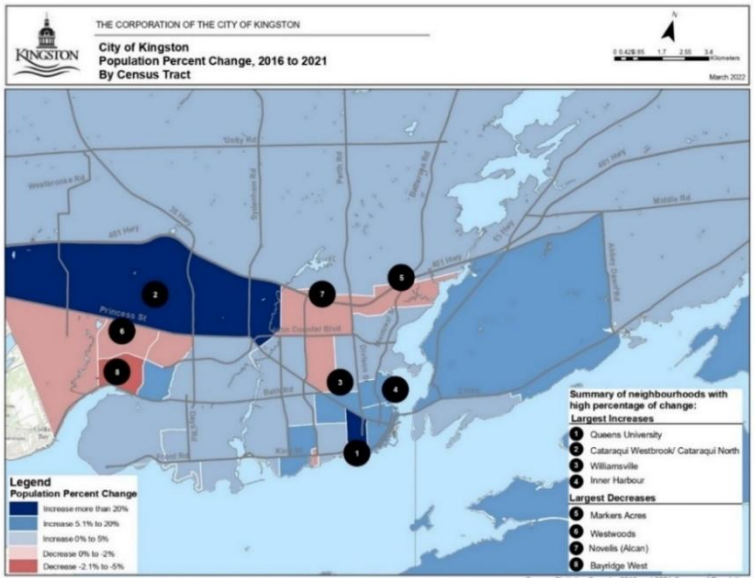
Frente à ocupação e uso de domicílios nas últimas décadas, nota-se um incremento nos quartos privados ou *private dwellings*, que se referem a um conjunto separado de moradias

[36] El *Ponte das Mil Ilhas*, construído como sistema internacional a princípios do século XX, em 1937, sobre o *rio San Lorenzo*, conecta o Norte de New York nos Estados Unidos, com o sudeste de Ontário em Canadá.

com entrada privada, ou seja, fora do edifício, ou desde um salão, vestíbulo a escada comum dentro da edificação. No entanto, também se registram casas desocupadas ou *Unoccupied private dwellings,* que contam com todos os serviços básicos, mas que seus proprietários, residem pouco tempo em suas residências (Ver Apêndices U, V e W) (Census Metropolitan Area, 2021).

Kingston é conhecida pela preservação de edifícios históricos e fortificações que continuam debelando características da evolução regional e seu papel na Confederação frente à prosperidade econômica. Entre seu patrimônio se destacam edificações (monumentos, estruturas, construções), paisagens (vistas panorâmicas, paisagens urbanas, campos de batalha, cimenteiros), e elementos arqueológicos, que se encontram salvaguardados dentro da Planificação de Patrimônio da cidade, que entrou em vigência o 27 de janeiro de 2010.

Figura 63. Cartografia de crescimento populacional em Kingston, Ontário.



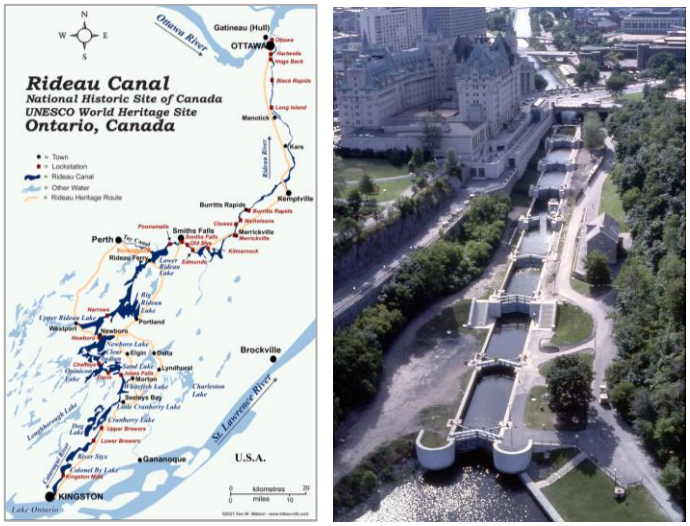
Fonte: Census Metropitan Area (2021, p. 5).

A Convenção de Patrimônio Mundial, UNESCO, incluiu como elementos em estado de preservação da cidade, as Torres Martello, Fort Henry, e as fortificações localizadas nos costados do Canal de Rideu, enaltecido por ser construído com fins militares, permitindo que as forças britânicas, defenderam a colônia do Canadá, contra os Estados Unidos. O histórico Canal que se estende aproximadamente 202 Km, segue a trajetória sul desde Ottawa até o Kingston Port, situado no Lago Ontário (Figura 64) (Corporation of the City of Kingston, 2022; UNESCO, 2007).

Nas últimas décadas, a preservação do legado histórico se integra com as novas dinâmicas de inovação modernas. Seu crescimento considerável, alberga hoje, empresas e indústrias de manufatura avançadas, tecnologias limpas, tecnologias de defesa e informação, que há possibilidade de que a cidade tenha uma jurisdição maior a nível nacional, no processamento de alimentos e bebidas; e ser reconhecida internacionalmente, como a Capital Mundial da Navegação em Água Doce.

No campo da arquitetura, a coexistência da tradição com a onda progressista, é mais factível, pois as construções feitas de pedra calcária começam a integrar, com os desenhos da arquitetura contemporânea. Um exemplo pode encontrar-se no edifício mais antigo da cidade, que sobrevive na rua 9 Kennedy construído de tijolos de bairro, em contraste com o Smith School of Business no campo de Queens, elaborado com aço e vidro (Corporation of the City of Kingston, 2022).

Figura 64. Histórico Canal de Rideau em Kingston, Ontário.



Fonte: UNESCO (2007, 2021).

Especificamente, nos centraremos em três distritos patrimoniais de valor histórico, e onde se há desenvolvido programas de conservação regional: Barriefield Village, Market Square (Praça de Mercado), e Sydenham, amparadas pela Lei de patrimônio de Ontário. Os três distritos, contem aproximadamente mais de 700 áreas protegidas que representam algo ao redor de 200 anos de história. As edificações dos distritos patrimoniais estão salvaguardadas, requerendo aos proprietários permissões de patrimônio em caso de novas construções, modificações ou demolições de sessões. Esta aprovação passa pelo ajuntamento,

com a aprovação do Diretor de Serviços do Patrimônio ou Conselho Municipal. As petições aprovadas, podem receber subvenções dentro do programa de Reembolso de impostos sobre propriedades patrimoniais (Corporation of the City of Kingston, 2022).

2.2.1.1. Crescimento e transformação de Kingston, século XV e princípios do XX.

A preservação do legado arquitetônico em algumas regiões do Canadá exalta edificações coloniais, mansões e museus, não necessariamente estiveram relacionadas com um valor histórico intrínseco da herança cultural. A identidade patrimonial, produto da invenção da cidade, se associa melhor, a identificar a arquitetura de alto estilo, para depois restaurar, preservar e difundir seu envolvente estética. Para este fim, as campanhas didáticas começaram a educar os habitantes em regionalismos que terminaram por exacerbar o legado de antecessores políticos, comerciantes ou alguns monumentos, no impulso do desenvolvimento moderno, como parte da estratégia de iniciação simbólica.

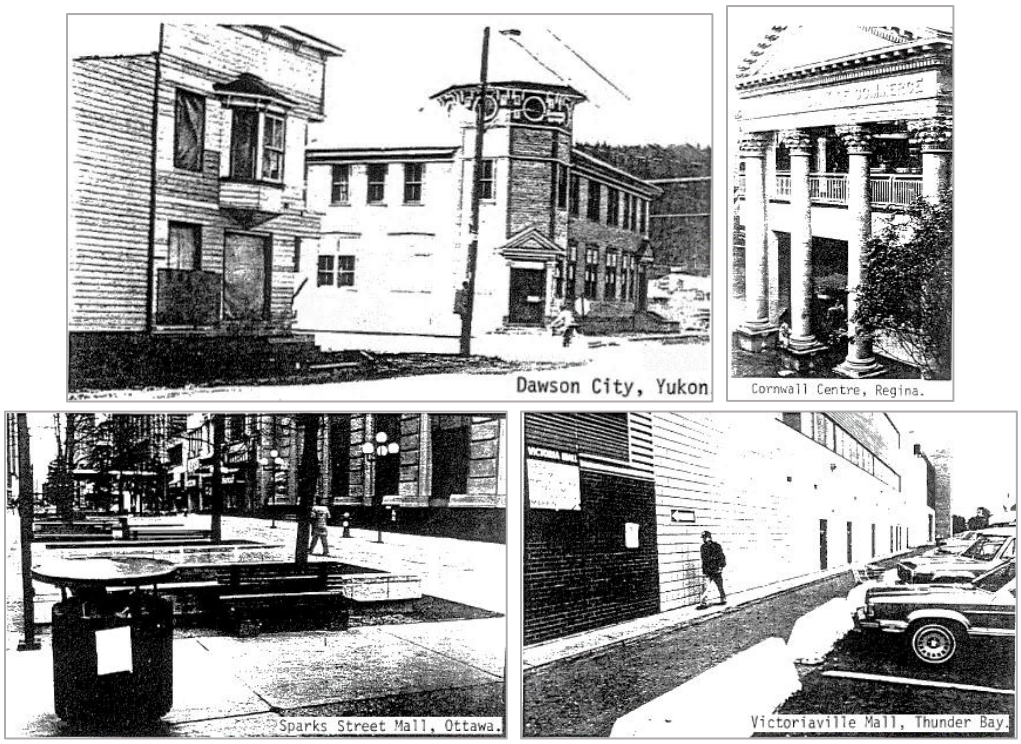
Dawson City, localizado na região de Yukon no Canadá, consolidou seu legado histórico da *gold rush* e a exposição de velhos edifícios, atraiu o turismo e a exploração mineira. O passado sociocultural da cidade, se conservou como ferramenta de ensino, recriando grandes fragmentos da vida urbana, para explicar a chamada *febre del ouro*; reconstruindo edificações que haviam desaparecido décadas atrás, satisfazendo as necessidades de seus habitantes e visitantes, que deram forma a uma paisagem urbana artificial, que terminou explicando quem, que, quando, onde e porque, havia começado o capitulo histórico de essa região (Figura 65) (Fulton, 1983; Villota *et al.,* 2017).

A preservação do patrimônio canadense, enfrentou um sério desafio de incluir junto às edificações contemporâneas, uma história explicitamente simbólica e comercialmente argumentativa. Este fato se consolidou, porque a visualização do desenvolvimento urbano, mostrava nas cidades do norte, frente ao histórico, que as regiões tendiam mais a perder a batalha, que a ganhara. A integração das formas históricas de preservação, economia e comércio, se unificaram num matrimônio incomodo, que capitalizou a comercialização do patrimonial, insuflando os monumentos mais representativos e inventivos do legado cultural.

Para alguns analistas urbanos mais representativos, a história idealizada que se apresentou, terminou sendo oficial, exportando a invenção, a um mundo real, que a apropriou

como verdadeira; justapondo as formas urbanas, aos interesses coletivos do comércio (Fulton, 1983). Esta mesma dinâmica, se replicou décadas mais tarde nos países ibero-americanos, comerciando sobre o patrimônio, o recurso da tradição histórica como fomentou da estrutura econômica.

Figura 65. Formas de preservação do patrimônio nas cidades norte-americanas.



Fonte: Fulton (1983, p. 3-4), modificação de alguns parâmetros pela Autora.

Por outro lado, no Canadá, as cidades construídas replicaram o legado europeu, que a princípio do século XIX, converteram as urbes, em centros de organização estatal. A transformação foi iminente; destacando-se, dois fenômenos de transformação importantes: o primeiro, o crescimento acelerado da urbanização em cidades industriais, que fomentou as condições de vida urbana que até então, haviam passado desapercebidas; e segundo a alteração negativa da paisagem social, que acercou a ideia de riqueza, ao progresso competitivo. Ironicamente, na emergente redefinição de cidade, esta vez voltada ao industrial, os arcaizantes abandonaram a cidade, enquanto os futuristas, incentivaram reformas para consolidar uma espacialidade cada vez mais reduzida.

Através desta perspectiva se desenhou a urbe, entre a fase histórica, aludindo ao passado, e o futuro promissório, estendo a noção moderna com urgência, para consolidar uma

política de desenvolvimento (Schorske, 2006). Mesmo assim, na maioria dos casos, as tecnologias e os fatores econômicos, primaram sobre a herança cultural dos territórios e os grupos étnicos, convertendo este novo estilo, na culminação integral da vida cotidiana que conheciam seus povoadores (Hess e Line, 1992). As atividades comerciais nas regiões canadenses, foram parte fundamental de seu desenvolvimento econômico.

Em Kingston, quando os primeiros europeus que chegaram ao território, fomentaram o comércio de peles e o intercâmbio mercantil com os nativos, impulsando sua colonização por razões estratégicas tanto para os franceses como os britânicos. Desta forma, em 1615, Samuel de Champlain e seus aliados franceses, visitam pela primeira vez a região, convertendo-se um século depois, em epicentro do comércio e o aproveitamento de peles, que motivou a conquista ao oeste. A construção de Fort Frontenac, fundado em 1673, no sítio da futura Kingston, a beiras do Lago Ontário, se converteu numa empresa comercial como porto militar, sendo as ganancias produzidas pelo comércio, contribuições que serviram para apoiar as explorações da La Salle. Para finais do século XVI, surgiram assim, postos comerciais por todos os Grandes lagos e o Alto Mississipi (Stephenson e Muirhead, 1961; Brown, 1994).

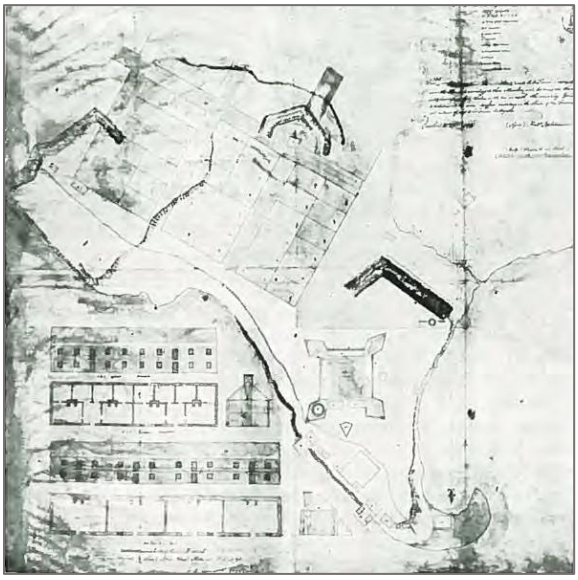
Ontário conseguiu ter uma posição dominante como porto interior de transbordo no trajeto marítimo desde o Oceano Atlântico até o interior do continente (Kingston Historical Society, 1954). Esta posição histórica se consolidou, depois do Massacre de Lachine em 1689, pela crescente frustração que os *iroqueses* tinham respeito ao aumento das incursões francesas em seu território, ficando o forte, parcialmente destruído e volto a reconstruir em 1696 por Frontenac, quando já velho, regresso a Canadá, sendo meio século depois, utilizado o forte militar por última vez, na Guerra dos Sete Anos, para combater aos ingleses em julho de 1756. Durante o século XIX, Fort Frontenac caiu em mãos dos ingleses o mando do coronel Bradstreet, e foi destruído. Este evento foi preocupante para os franceses, cortando o livre acesso a seus postos e avançando ao extremo ocidental onde se abriram caminho a vitorias inglesas em Montreal e Quebec (Stephenson e Muirhead, 1961).

Em 1760, depois da caída de Montreal, os britânicos tomaram posse formal do porto, mas este apenas foi pouco utilizado até o final da Revolução Americana por alguns comerciantes de peles. Durante a etapa da Revolução, que desatou um novo período de

desenvolvimento no porto de Frontenac e o Alto Canadá, milhares de leais que abandonaram suas colônias, buscaram refúgio no Alto e Baixo Canadá, por sua localização e comunicação marítima, permitindo-lhes estabelecer seus assentamentos de forma segura, apesar que a região era considerada desértica e seus caminhos bastante instáveis.

Com esta nova população de imigrantes, em 1783, se emitiram ordens para o estudo do município de Kingston, incluindo as reservas para o forte e a cidade; atraindo uma segunda onda de migração, onde numerosos grupos se assentaram, mas esta vez, atravessando penúrias consideráveis durante vários anos (Kingston Historical Society, 1954). Os refugiados receberam subministros, ferramentas e roupa, mas ao ser escassos, foram distribuídos de forma desigual, começando um período de disparidade e supressão pelos governantes da época. Este comportamento se materializou, quando a maioria de leais, tomaram as melhores concessões de terra no município, enquanto, que os artesãos e comerciantes se estabeleceram na nova vila de Kingston.

Figura 66. Traçado antigo forte Frontenac e Kingston em 1784 por Frederick Haldimand.



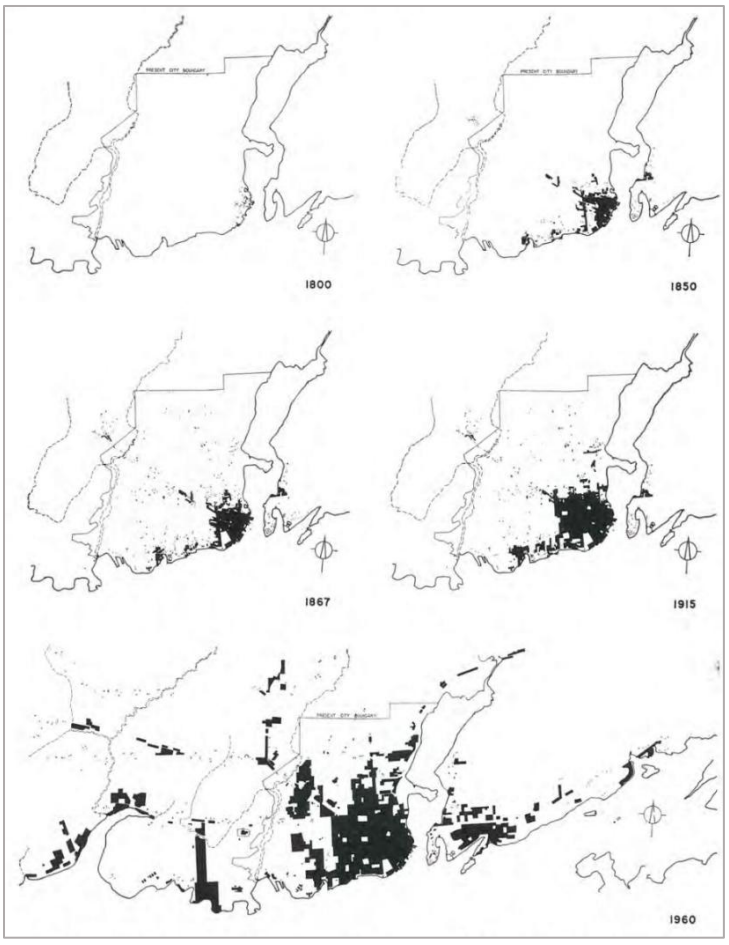
Fonte: Stephenson e Muirhead (1961, p. 4).

Em 1784, o traçado antigo do forte Frontenac e o terreno urbano da cidade, foi preparado em Quebec por Frederick Haldimand, dispondo de três quarteirões ao longo de Ontário Street (Figura 66) (Stephenson e Muirhead, 1961). Depois do Tratado de Paris em 1783, o primeiro funcionário britânico, o maior Holland e seu assistente, o alferes Peachey, realizaram os primeiros gravados urbanos de Cataraqui, hoje Kingston, demarcando num

transcurso de dez anos, os traçados das ruas e a subdivisão dos quarteirões do espaço urbano. O município estava num terreno entre o Passeio Marítimo e Sydenham Street, ao norte de Princes's Street, traçando-se 350 lotes na cidade, e 20 lotes frente ao mar, construindo-se para 1796, um total de 75 lotes (Figura 67).

Com a chegada dos leais à cidade, se marcou o primeiro impulso real de crescimento em Kingston, para 1789, quando os estaleiros navais foram transladados da Ilha Carleton durante a revolução a Kingston, se construiu e guarneceu um novo forte, que levou a que soldados e marinheiros, gastassem e invertessem na região, acelerando a vida comercial da pequena cidade (Stephenson e Muirhead, 1961; Brown, 1994).

Figura 67. Cartografia ilustrativa do desenvolvimento de Kingston 1800-1960.



Fonte: Stephenson e Muirhead (1961, p. 2).

Em 1792 a esposa do governador Simcoe que ascendeu à cidade, descreve: "Kingston *é uma pequena cidade de umas 50 casas de madeira e armazéns comerciais; só uma casa*

está construída em pedra", tomando-lhe até princípios do século XX, converter-se em porto de entrada aduaneiro regular, estabelecendo um mercado para o distrito, e começando a transformar as políticas de desenho e construção das casas. Os progressos da cidade, atraíram em 1812, a mais tropas e marinheiros que trouxeram uma grande prosperidade a Kingston. Por este mesmo ano os bosques ao redor da cidade em Point Henry, foram protegidos, construindo-se 5 casas de blocos e cercas para rodeá-los, colocando baterias de energia em pontos estratégicos e erigindo posteriormente, uma fonte de pedra (Stephenson e Muirhead, 1961, p. 1).

As ilustrações da cartografia de 1800, mostram o sítio original do *forte inglês*, que substituiu ao anterior Fort Frontenac, onde o desenvolvimento ao sul, começa a estender-se até o Oeste, no que hoje é Princess Street. Cinquenta anos depois, para 1850, a área construída incluía toda a antiga Sydenham Ward, encontrando-se o parque da cidade fechado, pois se estava construindo Barrie Street, dando passo ao surgimento de subúrbios em Portsmouth, ao redor da penitenciaria e Williamsville em Princess Street.

Nota-se que Barriefield, ao outro lado do rio Great Cataraqui, Fort Henry se havia estabelecido de forma permanente, junto com um conjunto de edificações em Point Federick. Progressivamente, de 1867 a 1915, é visível uma continuação de expansão da zona residencial, que consistiu principalmente, no crescimento concêntrico fora da área já urbanizada, com um pequeno assentamento ao redor da Estação Exterior, que se havia estabelecido previamente em 1850; um grupo de casa estava começando a formar um vínculo entre Portsmouth e a cidade, quando a população era nesse momento de vinte mil pessoas (Stephenson e Muirhead, 1961).

Estes acontecimentos de expansão, foram ocasionados com o término da Guerra de 1814, onde Newark (Niágara) e York (Toronto) sofreram vários danos; só que, quando chegou a ruína comercial, todos os lugares Kingston haviam prosperado, pois estava fortemente fortificada, e não havia sido atacada; graças ao trabalho de estaleiros navais e soldados, o dinheiro circulava continuamente. Para este momento, a cidade tinha cerca de 450 casas, três igrejas, um edifício governamental, um jornal, e uma biblioteca semipública.

Nos anos posteriores, a população, o comércio, e o aspecto físico da cidade, melhorou; sendo para 1821, Kingston, a cidade maior do Alto Canadá. Nesta medida, se fortaleceram

as comunicações e o transporte, utilizando a energia de vapor nos barcos, que atraiu em 1815, os principais comerciantes da cidade, construindo um barco em 1816, que prestava serviço entre o Lago Ontário e San Lorenzo. Esta dinâmica seguiu outros barcos, e dez anos mais tarde, se inaugurou o Canal de Rideau, empresa que permitiu manter a Kingston, a posição como porto de transbordo e convertê-la numa cidade ocupada (Brown, 1994; Stephenson e Muirhead, 1961). Estas novas dinâmicas fortaleceram a economia e transformaram as atividades sociais da cidade:

> O Canal foi desenhado tendo em conta principalmente as atividades militares, de modo que o Alto Canadá pudesse proteger-se mais facilmente da nova república ao sul, mas também estimulou o comércio em toda a província de Kingston, em particular, se beneficiou rapidamente, porque as mercadorias, tanto em direção leste como oeste, tinham que ser transportadas neste ponto. As empresas transitarias e os estaleiros se ativaram e se mantiveram assim, até finais do século. A apertura dos Canais de San Lorenzo na década de 1840, e a construção de ferrovias na década de 1850, diminuíram a importância comercial do Canal Rideau, mas o trigo da Bahia de Quinte e o oeste de Ontário, continuou sendo transbordado em Kingston. Em 1857, mais de 100 barcos tanto de vapor como de vela, procediam de Kingston [...].
>
> [...] A rebelião de 1837 no Alto Canadá, foi o resultado de abusos de poder e privilégios por parte de uma minoria. Kingston se viu afetada por estas dissenções, mas não tanto como em outras partes do país. Os agravos se referiam principalmente à concessão e tenência de terras, e à influência prejudicial do pacto familiar [...] Thomas Markland, de Kingston, escreveu um informe sobre o distrito de Midland, referiu-se aos abusos como 'a mesma causa que tem rodeado as Little York de um deserto, há criado obscuridade e desolação em Kingston, que pelo demais estava belamente situada; faço referência à toma e o monopólio de terras por pessoas com cargo e favor' (Stephenson e Muirhead, 1961, p. 3).[37]

O papel das elites canadenses, foi determinante na tomada de decisões e a coordenação de atividades em um setor particular da vida social; este fato, lhes permitiu adquirir categoricamente dentro da estrutura social de hierarquias econômicas, políticas, burocráticas, militares, e inclusive, ideológicas com componentes religiosos próprios das classes eclesiásticas, uma *sociedade gerencial*, administrada seus próprios benefícios e consentimentos (Porter, 1958; 1956).

[37] Minha tradução. Texto original: "The Canal was designed with military needs foremost in mind, so that Upper Canada could more easily be protected from the new Republic to the south, but it also stimulated commerce throughout the province. Kingston in particular benefited quickly, because goods, both east and westbound, had to be transshipped at this point. The forwarding trades and shipyards became active and remained so until late in the century. The opening of the St. Lawrence Canals in the 1840's, and the construction of railways in the 1850's, reduced the commercial importance of the Rideau Canal, but wheat from the *Bay of Quinte* and Western Ontário continued to be trans-'shipped at Kingston. By 1857 over 100 vessels, both steam and sail, hailed from Kingston. […].

[…] Thomas Markland of Kingston who wrote a report on the Midland District, referred to the abuses as: "The same cause which has surrounded Little York with a desert, created gloom and desolation about Kingston, otherwise beautifully situated- I mean the seizure and monopoly of land by people in office and favour" (Stephenson e Muirhead, 1961, p. 3)

Em Kingston o monopólio da terra significou que regiões da cidade, em particular ao leste, tiveram uma escassez de casas em quilômetros à redonda, que fomentavam os caminhos em péssimas condições e a importação desde os Estados Unidos por via marítima de verduras e outros produtos, que começavam a mostrar signos de dependência. No entanto, o desenvolvimento comercial do porto, em finais do século XIX, agenciou a construção do Grand Trunk Railway, que passava frente do Market Battery, convertido em parque e posteriormente na estação do trem à entrada do ajuntamento. A Queen's University se estabeleceu em seu sítio atual, e as seções das ruas Block and Princess Street, foram utilizadas como locações de comércio (Figura 68) (Stephenson e Muirhead, 1961).

Em todo o território canadense, a agricultura inicial, foi uma característica dominante, que perdurou até início do século XIX. Mesmo assim, foi suspensa em 1854, ao não se desenvolver como uma exportação básica, e ser produtiva apenas no Alto Canadá, onde a função de produção era do tipo de granja familiar independente, procurando-se melhor, a agricultura senhorial, muito mais antiga, do Baixo Canadá (Phillips, 1974).

Figura 68. Panorâmica da expansão de Kingston 1875.



Fonte: Stephenson e Muirhead (1961, p. 4).

Em 1841, quando as províncias do Alto Canadá e o Baixo Canadá, se uniram, Lord Sydenham como governador, escolheu a Kingston como capital; sendo o centro do país por mais de três anos, até 1844, quando Lord Elgin, transladou o governo a Montreal. Os cidadãos ficaram esperando que regressara de novo o status de capital, mas em 1858, Ottawa foi por

eleição real, convertida em capital; deixando Kingston submergida numa depressão empresarial, que transformou seu rumo e destino, ficando vários projetos sem realizar-se:

> Durante esta época de altos e baixos históricos, o rosto físico de Kingston havia começado a adquirir o caráter que hoje nos resulta familiar. Neste período se construiriam a Catedral de San Jorge, construída em 1825 e 1844 e a antiga Igreja de San Andrés. Em 1832, se começou a construir a Penitenciaria Provincial, o enorme edifício de pedra atual, e a seu ao redor, cresceram Portsmount e seus estaleiros. Em 1832, se demoliu o antigo Forte de Henry, construído em 1813-14, e se iniciaram as obras da estrutura atual. [...] o Ajuntamento e o Mercado se iniciaram em 1843. A Catedral Católica Romana de Santa Maria, se início em 1843. As bonitas edificações do Banco de Montreal e o Banco Comercial (agora ocupados por Frontenac Club Apartments e Empire Life Insurance Company), pertencem a este período. As Torres Martello, que hoje continuam sendo magníficos destaques de Kingston, se construíram em 1843. Em 1848 se construiu a Market Battery entre Ajuntamento e a beira do lago, mas foi demolida aproximadamente em 1875. Durante vários anos, um parque ocupou este belo sítio, mas em 1885, se permitiu que a Ferrovia o ocupara. O novo Palácio de Justiça, data de 1855, e a Aduana e a antiga Oficina de Correios, se construíram em 1858. O Colégio Católico Romano Regiopolis, se fundou em 1838, mas se transladou em 1869, quando as edificações passaram a formar parte do Hospital Hotel Dieu.
>
> Queen's University, primeiro conhecida como Queen's College, foi incorporada por Royal Carter em 1841. A universidade cresceu e prosperou e, numas poucas décadas, brotou muitos graduados que se tornaram importantes na vida de Kingston e de todo o país. Em 1877, a universidade entrou numa era de progresso baixo a direção de George Grant, um cidadão de Nova Escócia que se converteu no primeiro diretor nativo de Canadá. Em 1884, Queen's se negou a fusionar-se com a grande University of Toronto, preferindo conservar uma independência diferente e sua excelente situação em Kingston (Stephenson e Muirhead, 1961, p. 3).[38]

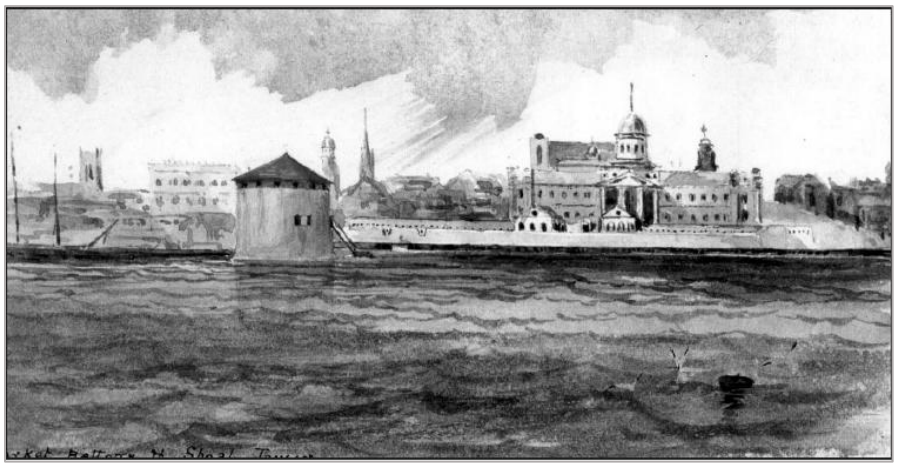
O ritmo da evolução das cidades e as novas gerações, foram se articulando à condição de um espaço cambiante, que levou à transformação das funções urbanas, favorecendo aos grupos sociais, de classe, alianças e conglomerados que formam grupos de pressão (Castells, 1979). Em Kingston em finais do século XIX, aquelas coisas que haviam servido como base pela prosperidade, começaram a desaparecer; de modo que já não era importante a fortificação militar ou a construção naval, atenuando-se as atividades, devido à diminuição dos bosques de pino branco, do leste de Ontário e o comércio de madeira (Figura 69).

[38] During this time of historical ups and downs the physical face of Kingston had begun to take on the character which is familiar to us today. St. George's Cathedral, built between 1825 and 1844, and the old St. Andrew's Church were erected in this period. In 1832 the Provincial Penitentiary, the present massive stone building, was begun, and Portsmouth and its ship-building yards grew up around it. In 1832 the old Fort Henry, built in 1813-14, was demolished and work started on the present structure. [...] City Hall and Market was begun in 1843. The Roman Catholic Cathedral of St. Mary's was started in 1843. The handsome Bank of Montreal and Commercial Bank buildings (now occupied by the Frontenac Club Apartments and the Empire Life Insurance Company) belong to this period. The Martello towers, which remain today as wonderful landmarks for Kingston, were built in 1846. In 1848 the Market Battery was built between the City Hall and the lakefront but was demolished about 1875. For several years, a park occupied this fine site, but in 1885 the railway was allowed to occupy it. The New Court House dates from 1855, and the Customs House and old Post Office were built in 1858. The *Roman Catholic Regiopolis College* was founded in 1838, but moved in 1869, when the buildings became part of the Hotel Dieu Hospital.

Queen's University, first known as "Queen's College" was incorporated by Royal Charter in 1841. The University grew a'ld prospered and, in a few decades, produced many graduates who became important in the life of Kingston and of the whole country. In 1877 the University entered an era of great progress under George Grant, a Nova Scotian, who became the first native Canadian Principal. In 1884 Queen's refused to merge with the large central Univenity of Toronto, preferring to retain an independent existence and its fine situation at Kington (Stephenson e Muirhead, 1961, p. 5).

Na década de 1890, Kingston começou a construir elevadores de grãos retendo grande parte do comércio de transporte de trigo. A dependência devido ao desvio da ferrovia e as rotas dos Estados Unidos por onde viajavam os carregamentos, todavia, por via marítima, foi o declive do negócio, 'o flete por pacotes'. Contra todo pressagio, Kingston conseguiu chamar a atenção de indústrias que se assentaram na região, promovendo prosperidade na pavimentação, o alumbrado, os serviços e os parques públicos. Desta forma em 1911, se iniciou a pavimentação de Barrie Street, e mais tarde Prince Street, inaugurando-se várias salas de cinema, onde se projetavam filmes mudas (Stephenson e Muirhead, 1961).

Figura 69. Pictografia de Shoal Tower, Market Battery e Kingston em 1865.



Fonte: Kingston Fortifications National Historic site of Canada (2007, p. 4).

As fortificações de Kingston, começaram a tomar parte de uma família nacional de mais de 900 sítios históricos, que como símbolo cultural canadense, trouxe prosperidade a seus cidadãos e depois às empresas que se assentaram na região para enaltecer a identidade regional (Kingston Fortification National Historic Site of Canadá, 2007). De fato, quando Kingston se envolveu diretamente na Primeira Guerra Mundial, estabelecendo-se o Quartel General nas Armarias e o 21 Batalhão de infantaria em 1914, que desencadeou a perda de 830 homens e 2000 feridos, se viu um melhor crescimento em termos de inversão econômica, dotando à Queen's University, de mais de um milhão de dólares.

De forma similar, depois da Segunda Guerra Mundial, a dinâmica industrial se incorporou a Kingston, atraiu centenas de trabalhadores em enormes fábricas e uma forte inversão de capital de parte da Aluminum Company e a Canadian Industries Nylon Division, que expandiram a região, e trouxeram prosperidade ao território. Mesmo assim, a herança

naval de 1812, as docas canadenses de engenharia, a construção naval, a escola de treinamento de voo e serviço pela RAF e a RCAF, deixaram um legado de formações militares de valentia e distinção inigualáveis (Stephenson e Muirhead, 1961).

O fenômeno de industrialização gradual em Kingston, se dividiu em dois estágios, um entre o inventario moderno das novas fábricas e lojas; e outro, a preservação de um legado histórico de edificações de pedra calcária, nobreza e patrimônio, que lhe deram o reconhecimento à região de Limestone City ou a *cidade da pedra* calcária, atraindo posteriormente a vários turistas (Brennan, s.f). O escritor Bruce Hutchinson, descreveu este desenvolvimento, como uma obra mestra *eternamente cinza*; mas B.K. Sandwell, o descreveu, como um *baluarte da tranquilidade do velho mundo*, uma espécie de reparação que desde o século XIX, vem absorvendo a indústria. Atualmente Kingston é das poucas cidades antigas no mundo em que as famílias de todo tipo, vivam no centro; pois não há muitos subúrbios que igualem a qualidade e o caráter de Old Sydenham Ward.

Nas últimas décadas, a proteção do legado histórico tem incentivado a apropriação e reconstrução de três distritos de conservação patrimonial específicos na urbe: Barriefield, Market Square e Sydenham, uns dos mais antigos de Ontário, desenhando-se programas e projetos consequentes com a estimulação da identidade canadense (Corporation of the City of Kingston, 2022, Stephenson e Muirhead, 1961). O estudo de Barriefield Ville, um dos primeiros distritos patrimoniais designados na província, salvaguarda o legado da primeira presença europeia, estabelecida em 1673 pelo Conde de Frontenac, quando construiu um forte militar francês ao lado do Rio Cataraqui. De utilidade para os franceses, o forte serviu para o comércio de peles, e se converteu num vínculo em rede de fortes franceses, que integravam Montreal com o interior da América do Norte.

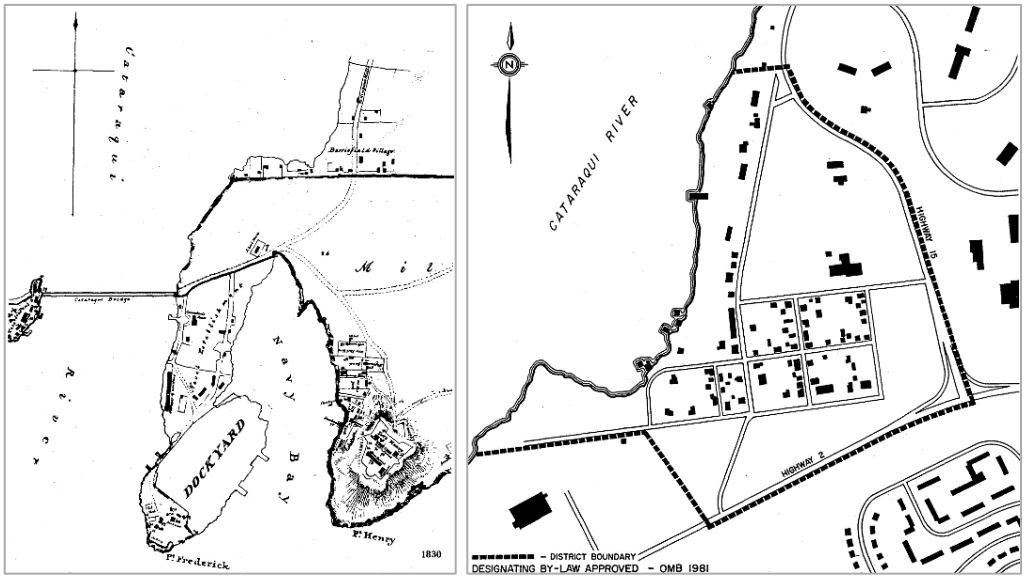
The Corporation of the Township of Pittsburgh descreve o legado francês:

> Em 1783, os britânicos decidiram estabelecer uma nova base militar e naval no lugar do antigo forte francês. Apesar que se fizeram recomendações para estabelecer a base no lado leste do porto, na parte de atrás de Point Frederick, se construíram docas no lado oeste e Kingston, e Kingston Township, cresceram na beira oeste do rio. O terreno no lado leste do rio continuava sem ser urbanizado nesse momento.
>
> A partir de 1784, os leais que começaram a arribar à zona, se assentaram ao oeste do Rio Cataraqui. Se construiu uma doca militar no lado leste de Point Frederick em 1784 e em 1788 se converteu em estaleiro naval. Devido à falta de terras de assentamento disponíveis, os lotes no lado leste do rio Cataraqui, foram traçados e outorgados em 1786.

> Havia dois conjuntos distintos de lotes no estúdio do lado leste que constavam de vinte e três lotes fluviais mais o Gore. Este tramo foi denominado Lotes ao leste do Rio Cataraqui (EGRC). Os cinco lotes ao leste da Reserva Militar, foram denominados Lotes contíguos à Reserva Militar (AMR). Barriefield finalmente se estabeleceu em EGRC (The Corporation of the Township of Pittsburgh, 1994, p. 8).[39]

O distrito de conservação de Barriefield, se desenvolveu na zona da terraplanagem alta a beiras orientais do rio Great Cataraqui (atual, Canal Rideau), levando o nome do comissionado do estaleiro naval de Kingston, o Comodoro Sir Robert Barrie. Localizado nos limites da interseção do autopista 2 e Kingston Road 15, adjacente a Fort Henry e o Canadian Bridge Federation, antigo município de Pittsburgh; Barriefield se estabeleceu em 1814, como resultado da necessidade de terrenos urbanizáveis para casa, e como resposta à guerra de 1812 e a reconstrução de Fort Henry, na década de 1830 urbanas. O caráter rural, simbólico do século XIX no desenho urbano da zona, onde as casas de perfil, a construção de suas estruturas em madeira ou pedra, e um andar e meio, com objeto de estabelecer núcleos unifamiliares, se conservam até hoje, apesar das transformações (Figura 70) (Corporation of the City of Kingston, 2022).

Figura 70. Distrito de preservação da área de Barriefield Ville em Kingston.



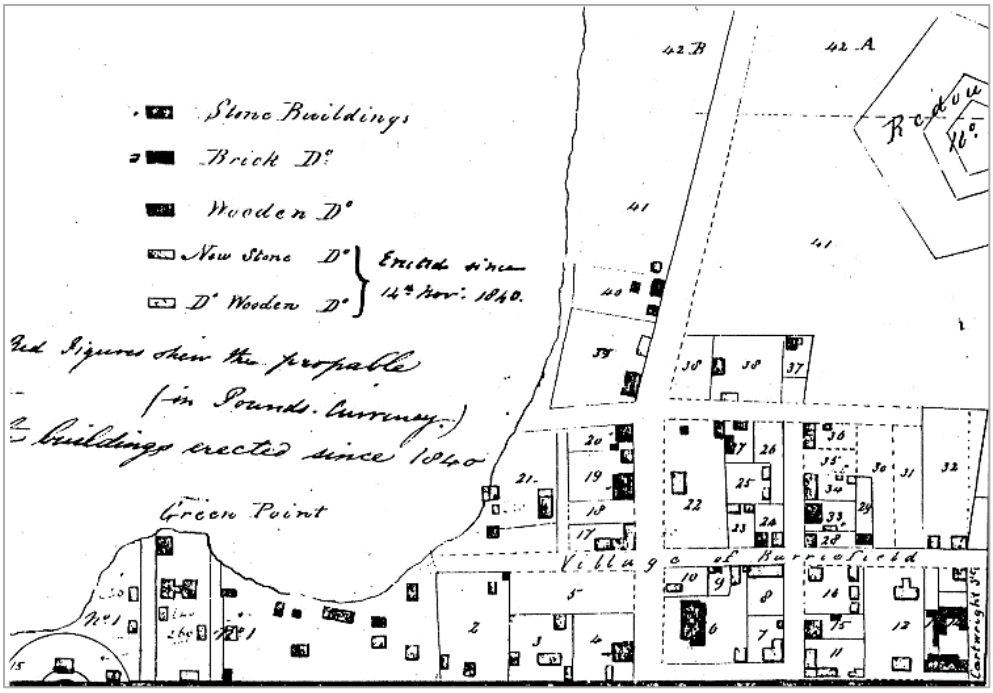
Fonte: The Corporation of the Township of Pittsburgh (1992, p. 5-9).

[39] Minha tradução. Texto original: "In 1783 the British decided to establish a new military and naval base on the site of the former French fort. Although recommendations were made to establish the base on the east side of the Harbour in rear of Point Frederick, docks were built on the west side and Kingston and Kingston Township grew up on the west river bank. The land on the east side of the river remained undeveloped at this time.

Beginning in 1784, the Loyalists who began to arrive in the area were settled west of the Cataraqui River. A military wharf was built on the east side of Point Frederick in 1784 and in 1788, it became a naval dockyard. Due to the lack of available settlement land, the lots on the east side of the Cataraqui River were laid out and granted by 1786. There were two distinct sets of lots in the survey of the east side consisting of twenty-three river lots plus the Gore. This section was named "Lots East of Great Cataraqui River" (EGCR). The five lots east of the Military Reserve were called "Lots Adjoining the Military Reserve" (AMR). Barriefield was eventually established on EGCR L21." (The Corporation of the Township of Pittsburgh, 1994, p.8).

Por algum tempo, a comunicação entre Barriefield com Kingston se viu seriamente prejudicada, a falta de uma ponte sobre o Rio Cataraqui, utilizando-se o serviço do ferry militar disponível entre Front Frontenac e Point Frederick, limitado para algumas embarcações pequenas e passageiros a pé, até 1817, quando se inaugurou o serviço civil que transportava carvalhos, e carruagens. Este novo elemento, operado por William Barker, proprietário da Barrie Field House em 1827, foi substituído posteriormente em 1829, por uma ponte elaborada por Cataraqui Bridge Co., que ajudou extraordinariamente ao desenvolvimento de Barriefield e Pittsburgh Township, convertendo-se numa das rotas mais importantes de Kingston (Figura 71) (Brown, 1994).

Figura 71. Cartografia do período de crescimento em Barriefield, Kingston.



Fonte: The Corporation of the Township of Pittsburgh (1992, p. 11).

Durante o período de crescimento se registrou o estabelecimento de várias tabernas durante 1820, incluída Morton's Tavernk, a Taberna Richmond, e a Casa de Pittsburgh. As casas tendiam a ser edifícios de um andar com algumas estruturas de pedra, e geralmente se construíam à extensão da frente da rua. Desta forma, para 1830, Barriefield tinha vinte edifícios, no que em sua maioria, estavam localizados ao longo de Main Street e James Street, até Green Bay (The Corporation of the Township of Pittsburgh, 1994).

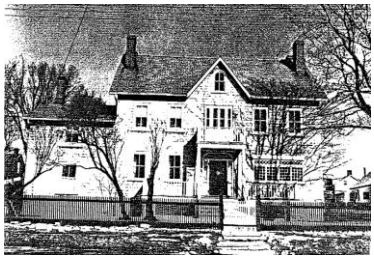
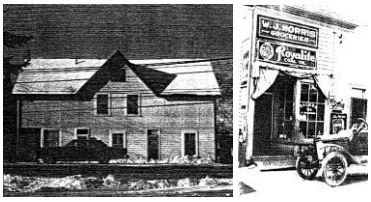
As características e desenho das casas, edificações e tendas comerciais de princípios e meados do século XIX, forma preservadas em Barriefield Ville, para conservar seu legado histórico. As casas em pedra anteriores a 1850, tem um desenho a duas águas, andar e meio de altura, e duas lareiras aos extremos; enquanto, as casas posteriores a 1850, tem um frontão central sobre a entrada da porta, que os tetos de duas águas têm sido modificados pela adição posterior de uma empena frontal central, nos que se tem um aileron traseiro construído na cozinha, e um teto de pendente meia.

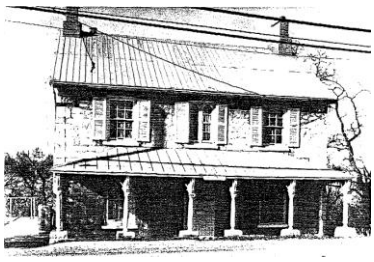
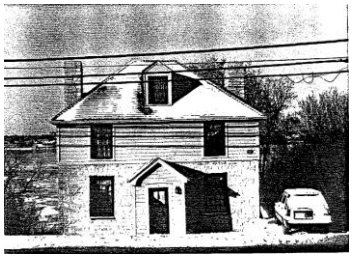
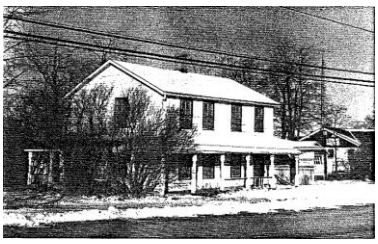
As casas estão construídas de pedra calcária própria da região, em duas fileiras, e os quinos amiúde, se encontram nas esquinas dos edifícios, aberturas de portas ou janelas. Algumas das casas, tem fachadas de pedra talhada, laterais e fundos de alvenaria; nos que pode-se apreciar ventanas originais, feitas com guilhotina de duas águas, onde a central, é semicircular (The Corporation of the Township of Pittsburgh, 1994).

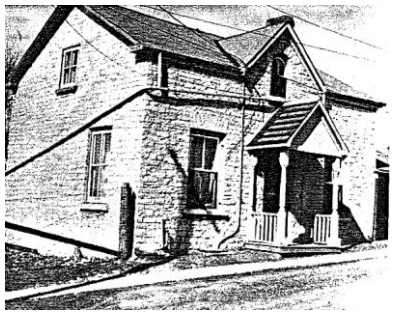
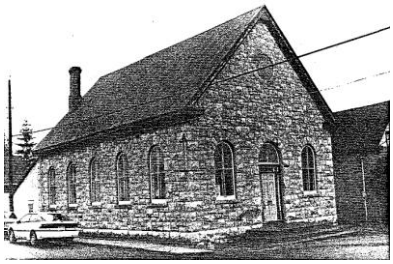
Como característica adicional, pode-se destacar, que os detalhes decorativos dos marcos, estavam revestidos de *tablilhas* ou traslapado*;* e a utilização de tijolo, unicamente pode apreciar-se em edificações anteriores a 1870 com um desenho modesto, fachadas simétricas, porta central, e lareiras aos laterais. Um exemplo deste tipo de edificações se encontra na Igreja de San Marcos edificada em 1843-1844, Barriefield House ou Barriefiled Village, uma das edificações mais antigas erguida em 1814-1816; o Dominion House Hotel construído em 1874; a casa de George Medley construída em finais do século XIX (Ver Tabela 4) (The Corporation of the Township of Pittsburgh, 1994).

O distrito de conservação patrimonial de Barriefield, também inclui uma paisagem natural e histórica no que se assentaram os colonos; pois domesticaram a terra, derrubando o bosque e criando campos delimitados onde se estabeleceram estradas, sendeiros, casas, moinhos e igrejas. Historicamente os primeiros estudos paisagísticos indicam que a área intermedia ao norte do povo estava dividida em lotes retangulares, dispostos perpendicularmente à beira do rio; o que influenciou o desenho geométrico das ruas do povo. Dentro dos programas de conservação, também se incluem os espaços públicos, semipúblicos, e propriedades residenciais privadas que incluem um extenso sistema de ruas, propriedades da igreja, escolas, bibliotecas, e os terrenos ao redor de Brownie's Grocery Store na rua James (Brown, 1994).

Tabela 4. Tipos de edificação em Barriefield, Kingston.

Nome, ano e endereço	Tipo de Construção	Descrição	Figura
Igreja de San Marcos (1843-1844), Rua Principal	Igreja de pedra	*Jhon Marks* doou o terreno e *Richard Jones* construiu a igreja. Foi renovada em 1897 adicionando o presbitério e o santuário. Em 1961 se construiu uma nova sala junto e ao redor, uma valha de pedra.	
Barriefield House (1814-1816), 206 Rua Principal	Pedra calcária, frontão lateral com frontão frontal central posterior	Uma das casas mais antigas que se conservam, construída por *William Baker*, um imigrante britânico empregado como ebanista no estaleiro naval, e viveu até 1822, quando *Walter McCaniffe*, um comerciante, comprou-a. Agora, o Departamento de Defesa Nacional é seu proprietário.	
Hutton House (1874), 207 Rua principal	Pedra calcária, empena frontal central, três secções, e um e meio andar	Construída por *William Carpenter* proprietário de *Dominion House Hotel*. Tem sofrido poucas modificações aos longos dos anos, apesar que a ampliação de dois andares em 1928, a renovou, adicionando elementos de construção posteriores.	
Casa de George Medley (finais século XIX), 215 Rua principal	Marco, empena frontal, dois sessões e dois andares	Construído pelos locais *William* e *Frederick Allen*, para *George Medley*. Esta casa de dois andares se encontra na esquina nordeste das ruas Regent e Main. A edificação de um bloco de forma retangular que dá a Main St., e um aileron traseiro, que se suma a Regent Street, para criar um plano em L.	
Edificação comercial (depois do século XIX), 217 Rua principal.	Marco, empena frontal central, antes residencial comercial, cinco sessões e dois andares	Construído para *George Medley* como tenda de comestíveis em finais do século XIX. A estrutura serviu como oficina de correios e casa adossada. *Frederick* e *William Allen*, foram os construtores, onde o trabalho decorativo das telhas ainda se conserva.	
Cabana local (1834), 223 Rua principal	Pedra calcária, empena lateral, três sessões e, um e meio andar.	Edificada por *Alexander Mayberry*, ferreiro local, esta cabana era uma casa familiar, vendida em 1862, e convertida em *Pittsburgh Inn*. De 1877 a 1913, o mercenário *Miles Byrnes*, operou uma tenda de comestíveis e uma taberna. Também foi oficina de correios, sendo a pedra calcária adequada em todos os lados.	

Antigo hotel (1818-1819), 239 Rua principal	Pedra calcária, empena lateral, três sessões, originalmente de um andar, mas elevado a dos.	Esta edificação foi conhecida como o *Hotel Richmond*, construída por *John Hendry* como uma casa individual de um andar e meio, onde o teto, ainda era de telhas de madeira. As aberturas das janelas do primeiro andar, estão decoradas com quoins, com um poste decorativo e uma cerca de alambre.	
Cabana regular (1830), 247 Rua principal	Pedra e estrutura, teto a quatro águas truncado, três sessões, originalmente de um andar, mas agora é de dois andares e meio.	Recentemente restaurado, esta edificação foi construída inicialmente de um solo andar. Em 1928 adicionou-se um segundo andar e um ático, o que aumentou de altura a construção por parte da família *Hewitt*. Tem dois grandes lareiras de pedra, localizadas em cada elevação lateral, insertada para os alheiros. Uma adição de pedra se estende desde a parte de atrás do edifico até a entrada principal.	
Casa de *John Marks* (1824), 229 Rua principal	Troncos e marcos, empena lateral, quatro sessões, e dois andares.	A construção desta casa está documentada no diário de seu proprietário *John Marks*, quem comprou o lote em 1824, quando já existia uma casa de pedra construída por *John Grant*, ao redor de 1800. Marks foi uma figura histórica representativa para Barriefield, líder do governo local, empresário e comerciante. Foi presidente do conselho de guerra em 1839; primeiro diretor do conselho do condado de Frontenac e primeiro administrador do município de Pittsburgh, de ajudar a estabelecer a igreja de San Marcos.	
Casa unifamiliar (Finais do século XIX), 2 Sharman's Line.	Edifício estrutural, empena lateral, casa dobro.	Construída em finais do século XIX, a casa de dois andares é uma casa unifamiliar. Tem teto lateral a dois águas e tem revestimento traslapado com esquinas constantes e molduras de ventanas planas de madeira, com capotas ligeiramente salientes. Atualmente conta com plataforma moderna com corrimão, e balaustrada cruza a frente.	
Edificação de tijolo (1880), 402 Rua Regente	Tijolo, empena frontal, dois sessões, dois andares e meios.	De estilo vernáculo, tem uma orientação frontal de dois águas com uma fachada de dois trechos que consta de um plano de entrada lateral e vestíbulo. Houve um tempo no que na entrada principal havia um pequeno pórtico a dois águas. Uma varanda corre ao longo das elevações este e sul da ala. As ventanas com cabeceira semicircular, estão localizadas na ponta empena dianteira.	

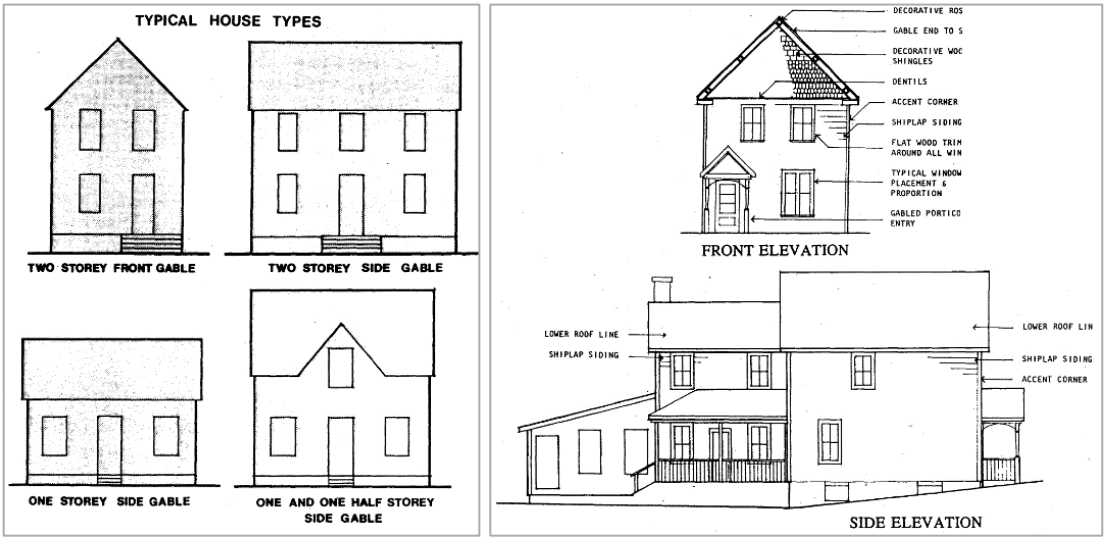
Casa local (1886), 404 Rua Regent.	Edificação estrutural a dois águas, dois andares e meios.	Construída por *Alexander Rickey*, um fabricante de carros e ferreiro local, esta casa corre ao oeste pelo pendente até o Rio. A extensão de atrás tem um base/sótão elevado de pedra com uma porta de entrada desde o nível do chão. Ao longo dos anos se há produzido grandes câmbios no exterior da casa, na entrada principal, um frontão com suportes combinados e adornos laterais; a terraço de um andar se adicionou ao lado norte e a construção de uma lareira de tijolo exterior, no interior da elevação norte através do teto do terraço.	
Construção tradicional (1853-1854), 407 Rua Regent	Pedra calcária, empena frontal central, três sessões, dois escadas e meia.	Construída por *Robert Forbes*, um tendeiro local, de material de pedra calcária tradicional; o estilo vernáculo desta casa é típico da zona. A entrada principal está protegida por um pequeno pórtico que alguma vez tive varandas laterais com balaústres. A empena central tem janela semicircular e *dovela*. Se adicionou tijolo de um andar, a um lado do edifício, possivelmente em finais do século XIX, onde as ferragens metálicas ainda existem nas paredes de pedra.	
Ajuntamento/ Biblioteca (1886), 414 Rua Regent	Pedra, teto a dois águas, três sessões, empena frontal	Este edifício público foi construído como o ajuntamento de Pittsburgh. O construtor original foi *Robert Free*, recentemente restaurado e convertido em biblioteca municipal. As esquinas estão enfatizadas em quoins, ao igual que as portas e as janelas. dois lareiras altas de tijolo, estão localizadas a cada lado da cumeeira a dois águas na parte de atrás da edificação. Atualmente tem teto metálico.	
Casa de *James Medley* (1856-1857), 230 Rua James	Pedra, empena frontal central, cinco sessões, e um andar e meio.	Esta propriedade foi comprada pelo alfaiate *James Medley* em 1852. Foi restaurada e renovada depois do incêndio dos 1980, no que se reduziu o nível do solo na parte dianteira da casa, expondo a parte frontal do sótão à vista completa desde a rua. O lado largo do plano retangular, está orientado à rua *James*, e uma adição de atrás, forma uma configuração em L. também se levantou uma adição de pedra de um andar e meio, na parte de atrás, e se agregou um piso superior de tablas e listões.	

Fonte*: The Corporation of the Township of Pittsburgh* (1992, p. 23-84), realizada pela autora de acordo com os dados registrados.

Um estudo das construções de Barriefield, permite conhecer as estruturas originais e o tipo de modificações que tem sofrido devido ao deterioramento. Entre as alterações se destacam o cuidado dos tetos inclinados, o tratamento das fachadas, as empenas das ruas, os marcos decorativos, a estrutura do mecanismo das janelas, e outros arranjos indispensáveis para a preservação (Figura 72) (The Corporation of the Township of Pittsburgh, 1994).

Na região, a família Knapp estabeleceu o negócio da construção de barcos e passeios marítimos entre 1832 e 1833. A construção de Fort Henry em 1832, também fomentou a demanda da construção de casas, impulsionando o auge produtivo até a década de 1830; diminuído em 1840. A falta de terra disponível repercutiu que a Igreja Anglicana de San Marcos, fosse concluída em 1844. Ademais, em 1832, uma fábrica de telhas e serras a vapor em Green Bay Point, incendiando-se em 1845 e restaurada depois por Martin Strachan em 1851, mais tarde propriedade de McRossie and Co em 1867, e Warren & Co em 1873.

Figura 72. Casas históricas em Barriefield, Kingston.



Fonte: The Corporation of the Township of Pittsburgh (1992, p. 229-231).

Em 1846, quando a população era de 300 habitantes, e os documentos apontam a existência de 66 edifícios, incluídos duas tendas, três tabernas, duas ferreiras, uma sapataria e um molinho; construídos de madeira, pedra o tijolo, basicamente de um e dois andares. Com a diminuição da atividade no forte e os estaleiros depois de 1850, continuou crescendo:

> Se construiu uma nova escola na esquina sudoeste das ruas James e Main em 1850. Em 1855, se localizou uma operação de forno de cal no lote 20 ao sudoeste da Igreja de San Marcos. Em 1861, o censo enumerava aproximadamente 67 edifícios em Barriefield que

> consistiam no seguinte: 1, pedra de um andar; 5, pedra de um andar e meio; 8, de pedra de dois andares, 22, estruturas de um andar e meio; 4, estruturas de dois andares; 5, tronco de um andar; 2, troco de um andar e meio; 1, tijolo de um andar e meio; e 17 de um só andar. Em 1871 havia quatro talheres de construção de barcos ao longo de Green Bay.
>
> Em dezembro de 1870 se apresentou um plano registrado de Barriefield na oficina de terras indicando que constava de 21 acres, 12 lotes e dos blocos. O número de casas construídas foi de 68 e a população de 188 pessoas. Como principal centro de população do município de Pittsburgh, Barriefield seguiu tendo uma posição de destaque no município. Em 1876 se abriu uma oficina de correios. Em 1886, se construiu o ajuntamento de Pittsburgh (agora biblioteca municipal), no povo da esquina sudeste das ruas Regent e Drummond (The Corporation of the Township of Pittsburgh, 1994, p. 14).[40]

Até 1950, o distrito de Barriefield teve uma população estável com poucas construções novas, sendo a maioria de proprietários, descendentes das famílias que originalmente se assentaram na região. Mesmo assim, depois de 1945, quando alguns residentes antigos imigraram a outras zonas, houve uma recaída no mantimento da região, restando valor econômico aos terrenos. Estas novas dinâmicas têm gerado nas últimas décadas, que se replantem os projetos de desenvolvimento regional e que se recebam no ajuntamento, várias solicitações de edificação para processos de expansão e modificação de estruturas (The Corporation of the Township of Pittsburgh, 1994).

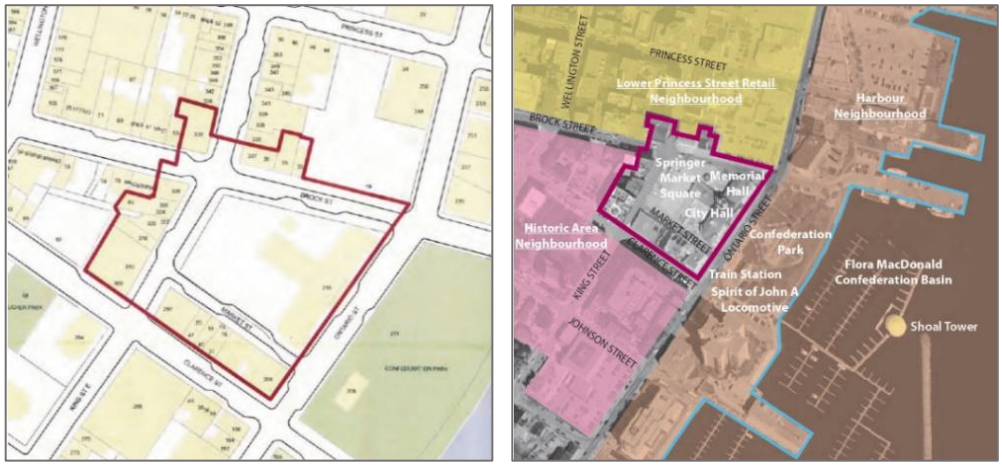
O segundo distrito de conservação patrimonial de Kingston, é conhecido como Market Square, localizado no centro da cidade. Este distrito, está composto por um conjunto de propriedades comerciais e institucionais que datam de princípios do século XIX, e que se distribuem numa quadricula histórica de alamedas que incluem as ruas de King, Street East, Clarence, Market, Ontário e Block. Como distrito de conservação patrimonial, foi aprovado em 1985 por Harold Kalman e Lily Inglis, reconhecendo o valor das edificações e os acontecimentos históricos que teceram a cultura canadense. O distrito também é conhecido como Springer Market Square, em homenagem à família Springer, fornecendo capital para melhorar a praça central, existente desde 1801 (Figura 73) (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Market Square Heritage Conservation District Plan, 2013).

[40] Minha tradução. Texto original: "A new school was built. on the southwest comer of James and Main Streets in 1850. In 1855 a lime kiln operation was located on lot 20 to the southwest of St. Mark's Church. In 1861 the census listed approximately 67 buildings in Barriefield consisting of the following: 1, one storey stone; 5, one-and-a-half storey stone; 8, two storey stone; 22, one-and-a-half storey frame; 4. two storey frame; 5, one storey log; 2, one-and-a-half storey log; 1. one-and-a half storey brick; and 17, one storey frame.3 By 1871 there were four boat building shops along Green Bay.

In December 1870, a registered plan of Barriefield was filed at the land office indicating that it consisted of twenty-one acres, twelve lots and 2 blocks. The number was dwellings built were noted as 68 and the population was 188 people. As the main population centre in Pittsburgh Township, Barriefield continued to have a prominent position in the township. A post office was opened in 1876. In 1886 the Pittsburgh Town Hall (now the Town Library) was built! n the village on the southwest comer of Regent and Drummond Streets" (The Corporation of the Township of Pittsburgh, 1994, p. 14).

A Praça de Mercado, se desenhou, como parte do plano original da cidade em 1784, publicando-se as primeiras regulações em 1811. Este lugar, foi um ponto central para o comércio de alimentos e combustíveis, que em sua maioria, sustentavam a vida cotidiana dos pioneiros de Kingston, localizando-se na ala sul do atual ajuntamento, um pequeno quartel de piquetes com estrutura de madeira em forma de T; e na ala oeste, outra pequena dependência, existindo as estruturas militares desde a época da Guerra de 1812, até 1831 quando foram subastadas ao público e desmanteladas. Desta forma, se ergueram em meados do século XIX, uma série de casas de mercado temporais de madeira, chamadas de *shambles*, para os vendedores do mercado; mesmo assim, estas se queimaram e colapsaram por seu próprio peso (The Corporation of the City of Kingston, 2024). 30

Figura 73. Cartografia distrito de Market Square, limites de conservação do patrimônio.



Fonte: Market Square Heritage Conservation District Plan (2012, 2013).

Em 1840, um incêndio catastrófico destruiu grande parte da cidade, incluindo o Mercado Municipal, pelo que dois anos mais tarde, o ajuntamento de Kingston selecionou o desenho do arquiteto George Browne, para construir de novo o ajuntamento e o mercado combinadas em Market Square. Terminada em 1844, a edificação tinha uma entrada pela Rua Ontário, para facilitar a descarga de mercadorias das embarcações; e a ala oeste Market Shambles, se estendia até a Rua King.

O novo desenho da ala do mercado incluía um campanário com relógio e veleta, encontrando-se também, uma estação de pesagem e uma fonte decorativa, onde no Market Shambles, podia-se encontrar açougueiros, vendedores ambulantes, uma impronta e a escola pública. Em 1865, outro incêndio arrasou a praça de mercado e destruiu todo a ala oeste,

reconstruindo-se como vemos hoje (Figura 74) (The Corporation of the City of Kingston, 2024). Cartograficamente pode-se identificar dez estâncias importantes: a primeira em 1784, quando os leais originários de New York e os deslocados da Guerra Americana, chegaram desde Quebec à Ilha Carleton para estabelecer-se na cidade, desenvolvendo-se ao sul de forte e consolidando-se a casa de governo; onde a maioria de edificações mediam $66' \times 142'$ com 10 lotes por bloco. A segunda em 1801, quando o governo solicitou a conformação do mercado, para estabelecer o distrito local (Midland), conformando os estatutos da província do Alto Canadá por Hugh Thomson e James MacFarlane em 1831 (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Market Square Heritage Conservation District Review, 2012).

Figura 74. Representação do fogo o 10 de janeiro de 1865.



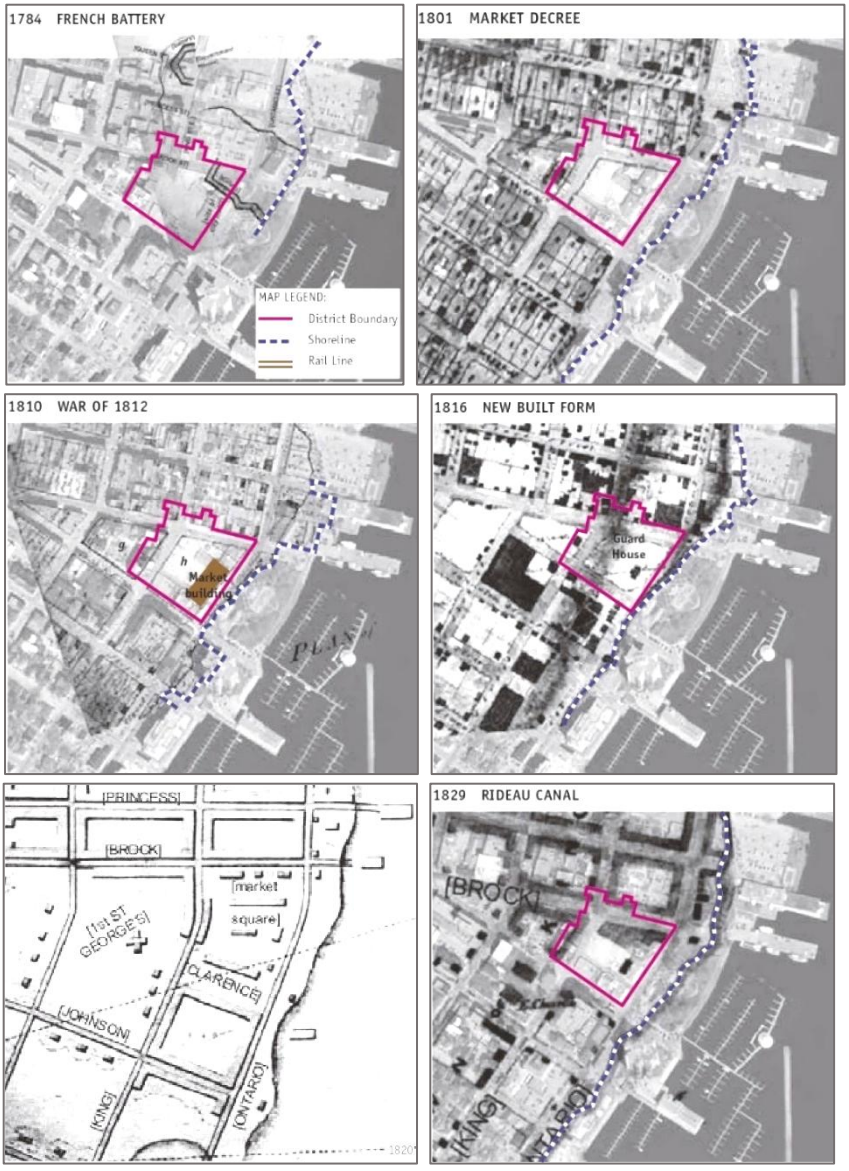
Fonte: Market Square Heritage Conservation District Plan (2012, p. 23).

A terceira em 1810, publicando-se as normas que regulavam o uso do mercado, o 21 de maio de 1811, e construindo com a Guerra de 1812, novas defesas no que se assentaram as tropas do general Jacques Virger, utilizando os restos da antiga bateria francesa e destinando a área frente à praça, como uma fortificação de reserva militar, o 27 de outubro de 1815. A quarta em 1816, depois da guerra, apareceu uma nova edificação de vigilância e junto à praça se inicia a incorporação das ruas King, Brock e Clarence.

Na quinta em 1829, onde se integram várias construções, entre elas a Segurança principal, a Igreja São Jorge em 1825, o segundo Palacio de Justiça em 1828, se apertura o Canal do Rideau em 1832-1836 entre Ottawa, Fort Henry e Kingston, e se compra o lote das ruas Brock e Ontário, a Ann e George Galsgow (Figura 75) (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012).

A praça foi incluída dentro da zona patrimonial, para preservar seu legado histórico, pois suscitou-se nela, o bombardeio por parte das tropas britânicas do coronel John Bradstreet durante a batalha de Fort Frontenac em 1758, estabelecendo-se após, um forte militar durante a guerra em 1812.

Figura 75. Cartografia da evolução de Kingston durante as primeiras cinco etapas.



Fonte: Market Square Heritage Conservation District Review (2012, p. 17-20).

A praça foi o ponto de encontro das tropas militares que lutaram na rebelião do nordeste, as Guerras Bóer, e a Segunda Guerra Mundial; convertendo-se assim, num emblema político, no que se proclamou posteriormente, a jurisdição do Alto Canadá por parte

do governador John Graves Simcoe em 1792; a celebração da Confederação de 1º de junho de 1867; e a procissão fúnebre do primeiro-ministro do Canadá, Sir John A. Macdonald em 1891 (Figura 76) (Market Square Heritage Conservation District Plan, 2013).

Na sexta etapa em 1845, a cidade se converte na capital da província unida do Canadá do leste e Canadá do Oeste, anunciando-se em 15 de junho de 1842, a construção do ajuntamento e o mercado, da construção de Market Battery e a Torre Shoal em 1847, protegendo o porto comercial e a entrada ao Canal de Rideau. Na sétima em 1856, Grand Trunk Railway, realiza a abertura de uma linha de passageiros, proporcionado passo de Toronto e Montreal, percorrendo entre Battery e Shoal Tower; desta forma para 1859, a cidade já contava com um trem de passageiros frente do ajuntamento.

Figura 76. Reunião para a Proclamação da Confederação, 1º de julho 1867.



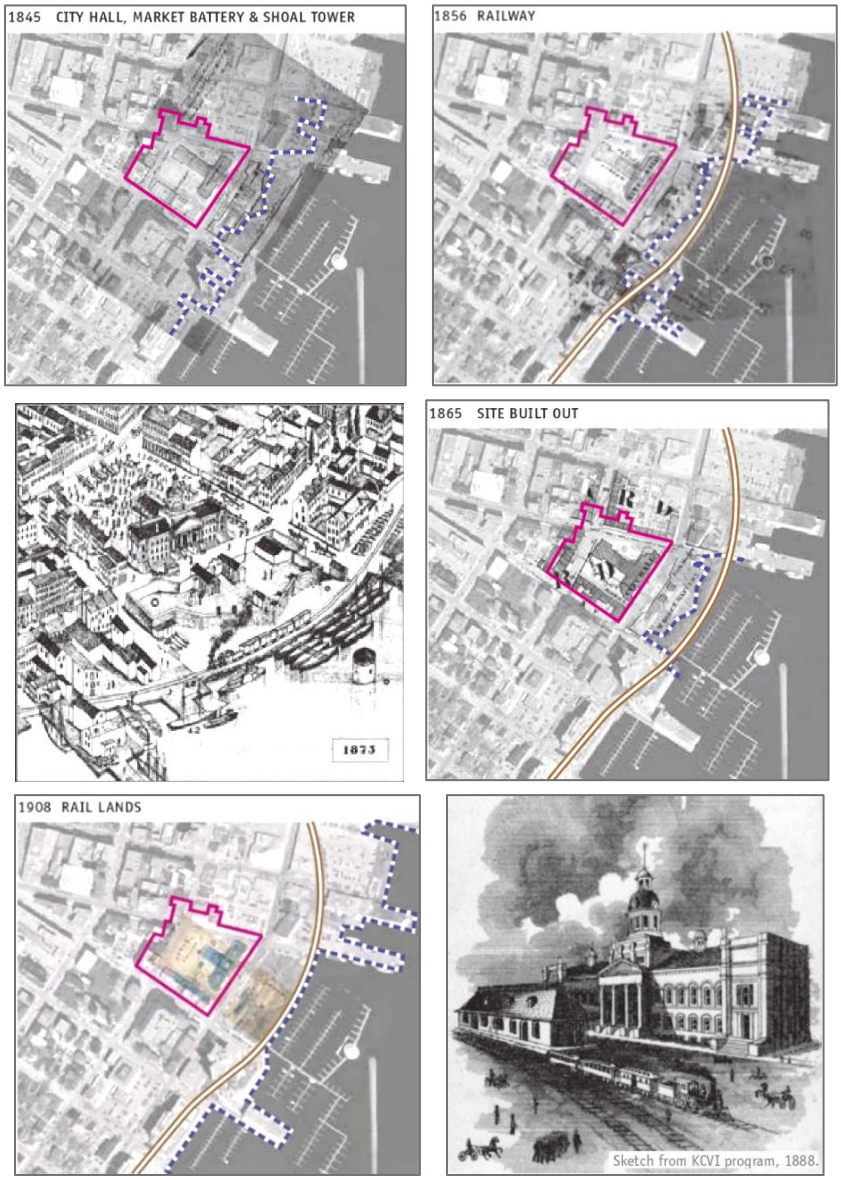
Fonte: Market Square Heritage Conservation District Plan (2013, p. 1).

Na oitava etapa em 1865, foi construída uma fonte na praça em 1860 de três níveis nas propriedades de Market Square e reconstruir-se o ala da parte de atrás da praça, isto para ser utilizado em finais do ano; e na nona etapa de 1908, se retira não só a bateria do mercado, criando-se um parque em 1872, na linha costeira frente do ajuntamento, senão que se construí uma edificação para a estação do trem, na rua Ontário (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012).

Nas últimas décadas, os projetos de prospecção arqueológica registrados no centro de Kingston, sobretudo na área, atrás do ajuntamento; se fortaleceram, considerando as dinâmicas sobre o uso da zona, a partir do legado público, comercial e residencial que se

estendeu por anos no território. Mesmo assim, a cidade início projetos de escavação arqueológica muito antes em 1982, descobriu fortificações e muros originais do forte; continuando até 1987, quando os arqueólogos encontraram os ossos humanos de soldados franceses, membros da colônia, e homens e mulheres que viveram e morreram em Fort Frontenac (Figura 77).

Figura 77. Cartografia da evolução de Kingston durante as últimas fases do século XX.

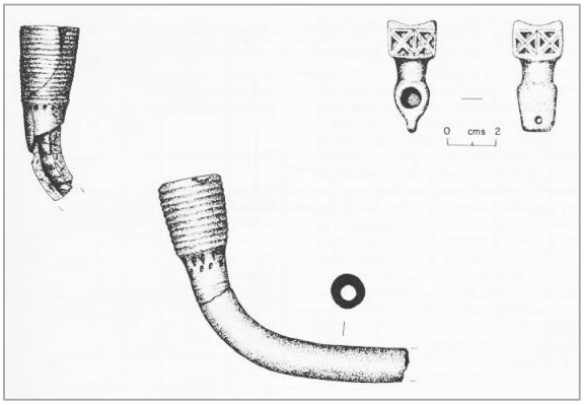


Fonte: Market Square Heritage Conservation District Review (2012, p. 21-24).

Recentemente, novas escavações têm descoberto artefatos próprios da ocupação francesa em Ontário como objetos comerciais, ossos de castores e peixes, pederneiras e

outros elementos da cultura indígena e assentamentos contemporâneos (Kingston Association of Museums, Art Gallery and Historic, 2024). Mesmo assim, os estudos realizados ainda são primários e continuam desenvolvendo-se sobretudo nas áreas patrimoniais. Um exemplo deste tipo de escavação, são os cachimbos de argila franceses, encontrados em Front Frontenac, utilizadas ao longo do século XVII; como também cachimbos de tigela com coleira, junto a uma fileira ou fileiras de pequenos pontos, os anéis concêntricos, em sítios Onondaga, Oneida, Mohawk, Seneca, Huron e Neutral (Figura 78).

Figura 78. Cachimbas iroquesas encontradas nas escavações de Front Frontenac.



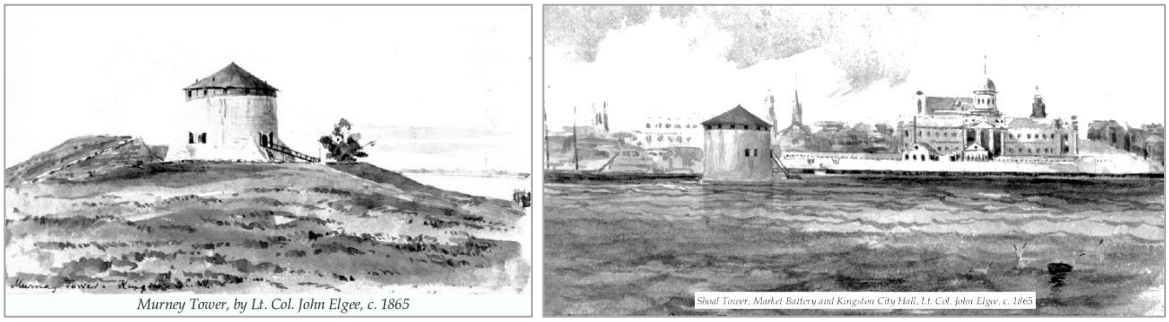
Fonte: Adam (1986, p. 17).

Durante a década de 1660, os Iroqueses das cinco nações estabeleceram uma série de aldeias ao longo da costa norte do Lago Ontário, permitindo-lhes monitorar e controlar o fluxo de peles desde a fonte do produto, até o mercado. A região Cataraqui, foi importante porque implantou o assentamento agrícola, incluindo depois da instalação de Front Frontenac em 1673, quando os fortes ofereceram seguridade aos iroqueses frente à hostilidade de seus vizinhos, ofertando seus bens comerciais e estabelecendo um mercado para seus produtos. Os artefatos de fabricação encontrados, são mostra assim, das primeiras relações de integração cultural que existiram entre os franceses e os nativos (Adam, 1986).

O papel histórico das fortificações militares e de defesa de Kingston, também foram aliciantes, para comemorar a vida política, econômica, intelectual, cultural e social que deixaram os fortes, como símbolo do poderio e a identidade canadense. Entre os elementos localizados no porte da cidade destacam-se: Fort Henry, Fort Frederick, e as torres Cathcart, Murney, e Shoal, cujo valor histórico reside mais na inter-relação dos elementos em seu valor individual (Figura 79) (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Durante a primeira metade do século XIX, o exército britânico, empregou as torres de Kingston, nomeadas como Martello, como meio eficaz de defesa costeira em todo o Império Britânico, convertendo-as em plataformas de armas elevadas e circulares, capazes de montar de um a três canhões, e albergar uma ampla dotação, que geralmente continham armazéns, paióis, quarteis abobadados a prova de bombas e parapeitos onde se disparavam os canhões. As torres da cidade, foram as construções mais sofisticadas do Norte América britânica, proporcionando um sistema defensivo de campos de fogo integrado pela importância geográfica, tanto comercial como militar (Kingston Fortification, 2006).

Figura 79. Representação da Torre Murney em Kingston.



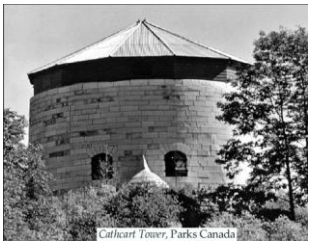
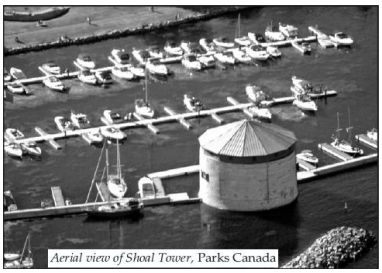
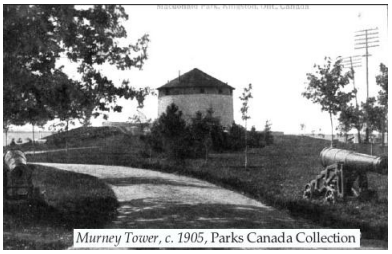
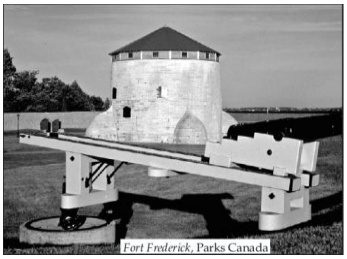
Fonte: Kingston Fortificaction (2006, p. 3-4).

Depois da guerra de 1812, os britânicos construíram uma série de edificações defensivas ao redor do porto, incluídas baterias e fortins em Point Henry, Point Frederick, e Murney Point, para proteger os depósitos e os estaleiros de vital importância pela Royal Navy e Provincial Marine, convertendo-se anos depois, num importante centro comercial, político, naval e militar da colônia do Alto Canadá. Mesmo assim, para resguardar o extremo sul do Canal Rideau, os britânicos construíram a Point Henry, proporcionando à cidade de um canal e estaleiros para reforçar o sistema defensivo. Também foram reconstruídos Fort Henry e Market Battery, junto com Shoal, as torres Murney e Cathcart, apesar de nunca foram empregadas na guerra, ficando obsoletas com a chegada da artilheira melhorada.

Em 1870 quando a guarnição britânica desapareceu, as fortificações ficaram servindo unicamente como depósito e treinamento militar para o exército canadense. O legado nacionalista das fortificações em pedra calcária construídas entre 1832 e 1840, representam o apogeu da tecnologia de *smooth bore* (Anima Lisa), referidas aos canhões de armas de fogo que não tem estrias, aumentando a precisão do projétil. Em 1989, as fortificações de Kingston

foram designadas sitio histórico nacional do Canadá, sendo consideradas estratégicas por encontrar-se o porto de Kingston na desembocadura do rio Cataraqui e a confluência do rio San Lorenzo e o lago Ontário (Tabela 5) (Kingston Fortification, 2006).

Tabela 5. Fortes militares em Kingston.

Nome	Descrição	Figura
Cathcart Tower	Está situada no extremo ocidental da Ilha Cedar, rodeada de um fosso pouco profundo e um glacis que se estende até a consta em três lados. Os canhões de Cathcart Tower, cobriam os acessos orientais ao porto de Kingston através do canal norte do Rio San Lorenzo, visível desde a Fort Henry (a torre não está aberta ao público).	 *Cathcart Tower*, Parks Canada
Shoal Tower	Construída sobre um banco de areia no porto a 100m da Costa, sua estrutura consta da torre mais o leito do porto de Kingston, estendendo-se 6m desde a base da torre, construído de 1846-1847. Teve um imponente campo de tiro no porto comercial, até a entrada do Canal Rideau, sendo destacada suas torres por sua localização junto ao Parque Confederação, o Porto Desportivo Confederação Basin e o Ajuntamento (a torre não está aberta ao público, exceto em casos especiais).	 *Aerial view of Shoal Tower*, Parks Canada
Murney Tower	Construída sobre um ponto triangular de terreno elevado conhecido como Murney Point, na Costa oeste do porto, consta de torre, trincheira e o glacis circundante. Propriedade de Parks Canadá, este bloco rodeia o lugar, delimitado pela contraescarpa e o parapeito A Torre Murney, destinada a cobrir os acessos ocidentais à cidade. Atualmente, está situada em MacDonald Park na rua King, e arrendada à Sociedade Histórica de Kingston para seu uso como museu em 1925. A Torre Murney foi comemorada sítio histórico nacional em 1930.	 *Murney Tower, c. 1905*, Parks Canada Collection
Fort Frederick	Uma das torres mais elaboradas, localizada em Point Frederick. O forte, está situado no extremo sul do ponto e consta de uma torre e uma fossa fechados dentro de um muro de cortina de alvenaria e movimento de terra. A torre se utiliza como Real Colégio Militar de Canadá. Seu campo de fogo cobria Navy Bay ao leste, o Canal norte do Rio San Lorenzo ao sul, e a estrada do Canal Rideau ao oeste.	 *Fort Frederick*, Parks Canada
Market Battery	Permaneceu neste sitio de 1848 a 1875 em médio da crise de Oregon. Com uma torre de apoio na frente (Shoal Tower), defendia o porto de Kingston e o Canal Rideau. Desde 1875 foi parque público. Em 1885 se construiu a estação da ferrovia de Kingston e Pembroke. Foi construída para reforçar o sistema defensivo da cidade	

Fonte: Kingston Fortification (2006, p. 3-4), realizada pela autora com os dados registrados.

Atualmente, cinco das seis fortificações militares principais estão protegidas dentro da Lei de Sítios y Monumentos Históricos; enquanto Market Battery destruída na década de 1870, segue sendo uma mostra do legado cultural nacionalista da região. A demolição do muro interior de Market Battery, converteu o espaço num parque (1870), e quando o muro exterior foi demolido (1885), o terreno foi arrendado ao Ferrocarril K&P.

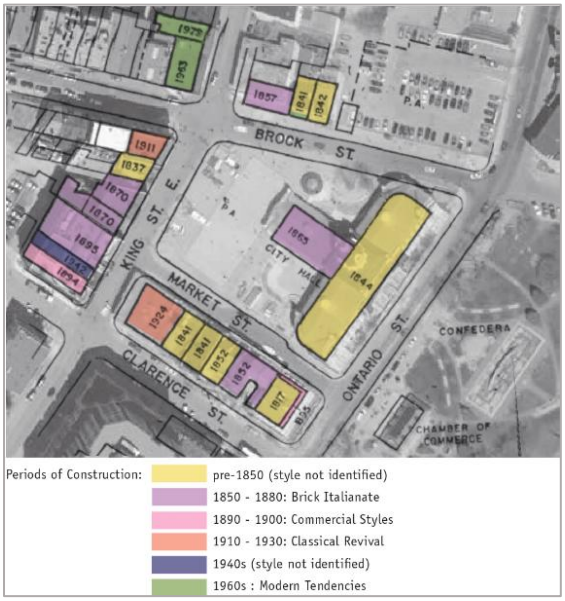
O Market Battery se converteu na praça Springer Market Square, sendo por mais de 200 anos, uma praça de mercado público ao ar livre entre as ruas King e Block de ser utilizada como cine nas noites de verão e pista de patinação no inverno. Antes da remodelação da praça em inícios do século XXI, os trabalhos de prospecção arqueológica entre 2002-2003, arrojaram o descobrimento de partes da superfície do mercado de princípios do século XIX, encontrando elementos como mercadorias de comerciantes, cimentos de pedra do ajuntamento na década de 1840, enormes escalões de pedra que conduziam ao nível inferior, bueiros de pedra calcária, a casa de pesagem do mercado e água, e os tubagens pelas fontes dos cavalos. As primeiras estruturas localizadas nos ao redores da praça, datam da ocupação francesa da zona no século XVIII, estendendo-se os movimentos de terra militares, associados com Front Frontenac, do leste ao oeste durante a Guerra dos Sete anos (1756-1763) (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Com o resgate histórico, se efetuaram também o inventario das edificações patrimoniais mais destacáveis, sendo ponto de referência, as construções ao redor do Ajuntamento e a praça Springer Market Square, que ainda conservam o estilo neoclássico (pedra calcária) do século XIX, o italiano (tijolo), o comercial de finais do século XIX, e o estilo do renascimento clássico de princípios do século XX. Entre os estilos de construção se destacam os anteriores a 1850 (estilo não identificado), 1850-1880 (tijolo italiano), 1890-1900 (estilos comerciais), 1910-1930 (renascimento clássico), e 1940 (estilo não identificado), e a partir de 1960 (tendências modernas); todos com algumas modificações para sua preservação.

O emprego de novos materiais e a influência de estilos modernos se integraram nos detalhes estruturais das portas, janelas, tetos, escadas, distribuição de espaços, e outros elementos relevantes (Figura 80) (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012; Market Square Heritage Conservation District Plan, 2013).

Os delineamentos patrimoniais de Kingston assinalam que os distritos patrimoniais dentro da proteção do legado histórico não pretendem converter-se em lugares estáticos. A necessidade de uma mudança especifica na estrutura, fez parte da evolução e a gerencia do imóvel. Existem normas federais nacionais, registradas para a conservação dos recursos culturais, entre elas, manter o padrão histórico dos usos comerciais do piso térreo e residencial dos andares superiores nos edifícios; promover atividades comunitárias como parte integral do valor cultural, e promover significados de identidade nacional na cidade.

Figura 80. Edificações patrimoniais no Distrito de Market Square.



Fonte: Market Square Heritage Conservation District Review (2012, p. 9).

Nas últimas cinco décadas, a maioria das construções tem começado a serem inventariadas no distrito, para conservar seu legado patrimonial, registrando-se assim, datas de construção e modificação simbólicas. A maioria de edificações tem sofrido alterações, produto do deterioramento dos materiais com as que foram construídas inicialmente; sendo substituídas para preservar seu desenho e ornamentação histórica (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012). A lei patrimonial proporciona as ferramentas para conservar, estruturar, alterar, modificar e reparar as construções históricas, baixo parâmetros regularizados ao interior das políticas públicas designadas para os distritos mais antigos de Kingston: Barriefield (1981, atualizado em 1992), Market Square (1985, atualizado em 2002), e Old Sydenham (2015); somando a integração, mais de 700 áreas protegidas.

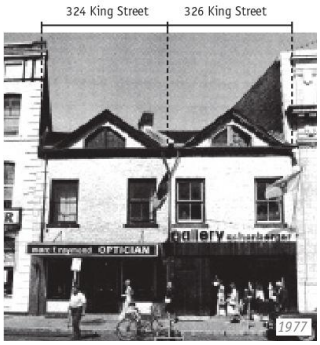
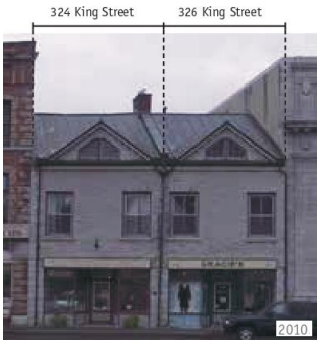
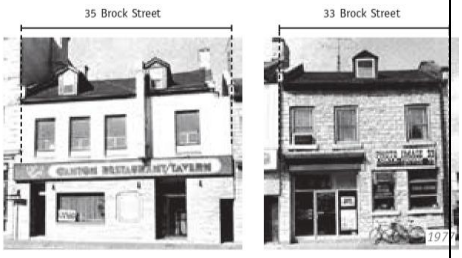
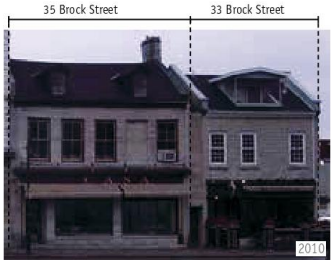
Em Kingston a prevenção e salvaguarda patrimonial, tem começado a colocar luminárias adequadas e foram restringidas de acordo com o estatuto 2009-140, carteis publicitários, letreiros portáteis, sinales na cima do teto, letreiros animados ou giratórios, rótulos e projetores (The Corporation of the City of Kingston; Market Square Heritage Conservation District Review, 2012). As fotografias de contraste, estabelecem as diferenças de estilo arquitetônico em comparação das datas de estudo, para reforçar a consolidação da preservação patrimonial e a transformação histórica (Ver Tabela 6).

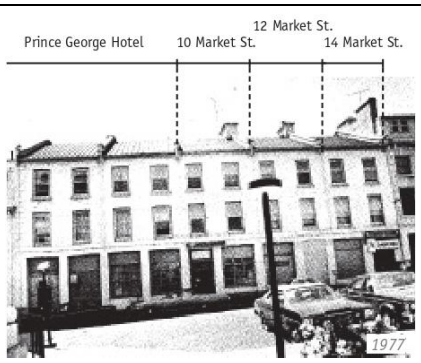
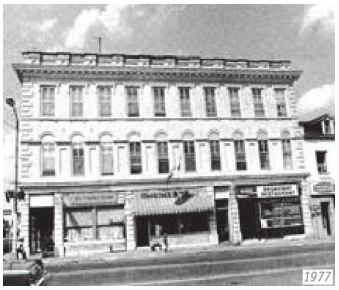
Todas as alterações nas construções dos distritos de proteção, requerem uma Licença de Patrimônio, sendo elegíveis assim, para receber subvenções. Quando uma das propriedades é intervinda estruturalmente, pode-se também beneficiar do Programa do Reembolso de Impostos sobre Propriedades Patrimoniais. Complementarmente, para aprofundar no tema, bem vale a pena, olhar os tipos de designações da Lei de Patrimônio de Ontário, que descreve a detalhe, o grupo de propriedades que são de valor e interesse na cidade; pesquisado sua relevância de acordo aos aportes culturais, vínculos ou características históricas; mesmo assim, retomaremos este enfoque mais adiante, nas alterações do patrimônio em meados do século XX e XXI (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Heritage Conservation District Plan, 2015).

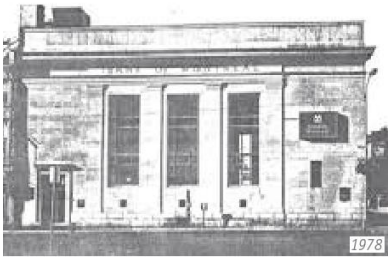
A terceiro distrito de conservação patrimonial, designado desde a década de 1960, recebe o nome de Old Sydenham, e é conhecido por sua esplêndida arquitetura no que mais de 550 edificações, formam parte de mais de 200 anos de história. As propriedades bordeiam as ruas de Johnson, Barrie, King Street East, e o Lago Ontário, convertendo-se em um dos únicos bairros do centro, que contém as concentrações mais altas de construções históricas e paisagens culturais de Kingston e Canadá (Figura 81) (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

O Distrito de Old Sydenham está contemplado como uma das melhores arquiteturas do século XIX, consolidando-se no legado tradicional por sua paisagem cultural e os recursos patrimoniais (edifícios e paisagens urbanos). Preserva uma visão histórica do desenvolvimento das áreas, uma estruturação nas políticas regulatórias vigentes, uma estratégia de planejamento urbana; uma avaliação para fomentar a potencialidade do distrito, uma participação do público, e estudos a detalhe dos limites do território.

Tabela 6. Tipos de edificações e contrastes fotográficos em Market Square.

Nome e características	Modificação	Edificação século XIX	Edificação atual
Hotel Prince George (1816), 200 Rua Ontário.	Parcialmente reconstruído e terceiro andar adicionado em 1895. Arquiteto desconhecido		
Edificação comercial (1837), 324 e 326 Rua King.	Modificações mínimas de carteis publicitários e outros detalhes.		
Edificação comercial (1840-1841), 33 e 35 da Rua Brock	Modificações na estrutura, construção e desenho do teto, janelas, portas, anúncios comerciais e outros detalhes.		
Quarteirão no centro (1840-1842), 16, 18, 20 Rua Market	Modificações no primeiro andar, anúncios comerciais de alguns detalhes e outros detalhes.		
Ajuntamento de Kingston (1842-1844), 216 Rua Ontário	Arquitetos George Browne (1841-1843), William Coverdale (1844-1866), e John Power (1909).		

Ruas do Mercado local (1852 – 1867), 12 e 14 Rua Market, e 10 Rua Market.	Arquitetos William Coverdale (1852), 12 e 14 Rua do mercado; e John Power (1867), 10 Rua, do mercado. Preservação do legado comercial e histórico das edificações.		
Calçada no Centro de Kingston (1856), 37-43 Rua Brock	Arquitetos William Coverdale (1856). Modificado do desenho no primeiro andar e outros detalhes nas janelas, publicidade e materiais.		
Ala do Mercado do ajuntamento de Kingston (1866), 216 Rua Ontário.	Arquitetos William Coverdale (1866). Modificações no desenho, utilização de materiais para sua conservação e outros detalhes.		
Edifícios maçônicos (1869-1870), 318-322 Rua King.	Modificações no primeiro andar, avisos publicitários, e outros detalhes relevantes. Arquiteto desconhecido.		
Banco de Ontário (1894), 300 Rua King.	Modificações nos andares da construção, e outros detalhes relevantes. Arquiteto J. Power e filho.		

Periódico da cidade, The Kingston Whig Standard (1894-1895 e 1942), 306-310 Rua King.	Arquitetos Joseph Power (1894), e Barnett e Rieder (1963). Modificações no desenho e ambientação do local.		
Banco CIBC (1911), 328 Rua King.	Arquiteto desconhecido. Modificações publicitarias, desenho e ambientação.		
Banco de Montreal (1923-19249), 297 Rua King.	Arquitetos Lawson & Little. Modificações na estrutura, desenho e outras características.		
Banco TD (1963), 330 Rua King.	Arquiteto A. Bruce Etherington. Modificações na ambientação e outras características.		

Fonte: Market Square Heritage Conservation District Review (2012, p. 10-16), realizada pela autora com os dados registrados.

O distrito se localiza no centro de Kingston e está delimitado pelo Lago Ontário. Apresenta casas históricas coloniais e espaços públicos abertos como City Park e Richardson Beach, que destacam o estilo vernáculo das construções; a altura das edificações, predominantemente de 2 a 3 andares; a presença de propriedades cívicas emblemáticas como e escola, o tribunal/oficina de registro, e a igreja, integradas dentro de uma zona residencial que domina o horizonte (Heritage Conservation District Plan, 2015).

Figura 81. Cartografia do Distrito Old Sydenham.



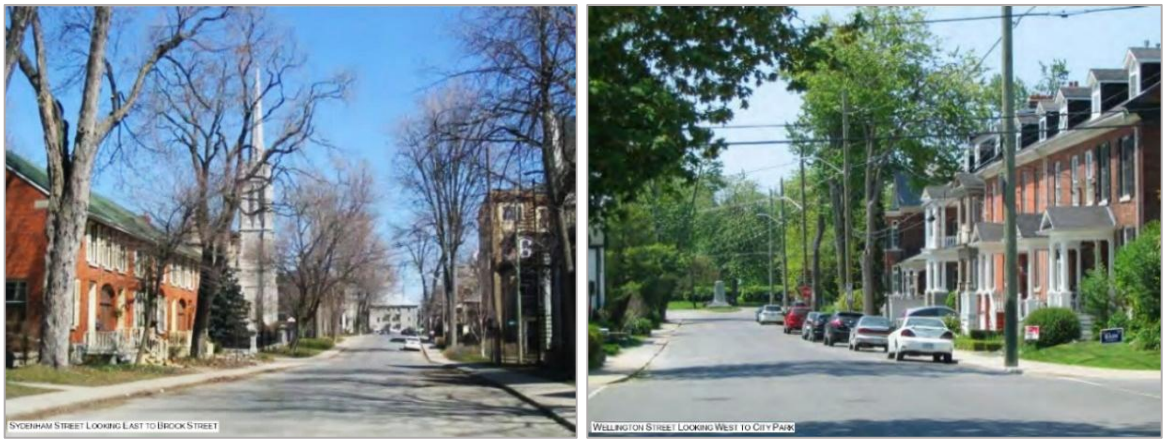
Fonte: Market Square Heritage Conservation District Review (2012, p. 9).

Nesta zona pode-se encontrar casas de canto e espaços com vista até o lago, parque e centro da cidade, a quadricula irregular das estradas; elementos paisagísticos históricos como plantas da época, muros, cercas e mobiliário urbano; evidencia física da existência de associações históricas nas primeiras etapas de Kingston; e a vantagem de encontrar-se perto das principais instituições, como o hospital, a universidade e o lago (Figura 82). (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Heritage Conservation District Plan, 2015).

No Distrito de Old Sydenham, pode-se encontrar desde épocas pré-históricas junto aos primeiros grupos indígenas e assentamentos locais. De acordo com a literatura se conhece que vários grupos nômadas visitaram esta área desde 10.000 A.C., procurando alimentos enquanto caçavam ou coletavam plantas comestíveis. Mesmo assim, ainda existem poucas evidencias dos assentamentos pré-históricos ou estudos relevantes que reforcem as narrativas iniciais no centro de Kingston, antes do 500 D.C., unicamente em 2002, estudos arqueológicos no Arbor Ridge, na região do vale de Little Cataraqui Creek, acharam um

assentamento que data de 1425 a 1450 D.C., perto da Penitenciária de Collin's Bay (Heritage Conservation District Plan, 2015).

Figura 82. Casas do Distrito Old Sydenham *em* Kingston.



Fonte: Heritage Conservation District Plan (2015, p. 1-70).

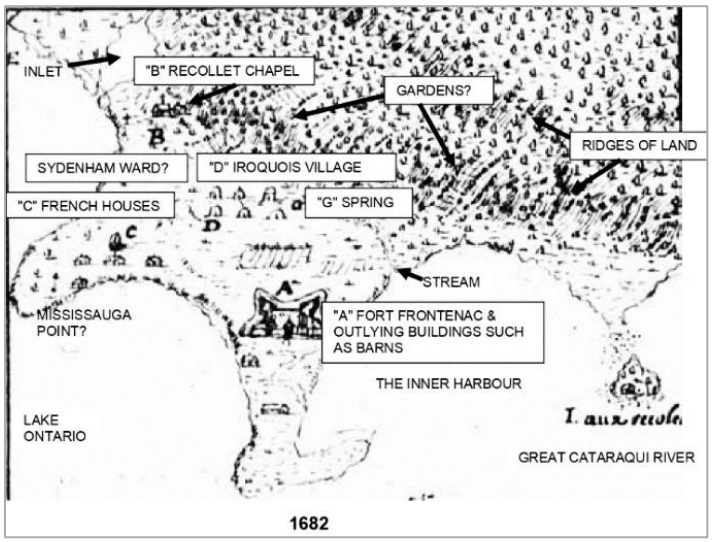
Em princípio do século XVII, depois do contato com franceses, os grupos indígenas fizeram alianças comerciais ao longo do rio Ontário. O dia 13 de julho de 1673, o Conde Frontenac acompanhado por alguns grupos Hurons (Wendat) e algonquinos, se juntaram com representantes da Liga das cinco nações, também conhecida como a Liga dos Iroqueses (Onondagas, Mohawks, Oneidas, Cayugas e Senecas), para propor a construção de um novo forte. Anos depois, se construiu o Forte Frontenac, sendo as áreas periféricas povoadas e cultivadas por habitantes que viveram nas primeiras construções da atual Sydenham Ward, onde se localizaram os assentamentos franceses, uma aldeia iroquesa, um convento e uma igreja recoleta. Durante o mesmo século, grupos de Mississauga, se instalaram à zona norte do Lago Ontário, ficando até que o governo britânico, comprou suas terras (Figura 83) (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Heritage Conservation District Plan, 2015).

Os comerciantes transitórios e os grupos de caça que buscavam alternativas de refúgio e sobrevivência, podem haver produzido um crescimento do bosque secundário, assentando-se na região como parte da iniciativa colonizadora. Mesmo assim, os indígenas canadenses, foram comercializando seus territórios e vendendo sua própria terra, em troca de artigos os elementos que negociavam com os europeus.

A compra de Crawford foi realizada porque o capitão William Crawford, convenceu aos Mississauga, a vender seus prédios ao governo britânico; acordo que o chefe Mynass

chegou, prometendo para ele e sua família, roupas durante toda sua vida. Nesta mesma época, o exército britânico começou a reconstruir a fortificação militar e realizar estudos sobre os planos das ruas da cidade. Assim em 1º de outubro de 1784, os lotes da cidade já mostram os quarteirões de Barrack até Block Street, e Ontário a King Street, a área mais perto do forte (Heritage Conservation District Plan, 2015).

Figura 83. Cartografia do Fort Frontenac e a área do Old Sydenham em 1682.



Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2009, p. 128).

Em junho de 1783, se autorizou ao oficial da Ilha Carleton, o Major Ross, que podia colocar sua casa e galpões, mudaram-se a um novo sitio; sem dúvida, em novembro escreveu que como já haviam casas construídas em Cataraqui (duas casas e um quartel), não valia a pena substitui-los, mudando unicamente duas construções: a Casa Macaulay na rua Ontário perto de Princes (em Macaulay Papers, Archives of Ontário, que descreve em outubro de 1836 um evento anterior), e outra referência inicial, que a Casa do Governo, mudou de Carleton ao que agora é o cruze das ruas Queen e King. Está arraigado na memória de Kingston, que muitas mais edificações foram alteradas em finais do século XVIII, incluindo Stuart Cottage, 59 Gore Street em King, considerando-se um dos edifícios mais antigos da área, construído muitos depois, a princípios do século (Figura 84) (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Heritage Conservation District Plan, 2015).

Quando os leais foram deslocados das terras de New York a consequência da Guerra Revolucionária Estadunidense, e de Quebec e a Ilha Carleton, onde haviam procurado

refúgio; construíram lotes e fazendas em Kingston em seus arredores. Desta forma, a expansão na área se deu ao lado do Forte e a Casa de Governo em Queen e King, formando-se as ruas de Brock, Clarence, e Ontário, distribuídos de 66×132 pies, 10 lotes por quarteirão, conformando o núcleo do que se converteria em Sydenham Ward. Este distrito se estendia desde West Street, Bagot Street até o passeio marítimo, com edificações concentradas ao longo das ruas King e Ontário, e ao outro lado de Bagot, se encontrava a grande superfície da senhora Anne Earl¸ conteúda no lado leste de West Street; o ponto de terra ao pé de Earl Street e Gore Street, que conhece como Mississauga Point, descrito como 'acampamento índio' em 1801 (Heritage Conservation District Plan, 2015).

Figura 84. Edificação transferida da Ilha Carleton a Kingston.



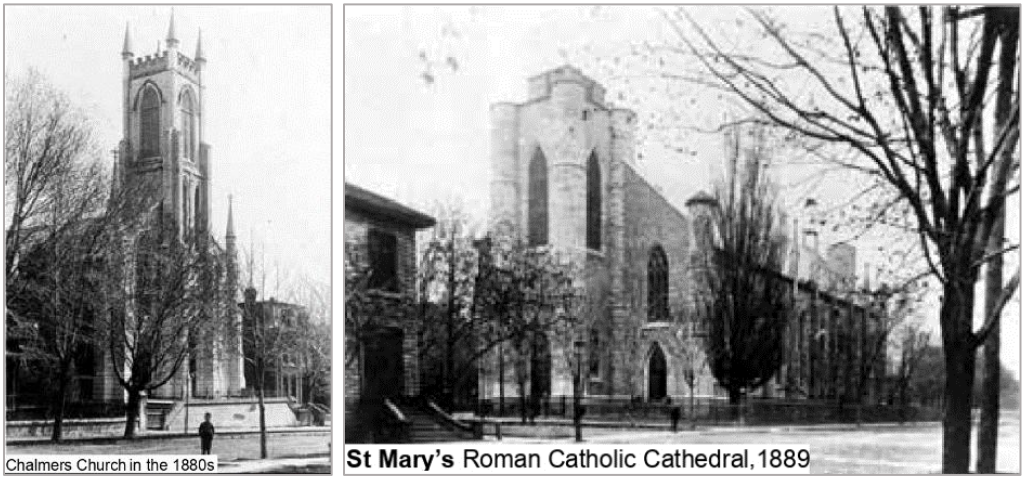
Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2009, p. 131).

Entre os personagens e lugares representativos assentados na zona, se destacam a família do reverendo John Stuart em 1785, com 200 acres e meia milha da guarnição estabelecida em maio de 1786, a primeira escola de Kingston construída pelo governo; e o primeiro edifício de estrutura de 32×40 pies, ampliado em 1802, construído por Archibald Thompson em King entre as ruas Clarence e Block. No distrito, se localizou também uma das primeiras igrejas nomeada como a Igreja de San George, onde o vice-governador John Graves Simcoe, celebrou a primeira reunião do conselho executivo do Alto Canadá, em 2 de julho de 1792. Lamentavelmente a igreja foi removida apesar de aparecer na cartografia de

1827; inaugurando-se tempo despois outra, no terreno ocupado pela antiga, para obter ingressos através de arrendamentos (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Complementarmente, se registram evidencias fora do distrito em 1886, que a igreja se transladou a Lower Union na rua Wellington, utilizando-se depois como a escola de Lancaster, e posteriormente vendida a Adam Main, um ebanista e fabricante de ataúdes (Nascido em 1801 de Escócia, e falecido o 1 de maio de 1886), utilizando a propriedade possivelmente como oficina-talher, enquanto vivia numa pequena cabana adjunta; hoje localizada na esquina das ruas Union e Wellington. Extensivamente em 1848, o arquiteto Coverdale construí uma nova escola para Queen's College na rua William, e a Catedral Católica Romana de Santa Maria, na rua Johnson de estilo gótico (Figura 85) (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Heritage Conservation District Plan, 2015).

Figura 85. Igrejas que foram transformadas durante o século XIX.



Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2009, p. 158-159).

Entre outras edificações, destaca-se a construção da Igreja Católica e Romana de San José, a direção do bispo McDonell (1762-1840) erguida em pedra e utilizada como hospital pela milícia em 1812 (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Heritage Conservation District Plan, 2015).

A Guerra de 1812, suscitou a expansão urbana e a construção de novas edificações de defesa, que aumentam a população em Sydenham Ward. A casa 232, da rua King, foi considerada pelos residentes como uma das mais antigas de Kingston, construída a princípios do século XIX, sobrevindo sem maiores modificações e restaurações ao longo dos anos. De

igual forma, construções em pedra como o presbitério (Casa paroquial ou Casa do bispo) de Alexander McDonell, nas ruas Bargot e Johnson perto a Joseph´s, posteriormente convertido no Convento de Notre Dame, hoje Biblioteca pública, foram abrindo-se caminho na consolidação urbana.

De forma similar a Union Church, um edifício de dois andares com capacidade para 600 pessoas, construído nas ruas Wellington e Johnson, onde agora se encontra o Templo Maçônico, sobrevive a suas modificações desde 1822, e o posicionamento em 1875; consolidando-se também, a segunda igreja de San Jorge, Catedral desde 1862. A urbanização se estendeu até a conformação da Casa Gildersleeve, um grupo importante de casas neoclássicas em pedra edificadas em 18430, na esquina das ruas King East e Johnson, compartindo similitudes em seu desenho. A população para a época era de 3.587 habitantes (Heritage Conservation District Plan, 2015).

Em 1842, o nome de algumas ruas foram alteradas, entre elas, a Rua Front se converteu na Rua Ontário; as Ruas Grass e Quarry em Sydenham, agora Wellington; a Rua Rear, se nomeou transformou na Rua Bagot; a Rua Centre em Rua Arthur, agora Earl; a Rua Point em Rua Gore, e a Rua School em Rua Union, agora Lower Union.

Estas mudanças se deram ao mesmo tempo, entre 1847 e 1848, alguns emigrantes irlandeses chegaram às Costas de Kingston, fugindo da penúria da batata, só para depois morrer de febre tifoide, foram enterradas centenas, numa fossa comum, perto do Hospital General, estabelecendo-se a Igreja Presbiteriana Libre de Chalmers, construída pelo arquiteto William Coverdale, em pedra de estilo gótico, hoje, convertida em um conjunto de apartamentos Annandale. A empresa de Gas Light Company, fundada em 1847 se dedicou a subministrar energia aos alumbrados públicos e as edificações, incorporando a lei eletricidade do gás da cidade, uma política alternativa, que posteriormente ajudo no desenvolvimento de um modelo econômico muito eficaz para iluminar as ruas, praças, locais, casas, espaços públicos e privados em toda a cidade.

Nesta etapa, começou a integração das edificações mais antigas com as novas de princípios do século XX. Assim por um lado se tinham edificações como Rosemount, que fez parte das primeiras construções com campanário, elaboradas em pedra para a família Hardy, no canto de Sydenham e Earl; e por outro, desenhos de estilo neogótico como o

McIntosh Castle construído pelo arquiteto Jhon Power, recentemente de moda e localizado perto do palácio de justiça. A este tipo de tendência se somou a popularidade dominante do uso do tijolo com respeito à pedra, como material de construção (Figura 86).

Figura 86. Edificações no distrito de Sydenham em Kingston.



Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2009, p. 160-162).

Finalmente, se abriram as comunicações e conexões, estabelecendo-se para 1879 a linha telefônica ao povo de Portsmouth, e a ferroviária na rua Kingston, puxada em princípio por cavalos, sendo eletrificada após em 1893. Começaram a assentar-se as majestosas casas de estilo vitoriano no antigo Sydenham Ward, como a Hendry House, localizada nas ruas King e West e a Anglin House e na rua 52 Earl desenhada pela oficina de arquitetos Power & Son; e Upper House na 91 King, atribuída a William Newlands.

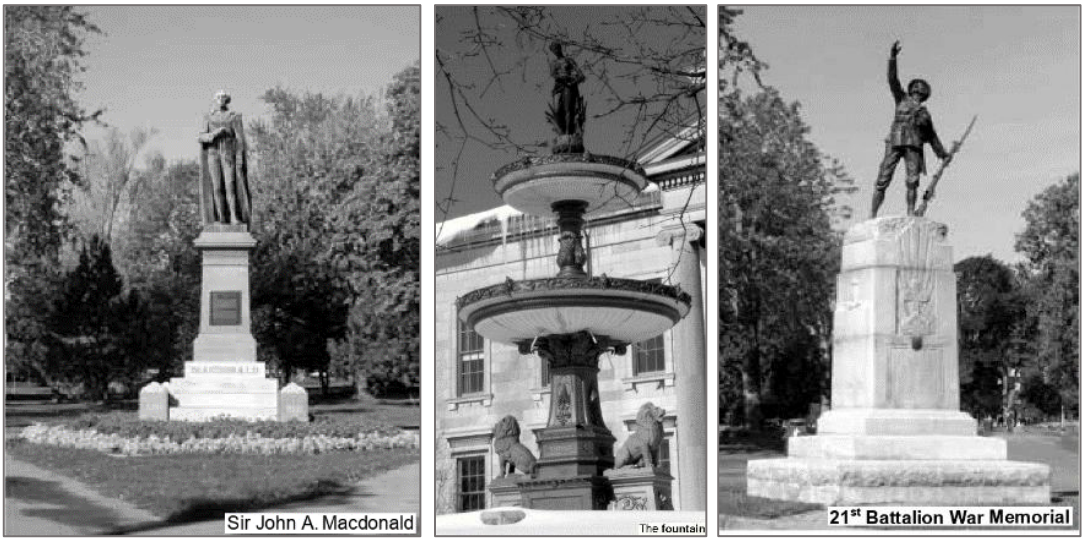
Em 1988, Macdonald Park, se converte num parque recreativo que se estendeu até a beira do lago, sendo arrendado o terreno federal pela cidade, a exceção da Torre Murney. Antes da morte de Macdonald em 1891, este coloca a Pedra Angular do Dique Seco de Kingston, hoje museu marino; em 1890 estabeleceu-se a Estação de Bombeou que atualmente representa um dos sítios turísticos da rua Ontário mais sobressalentes (The Corporation of the City of Kingston; Heritage Conservation District Plan, 2015).

O panorama da nova arquitetura se abriu o passo, com a chegada do arquiteto Athur Ellis (1983-1940) quem desenhou inumeráveis casas a princípios do século, como a 47 William em 1893 e 183 William em 1905. Desta forma, para 1893, se funda a Sociedade Histórica de Kingston que apertura o Museu propriedade federal na Torre de Murney; e em 1896, seus habitantes podem disfrutar do novo Kingston Ice Yachting Club, desenhado por

Power & Son, e modificado em 1906; consolidando-se para 1908, o Club Frontenac para cavalheiros, no antigo banco do edifício de pedra de Montreal nas ruas King e William (Heritage Conservation District Plan, 2015).

Adicionalmente, como monumentos representativos, destaca-se a fonte do Palácio de Justiça, instalada em honor a Sir George Kirkpatrick (1841-1899), vice-governador de Ontário; a estátua em bronze de um Leon em Macdonald Park, regalado à cidade por *R. J.* Gaskin, cujo padre John, pugnou em 1891, pelo arrendamento deste terreno ao governo federal, para a criação do parque municipal; o Royal Canadian Horse Artillery –RCHA War Memorial, construído em pedra com placas de bronze, localizado em City Park no canto da rua Barrie e King, em homenagem aos mortos de ambas guerras mundiais; a estátua do primeiro Ministro de Canadá, Sir John A. Macdonald, falecido em 1891; o Memorial da Guerra do 21 Batalhão, em City Park, a placa de bronze feita em pedra feita para comemorar os primeiros estudos topográficos, incluída a plantação do primeiro marcador topográfico de 1783; entre outras de igual valor e significado cultural para formar a identidade da cidade (Figura 87) (Heritage Conservation District Plan, 2015).

Figura 87. Alguns monumentos na cidade de Kingston.



Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2009, p. 179-188).

Como consolidação da nova arquitetura, pode-se apreciar o complexo de Apartamentos Annandale, construídos no Distrito de Sydenham, entre as ruas Earl e William que formavam parte da fazenda Carruthers Villa de 1846; modificados adicionando à antiga

construção, três andares, tijolo, arranha-céus e garages, mais na vanguarda de princípios do século XX (Figura 88) (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Heritage Conservation District Plan, 2015).

Figura 88. Apartamentos Annandale na rua de William e Sydenham.



Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2009, p. 187).

As oportunidades econômicas aumentaram a raiz da industrialização na área de Old Sydenham, com o desenvolvimento industrial de Dupont e Alcan, adquirindo experiência laboral em fábricas como Shipyards e Locomotive Works durante a guerra. Em meados do século XX, Kingston anexa mais de 5.500 acres, incluindo Portsmounth Village em 1952, ativando uma época de prosperidade e atividades de construção, no que se integram também os subúrbios, alcançando uma população de 62.000 habitantes (Heritage Conservation District Plan, 2015).

2.2.1.2. Primeiras transformações urbanas em Kingston em meados do século XX

O desenvolvimento suscitado em países desenvolvidos, entre 1920 e 1930, gerou uma etapa de industrialização, a partir da construção de vias férreas e rodoviárias que reformaram o crescimento produtivo em vários setores (Borsdorf, 2003). No Canadá, a construção do Estado, seguiu os mesmos parâmetros do *imperialismo contemporâneo*, provocando uma sociedade mais controlada, que terminou no enfrentamento aos colonos e grupos locais da região, na luta pela conquista dos territórios, para assentar seu projeto de progresso nacional.

O propósito de legitimar o Estado, e monopolizar o território, gerou uma colonização nacional, mental e emocional desde as escolas, residências, programas governamentais e imagens; que desencadearam em um forte racismo.

Nas palavras de George Orwell, todos terminam sendo iguais nesta conformação, mas alguns, mais iguais que outros: o que fiz pensar ao escritor Albert Memmi, que a *pirâmide dos pequenos tiranos* que se conformou ao Norte, incentivou uma cultura de opressão; onde os subjugados começaram a cooperar com seus opressores, em troca por oprimir aos outros, e assim criar um nível de privilégios para si mesmos (Barker, 2009).

A sensação de liberdade e segurança em países desenvolvidos como Canadá e Estados Unidos, alimentou a segregação e o racismo, em todas suas manifestações; levantando contradições em seu modelo de estrutura social, que começava a tornar-se, transgressores frente às demais expressões socioculturais. A distribuição daqueles viviam no centro das cidades tradicionais, e nas periferias, foi uma das principais distinções de classe que se deu no transcurso dos acômodos urbanos.

No entanto, depois de meados do século XX, os centros urbanos, tendem a perder população, e inclusive o poder econômico onde se assentavam as antigas classes dominantes; tudo a causa da lógica de urbanização globalizada, as *economias criativas* e uma *vida urbana compactada*, mais voltada a produzir novos núcleos decentralizados 'intermediários' e 'independentes', que imitaram padrões de centros urbanos, mais direcionados à expansão e as concentrações populacionais (Addie, Keil e Olds, 2015). Esta foi a dinâmica que seguiu Kingston, e outras cidades canadenses que aproveitam seu atrativo histórico em contrapartida com as novas atividades econômicas que se foram integraram à região.

A maioria das cidades ao Norte da América foram incorporando iniciativas de progresso urbano e econômico que desenvolveu uma forte dependência de indústrias no território. Este fato, desencadeou a criação das *cidades corporativas*, lugares fronteiriços isolados, que ampliaram os limites da cidade e procuraram estabilidade na extração de recursos como a madeira, os minerais ou a eletricidade. Este tipo de economia, fortaleceu o aumento de indústrias e empresas que interessadas em permanecer na região, terminaram construindo igrejas, parques e moradias para que seus trabalhadores pudessem ficar permanente (Morisset, 2017; Brown, 1994).

O paternalismo sobre a artificialidade dos assentamentos econômicos, foi tão significativo, que despertou nos Arvidians ou Flin Floners, povoadores, um sentido popular de identidade que enalteceu o trabalho industrial, apostando pela modernidade, sem maior consciência social. Este tipo de dinâmica se materializou no Canadá, em lugares como Arvida, onde casas, escolas, igrejas e serviços públicos foram financiadas pela empresa, para instaurar a maior planta de alumínio do mundo, Aluminum Company of Canadá. Similarmente se destacam também os assentamentos de Devon, Fort McMurray, Cannery Village, Clayburn, Fraser Mills, Ioco, Kemano, Port Edward, Flin Flon, Marysville, Corner Brook, Gander, Grand Falls, Iroquois Falls, Kapuskasing, Glace Bay, Baie-Comeau, Bourlamaque, Gagnon, Grand-Mère, Port-Alfred, Shawinigan, Témiscaming, Val-Jalbert, Uranium City, entre outros (Morisset, 2017).

Em Ontário, a pressão pela expansão urbana, resultou na conversão de terras, e um planejamento desordenado provocando redução nos ecossistemas, onde os *bosques urbanos* se propagaram, como iniciativa de resgate ecológico, sobretudo nas cidades pequenas. O caráter rural e paisagístico desta iniciativa, sobretudo em algumas partes antigas das cidades, contribui a incrementar o valor nos prédios, e albergar espécies nativas como um serviço ambiental; mesmo assim, os resultados foram bosques fragmentados, redução da diversidade silvestre, baixa quantidade da água e redução da saúde e bem-estar das pessoas (Wassenaer, Schaeffer e Schaeffer, 2000).

As novas iniciativas despertaram o uso de *integração urbana misto*, que procuravam reformar a seguridade e a eficiência dos espaços, desde os novos planejamentos urbanos, misturando os usos de terra com a sustentabilidade. Toronto e Vancouver foram a expressão da combinação urbana dos usos mistos, cujas residências, oficinas, locações de entretenimento e comércio, foram ativando antigos bairros industriais, incrementando assim, parques em zonas de moradia, a facilidade no acesso ao transporte público, e a ampliação do mercado imobiliário. No entanto, os distritos de uso misto, geram cada vez mais segregação, e sua acessibilidade segue reduzida (Grant, 2002).

A dinâmica econômica no planejamento de cidades, pode expressar-se assim:

> As cidades são artefatos dinâmicos, modelados pela intervenção humana. À medida que nossos valores culturais e comportamentos sociais se transformam, alteramos a cidades que habitamos. A combinação de usos, reflete muitos fatores, como crenças culturais,

> meios de produção, tecnologia de transporte, tecnologia de casa e nível de riqueza. A cidade pós-industrial diferira em seu mostra da cidade industrial, do mesmo modo que a industrial contrasta com a medieval (Grant, 2002, p. 81).[41]

Tais dinâmicas, geraram em meados do século XX uma extensa suburbanização residencial, que começou a captar a maior parte da população nas cidades, constituindo a chamada *teoria da aglomeração urbana*. Alguns analistas assinalaram que o papel que atribuíram às indústrias, suscitou melhor, uma descentralização urbana, localizando à indústria manufatureira por um lado; e por outro, os espaços de terreno residencial, estendidos até os subúrbios (Walker e Lewis, 2001; Grant, 2002). Ao final da década de 1980, uma nova geração reclamou o surgimento das Exopolis, Postsuburbia, ou Edge City; centros de emprego no espaço metropolitano, que surgiram a partir do crescimento, a especulação imobiliária e a dispersão da indústria; rompendo o que Allen Scott assinalou como produção centralizada, característica das grandes metrópoles do século XX. Desta forma, a maioria de subúrbios que se foram construindo tiveram por objetivo organizar-se ao redor das indústrias e empresas, apesar que a *zonificação urbana*, uma invenção para proteger as áreas residenciais, da indústria invasora (Walker e Lewis, 2001).

O desenho do urbanismo canadense, vinculado a preservação da economia e do comércio, converteu a maioria das ruas e edificações das cidades, em centros comerciais de pedestres; esta foi uma reação direta, da síndrome dos *shoppings;* os automovíeis, que inundaram desde os anos 1960, promovem uma nova reconfiguração do espaço moderno. De costa a costa, os inumeráveis centros comerciais se estenderam, gravitando nas zonas mais antigas das cidades, onde a concentração de edifícios patrimoniais era mais sugestiva (Brown, 1994; Fulton, 1983).

Centros comerciais como Stepen Avenue Mall no Calgary, e Sparks Street Mall em Ottawa, se estenderam ao longo das ruas e parques, reconfigurando-se este modelo, em outras cidades como Vancouver. A mistura de pedestres, taxis e pontos de ônibus para acessar o centro, terminou por incluir as calçadas em tuneis de metal e vidro, convertendo os espaços em refúgio. O progresso e a preservação histórica da região, se mesclam com a identidade, autossuficiência e autopreservação comercial e cultural, sobretudo nas pequenas cidades cujo

[41] Minha tradução. Texto original: "Cities are dynamic artifacts, shaped by human intervention. As our cultural values and social behaviors change, we alter the cities we inhabit. The mix of uses reflects many factors such as cultural beliefs, means of production, transportation technology, shelter technology, and level of affluence. The postindustrial city will differ in mix from the industrial city, just as the industrial contrasted with the medieval." (Grant, 2002, p. 18).

legado tradicional foi considerado como negócio. A conservação e reutilização de edifícios históricos, demostrou ser rentável na década de 1980, convertendo-se esta estratégia num êxito, especialmente, nas pequenas cidades (Fulton, 1983).

Em finais do século XX, os estilos arquitetônicos modernos, permearam o legado tradicional de distritos patrimoniais como Barriefield Village, Market Square, e Old Sydenham em Kingston. Os novos materiais, agora utilizados para alterar e preservar a essência histórica, introduzindo dinâmicas comerciais, recreativas, turísticas e de entretenimento que consolidaram a dualidade do espaço urbano. A partir de então, *Kingston* começou a transitar por dois caminhos: por um lado, entre a representação inevitavelmente da preservação do legado histórico, legitimo pelos caracteres de identidade; e por outro, as inevitáveis transformações dos novos estilos modernos e seus dinâmicas comerciais. As mudanças foram consideradas pela Lei de Patrimônio de Ontário e a preservação dos Distritos Patrimoniais de Kingston (The Corporation of the City of Kingston, 2006).

O Distrito de Barriefield tem sofrido pressão no desenvolvimento econômico, começando pela Autopista 15, inaugurada em 1979, dando uma alternativa ao problema do tráfego pesado que passava pela rua Main. Se designou a área, como distrito de conservação patrimonial, apesar que na década de 1980, se acelerou a pressão pelo desenvolvimento e a construção de novas casas para toda classe de serviço, e assim, expandir a raiz das modificações e propriedades patrimoniais, um legado comercial lucrativo (The Corporation of the Kingston, 2006; The Barriefield Heritage Conservation District Plan Review, 1992).

Entre 1989 e 1990, um estudo sobre as características naturais e históricas de Barriefield, mostrou uma domesticação da terra que culminou com a transformação da paisagem, materializado na derrubada de bosques, a criação de fazendas delimitadas, estradas e caminhos, um sistema extenso de ruas e a construção de escola, biblioteca, moradas, moinhos e igrejas, que se foram incorporando-se com o passar das décadas (Figura 89) (The Barriefield Heritage Conservation District Plan Review, 1992).

As mudanças do distrito de Barriefield segue seu curso, iniciando-se o que foi designado distrito de conservação em 1980, aprovando pelo Regulamento de zonificação 32-74, em 1974 no município de Pittsburgh. A maioria das áreas se encontram divididas em sessões para fins residenciais, mas com regulações especificas, sobretudo em sítios como o

Museu das escolas do condado de Frontenac, a Igreja de San Marcos, a antiga Escola Pública J.E. Horton, e outros terrenos como o edifício comercial da rua James e um pequeno lote na parte norte de Village, divido com fins comerciais. Na Costa, se encontram zonas de planície aluvial, e o acesso desde a rua Regent até Green Bay Road, separadas em sessões de espaço aberto (The Corporation of the Kingston, 2006).

Figura 89. Delimitação do Distrito de Barriefield em Kingston.



Fonte: Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update (2016, p. 5).

Registra-se também algumas construções novas, edificadas no período da pós-guerra, incluída a Escola Pública de J.E. Horton, e algumas casas ao longo da rua Main e Green Bay Road. O parque de edifícios do século XIX e alguns construções do século XX, contribuem a fortalecer o caráter do distrito, sobressaindo as edificações patrimoniais residenciais de um andar e meio, construídas em pedra e madeira, onde pode-se apreciar, a influência dos estilos arquitetônicos gregoriano, o renascimento clássico e gótico, e o vernáculo de Ontário, com alterações, integrando-se as construções tradicionais, trabalhos modernos emergentes, sobretudo, nas últimas décadas (Figura 90) (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2014).

A iniciativa de conservar o Distrito de Barriefield como unidade residencial, tem garantido que se mantenha moradias com pouca altura e baixa densidade demográfica, cumprindo-se o objetivo de salvaguardar a paisagem urbana. A conservação e a restauração das construções antigas, também continua prioritária, pois à margem das novas edificações

do distrito, preserva-se a o rio, as árvores e plantações locais, áreas de conservação ecossistêmica. Em finais do século XX, Barriefield caracterizou-se por ter ruas bordeadas de postes de madeira, com modernos faróis com cabeça de cobra, e uma grande quantidade de cabos aéreos (Heritage Districts Work, 2009).

Figura 90. Construções de baixa densidade e novas edificações em Barriefield.



Fonte: Heritage Districts Work (2009, p. 7).

Em 1977 o Distrito de Barriefield sofreu uma forte pressão modernizadora, incorporando novas residências que modificaram o estilo da essência patrimonial arquitetônica, apesar de manter no desenho a grande escala dos elementos decorativos, materiais e a localização das construções. Nesta onda, se abriram as calçadas de concreto com boulevardes de grama; o que desencadeou que na rua Main, se elevara e ampliara, provocando a perda de muitas das fachadas das casas antigas. A diluição do espaço público e privado entre calçadas e residências têm proposto outro tipo de organização. De fato, as ruas secundárias, irrompem os espaços privados frente às casas, sem problemas (The Corporation of the Kingston, 2006).

Nas ruas a sinalização forma um padrão ordenado que contrasta com a linha de hidrantes e que se pode encontrar, algumas árvores e arbustos típicos da paisagem de Barriefield, entre eles, *sugar maples*, *locust*, *chestnut*, *norway spruce*, *black willow*, *slippery elm*, *su*mac, *lilac* e *red cedar*, todas espécies nativas, cultivadas no Canadá desde a década de 1880. Pode-se também encontrar na paisagem espécies como o *blue spruce*, *manitoba maple*, *junipers*, e *weeping standards*, que reúnem variações de igual importância ecológica pela aérea de proteção (The Barriefield Heritage Conservation District Plan Review, 1992).

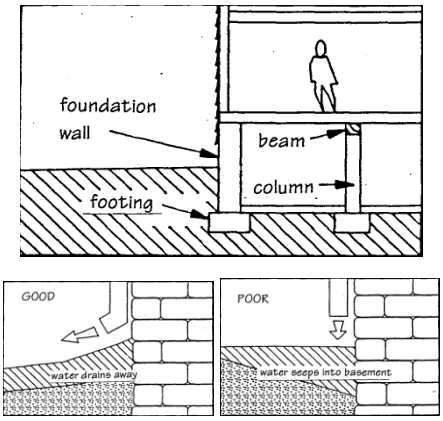
Para preservar algumas estruturas históricas no distrito de Barriefield construíram-se de cimentos sólidos e estancos, prevenindo problemas arquitetônicos sem produzir maiores danos. No caso das construções antigas, se analisaram também variáveis de troca como os níveis da água subterrânea, o encobrimento excessivo das nascentes, os movimentos de terra, a plantação de novas árvores próximas das estruturas e condutos desconexos, a umidade e danos nos sótãos e sessões com falta de ventilação e o crescimento de fungos e térmitas, que poderia provocar instabilidade nas construções. As novas ampliações e construção de propriedades adjacentes foram projetadas para prevenir futuros problemas (The Corporation of the Kingston, 2006).

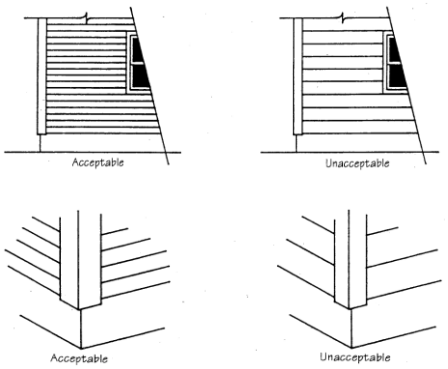
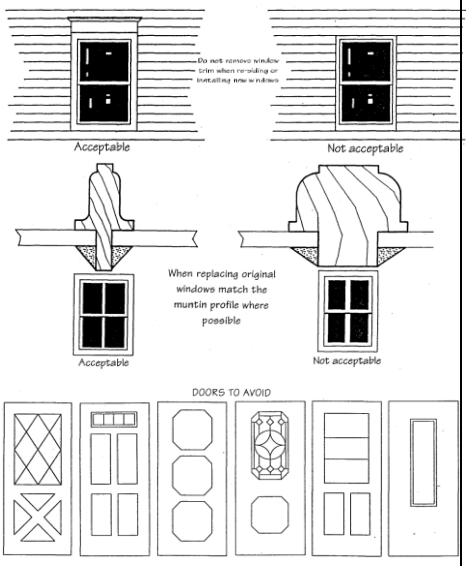
As pautas de restauração nos distritos patrimoniais seguem delineamentos autorizados para sua preservação, utilizando ferramentas e assessoramento de profissionais qualificados que permitem fazer modificações nas paredes de tijolo, pedra os cimentos, que estão expostos a condições ambientais extremas e que requerem de alvenaria (Ver Tabela 7).

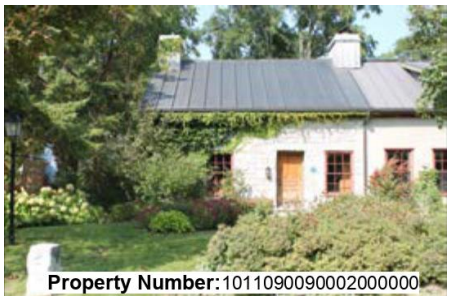
As mudanças nos detalhes da arquitetura utilizadas no revestimento das paredes exteriores (alvenaria de tijolo, pedra, reboco, revestimento de madeira, sintético e cobertura) requerem avaliação dos detalhes decorativos de acabamento. A precaução de não alterar os sítios históricos, também devem ser considerados, devido aos recentes estudos arqueológicos. Este fato é importante porque a zona perto ao rio Cataraqui, tem construções históricas documentadas com forte potencial cultural (The Barriefield Heritage Conservation District Plan, 1992).

Os proprietários das casas mais antigas também encontram problemas relacionados com a eletricidade, sugerindo a troca de cabos de energia ou a instalação de novas linhas elétricas com construções de apoio. O Ministério de Cultura e Comunicações de Ontário, tem pautas de conservação de energia para as unidades patrimoniais, de acordo às eficiências energéticas e à comodidade da moradia (vedação do ar, calafetagem, isolamento do sótão, e operações adequadas das plantas de aquecimento). Como estratégias para conservar o calor nos imóveis se alteram as janelas, reparando as molduras, os acabamentos, a pintura e a madeira (não se recomenda substituir-se por janelas de metal). Nas edificações religiosas e estruturas institucionais, a manutenção é periódica (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2016).

Tabela 7. Delineamentos de reparação e conservação no Distrito de Barriefield.

Nome	Reparação e conservação	Esquematização
Estrutura das edificações	As construções tem vários tamanhos, formas e desenhos, sendo a madeira o material mais utilizado, por ser econômico e de fácil acesso em Ontário. O método de construção de estruturas de marco, varia dependendo a técnica. As primeiras estruturas foram de toras de madeira pesada, plataforma de madeira, e estruturas de madeira serrada e máquinas. Depende do método da construção, se realizam as ampliações e modificações. Se inspecionam problemas de ventilação, estabilidade estrutural, fissuras, desvios, ataques de insetos ou fungos, cavidades nas vigas, conexões de madeira solida, deterioramento, umidade.	
Revestimento de parede externa	A maioria de edifícios históricos foram construídos em pedra ou com revestimento de madeira sobre uma estrutura de armação; mesmo assim, existem várias estruturas de alvenaria em tijolo. As paredes se examinam para saber se existem gretas, desprendimentos de tijolo, manchas, goteiras, erosões, deterioramento local, inclinações, curvaturas, bolhas, telas de construção caídas e florescências.	
Alvenaria de tijolo e pedra	É fundamental examinar a textura, o tipo e a composição do morteiro, que une as paredes originais. A eleição do tijolo de substituição, deve seguir critérios similares enquanto ao tipo, tamanho de unidade, color, textura e composição. As restaurações relevantes devem seguir especificações do Ministério de Cultura e Comunicações de Ontário. Se deve cuidar as áreas de reparação, os produtos químicos cáusticos na limpeza e a reutilização de material de sobra como o tijolo e pedra que podem servir em outras reparações.	
Pintura exterior	A pintura é a forma mais comum de trabalho de manutenção e decoração realizados pelos proprietários. A renovação de superfícies exteriores pintadas de oito a quinze anos, é geralmente aceita, dependendo as condições ambientais. A renovação da pintura solo deve considerar-se após de uma inspeção na superfície, desgaste mecânico, bolha, perda de brilho, rachaduras, direcionamento, sujeira, calcário ou mofo.	

Revestimento Sintético	O caráter histórico exterior de um edifício patrimonial se estabelece pelo detalhe decorativo, a cor, e a superfície do material da parede. O revestimento sintético expressa a textura visual do edifício e destrói a escala arquitetônica de uma casa, ao alterar o tamanho e o revestimento de madeira original. Os revestimentos de madeira e as unidades de tijolo, amiúde se prejudicam ao cravar os revestimentos sintéticos, diretamente na estrutura original do edifício. Este tipo de revestimento tende a ser propenso a ficar amassado, mas não requere mantimento e seu valor não é muito significativo. Não se recomenda usar em estruturas patrimoniais, onde ainda não existe.	
Revestimento de madeira	Os revestimentos de tablilha ou de madeira horizontal e vertical, é comum no distrito. As pequenas reparações cosméticas ou 'holandesas', devem realizar-se em madeira ou em combinação de madeira e cola, onde o novo revestimento deve coincidir com o original em forma, estilo, dimensão, perfil e método de instalação. Se deve fomentar o uso de placas e ripas reais, e não de ripas de madeira aplicados sobre uma madeira contraplacado com a base. O contraplacado parece similar à distância, mas não é um material de substituição original.	
Janelas e Portas	Se recomenda adequadamente conservar e reparar os caixilhos das janelas, caixilhos, vidros e paneis das portas originais. As áreas muito deterioradas numa janela a porta, devem ser reparadas usando materiais de enchimento compatíveis com os detalhes de marcenaria apropriados. Durante os reparos, recomenda-se manter os vidros existente sempre que seja possível, economizando ferragens de portas e janelas. Uma janela a porta de substituição deve corresponder ao estilo original. Ao restaurar um edifício à aparência original, o novo caixilho deve manter o perfil de travessas e as dimensões propostas. Janelas e portas de proteção contra tempestades, também fazem parte do patrimônio, sempre que seja possível. As substituições de janelas de madeira com vidros duplos não são recomendadas para uso em fachadas principais de edificação histórica.	

Estuco ou gesso bruto	Tem sido um revestimento exterior muito utilizado na arquitetura de Ontário. É um tipo de reboco exterior ou calcário e de cimento, que se coloca sobre os listões. Em ocasiões se encontra aplicado diretamente sobre superfícies de alvenaria, resistente à chuva. A reparação pode fazer-se sobre a superfície. Os defeitos comuns do estuco, incluem protuberâncias, gretas e deterioramento na linha do chão e o teto. A penetração de umidade e o assentamento estrutural, são as causas fundamentais do fracasso do estuco.	
Cobertura	Respeitar a configuração inicial da cobertura, os materiais e os detalhes arquitetônicos como as águas-furtadas, cúpulas, aberturas de ventilação e cristas, onde para sua reparação se devem examinar as telhas quebradas, soltas, faltantes; fixadores ou costuras corroídas, quebrados ou preguiçosos; o estado da cresta, plano do teto nivelado, lâmina, alcatrão e lava. Verificar que as calhas de água de chuva se encontrem limpas para evitar represas de gelo. Avaliar as falhas por corrosão. Ao substituir o teto de telhas asfálticas, utilizar cores básicos como o vermelho, verde ou negro. Para os telhados metálicos compostos Destanho, *terneplate*, aço galvanizado ou pintado, devem considerar-se as mesmas orientações.	
Detalhe decorativo de madeira	Detalhes como varandas, águas-furtadas, arabescos, fusos, colunas, e postes torneados, suportes, beirais, remates e pendentes do século XIX e XX. Considerar os sinais de podridão, infestação de insetos, fungos, danos mecânicos, e fadiga estrutural, como problemas comuns da mercenária externa. Certificar que as fixações estão seguras e sem ferrugem, limpando os acabados e a madeira sem danar a estrutura. A reconstrução de elementos com base nas fotografias históricas, deve ser desenhada primeiro.	

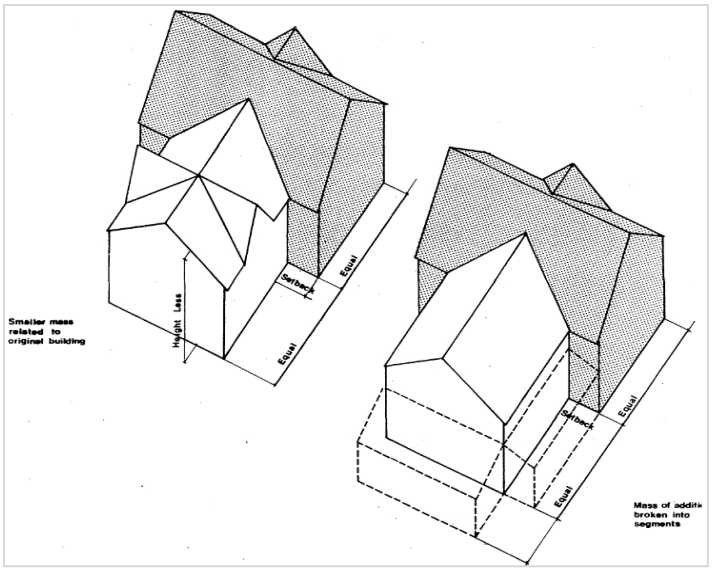
Fonte: The Barriefield Heritage Conservation District Plan (1992, p. 17-32) e Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update (2016, p. 3-53), realizada pela autora com dados registrados.

Depois do século XIX, as transformações físicas do Distrito de Barriefield ocorrem de três formas: 1) modificações e adições a edifícios existentes; 2) preenchimento entre edifícios existentes; e 3) variedade na construção de obras públicas, como a construção de ruas e estradas; que não tem sido guiadas de forma consciente por um conjunto de pautas de

desenho, apesar de ser as construções em seu maioria, de um até um e meio andar, três seções de extensão, empena lateral, e teto de pendente baixa e meia (The Corporation of the Kingston, 2006).

Muitas edificações e construções de Barriefield contribuem com um papel mais modernizador para a região. Aos novos proprietários se aconselha não projetar motivos de desenho históricos e materiais como *Snap-in*, marcos decorativos ou janelas; bem como não colocar novas aberturas de ventilação no teto, paneis solares, e águas-furtadas longe da vista do público; localizar as vagas de estacionamento em áreas discretas, garantindo os gramados e plantações; os alargamentos são recomendáveis na parte traseira; e finalmente, intentar que os materiais que possam corresponder aos existentes. A estas mudanças estéticas dentro da arquitetura, se somam as novas ampliações estruturais que tem trazido profundas influências na estética regional. No entanto, as alterações devem seguir parâmetros estéticos das construções tradicionais; mas sem imitá-las ou fazer reconfigurações ao desenho inicial (Figura 91) (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2016).

Figura 91. Adições traseiras a uma casa em Barriefield.



Fonte: Village Of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update (2016, p. 66).

Para as construções históricas deve-se preservar as características decorativas e os materiais dos telhados; se as chaminés que não funcionam, deverão ser mantidas e conservadas; as aberturas (ventilação, claraboias, águas-furtadas) se colocarão em lugares discretos; realizar a limpeza das paredes danifica-las com jato de areia, soluções químicas

liquidas fortes, e água de alta pressão; preservar vidros, portas, degraus, luminárias históricas balaustradas; e se recomenda ampliar a casa, para evitar novas moradas no setor (The Corporation of the Kingston, 2006).

As calçadas existentes na cidade, com exceção das novas ao longo da rua Main, tem aproximadamente três pés largos, estando a nível da rua e bordeando o *boulevard* de uma areia grossa ou grama, onde as calçadas substitutas, devem duplicar este padrão, com modificações menores. Na borda do rio, as árvores, gramíneas, e arbustos das zonas húmidas, devem estar protegidos, ao igual, que os espaços abertos que rodeiam o distrito, salvaguardando a vista e a inclinação gradual desde o Sudeste a área norte da igreja na cidade (The Barriefield Conservation District Plan, 2009).

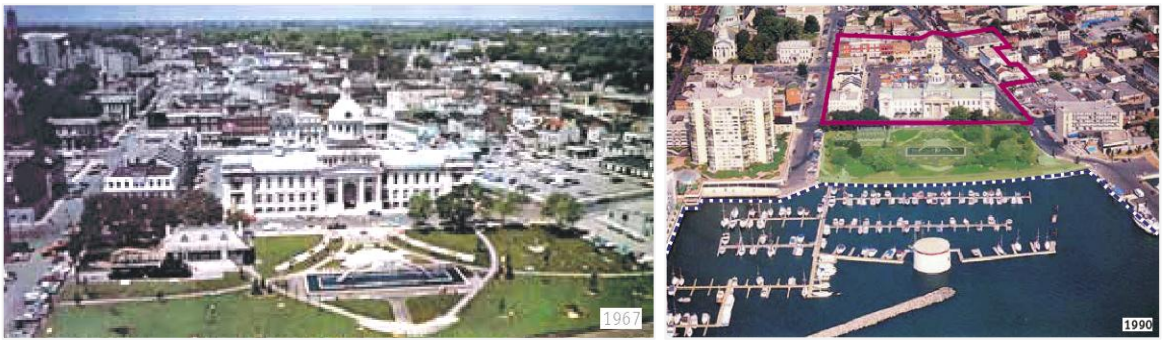
Todos os projetos de preservação, restauração e pautas de conservação contidos na Lei de Patrimônio de Ontário, que entrou em vigor em 1975; mantem revisões periódicas com algumas alterações, em 2005, permitindo aos municípios, designar uma área definida como distrito de conservação do patrimônio:

> Quando estiver em vigor num município, um plano oficial que contenha disposições relativas à criação de distritos de conservação do patrimônio; o conselho do município pode, por lei, designar o município, ou qualquer área definida ou áreas definidas, como distrito de conservação do patrimônio (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2016, p. 5).[42]

Por outro lado, em 1985, Kingston aprovou o estatuto que designou o segundo distrito de conservação patrimonial, Market Square, localizado no centro histórico da cidade, junto com a praça. O distrito integra ao grande parque público, Confederation Park, e mais lá, à Flora MacDonald Confederation; onde também pode-se apreciar o First Capital Place, uma área de reunião pública que alberga o Memorial Hall, localizado dentro do Ajuntamento de Kingston, Springer Market Square, Confederation Park, e Flora MacDonald Confederation Basin. As calçadas e as ruas, entre elas Brock, King, Market e Ontário, que conectam as edificações históricas e o porto, foram designadas áreas de estudo, sendo o mercado municipal, de interesse pelos aspetos de integração regional (Figura 92) (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012; The Corporation of the Kingston, 2006).

[42] Minha tradução. Texto Original: "Where there is in effect in a municipality an official plan that contains provisions relating to the establishment of heritage conservation districts, the council of the municipality may by by-law designate the municipality or any defined area or areas thereof as a heritage conservation district." (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2016, p. 5).

Figura 92. Contraste Distrito de Market Square em finais do século XX.



Fonte: Esquerda, Kingston News (2014); direita, The Corporation of city ok Kingston (2024).

O distrito de Market Square é uma das áreas patrimoniais que mais sofreu transformações, apesar que nas últimas décadas tem sido utilizado com menor intensidade e diminuição de afluência publica que em séculos passados; as organizações locais, tem criado estratégias para recuperar a concorrência aproveitando a localização na área do Ajuntamento, locações históricas e a atividade costeira do lago Ontário (Figura 93).

Em finais do século XX, com o objeto de preservar o legado histórico de Market Square, se estabeleceram disposições para manter os usos comerciais nos andares térreos das casas; e as dinâmicas residenciais, nos andares superiores das edificações. A disposição de zonificação, foi acercar aos habitantes ao patrimônio cultural da cidade, integrando atividades que fomentaram sua participação, entre elas, o mercado de vendedores, a pista de gelo para patinação, os filmes ao ar livre, os eventos de orgulho cívico, e os festivais.

Figura 93. Fotografia Centennial Park, no Distrito de Market Square.



Fonte: Market Square Heritage Conservation District Review (2012, p. 3).

Tabela 8. Delineamentos de preservação patrimonial no Market Square.

Nome	Reparação e conservação	Esquematização
Altura das estruturas	A altura das edificações patrimoniais deve ser conservada; mas em caso de qualquer alteração, deverá ser apresentada uma Declaração de Impacto Patrimonial, respeitando o Plano Oficial ou Regulamento de Zoneamento, junto às diretrizes arquitetônicas do centro e da área portuária.	
Telhas e Telhados	As telhas e telhados tem sido identificado como atributos patrimoniais e devem ser conservados. Deverão ser feitos todos os esforços por localizar as novas águas-furtadas, na lateral ou na parte traseira da edificação. Se se requer uma modificação, deverá ser apresentada ao distrito.	
Materiais	Qualquer material novo que se escolha para fazer uma alteração, deve ser compatível com os atributos patrimoniais. O uso de vidro reflexivo e/ou metais brilhantes ou revestimento de vinil ou alumínio para revestimento externo, deve ser evitado dentro das construções patrimoniais. Não está permitido pintar tijolos ou pedras, em todo o distrito tradicional.	
Janelas e Portas	Se deve conservar a forma e o desenho das aberturas de portas e janelas da época. Não se recomendam novas aberturas de portas e janelas nas edificações patrimoniais, e de ser necessárias, deverão localizar-se nos lados da edificação, que não sejam visíveis desde Springer Market Square.	 
Vitrines	As vitrines voltadas em Springer Market Square, foram projetadas para serem compatíveis com os atributos patrimoniais dos edifícios individuais e as projeções do distrito. A acessibilidade universal de todos os edifícios é de grande importância para fortalecer o patrimônio cultural; pelo que as alterações devem ir em harmonia com sua projeção histórica.	
Toldos	Os toldos devem ter uma cor e desenho compatíveis com os atributos patrimoniais urbanos do edifício. São recomendáveis os toldos de lona, em vez de toldos sólidos de plástico ou metal; não devem cobrir os atributos da edificação.	

Fonte: Market Square Heritage District Plan (2013), adaptada pela autora.

Na zona comercial do distrito, se recomenda cuidado com as publicidades permanentes ou temporárias, pois estas devem ser compatíveis com os atributos dos edifícios; o que indica que toda a sinalização deve ser colocada sem alterar as fachadas das construções, ao igual que a intensidade, a cor, e tipo de iluminarias de preferência de *pescoço de ganso*, que são lícitas.

No entanto, de forma similar ao que aconteceu em outros distritos patrimoniais, Market Square começou a estabelecer suas próprias normativas na alteração dos edifícios históricos, observando o cuidado na altura, a reparação de telhados, o uso de materiais da zona, a preservação de janelas, portas, as vitrines das fachadas culturais, e as estruturas temporárias dos toldos comerciais (Ver Tabela 8) (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012; The Corporation of the City of Kingston, 2024).

No distrito de Market Square recomenda-se manter as características históricas, alterando-se unicamente em casos necessários como a pintura e manutenção, bem como colocação de estruturas comerciais transitórias ou pequenas modificações de instalação de medidores de água e gás, amparados nos delineamentos da Lei de Preservação do Patrimônio de Ontário. Este distrito mantem o acordo para que as novas construções, não repliquem ou imitem os estilos das casas antigas; sendo requisito manter apenas a escala de altura, volume, material, e atributos conservadores (Figura 94) (The Corporation of the City of Kingston, 2024: Market Square Heritage Conservation District Review, 2012).

Figura 94. Antigas edificações históricas patrimoniais no Distrito de Market Square.



Fonte: Market Square Heritage Conservation District Review (2012, p. 28-35).

Entre as edificações patrimoniais mais representativas de Market Square se destacam a Prefeitura de Kingston, construída pelo arquiteto George Browne em 1843, e reconstruída após em 1844, 1865, e 1909 pelos arquitetos William Coverdale, John Power, e Joseph Power, localizada no 216 da rua Ontário. Foi designada sitio histórico nacional de Canadá em 1961, estabelecendo-se um plano multifásico de restauração e manutenção que prevalece desde sua instituição em 2005.

Também, o Hotel Príncipe George, construído em 1816 e situado na altura 200 da Rua Ontário, convertido em hotel depois de várias modificações estruturais em 1848, 1892, e 1867, ganhando o prêmio ao mérito Livable City Desing em 2011, por sua conservação e preservação patrimonial; e a fileira de edifícios comerciais localizados na 18, 16 e 20 da rua do mercado, construída em 1841 com algumas alterações de desenho, sobretudo nos telhados, rufos, canas, águas-furtadas e elevações posteriores de alvenaria de 2 a 3 andares (Figura 95) The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Figura 95. Edificações de finais do século XIX e princípios do XX, Market Square.



Fonte: Market Square Heritage Conservation District Review (2012, p. 34-40).

O Edifício Padrão Whig, construído em 1894 pelo arquiteto Joseph Power, situado no número 300 da rua King, passou por diferentes alterações em 1963 e a partir de 2003, passa a formar parte dos edifícios mistos, ganhando o prêmio Livable City Desing, exemplo da arquitetura de escritórios de finais do século XIX, e que recebe influência Românica Richardsonian. A variação de estilos arquitetônicos no Distrito de Market Square, também pode-se apreciar em construções como os edifícios Maçônicos de caráter comercial e influência italiana, situados na 318, 320, 322 da rua King ao leste, construídos em 1869 para

Richard Town, sofrendo modificações nas janelas, as novas soleiras de calcário no piso térreo, reparos em tijolos e telhados desde finais do século XX, a princípios do XIX (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012).

Os edifícios Garrett, construídos em 1837, localizados na 324 e 326 da rua King ao leste, exemplo da disputa comercial do século XIX, revestidos em pedra bruta, com vitrines e aberturas de janelas perfuradas. O antigo edifício do Banco Canadense de Comércio, construído em 1911 por Darling & Pearson na altura do número 328 da rua King ao leste, arquétipo da arquitetura neoclássica revivalista de princípios do século XX (Figura 96) (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012).

Destacam-se também as antigas edificações do Banco Toronto-Daminion, construído em 1963 por Bruce Etherington, situado no 330 da rua King ao leste; o Edifício Anchor, estabelecido em 1857 por William Caverdale, localizado em 39 Brock Street e 327 King Street este; o edifício Matheson Atkinson, construído em 1841, na 35 de Brock Street, um estabelecimento representativo do desenho comercial de meados do século XIX; o antigo Hotel Barco a Vapor, construído em 1842, localizado na 33 Brock Street, de caráter comercial, com modificações em 1998 e 2006; e outras construções de igual importância (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Figura 96. Estilos arquitetônicos no Distrito de Market Square.



Fonte: Market Square Heritage Conservation District Review (2012, p. 48-50).

A confluência das edificações patrimoniais à praça pública, Springer Market Square, tem sofrido alterações significativas, começando com uma extensa escavação arqueológica em 2004, e a transformação de estacionamento, a local de encontro cívico multifuncional de

tempo integral, fomenta o turismo e a cultura canadense (Figura 97) (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012).

Figura 97. Praça de mercado Springer Market Square em Kingston.



Fonte: The Corporation of the City of Kingston (2024).

A terceira área patrimonial de Kingston chamada Sydenham Old, foi designada como Distrito de Conservação Patrimonial depois dos estudos de planejamento de 1960, sendo protegida pelo Ajuntamento em 2009, devido a Lei de Patrimônio de Ontário que foi aprovada por resolução em 2015. O distrito, conhecido por albergar mais de 200 anos de história, e ser um dos melhores exemplos de arquitetura do século XIX, no Canadá, estabeleceu políticas e diretrizes para seu preservação, recomendando a seus proprietários, manter os exteriores dos edifícios para evitar o deterioramento, fortalecer a proteção dos recursos patrimoniais, valorar o caráter do paisagem urbano, e conservar as espécies de árvores existentes, ao igual que a preservação das zonas verdes, que se fiz indispensável nos novos planejamentos urbanos (Old Sydenham Heritage Area, 2015).

Os proprietários e coletividades do Sydenham Old se comprometeram a preservar no distrito um padrão existente que já havia de quadras, ruas e vielas; de conservar as árvores das propriedades privadas e melhorar os parques e espaços públicos; garantindo a conservação dos monumentos e as melhorias nas infraestruturas públicas. Frente aos serviços públicos, estradas e calcadas, o espaço continua guardando o caráter patrimonial. A conservação do caráter de uso misto, onde as estruturas patrimoniais sejam compatíveis com os novos desenvolvimentos, é fortalecida e amparada pelos estatutos públicos, ao igual que

a conservação e manutenção de bens históricos (Figura 98) (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Old Sydenham Heritage Area, 2009).

Figura 98. Reparação de construções no Distrito de Sydenham em Kingston.



Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2015, p. 30).

Para otimizar as atividades de manutenção e conservação das edificações situadas no Distrito de Sydenham em condições externas, há um cronograma de atividades local por estações, que serve para verificar estruturas abatidas ou desgastadas com o passo dos anos. As construções do Distrito de Sydenham, se formam de três materiais principais: tijolo, pedra e madeira; integrando-se aos acabamentos, detalhes e decorativos que salvaguardam o traçado patrimonial, onde persianas, ferragens, portas, sótãos, paredes, janelas, cercas, garagens, *porches*, varandas são reparadas e substituídas por alternativas tradicionais de arquitetura, que são preservadas e mantidas. Nas propriedades privadas, as entidades locais

continuam trabalhando para conscientizar os proprietários, da importância e valor das edificações, mesmo assim, se tem apresentado casos isolados, nos que as instituições pelo caráter privado, não podem interferir.

Tabela 9. Lista de verificação de manutenção no *Distrito Sydenham*.

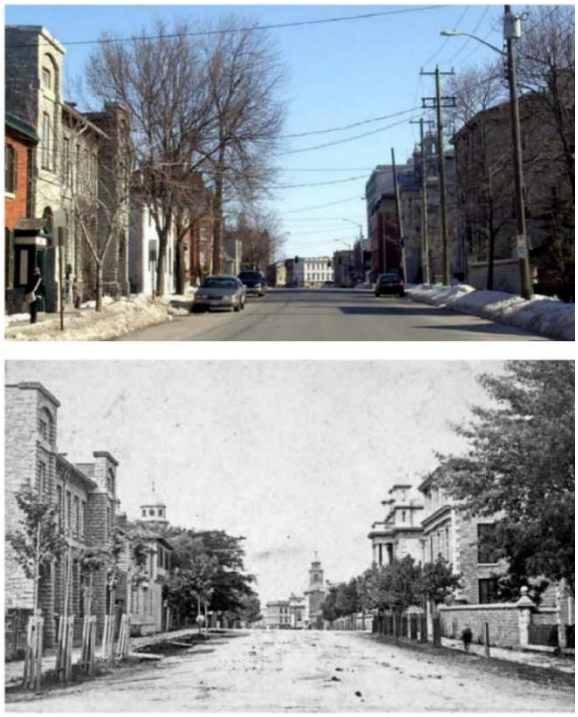
Item	Primavera	Verão	Outono	Inverno
Telhados	**X**		**X**	
Material de cobertura	**X**		**X**	
Chaminé (verificar estado da alvenaria e pragas/ninhos)			**X**	
Verificação de condensação no sótão			**X**	
Verificar represamento de gelo	**X**		**X**	
Dormes e torres de frontões	**X**		**X**	
Intradorsos e fáscias	**X**		**X**	
Verificar beirais, calhas, e flashes	**X**			
Verificação do sótão	**X**			
Paredes exteriores	**X**			
Tijolo e pedra	**X**			
Tapume de madeira	**X**			
Reboco (verificar as paredes externas – umidade para vazamentos	**X**			**X**
Decoração e Detalhes	**X**			
Porches e Varandas	**X**			
Janelas e Portas	**X**			
Verificar e lubricar a calafetagem	**X**			
Verifique janelas, janelas de tempestade e telas	**X**			
Verificar a calafetagem quanto a vedação de ar e vazamentos de água	**X**			**X**
Fundações	**X**			
Melhoras do local / Paisagem	**X**			
Planejar o paisagismo para evitar assentamentos e alargamentos do solo	**X**			
Podar árvores perto do prédio e aparar/remover hera				**X**
Verificar que não há madeira empilhada no edifício	**X**			
Cercas, galpões e garagens	**X**			

Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2015, p. 31-32).

Entre a revisão destaca-se os delineamentos sobre o uso de materiais de cobertura para a substituição ou combinação de telhados; mantendo chaminés e a revisão de umidades; a revisão de frontões, fraturas ou penetrações na madeira; as águas-furtadas em direção ao horizonte; o raspe ou repinte das superfícies pintadas originalmente; a cuidado dos desenhos decorativos; a substituição de tijolos ou pedras deterioradas; o cuidado com coberturas vegetais que podem quebrar a argamassa, entre outros. Estas dinâmicas de preservação antecipada e premeditação, tem servido para manter a estética do estilo no distrito (Tabela 9) (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Old Sydenham Heritage Area, 2015).

Desde finais do século XX, as casas vêm incorporando em suas construções, novos elementos tecnológicos que desempenham funções uteis, como no caso da instalação de medidores elétricos, contadores de serviço público, antenas parabólicas, ar acondicionado, aparelhos a gás, ventiladores, e instalação de telecomunicações. O uso de paneis solares fotovoltaicos ou térmicos, luminárias solares, unidades de bombas de calor, claraboias embutidas, subministros de dutos e canalizações, turbinas eólicas, e demais, tem reforçado os esforços por preservar as características patrimoniais do distrito (Figura 99) (Old Sydenham Heritage Area, 2015).

Figura 99. Contraste urbano Distrito de Sydenham em Kingston.



Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2009, p. 45).

O ritmo de construção de casas se acelerou em Sydenham, nas décadas de 1850 e 1860, construindo-se grandes casas, como em Rosemount (46 Sydenham Street, 1850) desenhada por William Coverdale, e McIntosh Castle (14 Sydenham Street, 1851) desenhado por John Power; fomentando a tendência arquitetônica no desenho de casas, escolas e igrejas dentro da área do distrito (Figura 100). As novas construções escolas, igrejas, instituições públicas e militares, empresas privadas, bancos, madeireiras e o City Park; se materializaram na reserva de terrenos abertos que foram um legado duradouro em Kingston. Mesmo assim, quando as atividades industriais começaram a competir com os usos portuários, e a ferrovia começou a importar novos materiais de construção, a disponibilidade do tijolo, mudou os novos desenhos arquitetônicos, levando gradualmente ao afastamento da pedra, como material de construção preferido (Old Sydenham Heritage Area, 2009; 2015).

Figura 100. Castelo McIntosh, 14 Sydenham Street em Kingston.



Fonte: Frontenac Heritage Foundation (2017).

Em meados do século XX, quando os planos de converter ao Distrito de Sydenham em legado patrimonial um conjunto de propriedades quase destruídas em William Street na década de 1970, foram demolidas e substituídas por blocos de apartamentos de pouca altura, cercados por estacionamentos. Outras alterações se abriram passo, como a destruição da prisão do tribunal e seu muro perimetral em 1973, criando um estacionamento; a transferência da casa mais antiga da área em 1987, para estabelecer um local de moradias geminadas, que posteriormente foi queimada por vândalos; bem como o alargamento de moradias universitárias ao oeste e o aumento do tráfego veicular no Leste (Old Sydenham Heritage Area, 2009; 2015).

Apesar da irrupção das Guerras Mundiais e da Grande Depressão, o desenvolvimento da região continuou paulatinamente, construindo-se casas de tijolo individuais e duplex, amiúdo em lotes estreitos; ou reconstruções em os edifícios como o localizado na 18 Barrie Street em 1908, a Oficina do Arquiteto de 1909 em 258 King Street, os Apartamentos St. Clare de 1917 em 244 Barrie Street, as casas de princípios do século XX, frente a City Park ao longo da Barrie Street e Richardson Bath de 1919 em Macdonald Park (Figura 101) (Old Sydenham Heritage Area, 2009).

Figura 101. Contraste de edificações no Distrito de Sydenham.



Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2015, p. 20-22).

A ruptura do padrão da arquitetura tradicional do Distrito de Sydenham, se deu com o estabelecimento de edifícios densamente povoados, unidos para formar um par ou um terraço, como os Apartamentos Annandale, sobressalentes por seu tamanho e uso de casas unifamiliares e adossadas, criado de 1927 a 1929.

Na dinâmica de construções e reconstruções sobretudo para ativar a funcionalidade do distrito, em meados e finais do século XX, edificações como o antigo convento católico na rua Johnson, se tornou em biblioteca pública; moradias baixas e accessíveis, foram adicionadas ao local da biblioteca; várias casas grandes se subdividiram e apartamentos, sendo reparadas e convertidas em alojamentos de acomodação e locais de comida; alguns apartamentos para estudantes foram revertidos para ocupação unifamiliar ou convertidos em condomínios; as igrejas do distrito receberam manutenção e foram reparadas; e a Wellington Street School fechou, para converter-se após em apartamentos (Old Sydenham Heritage Area, 2009).

No entanto, algumas outras dinâmicas permaneceram inamovíveis e outras seguiram seu curso, como a permanência de lojas e a expansão de outras; a reestruturação de casas, ou a permanência de Sydenham Public School. De forma similar, a perda de árvores devido às indisposições e tempestades de gelo, foram replantados e reabilitados durante muitos anos pelos residentes. Esta foi provavelmente, a renovação e restauração ecológica mais importante de finais do século XX em Kingston, estabelecendo-se diretrizes gerais para o cuidado, alargamento e melhoria das paisagens urbanas e zonas paisagísticas. A partir de então, vários tipos de vegetação tradicional têm sido plantados e reinstaurados nos quintais cercados, árvores nas ruas e plantações de vegetação ornamental, nos bairros, parques e espaços abertos, sendo preservados e resguardados pelo distrito tanto em sítios públicos como privados (Figura 102) (Old Sydenham Heritage Area, 2015).

Figura 102. Zonas paisagísticas no Distrito de Sydenham.



Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2015, p. 56-62).

Em Sydenham, pode encontrar-se construções escondidas num intrincado sistema de paredes e passagens, onde as estruturas conservam o legado militar de fortificações como as de Frederick e Henry. O legado de quase um terço da área no que se desenvolviam o campo de exercícios militares é toda uma riqueza da cultura regional (agora Parque da Cidade), e a Torre de Martelo, como parte da defesa em 1846 (Figura 103).

A riqueza comercial criada nos primeiros anos, permanece visível nas estruturas de tijolo e pedra que podem apreciar-se no entorno. No entanto, as cercas dos parques públicos, desapareceram; ao igual que as indústrias à beira-mar, as pilas de carvão e as docas. Em finais do século XX, os registros do censo mostraram que no distrito, moravam mais inquilinos que proprietários; este fato talvez seja pela proximidade ao centro e a universidade, surgido assim blocos residenciais (Old Sydenham Heritage Area, 2015).

As casas mais antigas conhecidas no Distrito de Sydenham que datam de 1815, e incluindo nos demais distritos patrimoniais em finais do século XX, tem sofrido reparações, alterações, substituições e reconstruções que fomentam o compromisso pela preservação do patrimônio. Os projetos gerados nos distritos para a preservação de seu legado histórico, tem criado uma gama de classificações de estilos arquitetônicos e a caracterização de desenhos em relação ao uso de materiais e projeção estética de suas representações (Old Sydenham Heritage Area, 2009).

Figura 103. Paredes e passagens nas estruturas funcionais de Sydenham.



Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2015, p. 48).

Em Sydenham, destacam-se os estilos arquitetônicos do Neoclássico, em construções como as de Gildersleeve House (264 King Street East) ou Cartwright House (191 King Street East); o estilo do Segundo Império visível na Kent House (264 King Street East); o estilo Queen Anne-Cum-Japonês na Hendry House (95 King Street East), e os desenhos influenciados pelas artes e ofícios da Câmara Alta (91 King Street East), ao igual que construções que se tem integrado ao panorama urbano (Old Sydenham Heritage Area, 2015).

2.2.1.3. Transformações em Kingston em finais do século XX e princípios do XXI

A tradição das sociedades europeias e as regiões do Norte da América, sempre estiveram fortemente relacionadas; a cultura de cada região, e suas transformações urbanas, puderam refletir-se nas cidades, na ambientação dos espaços e a consolidação de políticas que os povoadores fomentaram na região, a partir do desenvolvimento econômico, como única e inusitada alternativa.

Este fato, troca o paradigma conservador das cidades, e passou a materializar a nova onda progressista, a partir de monumentos e representações arquitetônicas a favor dos triunfos e as glorias, jugando assim, um grande papel nos modos de habitar a cidade, a forma de mostrar seus atrativos, e sobretudo, a forma de transmitir uma realidade inventada, onde a experiência, transformou o valor histórico e ao mesmo tempo, a tradição cultural dos moradores. A relação entre a ideologia e a arquitetura, foi para as regiões do norte, não só uma constante na definição de seu sistema de ideias e imagens; senão que frente ao desenvolvimento econômico, a sociedade podia perceber o caráter e a capacidade de domínio, como uma segurança de poder onde a competência, podia trazer consentimentos (Gonzáles Seoane, 1993).

No Canadá especificamente, a arquitetura dos edifícios até inícios do século XX, reproduziu os estilos de grande parte de França, Grã-Bretanha e Estados Unidos; adaptações que tempo depois, foram reconhecidas como a *arquitetura canadense*, com materiais, tecnologias de construção e competências, próprias da região.

Em Ontário e Quebec os estilos arquitetônicos se misturaram com as formas indígenas, edificando-se casas em pedra nas zonas rurais, elevadores de grãos da padraria, e pequenas estações ferroviárias, que imitavam modelos europeus. Se conhece que as primeiras edificações de origem francesa, se caracterizaram por ter telhados inclinados, chaminés largas, e paredes de pedra sem adorno, vendo-se afetadas, quando os colonizadores britânicos, introduziram a princípios do século XIX, o *estilo georgiano*, característico de formas simples, fachadas simétricas e abertura de janelas retangulares, que terminaram impondo-se aos estilos tradicionais (Humphreys e Sykes, 1980).

Desta forma, o Neoclássico, que deu lugar ao Renascimento Clássico, enfatizou no uso da linha reta; sobrepondo-se e tomando detalhes de outros estilos, para marcar a tendência da

mistura popular. Consequências desta dinâmica, encontramos ao *Renascimento Gótico* com o que estavam desenhadas as casas do Parlamento Britânico, projetadas em 1836; o surgimento do *estilo italiano*, baseado nas vilas de Itália, em 1860; o Segundo Império que ressurgiu por volta de 1870, originando-se desde França, entre outros. Os desenvolvimentos tecnológicos de finais do século XIX, geraram à mistura de vários estilos arquitetônicos, comumente, exageravam os detalhes de vários períodos, em edificações de contorno regulares, sobretudo em finais do século XX (Figura 104) (Humphreys e Sykes, 1980).

Figura 104. Construções arquitetônicas em Ontário século XX, Canadá.



Fonte: Heritage Resources Centre (2009, p. 22-25).

Em Ontário, a réplica da arquitetura europeia fusionada com as regiões do Norte, deram passo em finais do século XIX e princípios do XX, a estilos como a Regência 1820-1870; o Reavivamento Grego de 1820-1860; o Renascimento Gótico de 1840-1870, o Queen Anne ou irregular de 1880-1910; o Renascimento Romântico de 1840-1900, e o Romântico Richardsonian de 1880 a 1900, frequentemente utilizados comercial e publicamente. Sobressaíram os estilos Beaux Arts de 1880-1930; o Vitoriano Tardio – hibrido; Renascimento Colonial/Georgiano de 1890-1940; o Renascimento Colonial/Georgiano de 1890-1940; o Renascimento Gótico Tardio de 1890-1940; o Eduardiano de 1900-1920; o Pradaria/Artesão/Bungalow de 1900-1930; o Tudor de 1900-1940; o Art Deco de 1910-1940; o Arte Moderno de 1930-1950; o Moderno o Internacional de 1930-1960; o Victory Housing de 1940-1960, e o Vitoriano tardio – hibrido (Heritage Resources Centre, 2009).

Em cidades canadenses como Kingston, o legado dos estilos arquitetônicos e a preservação das construções urbanas se intensificam fortemente pelos programas, projetos, planos e regulamentações que repousam nas políticas públicas (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2014).

No primeiro distrito patrimonial de Kingston, Barriefield, a atualização do Plano Distrital a princípios do século XXI, em 2014 pela – MHBC em associação com o arquiteto George Robb, Wendy Shearer, e David Cuming, arrojou novas transformações que têm sido percebidas na área, nas últimas décadas, entre elas, o limite de conservação, as mudanças na legislação política, e alterações devido a melhores práticas de preservação à vanguarda das novas tecnologias. A essência de Barriefield, continua sendo residencial com um número moderado de terrenos baldios e espaços abertos intercalados, que limitam à Vila pela Rodoviária 15 (norte e leste), rodoviária 2 (sul), e pelo Rio Cataraqui (oeste), sendo este limite rígido até a atualidade (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

As áreas adicionais no Distrito de Barriefield, localizadas ao oeste da extensão James Street, pela margem do Rio Cataraqui, são zonas espaço aberto e terrenos baldios propriedade do Departamento Federal de Defesa Nacional – DND. De forma similar, a administração da cidade de Kingston, com ajuda de grupos de voluntários, se encarrega da conservação e preservação, do parque Barriefield Rock Garden e o parquezinho Barriefield Parkette, ao igual que 90 residências localizadas com galpões ou garagens, resguardas no Plano HCD. De igual forma, nas últimas três décadas, formam parte da paisagem as novas edificações, sobretudo ao longo do lado leste em Main Street (ao norte da Wellington Street), e ao longo da Green Bay Road, perto do rio Cataraqui (Figura 105) (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2014).

Atualmente, a maior parte de Barriefield, está zoneada para fins residenciais que protegem tanto a parte patrimonial como os novos desenvolvimentos urbanos. Se identificam zonas como a Igreja de São Marcos ou a Escola Pública JE Horton; os prédios comerciais como o James Street; e espaços abertos como a linha costeira e o acesso da Regent Street à Green Bay Road (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2014). Para lograr este tipo de integralidade patrimonial, comercial e contemporânea, Barriefield tem traçado pautas e delineamentos urbanos. Em 2009 entrou em vigor na cidade a Lei

Provincial de Energia Verde¸ enfocada na promoção de projetos de energia sustentável através da instalação de equipamentos, capazes substituir gradualmente as energias fosseis, por outras renováveis, como o caso dos paneis solares, os aerogeradores, e demais, que vem sendo integradas como inovações tecnológicas às edificações patrimoniais e as recentes (Barriefield Heritage Conservation District Plan, 2016).

Figura 105. Usos não residenciais, espaços abertos e Plano do Distrito de Barriefield.



Fonte: Heritage Conservation District Plan Update (2014, p. 4-5).

O ambiente rural de Barriefield, também fortalece seu caráter patrimonial, implantando-se ao longo dos anos, um aterro alto adjacente ao rio Cataraqui, vegetação naturalizada ao longo do rio e várias estruturas ao longo do rio, que evidenciam o passado comercial e industrial de imóveis que datam do século XIX e meados do século XX. As estruturas construídas são de estilo Georgiano, do Renascimento Clássico, do Renascimento Gótico, Vitoriano, e Vernáculo de Ontário; além de edifícios institucionais de pequena dimensão, limitados em número e utilização. Entre a arquitetura neogótica na cidade, destaca-se a igreja anglicana de Saint Marks construída em 1843 e localizada na cima de um terreno elevado, nomeada assim, em homenagem a Jhon Marks, quem dono parte de suas terras de cultivo. A coleção de vitrais famosos também faz parte do atrativo da igreja pelos desenhos e vibrantes cores que iluminam o interior como um caleidoscópio (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2014).

Atualmente, na parte rural de Barriefield, podem apreciar-se características como uma rede de quadriculas de ruas e calçadas estreitas e inclinas; pequenos lotes com elementos paisagísticos, criando pátios definidos; e residências tradicionais com altura máxima de dois andares de elementos na área como janelas regulares simples, portas com detalhes decorativos mínimos, entre outras. Atualmente conservar e valorizar o patrimônio da zona, preservando um ambiente residencial discreto, continua sendo relevante sobretudo em edificações históricas (Figura 106) (Barriefield Heritage Conservation District Plan, 2016).

Figura 106. Construções históricas em Barriefield, Kingston.



Fonte: Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update (2016).

Para salvaguardar o patrimônio de Barriefield, se tem implementado estratégias como organizar os novos acômodos urbanos, respeitando sua forma histórica; recusando as demolições dos edifícios patrimoniais e substituindo algumas características para empreendimentos inovadores. A Associação de Barriefield Village – BVA, tem mostrado nos últimos anos, apoio às novas construções dentro da comunidade, iniciativa que pretende incluir 31 casas novas na 411 de Wellington Street, antigamente, sítio da Escola Pública JE Horton, demolida em 2016, numa área de extensão de 2,5 hectares. Este tipo de mudanças permanentes na zona, tem gerado que se proteja dentro da Legislação Provincial¸ os sítios

arqueológicos conhecidos ou recém-descobertos (Figura 107) (Global News, 2023; Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2016).

Entre as mudanças de estética e estilo das edificações patrimoniais de Barriefield, se encontram: o reposicionamento de juntas de argamassa, as melhoras de eficiência energética, o revestimento de alumínio e vinil, a pintura externa nas carpintarias, as novas adiciones exteriores, a aquisição de propriedades históricas accessíveis, a preservação de alpendres tradicionais de madeira, e a manutenção do exterior das construções patrimoniais de curto e longo alcance (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2016).

Figura 107. Plano de novas casas no Distrito de Barriefield.



Fonte: Global News (2023).

De forma mais especifica, as mudanças nas construções patrimoniais também é notória pelo corte de novas aberturas nas janelas e portas, a mudança de materiais, a pintura de alguns exteriores, a variação nos planos e paredes arquitetônicas, o câmbio de fachadas públicas, a remoção de janelas de guilhotinas com vários painéis, entradas novas e ampliadas, instalação de portas de pátio, revestimentos de estruturas de alvenarias em estanque, substituição de componentes como alpendres ou repliques, novas aberturas de ventilação no telhado, como painéis solares, claraboias e águas-furtadas, antenas parabólicas e cabos de ligação, entre outros (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2016).

Nas propriedades privadas de Barriefield, as alterações podem realizar-se solicitando licença de acordo aos termos de Lei, podendo os proprietários fazer modificações interiores; substituir materiais de cobertura; instalar claraboias, antenas e sistemas de iluminação;

remover ou acolher espécies e paisagens de plantação; retirar ou colocar cercas de pátio; montar ou substituir alpendres, varandas, *decks* de seu quintal; retirar escadas e modificar os mesmos parâmetros; instalar sinalizações e repintar as estruturas, entre outras (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2014).

Este tipo de regulações, também devem ser cumpridas pelas novas edificações de princípios do século XXI, que se tem integrado ao distrito, preservando a estética e a arquitetura. De fato, entre suas alterações destacam, revestimento de pedra por tábua e sáfaro; adição de pátios traseiros e inclinação dos tetos da parte de atrás; estruturas repintadas e adições de degraus ou varandas, e demais. As casas do Distrito de Barriefield, construídas a princípios do século XIX e XX, sofreram modificações consideráveis, sobretudo pelo desgaste e deterioramento dos materiais, e alguns elementos importantes (Ver Tabela 10) (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2016).

Entre as modificações mais relevantes, desacatam-se: a guarnição de madeira, o friso sobre telhado adicionado, adições e expansão traseiras, substituição de iluminarias de espelhos de popa nas portas e escalones, ampliação lateral de um andar removida do alçado sul, adição de dois andares na parte traseira, remoção de tinta da superfície do tijolo e as varandas, adição de oficinas, janelas e portas novas, elevação de acréscimo de um piso, substituição do tapume de madeira por alumínio, pórtico de empena adicionado à entrada frontal, adição de solário, construção de edifícios individuais, entradas principais reconstruídas, substituição do pavimento por concreto, coberturas metálicas, tubo de fogão instalado, galpão de jardim, tampas de chaminé, entre outros (Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, 2016).

De forma similar, mas com algumas variações, acontece no Distrito de Market Square, onde tanto a Praça de Mercado, como as edificações históricas ao redor, possui um valor cultural tangível, nos estilos arquitetônicos e nas áreas de integração pública. Desta forma, qualquer modificação deve ser orientada pelo Plano do Distrito de Conservação do Patrimônio de Market Square, com a finalidade de respeitar as novas construções e o reforço que se possa dar às antigas. Em relação ao setor comercial da zona que abarca 272 m^2, podermos encontrar auditórios, salões públicos, parque de diversão, galerias de arte, padarias, bancos ou estabelecimentos financeiros, igrejas ou instituições religiosas, lugares de recreação comercial, estabelecimentos de alojamento, oficinas de computação, drogarias ou

farmácias, lojas de alimentos, ferragens, centros comunitários ou recreativos, casas funerárias, lar de idosos, lojas de cerveja, aluguel de suprimentos e venda de escritórios, estabelecimentos de cuidado para animais, lojas de plantas, entre outros (Figura 108) (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012).

Tabela 10. Novas construções no Distrito de Market Square.

Endereço	Características	Edificação
220 Green Bay Road	Tipo do imóvel, residencial, construído em 2009, projetado e construído por Ian Moffat – Truehaven Design Builders. Material de moldura, instalação de painéis solares e garage individual. Estilo contemporâneo.	
248 Main Street	Tipo do imóvel, residencial, construído em 2004 pelo arquiteto Anthony D. Barlow, e construído por Mark Peabody. Material de moldura, estilo contemporâneo.	
222 Green Bay Road	Tipo do imóvel, residencial, construído em 2003, projetado e construído por Ian Moffat – Truehaven Design. Material de moldura e muro de construção construído. Estilo contemporâneo.	
17 Drummond Street	Tipo do imóvel, residencial, construído em 2002, projetado por Sherman A, Hill e construído por Patrick Powers. Material de moldura e alpendre traseiro adicionado. Estilo contemporâneo.	
242 A James Street	Tipo do imóvel, residencial, construído do 2001 a 2002, pelo arquiteto Bruce Downey. Material de moldura, estrutura repintada, grades adicionadas aos degraus da varanda frontal. Estilo contemporâneo.	

Fonte: Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update, (2016), adaptada pela autora.

No Distrito de Market Square em meados de 1900, a atividade do mercado público de Kingston se desacelerou na medida que se necessitava mais espaço para estabelecer outras dinâmicas. Nesta direção as estradas maiores foram alteradas, e as barracas de comestíveis reguladas, pois eram obstáculos para os vendedores, chegando a converter-se a praça, num estacionamento de automóveis, nos dias sem mercado. Mesmo assim, o mercado sobreviveu, em grande parte, graças ao compromisso dos vendedores e clientes, que criaram um sentido de identidade e ajudaram ao fortalecimento dos planos de revitalização do distrito, integrando também outras dinâmicas de atracão do fluxo comercial.

Figura 108. Dinâmicas comerciais no Distrito de Market Square.



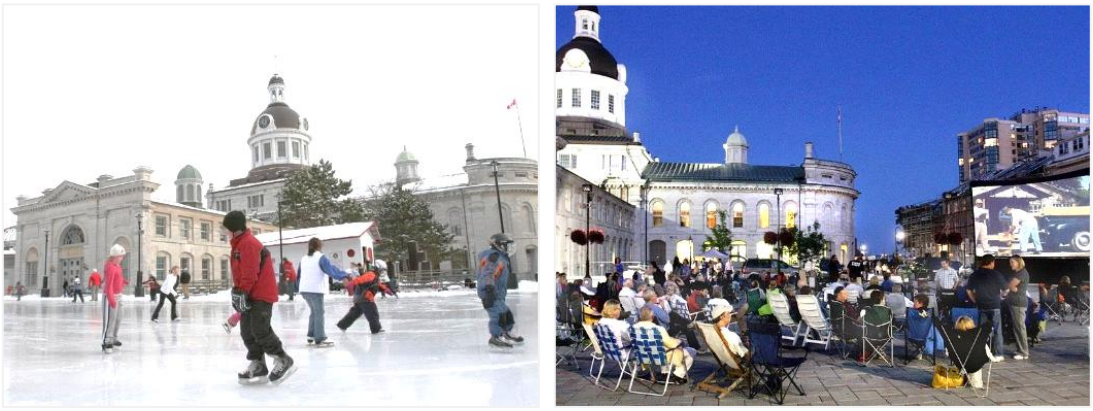
Fonte: Esquerda, Cataraqui Archaeological Research Foundation (2021); e direita, The Corporation of the City of Kingston (2024).

Entre 2005 e 2007 se incorporaram à praça novas características que incluíram uma pista de patinação ao ar livre, e pequenos anfiteatros nos pátios norte e sul do ajuntamento, mantendo o uso original como mercado para os agricultores e vendedores que ofereciam seus produtos. A pista de patinação localizada no ala inferior do mercado do Ajuntamento fecha às 10 p.m., e possui rampa de acessibilidade na entrada norte de Brock Street, onde a construção da pista, depende de variáveis como a precipitação, e a temperatura na superfície a - 5°C, para a produção do gelo de espessura 2,5 a 3 plugadas. A pista se fecha unicamente, quando o gelo se torna difícil de manter devido às cálidas temperaturas e seu derretimento, como aconteceu anteriormente (Figura 109) (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Cataraqui Archaeological Research Foundation, 2021).

A princípios do século XXI, se realizaram vários estudos arqueológicos no Distrito de Market Square, desenvolvendo-se um Plan Maestro Arqueológico do 2006 ao 2010, onde se

incluíram políticas, planificações operativas, diretrizes e disposições para sua implementação na cidade. O patrimônio histórico e arqueológico de Kingston, se remonta a uns 11.000 anos, albergando comunidades das Primeiras Nações, e os primeiros assentamentos canadenses, que construíram fortificações de patrimônio mundial, que atualmente, são pilares culturais dentro do território (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Planning and Development City of Kingston, 2010).

Figura 109. Patinação e atividades de integração no Market Square.



Fonte: The Corporation of the City of Kingston (2024).

A maioria de sítios arqueológicos identificados, estão abaixo da terra e não são visíveis, desenvolvendo-se distintas metodologias para sua identificação potencial, como o caso de todos os segmentos de rios e arroios principais, as bordas dos vales e planícies de pedra calçada, correntes subordinadas, zonas húmidas, solos mal drenados, e sítios arqueológicos próximos. Tem-se utilizado métodos como os modelos de elevação digital, e mapas históricos, utilizando Sistemas de Informação Geográfica –SIG (Figura 110) (Planning and Development City of Kingston, 2010).

No período antes da revitalização do Distrito de Market Square, se encontraram depósitos arqueológicos intactos, que datavam das primeiras ocupações europeias; revelando antigas estruturas e cimentos da parte final da Casa do Mercado/Casa de Guarda 1818-1824; a bateria ocidental do forte Front Frontenac francês do século XVIII, ao longo de Brock Street, incluindo uma taberna 1818-1840, uma cozinha de verão e um banheiro associado; o ala posterior do mercado 1843-1865, e a Torre do Relógio, incluindo um conjunto de escadas de pedra calcária, que uma vez conduziram ao sótão da estrutura; e também os cimentos da

Weigh House (casa de pesagem) 1853-1876; e várias açougues (Cataraqui Archaeological Research Foundation, 2021).

É importante destacar, que as áreas de estudo arqueológico na cidade de Kingston se estendem aos distritos de Old Sydenham, Barriefield, vários núcleos de centros de assentamento, e sítios documentados como a Estação Exterior de Kingston e Belle Island, designados como Áreas Arqueologicamente Sensíveis – ASA. Estes tipos de estudo têm gerado uma consciência, apropriação e valoração da história social e cultural da identidade canadense. No caso do núcleo histórico da cidade, a eliminação de indústrias, a demolição de alguns edifícios comerciais e institucionais, e o enchimento de pátios e pátios traseiros, amiúdo de forma passiva e continua, tem deixado registros arqueológicos fragmentados (Planning and Development City of Kingston, 2010).

Figura 110. Plano do sítio de escavação no Distrito de Market Square.



Fonte: Cataraqui Archaeological Research Foundation (2021).

Entre os elementos encontrados nas escavações do Distrito de Market Square destacam-se, depósitos marcados por dois intensos incêndios: o primeiro, documentado em 17 de abril de 1840, que arrasou com todos os edifícios construídos até a data, na Praça de Mercado, construindo-se o Ajuntamento a partir de 1843; e o segundo, se produziu o 10 de janeiro de 1865, que começou na Torre do Relógio em King Street, e se estendeu ao ala Market. Tem-se encontrado elementos, como copas, extraídas da taberna do local, ervilhas partidas e queimadas, de um edifício localizado ao longo de Brock Street, que se incendiou em 1840, entre outros artefatos, relacionados com a história de Kingston desde princípios do século XIX (Cataraqui Archaeological Research Foundation, 2021).

Em finais do século XX, e princípios do XIX, a ameaça dos recursos arqueológicos tornou-se preocupante em Ontário, devido à transformação da paisagem, cada vez mais acelerado, resultando em perdas substanciais de setores renováveis. O aumento das taxas de câmbio demográfico, sobretudo depois da Primeira Guerra Mundial, gerou que o crescimento urbano, consumira grandes extensões de terra cultivada, representado entre 1951 e 1991, uma transformação continua e assombrosa da paisagem (Corporation of the City of Kingston, 2024; Cataraqui Archaeological Research Foundation).

Durante este período foram destruídos 10.000 sítios, dos quais o 25% representavam elementos arqueológicos significativos. Mesmo assim, outras causas ameaçam os estudos históricos, como o aumento da corrente de águas superficiais traz a derrubada de bosques, as flutuações hidrológicas, o desenvolvimento industrial, o transporte, os processos de inundação, entre outros. Continua sendo um debate, a questão de propriedade dos recursos arqueológicos, bem seja, os sítios ou artefatos individuais, o que tem levado à criação e assessoria do Comitê Assessor sobre Nueva Legislação Patrimonial do Ministério de Turismo e Cultura (Cataraqui Archaeological Research Foundation, 2021).

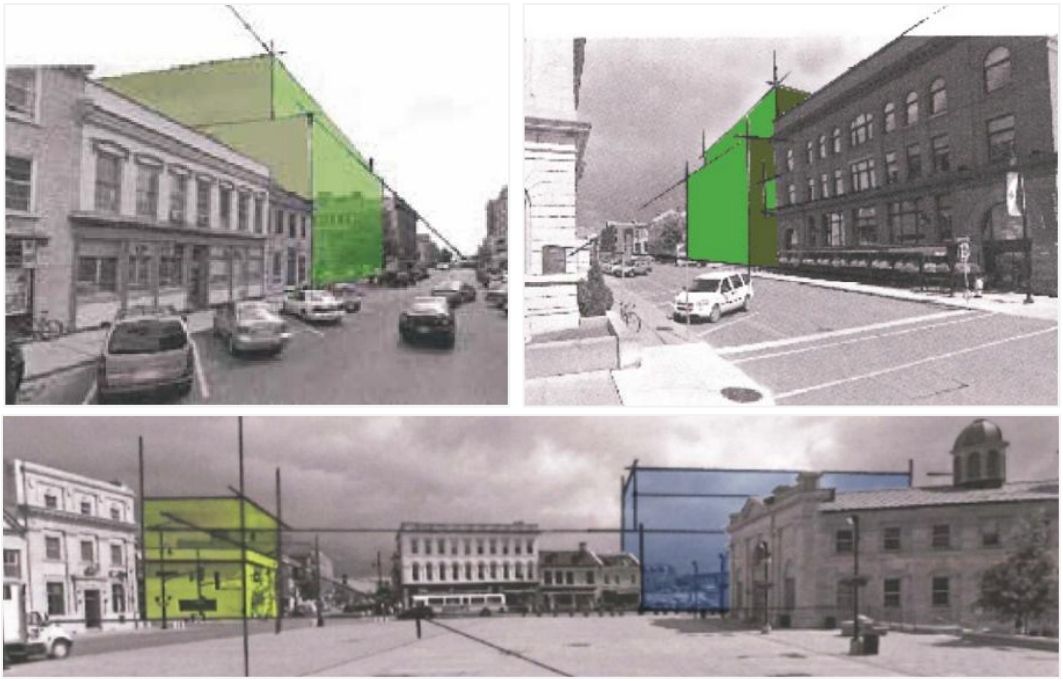
Respeito ao tema de sinalização, o Distrito de Market Square dispõe proibições e regulações de letreiros, valhas ou dispositivos publicitários nos telhados das edificações patrimoniais, de acordo com o estabelecido no Regulamento No. 2009-140. A política First Capital Place 2009, proporciona pautas para a programação e operações de espaços de reunião pública no centro, incluindo o Memorial Hall, Springer Market Square, Confederation Park, Flora MacDonald Confederation Basin, e as estradas, calçadas e edifícios que rodeiam e conectam o distrito: Brock Street, King Street, Market Street, e Ontário Street. Nos últimos anos se vem integrando à história e tradição urbana, concertos de música, atividades reativas e comemorativas, celebrações históricas, eventos cívicos, ocorrências temporais, e demais (Planning and Development City of Kingston, 2010).

Atualmente, existem no Market Square vários projetos de rearranjos urbanos, que destacam os impactos visuais das remodelações, dentro do Plan Oficial e a zonificação. A proposta de novos muros, edifícios as colocações de estruturas na parte exterior, mostram a pretensão de integrar ao distrito, à nova onda contemporânea (Figura 111). O Centro de Interpretação da Place-Royale na cidade velha de Quebec, é um exemplo de remodelação e

reabilitação de um edifício que se integra com êxito aos novos desenvolvimentos urbanos, expressando um estilo arquitetônico contemporâneo, dentro do distrito histórico (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Em Princess Street inclui um pátio público e uma passarela no meio do quarteirão; sendo conservada a fachada do pátio parcialmente e colocando-se um novo escaparate e edifício para unir-se desde seu caráter patrimonial, aos usos modernos. As melhoras complementares que se há produzido no distrito desde o 2005, tem promovido a cidade, como um destino turístico e cultural, no que a atualização se projeta, as pautas da Lei de Patrimônio de Ontário (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012).

Figura 111. Projetos de rearranjos urbanos no Distrito de Market Square.



Fonte: Market Square Heritage Conservation District Review (2012, p. 57-58).

Entre as alterações mais significativas de princípios do século XXI, no Distrito de Market Square, destacam-se os trabalhos de manutenção, aplicações de sinalização dentro do mercado, colaboração de iniciativas culturais e turísticas de integração, e o incremento de estudos históricos e arqueológicos apoiados pelo município para sua conservação. Estas iniciativas, tem gerado diferentes estudos de análise paisagística de patrimônio cultural em Kingston, levando ao desenvolvimento de projetos arqueológicos, associados com as fortificações militares que se encontram ao redor; de inventariar em sua maioria, os terrenos

de Parks Canadá em Murney Tower, e os restos em Shoal Tower (Market Square Heritage Conservation District Review, 2012).

No entanto, existem sítios históricos na cidade ainda por estudar, pois se desconhecem parâmetros sobre a sua localização e real valor histórico, bem como, pesquisas sobre a integralidade das edificações, como acontece com a Cathcart Tower, ou a torre em propriedade da cidade (Figura 112) (Kingston Fortification, 2006).

Figura 112. Projeto de escavação na Murney Tower em finais do século XX.



Fonte: Kingston Fortificaction (2006, p. 12).

A importância de estudar Market Square, se deve principalmente a que na Praça de Mercado e seus arredores pode-se apreciar vários estilos e tipos de arquitetura de documentar sua transformação de mais dos séculos a partir do desenvolvimento social, tecnológico, econômico e político que viveu Ontário. O Mercado Municipal, que data de 1801 junto com o Ajuntamento da cidade, foi declarado sítio histórico nacional em 1843, enaltecido por seu papel, tendo sido a praça bombardeada pelas tropas britânicas do coronel John Bradstreet na luta de Fort Frontenac em 1758. O Distrito do velho Sydenham de aproximadamente quinhentas cinquenta propriedades localizadas em Johnson Street, Barrie Street, King Street East e o lago Ontário, tem se convertido em arquétipo da arquitetura do século XIX no Canadá, registrando-se estilos de mais de duzentos anos de cultura e tradição (Corporation of the City of Kingston, 2022).

No Distrito de Sydenham em Kingston, identificada como área patrimonial de 1960 a 1970, existe hoje, um planejamento municipal muito diferente, apoiado na conservação de seu patrimônio em temas de preservação, construção, e uso de espaços de novas propriedades. O valor patrimonial desta área, reside tanto na coleção de propriedades, como na combinação de recursos

urbanos, sendo seus edifícios e paisagens, uns dos melhores da cidade, encontrando-se construções residenciais, igrejas, celeiro ou galpões, elaborado com materiais de pedra, concreto, madeira, ou tijolo em acabados de chaminés, paredes, telhas asfálticas, alpendres, varandas, passeios, jardins, plantações e outras decorações.

O terreno onde estão localizadas as edificações de pedra sobreviventes na rua William, formam parte da sessão norte do lote agrícola 25, outorgado pela coroa a Michael Glass em 1798. Com por 100 acres, ficava de frente em sua maioria largura, para o Lago Ontário, sendo vendido a Henry Murney em 1809. Seu limite leste marcava o limite da cidade de Kingston ao longo da West Street. Posteriormente, seus herdeiros venderam três acres em 1839 a Charles Hales, um comerciante proeminente que desenvolveu o bloco que veio ser conhecido como Bloco Charles Hales, Kingston Heights, Bloco W (Tabela 11) (Old Sydenham Heritage Area Heritage Conservation District, 2009).

Há três condições patrimoniais pode-se destacar no Regulamento 9/06 da Lei de Patrimônio de Ontário, três condições: i) ser um exemplo raro, único, representativo ou antigo de um estilo, tipo, expressão material ou método de construção; ii) apresentar um elevado de habilidade ou método artístico; e iii) demostrar alto grau de realização técnica ou cientifica; avaliando os atributos físicos e de desenho de uma propriedade com possível valor patrimonial cultural ou de interesse para Kingston. No plano cultural de Kingston, quanto a maior parte de suas ênfases, esteja nas artes e na cultura, o papel da conservação do patrimônio é abordado de acordo às recomendações para o tratamento histórico de iniciativas de turismo e promoção de recursos (Corporation of the City of Kingston, 2022).

Frente às novas construções, os padrões de ampliação e renovação arquitetônica, tem sofrido mudanças, pois muitos edifícios estão nos limites da propriedade, e isto representa algumas preocupações frente aos delineamentos de alteração, mas de forma adjacente. Nesta direção, teme-se que se permita a duplicação de um edifício numa propriedade, e as disposições bilaterais (Zona A, Zona B), que existem na área para aplicar políticas de disposição patrimonial frente a disposições como as águas-furtadas, modificação por deterioramento, entre outros (Figura 113) (Old Sydenham Heritage Area, 2015).

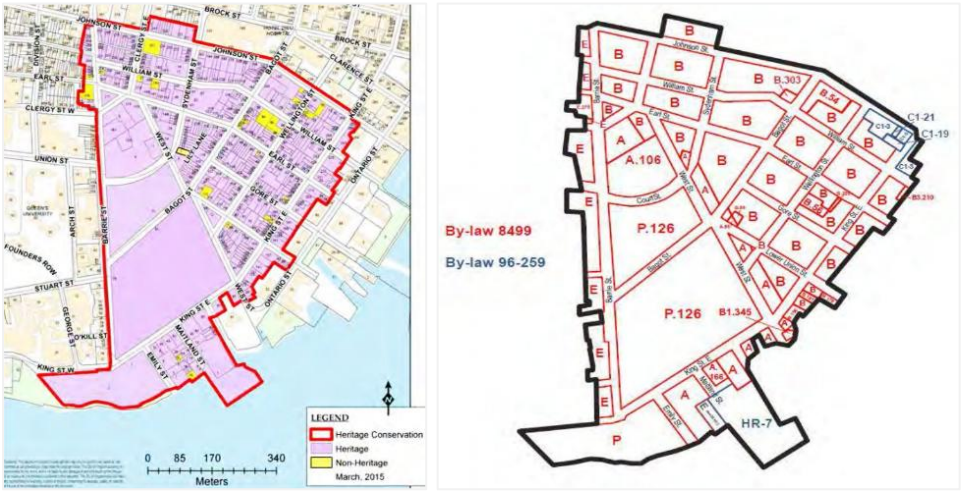
O Distrito de Sydenham, se divide em quartas áreas: 1) Corredor da Rua King; 2) Norte de Bagot; 3) Além de Bagot; e 4) Parques da cidade e ambientes, que tem sido preservado de acordo com os delineamentos patrimoniais (Old Sydenham Heritage Area, 2015).

Tabela 11. Características de algumas construções no Distrito de Sydenham.

Endereço	Características	Edificação
197, 199 e 201 William Street	De arquiteto desconhecido, as propriedades foram documentadas em 1897, referindo-se às casas dos Delos Grimshaw que negociavam grãos em 117 Brock (197); John C. Metcalfe, açougueiro em 62 Brock (199), e James Craig, proprietário de uma mercearia de louças em 79 Brock. A ligação entre as casas e Brock Street, está estabelecida. Obra do final do século XIX. E estilo arquitetônico do XX, de forma estilística Queen Ann.	
203 – 205 William Street	Esta construção de pedra foi projetada pelo arquiteto William Coverdale para o Queen College de 1847 a 1848. E, junho de 1847, esta casa propriedade de George Browne e este lote, ainda vácuo, se subastaram e passaram a mãos de Henry Sadlier¸ quem permitiu a construção da escola gratuita (escola preparatória universitária), recebendo um ano depois, em dezembro de 1848, a 58 estudantes.	
213, 215 e 217 William Street	Propriedade de William Simpson, a casa de pedra se construiu de 21/2 andares e 6 vãos. Depois, foi vendida ao industrial James Morton em 1846, alugando o prédio entre 1847-1854 para o Queen´s Collage, que alugava instalações adjacentes. No entanto, com a construção de Summerhill em 1854, o foco da atividade universitária afastou-se da William Street. Em 1898, o Contract Record, transformou as residências de pedra na esquina das ruas Barrie e William, sendo substituídas por um moderno terraço de tijolos.	
Clergy Street Elevation	Esta estrutura de pedra foi aparentemente construída em 1852 pelo Dr. George Baker e William Coverdale foi associado. Durante grande parte do último quarto do século XIX foi ocupada pelo Dr. John Stewart, secretário da Faculdade de Medicina da Raina. É uma grande construção em pedra que intenta imitar o traçado e tratamento original das janelas originais desde 1940.	

Fonte: Old Sydenham Heritage Area Heritage Conservation District Study (2009, p. 1-15), realizada pela autora com os dados registrados no documento.

Figura 113. Distribuição de áreas de zonificação no Distrito de Sydenham.



Fonte: Old Sydenham Heritage Area (2015, p. 79).

Na primeira área, as propriedades mais antigas foram restauradas a suas características originais, sendo as propriedades salvaguardadas, mas com algumas modificações, como a integração de saídas de incêndio externas, medidores de eletricidade, caixas de correio, e lixo e lixeiras para a reciclagem na frente das ruas. Nesta zona, se encontram residências, locais comerciais, um museu público ao oeste, e edificações públicas em Macdonald Park, deixando de lado, os antigos usos industriais ao sul de King Street, que foram substituídos por casas de alta densidade, como ao norte de King, onde predomina um forte setor residencial ao este de City Park (Old Sydenham Heritage Area, 2015; Old Sydenham Heritage Area Heritage Conservation District, 2009).

A segunda Área, apresenta um desenvolvimento mais modesto, onde predominam as expressões da arquitetura popular de finais do século XIX, onde a maioria de edificações são pretensões da época vitoriana. Desta forma, predominam os edifícios mais modestos e vernáculos, hoje ocupados por proprietários e inquilinos, isto leva, a uma redução de ornamentos, ainda com algumas exceções; destacando-se a Biblioteca Pública em Johnson debaixo de Bagot; uma pequena quantidade de locais comerciais ao longo do lado sul de Bagot entre William e Earl, o subconsulado holandês, e a Clínica privada em Bagot e Lower Union (Corporation of the City of Kingston, 2022).

De forma díspar, acontece na terceira área, onde existem as casas maiores da área, que apresentam excelentes detalhes em pedra e tijolo nas igrejas e edifícios públicos. Os mais

proeminentes: o Tribunal, seguido da Igreja de Sydenham e Chalmers, e a Escola; os edifícios de apartamentos das esquinas Rosemount, Castelo McIntosh e os Annandale, destacando-se locais comerciais, de empreendimento, de concertos, de reunião comunitária, o cartório, e algumas construções novas (Old Sydenham Heritage Area, 2015).

Na quarta área, se encontram a maioria das construções de profissionais ou engenheiros militares, ricos em decoração desde as tábuas de beiral e grades de varanda nas extremidades das empenas, até tijolos decorativos, portas com painéis e vitrais. Entre as edificações se encontram, algumas dependências da universidade, a Torre Murney como sítio histórico nacional federal, o museu municipal, o Richardson Bath House, e o Pavilhão Newlands, que requerem de intervenção. Parques, residências, espaços públicos, padrões de vegetação, monumentos e memoriais (Old Sydenham Heritage Area, 2015).

Os estudos de renovação e conservação urbana continuam no Distrito de Sydenham em resposta à tendência de expansão dos usos comerciais desde o centro da cidade, até áreas residenciais adjacentes. Desde 1998, parece estar acontecendo o contrário, pois tem havido pouca pressão de desenvolvimento comercial dentro da área; de evidenciar-se nos registros do Departamento de Planificação, a emissão de novas permissões de construção para melhorias típicas como terraços, ampliações, separações de lotes, rampas de acessibilidades, demolição e substituição de garagens (Old Sydenham Heritage Area, 2015; Old Sydenham Heritage Area Heritage Conservation District, 2009) (Ver Tabela 12).

As solicitações de permissões patrimoniais, na maioria de casos, unicamente implicaram alteração nas janelas, telhados, empedres, acabamentos, e pintura de elementos e fachada; reparando e restaurando assim, os bens patrimoniais de componentes deteriorados. Atualmente, continuam as problemáticas ao redor dos recursos patrimoniais, e os que ainda se encontram por fora desta categoria, pois a algumas propriedades fora do controle da área patrimonial, terminam afetando negativamente o desenho e a estética dos componentes de integração histórica (Old Sydenham Heritage Area, 2015). As transformações urbanas no território canadense, ocorreram em meados do século XX, e princípios do XXI, quando se empreendeu um amplo programa de reestruturação industrial, e se fortaleceu o controle político. A ideia de modernizar e reformar à sociedade, projetos de engenheira social a grande escala, fomentou uma reorganização dos espaços e uma inevitável intervenção comercial, onde a imagem, se converteu numa orientação futurista do desenvolvimento econômico.

Tabela 12. Divisão de subáreas no Distrito de Sydenham.

Subárea	Descrição	Imagem
Subárea 1. Corredor da Rua King	Esta subárea contém o principal corredor Leste-Oeste, e abrange todo o acesso visual e direito à orla marítima. No seu extremo leste, inclui usos de oficinas institucionais e comerciais que se estendem desde o centro da cidade. A partir daí, a rua é um boulevard bordeado de casas que vão desde grandes mansões em grandes lotes até casas adossadas, duplex e pequenas estruturas independentes. Os lotes maiores são mais típicos na parte ocidental, entre City Park e o Passeio marítimo, terminando a subárea com um espaço aberto ao público que rodeia a Torre Murney até a Costa.	
Subárea 2. Norte de Bagot	Esta área desenvolveu-se em conjunto, ou pouco depois, com a área ao longo da King Street e, o padrão regular de quarteirões e lotes do município original. É um lote localizado longe do passeio marítimo, o que conseguiu evitar qualquer distorção da rede de ruas causada pela costa. Seu padrão de ruas limita o tráfego e proporciona uma grande variedade visual em ruas sem saída ou desviadas. pode olhar-se uma combinação compacta de antiguidade, tipo, tamanho e materiais das casas, é outros desenvolvimentos predominantemente.	
Subárea 3. Além do Bagot	A topografia e a malha viária dos bairros adjacentes distorceram o traçado desta subárea, mas são responsáveis pelo seu grande interesse visual. Florescendo durante e após o período da capital na história de Kingston, esta área sobe a partir da Bagot Street e se estreita até a junção das ruas Barrie e Johnson. Dentro desta parcela de formato estranho há uma série de blocos irregulares nos quais há uma mistura de usos habitacionais, comerciais e institucionais. Muitos dos marcos importantes da Área de Estudo estão aqui, aproveitando o terreno mais elevado.	
Subárea 4. Parque da cidade e Ambientes	O caráter desta área aberta está determinado pelas funções do City Park e Macdonald Park, estabelecidos no século XIX. Ambos os parques contêm uma grande variedade de espaços para recreação ativa e passiva, desde o campo de críquete, pista de patinação e estruturas de recreação ao ar livre no City Park, até a trilha à beira-mar e a área de natação em Richardson Beach. As estruturas de ambos os parques oferecem espaços de recreação internos e banheiros públicos. Limitando esses parques estão fileiras residenciais a oeste e leste, e o tribunal e a orla marítima ao norte e sul.	

Fonte: Old Sydenham Area (2015), realizada pela autora com dados do documento.

Prevalece uma forte tendência ao progresso, mas ao mesmo tempo, se mantem sutilmente, os esforços conservadores por preservar as formas antigas e articuladas da tradição, recorrendo à nostalgia, a história e a preservação como estratégia de 'arquitetura moral'. Em profundidade, o que molestava realmente aos conservadores, não eram as transformações, porque estes podiam sacar proveito, senão, a amplitude e velocidade com a que estavam acontecendo, intentando reorganizar a seu passo, a ordem constitucional, em médio de projetos dos quais o Estado começava a participar. No Ontário, o alto modernismo conservador é uma mostra deste tipo de intervenciones e iniciativas contemporâneas, como no caso das prisões, e outras dependências importantes (Mcelligot, 2008).

2.2.1.4. Transformação social na Cultura popular, o envelhecimento e a tradição.

Kingston é reconhecida como uma das comunidades mais rica em arte, patrimônio e cultura do Ontário. Os departamentos de serviços de arte e cultura, e os serviços de patrimônio fazem parte de um projeto de cidade que se apoia aos artistas locais, deixando que seus trabalhos sejam apresentados ao público, e mantendo o interesse em projetar a urbe, como entorno histórico e moderno ao mesmo tempo. Para promover a criação do Fundo de arte Público a cidade se associou com o Agnes Etherington Arts Centre, sendo dirigido por Annalee Adair (Kingston Public Art Master Plan, 2014). Dita iniciativa incentivou a realização do Talher interativo de Arte Público em Art Zoo, em Porto Portsmounth, como parte do dia da família em 2014, onde mais de 4000 pessoas assistiram, com grande presença de crianças. Os artistas puderam criar figuras e esculturas, que colocaram numa cartografia para todos (Figura 114).

Esta forma de integração levou a consolidação do Plan Maestro de Arte Público. Entre dezembro do 2013 até fevereiro do 2014, os habitantes puderam apreciar cinco obras: 1) Aleksandra Bragoszewska, Alison Gowan e Alison Gayle, ao som dos pequenos animais roncando; 2) Ben Darrah, Paisagem Acidental; 3) Wendy Luella Perkins, para onde estou correndo? 4) Jane Kirby e Erin Ball, Voos Inesperados no Frontenac Mall; e 5) Mark Reinhart, fita adesiva (Figura 115) (Corporation of the City of Kingston, 2022).

De forma geral, o programa de arte na cidade inclui cinco enfoques principais: 1) fomento de projetos capitais de arte público (Coleção cívica); 2) arte pública temporal, ou

arte da rua como expressão cultural nos bairros e por exibição; 3) artes comunitárias e de educação que involucram às comunidades no desenvolvimento da história da cidade; 4) incremento de oportunidades para o setor de artistas, investindo em capacitação, curadores, talheres e tutorias; 5) programas de aumento do arte público, incluindo as áreas de desenho urbano e o planejamento do uso do solo. Estes eventos têm gerado a criação de museus, espaços comunitários, eventos, coleções, exposições arqueológicas e atividades de grafite (Kingston Public Art Master Plan, 2014).

Figura 114. Evento de Arte na Cidade de Kingston em 2014, Art Zoo.



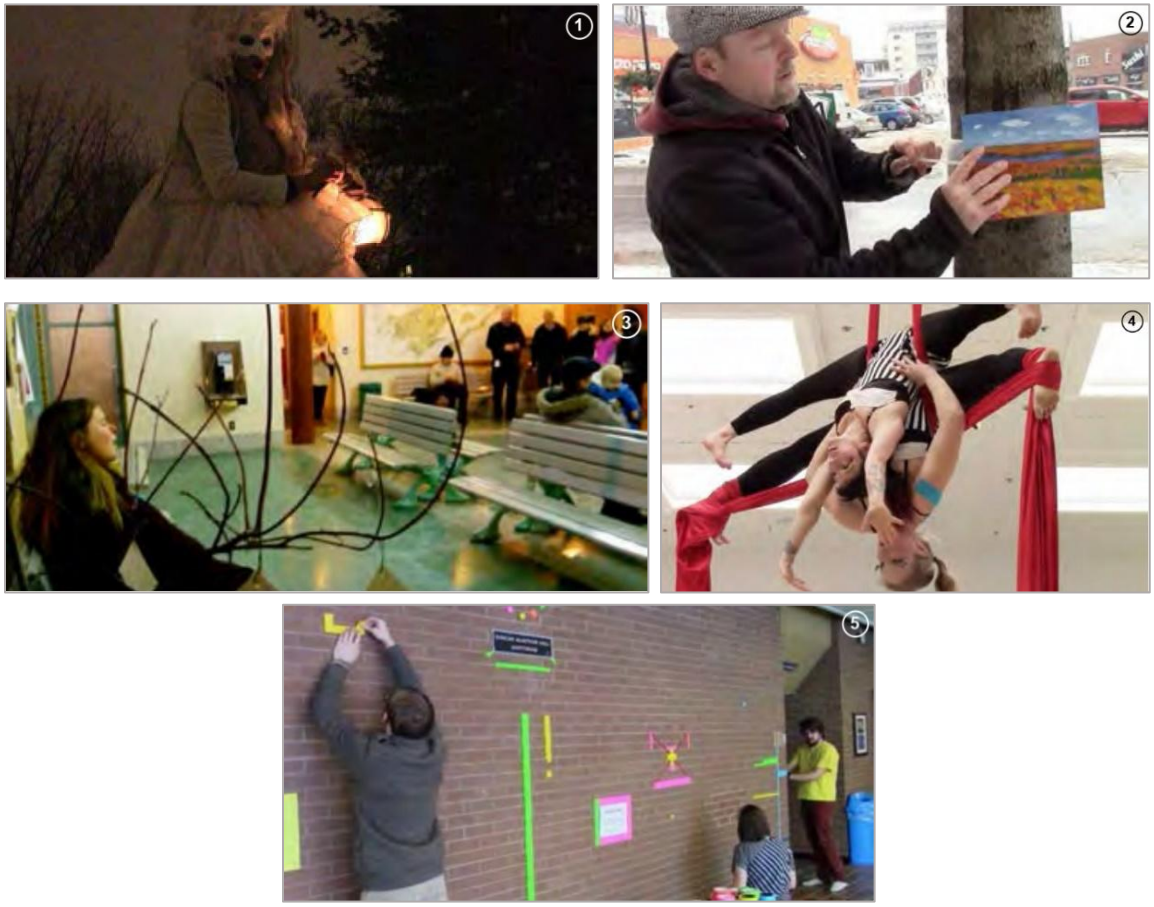
Fonte: Kingston Public Art Master Plan (2014, p. 9).

O programa de arte na cidade (3 galerias de arte) tem fomentado o turismo, posicionado a Kingston, como uma das cidades mais importantes a nível histórico de Canadá. De fato, as últimas estadistas realizadas na área de turismo, sugerem que os visitantes da região se interessam por explorar sítios históricos, museus, galerias de arte, atracações de bonde, jardins, e alguns locais de comidas e lojas. O atrativo das ilhas circundantes, gera um comércio nos cruzeiros, e o interesse por assistir a festivais e eventos desportivos. Atualmente, Kingston é considerada a capital dos museus no Canadá (são 24 museus e sítios históricos), incluindo o Museu Pump House Steam, o Museu da Carpintaria MacLachlan, e o Ajuntamento (Ver Apêndice X) (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Report Concil, 2019).

O Museu comunitário Pump House Steam é uma das expressões tecnologias mais antigas do século XIX em Kingston. As obras hidráulicas como caldeiras e bombas de vapor

antigas, são exibidas para enaltecer a construção de uma das obras originais mais antigas de Canadá. Estas primeiras bombas de vapor, proporcionaram em 1851, água que foi trazida das correntes aos residentes, instalando-se um motor de balancim com bombas duplas, para extrair água do Lago Ontário. Este fato, gerou que em 1862, se ampliara o edifício de Water Works, para albergar oficinas e moradas para engenheiros e encanadores (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Figura 115. Obras expostas para a elaboração do Plan Maestro de Arte Público.



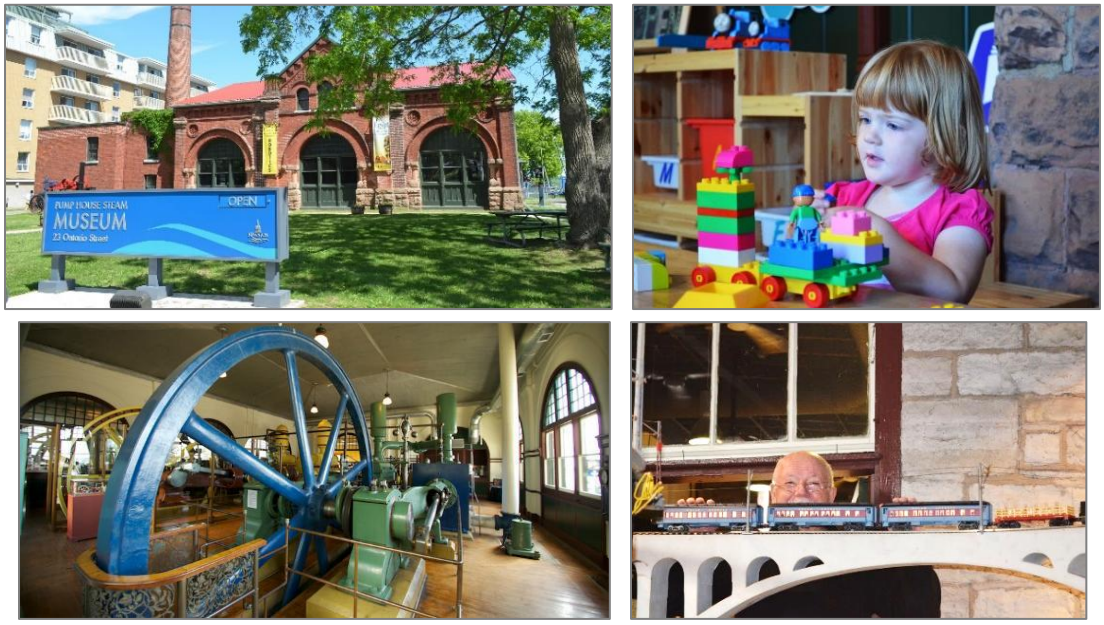
Fonte: Kingston Public Art Master Plan (2014, p. 10).

Em princípio do século XX, se realizaram algumas inovações nas obras hidráulicas, adicionado em 1917-1918, ampliações e instalação de bombas elétricas, utilizadas para funcionar como elementos primários. Em 1952, se fechou Water Works¸ e abriu uma nova planta purificadora de água na King Street. Desta forma, Steam Museum, se converteu em museu e atração de vapor local. Atualmente se conservam na região do Norte, seis estações são capazes de extrair quase 450.000 galões de água por dia, sendo para este caso, o artefato

do Museu mais incrível onde as bombas originais são animadas para que os visitantes possam descobrir como funcionavam (Figura 116) (The Corporation of the City of Kingston, 2020).

A cidade também conta com o Museu da Carpintaria MacLachlan criado em 1967 por Sandy MacLachlan como projeto centenário. A primeira coleção se construiu, desmantelando uma casa de troncos de madeira de 1855, da família White no condado de Lanar, e transferido depois a Princess Street, onde funcionou como museu privado, durante mais de uma década. A princípios dos anos de 1980, foi comprada pelo antigo município de Pittsburgh, e uma vez mais, a casa de madeira se transladou a sua localização atual em Grass Creek Park. Com a fusão da cidade de Kingston em 1998, o museu passou a ser responsabilidade da Divisão de Cultura e Recreação e logo, do Departamento de Serviços Culturais, quando se estabeleceu em 2008. Sandy aperfeiçoou suas habilidades curatoriais, e se converteu num grande colecionador, graduando-se como engenheiro da Queen's University (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Figura 116. Museu comunitário Pump House Steam em Kingston.



Fonte: The Corporation of the City of Kingston (2020).

O Museu MacLachlan, conserva uma das coleções de ferramentas para trabalhar a madeira, mais extensas de Canadá, de grande interesse para os povoadores. No museu se realizam oficinas, camping, atividades educativas e eventos especiais de integração, que servem para meninos, adultos e famílias (Figura 117). Nesta direção, se projeta o Centro de

Artes Etherington¸ que impulsa curadorias e pesquisas intensivas, somando-se mais de 17.000 obras de arte contemporâneo e de vanguarda, onde o público pode interatuar com as exposições e coleções (The Corporation of the City of Kingston, 2019).

Quando o Museu da Carpintaria MacLachlan, ganhou popularidade, a exposição e a exibição de artefatos de carpintaria se fiz frequente. Em 1983 quando incorporou um muro de machados, começaram a realizar exposições sobre extração de madeira, e o artesanato canadense. Desta forma, em 1886, se contava com uma coleção ampla de todo tipo de vassouras de madeira manuais, que foram resguardados numa área e clima controlado. O museu anunciou planos de ampliar os espaços e as coleções culturais, fomentando um crescimento exponencial importante; mais quando em 1990, o colecionador e investigador de aviões Ivor Blower, realizou a primeira, das quatro grandes doações de aviões de mão ao museu (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Figura 117. Atividades realizadas no Museu da Carpintaria MacLachlan em Kingston.



Fonte: The Corporation of the City of Kingston (2020).

Em 1993, este museu se converteu num lugar de aprendizagem, ensino a seus usuários a aprenderem habilidades tradicionais como a fabricação de velas, a ferraria e o tecido. Ditas ofertas se consideravam complementares aos programas tradicionais de carpintaria do museu. Atualmente e depois da plantar árvores arredores, o museu conta com mais de 15.000

artefatos, incluindo uma das coleções públicas de aeromodelos, maiores da América do Norte. Em 2015, o museu organizou o primeiro encontro de sobrevivência de lenhadores, para ensinar suas habilidades ao aire libre (Figura 118) (The Corporation of the City of Kingston, 2019).

Em Kingston, as inciativas de recuperação da memória histórica têm sido enormes, destacando-se o Projeto de História Swamp Ward e Inner Harbour – SWIHHP, cuja iniciativa tem sido documentar as histórias das áreas mais antigas da cidade. Swamp Ward, foi o nome que recebeu a região ao norte de Princess Street, ao oeste de Inner Harbour, e dizer, a largura de toda a costa oeste do Rio Great Cataraqui, até Belle Island, ao longo dos séculos os povos indígenas acostumavam pescar, coletar e comerciar seus produtos; convertendo-se depois da chegada dos europeus, num povo industrial, com ferrovias, fábricas e docas (Figura 119) (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect, 2024).

Figura 118. Cultura e tradição no Museu da Carpintaria MacLachlan.

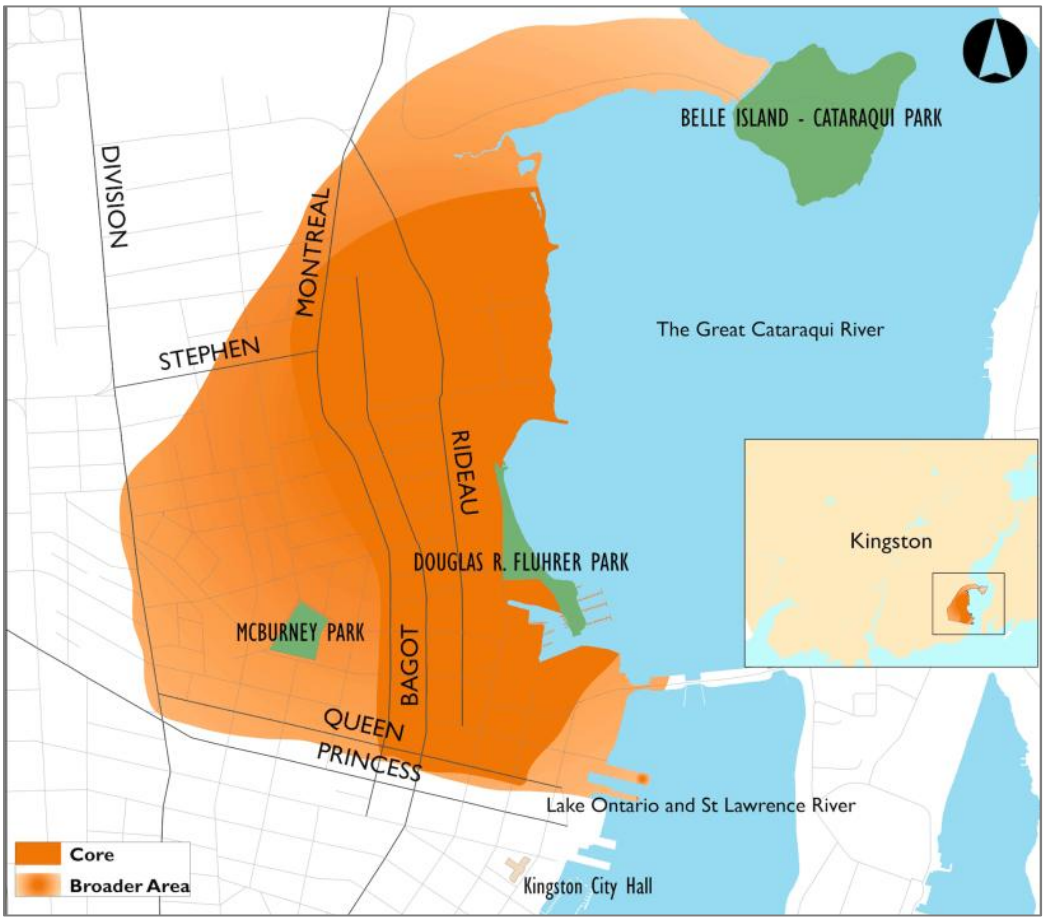


Fonte: The Corporation of the City of Kingston (2019).

Desta forma, Swamp Ward, se converteu num novo ambiente, onde os trabalhadores e seus famílias locais viveram, formando famílias que se abasteciam de viveres, compravam

alimentos, assistiram à escola e igreja, e recreação. Estes registros, tem resguardado a memória de famílias, mulheres, soldados e cidadãos que aportaram ao desenvolvimento de Kingston; de conhecer-se registros e histórias de cidades, povos e vizinhanças independentes (Portsmouth, Barriefield, Glenburnie, Picardville, Bayridge, Strathcona Park, Polson Park, entre outros), que foram fusionando-se com o passo do tempo (Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect, 2024).

Figura 119. Mapa de *Swamp Ward* em Kingston, Ontário.



Fonte: Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect (2024).

Swamp Ward e Inner Harbor, são as partes mais antigas de Kingston, e foram até 1970, o coração da economia industrial da cidade; apesar de que a área de Sydenham Ward, é considerada pela memória um dos pontos mais históricos, não representa a popularidade cultural e a singularidade que sua gente ao longo dos anos. Hoje com orgulho se recupera a memória histórica deste território, esperando contribuir para o fortalecimento da cultura popular, local e nacional, de uma Kingston que foi se transformando, quando suas famílias

passaram o legado histórico a seus descendentes, vizinhos e amigos (Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect, 2024).

Esta é uma das zonas tem vários pseudônimos. Algumas pessoas que cresceram nos anos 1930 e 1940, o chamam Swamp WARD, maioria das pessoas se ferirem como SWAMP Ward, e aqueles que cresceram ali entre os anos 1970 e 1990, se referem melhor como a zona 'Ao Norte de Prince Street'. Este fato indica que à medida que a vizinhança prosperou economicamente, seu nome se considerou e aceito de forma positiva; mas quando chegaram tempos difíceis, seu nome foi experimentado um pejorativo (Ver Tabela 13) (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Atualmente, os habitantes parecem voltar-se à revalidação do nome Swamp Ward, estudando-se a área e suas transformações, desde os distritos de Cataraqui e St. Laurence. No entanto, o coração desta área, continua localizando-se perto de Inner Harbor, quer dizer, perto dos pântanos ao leste do Rideau Street, onde se conformou a zona industrial. Este pântano húmido se estendia por todo o leste e oeste de Montreal Street, ladeira acima; mas sua familiaridade sempre se definiu a partir do apegou e conexão dos povoadores. O valor histórico da zona se incrementou, quando em 1860, o Grand Trunk Railway, levantou uma linha férrea e se estendeu até a Bahia pelos alcantilados da costa; consolidando-se para 1880, uma linha férrea que começou a ser utilizada apesar de Kingston e Penbroke Railway, tinham sua própria rota fluvial até 1890 (The Corporation of the City Kingston, 2024; Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect, 2024).

Recentes estudos indicam que as linhas férreas e as indústrias que se assentaram na área, necessitaram de lugares como paradeiros, pilhas de carvão e madeira, e a instalação de reparação de motores; arrojando por longos períodos, cinzas das máquinas de vapor e alguns outros componentes nas águas pouco profundas arredores. Nestas vias se transportaram minerais de ferro, *feldspato*, e outros minerais trazidos das minas ao norte de Kingston para carregá-los em barcaças (Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect, 2024).

Estas dinâmicas têm incitado que se realizem atividades como a reconstrução simbólica no parque Doug Fluhrer, localizado a beira do Rio Catarqui, de linhas pintadas no solo, lembrando as atividades industriais e econômicas de 1830-1980 (Figura 120) (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Tabela 13. Algumas histórias locais e anedotas resgatadas de SWIHHP.

Valor simbólico e cultural	História	Fotografia
A tradição da Família Loiseau – 1989	Foto de Annie e Leo. Ulderique foi um barbeiro que se caso com Annie Manville em Kingston em 1989 quando tinha 17 anos. Tiveram 6 filhos, quando ele se alistou no 21 batalhão, aos 42 anos. O 16 de abril de 1915, o tenente Mcnee, escreveu a Annie, para informar que seu marido havia matado nas trincheiras baixo um intenso bombardeou de artilheira, sendo enterrado a dois milhas da frente de combate, em Bélgica. Annie, ficou viúva e com uma pensão, enquanto seus filhos maiores continuaram trabalhando em 1921. Suas filhas foram tabaqueiras e empregadas domesticas. Seu filho Leo açougueiro. Mais tarde Leo e seu esposa abriraram uma barraca em Bargot Street com o nome de Bird's Grocery.	
Mulher a princípios do século XX	Foto esposa do barbeiro, Megan Blaney e seu filho Earl. Vestida de chapéu com batom em seus lábios, Megan tive vários filhos, e se converteu em cabeleireira. Seus filhos cresceram: Earl chamado assim em honor de seu pai, se converteu em maestro, suas duas filhas em cabeleireiras; Paul, Gregory e Kevin em floristas; Peter trabalha com finanças; e Bev se converteu em médico. Sua família ainda continua controlando a esquina sudeste de Montreal Street e Raglan Road.	
Estrangeiros em Kingston – 1913	Foto de Mary e seu irmão. Mary Tutak nasceu em 1896 numa fazenda às aforas de Wisniowa, Polônia. Era a terceira de quatro filhos. Seu irmão maior, Joseph, emigrou a Canadá em 1910. Quando Mary chegou à estação da ferrovia do Kingston, levava um letreiro de couro colgado do pescoço que dizia Joseph, porque ela não sabia ler, nem escrever. Tampouco falava inglês. Mary se caso com John Broswick em 1913 na Catedral de Santa Maria, e tiveram nove filhos na 62 Stephen Street. Adquiram várias propriedades e tiveram uma barraca na garage de sua casa. Na foto, aprecem seu irmão, Mary e sua família.	
Jovens em Kingston 1916	Foto de Alice Godwin (esquerda) e Helen Bennett (direita). Alice nasceu em 1902, e Helen em 1985, se fazia chamar Nellie. As casas da foto foram construídas em 1913. Para a data, Alice tinha 13 anos e Helen, 20. Helen se casou com Ron no 1918 e em 1920, Alice se casou com o irmão de Nellie, George Bennett, convertendo-se em cunhada. Alice não tive filhos, e o casal se fiz cargo do supermercado de sua família.	

Lorida (Burns) Laurin, Moleira ~ 1920	Foto de Lorida Laurin aos 15 anos. Lorida nasceu em Buckingham, Quebec. Se mudou de Quebec a Kingston quando tinha aproximadamente 15 anos. Estavam necessitando trabalhares para ajudar no molinho e ela e cinco amigos mais chegam à cidade. Os cinco amigos regressaram a casa, mas ela ficou em Kingston. Apesar que não falava inglês quando chegou, solo francês, aprendeu na escola St. John's em Markland Street. Foi uma mulher incrível. Sua família lembra que ela sabia reparar qualquer coisa, de cozinhar muito bem, espaguetes, almondegas, e bolos que eram espetaculares.	
Casal Helen e Roland 1918	Foto familiar de Helen Bennett (Nellie). Helen foi mãe por primeira vez depois de sete meses, e teve quatro filhas. Se casou com urgência pois conta que tinha um bebê em caminho. Razão pela qual adiantaram seu casamento. Seu irmão se casou com uma de suas vizinhas, com quem compartilhou algum tempo durante sua juventude. Finalmente se casou com Roland Wallace, quem trabalho para o exército. Por fortuna para ele, a guerra terminou antes que Ron entrara em batalha e conseguiram ter mais filhos para ampliar a família.	
Sendo meninas na cidade – 1922	Foto das irmãs Helen e Elsie Wallace ao oeste de Patrick Street em James. A casa de atrás se localizou na 155 Patrick, justo na frente da escola St. Pat. A família Wallace vivia na Canteira numa grande casa de pedra. A foto aparece aludindo às meninas como dois girinos. Tinham mais irmãos, mas estes eram maiores, sendo seus padres Robert e Nellie, tiveram em total cinco filhas. Se casaram os dois neozelandeses que chegaram a Kingston para treinar com Flet Air Arm. Depois da guerra, os casamentos se realizaram sem contratempos.	
Lorraine Sneider 1926	Foto de Lorraine. Ella viveu numa pequena e antiga casa branca localizada num alcantilado perto da cima da Colina Patrick Street, seu jardim era grande, plano e ensolarado. Nasceu em Markland Street em 1926 e depois se caso. Lembrava das pequenas bolinhas de metal que seu pai trazia a casa da Locomotive Works; as panelas de sopa que preparava sua avó; e um fonte na Rua Montreal. Seu marido trabalho em Frontenac Tile, uma planta receptora de telhas. Gostava dos botes e do boliche. Morreu em 2018.	

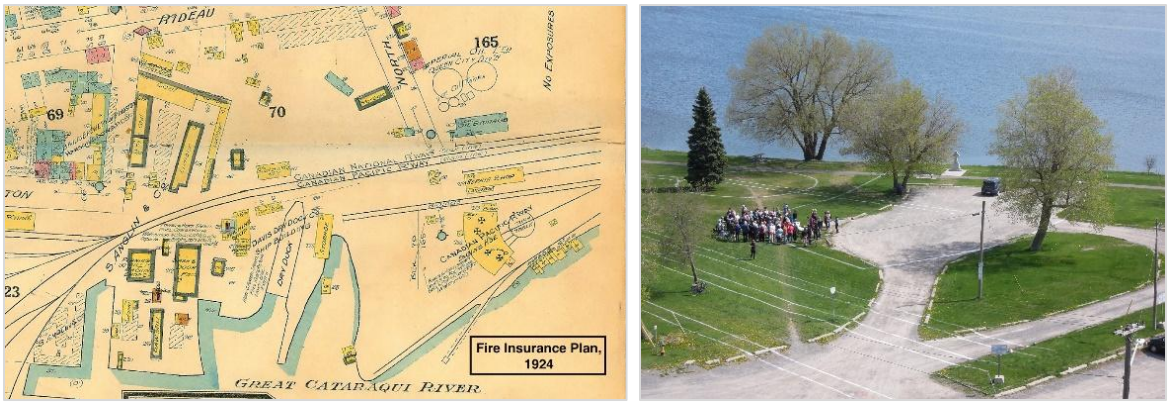
Vida social, Casal ~1930	Casal Louise e Art MacLean. Louise MacLean, era casada com Art (John Arthur) MacLean. Viviam em Montreal Juntos, mas Art estava na marina, e morreu no mar em 1942 no HMSC Spikenard, torpedeado durante a Batalha do Atlântico. Depois da morte de Art, Louise quedou com uma menina de oito anos, e teve que ficar em Kingston, para viver com sua mãe viúva Ema na casa que seu pai David Henry havia construído. Nunca voltou a casar-se. Trabalho em Bennett's e depois em Sullivan's Construction.	
Trajes típicos da época – 1944.	Foto de Louise na cima da escada. A foto procede de coleção pessoal de Marc Shaw. Apresenta a Louise (Henry) MacLean no médio, e seu filha Rose (a mãe de Marc). Foi tirada no alpendre traseiro de 114 James Street, perto de Patrick, com seus visitantes, as cunhadas de Louise de Montreal, Peggy e Sally MacLean. Neste contexto, Louise havia viuvado faz dos anos, por isso a atmosfera de angústia e preocupação com sua filha.	
Unir-se ao exército 1944	Foto de Bill. Viveu em John Street junto com sua família desde o século XIX. Se união ao exército em 1944 quando cumpriu os 18 anos, apesar que não queria deixar a sua mãe e pai. Fiz sua formação em Petawawa, sentindo muita saudade por sua família, pois era a primeira vez afastado de sua casa. Afortunadamente ele entrou depois que acabou a guerra e continuou vivendo com seus pães despois de casar-se. Compartia com seu filho o amor pela música. John trabalho em Alcan, mas como tocava a bateria, formou uma banda chamada The Brown Brothers. Seu filho herdo o amor pela música e apenas terminou a escola, se ganho a vida como musico professional até que se casou. Nunca se esquecera o legado de seu pai.	
Fernando Monte 1957	Foto de Fernando. Ele chegou desde a Ilha de San Miguel nas Azores em 1957, numa época na que havia solo 16 portugueses. Apesar de ser de uma família acomodada, ele trabalha como jornaleiro e não falava inglês. Chegou a Kingston para ganhar dinheiro e escapar da ditadura portuguesa, e ver si podia conseguir ajuda para seu filho maior que tinha pólio. Em 1969 trouxe a sua esposa e filhos de Azores a viver na 42 de Pine Street. Tempo depois se enfermou de câncer, e permaneceu vivo 11 meses depois. Seu filho que levava seu nome, cuido dele até sua morte. Fernando seu filho, realizou algumas películas, mais seu pai sempre se mostrou distante de seu trabalho.	

Claude Clement 1945	Foto (acima) aniversario de Claude 2016, e (abaixo) Placa sociedade de Kingston em Mcburney Park, 2008. Foi um modelo de participação cidadã e colaboro com o modelo de melhora da vizinhança. Se casou com Marie e quando enfermou, cuido dela até sua morte. Sua ama de chaves cuido dele, enquanto ele cuidava do monumento Mcburney Park, um antigo cemitério que fecho em 1864; de cuidar o arvore em homenagem a Marie que se encontrava ali mesmo. Não conseguiu morrer em sua casa como desejo, mas sua estancia no hospital, se produziu solo uns dias antes de sua morte em vésperas de ano novo. Claude se mudou a Balaclava Street, a princípios da guerra, quando seu pai chegou a Kingston a trabalhar. Se integro ao exército e viveu ao serviço na ferrovia à frente do pacifico em 1945. Marie também servia ao exército e foi ali onde se conheceram. Claude trabalho em Alcan toda sua vida. Foi um grande impulsor do projeto de Swamp Ward.	 
Garry Lavallee e hockey na região 1970	Garry tem o orgulho de haver recebido de mãos do treinador da NHL, Scotty Bowman, uns patines novos. Cresceu no bairro de moradas da época da guerra ao Norte de Concessão, desenvolvendo suas atividades nos campos perto de Alcan que se inundava em inverno para converter-se em pistas de gelo. Fiz parte da equipe de hockey juvenil Peterborough Petes. Patinou nos campos gelados como professional menor de hockey na Florida nos anos 70´s, até conduzir uma máquina Zamboni durante quase trinta anos no Wally Elmer Arena em Daly Street. Garry é uma história viva do hockey em Kingston. Cada inverno, ele patina sobre a pista do gelo do ajuntamento.	
Kevin e Silvia Blaney uma história de amor de 1974	Kevin e Silvia são um casal de mais de 40 anos, donos de uma cabeleireira e uma florista frente a sua casa na Montreal Street. Eles se conhecem desde que eram meninos, crescendo no bairro marginal entre Montreal e Raglan. O pai de Kevin, Earl J. Blaney, foi um dos cabeleireiros mais queridos de Swamp Ward. Sua primeira cita aconteceu quando tinham 13 anos, e foram ao Teatro Capital na Princes Street e caminharam por Skeleton Park. Se casaram 1m 1980, quando Kevin tinha 22 anos e Silvia 19. Ainda continuam vivendo na Montreal Street.	

Fonte: Swamp Ward And Inner Harbour History Proyect (2024), realizada pela autora com dados do documento.

Outras dinâmicas aconteceram em Swamp Ward na região do pântano, como o contrabando de licor, que gerou um ambiente de tensão, criando uma proibição total e restrições impostas em 1927, que indicava a compra de licor em tempos e lugares privados estabelecidos. A produção de licor de contrabando, surgiu como resposta a uma combinação de pressões, onde se exigia uma força laboral disciplinada com uma industrialização crescente, gerando um medo aos migrantes, a defesa dos direitos da mulher, ansiedade religiosa, entre outros fatores. Toda esta tensão, provocou a legalização do consumo em certos locais regulados, mas sem música, em 1934 (Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect, 2024).

Figura 120. Plano e recreação da ferrovia em Swamp Ward em Kingston, Ontário.



Fonte: Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect (2024).

Desta forma, até 1947, uma mulher só podia beber em público, acompanhada por um homem, entrando pela porta de damas e acompanhantes; e não se permitia beber em pé. Depois da implementação destes locais, os horários de abertura eram curtos, e até os 1980, não se podia comprar licor os domingos, sem pedir comida. Esta foi sem dúvidas, uma razão da expansão de um mercado de contrabandistas em Kingston, cujo centro se localizou na ferrovia e os portos.

Como um dos fatores contemporâneos de apropriação social histórica local mais enfáticos no bairro o Pântano, destaca-se as exposições fotográficas intituladas como '*Facing the Street*', expostas em espaços públicos onde foram tomadas em Swamp Ward, e Elm Café em 2018, dirigidas por Laura Murray (Figura 121). Na memória dos habitantes, repousam lugares antigos como The Cotton Mill – Molinho, a Escola Robert Merk, e os Almazens Chown Limited. The Cotton Mill – Molinho, um projeto industrial inglês, que em seu apogeu,

abrigou centenas de empregados, sendo dirigida pelos Hield Brothers de 1931 a 1966, produzindo-se desde tela cinza, até caqui da Primeira Guerra Mundial (Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect, 2024; The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Figura 121. Apropriação da memória histórica local em *Swamp Ward*.



Fonte: Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect (2024).

Não obstante, quando a grande depressão bateu em Kingston em 1929, a empresa fechou suas portas. Quando centenas de empregados ficaram sem emprego, a cidade de Kingston ofereceu incentivos a Hield Brothers, convertendo a produção da fábrica na produção de tecidos de lã penteada. Cinco anos mais tarde, a empresa tinha 150 empregados e 130 telhares, feito surpreendente, quando se considera a grande depressão pela que passava Kingston. Depois da Segunda Guerra Mundial, Hield Brothers continuou crescendo, pois, a demanda de lã para uniformes e mantas em tempos de guerra, a converteu numa indústria essencial, vestindo em 1940, à Real Força Canadense e outras ramas do exército (Figura 122) (Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect, 2024).

Os armazéns Chown Hardware localizavam-se o mais antigo em Bargot, onde se estão terminando os condomínios de Anna Lane, e o mais moderno de 1947 em Barrack, que recentemente albergava Queen's Printing Services. Os Chown dirigiram negócios relacionados com o hardware em Kingston desde 1845, sendo prosperou até 1968, gastando dinheiro em promoção e contratação de fotógrafos para documentar as instalações e seus trabalhadores. Esta empresa estreitamente relacionada com a fabricação de estanho e fundição, fabricaram e venderam as luminárias Chown, fabricadas despois de 1900, sendo utilizadas alguns dos desenhos das iluminarias Defiance, pelo que muitas vezes as confundiram com as iluminarias de DL&S (Figura 123) (Canadian Lantern History, 2024).

Figura 122. Fábrica de Algodão de Hield Brothers em 1905 em Kingston, Ontário.



Fonte: Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect (2024).

Ressaltando a identidade de Kingston encontramos entre seus habitantes, indígenas, africanos, gregos, judeus, chineses e várias coletividades que começaram a transformar o panorama sociocultural. A maioria de migrantes que chegaram a Canadá foram conhecidos como '*sojourner*', termo acunhado em 1882 pelo primeiro Ministro Sir John A. MacDonald. A comunidade china chegou ao Canadá em meados do século XIX atraídos pela *febre do ouro* do Rio Fraser na Columbia Britânica, e a construção da Ferrovia Canadian Pacific, enviando posteriormente o pagamento, a suas famílias em China. Os primeiros trabalhadores chinos registrados em Kingston, desempenharam ofícios em lavanderias, restaurantes, vendas chás, empregos vários e alguns ofícios tradicionais já pata 1941. Mesmo assim, antes da chegada da onda migratória, o primeiro chino que chegou à cidade, foi o conferencista Wong Chin Loo, em 1875 (The Corporation of the City of Kingston, 2024; Departament of Canadian Heritage, 2022).

A história de alguns africanos em Kingston também foi destacável, sobretudo desde 1780 até 1950, compreendendo o período de êxodo nos Estados Unidos durante a revolução americana (1776-1783), quando os escravos abandonaram aos rebeldes para unir-se aos britânicos, concedendo-lhes liberdade. Em 1793, o Alto Canadá (agora Ontário), se converteu no primeiro território britânico em promulgar a legislação contra a escravidão, entrando em vigor em 1834, a abolição em todas as colônias. Entre os primeiros africanos registrados se tem Joseph George, quem chegou a Kingston em 1842 procedente de

Pensilvânia, em qualidade de construtor e empreiteiro, vivendo na Wellington Street numa casa alquilada (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Figura 123. Armazéns Chown Hardware Warehouse em 1947 em Kingston, Ontário.



Fonte: Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect (2024).

Tempo depois George foi proprietário de sua própria casa, e outra que alugava, convertendo-se para 1860, em sócio da empresa Smith & George, como moleiros e distribuidores de farinha; dissolvendo e vendendo seu negócio em 1866. Depois, George se associo na C. Mee & Co que se dedicava à fabricação de instrumentos musicais, ganhando na Feria Central de 1875, o primeiro prêmio por seu *harmonium* e *melodeon*. Para a exposição do centenário de Filadélfia de 1876, a companhia apresentou dois instrumentos patenteados sendo novamente ganhadores (Departament of Canadian Heritage, 2022).

Entre a comunidade africana de Kingston, também se destacou o primeiro empresário negro William Johnson, que depois de mudar-se Ohio ao redor de 1826, se converteu em barbeiro e cabelereiro de êxito; o construtor Solomon Cartwrigh (1804-1845), advogado, juiz, banqueiro e membro da Assembleia Legislativa do Alto Canadá, e seu pai Joseph Cartwrigh um leal comprometido que se desempenho como secretario dos Rangers de John Butler, associando-se depois como comerciante. O casal James e Maria Elder, os primeiros que operaram com êxito um negócio nos inícios de Kingston em 1832; o acompanhante do capitão Johan Yost Herkimer, George Mink que se involucrou em negócios de aluguel de taxis e carruagens na década de 1830, transportando posteriormente o correio (Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect, 2024; The Corporation of the City of Kingston, 2024).

O casal Harriet Powell e Henry Kelly, uma empregada doméstica que se escapou conseguindo sua liberdade em Kingston e que se casou posteriormente com o musico Henry em 1840; o famoso fabricante de cadeiras William *'Jerry'* Henry, de 1817 até 1857, sendo escravo fugitivo e materializando-se sua história num monumento em Siracusa; o primeiro estudante negro em Queen's College, Robert Sutherland em 1849, onde ganhou 14 prêmios acadêmicos, sendo o primeiro advogado negro em Canadá, entre outros (Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect, 2024).

Destaca-se a contribuição das comunidades gregas em Kingston, desde princípios do século XX, conformados por unas poucas famílias; recebendo o estatuto de comunidade grega local, até 1960. Muitos eram donos de restaurantes, sorveterias, e barracas de doces localizadas na Princess Street, na década de 1920 e 1930 (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Após a Segunda Guerra Mundial, uma grande quantidade de gregos migrou a Kingston, aumentando-se a população de 1950 a 1960. Muitos chegaram a ter negócios próprios e fundaram a Igreja Batista em 1963, transformando-se posteriormente em ortodoxa, na 121 de Johnson Street. Atualmente a comunidade composta de aproximadamente 300 famílias, sendo uma das primeiras famílias empresariais gregas de Kingston, os Zakos dedicados à venda de fruta, e os Sakell que aperturarm negócios de sorveterias e restaurantes; todas dois emparentadas entre si, sendo primos irmãos entre eles (Figura 124) (Departament os Canadian Heritage, 2022).

Por outro lado, a comunidade Judia que chegou a Kingston aportou no fortalecimento social, registrando-se o primeiro judeu Abraham Nordheimer de Baviera. Abraham foi contratado como professor de música para o governador, Sir Charles Bagot, no entanto aos poucos anos, se foi a Toronto para reunir-se com seu irmão e fabricar pianos, ajudando pela congregação judia e instaurando seu próprio cimenteiro. A sociedade funerária foi das primeiras instituições que se conformaram os judeus, garantindo um enterro adequado para os familiares da região. Os judeus cresceram demograficamente ao ponto que hoje, a maioria de habitantes de Kingston são descendentes, destacando-se em ocupações como comerciante de objetos de segunda mão, sucata, roupas, moveis, madeira e metais, integrando-se plenamente (Departament of Canadian Heritage, 2002).

Figura 124. Foto da reunião familiar das famílias gregas Sakell e Zakos, em Kingston.



Fonte: Department of Canadian Heritage (2022).

A juventude de Kingston, no início do século XX, também participou das comunidades criativas de expressão cultural, na rebelião e manifestação artística que se espalhou na procura da identidade canadense. Os estudantes secundários da Plymount Square escreveram poemas, textos, cartões, pôster e comunicados, expressando sua consciência sobre a Guerra de Vietnam; criticando a morte como um negócio, frente à complexidade de passar na história, como uma geração de violência (The Corporation of the City of Kingston, 2024). Para a época, a crítica à paisagem político, cultural e social se expressava todo o tempo, em eventos musicais, nos concertos de *blues*, anúncios das noites de entretenimento e recitais de poesias (Figura 125) (Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect, 2024).

A recuperação da memória histórica na cidade é um legado que vem se fortalecendo com os jovens, a narrativa histórica das pessoas maiores e a documentação de arquivo registrado ao longo dos anos. Todo este panorama se desenvolve considerando que hoje, um de cada seis canadenses, tem mais de 65 anos; representando 18% e continua crescendo. Em 2011 se implementou o Plano Amigável Com Pessoas Maiores na Cidade, centrando-se em programas, serviços e instalações municipais, que tentam garantir e satisfazer as necessidades da comunidade. Em 2015 se formou a Aliança Comunitária de Kingston Amigo das pessoas maiores – AFKCA, que continuou com o trabalho desenvolvido (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Figura 125. Expressões culturais dos jovens na época do 1970 em Kingston.



Fonte: Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect (2024).

Entre os tópicos mais trabalhados ao redor das comunidades de envelhecimento, se encontram iniciativas como: ‘Queremos permanecer em nossas casas’, ‘Queremos participar ativamente em nossa comunidade’, ‘Queremos saber que está passando e onde conseguir ajuda quando se necessite’, ‘Queremos ser respeitados’ (Figura 126) (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Figura 126. Comunidades envelhecendo em Kingston, manifestações.



Fonte: The Corporation of the City of Kingston (2024); Direita, Senior Association (2024).

Dentro das iniciativas de ficar em casa, o distrito tem a abertura de um crédito fiscal para pessoas idosas, recebendo um ingresso garantido; e um programa de prorrogação de impostos. Iniciativas como as ajudas e o acompanhamento em domicílio, resulta para estabelecer uma empatia enquanto pode-se estabelecer programas de apoio que colaboram desde o mantimento, companheiros de leitura, grupos de fotografia, até as compras e tarefas da casa. Entre os apoios comunitários, de fato se estabeleceu uma linha telefônica as 24 horas, para que solicitem alguma atenção urgente (The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Estas iniciativas têm se fortalecido, com programas de envelhecimento ativo, nos quais o distrito participa sobretudo na área metropolitana, destacando-se a assistência aos centros aquáticos, o centro fitness, cursos e aprendizado nas artes. A Associação de maiores da região de Kingston promove atividades de socialização, deporte, estimulação mental e de alimentação saudável; seu centro se localiza na 56 Francis Street, e recebem todo tipo de ajudas e voluntários (Senior Association, 2024).

Atualmente, as famílias para rememorar a seus seres queridos, fazem pagamento de uma placa por motivo de sua morte, nascimento, homenagem ou aniversario, que se comemora simbolicamente nas cadeiras de um parque público, ou um arvore, que se pode plantar ajudando a reduzir as emissões locais de efeito de estufa. Tais iniciativas são administradas pela cidade, e se apoiam nos programas de Cadeiras Comemorativas municipais e a Divisão Florestal, que permite receber solicitações e gerenciar as locações. As cadeiras contam com prazos de permanência entre 10 e 20 anos, com possibilidade de renovação. Algumas cadeiras comemorativas, instaladas antes da implementação da política do 2013, foram herdadas por quase 40 anos, a partir da data de instalação inicial. As árvores pelo contrário, podem ser localizados em parques naturais ou arborizados, avaliando os problemas de infraestrutura e segurança, escolhendo entre espécies nativas ou autóctones. Esta iniciativa fomenta o interesse pela preservação da memória e a identidade cultural (Figura 127) (Senior Association, 2024; The Corporation of the City of Kingston, 2024).

Kingston também conta com obituários que podem ser estudados, registrando-se neles informação sobre os antigos habitantes, e seu legado. Atualmente, nos territórios canadenses se leva uma reconfiguração e restauração dos fatos que contemplam a memória histórica dos povos e comunidades culturais em todo o território; a reparação frente ao

reconhecimento de seus direitos como atores vivos, tem sido talvez um dos maiores logros nas últimas décadas. Mesmo assim, ainda fica por reparar, o discurso da estabilidade política e a continua negação do colonialismo que se perpetua no imaginário de Canadá como ‘território desenvolvido’ e ‘regime estável’ (Henderson e Wakeham, 2009).

Figura 127. Memoriais e comemorações em Kingston, Ontário.



Fonte: The Corporation of the City of Kingston (2024).

A cidade se encaminha à era da tecnologização; nesta rota, os métodos que se tem implementado para gerar espaços de cortesia histórica frente aos habitantes e suas contribuições, se tem ampliado consideravelmente. Os usos tecnológicos não só, no registro de obituários em tempo real, senão também nas consignas, placas e árvores que se plantam como homenagem aos cidadãos que tem formado parte da cidade, contribuem a fortalecer os laços sociais e culturais da identidade *kingstoniana.* Estas novas ferramentas informáticas, sociais e de divulgação, permitem a apropriação histórica da cidade, incluindo para aqueles cidadãos que já não fazem de Kingston; mas que nasceram e viveram longo tempo antes de incorporar-se a um novo território (Yu, Ling, e Fong, 2019).



Parque Cayzedo, Santiago de Cali, Colombia 1970. Fotografia Biblioteca Virtual Banco de la Republica

Capítulo III. O Surgimento de cidades industriais na América

Nas últimas décadas do século XIX, a sociedade industrial nos territórios da América Latina, se fez sentir sobre as cidades mais ativas economicamente da região (Figura 128). Estas iniciativas forçaram o desenvolvimento heterônomo, até ser incluídas plenamente, no sistema econômico de um mundo capitalista que cada vez mais, se voltava às políticas imperialistas. As burguesias locais aceitaram esta ideologia, procurando manter o poder de forma autônoma, espalhando ainda mais, a brecha da desigualdade, sobretudo nos territórios empobrecidos. O êxito das ideias de progresso, se materializou finalmente, no estrangulamento do mundo rural, e alguns fatores sociais que operavam tradicionalmente (Romero, 2008; Segre, 1996), levando a criar assim, divisões que se transformaram depois, em fortes movimentações de resistência social, econômica e política.

O progresso neoliberal em toda Iberoamérica, alterou as relações étnicas, sociais e políticas, que multiplicaram o crescimento demográfico, e incrementaram a segregação por classes, ideologias e culturas. Quando aconteceu o impacto da crise financeira de 1929, este fato, precipitou os câmbios na região, dando começo ao processo de metropolização das cidades ativas mais importantes da América Latina; o que implicou, uma série de contrariedades ao redor do desenvolvimento do mundo rural e sua permanência dentro do regime colonial (Romero, 2008). Em outras palavras, a acelerada tecnificação dos países Ibero-americanos, gestada por suas elites e governantes; desencadeou vários movimentos de resistência que até hoje, lutam por reconstruir desde seus próprios processos históricos, uma identidade que incluía ao desenvolvimento econômico, mas sem devastar seu território.

Estes processos de resistência, se gestaram mais fortemente na região, quando iniciaram os processos de urbanização, alterando a economia e a demografia, que inicio de forma acelerada em 1900 na Argentina e Uruguai, e em menor grau em Cuba e Chile; sendo estes os primeiros países, comparáveis naquela época, com os processos de industrialização global. Esta etapa, também entrou num processo de negação rural, sobretudo das *formas de vida rural*, agudizando no encantamento do mundo moderno uma crise insustentável de recursos. Esta ideia atraiu a centenas de migrantes, procurando melhorar suas condições, terminaram por empobrecer-se ainda mais na urbe, quando foram rejeitados pela estratificarão social de classes (Romero, 2008), ou as segregações socioculturais. Nos

imaginários das urbes prósperas, a princípios do século XX, podia encontrar-se que a maioria da população das regiões, estava concentrada nas cidades. De fato, para aqueles que foram aceitos no projeto modernizador, seus papéis oscilavam entre atividades financeiras ou a construção das econômicas de formação do capital nacional (Segre, 1996).

Figura 128. Principais recursos y produtos de Centro e Sul América.



Fonte: Bulmer-Thomas (2017, p. 17).

Nesta lógica, outros países da região, começaram o projeto urbanizador a partir da crise de 1930; quando estratégias de desenvolvimento, implementadas por seus governantes, mobilizaram importantes grupos rurais, e os deslocaram às cidades, como aconteceu no caso de México, Venezuela, Colômbia, Panamá, Peru e Brasil; convertendo estas regiões para 1970, nos países mais urbanizados da região. Paralelamente, o fenômeno de urbanização também se produziu de forma lenta em outros territórios como Equador, Nicarágua, El Salvador, Republica Dominicana, Paraguai, Bolívia, Costa Rica, Guatemala, Honduras e

Haiti, continuando com a tendência de concentrar a urbanização, nas principais cidades de cada país, com algumas exceções (Segre, 1996). A colonização dos espaços urbanos, seguiu sempre estes delineamentos, incluindo algumas urbes cresceram tanto na área de influência, que se converteram em megalópoles.

Esta ideologia, que alguns pensadores chamaram de *neoliberal*, fortaleceu o mito ideológico das cidades globais, que pretendiam impor um padrão de homogeneização, frente à acumulação do capital e o domínio das economias mais fracas. Estes impactaram no desenvolvimento dos países ibero-americanos, acentuando ainda mais as diferenças em seus territórios e a sociedade que estavam construindo. A classe social, a economia, a procedência familiar, a cultura e até o gênero, se converteram num aspecto relevante para saber ao espaço se fazia parte ou se excluía (Cobos, 2014). Este padrão se manifestou de forma similar nas regiões do Norte, excluindo a trabalhadores, mulheres ou migrantes para certos ofícios e acessos aos recursos públicos. A resistência dos povos do Sul, se converteu na manifestação direta da identidade cultural, sendo precisamente suas grandes revoluções e caudilhos afamados, das mais representativas do território.

Os movimentos e revoluções em sua maioria ibero-americanas, suscitaram pelas desigualdades. De fato, o incremento nas demandas de importação das classes mais ricas que apeteciam variados produtos ingleses e francês, como alfombras, louças, telhas, rendas, adornos, prendas de vestir, vinhos, aceites e doces; desmoralizou aos mais pobres, que não podiam acessar aos privilégios, criando uma consciência de classe. Quando as elites e ricos locais ficaram obcecadas com a moda europeia, ou o acesso a produtos de luxo, promoveram uma corrente comercial cada vez mais dependente das econômicas estrangeiras (Romero, 2008). A aquisição de instrumentos, ferramentas e máquinas, também espalhou sua dinâmica consumista, marcando assim, a rota de dependência e produtiva da região.

Todos os processos de urbanização, que precederam à industrialização, alteraram as dinâmicas sociais, políticas, econômicas e culturais da maioria dos países ibero-americanos. Este fato foi notório, sobretudo nos últimos trinta anos, onde algumas áreas metropolitanas experimentaram crescimentos rápidos, como no caso de São Paulo e México, quase cinco vezes mais; Lima, Bogotá e Caracas, quase seis vezes; e Cali e Fortaleza, quase sete vezes mais da meia; o que explicaria o rápido processo de transformação, a demanda de novos

empregos, casas, serviços urbanos, escolas e hospitais. Esta aceleração urbana, que disparou o crescimento demográfico; provocou uma escassez alarmante nas políticas públicas de urbanização, e o planejamento por parte do Estado, para fomentar estratégias solidas de organização em cada país. Este desbalanço, sobrecarregou a capacidade das cidades, disparando-se a pobreza, a desigualdade e a falta de oportunidades, para aqueles que procuravam na urbe, uma nova qualidade de vida (Romero, 2008; Segre, 1996).

Em início do século XX, este panorama de segregação social foi tangível na América Latina, passando de 275 milhões, a 367.9 milhões de habitantes; gerando para 1970, um déficit de casas rurais e urbanas aproximadamente entre 27 e 30 milhões de unidades. No século XXI, passou de 149.6 a 223.3 milhões, incorporando-se 7.3 milhões de novos habitantes urbanos, todos os anos, durante os próximos dez anos. Calcula-se que na América Latina, a quantidade de habitantes oscile entre 638 e 756 milhões (Segre, 1996).

De cara ao capitalismo incipiente, as regiões ibero-americanas tomaram decisões controladas, ainda pela burguesia tradicional reduzida que dominava as regiões. Este tipo de elites ineficazes, aliadas e condescendentes aos grandes interesses mercantis, criaram uma situação difusa; porque apesar dos territórios experimentaram um crescimento econômico razoável durante décadas; as enormes desigualdades internas existentes, agravaram o crescimento econômico, beneficiando seus governantes e aliados (Trujillo e Da Costa Braga, 2013; Romero 2006).

Esta divisão abriu passo ao surgimento das classes sociais, que terminaram fraturando a convivência e o *pensamento humanista* que se construiu como projeto nacionalista de educação, na nascente república do século XIX. No marco dos processos de modernização, disciplinas liberais como a engenharia, o direito e a medicina, foram as áreas mais consagradas da República, materializando-se a construção de pontes, caminhos, vias férreas, e seu legislação; ao igual que a ‘melhora da qualidade de vida’, próxima ao bem-estar de uma prosperidade limitada. Esta complexa rede de interesses, trouxe crises no conhecimento das artes, das ciências, da tecnologia e das crenças, contra as que se começava a cimentar a ideia do homem moderno Latino-americano (Trujillo e Da Costa Braga, 2013).

A toda marcha começou então, um colonialismo ideológico e intelectual previamente aceitado pelas elites, que se abriu passo na região. Dita eventualidade ocasionada pela

natureza capitalista, e a necessidade de inclusão dentro do padrão neoliberal, despertou a crises que fora da desvantajosa negociação, se olharam como sujeitos irreconciliáveis, encontrando: a) diferenças nas relações de dominação; b) disparidade nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais; c) papéis ativos das classes sociais colonizadas e dominantes; d) temporalidade nos processos e outras sociedades; e, e) diferenças geográficas, ambientais e territoriais (Cobos, 2014; Serge, 1996) que não contribuíam à construção de uma melhor qualidade de vida, senão à fratura de suas próprias misérias. O ambiente popular, neste sentido foi tacitamente construído, e elevado ao plano cultural, onde a manifestação artística encontrou seu maior expressionismo.

Em finais do século XX, as expressões modernas da arquitetura emancipadora de 1970 se disseminaram de forma mais acelerada, no campo do desenho industrial. Na região, a influência da arquitetura europeia e norte-americana que se replicou quase de forma similar em todos os países da América Latina, abandonou os valores clássicos, e se concentrou em exacerbar os novos padrões do projeto moderno (Trujillo e Da Costa Braga, 2013). Na cidade de Cali, na Colômbia o deterioramento físico e funcional do centro histórico, produto da gentrificação e a renovação constante por alcançar as expectativas do projeto moderno, terminaram por arruinar o legado tradicional. Esta transformação, é uma evidencia da contradição do modelo progressista, pois produto da estratégia do desenvolvimento econômico, a estratégia de acumulação, arruinou o legado (Martinez, 2014).

As cidades latino-americanas, cresceram em meio da inversão pública e privada, de forma limitada em alguns casos, e sem coordenação, o que gerou uma continua briga por assemelhar-se e complementar-se ao som das vanguardas modernas (Romero, 2008). Esta política de urbanização extensiva e limitada ao mesmo tempo, se executou misturando os problemas rurais e urbanos, o controle de uma terra fragmentada; a especulação dos aluguéis na urbe; a modernização da indústria da construção, sem considerar os legados históricos num princípio; e as inversões públicas descoordenadas, que fomentaram o crescimento da Metropolis em algumas zonas, e em outras o abandono (Segre, 1996).

Em todos os países da região, o incremento da população urbana foi significativo. Este fato se deu em grande parte, às migrações internas das pessoas da zona rural à urbe; seguindo a filosofia do desenvolvimento regional de *laissez-faire*, e o favorecimento das

áreas reduzidas, onde se concentravam as inversões em indústrias e serviços. Nos países em vias de desenvolvimento, o fenômeno da metropolização, foi um reflexo da centralização de poder e a concentração econômica mais forte a nível nacional (Segre, 1996). Mesmo assim, em algumas cidades, o crescimento foi lento, ou não se deu em sua totalidade; pois respondendo a um modelo clássico, seguiram perpetuando-se economias tradicionais, que mostravam, uma debilidade espontânea no mercado.

Por outro lado, os investimentos econômicos foram condicionados, comprometendo a autonomia dos territórios. Dito condicionamento, terminou aceitando todas as demandas dos investidores, e condicionando as dinâmicas internas dos países necessitados de capital. Os bancos internacionais foram dos primeiros pontos condicionadoras entre o fluxo de capital e a execução dos recursos de empréstimo. Desta forma, em 1882, se fundou em Río de Janeiro, o Banco de Londres e Brasil; em 1863, o Banco de Londres e Rio de la Prata, em Buenos Aires; e em 1864, o Bank of London and South América, em México (Romero, 2008), e outros com interesse específico em várias cidades latino-americanas.

Este tipo de comportamento, no que os investidores colocavam suas ganâncias, por cima incluindo dos benefícios da região, recrudesceu ainda mais, o fenômeno de desigualdade e miséria, na população local e o território nacional:

> Pouco a pouco aparecia o primeiro esboço de cidade industrial, com seus fábricas incipientes, com seus talheres tipográficos as ferrovias, ou simplesmente de reparações de maquinaria, com suas usinas de gás, em as que começavam a verse os velhos artesãos, mesclados com m incipiente proletariado industrial. E embora se insinuaram alguns movimentos trabalhistas em algumas cidades, o novo estrato social não chegou a construir por então uma força importante.
>
> Pelo demais, predominava um sentimento generalizado de que o importante para o artesão e o trabalhador, era lograr seu próprio crescimento social [...] qualquer esforço parecia justificado por esta condição [...] não faltava um vasto setor popular sumido na rutina por falta de iniciativa ou, mais frequentemente, pelo desalento causado pela miséria. Os pobres esbanjadores não solos chamaram a atenção de quanto viageiro percorreu Latino América por esta época, senão também, a de os cidadãos, que os contemplavam cada dia; e no relato de viagens, no artigo de costumes ou nos gravados, aquarelas e desenhos, permaneceu testemunhado a presença deste grupo que formava a sustância mais densa das cidades (Romero, 2008, p. 190- 192).[43]

[43] Minha tradução. Texto original: "Poco a poco aparecía el primer esbozo de la ciudad industrial, con sus fábricas incipientes, con sus talleres tipográficos o ferroviarios o simplemente de reparaciones de maquinaria, con sus usinas de gas, en las que comenzaban a verse los viejos artesanos mezclados con un incipiente proletariado industrial. Y aunque se insinuaron algunos movimientos obreros en algunas ciudades, el nuevo estrato social no llegó a constituir por entonces una fuerza importante.
Por lo demás, predominaba un sentimiento generalizado de que lo importante para el artesano y el obrero era lograr su propio ascenso social […] cualquier esfuerzo parecía justificado por esta condición […] No faltaba un vasto sector popular sumido en la rutina por falta de iniciativa o, más frecuentemente, por el desaliento causado por la miseria. Los pobres perdularios no sólo llamaron la atención de cuanto viajero recorrió Latinoamérica por esta época, sino también la de los ciudadanos que los contemplaban cada día; y en el relato de viajes, en el artigo de costumbres o en los grabados, acuarelas y dibujos quedó testimoniada la presencia de este grupo que formaba la sustancia más densa de las ciudades" (Romero, 2008, p. 190-192).

Os registros históricos mostram que alguns investidores estrangeiros, fundaram suas próprias famílias *latifundiárias* na região, assentando-se com projetos e negócios, que emergiram como indústrias, na transformação radical, das dinâmicas econômicas (Romero, 2008). Em cidades como Kingston, Cali, *e* Bogotá alguns estabelecimentos comerciais, foram propriedade de indivíduos estrangeiros. Estas manifestações produto da onda industrial, transformou a tradição, e tiveram um grande impacto na vida cotidiana de seus moradores. A construção de estradas, pontes, ruas, e ferrovias, que fez mais fácil o transporte de produtos em finais do século XX, também mobilizou novos materiais de construção, que mudaram a estética e arquitetura das cidades (Ver Apêndice Y) (Low, 2005).

Este fenômeno progressista e de matiz econômica, experimentou um duplo revés socioeconômico, no incrementou de ocupações ilegais em várias zonas urbanas (Romero, 2008). Em outras palavras, os pobres que migravam à cidade, encontraram condições precárias e restritas, no que alguns conseguiram sobreviver com seus empregos, enquanto outros, se tornaram ainda muito mais pobres. As oportunidades do mundo industrializado, foram unicamente para alguns; e como efeito colateral, estas dinâmicas deram passo à criação de subúrbios e assentamentos populares, que foram distintivos do fenômeno de precariedade urbana. Estes subúrbios se estenderam, ao ponto que no centro das cidades latino-americanas onde viviam as elites, estas se mudaram a novas zonas mais acomodadas; afastando-se por estereótipos comerciais, de pobreza na zona ou por falta de seguridade.

Este fato, levou à classificação urbana de classes sociais, também ao interior das cidades (Low, 2005). Neste sentido, os bairros pobres, classe média e ricos, se definiram claramente; de forma que as pessoas criaram imaginários nos limites das traçados urbanos, que fortaleciam ou estigmatizavam as condições, características e o valor das propriedades. Este tipo de dinâmicas, trouxe consequências negativas; pois no caso de cidades como Cali, a perda e deterioramento das estruturas arquitetônicas construídas historicamente, deixou um valor incalculável; quando o centro se converteu num reservatório de moradias de classe média e pobre, onde a expansão comercial, se desbordou incomensuravelmente. Quando Cali começou a aderir-se ao modelo industrial, foi inevitável, a demolição e construção de novos edifícios. Rejeitar o modelo tradicional, e incorporasse ao fluxo progressista, foi um preço demasiado alto que pagou Cali, substituindo seu legado arquitetônico e histórico, por fragmentos espalhados de uma sociedade moderna.

O *efeito bumerangue* destas dinâmicas, gerou também que em cidades como São Paulo, as indústrias têxteis, propriedade dos mais ricos, que já haviam surgido para 1872, pudessem instalar ao interior do Estado, fazendas e residências, que foram abrindo caminhos de consolidação urbana (Romero, 2006). Em outras palavras, o fenômeno de industrialização, se converteu na escusa perfeita para colonizar outras locações. Esta nova estratégia fisionômica de *urbe industrial*, determinou inconscientemente, a posição de estradas, caminhos, ferrovias, pontes, praças, moradias e várias instituições, ao ponto que foi possível em alguns casos, analisar este tipo de dinâmica, como uma segunda fundação da cidade.

Esta tendência de expansão urbana, se converteu numa moda, que as sociedades incorporaram, frente às formas que já estavam consolidadas e popularizadas na Europa, ao calor do desenvolvimento industrial e econômico das primeiras metrópoles. A influência dos modelos europeus e norte-americanos, ao Centro e ao Sul do continente, se perpetuou nos imaginários de uma região que estava afastada da historicidade progressista. Em finais do século XX, os Estados Unidos começaram estabelecer em várias regiões ibero-americanas, um controle e execução de suas próprias políticas; manipulando e ocupando territórios, com consentimento estatal. A exportação de produtos e o investimento econômico, se converteu novamente, numa dinâmica condicionada (Ver Apêndice Z). A perda do Canal de Panamá na Colômbia, pela intervenção norte-americana, foi uma das principais provas deste fato (Romero, 2006).

A intromissão estrangeira interferiu nas decisões soberanas dos países ibero-americanos, com consentimento para aderir-se ao modelo industrial (Romero, 2006). De fato, em pleno século XXI, dita intromissão persiste, em países como Cuba, que terminou cercado economicamente pela Revolução cubana e sua adesão política ao socialismo; Venezuela, que terminou bloqueado, pelo paradigma político e econômico de estabelecer suas próprias fontes de recursos nacionais; Haiti, que se mantem na miséria pela negociação com as elites mulatas para benefícios uns poucos; entre outros. O fenômeno de intervenção por parte das regiões do Norte, também é herança dos países europeus que someteram territórios em África e Asia, para veneficar-se comercialmente.

A expansão das ideias de progresso aos países capitalistas ao Sul, provocou que os programas de industrialização se desenvolvessem, iniciando um intervencionismo capitalista

(Ver Apêndice AA). As importações de bens industriais, por produtos nacionais entre 1930 e 1990, fomentou um potencial agrário limitado. Na Argentina se gerou uma *industrialização substitutiva*, que dependia diretamente da demanda interna; no Brasil, cujas indústrias automobilísticas dependiam do volume especifico de pedidos. Igualmente, esta dependência da "prosperidade econômica", alcançou até países como Peru, cujo volume de produção era condicionado pelo funcionamento de seis plantas de montagem de autos (Esser, 1993).

Esta integralização econômica e superficial, para aperfeiçoar os setores, e acelerar a atividade comercial, também aumentou a pressão, que gerou mais endividamento e pobreza nos territórios. A presença do capital estrangeiro, especialmente, o investimento Norte-americano, ocasionou uma forte dependência econômica (Romero, 2006). As expectativas de industrialização, foram tão grandes; que se pretendia superar ao subdesenvolvimento, a qualquer custo, deixando de lado as verdadeiras capacidades das regiões. Este fato, trouxe consequências, que se materializaram em movimentos sociais, em regiões, incapazes de superar a vinculação externa; gerando uma crise de resistência frente à execução dos imaginários modernos (Rougier, 2013).

A legitimação do fenômeno de desenvolvimento econômico e da industrialização, esteve respaldada na região, pela Comissão Econômica para América Latina e o Caribe – CEPAL, fundada a princípios do século XX em 1948. Politicamente, se considerava como um componente fundamental, o progresso econômico equitativo ao longo prazo, a pensar que em alguns territórios não existia uma política industrial coerente, de competência nacional. Em meados dos anos 1970, após meio século de industrialização, países como Argentina, Brasil e México, ainda não logravam superar a capacidade de importação, e mantinham uma insuficiência na produção dos recursos básicos, de lidar com uma forte instabilidade política. Esta foi uma das razoes para repensar e questionar, a crença da industrialização, como uma chave para o desenvolvimento (Rougier, 2013).

De fato, Wythe (1937) assinala três períodos diferentes no desenvolvimento industrial das repúblicas latino-americanas: a) de 1880 aproximadamente até 1914; b) o período da Guerra Mundial e os anos seguintes; e c) de 1931 até nossos dias. Nas palavras de Whyte:

> A indústria de tipo fábrica, toma carta de naturalização em Hispano América até o último quarto de século XIX, pois a existência de grandes estabelecimentos antes de 1880, pode considerar-se como excepcional e com fins experimentais. O período de 1875 a 1885, foi

> um período de gradual cimentação política e de rápida construção de ferrovias nos quatro ou cinco países principais países latino-americanos. [...] A expansão da indústria nos Estados Unidos e na Europa, creu uma considerável demanda de produtos alimentícios e de matérias primas que tanto Centro como Sul América estavam bem-preparadas para abastecer [...] Vários dos principais estabelecimentos industriais que operam até agora em Latino Américas se fundaram durante o período de 1895 a 1910. O negócio da refrigeração de carnes, na Argentina, aparece durante este período. Vários frigoríficos haviam sido estabelecidos entre 1882 e 1886, mas a exportação de carnes refrigeradas não adquire importância senão até 1900. Os moinhos de farinhas recebem um grande impulso depois de 1901, quando o Porto de Buenos Aires foi construído e os moinhos e os elevadores de grão, foram estabelecidos nas terras ribeirinhas del Plata. Argentina se coloca em primeiro lugar na fabricação de sapatos, realizando um rápido progresso, especialmente em 1902, quando uma fábrica americana, estabeleceu uma sucursal em Buenos Aires.
>
> Os principais desenvolvimentos industriais de Brasil e México durante este período foram no campo da indústria têxtil. Ao princípio México se colocou em primeiro lugar, mas a partir de 1910, Brasil tomou a dianteira em forma muito apreciável. As principais fábricas de fio e tecidos de algodão e lã, se estabeleceram aproximadamente, em finais do século passado. [...] No Villa do Mar, Chile, se estabeleceu uma planta refrigeradora de açúcar em 1871, e nos últimos dez anos do século passado, a indústria farinheira foi reequipada com maquinaria moderna. [...] No Cuba, indústria farinheira foi revolucionada durante os anos de 1878 e 1898. Antes desta data, o açúcar era principalmente um produto agrícola; mas a necessidade de maiores quantidades de capital, trouxe como consequência a divisão de trabalho e a separação dos aspetos agrícolas e industrial desta indústria (Wythe, 1937, p. 101-104).[44]

Na organização do mundo industrial, as zonas rurais latino-americanas foram projetadas empresarialmente, de forma que se procurava que os países produziram mais café, cana de açúcar, cereais, lãs, carnes para o consumo, caucho ou salitre (Romero, 2006). Desta forma, os primeiros investidores estrangeiros dominaram a estrutura de intermediários e fortaleceram o sistema de exploração regional. As elites tradicionais apaixonadas pela crescente tendência de imitar as formas de vida europeias, deixaram de lado o estilo provincial e adaptaram outros marcados pelo auge econômico e social (Wythe, 1937).

Na Colômbia, a cidade de Medellín fundada em 1675 e promovida industrialmente por Pedro Nel Ospina; consolidou a indústria têxtil à que se somaram depois outras, como a

[44] Minha Tradução. Texto original: "La industria del tipo de fabrica toma carta de naturalización en Hispanoamérica hasta el último cuarto del siglo XIX, pues la existencia de grandes establecimientos antes de 1880, puede considerarse como excepcional y con fines experimentales. El periodo de 1875 a 1885 fue un periodo de gradual cimentación política y de rápida construcción de ferrocarriles en los cuatro o cinco principales países latinoamericanos. […] La expansión de la industria en los Estados Unidos y en Europa creo una considerable demanda de productos alimenticios y de materias primas que tanto Centro como Suramérica; estaban bien preparadas para abastecer […] Varios de los principales establecimientos industriales que operan ahora en Latinoamérica se fundaron durante el periodo de 1985 a 1910. El negocio de la refrigeración de carnes, en Argentina, aparece durante ese periodo. Varios frigoríficos habían sido establecidos entre 1882 y 1886, pero la exportación de carnes refrigeradas no ad quiere importancia sino hasta después de 1900. Los molinos de harinas reciben un gran impulso después de 1901, cuando el puerto de Buenos Aires fue construido y los molinos y los elevadores de granos fueron establecidos en las tierras ribereñas del Plata. Argentina se coloca en primer lugar en la fabricación de zapatos realizando un rápido progreso, especialmente a partir de 1902, cuando una fábrica americana de zapatos estableció una sucursal en Buenos Aires.

Los principales desarrollos industriales de Brasil e México durante este periodo fueron en el campo de la industria textil. Al principio, México se colocó en primer lugar; pero a partir de 1910, el Brasil le tomó la delantera en forma muy apreciable. Las principales fábricas de hilados y tejidos de algodón y de lana se establecieron, aproximadamente, a fines del siglo pasado. […] En Villa del Mar, Chile se estableció una planta refinadora de azúcar en 1871, y en los últimos diez años del siglo pasado, la industria harinera fue reequipada con maquinaria moderna. […] En Cuba, la industria azucarera fue revolucionada durante los años de 1878 a 1879. Antes Desta fecha, el azúcar era principalmente un producto agrícola; pero la necesidad de mayores cantidades de capital, trajo como consecuencia la división del trabajo y la separación de los aspectos agrícola e industrial de esa industria" (Wythe, 1937, p. 101-104).

indústria de cerveja, vidro, chocolate e lousa. Estas iniciativas, ativaram e transformaram o setor social e comercial da região, prevalecendo um novo estilo de *vida cotidiana*. A burguesia do mundo industrial foi aparecendo assim, como um novo setor de classe popular: o *proletariado industrial*, não muito numeroso, mas de fisionomia social, bem definida (Romero, 2006).

Romero (2006) se refere, nestes termos:

> Em alguns países, se reclutou preferentemente entre os setores de migrantes estrangeiros, mas em outros ingressaram ao nascente proletariado industrial, trabalhadores nacionais, geralmente, mestiços, negros e mulatos, que se adequaram rapidamente às características do sistema. Alguns vesses se tratava de gente da cidade, que simplesmente, cambiava de ofício, mas abundou a que vênia do campo ou de aldeias rurais, atraída pelos altos salários que desejavam encontrar. Na atividade industrial todos devieram ajustar-se a uma disciplina desacostumada: a que impessoalmente imponha a empresa através de seus quadros meios (Romero, 2006, p. 271).[45]

Os combustíveis fósseis como o petróleo, fortaleceram o desenvolvimento hidroelétrico, aperfeiçoando a transmissão de corrente a largas distâncias, e favorecendo a permanência das indústrias e as fábricas. Desta forma, na região, a primeira máquina movida com eletricidade, se instaurou em México em 1893, nas minas de Santa Ana, San Luis Potosí. Dois anos depois, as fábricas de fiação, e tecidos de lã de San Ildefonso, foram plenamente certificadas.

Os interesses canadenses também desempenharam um papel crucial, no desenvolvimento dos recursos hidroelétricos de México e Brasil, chegando a estes países entre 1899 e 1905. Em 1908, Brasil já demostrava ter a maior parte das fábricas, comprando sua força a locais subsidiárias das companhias canadenses. Mesmo assim, após da Primeira Guerra Mundial, os brasileiros conseguiram maior autossuficiência nas formas de processamento e obtenção das matérias primas. No caso de Chile, os nitratos de sintéticos, e o descobrimento de novos depósitos de cobre, alteraram as bases de sua economia e obrigaram a um câmbio de política (Wythe, 1937).

O crescimento da população e o desenvolvimento industrial, requereu amplos espaços fora do centro urbano; consolidando-se assim novos bairros e a mudança das zonas periférica

[45] Minha Tradução. Texto original: "En algunos países se reclutó preferentemente entre los sectores de inmigrantes extranjeros, pero en otros ingresaron al naciente proletariado industrial trabajadores nacionales, generalmente mestizos, negros y mulatos, que se adecuaron rápidamente a las características del sistema. Algunas veces se trataba de gente de ciudad que, simplemente, cambiaba de oficio, pero abundo la que venía del campo o de aldeas rurales atraída por los altos salarios que esperaba encontrar. En la actividad industrial todos debieron ajustarse a una disciplina desacostumbrada: la que impersonalmente imponía la empresa a través de sus cuadros medios" (Romero, 2006, p. 271).

(Romero, 2006). Atrás estavam ficando a cidade tradicional e seu centro urbano, abrindo-se micronúcleos que alteraram as dinâmicas econômicas. Em cidades industriais, o deterioramento do centro, e a presença de grupos sociais modestos, começaram a ocupar as casas antigas. A saída das classes mais acomodadas dos centros urbanos, foi também outra das características representativas, mantendo o controle de suas moradas, no aspecto comercial. Em outros casos, a demolição do velho estilo, deu passo a uma nova arquitetura; no entanto, isto aconteceu em poucas cidades Latino-Americanas.

O alargamento das ruas, a construção de grandes avenidas, a implementação de serviços públicos e as comunicações, foram audazes princípio da modernidade, sustentados na convicção moral e a necessidade de aproveitar a qualquer preço, os benefícios da ciência e a técnica. A imagem do progresso, era inseparável do avanço que havia alcançado a ciência dentro da noção industrial e tecnológica. O desenvolvimento econômico da América Latina, continua sendo uma promessa não cumprida apesar da abundância de recursos naturais no território. De fato, nenhuma república da região, tem alcançado a categoria de desenvolvido.

Estas dinâmicas se recrudescem pelas imposições e restrições nos ciclos de comércio, padrões de inversão, consumo, acumulação de dívidas, e a transferência tecnológica, que continua impedindo um controle autônomo; incluindo durante o período de desenvolvimento para adentro, nas dinâmicas internas (Romero, 2006). As economias locais têm grandes dificuldades para que as manufaturas modernas, possam ingressar e criar raízes, superando obstáculos como o insuficiente abastecimento de energia, os altos fletes de insumos e produtos, e a importação de maquinaria. Frente a estes fatos, soma-se a flutuação de crescimento da região, no setor exportador ou a indústria; e as políticas setoriais, que tem uma história larga e a vesses exitosa, como no caso da carne na Argentina, o café na Guatemala, e o petróleo na Venezuela. Produtos que forma se estabelecendo no marco político do setor exportador (Bulmer-Thomas, 2017).

Alguns pensadores continuam tomado distância em unificar a América Latina como uma região; tomado precauções contra as generalizações precipitadas acerca de sua diferença, desenvolvimento ou tradição. A rapidez e a amplitude de uma maior industrialização numa região, está condicionada por um complexo de fatores raciais, históricos, climáticos, e geográficos que se derivam de grandes variações (Romero, 2006).

Alguns países estão no sombra de uma industrialização muito considerável, mas outros, estão muito afastados dela, perto de suas próprias misérias (Wythe, 1937).

Entretanto, se há fortalecido nas últimas décadas, a integração entre os mesmos países da região, criando soluções e saídas econômicas altamente frutíferas (Romero, 2006). Em abril de 1936, Chile e Equador celebraram um acordo comercial de concessões aduaneiras de trigo, farinha, manteiga de cerdo, produtos enlatados, peles, queijo, farmacêuticos e inseticidas. De igual forma, México com especial interesse no mercado Centro Americano a partir de 1933, tem tido êxito na venda de bebidas, tecidos, sapatos e peles. Também os japoneses têm mostrado interesse no mercado latino-americano, possibilitando o estabelecimento de centros industriais em portos livres (Wythe, 1937).

A América Latina continua mostrando extremos de desigualdade, na distribuição da riqueza. Esta desigualdade, tem produzido uma concentração do poder nuclear, no que o Estado reflete os interesses dos grupos dominantes; provocando muita mais violência, e um desenvolvimento concomitante e secularizado, que fomentam a brecha da exclusão. No entanto, este processo de desigualdade, herdado do período colonial diretamente, há intentado apaziguar-se frente a iniciativas como o '*abrandamento aos ricos*', más solos há servido como estratégia a curto prazo. América Latina já teve antecedentes, como no caso da redistribuição do ingresso efetuada por Juan Domingo Perón, que contribuiu à crise da sociedade Argentina nos 1940; o experimento chileno de Salvador Allende, que terminou em ditadura militar; as ideais do peruano Alan García, que levou à hiperinflação; os pobres de Nicarágua, que sofreram mais pelos sandinistas que pela dinastia Somoza, entre outros; todos procurando uma igualdade setorial e critica (Bulmer-Thomas, 2017; Romero, 2006).

3.1. História, identidade e cultura patrimonial na cidade industrial latino-americana

O fenômeno de industrialização nos países da América Latina, ainda não se concretizou plenamente em nenhuma das 23 repúblicas da região. Por esta razão, nenhum território pode considerar-se desenvolvido ou totalmente industrializado, pois alguns, seguem sendo extremadamente pobres, apesar que nas zonas urbanas vivem 75% de seus habitantes (Bulmer-Thomas, 2017). As formas de progresso nos territórios ainda são prematuras, e o crescimento informal nas cidades, avança como prova de que existe

insegurança, pobreza e desigualdade no projeto (Romero, 2006). A pobreza rural e urbana semelhante às primeiras formas de industrialização dos países desenvolvidos, são hoje no território, caras de uma mesma moeda; sobretudo, aquelas cidades que ainda intentar incluir-se no projeto industrializador, pois continuam projetando uma invenção de opulência econômica, que convulsiona com as misérias dos expulsados do projeto modernizador, e do desgaste dos recursos naturais.

Na América Latina aproximadamente o 73% do produto interno bruto regional se gera em países denominados desarticulados como Brasil, Colômbia, Equador, Mexico, Panamá, Paraguay e República Dominicana; 11% em países integrados ou articulado, mas estancados, como Argentina e Uruguay; e um 16% restante, em países onde se dão ao tempo, a desarticulação e o estancamento, sobretudo aqueles que apresentam problemas sociais, de distribuição equitativa agressiva, entre outros.

De forma geral, quatro traços definem o padrão de industrialização na região: a) participação no mercado interno internacional baseada no superávit comercial gerado pelos recursos naturais, a agricultura, a energia, a mineração e o comércio; b) uma estrutura industrial concebida e impulsada, com vistas ao mercado interno; c) a aspiração a reproduzir o mesmo modo de vida dos países desenvolvidos, tanto no plano de consumo como na produção interna; e d) uma limitada valoração social da função empresarial e precária liderança do empresariado nacional público e privado, cujo dinamismo e conteúdo definem o perfil industrial em cada um dos países (Fajnzylber, 1990).

O fenômeno de industrialização a princípios do século XX, significou para a região, a inclusão do progresso com as antigas formas de produção colonial em todos os setores da economia. Este fato, gerou que a diferença dos países orientais, se conservaram na região as estruturas econômicas e de poder da época pré-industrial, que terminou sobrepassando as expectativas do desenvolvimento acelerado e agressivo que trazia o projeto modernizador. Este tipo de tendência desacelerada, fiz pensar se realmente estas formas eram totalmente benéficas, ou se pelo contrário, traziam duras emboscadas.

No decênio de 1970 a região experimentou uma crise sem precedentes no projeto de industrialização, pois o encarecimento do petróleo desencadeou um período de grandes exigências de importações e financiamento externo, que aumentou a acumulação da dívida

externa, e desatou uma crise econômica mundial; pois a maioria de países não começaram produzir ingressos suficientes com a exportação de seus produtos primários. A este panorama, se somaram que as indústrias latino-americanas não puderam competir com a demanda dos produtos externos, o que aumentou rapidamente as misérias e a inequidade regional (Esser, 1985; Bulmer-Thomas, 2017).

Em meados do século XX, devido à crise e as pressões econômicas, a discussão sobre as manufaturas adquiriu uma nova significação no território (Rougier, 2013). Este fato se gerou, quando se evidenciou que alguns países rejeitavam o projeto industrializador que desconhecia os antecedentes históricos das formas progresso; e quando as imposições de desenvolvimento, começaram a transgredir a autonomia com a que se haviam gerado as independências. O *status* de miséria, que deixava como traço distintivo os processos de industrialização, acelerou as revoluções sociais e políticas como no caso de Cuba, que se deram a causa da desigualdade do regime Batista e a influência dominante dos Estados Unidos no território. O descontentamento popular dos cubanos em 1953, incitou a revolução de nacionalista de esquerda que não só conformou um Estado socialista, senão que serviu de inspiração a outros, onde se começavam a impor o neoliberalismo (Romero, 2006).

O projeto modernizador, não significou o mesmo para todas as regiões; pois enquanto uns eram excluídos, outros ficaram decepcionados, pelo aumento das pobrezas. Estas discrepâncias, críticas e misérias, trouxeram um despertar popular e nacional também em outras regiões que exaltavam o valor do tradicional, como uma inesperada revelação fraterna. Desta forma, os nacionalistas argentinos, manifestavam: "*Os movimentos nacionalistas atuais, se manifestam em todos os países como uma restauração dos movimentos políticos tradicionais, da ideia clássica do governo, em oposição aos erros do doutrinarismo democrático, cujas consequências desastrosas denuncia*" (Romero, 2006, p. 384 – 385).

O ambiente no que uma sociedade voltada à industrialização devia fixar a escala de seus valores no econômico, fomentou uma exacerbação ritual da *cultura material* da casa, o automóvel, os moveis, as joias, os edifícios e o dinheiro; sendo em alguns casos estes elementos, mais importantes que a dignidade humana. A imersão da vida econômica e material da sociedades latino-americanas, transformou com o tempo, a vida cotidiana, que começou a gestar-se desde o consumo, estabelecendo imaginários populares como

patologias, sobre os acessos e restrições daqueles podiam aceder aos benefícios do projeto modernizador, e os excluídos. Só até 1990, quando a maioria de países na região haviam experimentado a materialização do progresso, se implementaram estratégias para parar os desequilíbrios internos e externos, a saturação dos mercados, o protecionismo industrial e a modernização tecnológica de forma mais consciente (Esser, 1985).

Outro aspecto relevante, foram as economias enclave, fundamentais para o desenvolvimento econômico na América Latina, sobretudo para aqueles centros produtores de matérias primas, e empresas com vinculações na economia nacional. Três tipos de enclaves foram importantes na Iberoamérica: 1) a mineração ou o campamento petroleiro organizadas por empresas estrangeiras; 2) a plantação, originada de capitais externos e dedicada a produzir certo tipo de artigos agrícolas como o algodão, o açúcar ou os plátanos, destinados à exportação; e 3) a fábrica, originada de inversões estatais a vezes com colaboração de capital estrangeiro, mas baixo controle do Estado, que serviu como resultado de projetos de desenvolvimento industrial, vinculados à plantação de polos de progresso regional, em vários países da região (Zapata, 1977, p. 719).

Este tipo de dinâmica afetou consideravelmente a estrutura urbana das cidades latino-americanas, encontrando a primeira alteração, no incremento demográfico e a aglomeração acelerada nas cidades. Esta fase de modernização capitalista, encaixa no que Lefebvre assinalava como a *degradação da cidade histórica*; onde a produção do espaço incerta e caótica, e às vezes, contraditória. Nas cidades industriais que se começam a consolidar na América Latina existiu sempre uma tendência a dividir os espaços e estratificá-los desde o centro onde emanava o desenvolvimento até as periferias. A distribuição e setorização dos espaços, fomentam a autonomia ou mais-valia social, que se havia criado para integrar a ideia de progresso nas sociedades modernas (Lefebvre, 1974). Sendo esta a linha que seguiram as cidades industriais, o ambiente de desigualdade estava servido.

Na Colômbia, o panorama do progresso e desigualdade, não foi diferente ao que viviam os demais países latino-americanos. A partir de 1890, quando começaram a estabelecer-se as primeiras oficinas mecanizadas que empregavam trabalhadores assalariados, a região experimentou uma transformação produtiva que trouxe a energia motriz e a construção de centenas de obras públicas consolidadas entre 1921 e 1929.

Não obstante, ao igual que ocorreu em outros países, o processo de assentamento da indústria colombiana foi difícil, sendo no início do século XX, arriscado para um empresário experimentado, investir seu capital na indústria do comércio do café, a agricultura u demais produtos. A irrupção do primeiro estágio capitalista no país se deu na zona cafeeira de Antióquia, prévio às atividades mineiras, de comércio e tabaco do Tolima e Cundinamarca, que se desbordaram até Bogotá, centralizando a urbe. Esta onda prematura de industrialização, consolidou os processos, o capital de maquinarias e as linhas de produção que depois ajudaram para a estruturar os serviços, o transporte e outras atividades (Kalmanovitz, 1983).

O crescimento industrial colombiano nos anos de 1932-1945, caracterizou-se por sua escassa diversificação setorial; pois se desenvolveram economicamente só as organizações estabelecidas antes das crises de 1929. (Arango Restrepo, 1983). Adicionalmente, outros polos importantes de desenvolvimento industrial estavam constituídos nos portos da Costa Atlântica, Barranquilla e Cartagena onde havia um grande fluxo de comércio e investimento estrangeiro a causa das plantações, a madeira, e o gado. Em Bogotá, igualmente a Cervejaria Bavaria iniciada em 1891, organizada pelo migrante alemão Leo Kopp, se constituiu como uma das primeiras no país de escala moderna e tecnológica; iniciando labores com 80 empregados e produzindo mais de 6000 litros diários (Kalmanovitz, 1983).

A produção industrial colombiana mostrava em 1945, um amplo domínio do setor de bens e consumo de 80.7%, um desenvolvimento significativo de bens intermédios de 16%, e um setor de bens de capital de 3.3%, que mostravam, uma forte participação das indústrias de escasso valor e precariedade tecnológica ao interior dos setores produtivos (Arango Restrepo, 1983). Em 1912 instauradas em Bogotá fábricas de tecido, materiais de algodão, lã de baixa qualidade, a fábrica de Cementos Samper, fábricas de telha, chocolate, e refrigerante que utilizavam a última tecnologia da época, estavam sendo menos produtivas que as norte-americanas ou alemãs.

Toda está pressão industrial acelerou a transgressão dos direitos laborais; desencadeando movimentos trabalhistas como a Massacre das Bananeiras em 1928 ocasionada pela Fruit Company, a greve dos trabalhadores da Tropical Oil e os do oleoduto da Andian em 1927, o levantamento dos trabalhadores da ferrovia do Pacifico, e demais

manifestações populares. A idealização de uma economia próspera, permitiu uma vulnerabilidade política e ao mesmo tempo, uma orientação econômica com desconhecimento cientifico (Kalmanovitz, 1983). Estes fenômenos, precedentes ao desenvolvimento econômico, inundaram a estética improvisada de uma desestrutura territorial, que despertou superficialmente a ideia de conectividade. Nesta lógica, a metropolização abusiva dentro do contexto moderno, substituiu os materiais de construção e alterou ainda mais, a barreira entre centro e periferia.

Estes modelos de fragmentação socioespacial, sobretudo em finais do século XX, auto segregaram e reforçaram as classes sociais, de forma que surgiram extensas áreas que terminaram por converter-se em favelas, enclaves e territórios controlados por organizações criminais. A ideia de uma morada segura, de domínio, ócio e consumo, marcou para a classe popular, uma existência limitada. As zonas cinzas da *não cidade* e o *não campo* foram o expressionismo elitista e rampante para afastar aos omnipresentes mais empobrecidos (Vivas, 2016).

A modernização urbanística que se desenvolveu no século XX, foi materializada também com ajuda de estrangeiros que visitaram as capitais latino-americanas. Este foi o caso de Joseph Bouvard em Buenos Aires e São Paulo; Jean-Claude Nicholas Forestier em Buenos Aires e a Habana nos anos de 1920; as famosas giras de Le Corbusier desde finais da mesma década; as colaborações de Leon Jaussely e Werner Hegemann em Buenos Aires; as contribuições de Karl Brunner nos médios urbanísticos de Chile e Colombia desde finais dos anos vinte; assim como as de Hannes Meyer em México; e Alfred Agache, e Maurice Rotival, no desenho dos primeiros planos urbanos de Rio de Janeiro e Caracas.

Desde 1940 até finais da mesma década, se destacaram as intervenções de Le Corbusier, José Luis Sert, e outros representantes que participaram como porta vocês dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna – CIAM. Este ambiente europeu na região, traço pelo menos, três vertentes principais da modernização urbanística: as reformas sanitárias, as propostas de renovação urbana, e a expansão residencial (Almandoz, 2007).

Estas vertentes da industrialização alcançaram a chegar até os centros históricos, alterando os espaços onde se conjugavam as identidades locais e as expressões de tradição. Esta segmentação urbana agora não apenas espacial, mas também de segregação de

identidade e de classe, produziu vácuos que se viram refletidos na ideia de uma qualidade de vida melhor e promessas interrompidas de formar um capital financeiro, frente ao aproveitamento tecnológico, que para alguns, jamais se consolidou.

Em algumas cidades de matiz barroca, este projeto modernizador gerou que se salvaguardaram certas áreas radio cêntricas, que se ampliaram outras dentro de limites aceitáveis. Este fenômeno foi documentado por arquitetos, artistas, e pesquisadores como o arquiteto e designer Cacho Soler, quem realizou várias representações gráficas em uma sucessão de torres numa zona que havia estado despovoada; o artista Robert Smithson, quem contrastou por meio da paisagem no tempo, várias construções, um autopista e o trânsito veicular; o antropólogo Marc Auge com o tema do anonimato e a dispersão, entre outros (Vivas, 2016).

A América Latina passou na década de 1970 por um período de grandes transformações internas, a reformas econômicas nos anos noventa, que consentiram as demandas de privatização das empresas públicas e o desmantelamento do sistema social; limitando a capacidade de gestão estatal. Estes fatos estimularam em cadeia, os processos de polarização socioespacial refletidos na busca de zonas de segurança privada; elevando gradualmente as novas formas exclusão e segregação dirigidas aos ganhadores das transformações econômicas, que podia aceder ao Shopping Malls, os Urban Entertainment Center, as escolas privadas, e os complexos residenciais custosos e fechados, vigiados e de acesso exclusivo. Em Buenos Aires começou a aparecer os chamados *bairros privados*, enquanto em lugares centrais surgiram edificações altas, comercializadas habitualmente com o nome de Torres Jardim (Janoschka, 2002).

Estas barreiras de controle urbano denominadas também como *gated communities* adaptadas na América Latina, foram originalmente reproduzidas de desenhos antigos da cidade, que logo se materializaram nos subúrbios britânicos de século XIX, e alguns bairros limitados por muros na urbe estadunidense em finais do século XX (Calleja-Déz, 2018; Borsdorf, 2003). Os espaços fechados, próprios de um setor reduzido em princípio pela elite, foram controlados, baixo segurança, provocando setores de ´privatização´. Alguns críticos urbanos de fato, consideram que este fenômeno foi um efeito direto da pós-modernidade, incentivando o detrimento do público e fomentando o privado. Como expressão anti-urbana

se mostrou um repúdio urbanístico, exteriorizado nas construções materiais, o medo e a insegurança e a segregação, para estabelecer os alcances das classes sociais (Prada, 2010).

O projeto de industrialização além de estimular os processos de polarização e fomentar a divisão entre os espaços públicos e privados; deixou lugares abandonados, que não cumpriram com o projeto modernizador. Estes lugares intersticiais de grandes extensões, zonas residuais e sistemas de transporte obsoleto, são hoje estudados como *terrenos incertos*, fortalecendo as expressões urbanas, dos efeitos que trouxe o desenvolvimento. As zonas desagradáveis, feias, desoladas, empobrecidas ou de incerteza na urbe, longe de se acabar, ajudam a discernir os limites e as intervenções. De fato, quando se gestaram as urbes industriais em Latinoamérica, similar a Europa, a reabilitação arquitetônica de entornos fabris obsoletos, criaram desigualdades sociais (Vivas, 2016).

O deterioramento físico, estrutural e funcional de alguns centros históricos latino-americanos como na cidade de Cali, implicaram processos de gentrificação e reformas de renovação, que detiveram em parte o declive dos desusos locais. No século XX, Santiago de Cali deixou de ser uma cidade paralisada na tradição colonial, para converter-se na terceira e maior do país, padecendo o fenômeno da eclosão de pequenos partidos políticos, e os esplendores e misérias que trouxe o narcotráfico entre 1960 e 1970 (Morera, 2012).

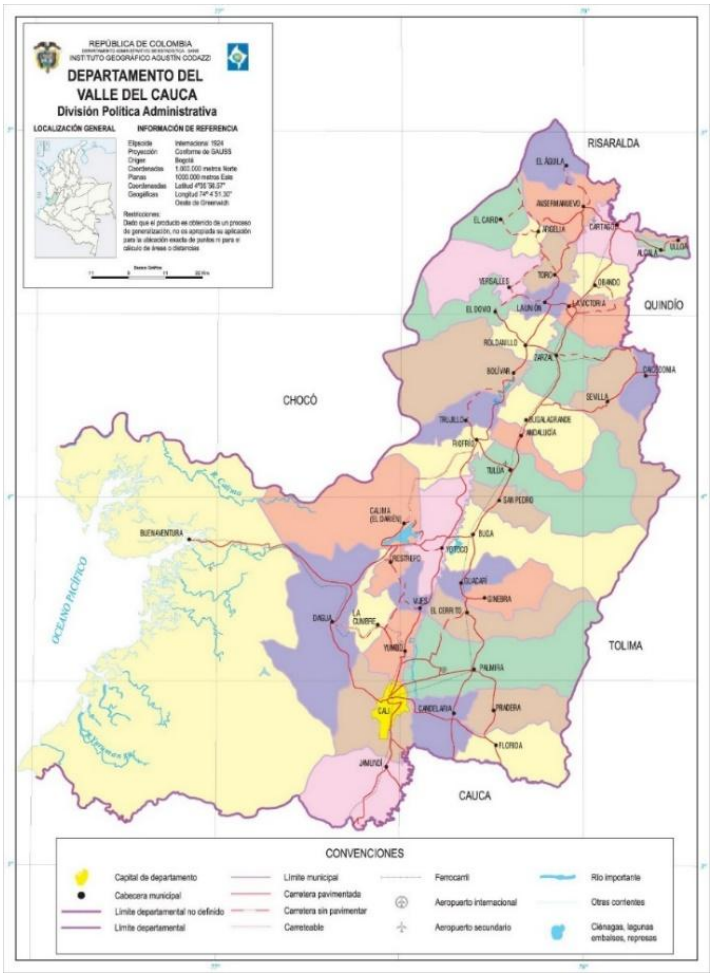
Durante esta etapa, a área urbana se expandiu ao oriente em oito (8) quilômetros em seu limite municipal, e ao sul até quinze com desenvolvimentos urbanos difusos que propiciaram outras centralidades. Declarado Centro Histórico de Cali em 1959 - Monumento Nacional, as demolições e transformações urbanas não param, perdendo-se edificações e paisagens urbanas destruídas para erguer uma nova arquitetura dentro do urbanismo contemporâneo. Este dinâmica pode observar-se no Hotel Alférez Real construído em 1929, e demolido em 1972, sendo por muito tempo, uma das edificações mais representativas da cidade (Martinez Toro, 2014).

3.1.1. Generalidades e localização no contexto nacional, Cali cidade industrial

A expansão europeia do século XVI, se realizou por meio de incursões militares que foram constituindo assentamentos, como exercício de dominação territorial. A necessidade de um núcleo de povoamento que permitirá a conexão no caso do Valle do Cauca com o mar,

converteu a Cali e o Porto de Buenaventura, em pontos estratégicos indispensáveis para o desenvolvimento econômico. Ao localizar-se entre o eixo da via sul – norte, entre Popayán e Cartago, este corredor era o trajeto menos difícil de atravessar para ir a Quito e Peru. Esta dificuldade, gerou a construção de pontes, estradas, passos e rotas de estrutura colonial que mantiveram o fluxo comercial até o período republicano, quando Cali se consolido como um dos epicentros produtivos do país pela ganadaria cimarrona, os cultivos de cana de açúcar, os trapiches, o tabaco e outros produtos prolíficos (Figura 129) (Vásquez, 1980).

Figura 129. Mapa do Departamento del Valle del Cauca e Cali.



Fonte: Gobernación del Valle del Cauca (2018).

Este vale aluvial, flanqueado pelas cordilheiras ocidental e central, com numa altura meia de 1000m sobre o nível do mar; se estende a 250 km de longitude, e 10 km de extensão, favorecendo sua localização para o aproveitamento de recursos. Sua temperatura média anual

flutua entre 23e 24°C; enquanto sua umidade relativa varia entre 65-75%. O departamento do Valle del Cauca, está dividido em 42 municípios, 88 corregimentos, 531 inspeções de polícia e várias zonas rurais. Localizado ao Sul Ocidente do país, o território apresenta uma vantagem particularmente favorável, pois forma parte da região andina e da pacifica entre 5°2''8' e 3°4''2' de latitude norte e aos 72°42''27' e 74°27''13' de longitude oeste (Gobernación del Valle del Cauca, 2018).

As irregularidades climáticas, favoreceram a agricultura e a pecuária, assim como a conservação de solos. O departamento conta com uma superfície de 22.140 km^2, o que representa o 1.9% do território nacional. As características climáticas, jogam um papel decisivo, sobretudo na estrutura hidrográfica da região onde os rios Cauca, Claro, Jamundí, Aguablanca, Cali, Vijes, Desbaratado, Bolo, Amaime, Guacarí, Guadalajara, Tulúa, Bugalagrande, da Paila, e a Vieja, formam riachos e quebradas que descendem do vale desde suas vertentes. Quando as inundações eram periódicas e deixavam grandes extensões de terra atoladas, ao tempo que se formavam pântanos e lagoas; os recursos naturais foram aproveitados, sobretudo pelos mais humildes, para aceder à terra. Este fato contribuiu a que se conservara a vegetação e seus características mais relevantes: Pastales, bosques, Vegetação alta, cañaverales e selva, pelo menos até 1920 (Almario García, 2013).

O Departamento del Valle se converteu dentro das lógicas renascentistas e comerciais, num território industrializado que deu um passo à consolidação dos serviços públicos, num momento de alarmante precariedade do Estado colombiano. A adaptação às condições pré-modernas a mediano prazo, gerou que as riquezas convertidas em renda, defenderam o capital social e simbólico, de uma sociedade acumuladora de patrimônios diversos. Desta forma, finalizada a quarta década do século XX, a região do Valle del Cauca, já esboçava uma estrutura de tipo corporativo. Como expressão da modernização e conformação do mercado regional, apareceram figuras comerciais como os proprietários de armazéns, comerciantes de café, empresários industriais, comerciantes estrangeiros e os fundadores dos grêmios açucareiros (Arroyo, 2014). Sobre este território se construiu o domínio industrial e comercial, para instaurar a ocupação da nova região neoliberal.

A grande variedade de *unidades econômicas de produção*, definiu o campo empresarial regional: construção, têxteis e confecção, alimentos e bebidas, artes gráficas,

prensa, cigarros, velas, confecção de calçado, sabonetes e outros (Arroyo, 2014). Não obstante, *Cali* no escapou da distribuição dos espaços urbanos de caráter político-militar, nos espaços circundantes à Praça Maior, privilegiando-se as altas hierarquias militares, sociais, eclesiásticas e de hostes conquistadoras, em terrenos próximos, enquanto os prédios mais afastados, eram atribuídos aos mais pobres. Pela importância militar e social, se adjudicaram os primeiros espaços centrais aos regedores, alcaides e capitães: Pedro Cobo, Alonso Cristobal Quintero Principe, Sebastián Quintero Principe, Pedro Lopez Patiño de Haro, Alonso de Fuenlabrada, Antonio Redondo, Juan de Arguelles, Baltazar Gonzáles, Rodrigo Villalobos de Ayala, Cristobal Albes, Pedro Jiménez, Antonio Ruiz, Fernando Bernaldo de Quiróz, Juan del Castillo, e Luis Ponce de León (Vásquez, 1980).

No Valle del Cauca, assim como em Santafé de Bogotá, a consolidação do desenvolvimento industrial gerou novos elementos de aderência ao projeto de modernizador, consolidando-se para ambas as regiões, grandes processos de organização que para a época, significaram uma forte aposta econômica. Entre as construções mais importantes se encontram amplas avenidas, pontes, estradas, boulevardes, altas e luxuosas edificações, estipêndios de café, teatros, sítios de diversão, sistemas de transporte público, complexas e estruturais fábricas, ferroviárias que entravam e saiam das urbes, entre outros; gestando de forma indireta, a formação de bairros não só exclusivos das elites, senão também de identidade popular, como bairros operários e assentamentos que marcaram tendências de estratificação socioeconômica (Pavoni, 1997).

A inclusão dos setores de classe média e popular da sociedade ao projeto industrial da região do Valle del Cauca e Cali, levou a manter vivo os laços de identidade cultural e de grupo que foram tão restringidos em outras sociedades e territórios no mesmo sudeste do país. Este fato singular, obteve a participação política dos cidadãos e migrantes que se aderiram à formação do novo território republicano, especialmente na vida regional e local (Almario García, 2013). Os processos de industrialização as finais do século XIX e princípios do XX, também alteraram os tecidos sociais promovendo a segregação. Este foi o caso dos bairros El Calvario e San Pascual, onde as violências opacaram a fortaleza econômica do setor, e os converteu em sítios de insegurança, prostituição, micro tráfego e venda de produtos ilícitos (Lopez e Mera, 2020). El Calvario passou de ser conhecido em 1958 como Zona Negra, a ser chamado em 1985 de *olla*, pelo grão de perigosidade.

Em princípios do século XIX quando Colômbia vinculou-se de forma tardia e irregular às demandas dos mercados mundiais; passando da irrupção do capitalismo agrário e o início da industrialização, às economias de exportação; apesar que para 1910, ainda era arriscado que um empresário investisse sua fortuna no território, sobretudo, se era trazida do exterior (Sánchez e Santos, 2023). No Valle del Cauca, as elites industriais e empresariais, definiram alianças entre os setores tradicionais (com raízes na economia agraria de fazenda, mineira e escravista do século XVIII), e os novos agentes econômicos, negociantes e empresários da primeira metade do século XIX; avançando na vinculação da região ao mercado mundial, o eixo comercial da rota Cali-Buenaventura-Panamá, onde os *antioquenos*, *caldenses* e *estrangeiros*, jogaram um papel estratégico (Arroyo, 2014).

O crescimento industrial do Valle del Cauca, se fortaleceu historicamente, pela produtividade que manteve a região, desde a Colônia até o republicanismo (Almario García, 2013). Resolver a tempo os problemas de conexão entre vários pontos estratégicos, sobretudos os comerciais, a procura de encontrar vias rápidas para sacar os produtos do território, para o estrangeiro ou mercados urbanos, promoveu a construção das vias ferroviárias, e acelerou a utilização do transporte massivo. Estas ideias foram tomadas previamente da construção do Ferrocarril de Panamá que se inaugurou em 1825, as vias férreas de Barranquilla (1869-1888), Antióquia (1874-1914), Santa Marta (1882-1906), e outras, que impulsaram a economia exportadora do país (González, 2014).

A possibilidade de conectar os mercados de produtores de café com o Puerto de Buenaventura, ao Panama, ao mercado norte-americano se tornou um objetivo central tanto para o governo, tanto quanto para os produtores de café, dirigentes e empresários *vallecaucanos* (Sánchez e Santos, 2023). A expansão da produção cafeteira na região, mostrava que em 1872 se exportavam 7.364 toneladas por um valor de 1.9 milhões, o que significava um 18.4% do valor total das exportações; e já para 1919 havia ascendido a 68.7% evidenciando-se um crescimento na economia do produto, e convertendo ao setor, num dos mais dinâmicos. De igual forma, poderem reconhecer-se a importância de outros produtos, que se tornaram indispensáveis a nível produtivo (Ver Apêndice BB) (González, 2014).

O patrimônio industrial que começava a forjar-se a princípios do século XX, definiu a identidade cultural da região *caleña*, que teve um valor fundamental em propiciar profundos

câmbios de valor cientifico e tecnológico (Beltrán-Beltrán, 2008). Por outro lado, e frente à produtividade do Valle del Cauca, se começaram a consolidar agencias de respaldo e controle económico como as Câmaras de Comércio, a Asociación de Fabricantes y Productores, a Sociedad de Agricultores del Valle del Cauca, a Federación Nacional de Comerciantes – FENALCO, e a Asociación Nacional de Industriales – ANDI, que respondeu diretamente à consolidação de empresas, e a industrialização de algumas zonas da região (Tabela 14) (Arroyo, 2014). Os mais humildes neste ponto, puderam sacar vantagem dos terrenos, modificando as características físicas e aproveitando os câmbios de clima; o que gerou que pudessem ter maior facilidade para o cultivo (Almario García, 2013).

A consolidação econômica da região foi resultado de superar durante as primeiras décadas do século XX, a divisão precária de trabalho, a baixa remuneração da economia, a desarticulação geográfica, a gestação primária da moeda, e a repercussão da crise econômica internacional a nível nacional. O Valle del Cauca, superou estas tensões, porque o setor agroindustrial da cana de açúcar foi próspero consolidando-se grandes engenhos açucareiros, entre os quais se destacam: Manuelita, Periodiaz, Providencia, Riopaila, Bengala, La Industria, Maria Luisa, Pichcichí, Oriente, Central Castilla, Papayal, San Carlos, El Porvenir, San Fernando, Meléndez, La Esperanza, e EL Arado. Somou-se o modelo de bonde municipal feito em 1909, que comunicava ao Puerto de Juanchito sobre o Rio Cauca, com Cali; a consolidação da primeira Diocese; a Biblioteca Centenário; e a primeira Planta de Energía Elétrica em 1910 (Arroyo, 2014).

Em abril de 1910, Cali foi designada como capital do Departamento del Valle. Frente a este desafio, as elites locais conformaram um grupo de funcionários encarregados da nova administração municipal, designado funcionários públicos provenientes em sua maioria destes mesmos grupos, tomando as competências jurídicas e executivas (Caporalli, 2020). Desta forma, para 1915 se inaugurou o Ferrocarril del Pacifico, que operava na região entre o Puerto de Buenaventura e Yumbo, permitindo-lhes aos locais, terminar com o isolamento e o transporte rápido de produtos; onde ficaram vários pontos estratégicos conectados, entre eles Cali, La Viga, Jamundí, Guachinte, Timba, San Francisco, Suarez, El Hato, Morales, Piendamó, Cajibío e Popayán (González, 2014).

Tabela 14. Empresas industriais no Valle del Cauca, 1940.

Unidades económicas	Empresas na região	
Construção	Tejares de Santa Mónica S.A.	Compañia de Elementos Danés
	Constructora de Lalinde & Vallejo	Cementos del Valle S.A.
	Fábrica de Baldosas-Mateo Valli	G. Garcés & Cía. S.A. (mosaico)
	Producto Ideal Cemento S.A.	K.F. Jhensen & Cía. S.A.
	Tejares de San Fernando S.A.	Eternit Pacifico S.A.
Têxteis e da Confecção	La Garantía A. Dishington S.A.	Industrias Textiles ¨El Cedro¨
	Industrias Perfecto S.A. e Nessim & Cía	Calcetería Mariella S.A.
	Industria Colombo Americana de Tejidos S.A.	Industrias Textiles de Colombia
Alimentos e Bebidas	Maríano Ramos & Cía	Cerveja preta ¨El Toro¨ e Babaria
	Compañia Frigorífica Colombiana S.A.	Fábrica de Mantequilla ¨Alfresa¨
	Consorcio de Lecherías S.A.	Fábrica de Dulces ¨Colombina¨
Artes Gráficas	Carvajal y & Cía	Tipografía Manuel Sinisterra
	Editorial América	Tipografía Pacífico
Os Jornais	Correo del Cauca	El País e El Liberal
	Relator	Heraldo Industrial
	Diarío del Pacífico	El Crisol
Cigarros e Velas	Fábricas y Velas ¨La Campana¨ de Ignacio Arango	Compañia Colombiana de Tabaco
Confecções de Calçado	Fábrica de calzado ¨El Tigre¨	Fábrica de Calzado ¨El Pacífico¨
	Solórzano Hermanos	Fábrica de Calzado ¨El Vencedor¨
Sabonetes	M. A. Ayala E. & Cía Ltda., ¨Jabones la Victoria¨	Oso. Valentín Burrowes
	A. Lloreda & Cía S.A. e Fábrica de Jabón Varela	Venus. Tenorio & Ortiz
Outros (Caucho, Metalmecânica, Papel, Farmacêutica e Serviços)	Compañia Croydon del Pacifico S.A.	El Marañon S.A. e Good Year
	R. Squibb & Son Internacional Corporation	Marco Trujillo & Cía
	Drogerías y Laboratorios JGB	Cartón de Colombia
	Laboratorios Uribe Angel e Unión Caribe S.A.	Whitehall Lab. (Home Products)
	Alberto Lotero & Compañia	Eveready de Colombia
	Industrias Metálicas de Palmira S.A.	Compañia Telefónica del Pacífico
	Coñia Colombiana de Electricidad S.A.	Compañia de Tapas ¨Corona¨ S.A.

Fonte: Sánchez e Santos (2014, p. 18).

Em 1919, se consolidou o contrato para a construção da primeira doca no Muelle de Buenaventura, sendo um dos primeiros transportes para acessar à zona através de embarcações que navegavam pelo Dagua, e que tempo depois, terminaram por ser e substituídas pela ferrovia secularmente (Arroyo, 2014). Com o passar das décadas, o Ferrocarril del Pacifico, se converteu num dos objetivos mais ambiciosos de princípios do século XX para região. A intencionalidade de unir a Costa Pacifica com as demais zonas geográficas, gerou que se construíram três trechos da via férrea: o primeiro entre Cali-Jamundí-Timba, com extensão a Santander de Quilichao; o segundo, que iniciava em Timba até chegar a Popayán; e o terceiro, que inconcluso, que partia de Popayán até chegar a Pasto.

A inversão privada e de vários comerciantes para este projeto, foi de grande importância, apesar da ocorrência de vários contratos não cumpridos. Mesmo assim, para 1917, um grande volume de mercadorias começou a mobilizar-se, elevando a taxa de exportação para 1922, e um 55.5% no total de exportações já para 1950 pelo Puerto de Buenaventura (Figura 130) (Sánchez e Santos, 2014).

Figura 130. El Ferrocarril del Pacifico no Valle del Cauca.



Fonte: Portal cultural del pacifico colombiano (2024, p. 1).

Na década de 1990, a economia colombiana, e sobre a área urbana de Cali, sofreram mudanças relacionadas com o mercado de trabalho e o pacote de reformas estruturais tendentes a liberalizar a economia, reforçando a seguridade social e flexibilizando as relações laborais (Castillo Caicedo, 2006). A conformação do território, se deu assim a partir de três sessões interiores no vale geográfico, e uma periférica: a primeira, pelo setor da margem

oriental do Rio Cauca; a segunda, pela banda esquerda ou ocidental; o terceiro, ao sul do Rio Desbaratado, entre os confines do vale; e o quatro, o povoamento do andem do Pacifico, representado no Puerto de Buenaventura, no setor dos dez rios e o Bajo Calima. No entanto, as vertentes das cordilheiras permaneceram desocupadas até meados do século XIX, quando os colonizadores *antioquenos* chegaram ao território (Almario García, 2013).

Frente a este desenvolvimento, se somou também a distensão social na estrutura que privilegiou a propriedade monopólica da terra e o poder político das elites; conseguindo que as classes populares pudessem aceder à terra e resistir a ser controlados como simples operários. De fato, durante as primeiras décadas do século XX, Cali se converteu num lugar estratégico comercialmente para o movimento de mercadorias e produtos que partiam desde sua área de assentamento até o Rio Cauca, e logo ao Puerto Mallarino (Juanchito), perto de cidade. O sistema de balsas onde se transportava plátano, fruta, mandioca, cacau, milho e outros produtos, diversificou o mercado. Este tipo de dinâmicas, estreitaram os laços étnicos e culturais que permitiram o desenvolvimento e difusão da economia de mercado em Cali, levando em 1920 à construção da via Cali-Puerto Tejada (Almario García, 2013).

Frente a este tipo de implementações, construções como o Tranvia de Cali a princípios do XX, se fizeram indispensáveis na zona urbana. Em 1909, comerciantes, fazendeiros e empresários, consolidaram um projeto de benefício mútuo, conformado a Compañia del Tranvia de Cali, que facilitava o transporte público e de mercadorias, conectando o centro da cidade, com a Estación del Ferrocarril e as terminais de carga. Esta obra trouxe grandes benefícios econômicos, unindo sítios comerciais e industriais como rotas que passavam pela praça de mercado, as empresas industriais, depósitos e bodegas, e a Estación del Ferrocarril del Pacifico; para fazer conexão com o resto do território nacional (Sánchez e Santos, 2014).

Geograficamente, seis zonas começaram a integrar o solo urbano e a expansão de Cali: 1) zona norte, desde o território desde a Carrera 1 entre Calle 1 Oeste, até o separador de trânsito, localizado entre a Calle 25 e a Calle 26, rua pela qual se continua ao norte pelo limite do solo urbano; 2) zona oriente, que envolve a Carrera 50 com a Calle 57 até a Calle 36, estrada pela qual continua ao norte na Carrera 29, ponto no que se prossegue pela Calle 70 até a Carrera 7, limites com o Rio Cauca ao bairro Puerto Nuevo¸ onde continua ao ponto da Carrera 40; 3) zona ocidente, desde a Carrera 1 entre Calle 1 Oeste e a Calle 5, senda que

continua ao sul da cidade até o Rio Melendez; 4) zona sul, desde a Carrera 50 com a Calle 57 até a Calle 5, artéria que continua ao sul da cidade até o Rio Melendez, continuando seu cause águas arriba à interseção com o limite do solo urbano, ao ponto da Carrera 127 e por este transito até a Calle 18; 5) zona centro histórica e comercial, compreende desde a Carrera 1 a Carrera 15, com a Calle 5 até a Calle 25 (zona de interesse para este estudo); e 6) zona centro, que abarca o corredor férreo (Alcaldía Santiago de Cali, 2024).

Pela localização estratégica de Puerto de Buenaventura, Cali se transformou num circuito comercial sui-generis (Almario García, 2013). Ao longo do século XIX, a cidade estabeleceu fortes relações políticas e comerciais onde explotou suas potencialidades. A urbe se converteu assim, numa cidade próspera onde cada grupo social se integrou dependendo de seus dinâmicas (Pavoni, 2008, p. 22). Em termos gerais, Cali saltou favoravelmente a uma mudança abrupta sobretudo durante o século XIX, quando passou de cidade colonial a burguesa, consolidando a cidade moderna como o único fim. No entanto, as alterações na história urbana da região, e a configuração sociodemográfica de finais do século XX trouxeram aspetos negativos que olharemos, mas na frente (López e Mera, 2020).

Em 1945, o Valle del Cauca figurava como uma das regiões industriais manufatureiras mais importantes de Colômbia, ao igual que Cundinamarca, Antióquia e Atlantico, gerando as quatro para este ano, ao redor do 76.1% do valor agregado industrial nacional. Desta forma, chegou a concentrar-se para meados do século XX, a maior parte de postos de trabalho nas regiões industriais, sendo o setor de bens e consumo o que tinha um nível mais alto de tecnificação. Minerais não metálicos, química, caucho e derivados do petróleo, eram os mais avançados no setor de bens intermédios. O crescimento industrial, nesta época, caracterizou-se pela tecnificação industrial e não pela diversificação setorial; o que produz um crescimento do fenômeno da industrialização, poco equitativo que depois se materializa na Colômbia pela mediação da violência política, e a repressão sindical por parte dos trabalhadores (Arango, 1983).

3.2.1. Crescimento de Cali, séculos XVI e XX: Avançando ao período industrial

A cidade de Cali fundada em 1536 por Sebástian de Belalcázar, seguiu as normas de traçado urbanístico disposto baixo a fórmula hipodâmica empregada pelos Reis Católicos. A

configuração territorial, determinante para a consolidação do desenvolvimento econômico que se projetou na região desde a colônia, se manteve até a república (Serrano, 2012). Herança do período colonial, a cidade não escapou ao ordenamento territorial dos novos centros povoados durante o século XIX, apesar, de que se construiu de forma complexa, ao desenvolver-se praticas espaceadas. Cali manteve de acordo com Aprile-Gniset (1992 em Eusse et al., 2020, p. 17), um controle desde a praça fundacional como manifestação de poder, a partir do qual se configurou um modelo de conquista territorial, sendo a princípios do século XX, designada capital nascente do departamento do Valle del Cauca.

A autonomia administrativa da região, inspirou as elites a pensar-se como estado soberano, logrando para 1910 a criação do departamento do Valle del Cauca, incluindo Cali, Buga e Cartago, como parte do projeto modernizador do Estado. A capacidade territorial, se somou a produtividade da terra e o legado de domínio colonial do trabalho indígena e a relocalização das comunidades que se concentraram principalmente na Candelaria (1546), Roldanillo (1567), Yotoco (1622), e Hato de Lemos (1713). Lamentavelmente, este processo terminou desintegrando às comunidades indígenas de Timba, Jamundí, Yumbo, Pavas, Arroyohondo e Vijes durante o século XVIII. Foi favorável a localização de fazendas como La Herrería, Cañasgordas, Papagayeros e outras que se dedicaram à produção de gado, açúcar e grãos em Cali e Palmira (importação e exportação pelo Puerto de Buenaventura), Buga (fazendas tradicionais pecuárias), Tulúa (centro comercializador de cacau), e Cartago (distribuidor de produtos del Valle aos mercados regionais) (Figura 131) (Almario García, 2013).

O Valle do Cauca consegue desta forma, apaziguar a crise econômica, pela estratégica localização comercial, e a projeção que as elites tinham do progresso em seus territórios (Almario García, 2013). Desde o centro histórico da cidade, o setor se ativo comercialmente, não somente durante o período de recessão comercial de 1674, que gerou a consolidação de um mercado público na praça maior, assistido por indígenas que vinham a vender seus produtos agrícolas; senão porque para meados do século XVI, existia na zona, vendas de propriedade do Capitão Juan Palomino Tello de Menezes, Antonio Nuñez de Rojas, e Luis de Olascoaga. No século XVIII, quando a economia de alguns mineiros e comerciantes melhorou, estes tiveram acesso às propriedades do espaço urbano central, ampliando o mercado de terras. Nesta época, começaram a morar cidadãos como Salvador Caicedo

Hinestroza, proprietário das Minas del Calima e da Hacienda los Ciruelos; o rico mineiro e terratenente, Nicolas Caicedo Hinestroza; o comerciante Sebastian Perlaza; e Francisca Nuñez de Rojas, filha do comerciante Antonio Nuñez de Rojas, quem comprou uma casa no setor histórico da cidade (Vásquez, 1980).

Figura 131. Casa de fazenda ´Cañasgordas´, 1729.



Fonte: Jiménez (2009, p. 72).

A história de Cali, esteve inevitavelmente atada ao nascimento e desenvolvimento do capitalismo, sendo centro de produção e intercâmbio de bens (Morera, 2012). Em 1706 de acordo com a manifestação dos regimentos, a maior parte de zonas de Cali já haviam sido ocupadas por fazendas, entre elas Los Ciruelos, Meléndez, Cañaveralejo, Puente Palma, Santa Rita e San Fernando, que rodeavam a cidade. Em finais do século XVIII e começos do XIX, Cali contava já com 1153 moradias, das quais 153 foram construídas de adobe e telha sobretudo na praça maior, 516 de bahareque e telha, e 482 de bahareque e palha. Nesta época, a urbe começou a pavimentar-se e se estabeleceram as principais ruas perto à praça maior, o que se conheceu depois como bairro o Empedrado (Vásquez, 1980).

A casa de fazenda, simbolizou o domínio da terra e o poder econômico e hierárquico de uma porção do território. No entanto, a construção de moradias feitas com mão de obra escrava e materiais da região (terra, madeira e pedra), foram integrando-se com tecnologias importadas como o *ladrillo cocido*, *tapia pisada* e *adobe*, e as técnicas indígenas pré-hispânicas de *bareque*, *madera rolliza*, *sistema de par e mudillo*, *sistema de par e hilera*, e *tendidos de caña menuda*. Desenhada de forma tradicional, as habitações principais ou o segundo andar era para os proprietários; enquanto o primeiro, que normalmente estava perto

ao pátio, para a servidão. Esta arquitetura popular edificada para as elites, reproduz estilos rurais espanholas, principalmente fazendas e Cortijos com forte influência *mudéjar*. Esta foi a inspiração para que historiadores como Santiago Sebastián, aludiram que a arquitetura do Valle del Cauca tinha uma *arte mudéjar*, não como uma parcela limitada dentro da história, senão como uma constante ao longo do período colonial (Sebastian, 1965; Jiménez, 2009).

Dentro das caraterísticas coloniais herdadas na região se destacam a construção da Praça maior, utilizada como mercado público de 1674 a 1897; a Casa Municipal (1565), as igrejas de San Pedro ou Catedral (~1574) uma das mais antigas, a de Nuestra Señora de las Mercedes (1545), a Ermita de Nuestra Señora de la Soledad del Rio (1678), e Santa Rosa (1680); as capelas de San Antonio (1747) e San Nicolas (1770); os conventos de San Agustin ou a velha Santa Librada (1580), os Domínicos (1575), San Franscisco (1760) e San Nicolas (1806); a Caixa Real (1551), a terminação da sequia que tomava água do rio Cali e a conduzia ao centro (1567), o Hospital San Juan de Dios (1744), o Cemitério (1828), entre outros (Vásquez, 1980).

A cidade de Cali, se desenvolveu inicialmente os códigos estabelecidos pelas Leis de Indias em 1680, mantendo ao logo de três séculos, o caráter de aldeia colonial no que se assentaram hierarquias políticas, militares e eclesiásticas de elite, sobretudo na praça principal. Este tipo de extensão, logra registrar-se nas cartografias de 1780 e 1885, no que se mostram os primeiros centros povoados da época, fluindo norte a sul. A ocupação da cidade hispânica, que se estendeu ao redor da quadricula fundacional da praça, foi crescendo exponencialmente com maior intensidade, depois das guerras de independência e a terminação do regime monárquico (Figura 132) (Eusse *et al*., 2020).

Entre os primeiros projetos urbanizadores da cidade de Cali, destaca-se a construção da infraestrutura hidráulica, sobretudo nos séculos XVI e XVII com sequias de água que foram regulamentando-se para a cobrança do serviço. Este sistema se fortaleceu em 1778 até dar início à construção do primeiro aqueduto de Cali; um sistema de pilas públicas cujos esgotos se terminaram de construir em tijolo, mescla de cal, areia, baba de tuna. Mediante um sistema de canalização, se subministrou água através da Pila Crespo, a Pila de Jaime, a Pila de San Pedro, e a Pila de Lores (Perafán, 2021).

Figura 132. Cartografias do povoamento de Cali em finais do século XVIII e XIX.



Fonte: Eusse *et al*. (2020, p. 117-118).

A estética barroca, que se projetou na arquitetura urbana de Cali, expressava por uma parte a raiz popular; e por outra, a influência europeia de caraterística espanhola, italiana, francesa, germana e flamenca. De fato, ao finalizar o século XIX, os mapas considerados prioridade para o estudo dos territórios foram a bússola para conformar caminhos, movimentar produtos, ampliar jurisdições, controlar os recursos econômicos e criar estratégias de desenvolvimento. No Valle del Cauca, se manifestaram no século XVIII, dois tendências arquitetônicas: uma de caráter popular produto da tradição artesanal legada dos mestres empíricos, alarifes com oficio e sacerdotes; e a segunda, arquitetos que promoveram obras civis e religiosos da próspera Popayán.

A cidade de Cali, estava dotada de traços claramente *mudéjares*, empregando-se para sua materialização tijolo cozido, telha árabe, e cobertas simples a dois águas sobre sistemas de par e *nudillos.* Exemplo Desta tendência, foram o templo e a igreja de San Agustín construídos em 1765, mas demolidos entre 1987 e 1980; a espadaña da Capilla de San Antonio ainda de pé; e a Torre Mudéjar de Cali que representa o ponto mais alto deste tipo, de estilo *neogranadino* (Figura 133) (Galindo, 2011). De aspecto árabe e em extremo elegante, a Torre mudéjar media 23m de largura e 6m de extensão, sendo construída durante a segunda metade do século XVIII.

A consolidação urbana se distribuiu em princípio por setores com o bairro El Empedrado ou Altozano, que estavam delimitados pelo ocidente entre a Calle Cuarta e as Carreras Cuarta e Diez; pelo norte, com a Calle Tercera , desde a Calle Catorce até a Calle de la Escopeta; pelo oriente, a Calle Catorce desde a Carrera Tercera até a Septima; e pelo

sul, a Carrera Diez, desde a Calle Quinta à Diez, e a Carrera Septima, desde a Calle Diez a Catorce, onde se encontravam os mais ricos e nobres (Escorcia, 1980).

Figura 133. Torre mudéjar de Cali, estilo arquitetônico da época colonial.



Fonte: Galindo (2011, p. 92-94).

Este tipo de organização, gerou uma hierarquização social, dependente por um lado, de proprietários de terra e grandes comerciantes; e pelo outro, da mão de obra escrava e servidão. Estes elementos de valor feudal, reafirmaram a estratificação da sociedade, promovendo restrições e criando desigualdade. As pessoas de classe popular viviam no 'Bayano' na La Colina de San Antonio e sua parte baixa; a rua dez para o sul, e a rua quatorze ao oriente (Escorcia, 1980; Rodriguez, 2005).

Na consolidação da urbanização *caleña*, também houve uma distinção de estratificação por ocupação e identificação socio-racial, sendo os mais humildes e de cor, os que se dedicaram a ofícios manuais ou artesanato. No entanto, haviam para a época com pequenas exceções, um considerável número de ´brancos´ pobres, exercendo o oficio de alfaiataria e a pratearia, com grande destreza e qualificação. Em meados do século XIX, os alfaiates, distribuídos na cidade eram 39, localizados 12 no bairro La Merced, 16 em San Nicolas, 8 em Santa Librada, e 2 na paróquia rural de Jamundí. Por outro lado, apesar que haviam pouco fluxo de elementos têxteis, a cidade importava de Quito e do exterior, as telas

e roupas que consumia particularmente a classe alta. Estas necessidades incrementaram o número de comerciantes que começaram a adquirir prestigio social, pois o transporte de produtos e elementos foi um dos métodos mais rápidos para fazer fortuna, desencadeando que entre 1850-1853, o governo começara a expedir decretos para estabelecer uma contribuição direta sobre as fortunas, indústria, profissão u oficio (Escorcia, 1980).

A mineração e o apogeu econômico do comércio, sobretudo em meados do século XVIII, suscitou que outras classes sociais, pudessem comprar imóveis e bens centrais, que tinham preços altos. Esta reativação da vida urbana, trouxe iniciativas como as de calçar as ruas e iniciar os primeiros processos de construção de obras civis. Mesmo assim, persistiu na região uma radical estrutura social que as elites aproveitaram para acaparar o monopólio de terras e o controle da mão de obra; desgastando o sistema fazendário-escravista que terminou em finais do século XVIII; projetando uma crise que provocou o fraccionamento de grandes propriedades, arrojando à aristocracia a procurar outras economias. Este fato acelerou o povoamento de territórios de novos campesinos, mais o menos livres, que prosperaram ao sul do Valle geográfico (hoje, norte do departamento do Cauca) e as ribeiras de seus afluentes; nas terras baixas e inundáveis (Jiménez, 2009; Almario García, 2013).

Por outro lado, este panorama gerou uma transformação na arquitetura de Cali. O legado do Valle del Cauca, materializado na cultura barroca neogranadina, foi substituído pelo neoclassicismo, ao ser considerado atrasado para esta época. Este fenômeno de transição, conhecido na América como de estilo *barroco-classicista*, se expressou na cidade em construções como a Catedral de San Pedro, a igreja de San Francisco desenhada pelo payanés Marcelino Perez de Arroyo, entre outras edificações (Jiménez, 2009). Este legado foi descrito na história da cidade assim:

> O maior legado do Valle del Cauca, à cultura barroca neogranadina é sua arquitetura, original e simples, de sentimento e espírito *criollos*, que surgiram atuantes até o primeiro quarto de século XIX; mas já com o princípio deste século surgiu como reação a cultura neoclássica, que com seu caráter individual, arremeteu o *crillismo* que respeitou a cultura barroca [...] Realizar um estudo sobre o campo arquitetônico é muito difícil pela escassez de material. Ficam muito poucos monumentos da arquitetura do Valle. O bárbaro "progresso" moderno há substituído muitas construções coloniais pelo fato que eram humildes para substitui-las por outras de grandes proporciones, concebidas sem graça nem sensibilidade. O auge econômico da região tem tido fatais consequências pela arte

> colonial. A *piqueta* demolidora não respeitou nem ainda as obras localizadas na mesma capital do departamento (Sebastian, 1965, p. 20).[46]

A tendência neoclássica, foi arrasando paulatinamente ao *criollismo* consolidado como uma forma de expressão da estética da cultura popular. No entanto, se destacam dentro do fenômeno, construções como a Merced e San Pedro, feitas com materiais desdenháveis, fundamentalmente de madeira e tijolo. Este tipo de relevo estético, acentuou a diferença de classes sociais: os fazendeiros donos da terra e o gado que tinham propriedades e acesso aos desenhos arquitetônicos vanguardistas; e os despossuídos de todo isto, que conformavam uma massa crescente. Dentro dos valores essenciais de arquitetura na região, se destacam igualmente, a distribuição dos espaços, que tinham ainda evocação colonial; o caso da Casa de Marisancena em Cartago, com três pátios, é um exemplo significativo (Vasquez, 2001; Jiménez, 2009; Sebastian, 1965).

Ao iniciar-se ao século XIX, os fazendeiros republicanos na região começaram a assimilar uma duplo condição: ser herdeiros de uma ordem antigo, e construtores de outro. Esta perspectiva, é muito provável, que as novas relações que trazia o desenvolvimento econômico entre as antíguas fazendas e os povoamentos novos, foram reconfigurando-se num espaço muito distinto, diferençado pelos padrões tradicionais.

Nesta relação, durante várias décadas, os *comuneros* começaram manter uma relativa estabilidade de suas posses, e um ativo comércio de produtos que se orientou a partir de mercadorias que transitavam pela estrada ribeirinha, partindo desde a área de assentamento ao rio Cauca, e baixando por este, até o Puerto de Mallarino (Juanchito), utilizando-se um sistema de balsas de *guadua* que transportavam bananas, frutas, mandioca, cacau e milho. Cali começou então a significar muito mais que um espaço de vantagens econômicas sobretudo para os campesinos, pois o pago de impostos, lhes permitia ter uma base legal para preservar suas propriedades não tituladas, monetizando uma economia de subsistência como estratégia de inclusão social dentro do projeto republicano de consciência política (Almario García, 2013).

[46] Minha tradução. Texto original: "El mayor legado del Valle del Cauca, a la cultura barroca neogranadina es su arquitectura, original y sencilla, de sentimiento y espíritu criollos, que siguieron actuantes hasta el primer cuarto del siglo XIX; pero ya con el principio de este siglo surgió corno reacción la cultura neoclásica, que con su carácter intelectual barrió el criollismo que respetó la cultura barroca […] Realizar un estudio sobre el campo arquitectónico es muy difícil por la escasez de material. Quedan muy pocos monumentos de la auténtica arquitectura del Valle. El bárbaro "progreso" moderno ha sustituido muchas construcciones coloniales por el hecho de que eran humildes para remplazarlas por otras de grandes proporciones, concebidas sin gracia ni sensibilidad. El auge económico de la región ha tenido fatales consecuencias para el arte colonial. La piqueta demoledora no respetó ni aun las obras localizadas en la misma capital del departamento". (Sebastián, 1965, p. 20).

Durante o século XX, o crescimento da cidade se deu nas ladeiras ocidentais e as zonas inundáveis do rio Cauca, obedecendo a um padrão de ordenamento territorial irregular, que não logro responder ao déficit habitacional e a precária prestação dos serviços públicos. As guerras da independência nesta época, sumiram ao Valle del Cauca num profundo estancamento econômico. As fazendas da parte plana, se incluíram e produziram pouco para os mercados; enquanto as fazendas dos campesinos, ao longo das ribeiras do rio Cauca ou nas ladeiras das cordilheiras, quase que se dedicavam ao autoconsumo precário. Esta situação gerou movimentos e pronunciamentos para reclamar seus direitos e igualdade, logrando em 1849, a conformação da Sociedade Democrática de Cali, integrada por intelectuais liberais, jornaleiros, artesãos e campesinos (Vasquez, 2001; Jiménez, 2009).

As reformas liberais e a abolição da escravidão em meados do século XIX, desatou uma seria crises na região; embora não impediu que o cultivo do tabaco se convertera no primeiro produto de exportação nacional. Destinado o Valle ao crescimento produtivo, os *antioqueños* desde Quindío, demandaram compras de gado, açúcar, aguardente, cacau e outros produtos agrícolas, que elevaram a produtividade da região. Este tipo de atividades, promoveu o melhoramento das fazendas e terras de campesinos, que sacavam seus produtos desde a cordilheira, o Piedemonte ou as beiras dos rios dos povoados. De 1854 até 1860, se viveu um período de tranquilidade publica, que permitiu ao Valle refazer-se da ruina e o atraso. As reformas igualmente, que derrubaram as travas coloniais, fortaleceram as exportações e à burguesia agrário-exportadora (Vasquez, 2001).

Dos intercâmbios entre a colonização *antioqueña* e o Valle del Cauca, surgiu um novo grupo de comerciantes especialmente de Manizales e estrangeiros. Mas em meados deste mesmo século e com as reformas liberais, foi se conformando a elite agro comercial que combinava as atividades ganadeiras e agrícolas com o comércio interior e as exportações de produtos primários, a traves das Casas comerciais (Ver Apêndice CC).

Unicamente durante as guerras de 1860, 1876 ou a *epizootia* em 1887, onde as pragas de lagostas irromperam temporalmente, o melhoramento da agricultura, a ganadaria e o desenvolvimento comercial, decresceu. Mesmo assim, com as reformas agrícolas começaram a utilizar os chamados *pastos artificiais*, que melhoraram os solos e a alimentação do gado na região, recuperando terras anegadas e controlando avenidas e rios, e demais. A busca por

tecnificar a ganadaria extensiva, trouxe a ideia de combinar pastos artificiais, introduzir raças de ótima qualidade para cruzar o gado *criollo*, melhorar o uso e distribuição do solo, entre outras técnicas, que começaram a tecnificar a região (Vasquez, 2001; Almario García, 2013).

Entre os anos 1960 e 1970, a burguesia agrário-exportadora articulou a propriedade territorial, a atividade agrícola, o comércio e a exportação, incursionando na compra, semeadura, e exportação de tabaco a mãos de Marco Fernandez, os irmãos Ramón Francisco e Primitivo Sinisterra, Manuel María Barona, Juan Antonio Salazar, Liborio Mejía, Pío Rengifo, o presbítero Marcelino Lazo de la Espada e Manuel Joaquin Herrera de Palmira. A compra de cacau em mãos de Jose María Correa; a compra e venda de gado os fazendeiros Vicente Velasco e Sinforoso Garcés; e cultivo, criança e compra venda de produtos agrícolas à Sociedade Eder, Manrique e Cía, criada por Santiago Martin Eder e Antonio Manrique. Desta forma, se fundo para 1869 a Sociedade de Fomento Industrial, que atravessou sérias dificuldades de conexão pelo deterioramento e o isolamento no que se encontrava para esta data a região (Vasquez, 2001; Jiménez, 2009).

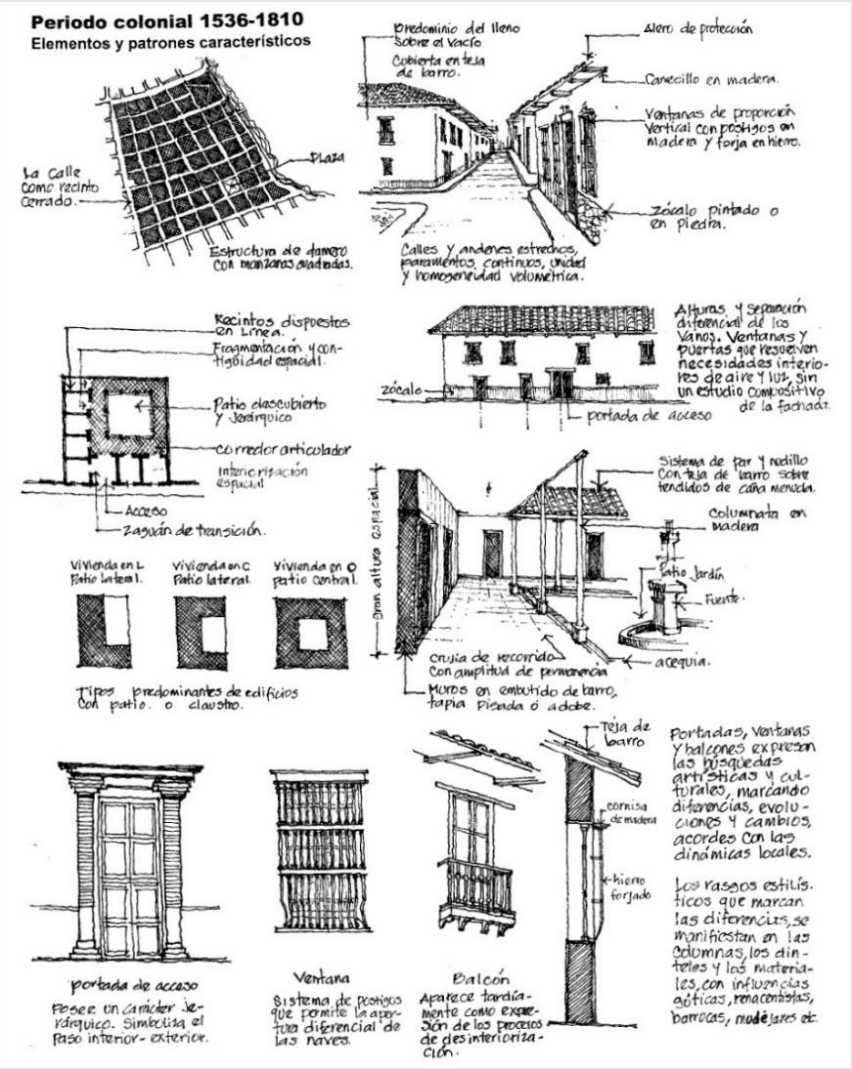
Por outro lado, e relacionado com a arquitetura dos anos 1810 até 1930, *Cali* manteve um histórico e conservado estilo colonial que mantinha influências do Barroco e Mudéjar com elementos da arquitetura Romântica, Gótica e Hispano-Muçulmana. A importância da evangelização católica durante a Colônia deixou um legado de expressões arquitetônicas em igrejas matrizes, paróquias e conventos de grande relevância. No caso das casas, a estética que correspondia à cultura campesina, manteve a influência da construção popular, que influiu nos padrões genéricos das construções rurais espanholas.

Na urbe podia perceber-se uma mudança na arquitetura dos séculos XVI e XVII, dando pé a outros padrões de estilo moderna. Entre as características arquitetônicas do este período destacam-se: uma estética austera, uma tipologia de edificação fraccionada, amplos corredores periféricos ao redor do pátio central, um *zaguán* como transição, espaços de altura, *zócalo*, janelas ajoelhadas, *vanos* de proporção vertical e localização aleatória, beirais de proteção, balcões e várias decorações (Figura 134) (Jimenez, 2009).

A evolução arquitetônica do período colonial, teve apenas algumas modificações; valorizando a estética de composição urbana no traçado morfológico, a forma, a espacialidade, a funcionalidade e de elementos decorativos apresentes nos balcões, portadas

e janelas. Predominou uma sucessão de recintos fechados, ruas e calçadas estreitos, praças vedadas por edificações, e um traçado cartesiano com quarteirões regulares. Neste panorama de baixa densidade de ocupação, se expressou uma prosperidade econômica nas casas de fazenda escravista ao longo do século XVIII, que operava como empresa.

Figura 134. Características de estilo colonial na cidade de Cali 1536 - 1810.



Fonte: Jimenez (2009, p. 93).

O valor social do entorno urbano, se manifestou sendo a Plaza Caicedo (localizada entre Calles 11 e 12, e as Carreras 4 e 5) ainda o núcleo central da região; influenciada além disso, pela ilustrada intelectualidade europeia que permeou o estilo barroco espanhol, com um neoclássismo de cânones gregos e romanos. A praça foi estabelecida como assentamento colonial para estender-se desde seu centro, em forma de um traçado de ruas retas e quarteirões

quadrados, como composição damero (Figura 135). Entre as primeiras construções religiosas matrizes destaca-se a igreja de San Pedro remontada sua origem desde a fundação da cidade, reconstruída várias vezes (Vásquez, 2001; Jimenez, 2009).

Figura 135. Praça Caicedo e Igreja de *San Pedro* em Cali em finais do século XVIII.



Fonte: Biblioteca Digital Universidad Icesi (1885).

Na praça central se localizou antigamente o Mercado Municipal que perdurou até 1913, sendo após renomeada com Plaza de Caicedo, em homenagem póstumo ao prócer Joaquin de Caicedo y Cuero, quem também foi merecedor de uma escultura em bronze colocada no centro por suas proezas militares e políticas na região (Romero, 2008). Com as décadas, a praça foi mudando suas dinâmicas, e de passar de centro social, político, industrial e militar, passo a centrar-se fortemente em um espaço econômico e comercial que alterou as relações de identidade, pertença e tradição histórica. Em finais do século XX, podia encontrar-se ainda ao redor da praça alguns armazéns com mercadorias importadas, e notáveis casonas de nobres e ilustres ricos, que sumiram para inícios do século XXI.

Na Praça de la Constitución Jurada, hoje Parque Caicedo os vendedores e compradores ofertavam seus produtos perto da Catedral de San Pedro. Algumas casas da cidade, de fato, tinham dois andares com balcões para a rua, com salões, quartos e corredores em torno ao pátio interior com luxos importados: prataria, louça de porcelana, vidraria, lâmpadas de álcool ou aceite, camas de bronze ou de ferro etc. (Figura 136) (Vasquez, 2001).

Figura 136. Centro tradicional como elemento contiguo à centralidade do norte.



Fonte: Romero (2008).

De tradição, Cali destacava-se na segunda metade do século XIX, pela beleza do bairro de Santa Librada, onde funcionava o colégio fundado pelo geral Santander e onde se erigia a velha Capilla de la Ermita. Este setor próprio de classes sociais ricas, letrados e profissionais de elite e política, foi destacado por albergar personagens como os doutores Ramón Mercado, Modesto Garcés, Manuel José Camacho, Eustaquio Palácios, Miguel Borrero, Belizário Zamorano, Manuel María Alonso de Velazco, e Vicente Borrero.

Contrastivamente, em outras zonas e periferias, podia contrastar-se setores onde se assentavam as populações de classe média, baixa e pobres. Ao oriente, mais afastado da Praça de la Constitución e das elites do poder local, se encontrava o bairro El Vallano ou San Nicolas, conformado por casas de bahareque ou adobe, a menudo com tetos de palha, habitados por artesãos, peões e *pulperos*; ou al sul oriente no bairro El Calvario, onde funcionava a açougue, cujas condições de habitabilidade eram bastante precárias e de censura moral para as elites (Perafán, 2021; Vasquez, 2001).

Se distinguia na região igualmente, o bairro Santa Rosa localizado ao sul do bairro *San Francisco*, ao sul oriente da Capilla de Santa Rosa de Lima, com uma particularidade interessante; pois a condição econômica de seus habitantes melhorava com a proximidade a San Francisco, e se deteriorava, com a cercania a El Calvário. Este tipo de comportamentos

podia olhar-se no bairro San Antonio conformado em finais do século XIX; habitado por uma parte contiguou a La Merced, por alguns comerciantes, funcionários e proprietários de fazendas, e por outro em seu parte alta, mais próxima à Capilla de San Antonio até a Calle de La Acequia, por artesãos, pulperos, professores de escola e funcionários, que desde sua condição econômica, se sentiam orgulhosos de sua religiosidade, o respeito ao ordem tradicional, austera dignidade e conservadorismo que exibiam para diferençar-se dos plebeus do bairro o Vallano (Vasquez, 2001).

Com novos bairros, o panorama ambiental em matéria de higiene e saúde paralelamente, foi preocupante, sobretudo a meados do século XIX na região; pois a precária atenção sobre focos de infeção produzidos pelo consumo de águas insalubres, as inapropriadas condições higiênicas nas casas, e os espaços onde abundavam resíduos fecais e demais sujeiras, desafiou as capacidades do sistema de saúde. Este fato se agudizou porque os médicos na região eram escassos, e os habitantes não tiveram mais opção que recorrer a alternativas como plantas medicinais ou *ervateiros, curandeiros,* e *sanadores,* deixando um legado dentro da medicina tradicional. O tema de saúde, sobretudo no que se refere ao mercado municipal, se manejou a escondidas do povo, configurando-se a modernidade como um objetivo inegociável para intervir ou conservar o espaço urbanos antigos.

Em finais do século XIX e começos do XX, a medicina se encontrava em mãos dos boticários, criaram os primeiros laboratórios farmacêuticos; no entanto, ainda existiam praticas medicinais locais (Perafán, 2021). Nas palavras de Villamil:

> O bom home exercia simultaneamente a carpintaria e a cirurgia, empregando para ambas profissões os instrumentos da primeira, que de fato, eram bem escassos: o formón, o serrote, o berbiquí ou brillamarquín, o escoplo e uns poucos mais. Pois bem: referem-se deste tipo celebre, os fatos mais extraordinários: chamado uma ocasião cerca de um enfermo atacado de uma ascite considerável (talvez pelo infarto paludico do baço e o fígado), pratico a paracenteses, fazendo no voluminoso abdômen da vítima uma verdadeira trepanação com o berbiquí; o instrumento homicida foi retirado depois de umas quantas voltas, traindo-se enredada na coroa ou broca, uma asa intestinal!
>
> Quanto se tratava de algum parto difícil, também nosso homem sacava a reluzir suas raras habilidades, mas mais que todo, sua incrível audácia. Uma vez um féretro, como chamava com profundo tono de suficiência ao feto, foi extraído por ele produzindo tales traumatismos na mãe, aparte da inversão do útero, que a infeliz mulher sobreviveu apenas uns poucos momentos à operação.
>
> Em outra ocasião, tão desgraciada como as anteriores, sofreu um erro de diagnostico, e a afilado cortador afundado sem compaixão na virilha do paciente, em vez de dar saída ao esperado pus, abreu ancha via às matérias fecais; havia confundido uma hérnia recente

> com um potro (bubón)! Todo isto pode ser tão horrível como se quer, mas é ao mesmo tempo tão exato como qualquer outro fato histórico (Villamil, 1898, p. 361-362).[47]

Para a época, também existia na região, um estamento econômico e mercantil que contribuiu à existência de uma sociedade rural (Almario García, 2013). De forma, os moradores mais pobres, solicitaram ao Cabildo o usufruto de arrabaldes em qualidade de arrendamento para poder construir suas parcelas e aproveitar os recursos naturais. A entrega de arrabaldes a partir de 1862 abarcou terrenos de uma extensão aproximada de 7 varas e 12.800 m^2. Entre os terrenos outorgados se encontram: Melendez, Cañaveralejo, La Chanca, passo de Santa Rosa, Las Piedras, Paso ancho, Navarro, Cucarachas, El Manantial, Água Blanca, San Nicolas, El Pueblo, Guanábano, Sardinera, Mata de Zarza, Barrio Nuevo, e as intermediações da urbe. A vantagem de encontrar-se próximos a fontes hídricas, favoreceu o crescimento do traçado urbano, populacional, comercial e agrícola. A madeira abundante na região, foi utilizada para a construção de moradias, utensílios culinários, varandas, separação de prédios, e demais (Figura 137) (Perafán, 2021).

Como uma forma de renovação estrutural de finais do século, o Município de Cali contrato para 1894 à companhia de Obras Públicas del Cauca, para a construção de uma praça de mercado e um matadouro afastado um pouco da Praça de la Constitución, para que este, quedara funcionando como parque. A nova sede do matadouro se inaugurou em 1896, e a praça do mercado ao ano seguinte. Anos depois, se transladou desde o cêntrico prédio municipal onde funcionava o matadouro (Carrera 9ª e 10ª, Calles 12 e 13), contiguou à colina de El Calvario, a outro prédio municipal (Carrera 16, Calles 11 y 13), que cruzava pela quebrada La Sardinera. Entretanto, por esta mesma época, o Cabildo autorizou ao doutor Justiniano Lloreda, cercar a Plaza de la Constitución com alambre de puas e semear uma zapallera. Assim se dava início também, à proibição de corridas de cavalo, touradas e festas de praça (Vásquez, 2001).

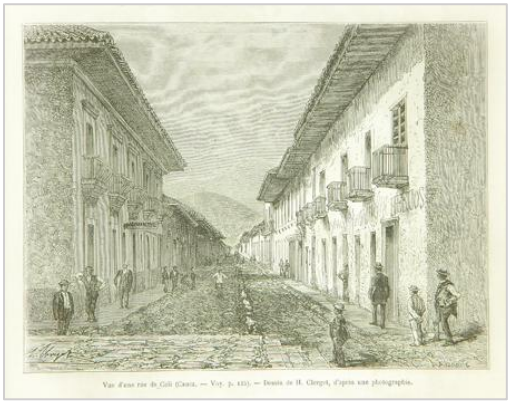
---

[47] Minha tradução. Texto original: "El buen hombre ejercía simultáneamente la carpintería y la cirugía, empleando para ambas profesiones los instrumentos de la primera, que por cierto eran bien escasos: el formón, la sierra, el berbiquí ó *billamarquín*, el escoplo y unos pocos más. Pues bien; refiéranse de este tipo celebre, lo hechos más extraordinarios: llamado en una ocasión cerca de un enfermo atacado de una ascitis considerable (quizás por el infarto palúdico del bazo y el hígado), práctico la paracentesis, haciendo en el abultado abdomen de la víctima una verdadera trepanación con el berbiquí; el instrumento homicida fue retirado después de unas cuantas vueltas, ¡trayéndose enredada en la corana o broca un asa intestinal!

Cuando se trataba de algún parto difícil, también nuestro hombre sacaba a relucir sus raras habilidades, pero más que todo su increíble audacia. Una vez un *féretro*, como llamaba con profundo tono de suficiencia al feto, fue extraído por él produciendo tales traumatismos en la madre, a parte de la inversión del útero, que la infeliz mujer sobrevivió apenas unos pocos momentos a la operación.

En otra ocasión, tan desgraciada como las anteriores, sufrió un error de diagnóstico, y la afilada cuchilla hundida sin compasión en la ingle del paciente, en vez de dar salida al esperado pus, abrió ancha vía a las materias fecales; ¡había confundido una hernia reciente con un potro (burbón) ! Todo esto puede ser tan horrible como se quiera, pero al mismo tiempo tan exacto como cualquier otro hecho histórico". (Villamil, 1898 em Perafán, 2021, p. 66-67).

Figura 137. Dinâmicas urbanas em Cali durante o século XIX.





Fonte: Biblioteca Virtual Banco de la Republica (2007).

Com a chegada do século XX, Cali logra em 1910, ser designada capital nascente do Departamento do Valle del Cauca. Nesta dinâmica, os centros povoados experimentaram um crescimento demográfico que implicou a expansão territorial e as transformações do uso do solo, onde se instalou a população menos privilegiada em termos econômicos e políticos. Este fato, trouxe uma saturação do espaço, que levou a que se reavaliaram estratégias de inclusão tecnológica que permitiu à Junta Central de Higiene em 1918, fixar normas orientadas a regulamentar o uso dos espaços internos, os sistemas sanitários, e em especial, os bairros destinados à população trabalhadora (Eusse e*t al*., 2020; Vásquez, 2001).

Cali se dirigia inspirada pela tendência europeia já para 1920, rumo à expansão moderna, o que gerou a construção de várias obras civis após da crises viária propiciada pela expansão e o tráfego motorizado. Este aire moderno também podia evidenciar-se no estilo urbano republicano de uma arquitetura influenciada pelas correntes estrangeiras na cidade (Eusse *et al*., 2020). Pretendia-se reproduzir na consolidação uma nova etapa, edificações e elementos modernos com propósitos de desenvolvimento regional que serviram ao interesse contemporâneo de forma recorrente:

> A grande indústria deve ocupar-se da edificação e estabelecer em serie os elementos da casa. Há que criar o estado de espírito da série. O estado do espírito de construir casas em série. O estado de espírito de habitar casas em série. O estado de conceber casas em série. Se arrancam do coração e do espírito os conceitos imóveis da casa e se enfoca a questão desde o ponto de vista crítico e objetivo, se chegara à casa – ferramenta, à casa em série, sana (moralmente também) e bela com a estética das ferramentas de trabalho que acompanham nossa existência (Corbusier, 1998, p. 188). [48]

[48] Minha tradução. Texto original: "La gran industria debe ocuparse de la edificación y establecer en serie los elementos de la casa. Hay

Este projeto manteve a fisionomia urbana de Cali ao redor da Plaza de la Constitución, com um número reduzido de bairros, entre eles San Pedro, La Merced, Santa Librada e San Francisco, que eram habitados por setores privilegiados de elite e fazendeiros conformados por comerciantes, advogados, políticos, médicos, sacerdotes e militares, com cruze de parentesco que entreteciam os poderes políticos, religiosos e econômicos. Entre as famílias destacadas estiveram: os Caicedo, Garcés, Carvajal, Borrero, Holguín, Córdoba, Sinisterra, Barberi, Mallarino, Zamorano, Guerrero, Vernaza, O'Byrne, Castro, Barona, Escobar, Herrera, Vergara, Lenis e Micolta (Perafán, 2021; Vasquez, 2001).

Na urbe, as entidades religiosas, políticas e econômicas da cidade se localizaram ao redor da Praza de la Constitución, deixando de ser para este período um espaço aberto, com chão de terra, luminoso, totalmente espaçoso, para converter-se numa viva representação do projeto modernizador. Em 1901, se substituiu o alambre de puas que estava na praça, e se semeou pasto argentino, deixando-se quatro entradas, dois na metade e dois aos costados. Em 1905, e havendo declarado La Sociedad de Mejoras Públicas que a praça devia ter uma melhor estética, sobretudo pela celebração do primeiro centenário da independência, decidiu-se semear nos arredores, *guásimos*, *cachimbos* e *palmeiras* (Vasquez, 2001).

Quando a praça municipal começou a integraras diferentes classes sociais, as elites começaram a trocar de ponto de encontro para preservar seu círculo, reunindo-se em lugares exclusivos como os clubes de Jorge Pineda (1906), Cauca de Juan de Dios Restrepo Plata (1920), Belalcázar (1900) ou Colombia (1930), que em sua maioria ficavam ao redor do Parque Cayzedo (Vasquez, 2001). Contudo, em espaços como a praça, seguia funcionando a mentalidade patrimonialista e provinciana das famílias mais ricas, que se reusavam a desaparecer da imagem pública, e procuravam manter o controle da região.

Outros câmbios apresentados podem apreciar-se no seguinte relato:

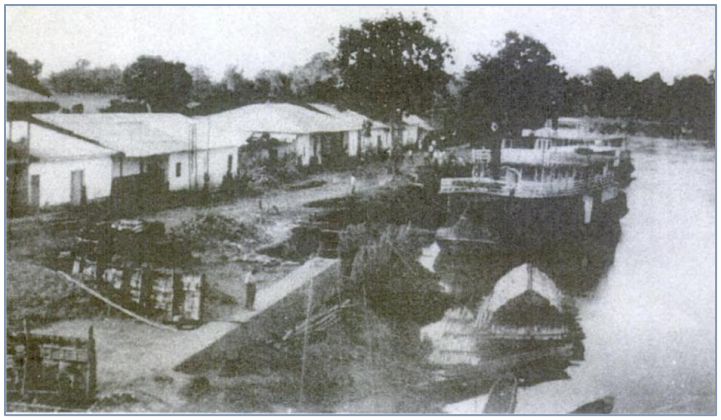
> Em 1913 se remodelou e o 26 de janeiro se colocou a estátua de Joaquin de Caicedo *y* Cuero do escultor francês Charles Verler quem também desenho o plinto renascentista sobre o qual se colocou a placa. Em 1916, se importou de Alemanha o portão de ferro que cercou o Parque deixando tornos de entrada em cada um dos costados. Se colocaram 'cadeiras' de madeira aos lados das sendas interiores do Parque, se instalaram faróis pela luz elétrica que já se gerava desde 1910 e se colocou um quiosque em seu interior onde se

que crear el estado de espíritu de la serie. El estado de espíritu de construir casas en serie. El estado de espíritu de habitar casas en serie. El estado de espíritu de concebir casas en serie. Si se arrancan del corazón y del espíritu los conceptos inmóviles de la casa y se enfoca la cuestión desde un punto de vista crítico y objetivo, se llegará a la casa – herramienta, a la casa en serie, sana (moralmente también) y bella con la estética de las herramientas de trabajo que acompañan nuestra existencia" (Corbusier, 1998, p. 188).

> situavam as bandas de músicos para as retretas que se ofereciam depois da missa dominical oficiada em San Pedro (Vásquez, 2001, p. 48-49).[49]

Com estas mudanças territoriais, Cali tinha para inícios do século XX uma população aproximada de 12.000 habitantes distribuídos nos bairros de Santa Rosa, San Antonio, San Nicolas, San Cayetano, La Merced, San Pedro, El Calvário e outras urbanizações que começavam a surgir (Tabela 15) (Jiménez, 2009). Este fato significou que a cidade ampliara sua extensão territorial, e se consolidaram novos povoados, apesar que existia uma grande precariedade no transporte, e a cidade começava a crescer aceleradamente sem nenhum planejamento. Durante o processo de integração comercial, se utilizaram vias terrestres, trochas e pontes para o transporte de produtos; surcando os rios, se aproveitaram sistemas de navegação num princípio rudimentares como as balsas de guadua (Figura 138).

Figura 138. Sistema de navegação pelo Río Cauca e *Puerto Mallarino* século XX.



Fonte: Vásquez (2001, p. 52-54).

Neste contexto, o rio Cauca e seus afluentes foram protagonistas no abastecimento de produtos como o café, o cacau e o tabaco eram trazidos das fazendas. Em 1905, o governo criou incentivos para impulsar a navegação pelo rio Cauca: um subsidio de 800 pesos ouro às empresas que fizeram o percurso de Puerto Simmonds (Paso del Comercio), no sitio de Tiacuanté, até La Virginia; 200 pesos ouro mais, se estendia-se ao sul para La Bolsa (Gelima). O valor aumentava, conforme a empresa fosse incrementando o número de barcos; o que ajudou a crescer a atividade de navegação pelo Cauca.

[49] Minha tradução. Texto original: "En 1913 se remodeló y el 26 de enero se colocó la estatua de Joaquín de Caycedo y Cuero del escultor francés Charles Verler quien también diseño el plinto renacentista sobre el cual se colocó la estatua. Em 1916 se importó de Alemania la reja de hierro que cerco el Parque dejando tornos de entrada en cada uno de los costados. Se colocaron bancas de madera a los lados de las sendas interiores del Parque, se instalaron farolas para la luz eléctrica que ya se generaba desde 1910 y se construyó un kiosco en su interior donde se ubican las bandas de músicos para las retretas que se ofrecían después de la misa dominical oficiada en San Pedro" (Vásquez, 2001, p. 48-49).

Tabela 15. Primeiras características de urbanização em Cali no século XX.

Localização	Caraterísticas de urbanização
Costado sul na Carrera 5a entre Calle 11 e 12	- Casa família Zawadsky de dois andares onde funcionava El Periódico Relator de Fernando e Jorge Zawadsky desde sua fundação em 1915 até sua desaparição. Para inícios do século XXI, ficou El Edificio de Cementos del Valle e El Periódico Occidente. - Casa Cural em metade do costado da Carrera Quinta e La Iglesia de San Pedro na esquina da Carrera Quinta com Calle Onze.
Canto sul da Carrera 5a com Calle 11	- La Iglesia de San Pedro, se encontrava numa casa de dois andares da família Hormaza e El Almacén de Isabel Hormaza, onde mais tarde funcionou El Hotel Astoria.
Costado ocidental na Calle 11 entre Carrera 5a e 4a	- Diagonal a La Iglesia de San Pedro, frente à casa dos Hormaza, se encontrava a casa de dois andares de Guillermo e Pepe Borrero. - Em seguida da anterior, em metade do costado ocidental e frente ao parque a casa de Pedro Pablo Caicedo e, mais tarde, El Banco de los Andes. - Contigua, a casa de Federico O'Byrne. - Contiguo com a anterior no canto se encontrava a casa de dois andares de Enrique Garcés, que logo foi adquirida por Víctor Palacio. Aqui funcionou desde 1906 El Club de Jorge Pineda, e La Casa Victor de Federico Burckhardt. Em 1922 Víctor Palacio a adquiriu ao Club Colombia onde começou a funcionar desde o 10 de janeiro até 1930.
Canto ocidental da Calle 11 com Carrera 4a	- Almacén de rancho e licores La Mascota de propriedade de Manuel Maria Buenaventura e Dídimo Reyes funcionou no primeiro andar desta esquina nos começos do século XX. Anos mais tarde esteve ocupada pelo Almacén Miller e El Almacén Sico.
Costado norte na Carrera 4a entre Calles 11 e 12	- Frente ao Almacén La Mascota, se encontrava a casa de dois andares da família Sierra. Na parte baixa funcionou a Tienda de Herrajes de Don Luis Fischer, o Almacén de Juan Wolf mais tarde, El Café Águila Roja. - Em seguida, se encontravam Los Portales Viejos da família Lloreda, onde vendiam gelo. - A casa de Don Andrés J. Lenis com o El Almacén Kodak no primeiro andar. - A casa da família Enrique Otoya, onde funcionou o Almacén Henry & Baronett de rancho e licores, e La Peluqueria de Jesús Carvajal e Manuel Torres, mais tarde El Café Polo Norte.
Canto norte da Calle 12 com Carrera 4a	- Na casa esquinara e de dois andares que pertenceu a Don Alejandro Garcés Patiño, funcionou La Drogueria Sitar, e El bar La Dama Blanca, com salão de bilhares no segundo andar.
Costado oriental na Carrera 4a entre Calles 11 e 12)	- Casa Municipal comprada por Delfina Micolta em 1902 por médio de seu esposo Enrique Bermudez. Foi também herdeira de sua mãe adoptiva e sua tia Josefa Camacho y Castro. - Casa de Emiliano Otero quem comprou a Dona Delfina Micolta em 1916, contigua à de Herman Bohmer quem comprou a Amalia Orejuela viúva de Vallecilla em 1902. - Casa do Coronel Ocampo.
Canto oriental da Carrera 5ª com Calle 12	- Casa do Doutor Evaristo García frente à do Coronel Ocampo, sede da Casa Comercial de Menotti de tempos atrás. - Em April de 1912, o Doutor Evaristo García fundou em sua casa El Centro Vallecaucano de História y Antiguedades que antecedeu à Academia de História do Valle do Cauca.

Fonte: Vasquez (2001, p. 49-51), realizada pela autora de acordo com os dados registrados.

Com o crescimento do transporte fluvial, se criaram também vários portos pequenos e rudimentares de embarque e desembarque ao longo do rio Cauca, unidos por caminhos com diferentes povoados: Puerto Simmonds com Cali (Juanchito-Cali), Mediacanoa com Buga, Riofrío com Tulúa, Camaranta com Bugalagrande, Tierrablanca com Roldanillo, Guayabal com Zarzal, La Cañada com La Victoria, e Guanábano - Fresnada com Cartago. Algumas embarcações luxuosamente decoradas, também ofereciam serviço de refeições com cozinheiro especializado, habitações, bar com licores importados, cobertura e plataforma de observação, que eram atrativos para os visitantes e turistas com dinheiro (Vásquez, 2001).

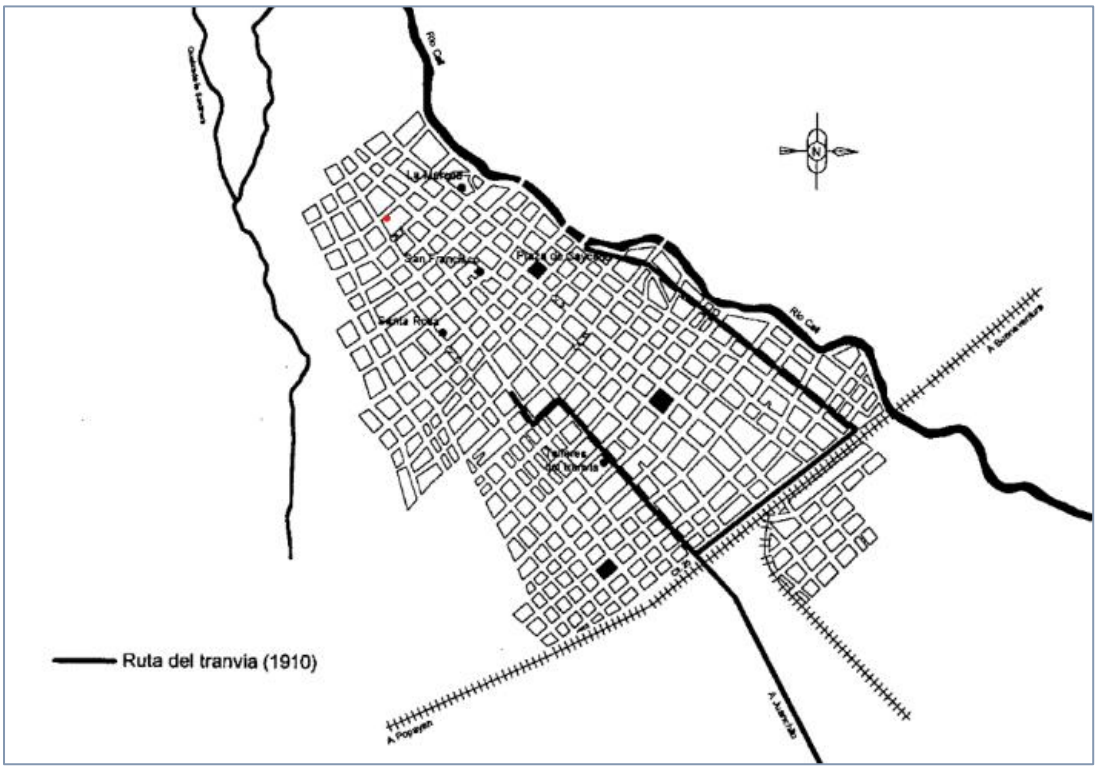
Este impulso comercial, fomentou o progresso, porque a princípios do século XX, o Valle del Cauca era uma região geográfica desconectada dos mercados locais, e de difícil trânsito, sobretudo em períodos de chuva. Esta situação se estendia ao uso de transportes terrestres que haviam, pois os limitados carvalhos de carrega, demoravam largas e exaustivas jornadas de viagem; pudendo aceder ao serviço, só aqueles que alcançaram a pagar, os altos preços de mobilização. Devido às condições de precariedade, se começaram então a construir trilhas, pontes e explorar transportes emergentes como a ferrovia (Vásquez, 2001). Durante este crescimento, se espalho a urbe; pois se incorporaram novas construções de estilo republicano com tendência europeia, como sedes de administração estatal e local, bancos, hotéis, teatros, edifícios de renda, bodegas, fábricas etc. (Jiménez, 2009).

Em finais da década de 1920, a competência de dois vias de transporte novas, fez desaparecer o sistema de navegação pelo Río Cauca: o primeiro o bonde inaugurado em 1909, e logo, o Ferrocarril del Pacifico que entrou em funcionamento em 1915. O bonde foi um transporte que teve corta permanência (1909-1926); foi propriedade de uma sociedade anônima constituída por Emilio e Enrique Bizot, Herman Bohmer, Fidel Lalinde, Alfonso Vallejo, Ricardo Price, Pedro Pablo Caicedo, e as irmãs Borrero e Mercado (María, Mercedes, Tulia e Ascensión), e outros. Todos os sócios eram importantes comerciantes de Cali, alguns de origem estrangeiro (Arroyo, 2024; Vásquez, 2001).

O bonde partia de El Calvario, onde se encontrava a Praça de Mercado (Carrera novena entre Calles doce y trece); continuava ao oriente pelo setor denominado Patio Bonito, onde havia vendas de lenha, guadua, esterilla, e deposito de materiais do município; cruzava até encontrar o Café Puracé, terminando em Juanchito, onde estavam instaladas a estação e

as bodegas para embarque e desembarque de barcos (Figura 139). Depois se construiu uma vertente que partia do Crucero, passava pela Estación del Ferrocarril, até a Estación de la Ermita. O bonde possuía de seis locomotivas inglesas de 5m de longitude cada uma; com lareira em forma de funil, sino, farol e caldeira de lenha ou carvão mineral. O bonde tinha a capacidade para transportar trinta passageiros cada um, e três para mobilizar carrega (Vinasco, 2016; Vásquez, 2001).

Figura 139. Plano de rota do bonde de Cali em 1910.



Fonte: Vásquez (2001, p. 52-54).

Em 1920, o bonde em plena atividade produtiva vendeu 262.520 passagens, 204.102 urbanos, e 58.418 rurais. Em quanto a carrega, mobilizou principalmente mercadorias manufaturadas (18.630 sacos); plátanos (58.205 racimos); viveres (20.199 sacos); café (15.407); de sal, lenha, peles, cimento, madeira, guadua, tabaco, açúcar, cal, materiais de construção, cigarros e porcos, com um cobro de 16.688.35 ao ano. Lamentavelmente quando se começaram a transportar muitas mais mercadorias pelas vias férreas, o bonde perdeu importância e as locomotivas se venderam ao engenho de açúcar Manuelita, para incentivar os trenes de transporte de cana de açúcar (Vásquez, 2001) (Figura 140).

Figura 140. Bonde funcionando na cidade de Cali, 1920.



Fonte: Diário Cali Oiga Mire Vea (2019).

O auge do transporte se disparou porque as iniciativas comerciais estavam crescendo e as ganancias prosperando dentro da consolidação do projeto industrial:

> Ulpiano Lloreda, em sociedade com Benito López se dedicou em finais do século XIX à compra e venda de gado. Mais tarde montaram uma trilhadora de café. Don Ulpiano fundou em 1898 a primeira fábrica de gelo localizada nos terrenos de El Peñon [...]. Em tanto que Don Benito López a partir da compra e venda de gado, a exportação de café, a trilhadora e a exportação de terras e minas, instalou em 1905º galpão e a fábrica de materiais de construção.
> A Sociedade Reyes e Bustamante dedicada ao comércio, a importação e exportação, fundou em 1909 a fábrica de sabão La Farma.
> Dom Ismael Hormaza a partir de seu armazém abastecido com produtos importados fundou em San Nicolas a fábrica de cigarros Ideais (1902).
> Os Irmãos Miguel e Ignacio Guerrero proprietários das fazendas 'El Nilo' em Jamundí, 'La Palma' em Candelária e 'El Jaguar' em Palmira, dedicados à criança e compra e venda de gado, e ao comércio de importação e exportação, instalaram a trilhadora Santa Rosa movida por força hidráulica (Vásquez, 2011, p. 81-82).[50]

Paulatinamente foram aparecendo empreendimento manufatureiros de alto nível tecnológico, sobretudo entre 1900 e 1915, como a cervejeira *El Gallo* de Don Alejandro Sarasty Reina, a carpintaria e marcenaria *La Gironda* com trabalhadores assalariados, os cigarros de Hormaza irmãos e os cigarros *El Sol*. De 1904 a 1909, refrigerantes Posada

[50] Minha tradução. Texto original: "Ulpiano Lloreda, en sociedad con Benito López, se dedicó a finales del siglo XIX a la compraventa de ganado. Más tarde montaron una trilladora de café. Don Ulpiano fundó en 1898 la primera fábrica de hielo ubicada en los terrenos de El Peñón […] En tanto que don Benito López a partir de la compraventa de ganado, la exportación de café, la trilladora y la explotación de tierras y minas, instaló en 1903 el galpón y la fábrica de materiales de construcción.
La Sociedad Reyes y Bustamante dedicada al comercio, a la importación y exportación, fundó en 1909 la fábrica de jabón La Fama.
Don Ismael Hormaza a partir de su almacén abastecido con productos importados fundó en San Nicolás la fábrica de cigarrillos Ideales (1902).
Los hermanos Miguel e Ignacio Guerrero propietarios de las haciendas “El Nilo” en Jamundí, “La Palma” en Candelaria y “El Jagual” en Palmira, dedicados a la crianza y compraventa de ganado, y al comercio de importación y exportación, instalaron la trilladora “Santa Rosa” movida por fuerza hidráulica" (Vásquez, 2001, p. 81-82).

Tobón, o molinho Condor de Oro, a casa editorial Palau e Velásquez, as farinhas El Hartón e La Mazorca, o café moído La Violeta de Don Juan de Dios Ogliastri, a fábrica de cigarros e compra e venda de tabaco da Sociedad Bohmer y Linzen, a Litografia de Don Mariano Ramos e os fósforos de Olano de Don Juan E. Olano (Vásquez, 2001).

Entre 1915 a 1930, destacando a importância e contribuição à região, a fábrica de tecido La Garantia de Don Antonio Dishington que décadas depois em mãos de seus filhos, se arruíno economicamente, a empresa cafeteira La María, a Companhia Vallecaucana de Tabaco, a fábrica de chocolates Gloria, Fábrica Nacional de Cigarrillos, a fábrica de rendas El Vencedor, a fábrica Alfresa de queijo e gordura, os Fósforos Radio, a cervejeira Los Andes e Colombia, os Tejares Santa Monica, o molinho farinheiro El Condor del Valle, os laboratórios JGB, as indústrias têxtis de Colômbia, os Doces de Colombia, e s fábrica de sabões Valera. Estas novas indústrias se caracterizavam porque as fábricas de cerveja e têxteis, tinham maior densidade de capital e nível tecnológico; enquanto as trilhadoras eram mais intensivas em trabalho, e com um avanço menor (Vásquez, 2001).

A todo o impulso econômico se somou o desenvolvimento da ferrovia na Colômbia, que procurava integrar as regiões do território para poder conectar, transportar, e monetizar a produção que não estava sendo plenamente aproveitada. No país, a construção das primeiras vias se deu a partir de 1836, com o fim de fortalecer o comércio exterior. a intenção de comunicar cidades produtivas e os portos, gerou a construção de El Ferrocarril del Pacifico ao sul-ocidente (Nieto, 2011). A linha ferroviária chegou a Cali, 19 de janeiro de 1915, e um ano depois, a primeira locomotora; aproveitada sobretudo, para o transporte de café de exportação, reduzindo-se o custo da mobilização do grão. Atrás ficaram as velhas rotas de café pelo rio Magdalena e Cauca, pois a ferrovia significou para a região vantagens em custos de transporte, rapidez e menores riscos de mobilização (Vásquez, 2001). A este êxito no transporte regional, se somaram novas indústrias, empresas e fazendeiros que fortaleceram os mercados de importação e exportação manufatureira.

Simultaneamente outro acontecimento se somou à transformação da urbe caleña. A eletricidade que por tanto tempo havia sido um dos retos locais, foi consolidando-se depois de haver iniciado projetos prematuros ao redor dos alumbrados públicos com luminárias de petróleo e depois de álcool, que foram localizadas nas ruas mais próximas à praça central. O

26 de outubro de 1910, se inaugurou assim, a primeira planta de energia hidroelétrica, Electric Light and Power Company de 50 Kw, que se localizou em Piedra Grande, e foi financiada pelo capital privado (Figura 141) (Vásquez, 2001; Castañeda, 2013).

Figura 141. Inauguração da planta de energia elétrica de Cali.



Fonte: Castañeda (2013, p. 88).

A companhia Electric Light and Power Company constituída por Henry J. Eder, Edward Mason, Ulpiano Lloreda, e Benito López, em terrenos comprados à família Collazos, se vendeu em 1928 a Bond and Share, filial de la empresa norte-americana South American Power Company, passando a chamar-se, Compañia Colombiana de Eletricidad, que instalou em 1926, a primeira planta térmica da cidade. Os primeiros 440 focos de 16 bugias, foram colocados assim, ao redor do Parque Cayzedo e bairros distinguidos (Camacho, 2010). Em termos gerais, se passou do uso de velas, ao alumbrado com postes e luminárias na parte superior. A instalação de lâmpadas, não parou ao longo do século; resolvendo em parte, o problema de segurança pública, e integrando aos povoadores, a dinâmicas populares como parar-se as fontes de luz, para poder realizar suas atividades produtivas (ler, conversar etc.).

Todos estes avanços geraram que os dirigentes políticos posicionaram à região do Valle del Cauca, e sobretudo Cali, como uma das cidades mais prósperas, à vanguarda de qualquer capital moderna no mundo. Entre 1924 e 1929, se consolidaram outras mudanças relevantes com fábricas processadoras de alimentos e produtos, que além de utilizar mão de obra local, usava matérias primas próprias da região. Durante este período se deu o *boom* da

construção, e o incremento da população assalariada; o que consolidou, o surgimento da arquitetura neocolonial, referente nos novos bairros residenciais.

Dentro da arquitetura neocolonial no centro da cidade, se construíram os edifícios do Banco de la República, o Edificio de Coltabaco, o Banco Antioqueño Alemán, e El Hotel la Merced. Contudo, a maioria deste estilo, se localizou nos bairros residenciais fora do tecido urbano, adicionando características como vegetação nas ruas e introdução de jardins nas casas, propriedade pelo geral, de prósperos comerciantes ou famílias acomodadas que ergueram zonas como o bairro Granada que surgiu ao redor de 1920. Nas palavras de Mumford (1957), a construção de vilas suburbanas com amplas zonas de jardins, foi uma ideia materializada das classes medias por encontrar um espaço romântico na urbe. Em Cali, os bairros residenciais conformados baixo esta lógica foram: San Fernando (1928), El Peñon (1930), Centenario (1936), Juanambu (1937), Versalles (1935), Santa Teresita (1944), e Santa Rita (1945). Pelas colinas, à margem esquerda do rio Cali, se podiam olhar as vilas rodeadas de jardins de estilos modernos. (Figura 142) (Ramírez e Gutiérrez, 2018).

Figura 142. Arquitetura de Estilo Colonial bairro Granada e Coltabaco.



Fonte: Biblioteca Digital Universidad Icesi (1935; 1940).

Este fluxo de construções pré-modernas que combinava ainda a tradição com a modernização, conduziu a uma heterogeneidade econômica e ideológica que trouxe um grande crescimento urbano sobretudo de trabalhadores que foram associando-se em comunidades como El grêmio de artesãos de Cali, a Associação de empregados do comercio, a Sociedade altruísta de Cali, a Mutual de Ferroviários, a Liga de trabalho, entre outros. Esta dinâmica, aumentou a demanda de casa e colocou em marcha projetos de urbanização ao

redor do Parque Caicedo, entre eles, se ofertava a compra de lotes e casas dos bairros San Fernando, El Peñon e Granada (Figura 143) (Vinasco, 2016; Vásquez, 2001).

Figura 143. Anúncios publicitários de venda de lotes e casas 1920, Cali.



Fonte: Vinasco (2016, p. 21).

Entre os bairros que se construíram para a época na urbe, destaca-se o bairro San Fernando, que surgiu da aliança entre o município de Cali, e o banco norte-americano Baker Kellog and Company Inc. A ideia do projeto, era realizar uma construção moderna que pudesse estar integrada com as vias de acesso, serviços públicos, escola, igreja e transporte. O banco norte-americano, aportou para este desenvolvimento, cinco milhões de dólares em sociedade com empresários de Cali, que adquiram o lote de propriedade da família Garcés.

Mesmo assim, uma vez finalizada a construção, as casas resultaram mais custosas que as do exclusivo bairro El Peñon, sobretudo porquê os desenhos procuravam imitar o modelo de bairro Jardim, replicado de França e Inglaterra. As casas se venderam a altos custos, o que gerou que terminaram sendo proprietários uma grande quantidade de dirigentes caleños, entre eles, médicos, sacerdotes, religiosos, comerciantes e estrangeiros. Entre as famílias mais destacadas se encontravam os Caicedo, Garcés, Carvajal, Borrero, Holguín, Córdoba, Sinisterra, Barberi, Mallarino, Zamorano, Guerrero, Vernaza e outros (Vinasco, 2016).

Por outro lado, mais especificamente nos ao redores do Parque Caicedo se encontravam os setores urbanos marginais onde se localizavam os bairros populares, entre eles El Vallano (San Nicolas); e ao sul-oriente El Calvario (Figura 144). Suas condições lamentáveis, distavam muito das vantagens dos setores mais privilegiados; de fato, a higiene, saúde, ambiente e convivência em geral, foram décadas depois, grandes problemas regionais

(Perafán, 2021). Nestas zonas, a falta de energia elétrica, e depois de um sistema de drenagem e obtenção de água limpa, gerou que se dispararam patologias gastrointestinais como a difteria, a disenteria, a febre tifo, infeções intestinais, e outras.

Figura 144. Bairro San Nicolas em 1944, Cali.



Fonte: Biblioteca Digital Universidad Icesi (1944).

De forma geral durante o período republicano (1810-1930), o passo da Colônia à República, simbolizou também na arquitetura, uma independência do domínio espanhol e o desenvolvimento das instituições políticas. Estas novas formas de homogeneização, promoveram um anelo coletivo romântico de liberdade, que gerou a invenção de uma nova nação, apesar, que as construções para o século XIX, foram poucas.

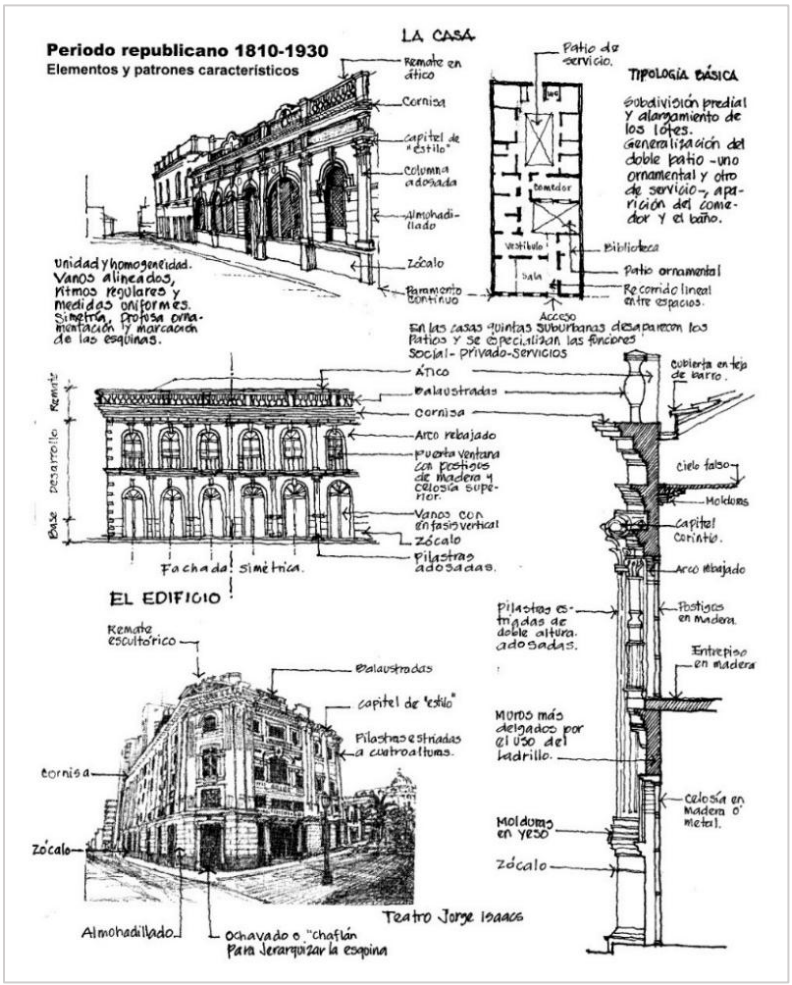
A nova identidade nas formas arquitetônicas, frente as influências do academicismo neoclássico e o romanticismo, iniciou a construção de edifícios governamentais como símbolos da democracia e a nova República. Em Bogotá, este tipo de expressões da arquitetura neoclássica e republicana teve seu ponto mais álgido, com o projeto de Tomas Reed na construção do Capitolio Nacional, iniciado em 1847 e terminado em 1926. Atualmente este recinto es conhecido como a sede do Congresso da Republica, localizado a um costado da Plaza Bolivar (Jiménez, 2009; Díaz Giraldo, 1966).

Consequência das guerras da independência, e as guerras civis acontecidas em todo o território nacional; algumas regiões se despovoaram e muitas casas foram abandonadas. A

crise econômica, política e social, desencadeou que as construções na época se simplificaram, aumentando-se a altura e empobrecendo os aspetos decorativos das edificações. Nas primeiras décadas do século XX, as cidades povoadas com artesãos, tendeiros, lavandeiras, carpinteiros, alfaiates e outros trabalhadores foram ocupando os antigos bairros coloniais; integrando-se à diversidade e transformação do espaço urbano.

A recuperação econômica depois da Guerra de los Mil Días (1899-1902), favoreceu as exportações de café, surgindo uma prosperidade urbana que se reflexou na adoção de tendências europeias e estadunidenses dentro da arquitetura. Estes novos edifícios destinados a ser sedes de administração pública, bancos, hotéis, teatros, edifícios de renda, bodegas, armazéns e fábricas, impuseram uma onda moderna, mas lamentavelmente interferiu com os estilos estéticos interculturais de longa tradição (Figura 145) (Jiménez, 2009).

Figura 145. Características de estilo republicano na cidade de Cali 1810 - 1930.



Fonte: Jimenez (2009, p. 93).

A característica destes novos desenhos colocou ênfases na verticalidade e o tamanho dos *vanos*, a elevação de altura das edificações e cobertas, e se introduziram elementos como as mansardas, *buhardillas*, balcões balaustrados, capiteis, colunas, cornijas decoradas, frisos e dentículos, pilastras, pórticos, frontões, entre outros. A construção de molduras, talhas em gesso, tratamentos formais e soluções tecnológicas, requiriu mão de obra qualificada; sendo os novos materiais cemento, ferro e estruturas de concreto, a substituição do adobe pelo tijolo, produzindo uma alteração urbana drástica. Os processos de alteração continuaram ao longo do século (Figuras 146) (Vasquez, 2001; Jiménez, 2009).

Figura 146. Contraste e remodelação de estilo republicano, Teatro Jorge Isaacs século XX.



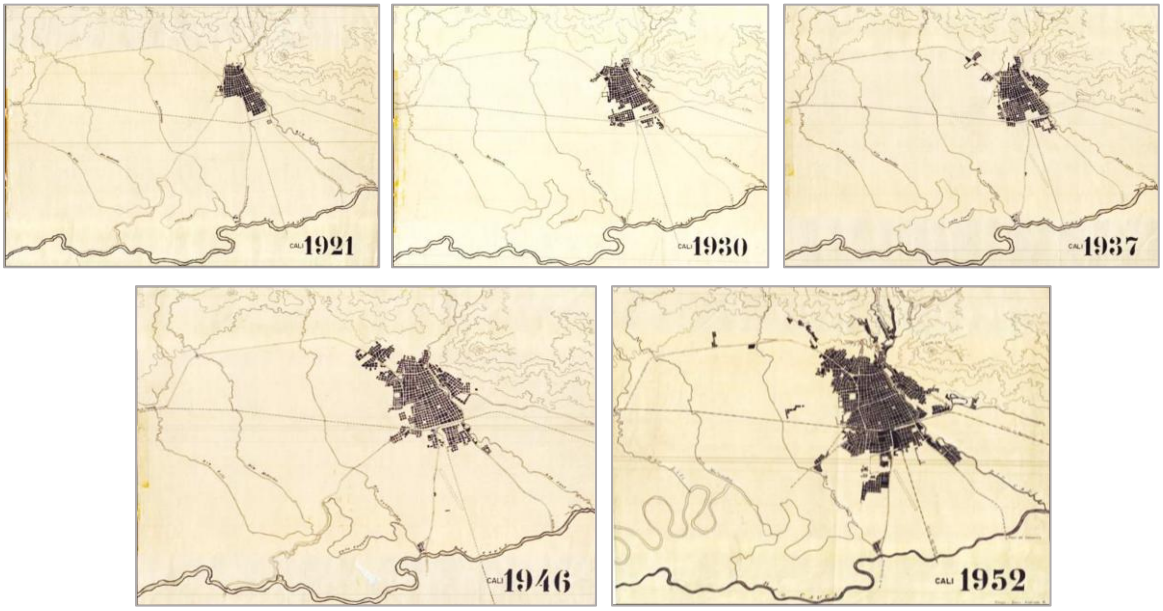
Fonte: Biblioteca Digital Universidad Icesi (1930; 1997).

O crescimento da cidade a partir do século XX, foi ascendente. Entre as primeiras modernizações registradas, se encontra a extensão do território e o aumento da população que nas cartografias das décadas entre 1920 e 1950, se logram apreciar. Este fenômeno de expansão urbana acelerada, típico dos fortalecimentos e projetos de progresso da maioria das nações americanas, recebe no caso de Cali, a uma população deslocada do rural, imigrante e trabalhadora que vem a reforçar o projeto moderno. Estes atores, se convertem ao longo do século, em novos reconstrutores do centro; mas também ao mesmo tempo, em urbanizadores dos espaços populares e periféricos, que consolidam as costumes e tradições regionais (Figura 147) (Vergara, 2016).

Muitas construções novas se foram incorporando de 1920 e 1930 introduzindo-se uma tecnologia do *concreto armado*, que se conserva até hoje, como parte do patrimônio arquitetônico plasmado no edifício *Otero* (1926), o Palacio Nacional (1926-1933), os teatros

Jorge Isaacs (1931) e Municipal (1919-1927), a Catedral de San Pedro que foi intervinda em 1925, e o Molino Roncallo, construído em 1927 de estilo industrial.

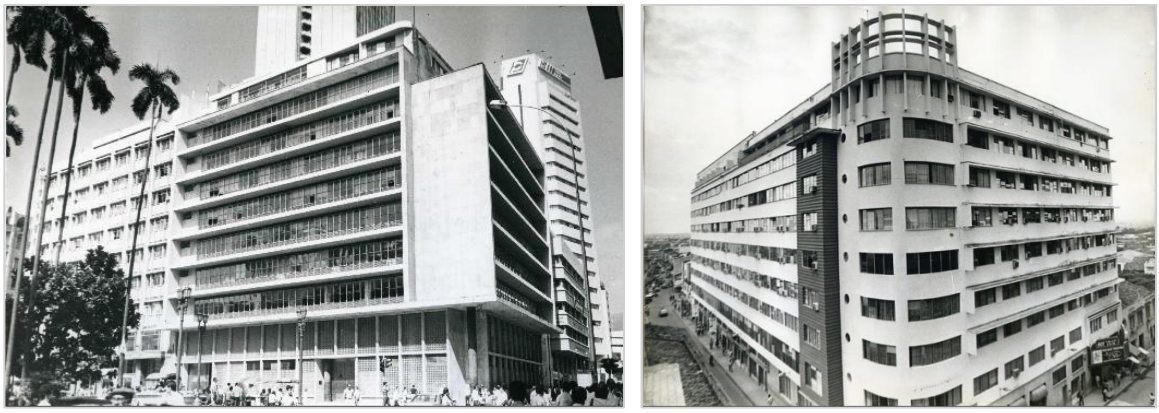
Figura 147. Contraste cartográfico do crescimento urbano de Cali durante o século XX.



Fonte: Biblioteca Virtual Banco de la Republica (2007).

Frente a influência do estilo internacional, se destacam o Edificio Zaccour (1952), o Hotel e Teatro Aristi (~1946) proprietário do rico exportador de café nascido em Medellin, Adolfo Aristizábal; o Banco de la República, o Banco Industrial Colombiano; e a Clínica San Jorge (1950) (Figura 148) (Vásquez, 2001).

Figura 148. Esquerda, Banco de la República, e Direita, Hotel Aristi em Cali.



Fonte: Biblioteca Departamental Jorge Garcés Borrero (1990; 1980).

Especificamente, ao redor do Parque Cayzedo, se demoliram as velhas casonas das famílias Sierra, Lloreda e Otoya, para construir edificações como o Banco de Bogotá e o Hotel Nueva York. Se demole a casa de dois andares de Don Víctor e o Club Colombia, para construir o Edificio do Bando de la República. Se levantam edifícios da Compañia Colombiana de Seguros, Cementos del Valle demolindo a casa da família Zawadsky, o edifício da Compañia Suramericana de Seguros onde funcionou a Casa Menotti, o Banco Popular (1954), o Banco Cafetero e o edifício Hernando Caicedo; ficando o Parque Cayzedo um anão em mãos gigantes. O desenvolvimento industrial deste período, se associou ao número de construções e licenças expedidas (Ver Apêndice DD) (Vásquez, 2001).

Durante todo o século XX, o centro da cidade começou a ser ocupado por atividades terciarias e edificações de grande altura, feitos com novos materiais de construção e estilos. Fruto desta nova onda, se destacam construções como o Edifício Garcés, o Edificio Lloreda, o Edificio Merchant, o Edificio Aristi (hotel, teatro, armazém), o Banco de Bogotá, o Teatro Colón, o Teatro Bolívar, e o Teatro Colômbia. Algumas fábricas tradicionais que se localizavam no centro histórico da Calle primera, perto das linhas férreas, na Calle octava; foram deslocadas a zonas industriais periféricas como o caso da indústria Plásticos Tres Estrellas, Gaseosas Posada Tobón e outras que estenderam sua operatividade (Bravo, 2012).

Os processos de urbanização no centro continuaram mudando rapidamente, substituindo o antíguo pelo moderno para projetar um estilo urbano contemporâneo que reflete o auge econômico que vivia a região. Estas dinâmicas alteraram a imagem tradicional das edificações e muitas foram arrasadas abruptamente, como no caso da Galeria Central, o Asilo Municipal, o Batallón Pichincha, o Palácio Municipal e outros (Figura 149).

Figura 149. Edificio del Batallón Pichincha, hoje Centro Administrativo – CAM.



Fonte: Biblioteca Digital Universidad Icesi (1930; 2002).

Para cumprir o projeto modernizador, alguns edifícios foram demolidos por sua estética tradicional, e edificados novamente com estilos contemporâneos. Este foi o caso do Palácio de San Francisco, o edifício da antiga Governação construído de 1971 a 1976; e o edifício do Batallón Pichincha sobre o qual se construiu o Centro Administrativo Municipal – CAM. A necessidade de modernizar a cidade, gerou que as edificações coloniais foram demolidas e substituídas sem nenhuma consideração (Figura 150).

Figura 150. Edifício da Governação de Santiago de Cali em meados do século XX.



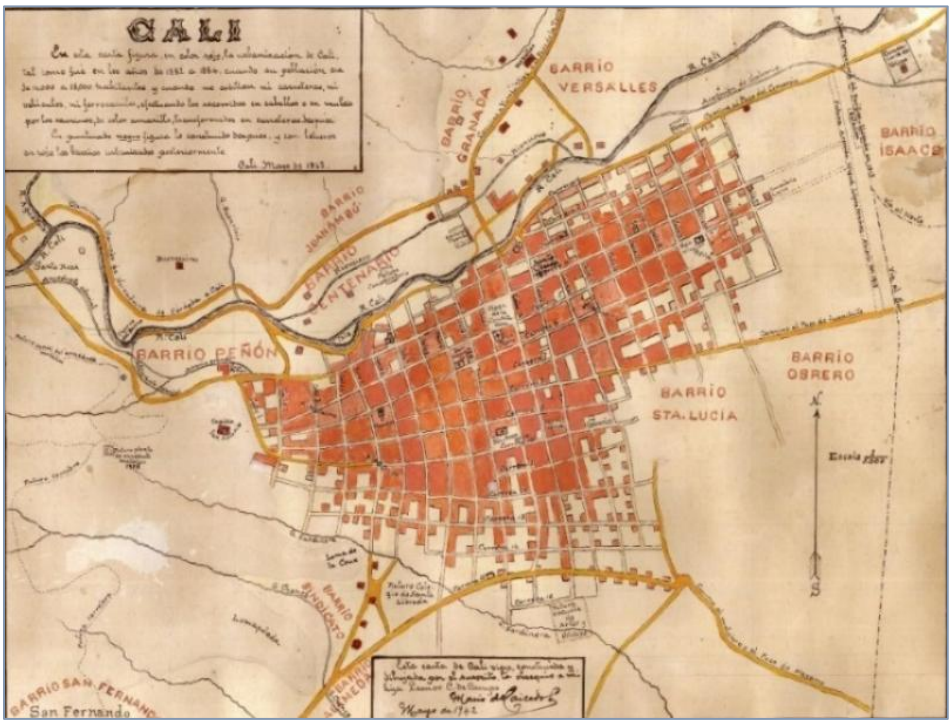
Fonte: Esquerda, Orgullo Cali (2022); e Direita, Gobernación del Valle del Cauca (2016).

Na cartografia de 1942, pode-se apreciar de igual forma, o crescimento de bairros e zonas urbanas que começavam a integrar-se à metrópole. Entre os bairros que aparecem registrados pela época, se encontram ao redor da Praça de la Constitución, o bairro Centenário, Santa Lucia, e Obrero; e nas periferias, o bairro San Fernando, Alameda, Sindicato, Peñon, Isaacs, Versalles, Granada e Juanambú. Se encontravam projetados, novas construções como El Cuartel, La Carcel, o Cimenteiro Laico e Católico; a Planta de Acueducto Metálico, o Conservatório, instituições como a Escuela de Artes y Ofícios, o Colegio de Santa Librada; e várias avenidas, entre elas a de Miguel López Muñoz.

De forma geral, o crescimento de empresas a partir de 1944 era tão alto e sobrevalorizado, que o centro se converteu numa zona elitista onde escassamente podia encontrar-se moradia a um preço acessível, pagando pela exclusividade. Casas de dois andares no bairro San Pedro perto da Plaza Caicedo, eram exclusivas para as classes mais acomodadas. Durante as três décadas seguintes, bairros antigos como San Nicolas, se espalharam: da Calle 22 até a Calle 25; e na segunda década, o bairro Santa Rosa, rumo ao sul, formando os bairros Loma de la Cruz com extensão via a San Cayetano.

Em complemento surgem assim, bairros como Sucre, Obrero e San Pascual com prolongamento da Praça del Calvario e o bairro Don Bosco. Para 1920, se inicia a urbanização de El Peñon, e dois anos depois, o bairro Jorge Isaacs transpassando a barreira da via férrea ao nordeste, e o bairro Granada construído ao outro lado do rio Cali em direção ao norte. A cidade continuou crescendo, sobretudo em alguns terrenos livres, conformando-se os bairros San Nicolas, Sucre e Obrero (Figura 151) (Bravo, 2012).

Figura 151. Cartografia urbana da expansão de Cali em 1942.



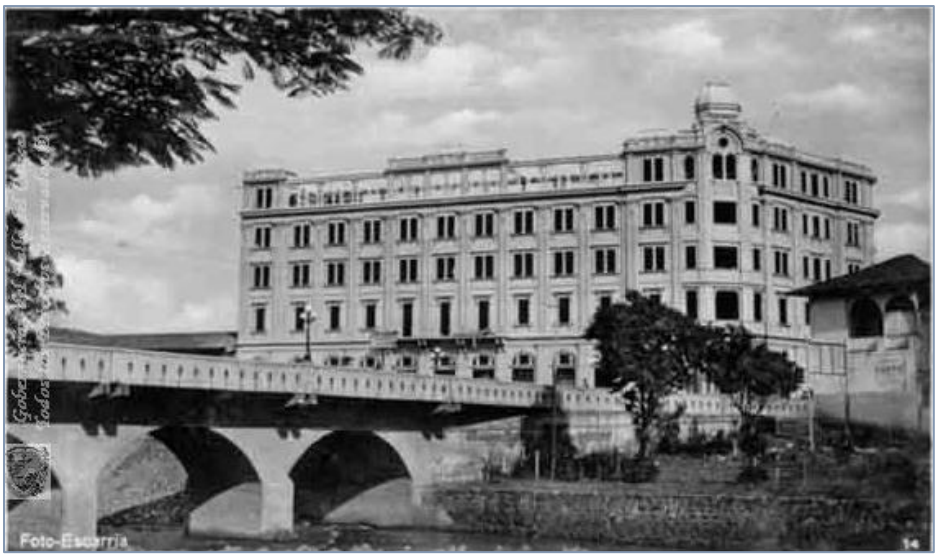
Fonte: Eusse *et al* (2020, p. 30).

Esta onda de transformações trouxe serias perdas culturais, sobretudo na arquitetura do setor histórico; pois a expansão imobiliária de estilo republicano e neoclássico, destruiu o legado histórico que se havia conservado desde a Colônia. Entre as construções que foram arrasadas, se encontram algumas casas coloniais do centro histórico, e edificações patrimoniais representativas, como o Hotel Alférez Real, demolido para a realização dos Jogos Panamericanos em 1971, ao não ser considerado de altura pela celebração (Figura 152).

A perda patrimonial do Hotel Alférez Real, construído de 1927 a 1933, foi um detrimento coletivo à preservação histórica da fundação da cidade; máxime, quando depois de ser demolido, ficou um terreno baldio por muitos anos, que vinho a ser substituído pela

Praça dos poetas. Alguns intelectuais críticos da região, pensam de fato, que a perda de alguns monumentos históricos, representam diretamente a perda da memória coletiva. Este tipo de dinâmicas trouxeram a consolidação de uma policentrismo a uma estrutura que era homocêntrica que conduziu a uma *desconcentração atomizada* (Martínez Toro, 2014).

Figura 152. Ponte de Cali e o Hotel Alférez Real na segunda década do século XX.



Fonte: Biblioteca Departamental Jorge Garcés Borrero (1928).

A cidade de Cali deu início à hibridação arquitetônica progressiva que impulsou, o incremento na altura das edificações, os câmbios no ancho das vias para abrir passo à circulação veicular, e a transformação do traçado urbano tradicional, substituído por super quarteirões de conjuntos habitacionais, que alteraram o acervo cultural. Neste aspecto, Cali sofreu uma grande perdida de valores históricos, simbólicos e patrimoniais; pois o antigo se tornou objeto de discriminação e foi destruído para dar mais valor ao uso tecnológico que se instaurava já como era de desenvolvimento econômico (Pulido, 2016).

Esta onda modernizadora, obrigou a criar na parte norte da cidade, onde se localizava a maior parte de famílias prestantes, residências de estratos altos que se expandiram ao oeste e sul. Nesta mesma zona se localizou o Estadio La Galilea (sede dos primeiros jogos atléticos nacionais de 1928), a praça de Toros de Granada, el Hipódromo de Versalles (que prestou alguns serviços ao aeródromo civil), a Biblioteca Departamental, o Conservatório de Música Antonio Maria Valencia, o Club de Tenis, o Club Colombia, o Batallón Pichincha, o Teatro Bolivar, e o Teatro Luna Park situado no bairro Granada (Eusse et al., 2020).

Entre 1944 e 1955, a industrialização implicou a conformação de zonas industriais, e a relocalização de empresas deslocadas do centro às periferias. O desenvolvimento pré-industrial, que havia convertido ao centro em eixo de companhias muito reconhecidas de carácter comercial, bancário, professional e institucional, elevou o preço da terra. Os elevados preços da terra no centro, geraram que as indústrias foram realocadas nas periferias, onde os custos eram mais baixos. Esta dinâmica trouxe a mudança de altos setores sociais, a novas áreas residências, entre elas Granada, Versalles, Juanambú, Santa Teresita, Centenário, San Vicente, e Santa Mónica (Ver Apêndice EE) (Vásquez, 2001).

O valor estético se concentrou em meados do século XX em dois tipos de construções: *colonial* de um ou dois andares, lisos parâmetros, poucas aberturas e beirais; e *republicano* de corte classista, com pilastras aplicadas, quadros nas janelas, rodapé moldurado, e beiradas elaboradas que se converteram na viva expressão das mudanças arquitetônicas que aconteciam na cidade. A partir desta etapa de consolidação pré-moderna, a traça hipodâmica passa a ser substituída paulatinamente por outros módulos urbanísticos industriais. As áreas indústrias e bodegas que se formaram conjuntamente à linha férrea, estabelecendo-se antes do *Boom* industrial, se mudaram.

Ficou de forma explicita, algumas construções de estilo Art Decó, Art Noveau, e neocolonial que foram edificadas entre 1920 e 1940; encarnando uma visão hedonista e burguesa. As construções modernas, representadas em edifícios de altura, com as que Cali queria irromper no espaço de forma definitiva nos anos cinquenta, concentrava o anelho das classes dirigentes de colocar-se "ao dia" com as expressões contemporâneas (Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali, 2014).

A produção agropecuária na região em meados do século XX era muito variada. Entre 1946 e 1952, o cultivo de cana de açúcar adquiriu um forte impulso nas exportações, a produção de açúcar e a área de cultivo de cana (Ver Apêndice FF). Esta atividade fiz necessária a incorporação de terras no setor açucareiro, promovendo o setor campesino. Os engenhos açucareiros que já existiam: La Manuelita, Rio Paila e Providencia se consolidaram junto com outros que começaram a consolidar-se e que aceleraram a modernização, entre eles Perodíaz, Mayaguéz, Bengala, Papayal, San Carlos, San Fernando, entre outros (Vásquez, 1990).

Entre as indústrias deslocadas se encontram, nas palavras de Vásquez: "Gaseosas Postobón que se mudou da Calle 15 entre Carreras 2ª e 3ª, no centro da cidade, à Carrera 8ª com Calle 24. La fábrica de plásticos e pentes Tres Estrellas localizadas inicialmente na Calle 15 com Carrera 1ª, também no centro de Cali, se mudou à Carrera 8ª entre Calles 29 e 30" [51] (2001, p. 198). Nesta direção se distinguiam na região, quatro zonas industriais: 1) a Zona da Carrera Octava; 2) a Zona de San Nicolas; 3) a Zona da Carrera Primera; e a 4) Zona da Avenida Sexta (Tabela 16) (Vásquez, 2001).

Tabela 16. Zonas industriais em Cali em finais do século XX.

Tipo de zona	Localização do fenômeno industrial
Zona industrial da Carrera 8ª	Antes de 1944, a localização das companhias era dispersa, integrando-se à região empresas como La Garantía, Textiles Colombia, cervejas Bavaría, refrigerantes Postobón, Tres Estrellas, Calcetería Mariella, Colombian Fluorescent Lamp (Fablamp), fábrica de oxigeno e produtos metálicos FANO, fábrica de café Granada, Lloreda Grasas, refrigerantes Manzana Lux, engarrafamento Canadá Dry, Icolápiz.
Zona industrial de San Nicolas	Antes de 1944, já existiam em San Nicolas empresas manufatureiras e pequenos locais artesanais: Mariano Ramos R & Cia. Ltda, a fábrica de macarrão alimentício La Espiga de Oro, biscoitos Domino, pastas de cereais, litografia e impressão, fábrica de caixas de cartão, Laboratórios JGB, sabões Varela, Compañia Colombiana de Tabaco e cigarros Mora. Depois de 1944, se foram integrando sacolas de papel Emilioé, café Aguila Roja, Galletas Noel, Laboratórios Uribe Angel, Delaware Punch, Neón del Valle, iluminarias Roy Alfa, Gás Neón, Laboratórios Fixalia, Tecnoquímicas.
Zona industrial da Carrera 1ª	Antes de 1944 existiam na zona empreendimento como La Indústria de Licores del Valle, Tenería La Magdalena, fábrica de Cigarrillos Mora, Fidepollo, entre outras plantas de menor dimensão. Depois, se foram integrando: Molinos Aliados, alinhos El Gaucho, fábricas de sacolas de papel, a fábrica de café Franco, fábrica de destaque e pintura Emilioé, fábrica de azulejos Brillante e VIalle, Metálicas Alfa, fábrica de pernos e parafusos, laboratório Travenol, plásticos Star Ltda, destaques Bueno e Farbes, Fruco, Industrial El Fraile, gorduras vegetais La Américana, Camisas Arrow, a fábrica de panos Britilana, a indústria engarrafadora Pepsi, a indústria colombiana de pneus Icollantas, a companhia de madeiras compactadas Codemaco, Facomec, Carrocerias Superior, e Pilas Eveready.
Zona industrial da Avenida sexta	Na extensão da Avenida sexta a Yumbo, se localizaram os laboratórios químicos e farmacêuticos R Squibb & Sons, os Laboratórios Wyeth Inc ou Home Products Inc, Om e Merck Sharp and Dohme.

Fonte: Vasquez (2001, p. 198-201), realizada pela autora de acordo com o texto.

[51] Minha tradução. Texto original: "Gaseosas Postobón que se trasladó de la calle 15 entre carreras 2ª y 3ª, en el centro de la ciudad, a la carrera 8ª con calle 24. La fábrica de plásticos y peines *Tres Estrellas* localizada inicialmente en la calle 15 con carrera 1ª, también en el centro de Cali, se mudó a la carrera 8ª entre calles 29 y 30" (Vásquez, 2001, p. 198).

A demanda interna de açúcar no país que estava crescendo e substituído ao consumo de rapadura; gerou entre 1950 e 1972, a produção de açúcar que crescera a uma taxa anual média de 7,5%. Este produto conseguiu o que nenhum outro alcançou dentro da agricultura comercial (Ver Apêndice GG). Lamentavelmente, esta tendência representou uma perdida de importância nos cultivos de *pancoger*, tradicionais na região (feijões, plátano, mandioca, cacau, tabaco, milho), o mesmo que pastagens e gradaria em direção ao Cauca, Nariño e Putumayo (Vásquez, 1999; 2001).

Cali foi crescendo, o transporte urbano de 1930 a 1950 também; pois cada vez mais se necessitava estabelecer uma conexão entre os principais pontos de alimentos básicos que existiam e os consumidores. Os donos de negócios, pautaram rotas para poder entregar seus artigos e colocaram horários de reparto. A razão disso, o doutor Júlio Cordoba, médico de sanidade, expediu de acordo com Perafán (2022, p. 158), normativas especiais para certos produtos como a venda de leite, que se viraria anos depois, um desafio para as autoridades. Já existiam médios e rotas de transporte nos anos de 1930, que foram integrando y unificando pelo menos na parte do centro, as atividades produtivas com o desenvolvimento dos espaços urbanos (Ver Apêndice HH) (Vinasco, 2016).

Frente aos temas de transporte de princípios de 1930 até 1960, tanto trabalhadores de transporte como usuários sofreram sérios inconvenientes, sobretudo pelos preços, o combustível, o horário e a criação de uma organização regulamentadora. Desta forma, se estabeleceu o primeiro Código de Circulação e Trânsito pela cidade o Decreto Nº 335 de 1961. Neste documento se pautaram funções de inspeção do Trânsito Municipal, e se regulou o transporte público e privado. De forma simultânea, com o objetivo de procurar a modernização, o acordo implantou restrições para transportes tradicionais, e implantou outras para substituir as práticas com traços rurais evidentes (Vinasco, 2016).

Dentro da cidade o transporte de leite se fazia desde as zonas rurais até a cidade, utilizando cantinas a jumento (Vásquez, 2001). Frente estes acordos, os pedestres; veículos de tração mecânica, humana e animal; as escolas de ensino automobilísticas; cavaleiros; gado e bicicletas, foram condicionados. Neste acordo, se proibiu a circulação de animais, exceptuando as vacas de leite, os animais amarrados num número menor a três por pessoa e os animais de carrega quando foram o único médio de transporte dos campesinos. De igual

forma, se proibiu aos condutores de veículos de tração humana, anunciar-se a seu passo com gritos ou assobios (Figura 153) (Vinasco, 2016). Estas foram as normas que seguiram despois de meados do século XX, para substituir o tradicional, e implantar as conotações modernas.

Figura 153. Sistema de transporte tradicional na década de 1930.



Fonte: Biblioteca Digital Universidad Icesi (1936).

Complementarmente, começavam a aparecer as primeiras e típicas *berlinas* (uma versão antiga do Taxi) nos anos de 1940, que se aventuravam pelas ruas empoeiradas e algumas pavimentadas. Da Plaza Cayzedo até o Charco del Burro ou Estación del Ferrocarril, se cobravam 50 centavos. Por cada corrida, o condutor solia regalar uma tarjeta, e para quando este lograva colecionar cinco, tinha direito a outra corrida de graça. Os automóveis de serviço público se estacionavam na Plaza Cayzedo, eram muito finos e se fizeram merecedores a ser chamados *automóveis de praça* em lugar de taxis. Estas berlinas tinham inicialmente capotas, cortinas de subir e baixar nas janelas, um sonoro timbre e um par de faróis (Aponte E Sánchez, 2019).

O apogeu industrial na velha cidade de Cali entre 1933 e 1951, continuou estendendo-se até formar ao redor de 35 bairros novos. Ao Norte, se assentaram as classes econômicas altas surgindo o bairro Miraflores (1945), Santa Isabel, San Fernando Nuevo, o Hipódromo (1950), a primeira etapa de El Cedro (1951), e Prados del Norte (Vásquez, 2001). A extensão e capital de compra de um terreno em setores como Miraflores, oscilava entre 270 e 770 m^2; variando seus preços, pois podiam encontrar-se áreas de 330 m^2 a 5820 pesos, e de 371 m^2 a

7420 pesos. A verdade é que para o custo de vida da época, só as pessoas com um grande capital econômico ou por meio de hipotecas com bancos a 20 e 25 anos, podiam comprar morada no setor. Não obstante, empresas como Colombiana de Tabacos, compraram alguns lotes, para que foram pagos por seus próprios empregados (Sanchez, 2018).

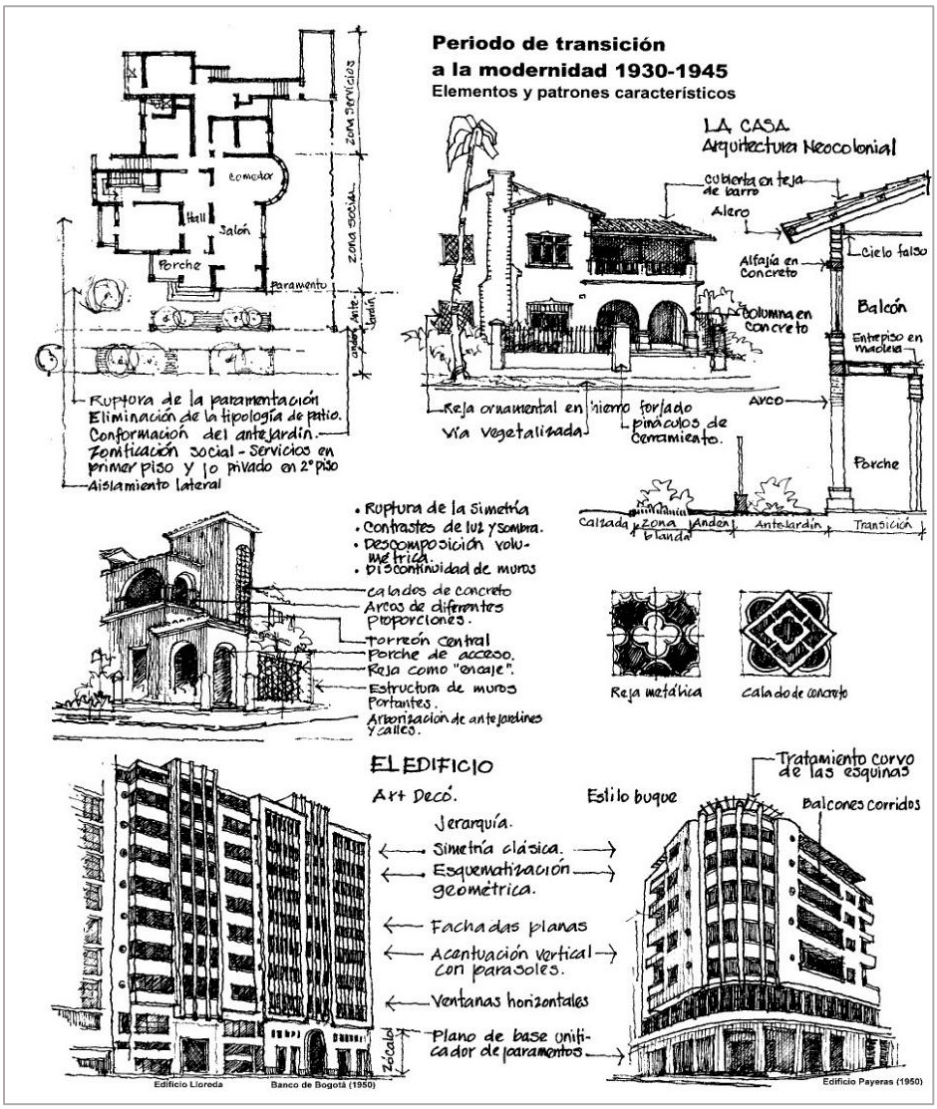
Em outros setores foram assentando-se a classe média, popular e trabalhadora conjuntamente. Ao ocidente, seguiram ocupando-se as ladeiras com bairros como Terrón Colorado, sendo estes terrenos, sítios de invasão que se adjudicaram para povoar ao longo da via ao mar (1942), Bellavista (1942) e o Mortiñal (1950); bairros de altos ingressos como Arboledas (1960) e Normandía (1960). De fato, em 1940, se urbanizou a beiras do rio Cali o bairro Santa Rita de altos ingressos (1945).

Ao Sul, sobre inclinados cerros contíguos a Isabel Pérez onde existiam minas de carvão explotadas desde 1915, quando as locomotivas utilizavam este material, foram conformando bairros populares como Siloé-Belén, povoado rapidamente pela grande onda migratória, La Playa, no centro sul da cidade, Caldas, El Jordán (1954), Lourdes (1955), Belisario Caicedo (1952), e Lleras Camacho (1954). Mas também se construíram bairros de classe média e alta como: Nueva Ganada, El Templete (1955), Champagnat (1953), e Ciudad Jardin, afastada da cidade (Vásquez, 2001).

De forma de 1930 a 1945, se consolidou o setor industrial Cali-Yumbo, que acelerou a migração com suas demandas de terra residencial na urbe. Este fato trouxe radicalmente tendências modernizadoras europeias num período de transição encaixado frente as influências do Art Deco Americano, onde se elevaram as alturas e se produziram mudanças consideráveis nos ornamentos e as volumetrias das edificações.

Nestas tendências se explora uma nova tecnologia de concreto armado, materializado nas oficinas, hotéis, bancos, e o modelo do Hospital Universitário que se construiu entre 1940 e 1956 por Garrido, Caldas e Vargas. De igual forma, este tipo de estilo, se reproduziu na nova estação da ferroviária iniciada em 1949 e finalizada em 1954 a direção de Hernando González Barona; o Edificio Garcés de Moschner e Löhr (1940), o Hotel Aristi de Mier e Terán (1950); o Edifício Lloreda (1945), e o Bando de Bogotá (1945), com os que se introduzem novas formas (Figura 154) (Vásquez, 2001; Jimenez, 2009).

Figura 154. Características do estilo *Art Deco Americano* na cidade de Cali 1930 - 1945.



Fonte: Jimenez (2009, p. 106).

O estilo Art Deco impacto nas formas de vida coloniais procurando uma mudança de valores na ornamentação das fachadas, molduras, cornijas, balaustradas e acrotérios, por fachadas planas onde se destacam as linhas geométricas e prevalece uma austeridade compositivas dos elementos; que rompe com a homogeneidade dos períodos anteriores. A implementação desta arte, rompeu os valores de uso, instaurando sobre demandas de serviço, administração e comércio, que terminaram fazendo complexa a distribuição dos espaços. A decomposição volumétrica, a ruptura de simetrias, a esquematização geométrica, a simplificação ornamental, a concepção escultora das escadas. o manejo a contraluz e a relação entre o interior e exterior, forma seu carimbo determinante (Jimenez, 2009).

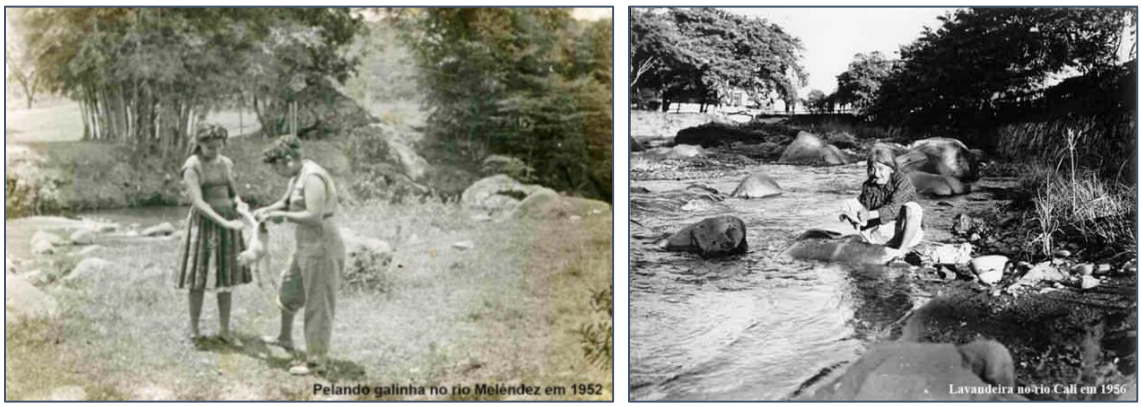
Este fenómeno crescimento se deu em todas as zonas urbanas da cidade. Desta forma, ao oriente também foram surgindo bairros populares como Bretaña, Junín, Belalcázar (1936), El Porvenir (1936), Guayaquil (1945), Municipal (1949), Saavedra Galindo (1942), Villanueva, Eduardo Santos, Villacolombia (1950), Primitivo crespo (1951) e Chapinero (1951); e ao nordeste, bairros de invasão mais pobres como Ignacio Rengifo (1948), Olaya Herrera (1948), Guillermo Valencia (1949), Bolivariano (1949), Popular (1948), La Isla, Fátima, Berlín, San Francisco, Marco Fidel Suárez, e Evaristo García, Las Delicias (1953), Manzanares, La Esmeralda, Salomia (1953), Sena Industrial, El Troncal (1960), Cristobal Colón (1952), El Paraiso (1957), Atanasio Girardot (1959), La Floresta (1959), Prados del Oriente (1958), La Independência (1951), La Esperanza, Boyacá (1957), Aguablanca (1957), La Libertad (1958), Santa Helena (1951), Las acácias, Aranjuez, Manuel María Buenaventura, Santa Mónica Popular (1959), Veinte de Júlio (1956), El Jardin (1960), Chapinero (1961), Sindical (1960), Alfonso López I (1960), e Lleras Restrepo (1958) (Vásquez, 2001).

Este processo de segregação socioespacial, reafirmou a divisão da cidade em setores de classe média, alta e bairros operários que fez perder a unidade geográfica que caracterizava a urbe desde sua fundação (Aprile-Gniset, 2012). Esta extensão de bairros, embora tenha começado setorizando os assentamentos urbanos por classes, terminou integrando os bairros ao norte, sul, ocidente e oriente, em sessões de áreas conjuntas. Em meados do século XX, o açúcar e outros produtos se lograram consolidar no mercado regional e mundial, implicando câmbios nas relações sociais de produção e desenvolvimento. Este tipo de logros conduziu de igual forma, à divisão técnica do trabalho, e a uma divisão entre trabalhadores de campo e de fábrica. Nesta direção, percebe-se uma administração e controle de novas formas de trabalho e de empresa (Mejía e Moncayo, 1987).

Durante este período a comunidade *caleña*, pareceu adaptar-se ao novo entorno que começava a urbanizar-se; a metropolizar-se, apesar que ainda houvesse alguns traços de ambiguidade. A resistência às transformações do projeto progressista, foram mínimas; pois a cidade se projetou para adaptar-se ao desenvolvimento econômico, como único fim do moderno, e nesta ordem, adaptou e assimilou a industrialização como folha de rota. Estas dinâmicas impactaram nos entornos, criando mais divisão de classes sociais; pois não se poderem adaptar ao projeto moderno, terminaram sendo geradores de pobrezas.

Na urbe, certas atividades foram tomando forma dependendo das condições sociais, privilégios e limitações. As comunidades dos bairros populares e as novas coletividades começaram a integrar suas dinâmicas ao rio, como uma forma de expressão de identidade simbólica. Os recorrentes *paseos de olla*, que eram atrativos pela união familiar ao pé de um rio onde se solia levar uma galinha para pelar e alimentos para cozinhar; ou as lavandeiras que pelo comum lavavam roupas nas beiras dos rios, foram marcas de tradição popular que motivou os costumes regionais (Figura 155).

Figura 155. Dinâmicas no rio Meléndez e rio Cali em meados do século XX.



Fonte: Esquerda Chazatar, Giraldo e Sánchez (2019, p. 63), e direita Biblioteca Departamental Jorge Garcés Borrero (1956).

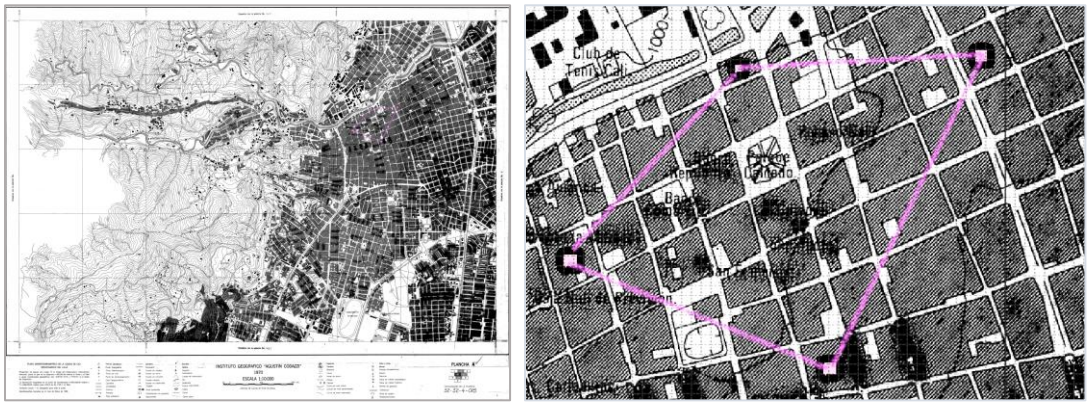
A expansão física de Cali, gerou um período de invasões e urbanizações piratas onde se venderam até terrenos inundáveis, sem possibilidade imediata de aceder aos serviços públicos por fora das normas urbanísticas. A luta pela terra se viveu de forma mais intensa, de construir-se depois de 1951, praças de mercado satélites, para desocupar o centro da velha praça de mercado, apesar que se conservou o pavilhão das carnes. Foram obstáculos de desenvolvimento socioespacial neste período: a *crise do serviço de água* a partir de 1940, devido ao auge na demanda domiciliaria e o crescimento demográfico; *a crise do serviço telefônico*, devido à mudança do sistema manual pelo automático que trouxe falta de linhas, demora na construção da planta e capacidade de conexão por linhas compartidas; e a *crise de captação, tratamento e distribuição da água*, que terminou por consolidar a Planta del Cauca I, com um êxito relevante (Ver Apêndice II) (Vásquez, 2001).

O rápido desenvolvimento e o aumento de população, pode-se perceber numa das cartografias de 1970, no que aparecem novas escolas, pontes, hospitais, áreas construídas,

centros esportivos e avenidas, que não estavam a princípios do século XX e outros que prevaleciam; entre eles ao redor da Plaza Caicedo se encontravam o Banco de la República, Avianca, o Club de Tenis Cali, os bombeiros, o Parque Uribe, o Parque San Nicolas, e os bairros San Cayetano e El Peñon, entre outros; e nas zonas periféricas: Liceo Belalcazar, Cantera Municipal, La Inmaculada, gasolineira Texaco, Capri, Unidad Deportiva San Fernando, aqueduto municipal, Unidad Deportiva Panamericana, Normal de Varones, Instituto Industrial, parque Jesús Obrero, Nuestra Señora de los Remedios, e os bairros, Bellavista, San Fernando, etc. (Figura 163).

De forma geral, os usos de solo de *Cali* nos anos de 1970, se distribuíam da seguinte forma: residencial 39.1%, industrial 3.5%, comércio e serviços 4.1, vias 37.1, zonas verdes 7.6, e equipamento industrial 8.6. A demanda da terra, voltou de novo a fazer um ponto de inflexão. A urbe então começa a organizar-se progressivamente em histórica e institucional, deixando uma série de centralidades de segundo nível, e seus respectivos subcentros de acordo as atividades bem sejam industriais ou de serviço (Figura 156) (Vergara, 2016).

Figura 156. Plano do setor histórico de Santiago de Cali, 1970.



Fonte: Instituto Geográfico Agustín Codazzi (1970) modificado pela autora.

Entre outras mudanças que suscitaram ao redor da industrialização na década de 1970 e 1980, destaca-se a conformação de grupos, identidades e atores sociais que começam a reclamar seus espaços e direitos. A agitação política de finais dos sessenta devido aos movimentos juvenis de maio do 1968, trouxe novos aires nos que as novas gerações puderam oficializar ao redor da cultura política, uma identidade regional. As manifestações a nível artístico, deram como resultado, a explosão de um conjunto de escritores, poetas, artistas plásticos, cineastas e dramaturgos que se inspiraram na consolidação da cultura tradicional.

Este tipo de artistas, a maioria jovens universitários, provenientes de setores de classe média, se familiarizaram com ideologias marxistas e de militância política de esquerda, para descrever dentro da rápida urbanização, os desconfortos das mudanças citadinas (Alzate e Otero, 2012).

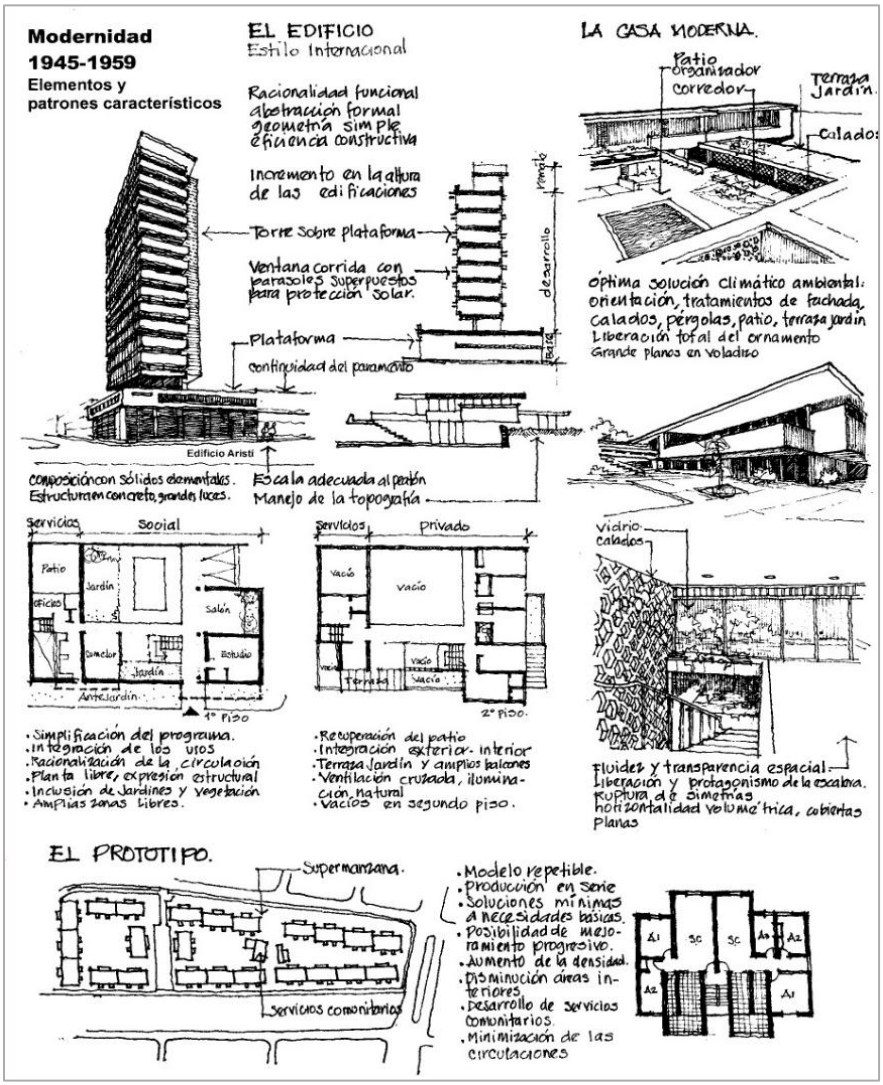
A imposição da industrialização e o desenvolvimento econômico, resultou em fortes correntes migratórias, incremento de movimentação veicular, expansão urbana até os cerros ocidentais e sul-ocidental, e assentamentos em áreas inundáveis ao oriente. De fato, as áreas ocupadas de forma ilegal cresceram em proporção à superfície urbana. Antes de 1950 a área dos bairros de invasão (El Hoyo, El Piloto, Fátima e Barrio Chino, Once de Noviembre, Primitivo Crespo, Pueblo de Lata, Siloé-Belén, Simón Bolivar, Terrón Colorado e Villanueva) cobriam uma superfície de 139.7 Hás. E durante 1950-1959, se somaram 157,2 Hás, ocupadas por novos bairros (parte de Bellavista, Bolivariano, El Nacional, Fátima-Belén-San Francisco, La Playa, La Isla, Lourdes, Lleras Camargo, Marco Fidel Suárez, Olaya Herrera, Siloé-Belén e Terrón Colorado) (Ver Apêndice JJ) (Vásquez, 2001).

De 1945 a 1959, as buscas modernizadoras por consolidar um *estilo internacional* se consolidaram em todo o centro da cidade. Estas edificações, propiciaram demolições e fortaleceram a renovação urbana, voltando-se ao desenvolvimento tecnológico e a uma política reformista e desenvolvente que se regulamentou nos planos de desenvolvimento urbano em 1953, quando Cali cria a Oficina del Plan Regulador. O código urbanístico de 1954, regulamenta o uso do solo, a zonificação e as normas de construção, dando origem à Oficina de Planeación Municipal em 1958. Sem dúvida, a cidade de expande sem controle em todas as direções, especialmente ao oriente até o rio Cauca onde se assentam grandes densidades de população (Jimenez, 2009).

Com os novos materiais de concreto, vidro e aço, se rompe a estética dos estilos antigos, produzindo outra imagem do urbano em Cali; materializado em edificações como Colseguros, Cementos del Valle, de Borrero y Ospina, de Samuel García y Pablo Marulanda, Sierra, de Gabriel Largancha, Suramericana, de Federico Blodek, o Banco de Colombia, Belmonte, o Banco Industrial Colombiano, o Banco Cafetero, o Banco Hipotecario, Carvajal e outras construções. Este estilo introduz as janelas de correr como no Edificio Sierra; a fachada flutuante, evidente no Edificio de Suramericana; a utilização de planos entrecruzados

horizontal e verticalmente, como no Edificio de Cementos del Valle e o Edificio de Colseguros. Lamentavelmente, enquanto as elites mudavam a sua conveniência a estética urbana, os setores marginados se veiam estratificados e deslocados cada vez mais às periferias (Figura 157) (Vásquez, 2001, Jimenez, 2009).

Figura 157. Características do estilo moderno na cidade de Cali 1945 - 1959.



Fonte: Jimenez (2009, p. 119).

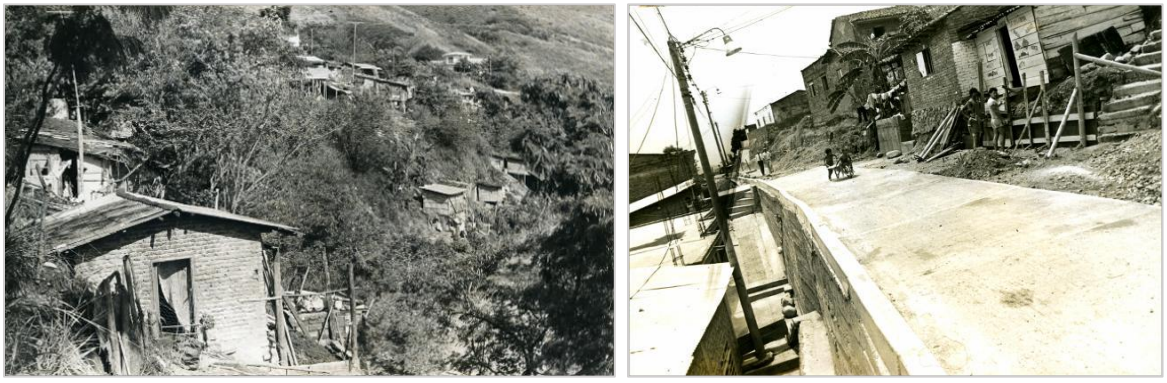
Este movimento arquitetônico trouxe uma perda de valores históricos, simbólicos e patrimoniais, substituído pelo valor comercial. O caráter do estilo internacional influenciado por Mies Van der Rohe, Le Corbusier, Frank Lloyd Wright da arquitetura brasileira e o arquiteto austríaco Richard Neutra, implantaram uma tradição contemporânea. A expressão plástica deste auge tecnológico se utilizou em novas tipologias edificadoras de fábricas,

praças de mercado, estádio e outros, que eliminou a ornamentação como na Plaza de Toros de Cañaveralejo, e apresentaram uma austeridade de protótipo. Este fato foi em parte negativo, porque os materiais industrializados que foram usados num começo como logros das expressões formais do estilo; foram adquirindo uma redução, austera e econômica, mais de reprodução que de sentido (Vásquez, 2001, Jimenez, 2009).

A área de ocupação ilegal urbana cresceu a partir de1960 e 1970; não obstante porque oficialmente o Instituto de Crédito Territorial, se colocou em marcha. A ilusão da industrialização por outro lado, trouxe também imigrantes pobres que se apropriaram de terrenos de forma ilegal, aumentando o delito contra a propriedade para 1941, de aproximadamente 80%. Diários como El Pais (Vásquez, 2001, p. 226), em sua edição do 20 de janeiro de 1953, registrava: ‘‘pessoas de todas as partes, bandidos que por decisão de outras autoridades já não tem chance em outros departamentos e nas cidades de Colômbia, se vem para Cali porque sabem que nossa vertiginosa vida, que a aglomeração, que o afã comercial, lhe favorece a suas empresas de pirataria”.

A este fato se somou, o período de desaceleração industrial compreendido entre 1958-1970 que junto com a terceirização e os conflitos sociais, gerou que Yumbo se convertesse numa das zonas periféricas industriais mais representativas de Cali. Neste período também, as pessoas mais pobres se armaram de valor político e exigiam que as terras habitadas foram reconhecidas dignamente; pois uma das maiores pobrezas eram os assentamentos informais dispersos em toda a região, e a falta de serviços e recursos econômicos (Figura 158) (Vásquez, 2001).

Figura 158. Assentamentos humildes nos bairros El Aguacatal e Terrón Colorado.



Fonte: Instituto Geográfico Agustín Codazzi (1970) modificado pela autora.

Este tipo de pressão por parte das classes médias e populares trouxe como consequências que Instituto de Crédito Territorial – ICT, adiantara planos de moradia na década dos 1960. Sem dúvidas, a raiz que as condições de exclusão social que se gestaram nos bairros mais pobres, se perpetuaram dinâmicas ao redor do crime, a delinquência, a prostituição, o assaltou, que fizeram de algumas zonas, ligares impenetráveis ao público. Este fato de novo, gerou outras formas de exclusão popular que alcançou a transformar as dinâmicas socioespaciais. Os processos de transformação urbana acelerada, geraram que em 1959, o centro histórico de Cali fora declarado Monumento Nacional (Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali, 2014).

As classes populares, foram criando, uma identidade própria que geraram ao redor da urbe caleña; um relaxamento dos costumes e tradições populares que exatamente desafiavam os costumes cristãs perpetuadas desde inícios do século XX. A *zona de tolerância* na cidade, em pleno centro, que se inaugurou na década dos anos quarenta, era uma locação de bares onde se escutava música cubana, salsa e boleros, de encontrar-se *coperas* que exerciam o trabalho de garçonetes e prostitutas (Vásquez, 2001; Gutiérrez e Mejía, 2015).

A zona preta, como foi chamada, se erradicou frente Acordo 25 do Conselho Municipal de 1960 a 1961; mas não foi senão até 1963, que a Polícia, a Igreja Católica, a Alcaldía e o Conselho Municipal se aliaram no Decreto 341, para eliminar no setor práticas que a seu juízo eram imorais. Finalmente, em 1969 se estabeleceu uma zona de tolerância devido a que as práticas haviam crescido em toda a zona (Gutiérrez e Mejía, 2015). Há que consideram igualmente, que o relevo geracional foi transcendente para encarar este processo e para assumir as novas transformações à vanguarda da contemporaneidade.

Por outro lado, uma forma de refletir acerca de classe social nos anos 1950-1970 em Cali, era o acesso à aquisição de objetos tecnológicos. A televisão, foi um exemplo único de exteriorização social, os ricos puderam adquirir em inícios dos anos cinquenta; os de classe média em inícios dos sessenta; e os mais pobres, em finais dos anos setenta ou oitenta. Os compradores ricos do aparelho eram médicos ou engenheiros; enquanto as demais classes trabalhadoras e pobres, só podiam aceder a comprá-lo por meio de pagamentos de parcelas, agrupando-se vários ao redor de um mesmo aparelho.

Os setores mais acomodados viram a televisão pela primeira vez em casa, enquanto setores baixos e meios, o fizeram em lugares públicos como escolas, vitrinas de armazéns ou a cada do vizinho. Este fato despertou que os armazéns ofereceram sistemas de crédito; ou se negociaram produtos trazidos pelo porto de San Andrés, que eram menos custosos por estar livres de imposto. (Rodríguez Sánchez, Rodríguez Quintero e Sevilla, 2008). A televisão e outros tipos de tecnologia simbólica, contribuíram a enaltecer o desenvolvimento; pois o fenômeno de industrialização, trouxe consigo um apego material, que nunca foi substituído.

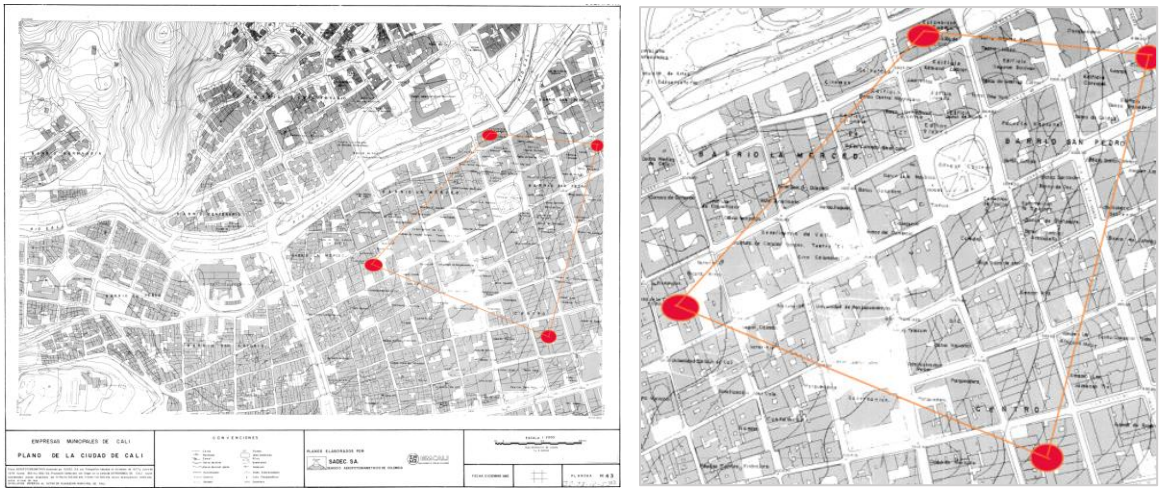
Entre 1970 e 1993, a cidade se espalhou ao sul, com a construção de novos bairros para as classes altas, médias e médias-altas, entre elas Nueva Tequendama, Camino Real, Mayapán, La Cascada, Las Quintas de Don Simón, Parques de El Limonar, Bosques de El Limonar, Parcelación Alférez, Real, Parcelación Cañasgordas, La Finca I, II, III, La Umbría, Prados del Limonar, El Caney, La Hacienda, El Ingenio, Parcelación Piedra Grande, Pío XII, La Riverita, Parcelación Los Farallones, Claret, Parcelación La María. De forma similar, ao nordeste: Guayacanes, Barranquilla, Chiminangos I e II, Villa del Sol, Floralia, Los Guaduales, Fonaviemcali, os Almendros, Jorge Eliécer Gaitán, San Luis II, Los Alcazares, Petecuy I e II. ao norte entre o rio Cali e outros cerros, surgiram os bairros para classes médias e altas como La Flora, La Merced, Prados del Norte e Los Alamos (Vázquez, 2001).

De forma similar ao oriente, pelas mesmas décadas a extensão se deu com bairros como Villa del Lago, Ricardo Balcázar, Los Lagos, Calipso, El Diamante, Fepicol, Las Ceibas e vários assentamentos a partir de 1981, entre os que se destacam Aguablanca, Mojica, Comuneros I, II y III, Laureano Gómez, Marroquín I, II III, El Poblado I, II; La Alianza, Villa Blanca, Ómar Torrijos, Yira Castro, Los Robles, Pondaje, Charco Azul, Belisario Betancur, Cinta Larga, Los Naranjos, Asprosocial, Manuela Sáenz, Las Palmas, Alfonso Bonilla Aragón, Manuela Beltrán, La Paz, Comuneros, Alirio Mora Beltrán, María Eugenia, El Pondaje, Jazmín, Jazmincito, Rodrigo Lara Bonilla, José Prudencio Padilla e Daniel Guillard (Figura 159) (Vázquez, 2001).

Configurando um anel periférico de pobreza, aparecem habitados os cerros do sul, ocidente, norte e nordeste, setores como o Jordán-Meléndez, Lourdes-Nápoles, Siloé-Lleras, Bellavista, Terrón Colorado, as Tres Cruces, Menga e arredores do rio Cali. A partir dos anos

1970, o centro da cidade passa a ser ocupado por vendedores informais, desocupados e pobres, que ante a demanda reduzida dos usos comerciais e terciários, começaram a debilitar a tradição histórica das elites (Vásquez, 2001; Jiménez Correa, 2006). O surgimento de vários núcleos dispersos na região, foram criando outros nodos descentralizados. Os bairros novos, também começaram a consolidar suas próprias lutas, frente aos processos de pavimentação, acesso aos serviços públicos e o emprego na procura de uma economia estável.

Figura 159. Plano do setor histórico de Santiago de Cali, 1980.



Fonte: Instituto Geográfico Agustín Codazzi (1980) modificado pela autora.

No que se refere ao centro histórico, a cidade foi perdendo com a industrialização, sua unicidade e organização colonial; integrando outras formas de construir o espaço esta vez desde a pluricentralidade, a segmentação e heterogeneidade que começavam a reclamar os novos imigrantes, pobres e trabalhadores. A explosão da consolidação urbana em finais do século XX, é perceptível de forma muito representativa na cartografia histórica de 1980, no que ao redor do Parque Caicedo, se reconfigura todo um panorama de hotéis, bancos, teatros, centros educativos, igrejas, armazéns, parqueados, dependências administrativas, centros comerciais, unidades, centros desportivos, e demais (Tabela 17).

No centro de Cali, apareceram explosivamente após anos cinquenta unidades residências fechadas, parques, teatros, escolas, edifícios, centros comerciais, estacionamentos, avenidas, bancos e os *mall*, que ampliaram a pauta sobre o consumo, a economia e a segurança. Os dirigentes políticos, acelerados por conduzir à sociedade a uma modernidade desgastada, se apressuraram em substituir a tradição por inovação; e este fato

representou para a sociedade caleña, um afastamento da essência histórica, e a segmentação de seus próprias pobrezas e riquezas.

Tabela 17. Locações registradas no plano de Cali 1980 ao redor do Parque Caicedo.

Locações registradas no plano cartográfico de 1980			
Sedes administrativas, industriais e empresas	**Hotéis, edifícios e escolas**	**Bancos nacionais e filiais internacionais**	**Cinemas, Armazéns, Centros comerciais e Igrejas**
Notaria 1º, 2º, 4º e 5º	Estacionamentos (4)	Banco da América Latina	Teatro Isaac
Suramericana de Seguros	Hotel Europa	Banco de Occidente	Teatro Alferes Real
Administración de Hacienda	Edificio Edmund Zaccour	Banco de Bogotá	Teatro Colón
Palacio Nacional	Hotel Aristi	Banco Ganadero	Teatro el CID
Consulado Mexicano	Hotel Americano	Banco de Caldas	Teatro Municipal
Caja Social de Ahorros	Conservatório	Banco Cafetero	Museo de Arte Colonial
Edificio Seguros Bolivar	Edificio Carvajal	Banco de Colombia	Parque la María
Avianca	Hotel New York	Banco Santander	Parque Caicedo
Administración Posial	Edificio Sierfa	Banco del Comercio	Centro Comercial Todos
Beneficência del Valle	Edificio Lloreda	Banco da América	Cinemas – Colnorte
Colseguros	Edificio Colombia	Las Villas	Cine México
Consulado de EEUU	Edificio Benjamin	Banco Internacional Colombia	Cine Colombia
Instituto de Capacitación	Residências	Banco del Estado	Igreja de La Ermita
Centro Médico de Cali	Edificio San Luís	Banco Real de Colombia	Catedral
Gobernación e Julgados	Joaquin Caicedo	Banco Nacional	Convento San Luis
Convento	Distrito Educativo	Banco Popular	Capilla Santa Rosa
Camara de Comercio	Universidad San Buenaventura	Banco Comercial Antioqueño	Almacén Melca
Colombiana de Tabacos	Instituto de Ciencias Sociales	Banco Colombo Americano	Almacén Ley (hoje Exito)
Cementos del Valle	Instituto Comercial Velásquez	Banco Internacional Colombia	Almacén Tia
Casa de la Cultura Holandés	Universidad Santiago de Cali	Banco Central Hipotecario	Confamiliar
Camilo Torres	Remington	Estudios financeiros	El Tiempo
Telecom	Centro Estudios profesionales	Caja de Crédito Agrario	Escuela Artes

Fonte: Abstração da Autora da cartografia Instituto Geográfico Agustín Codazzi – IGAC (1980).

Esta rota se consolidou com mais potencial, depois dos Jogos Panamericanos de 1971, se ampliaram as ruas e se estenderam as avenidas aos espaços periféricos, construindo-se autopistas. Este processo contínuo ao longo das três décadas seguintes com a construção de pontes elevados e alguns cruzamentos de vias multiplex. Lamentavelmente, esta iniciativa de modernizar a cidade e adequá-la ao fluxo de transporte, terminou com a contiguidade entre os velhos bairros de San Antonio, San Cayetano e San Bosco.

Nas palavras de Vásquez, se perpetuaram estas dinâmicas modernizadoras da construção de metrópole:

> A nova mirada sobre a população há obscurecido a estrutura social pensada a partir da relação capital – trabalho, que foi relevante até os anos sessenta [...]. Sem dúvida é inocultável a segregação socio – espacial da população caleña. Se há aprofundado essa separação entre "ricos" e "pobres" no espaço urbano. O não poder aceder, por via do mercado de terras, aos preços privilegiados, adequados e de altos preços do solo, os pobres têm seguido localizando-se em terrenos precários, sometidos à ameaça dos deslizamentos ou das inundações, atravessados pelas intratáveis águas pretas excretadas pela cidade, carentes de obras e vias adequadas devido à incapacidade para financia-las por médio de um sistema de valorização. Embora no passado o município de Cali atendia, assim fosse de forma limitada, as necessidades da população, a crise das finanças municipais tem reduzido significativamente a capacidade de inversão social ao terminar o século XX.
>
> A pobreza se alojou nas comunas 18, 20, e 1, é dizer, nos cerros. Mas também nas comunas 6, 13, 14, e 15 junto ao rio Cauca na parte plana. Ali se concentram as necessidades básicas insatisfeitas, os mais baixos índices de qualidade de vida, os maiores déficits sociais e os mais baixos ingressos. Habitadas pelo 40% da população urbana só ocupam o 24%da área da cidade.
>
> Em tanto as comunas "ricas" (2, 19, 17) localizadas em áreas privilegiadas, sem precariedades, estão habitadas pelo 15% da população e ocupam o 42% da área da cidade.
>
> Os setores sociais médios localizados nas comunas 3,4,5, 7, 8, 9, 10, 11 e 16, constituem o 45% da população e ocupam o 34% da área da cidade (Vásquez, 2001, p. 310).[52]

Para 1979, a crítica sobre o afã mercantilista que proliferou sobre o valor patrimonial na construção de conjuntos multifamiliares com exigência comercial; acaparou a zona centro

[52] Minha tradução. Texto original: "La nueva mirada sobre la población ha oscurecido la estructura social pensada a partir de la relación capital […] Sin duda, es inocultable la segregación socio—espacial de la población caleña. Se ha profundizado esa separación entre "ricos" y "pobres" en el espacio urbano. El no poder acceder, por la vía del mercado de tierras, a los espacios privilegiados, adecuados y de altos precios del suelo, los pobres han seguido localizándose en terrenos precarios, sometidos a la amenaza de los deslizamientos o de las inundaciones, atravesados por las insalubres aguas negras excretadas por la ciudad, carentes de obras y vías adecuadas debido a la incapacidad para financiarlas por medio del sistema de valorización. Si bien en el pasado el municipio de Cali atendía, así fuera de manera limitada, las necesidades de la población, la crisis de las finanzas municipales ha reducido significativamente la capacidad de inversión social al terminar el siglo XX.

La pobreza se ha alojado en las comunas 18, 20 y 1, es decir, en los cerros. Pero también en las comunas 6, 13, 14 y 15 colindando con el río Cauca con la parte plana. Allí se concentran las necesidades básicas insatisfechas, los más bajos índices de calidad de vida, los mayores déficits sociales y los más bajos ingresos. Habitadas por el 40% de la población urbana solo ocupan el 24% del área de la ciudad.

En tanto que las comunas "ricas" (2, 19, 17) ubicadas en áreas privilegiados, sin precariedades, están habitadas por el 15% de la población y ocupan el 42% del área de la ciudad.

Los sectores sociales medios, localizados en las comunas 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11 y 16, constituyen el 45% de la población y ocupan el 34% del área de la ciudad." (Vásquez, 2001, p. 310).

da cidade. O abandono e esquecimento das valiosas propostas arquitetônicas dos séculos passados, desenvolveu após uma arquitetura pobre conceitualmente, pouca racionalidade construtiva e resultados estéticos deploráveis. As companhias de edificação, que começaram a dominar o mercado da construção com exclusivo benefício, especularam sobre o valor dos bens e arrasaram com centenas de casas históricas que foram vandalizadas pela arquitetura nacional contemporânea. A partir de 1996, a reflexão sobre a defesa do patrimônio e os discursos sobre travar os processos de destruição da arquitetura clássica, se fizeram mais vociferantes (Jimenez Correa, 2006).

O avanço do projeto de industrialização, terminou criando uma tradição mercantilista sobre os usos da cidade. Este enfoque foi devastador, porque substituiu a herança colonial e republicana da história, pela que havia transitado Cali, antes de sua conformação como cidade. O afã por demolir e transformar o núcleo onde se expandiu a urbe, é sem dúvida, um efeito da incidência de fatores modernizantes no contexto nacional que impõe o desenvolvimento como causa e fim da consolidação contemporânea.

Os que defendem as ideias que a história da arquitetura de Cali não se destrói somente pelas transformações modernas no espaço, senão pelas relações sociais que mudaram; terminaram aceitando o desenvolvimento econômico como o único fim; relegando o resgate histórico, só como uma alternativa mínima que transmutou de espaço e de tempo.

A cidade passou nas primeiras décadas do século XX de preservar suas casas coloniais e reforçar o poderio elitista nas construções arquitetônicas; a perder aceleradamente os traços de distinção histórica, alinhando-se ao neoliberalismo que trouxe uma perda da tradição e o triunfo da arquitetura republicana. Atras ficavam as velhas construções de dois andares e a ausência de veículos de transporte pelas cercanias dos povoadores; enquanto se instaurava as construções de grandes alturas e a integração dos automóveis que consequentemente foram demandando a consolidação de um território mais extenso. Este tipo de dinâmicas, foram apagando também alguns praticas ao redor do centro histórico, que já haviam cobrado relevância no panorama tradicional e sociocultural (Figura 160).

No centro, as dinâmicas em setores públicos como o Parque Caicedo, no que se acostumavam fazer reuniões de amigos ou familiares, e a convergência de público bem seja com fins comerciais o de ócio, marcava uma grande distinção no setor.

Figura 160. Contraste da transformação do centro em Santiago de Cali entre 1915-1983.



Fonte: Aponte e Sánchez (2019, p. 77).

A maioria de *caleños* lembra com nostalgia aos escribas; aqueles advogados, contadores e em geral, qualquer pessoa que com sua máquina de escrever, se localizavam em finais da década dos vinte, ao redor do parque. Aqueles escreventes, podiam sentar-se todo o dia, enquanto esperavam seus clientes para algum serviço. A menudo, os escrevas levavam seu próprio banquinho e seus implementos de trabalho (Figura 161).

Figura 161. Escrevas no *Parque Caicedo* na década de 1970.



Fonte: Aponte e Sánchez (2019, p. 133-143).

Estes típicos personagens, instalavam seus máquinas de escrever e começavam a elaborar dependendo a petição do cliente: memoriais, declarações de renda, demandas, cartas de amor pessoais ou familiares, cobrando por este trabalho, um valor. Várias pessoas usavam seus serviços, para apresentar documentações, cartais laborais, comunicar alguma notícia a familiares, ou fazer alguma diligencia legal ou institucional. Os ´Assessores tributários´, como foram chamados, desapareceram progressivamente do espaço urbano na medida que se fechou e condicionou o acesso ao Parque Caicedo. Com as novas tecnologias de uso, os computadores e depois os telefones, passaram a substituir a labor dos escrevas, sendo afastados da cena urbana, e perdendo seu ofício representatividade urbana.

As formas de socialização também mudaram na cidade depois dos novos processos de modernização. As práticas ao redor do Parque Caicedo, de aqueles que se reuniam para estabelecer relações sociais e econômicas, foram desaparecendo. A cena recorrente da integração dos empregados depois de sair do trabalho, a reunião dos aposentados e famílias, os desempregados que procuravam conseguir emprego nos periódicos, e até as reuniões dos estudantes que compartiam em público, foram substituídas pela miséria e pobreza que trouxeram os habitantes de rua, a informalidade dos comerciantes e os problemas sociais que revelaram um total descuido da preservação patrimonial e a configuração da identidade regional. Este tipo de desinteresse por parte de aqueles que conseguiram modernizar a cidade, gerou misérias e fraturas ao longo e extensão do território.

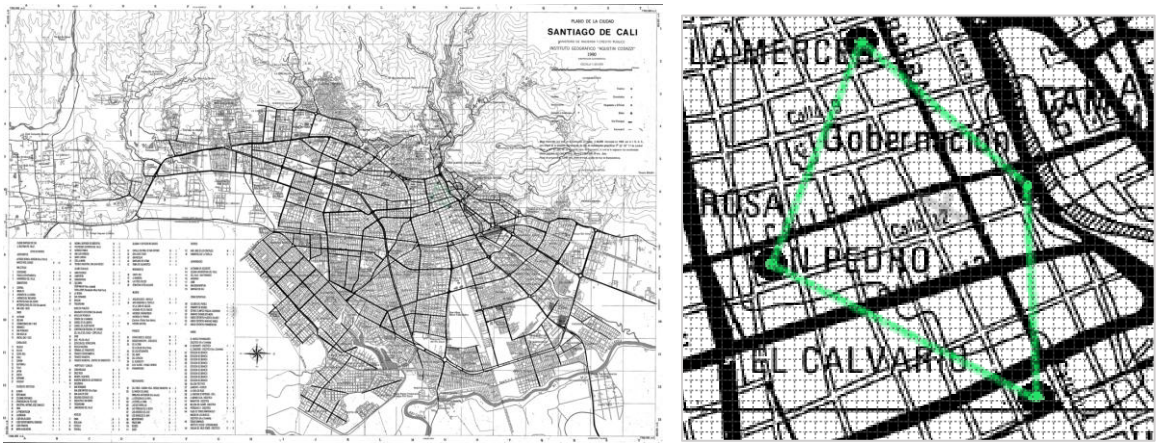
A expansão da cidade, consolidou outros micros centros urbanos que se foram abrindo passo quando as dinâmicas do centro colonial, foram perdendo participação representativa e exclusividade de integração. Em grande medida este fato criou um duplo paradoxal: ajudou a estabelecer a bonança na região, mas criou e consolidou crises e problemas demográficos que aceleraram pobreza e miséria daqueles que não lograram vincular-se ao projeto evolutiva da industrialização, durante todo o século XX.

Na cartografia de 1990, a explosão demográfica e extensão territorial era tão ampla, que alguns lugares passaram a formar outros centros, com seus próprios parques, *mall*, unidades residenciais, e empreendimento. Frente a esta transformação, pode-se observar que o Parque Caicedo, se reconfigura para a época como um zona de sedes administrativas, entre elas La Gobernación, El Centro Administrativo Municipal CAM, La Alcaldía Municipal, El

Aqueduto e El Teatro Los Cristales ao aire libre; todos rodeado pelos bairros El Peñon, La Merced, El Calvario, Centenario, Juanambu, San Antonio, Santo Domingo, San Pedro, Sant Rosa, Cayetano, Libertadores, San Pedro, San Juan Bosco, San Nicolas, Versalles, Granada, San Pascual, Santa Monica Residencial, Miraflores, Bretaña, e o El Piloto (Figura 162).

Em finais de 1990, a cidade experimentou uma proliferação de bairros para todo tipo de classes sociais, incluindo assentamentos que foram impondo outras formas de tradição. Os padrões de consumo mudaram e se apresentou uma acumulação do capital que se tornou aguda a inícios dos anos 1980 pelo crescimento econômico. Esta sociedade consumista e individualista, chocou com os limitados ingressos dos setores populares; gerando assim a intromissão de problemáticas sociais como o narcotráfico e a corrupção política, onde a alternativa foi a obtenção de dinheiro por violência. Os fenômenos de violência e desaparição geraram todo tipo de movimentações e respostas cidadãs (Vázquez, 2001; Villota, 2018).

Figura 162. Plano do setor histórico de Santiago de Cali, 1990.



Fonte: Instituto Geográfico Agustín Codazzi (1990) modificado pela autora.,

Entre 1990 e 1994, disparou a atividade construtora em Cali, auspiciada pelos dinheiros obtidos de forma ilegal, que abriram passo a uma taxa de enriquecimento amplo na população. Esta foi a razão pela que El Gobierno Nacional, La Junta Monetária e El Congresso, tomaram medidas para desacelerar o crescimento dos preços internos e o fortalecimento do setor financeiro, baixo o interesse de recuperar em médio de um regime competitivo, o poder que estavam perdendo as elites da região. Cali entrou assim numa seria crise ao terminar o século XX, causada pela desaceleração da atividade econômica, e as elevadas taxas de desemprego que colocaram em problemas aos setores mais populares. De

uma taxa de emprego do 8.9 em 1991, se passou a uma de 20.6 em 1998, reduzindo a qualidade de vida dos mais pobres da região (Vásquez, 2001).

Simultaneamente na finalizando o século XX, as zonas verdes e a contaminação dos rios se viram seriamente afetados pela expansão demográfica; razão pela qual se consolidaram vários acordos municipais entre 1950 e 2010. A incidência política e legislativa, sobre a estrutura das áreas verdes da cidade, gerou que em 1974 El Consejo Municipal de Cali decretara no Acordo No. 4, que os encarregados destes espaços, fossem as urbanizações, desligando pelo completo a salvaguarda do patrimônio ambiental das entidades públicas. Este fato, limitou os direitos ao espaço público dos cidadãos, e começou toda uma campanha de privatização das zonas verdes. No entanto, o Acordo No 118 de 1987, designava o 50% da coleta de imposto de arborização e parques, complementário do predial, ao Instituto de Vivienda del Município de Cali – INVICALI. Este fato, gero que se protegeram áreas de importância ambiental, como as ribeiras do rio *Cauca* em 1976, e se identificaram novos espaços verdes em 1990, gerando políticas de uso ótimo das zonas verdes em 1997, e projetos de atenção entre 1990 e 2000 (Castro e Franco, 2013).

Em 1997, a crise financeira municipal, gerou um grande endividamento; aumentando a carga tributária *per capita*, o colapso econômico, os recursos municipais colocados em corporativas ilíquidas e insolventes, e desbordamentos dos topes legais de endividamento. A cidade de Cali, recebeu o século XXI, com uma crise que circundava ao redor da economia, o desemprego, a reprodução dos fenômenos de narcotráfico com novas gerações, a insegurança cidadã critica, delinquência, crises nas finanças municipais que limitou a inversão social e o agravamento da segregação socioespacial (Vásquez, 2001). Este tipo de dinâmica sobretudo no centro de Cali, abriu décadas depois, programas de reabilitação e reconstrução sobretudo nos bairros o Calvário, Sucre e Pascual.

Somaram-se às problemáticas urbanas uma carência histórica frente ao patrimônio cultural e a identidade cultural da região, arrebatados décadas antes, pelos novos delineamentos da políticos da projeção de cidade contemporânea. Este fenômeno de reconstrução e ressignificação dos espaços, se materializou em pesquisas relevantes e a recuperação da história local e regional em todo o território. A manifestação da restauração coletiva se fez evidente com trabalhos publicados nas escolas, academias e universidades

locais. Contudo, tiveram que começar a avaluar-se começando o século XXI, a profundidade, que tipo de cidade se havia consolidado, e qual era a que havia surgido em médio do projeto industrializador.

3.2.2. Consolidação de Santiago de Cali, séculos XXI: Reafirmando a industrialização.

Ao longo do todo o século XX, Cali como outras cidades de Colômbia, atenderam uma série de relações, de ascensão ao projeto moderno. A configuração de um entorno inclusivo com as formas tecnológicas, tornou complexo as formas democráticas de participação social (Viviescas, 2006). A consolidação destas iniciativas em finais do século, terminou mostrando um panorama desarticulador: por um lado, o crescimento e a expansão físico-demográfica haviam trazido sérios problemas de organização e resposta institucional; e por outro, a irrupção da crise financeira municipal, estava deixando serias perdidas e endividamentos que terminaram afetando aos mais pobres. Por outro lado, o novo século que estava iniciando, começou a sofrer a crise dos conflitos internos e os deslocamentos rurais que iniciaram em 1936; motivando as violências e misérias em médio de uma economia afável, que não ajudou a mitigar os impactos. A partir do 2000, o país começou a experimentar um período de recuperação econômica e social, que se estendeu até o 2008.

A economia do Valle del Cauca cresceu a uma taxa de 3,5% entre 2001 e 2010; revertendo a tendência de finais da década do século XX (Ver Apêndice KK). Para o 2010, a região estava conformada por atividades econômicas pertencentes ao setor terciário (70%), entre as quais se destacavam empresas de serviço, comércio e intermediação financeira; e o restante (30%), em atividades dependentes do setor secundário (24%) em atividades industriais, e o setor primário (6%) composto de atividades agrícolas entre as quais destaca-se o cultivo da cana de açúcar, cana de raspadura, café, hortaliças, cereais (milho, soja e sorgo), e cultivos frutais como a banana, *borojó*, pupunha, cítricos, entre outros. Esta posição não foi estática e troca com o passo das décadas (Otero, 2012).

Frente ao setor secundário da economia, a indústria no Valle del Cauca sofreu vários revesses nos anos 1990 que tiveram repercussões negativas sobre a inversão e a indústria, debilitando a confiança dos investidores ao não garantir sua segurança nem salvaguardar seu capital. Apesar disso, a agroindústria açucareira e seus *clusters* associados na produção de

alimentos e refrigerantes derivados da cana de açúcar, a indústria dos produtos químicos, a indústria de papéis e a editorial, tiveram um grande desempenho nesse período. Por outro lado, se especula que a construção na primeira metade dos 1990, se incrementou pela participação do narcotráfico, e a necessidade de investir em atividades rentáveis; não obstante esta hipótese não há podido ser verificada (Otero, 2012; Escobar, 2006).

O crescimento econômico, que começava a surgir a princípios do século XXI, e que já se havia consolidado no XX; incrementou a população desde 1912 a 2005, umas 76 vezes. Em 1973 a cifra de habitantes era aproximadamente um milhão de habitantes, mas em 2005, eram mais dois milhões; mostrando um incremento de quase o dobro em menos de 30 anos (Ver Apêndice LL). O incremento demográfico no espaço urbano, gerou um índice de pobreza multidimensional critico em 2011 de 25.1%, superando a cidade grandes como Bogotá (13.1%), Medellín (13.1%) e Bucaramanga (10.7%), e inclusive cidades menores como Manizales (19.2), Pereira (21.6), Villavicencio (23%) (Otero, 2012).

Este fato é paradoxal, pois a pobreza em Cali figura como uma das maiores do país, enquanto uma minoria populacional, tem níveis muito mais altos que a porcentagem nacional. A setorização por classe é bastante perceptível: os ricos assentados no extremo norte, extremo sul e corredor pelo ocidente da cidade; e os mais pobres, nos bairros do oriente. Os hospitais se encontram em sua maioria na zona das classes mais favorecidas, embora, existe uma ao oriente, uma escassa presença hospitalaria.

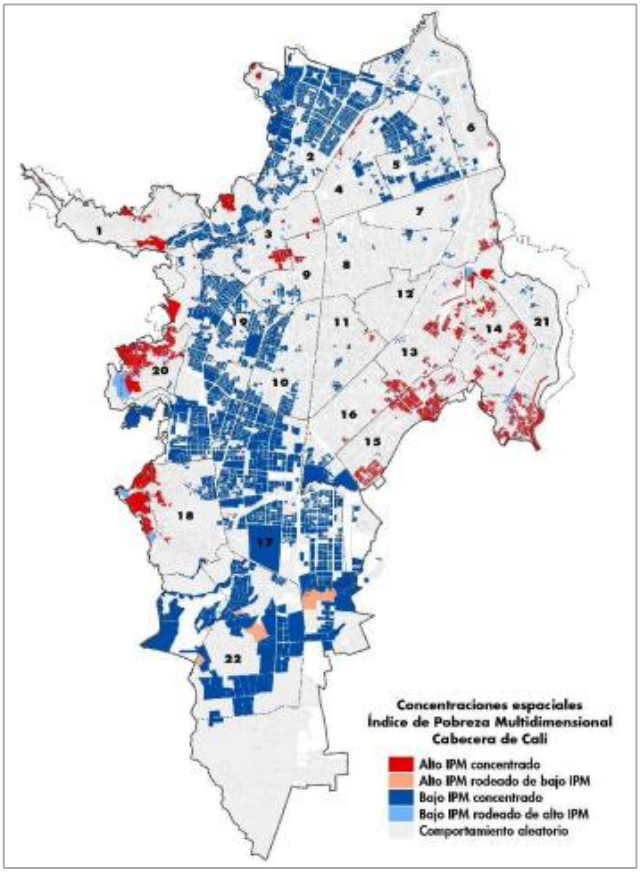
A migração como componente de incidência no território, foi relevante na década de 1960, quando o fluxo decresceu, dando início à transição demográfica. No censo do 2005, a distribuição da população em Cali de acordo com seu lugar de nascimento se registrava assim: 61.4%, pessoas que habitam a cidade e nasceram no território; 38% em outro município de Colômbia; e 0.5% em outro país (Ver Apêndice MM). As famílias que haviam imigrado ao exterior, representam o 6.7%, das quais 42.3% residindo de forma permanente nos Estados Unidos, 32.4% na Espanha, e 4.7 na Venezuela (Escobar, 2006).

Ao longo deste novo século, os fluxos migratórios se deslocam até as comunas com maiores níveis de pobreza ou zonas marginais como a área de proteção do rio *Cauca* e a ladeiras da cidade, estabelecendo moradias improvisadas, que apresentavam condição de dignificação humana (Figura 163). Este fato se incrementou exponencialmente em Cali,

agudizando os problemas de impacto público e de saúde, que já haviam afetado o território em meados do século XX; mas agora, com mais intensidade, pelo crescente ascensão da situação de desemprego, informalidade, subemprego, insegurança e marginalidade dos grupos mais vulneráveis. Os mais pobres careciam de serviços públicos (água potável, eletricidade, gás), saúde, educação e moradia; convertendo-se nos resquícios do projeto industrializador (Escobar, 2009).

Frente a este panorama, continua existindo uma divisão de classes sociais, nos planos de ordenamento descritas por comunas. No que se persiste na delimitação de aqueles que tem maiores recursos, e os que ainda seguem desprotegidos. O tema da violência no Valle del Cauca, sempre esteve presente com a presença das guerrilhas nas zonas montanhosas que conectavam ao Pacifico com o Puerto de Buenaventura. De fato, finalizando a década de 1990 e começando o 2000, se fortaleceram e incrementaram os grupos paramilitares, agudizando o conflito na região (Ver Apêndice NN) (Acosta, 2012).

Figura 163. Mapa de concentração de pobreza nas comunas Cali – Valle del Cauca.



Fonte: Departamento Administrativo Nacional de Estadística – DANE (2020).

Entre os anos de 2000 e 2010, a concentração da violência frente a massacres e sequestros, foi maior que durante outros períodos. A urgência que tinham os grupos paramilitares e as guerrilhas de exercer controle territorial na região, gerou temor nos povoadores que foram deslocados por centros de suas terras, produto de ameaças, atentados, enfrentamentos entre e grupos inimigos (Ver Apêndice OO). Este efeito que deixou a guerra, afetou sobretudo a Buenaventura, deixando ao longo desta década, 16 massacres (Acosta, 2012). Este tipo de violência, estendidas a outras regiões e departamentos de Colômbia; significaram para o país, uma fratura nos processos de desenvolvimento econômico e industrialização que dificultou o acesso aos territórios.

O Porto de Buenaventura se converteu então por sua localização sobre o Oceano Pacifico, num enclave estratégico de atividades ilícitas como o ingresso de mercadorias de contrabando, armas ilegais e sobretudo o narcotráfico, que começou em 2004 a disputar os chamados corredores estratégicos no que mobilizavam seus produtos. Estas rotas uniam a Buenaventura e os municípios do norte ao Cañon de las Garrapatas, zona de comercialização e processamento de coca. Os anos posteriores, se caracterizaram por uma arremetida das forças armadas do Governo à os grupos guerrilheiros e bandas criminais, apresentando uma diminuição considerável sobretudo para o 2008 (Acosta, 2012).

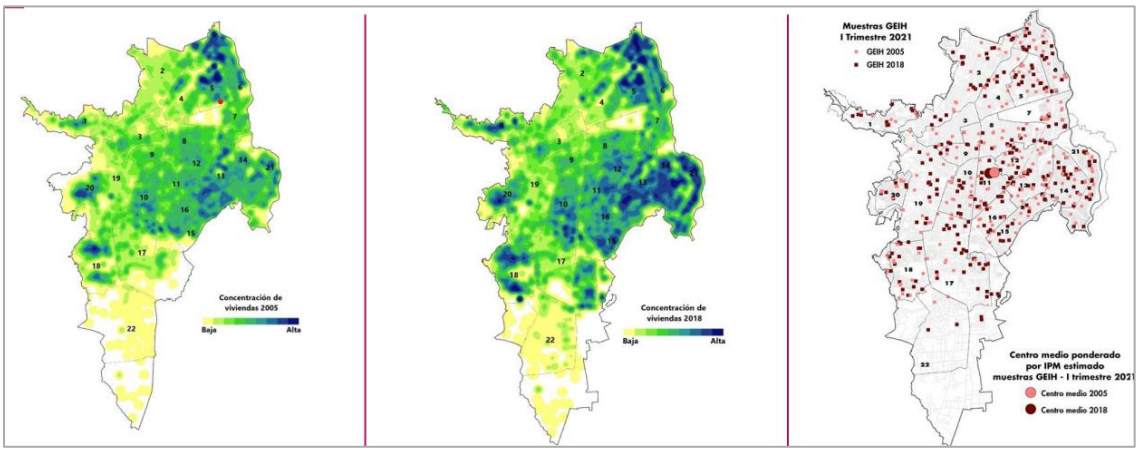
Aa expansão demográfica e socioespacial descontrolada na zona urbana, deixou por uma parte o recrudescimento das violências, e por outra, uma crise econômica que se intentou superar a princípio do século XXI, baixo as seguintes linhas de ação: a) atualização dos estudos projetivos de habitantes, moradias, densidades e emprego; b) a institucionalização pelo Comitê Demográfico Municipal; c) a revisão e marcha de novos estímulos produto da densificação urbana; d) a revisão de áreas de expansão urbana à luz de uma política solida de densificação (amplitude, solos, terras), para conformar o Banco Municipal de Terras e desenvolver a moradia de interesse social; e) o desenho de programas de participação para mitigar as migrações; f) o inicio de estudos para o transporte massivo; g) a execução de um plano de manejo ambiental e ameaças naturais; e h) o impulso de planos de ação por comunas para fomentar a participação cidadã (Empresas Municipales de Cali, 1995).

As iniciativas de conscientização demográfica e o estudo de terras, ajudaram a mitigar em parte, alguns problemas de índole social que se estavam começando a agudizar. Mesmo

assim, continuou com a classificação de estratos social como uma forma de concentração socioeconômica e demográfica. O estrato 6 se concentrou nas comunas 22 e 2, enquanto o estrato 1, nas comunas 21, 20, 14, e 1 (Alonso *et al., 2007*). A cobertura de acesso aos serviços públicos, entre eles a energia elétrica, o aqueduto, o sistema de drenagem, o gás, a recolecção de lixo e a internet, se fiz indispensável (Ver Apêndice PP). Por outro lado, como se reconhece a presença de indígenas, ciganos e negros; as políticas tiveram que ser projetadas de forma inclusiva preservando a identidade cultural.

Este tipo de dinâmica fortaleceu na região a distribuição de moradias; apresentando-se entre 2005 e 2018, maior densidade de povoamento ao oriente, e as zonas periféricas do sul e ocidente do território. Substancialmente, a zona central, se manteve sem maiores alterações (Figura 164). Frente à água potável e o saneamento básico, o serviço alcançou na cidade uma cobertura total de expansão ao sul e outros setores, obtendo-se água de níveis aceitáveis de contaminação hídrica dos rios Cali e Cauca. O setor energético operou com novas tecnologias, posicionando a EMCALI como uma empresa a nível nacional. Frente a este cenário, as telecomunicações começaram a usar tecnologias de ponta, e se integraram tecnologicamente a países mais avançados (Empresas Municipales de Cali, 1995).

Figura 164. Distribuição das moradias em Cali, 2005-2018.



Fonte: Departamento Administrativo Nacional de Estadística – DANE (2022, p. 54).

O aprimoramento físico-demográfico, logrou aumentar e ritmo nas exportações e equilibrar a balança comercial com as novas condições econômicas. O denso sistema urbano-regional relativamente equilibrado e bem-dotado de serviços públicos, construiu vantagens que foram sustentáveis a partir da incorporação de novas tecnologias e conhecimentos

produtivos, melhorando os níveis de competitividade urbana e sub-regional. Esta aposta pela transformação urbana e a ideia de manter vivo o espírito da industrialização, consolidou uma tendência de terceirização da economia de Cali, apoiada no desenvolvimento de setores de comércio internacional, telecomunicações, serviços financeiros e pessoais, infraestrutura viária e transporte. Este cenário gerou incrementos no volume de emprego, reduzindo este fenômeno ao 8% na primeira década do século (Empresas Municipales de Cali, 1995).

Socioeconomicamente as zonas e prédios começam a caracterizar-se. Na zona centro onde se localiza o Parque Caicedo na comuna 3 durante as primeiras décadas do século XXI, se registram 21.993 prédios construídos, 12.294 residências, e uma população do redor de 44.088 habitantes; distribuindo-se o estrato social de forma variada: 1% de estrato 1; 13% de estrato 2; 74% de estrato 3; 2% estrato 4; 5% de estrato 5. Se registra a maioria de povoadores, com secundária e básica primária (Ver Apêndice QQ) (Alonso *et al.*, 2007).

A mudança da maioria das indústrias localizadas na área central em finais do século XX, gerou uma normativa dentro do Plan de Ordenamiento Territorial – POT do 2000, que impossibilitou o uso do espaço tradicional, para esta atividade. Este tipo de deslocamento, provocou que se quedaram só aquelas indústrias que haviam permanecido desde os anos 1940; ficando alguns edificações e zonas industriais de antanho em estado deteriorável e abandonadas. O Plan Integral de Desarrollo de Cali – PIDECA, reativou esta zona baixo o marco da estratégia de densificação; propondo que se estabeleceram 219 habitantes por hectare (Argoty, 2012). Os projetos de industrialização continuaram em outras zonas, onde os empreendimentos começaram a tomar uma relevância considerável.

No que diz respeito ao centro histórico, Cali passou de um *centro homogêneo* em donde predominavam as construções de estilo colonial e republicano, a um *centro hibrido*, que experimentou várias ondas de modernização; erradicando quase em sua totalidade, a herança histórica dos estilos coloniais e republicanos que haviam perdurado por séculos. Este retrocesso e perda do valor arquitetônico produto da renovação urbana onde se construíram estradas para o tráfego de automóveis e se estabeleceram centros comerciais, dispararam problemas de insegurança e um profundo desconhecimento pelo valor simbólico, sobretudo, por parte das novas gerações que terminaram experimentado um desarraigo cultural (Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali, 2014).

Figura 165. Contraste vendedores ambulantes 2002-2023 no Parque Caicedo de Cali.



Fonte: Esquerda, Aponte e Sánchez (2019, p. 180); e direita, El Pais (2023).

O desapego sociocultural na zona do setor centro de Cali, gerou uma explosão de vendedores ambulantes a princípios do século XXI, que transformaram as dinâmicas urbanas. As atividades econômicas do setor têm sido tão constantes, que o deterioramento do patrimônio e o valor do Parque Caicedo diminuíram. Entre as medidas de proteção tomadas para salvaguardar o centro, foram colocadas cercas para irromper o passo dos vendedores ambulantes e transeuntes, com o fim de conservar as restaurações previas (Figura 165). Este tipo de iniciativas permitiu celebrar o aniversário de Cali em 2014 e remodelar alguns elementos centrais para que os caleños na primeira década do século XXI (Figura 166). No entanto, em 2008, uma infestação de fungos e insetos arruinou as plantas tradicionais que havia no parque; requirindo uma intervenção urgente para erradicar as pragas.

Figura 166. Reparações de iluminarias e danos ao patrimônio no Parque Caicedo de Cali.



Fonte: Aponte e Sánchez (2019, p. 180-185).

Os danos e impactos ao patrimônio público do Parque Caicedo e a imobiliária tradicional do setor, continuaram; pois se somaram às vendas ambulantes comerciais, a presença de indigentes e habitantes de rua, apesar de iniciativas como os Guardas Cívicos para cuidar do parque. A reivindicação de um melhor comportamento dos cidadãos por parte das guardiãs, gerou uma percepção positiva na comunidade, diminuído em parte as afetações de vandalismo e delinquência no setor. Em 2011, a cidade contou com 11 guardas cívicos que trabalhavam na recuperação do espaço.

Entre as dinâmicas ambientais que se intentaram integrar a princípios do século XXI para a preservação da praça, se destacam a descontaminação dos afluentes hídricos, eliminando roupas, bebidas, sapatos e outros elementos, se limparam estatuas que haviam sofrido deterioramento produto do excremento das pomas, e o vandalismo nos telefones públicos da época, que foram roubados (Figura 167) (Aponte e Sanchez, 2019).

Figura 167. Contaminação de afluentes e desgaste das estatuas no Parque Caicedo de Cali.

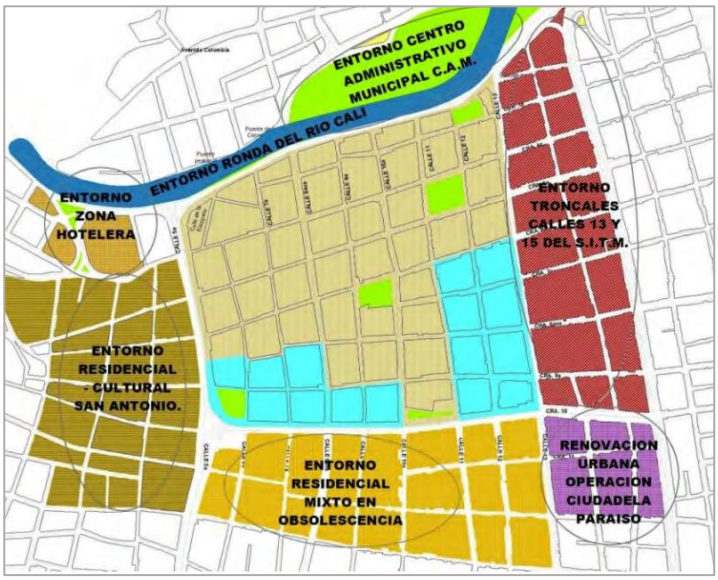


Fonte: Aponte e Sánchez (2019, p. 186).

As iniciativas do PEMP na segunda década do século XX, para salvaguardar o patrimônio histórico cêntrico da cidade, consistiu em intervir algumas áreas com o objetivo de melhorar as condições e renovar o interesse do público. Este processo foi prioritário para a administração municipal, atacando três frentes: o deterioramento físico, o deterioramento econômico e a presença de patologias sociais. Para este fim, se consolidou exitosamente a estação intermedia do Sistema do Transporte Massivo, a projeção de quarteirões de uso comercial e residencial da cidadela Paraiso, a construção da sede da Fiscalia, o Centro Administrativo Municipal – CAM, e a integração hoteleira com o bairro El Peñon, San Antonio e San Cayetano. Estes parâmetros se estabeleceram por ser considerada nas últimas

décadas a zona do centro histórica como um dos legados da identidade cultural mais relevante (Figura 168).

Figura 168. Contexto Urbano do centro histórico de Santiago de Cali.



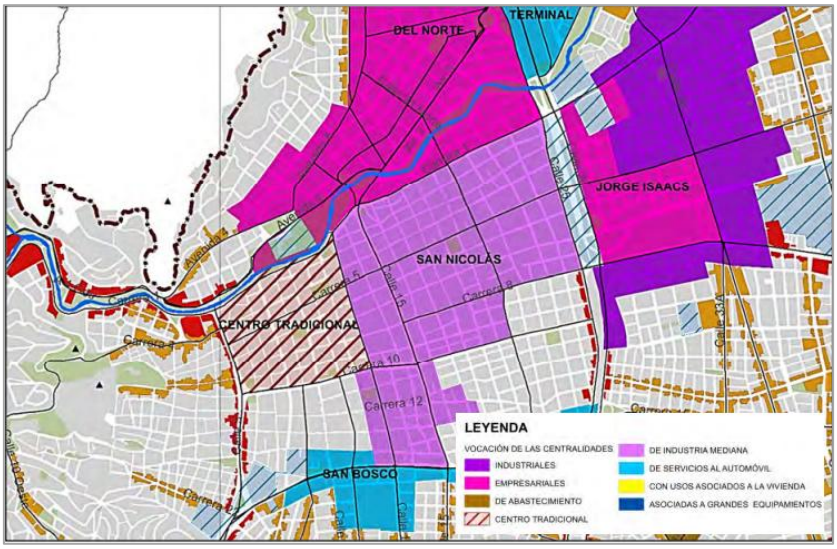
Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali (2014, p. 8).

Nesta ordem, foi decretada a zona Centro tradicional de Cali, como a figura principal do município que por suas condições físicas, funcionais, patrimoniais e de atividades de articulação regional, altamente representativa e simbólica (Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali, 2014). De forma geral, esta distinção foi eloquente com respeito à caracterização do patrimônio, porque a vocação das centralidades estava distribuída em vários setores, entre eles industriais, empresariais, de abastecimento, tradicional, de mediana empresa, serviços de automóvel, usos de residência e áreas associadas com grandes equipamentos (Figura 169).

As estratégias de renovação trouxeram em alguns casos, críticas e preocupações; pois a ausência de liderança por parte do governo municipal, e a falta de instrumentos de controle do espaço, converteram a zona do centro histórico, num lugar de passo necessário que terminou deteriorando ainda mais sua estrutura. Depois de executar-se os planos de setorização que provocaram sérios desequilíbrios, o caráter comercial que não tinha tradicionalidade, auspiciou a venda de prédios e fomentou a indústria novamente (Argoty, 2012). A execução deste tipo de dinâmicas, provocou um deslocamento da população residente, gerando um desarraigo que favorecimento aos investidores, especulando uma vez

mais, sobre o valor dos prédios e seus agregados. Lamentavelmente, subsiste ainda um desinteresse pela renovação urbana do centro; porque no fundo, falta uma *renovação social* seria, que as entidades públicas não têm planejado fazer.

Figura 169. Atividades desenvolvidas no setor urbano de Santiago de Cali.



Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali (2014, p. 11).

Entre os projetos impulsados, destaca-se os da Empresa Municipal de Renovación Urbana – EMRU, Cidade Paraiso em 2011, propondo volver a mirada ao centro, invitando a investidores privados a reativar a funcionalidade do setor. No entanto, o projeto não conseguiu ser atrativo e sem expectativas econômicas, ficou por fora das novas renovações e estruturações socioespaciais (Martínez Toro, 2014). Institucionalmente nas unidades administravas locais, também tem impulsado projetos de apropriação cultural.

Em junho do 2014, um jornal local da cidade de Santiago de Cali registrava as iniciativas de consolidação das melhoras e restruturação urbana do centro histórico assim:

> Ante os médios de comunicação da cidade, El Consejo, La Alcaldía e La Sociedad de Mejoras Públicas de Cali, apresentaram o programa institucional de recuperação da Plaza Caicedo (sic) que se vem executando desde o 1 de junho de 2014 e a agenda para a celebração do 3 de julho, ali nessa zona da capital do Valle onde se erige a estátua do prócer da independência Joaquín de Caicedo (sic) y Cuero. O presidente da sociedade de Melhoras Públicas, Nicolás Ramos Gómes, lembrou que foi na Plaza de la Constitución ou Plaza de Caicedo (sic), onde por dois dias o governo espanhol pendeu de um gancho de açougue, o corpo desnudo de Manuel Santiago Vallecilla, outro dos mártires da independência vallecaucana. "Não podemos esquecer nossa história e o aporte que fiz Cali e o Valle del Cauca à gesta independentista" [...]. A campanha procura reivindicar a

> história da Plaza Caicedo (sic.) onde também foram fuzilados na época da independência 12 caleños: Javier Perlaza; Buenaventura Perlaza; Silvestre Cantre, Nicolás Morales; Vicente Segundo Pisa; José María Herrera; Manuel Joaquín Fajardo; Narciso Quiñonez; Francisco Barrera e Mariano Velasco.
>
> Em dezembro do 2012, o historiador Alberto Silva Scarpetta, reclamou ao Alcaide de Cali, Rodrigo Guerrero, o que a Plaza Caicedo (sic.) não tivera um registro em memória dos 12 fuzilados caleños. "Nesse sentido tanto o Alcaide como o Conselho escutamos a solicitações e este 3 de julho em homenagem a nossa história, honraremos a memória de Joaquín Caicedo (sic.) y Cuero e a dos patriotas que foram fuzilados nesta zona cêntrica da municipalidade", explicou Arroyave Rivas (Aponte e Sanchez, 2019, p. 189).[53]

O centro histórico de Cali, se delimitou para seu estudo da seguinte forma: pelo Norte, a ronda norte do rio Cauca desde sua intercepção com a Calle Quinta até sua intercepção com a Calle Trece; pelo Sul, a Carrera Diez desde sua intercepção com a Calle Quinta até sua intercepção com a Calle Trece; pelo Oriente, a Calle Trece desde sua intercepção com a ronda norte do rio Cali até sua intercepção com a Calle Diez; e pelo Ocidente, a Calle Quinta desde seu intercepção com a ronda norte do rio Cali até sua intercepção com a Carrera 10. Em total para o 2014, na zona do centro histórico se contabilizaram 65 prédios, com um nível de intervenção I onde as edificações se conservam por ser de um valor insubstituível (Tabela 18) (Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali, 2014).

Em geral, a estratégia de modernização e restruturação histórica que se começou a consolidar nas primeiras décadas do século XXI, trouxe para o centro histórico, um discurso mais inclusivo, no que se situava a educação e a cultura, como um pilar fundamental. Este projeto de *democratização cultural* que havia começado incluir desde finais do século XX, foi assumido para distensionar as relações sociais, e poder criar uma estratégia de reabilitação no que se puderam integrar as identidades coletivas (Ortiz, 2014). Esta estratégia também se fraturou porque as entidades públicas e privadas delegaram nos cidadãos, a responsabilidade de manter este tipo de dinâmicas, que finalmente decaiam.

---

[53] Minha tradução. Texto original: "Ante los medios de comunicación de la ciudad, el Concejo, la Alcaldía y la Sociedad de Mejoras Públicas de Cali presentaron el programa institucional de recuperación de la Plaza de Caicedo (sic.) que se viene ejecutando desde el 1 de junio de 2014 y la agenda para la celebración del 3 de julio allí en esa zona histórica de la capital del Valle donde se erige la estatua del prócer de la independencia Joaquín de Caicedo (sic.) y Cuero. El presidente de la Sociedad de Mejoras Públicas, Nicolás Ramos Gómez, recordó que fue en la Plaza de la Constitución o Plaza de Caicedo (sic.), donde por dos días el gobierno español pendió de un gancho de carnicería, el cuerpo desnudo de Manuel Santiago Vallecilla, otro de los mártires de la independencia vallecaucana. “No podemos olvidar nuestra historia y el aporte que hizo Cali y el Valle del Cauca a la gesta independentista […]. La campaña busca reivindicar la historia de la Plaza de Caicedo (sic.) donde también fueron fusilados en la época de la independencia 12 caleños: Javier Perlaza; Buenaventura Perlaza; Silvestre Cantre, Nicolás Morales; Vicente Segundo Pisa; José María Herrera; Manuel Joaquín Fajardo; Narcizo Quiñonez; Francisco Barrera y Marino Velasco.

En diciembre del año 2012, el historiador Alberto Silva Scarpetta, reclamó al alcalde de Cali Rodrigo Guerrero, el que la Plaza de Caicedo (sic.) no tuviera un registro en memoria de los 12 fusilados caleños. “En ese sentido, tanto el alcalde como el Concejo hemos escuchado la solicitud y este 3 de julio en homenaje a nuestra historia, honraremos la memoria de Joaquín de Caicedo (sic.) y Cuero y la de los patriotas que fueron fusilados en esa zona céntrica de la municipalidad”, explicó Arroyave Rivas." (Aponte e Sánchez, 2019, p. 189).

Tabela 18. Prédios que conformam a zona do centro histórico de Cali, 2014.

Locações de Intervenção I que conformam o centro histórico			
Asamblea Departamental antes Colegio San Luis	Edificio Corficolombiana antes Banco del Comercio	Parque y Plazoleta Santa Rosa	Igreja e convento La Merced
Edifício Banco de Bogotá	Igreja San Martín	Casa Proartes	Casa Arzobispal
Edificio telefónica TELECOM	Edificio Banco de Colombia	Edificio Banco Popular	Edificio Colseguros
Casa Benjamín Martínez	Casa I. Conjunto la Merced	Edificio Payeras	DIAN antiguo BCH
Edificio Edmond Zaccour	Casa III. Conjunto la Merced	Residências Aristi	Palacio Nacional
Banco Agrario de Colombia	Capilla de la Inmaculada	Plaza de Caicedo	Edificio Lloreda
Beneficencia del Valle	Museo de Arte Religioso Cali	Hotel Astoria	Teatro Municipal
Edificio Cementos del Valle	Edificio Suramericana	Teatro Colón	Edificio Coltabaco
Teatro Jorge Isaac	Sociedad de Mejoras Públicas 2	Hotel María Victoria	Edifício Notaria Doce
Puente Ortiz	Puente de la Cervecería	Puente España	Edificio La Ermita
Plaza de San Francisco	Sociedad de Mejoras Públicas	Edificio Bancolombia	Gobernación del Valle
Convento de San Joaquín	Casa Martínez Satizabal	Antiguo Adpostal	Igreja Santa Rosa
Iglesia de San Francisco	Edificio Cámara de Comercio	Catedral de San Pedro	Edificio Sierra e Otero
Centro Cultural de Cali	Casa II. Conjunto la Merced	Hotel Columbus	Edificio Garcés

Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali (2014, p. 27-31), modificado pela autora.

Por outro lado, também se gestaram níveis de intervenção tipo II encarregados da conservação arquitetônica; e de nível III, na zona urbana, onde a conservação foi responsável de faze cumprir a norma especifica de compatibilidade estética. Desta forma, os tipos de obras que se executaram no setor foram de restruturação (recuperar e adaptar), de reparação locativa (condições de higiene e ornato), primeiros auxílios (intervir uma estrutura em perigo de ruina), reabilitação ou adequação funcional (modernizar instalações), reforçamento estrutural (condicionar a níveis adequados de seguridade sismo resistente), reintegração (restituir elementos perdidos), ampliação (somar superfície, teto, o solo), consolidação (fortalecimento), demolição, reconstrução, liberação (remoção, demolição, reabertura, retiro de elementos e supressão), modificação, obra nova e remodelação (Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali, 2014).

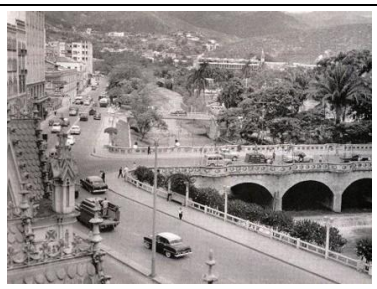
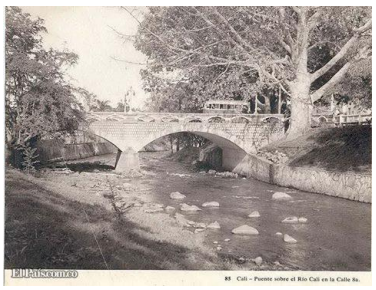
Dentro da integração entre as novas construções modernas e as antigas que estavam em processo de ser intervindas, a Avenida Colombia, se converteu no eixo fundamental da cidade; dando passo já desde metades do século XX, ao desenvolvimento deu projetos como a Avenida Sexta, que conectava com Yumbo; e ao sul, sobre o eixo da Calle Quinta, a saída a Popayán. , dentro do projeto de restauração se recuperam algumas construções históricas bastante relevantes para recuperar a identidade regional (Tabela 19).

Um selo distintivo da identidade cultural *caleña* tem sido as pontes coloniais como El Puente Caicedo, construído em 1835 sobre uma suave pendente em direção ao rio Cali. A construção, retenida por quatro anos, até 1842 quando se designou ao franciscano Fray Ignacio Ortiz como diretor da obra, entrou em serviço em 1845. Em 1918, e a supervisão do engenheiro Julio Fajardo Herrera se fiz a primeira intervenção com pontes metálicas de Mediacanoa (1927) e uma nova dimensão técnica. Em 1945, se realizou uma segunda intervenção a cargo do engenheiro Alfonso Garrido, que ampliou mais a extensão total da ponte, por meio de uma estrutura idêntica em concreto, que foi adicionada respeitando a geometria dos arcos e reforçando os cimentos. De contínuo se realizaram outras reparações, sendo relevante a conservação da estética colonial (Galindo, Tolosa e Paredes, 2013).

A proposta de restauração e preservação das pontes e edificações do setor histórico realizada no marco do Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali na segunda década do século XXI, mostra um interesse pelos bens culturais que originam carregas simbólicas, históricas e estéticas de grande importância para a identidade dos caleños. Sem dúvida, ainda existem uma grande quantidade de edifícios importantes, que ao não se pode restaurar, foram demolidos, ficam no imaginário coletivo da tradição. Atualmente se pensa nos estudos arqueológicos como uma forma de entender e explorar os espaços públicos. O colapso da Avenida Colombia tem ajudado a entender o valor das peças arqueológicas encontradas, e o valor de divulgação que consolidam no projeto paisagístico denominado Itinerário paisagístico e arqueológico (Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali, 2014).

As dinâmicas de recuperação histórica ao redor do centro histórico também, se tem visto irrompidas. Em 2016 as problemáticas de drogas, prostituição e delinquência se fizeram insustentáveis a raiz do deterioramento das estruturas e o mobiliário público, no que se vandalizaram os telefones e as cadeiras do Parque Caicedo.

Tabela 19. Alguns lugares salvaguardados, Cali século XX e inícios do XXI.

Locações urbanas restauradas		
Conjunto de San Francisco		
Teatro Municipal		
Puente Ortiz		
Puente España		
Puente de la Cerveceria		

Fonte: Alcaldía Municipal de Santiago de Cali *(2020*).

Como medida de mitigação, ante as constantes reclamações dos cidadãos pela segurança; La Secretaria de Gobierno, deslocou as cadeiras do interior da praça às periferias,

mas esta solução não acabou com a problemática. Na praça os atores sociais mais desfavorecidos persistem em conviver nos espaços urbanos, apesar que existe uma resistência por parte das comunidades a realizar outras dinâmicas, entre elas, protestas, encontros culturais, manifestações políticas, e demais.

Por outro lado se vem realizado um resgate arqueológico forte na zona, identificando-se nas últimas décadas, 4 sítios ao longo do túnel da Avenida Colombia, representados por antigas estruturas do Puente Ortiz; um segmento colonial de um antigo muro de contenção do rio, construído em *sillares de pedra* e *canto rodado*; algumas residências republicanas associadas a construções eclesiásticas como a antiga Ermita del Señor del Rio, e lixeiras, dão conta do desenvolvimento e transformação sociocultural do Cali velho. As construções exploradas arqueologicamente, foram feitas usando materiais de *adobe*, *tijolo cozido* de distintas proporções, e *pedra de canto rodado* e *canteira* (Inciva, 2015) (Figura 170).

A atenção pelo cuidado ambiental patrimonial também tem sido relevante, pois atualmente é proibida a poda de mais de um 50% das folhas das palmas *zanconas*, *arecas* e *botella*, evitando frenar seu crescimento e deformações permanentes. Simultaneamente, se devem evitar o derribo e a derrubada de árvores, e a contaminação dos ecossistemas de bosque seco que se encontram arredores. A maioria de projetos de proteção do centro está projetada a corto prazo (4 anos), mediano prazo (8 anos) e largo prazo (12 anos). Entre os projetos a longo prazo se encontram a reabilitação do espaço urbano, a restauração do Teatro Municipal, e a iniciativa da Avenida Colombia.

Figura 170. Estudos de arqueologia ao longo do túnel da Avenida Colombia em Cali.

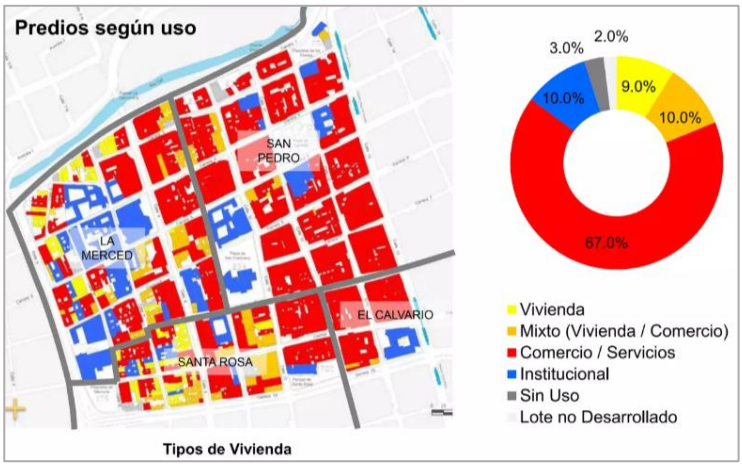


Fonte: Inciva (2015, p. 14).

Os espaços públicos, continuam sendo um desafio para as novas projeções; intentado nestas propostas, aumentar ditos espaços, ampliando até num 10% a extensão das calçadas do setor (Ver Apêndice RR). De forma geral encontramos um contexto em finais da segunda década do século XXI, divido em vários setores: zona hoteleira, residencial cultural San Antonio, a conservação San Cayetano, tratamento de consolidação solida, projeto de construção Ciudad Paraiso, áreas de corredores, e entornos de tratamentos de renovação (Ver Apêndice SS) (Departamento Administrativo Nacional de Estadística, 2020).

Este panorama tem gerado que o 70% dos veículos que circulam pelo centro, não fiquem represados, existindo 3.700 lotes e edifícios, com um fluxo de movimentação de 7000 pessoas, onde se identifica que o maior uso que residências do setor, tem uso comercial ou de serviço, o que indica que ainda na zona existe uma grande influência do período industrial e a onda progressista de meados do século vinte. Como segundo uso, se destacam, prédios do período colonial utilizados de forma institucional e como residência (Figura 171).

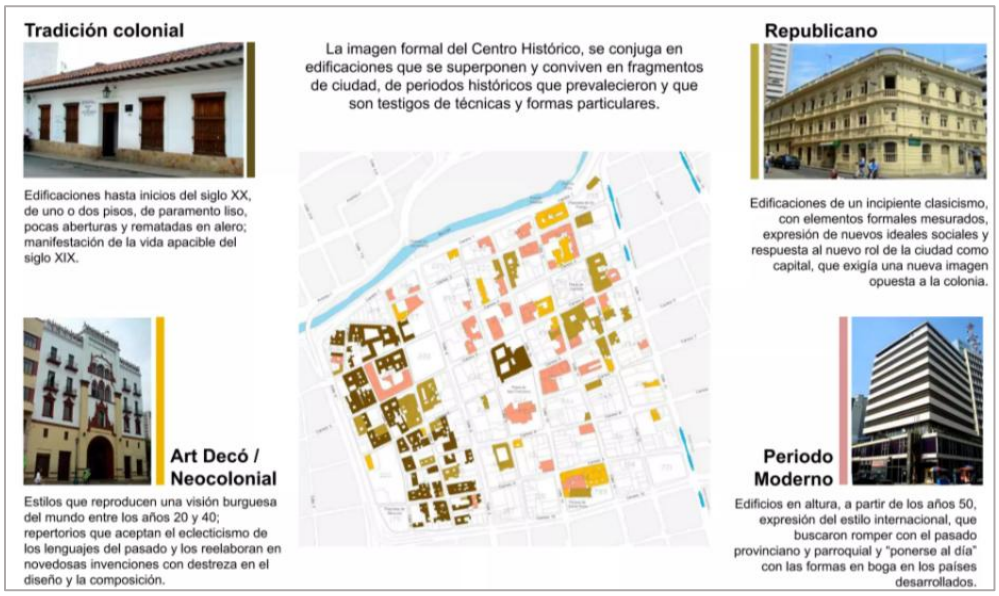
Figura 171. Prédios de acordo ao uso de moradia no setor histórico de Cali.



Fonte: Departamento Administrativo Nacional de Estadística (2020, p. 9).

Entre os estilos estéticos arquitetônicos salvaguardados no setor histórico, se destacam: 1) os de Tradição Colonial, aquelas edificações que até inícios do século XX apresentavam características clássicas e tinham um ou dois andares máximo; 2) o estilo Republicano, que moldo as bases da expressão do classismo e os novos aires de cidade; 3) o Art Decó ou Neocolonial, que reproduziu a visão burguesa do mundo de 1920-19540; e 4) o Período Moderno, destacado pela consolidação de edifícios de grande altura nos anos cinquenta, à vanguarda do desenvolvimento e as novas formas econômicas (Figura 172).

Figura 172. Distribuição e estilos arquitetônicos do centro de Cali.



Fonte: Departamento Administrativo Nacional de Estadística (2022, p. 17).

Estas iniciativas tiveram grande acolhida, pela diversidade, a fragmentação cultural e as condições de desigualdade nas que se havia construído a arquitetura local; apesar de ainda, sejam impostas formas hegemônicas forjadas na imagem do poder econômico e os fenômenos de industrialização (Jiménez Correa, 2016) (Ver Tabela 20).

Entre os estilos arquitetônicos que se consolidaram em Cali, se destacam quatro importantes: a primeira do período colonial (1536-1810), a segunda do período republicano que iniciou com a independência (1810-1930), a terceira um período de transição à modernidade (1930-1945), e a quarta a modernidade (1945-1959) (Jiménez, 2009). Finalmente perduraram com maior porcentagem, as edificações modernas e republicanas, e com menor incidência, as construções em transição ou coloniais. Observa-se que 53% se encontram construções de um e dois andares; 28% de dois e três andares; 9% de sete e dez andares; 7% de onze e quinze andares, e um 4% de outras alturas superiores (Departamento Administrativo Nacional de Estadística, 2022).

Ao industrializar-se a cidade, o ´*triunfo*´ do capitalismo, mostrou dois caras, uma de consolidação econômica onde as indústrias, empresas e negócios foram fortemente produtivos apesar das crises de finais do século XX e inícios do XXI; e dois, os efeitos devastadores daqueles não conseguiram integrar-se ao modelo de desenvolvimento social, e

os deixou baixo as misérias e as pobrezas das pontes construídas, bairros desprotegidos de serviços públicos e demais condições que acordam uma vida digna. Em meados dos 2024, uma forte incerteza sobre os efeitos que a carência de estilos estéticos arquitetônicos, tem trazido sobre o desapego de identidade regional.

Tabela 20. Estilos, construções e características da arquitetura do centro de Cali.

Construção	Características	Descrição
 **Igreja estilo colonial La Merced**		Nas construções coloniais se realçam: sobressalentes nos tetos que impedem o descendo da água pelas paredes; solares ou madeiros horizontais que servem de suporte a outros madeiros; portas coloniais construídas com madeira da região decoradas e pesadas.
 **Casa estilo colonial caleña Calle de la Escopeta**		Nas casas coloniais se aprecia escadas e andares construídos em pedra que respondiam à escassez de materiais de construção; vestígios de muros de adobe clássico que realçam a estética colonial, e um amplio grossor das paredes que proporcionavam uma base solida nas construções.
 **Edificação estilo republicano Teatro Municipal Enrique Buenaventura**		Se introduzem novos materiais como o tijolo, ferro e cemento, estes dois últimos importados. Se incorporam esgotos, cerâmica, porcelana sanitária, plafons, tetos metálicos, papel de colgadura, e serralheria. A residência adoptava uma pessoalidade aristocrata, sendo considerada como palácio
 **Edificação de estilo neocolonial Coltabaco**		Este estilo tentou recuperar a estética colonial depois da independência, expandindo-se ao norte do rio Cali em finais dos anos 1920. Se caracteriza por apresentar corredores abertos, arcos de meio ponto, salientes e teto à vista, *torreones* com balcões e varandas de madeira, colunas separadas de muro, e se integra a natureza para integrar o conceito da cultura inglesa.

Fonte: Elaborada pela autora com relação ao texto de Rodriguez (2005).

Dentro dos planejamentos urbanos nos que se integrar as visões históricas e contemporâneas, não há um diálogo solido ainda que fortaleça a identidade cultural. A memória coletiva, se continua construindo e particularmente a identidade regional, pois aprofundar nestas reconstruções é de soma importância para preservar e reconstruir o patrimônio tradicional do Valle. Nas palavras de Waisman:

> O conceito de patrimônio é um conceito cultural, e por ende de caráter histórico; imerso no transcorrer o tempo, que sujeito fica às mutações que esse transcorrer implica. Es necessário, por tanto, revisar uma e outra vez seu significado, à medida que o curso da história assim o exige. [...]. Assim ingressaram ao campo patrimonial o tecido urbano e rural, a arquitetura industrial, os ambientes urbanos, todo aquilo que se há chamado o *patrimônio não –monumental*, objeto de grande interesse em nossa América, dadas as características de nosso patrimônio. O patrimônio, assim, se converte no testemunho da vida de um povo, antes que num conjunto de objetos de elevado valor arquitetônico, de caráter museológico mais que vital (Waisman, 1997, p. 115-116). [54]

3.2. História, identidade e cultura patrimonial na cidade industrial norte-americana

Entre os anos de 1860 e 1920, a tecnologia, transporte, desenvolvimento econômico, mudanças demográficas e o surgimento de grandes estruturas burocráticas, transformaram o semblante urbano dos Estados Unidos. Dinâmicas como o capitalismo, a competência, o individualismo e o consumismo, desencadearam alterações econômicas e sociais, que impulsaram em outros países, o afã do lucro, e os processos de modernização, que não sempre tiveram os resultados esperados. A grande cidade industrial estadunidense, caracterizada por ser desordenada, congestionada e cheia de contaminação, se converteu na *cidade moderna* de finais do século XX. Simultaneamente, as urbes portuárias cresceram de forma constante, servindo como portos de intercâmbio e fortalecimento político do projeto moderno. Os portos marítimos se converteram assim em grandes metrópoles comerciais; a cidade de New York, passo de ter 33.000 habitantes em 1790, a mais de 80.000 em 1860. Brooklyn, um pequeno povo suburbano de 5000 habitantes em 1790, passo a converter-se na terceira maior do país em 1860 (Mohl, 1979).

O Canadá se converteu num povo urbano onde mais do 75% da população ficou vivendo na cidade; sendo este, uma das porcentagens de urbanização mais altos do mundo.

[54] Minha tradução. Texto original: "El concepto de patrimonio es un concepto cultural, y por ende de carácter histórico; inmerso en el transcurrir del tiempo, queda sujeto a las mutaciones que este transcurrir implica. Es menester, por tanto, revisar una y otra vez su significado, a medida que el curso de la historia así lo exige. […] Así, ingresaron al campo patrimonial el tejido urbano y rural, la arquitectura industrial, los ambientes urbanos, todo aquello que se ha llamado el patrimonio no-monumental, objeto de especial interés en nuestra América, dadas las características de nuestro patrimonio. El patrimonio, así, se convierte en el testimonio de la vida de un pueblo, antes que, en un conjunto de objetos de elevado valor arquitectónico, de carácter museístico más que vital" (Waisman, 1997, p. 115-116).

Desde 1851 o crescimento demográfico do país se definiu em três momentos: um primeiro momento de 1851 a 1900, onde a população cresceu lentamente em uns poucos milhões; um segundo, na primeira metade do século XX, de 1901 a 1945, acelerando-se particularmente devido à colonização do oeste de Canadá e a forte migração da época; e terceiro, de 1946 a 2006, no que Canadá passou de 12.3 milhões a 3.6 milhões, aumentando mais de 20 milhões (Artibise, 1988). De continuar esta tendência, a região teria para 2056 uma população de 42.5 milhões. A taxa de crescimento anual do 1%, é muito similar à dos Estados Unidos, mas mais alta, que a taxa média observada nos países incluindo Europa.

Entre 2001 e 2006, mais do 60% dos migrantes eram de origem asiático, contrastando com 1961 e 1966, onde em sua maioria eram europeus e norte-americanos, que passaram do 9% entre 1961-1966, a 3% durante o período de 2001-2006. Este fato se deve em parte, a que depois da Segunda Guerra Mundial as políticas de migração canadense foram mais favoráveis até para os africanos que entre o 2001 e 2006, passaram do 3% a um 10,6%. Em 2006, o 56% dos migrantes foram admitidos em virtude do componente econômico da política de migração; sendo escolhidos por considerar que podiam estimular a economia e integrar-se ao mercado laboral devido a sua idade, nível de educação e conhecimento dos idiomas oficiais de Canadá (Canadian Demographics at a Glance, 2008).

O processo de urbanização ao Norte da América, se associou com a intensificação das relações capitalistas; na chamada época da industrialização. Estimulados pela atividade econômica, países como Canadá, se valeram de seu poder urbano, para atrair o capital e assegurar sua reprodução. De fato, como os municípios eram fracos em relação com os agentes do capital com os que tratavam, os ajuntamentos concederam muitas conceções aos fabricantes, e ainda mais às ferrovias. A migração de colonos e o comércio de matérias primas, gerou os centros urbanos de Canadá serviram para reagir às instabilidades criadas pela acumulação de capital industrial, transformado os excessos, em agencias de produção de trabalho, apesar que em meados do século XIX, o sistema canadense era instável e carecia de uma verdadeira cidade primada (Morris, 2013).

As elites canadenses, se enfrentaram num princípio, a um sistema urbano instável e prematuro que carecia de dinâmicas coletivas, essências para assegurar a acumulação do capital na produção industrial. Teve que aperfeiçoar-se o domínio das relações econômicas e

sociais, para que surgira no marco do sistema capitalista, uma potência regional; integrando tecnologias no desenvolvimento da indústria manufatureira, a energia e o transporte, que terminaram transformando os fatores culturais. Por outro lado, a sociedade urbana da região, se viu fortemente influenciada pelas identidades étnicas e religiosas que atraíram o capital e os imigrantes como trabalhadores das industriais. A pressão por atrair novas economias, fez possível a acumulação do capital e o movimento da indústria desde o campo (Morris, 2013).

O conceito de industrialização numa região, implico mais que um simples aumento no setor manufatureiro; pois ao introduzir-se mudanças na economia, se transformaram os sistemas de produção, de forma que o efetivo, o crédito, a propriedade e os médios de lucro, permitiram o passo a uma nova onda. No Canadá, Quebec e Montreal cresceram tanto como o permitiram suas atividades comerciais e governamentais durante a colônia; assentando-se funcionários reais, oficiais militares, membros de ordenes religiosas, e famílias de elite que contribuíram a aumentar o refinamento da vida urbana (Brown, 1994).

Os Estados Unidos, pioneiros na região, por converter os lugares onde viver em centros de empresas industriais; produziu uma degradação humana, frente ao materialismo que incentivou as pobrezas, as condições de vida limitadas, e a luta pelo fortalecimento da máquina econômica que se uniram ao movimento moderno. Como efeito deste projeto econômico, se ampliou a divisão de classes trabalhadoras e as capitalistas, melhorando ou deteriorando, os níveis de vida, frente a distribuição das riquezas (Mohl, 1979; Morris, 2013).

Os imigrantes jogaram durante este período, um grande papel; pois fortaleceram a mão de obra que fazia falta e geraram a expansão urbana a distritos onde a residência, o emprego eram accessíveis e econômicos. A consolidação da identidade cultural na região, incluiu paulatinamente ao forasteiro, como transformador das coletividades; mas afastou sua condição, como forma de inclusão dentro da integração econômica de classes, status econômico e temas de diversidade.

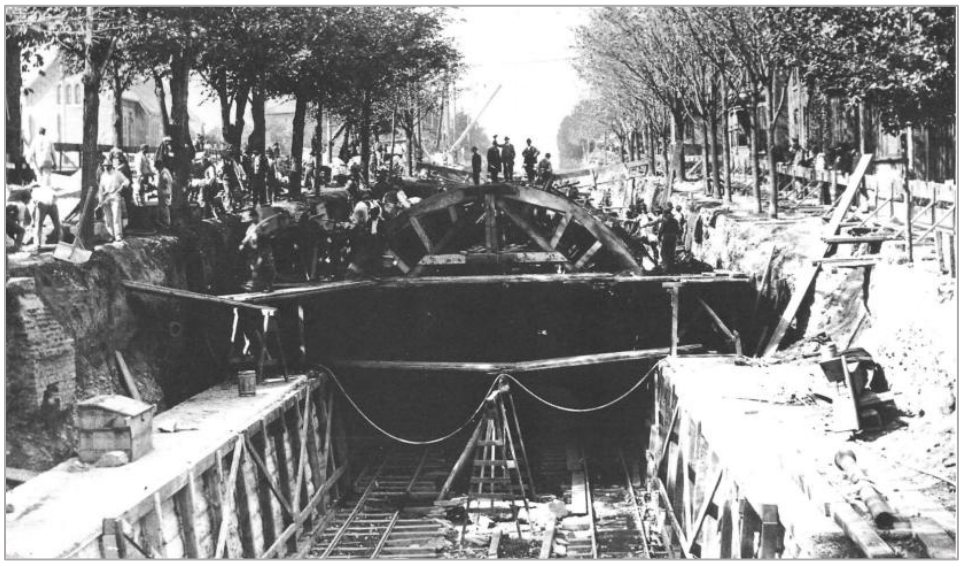
A rápida industrialização de Toronto depois de meados do século XX, deixou uma pobreza progressiva dentro do desenvolvimento capitalista. Na década de 1890, o radicalismo laboral e a visível concentração da produção industrial, aumentaram as preocupações da classe trabalhadora dentro da participação da economia de expansão. A desigualdade radicava em que os ricos eram cada vez mais ricos, enquanto os pobres cada

vez mais pobres, incluindo durante a expansão demográfica de Toronto, quando se pensava que as condições melhorariam de alguma forma. De fato, as famílias dependiam cada vez mais de um mercado imprescindível para sua própria existência; a tenência de propriedades era desigual, concentrando as riquezas do 80% da economia, em mãos de uns poucos. Num informe de 1874 sobre a taxação, podem encontrar-se preocupações respeito aos procedimentos e o entendimento que tinham os taxadores da época (Darroch, 1983).

Frente a este panorama de transformações urbanas, se somou também a integração das novas tecnologias de transporte; pois pré-industrial, a princípios do século XIX, as cidades caminhantes agrupadas no centro, não precisavam de longos deslocamentos, senão depois de iniciado os processos de industrialização. A ferrovia, o bonde, os trólebus elétricos, o teleférico e finalmente o metrô, permitiram a expansão física da cidade; assentando-se ao longo das linhas de recorrido dos novos transportes, centros e urbanizações de trabalhadores e imigrantes que foram criando assentamentos nas periferias (Mohl, 1979).

O transporte ferroviário canadense, solia cruzar ao nível do solo ou por meio de canais abertos. A ferrovia de Toronto, Hamilton e Bufalo, cuja linha e túnel começou a construir-se em 1894, passava por um dos bairros de elite. A empresa começou a levantar a linha ferroviária até o centro de Hamilton, construindo um túnel desde Queen Street, até a estação terminal de Hunter Street East, o único túnel da linha (Figura 181) (Morris, 2013).

Figura 173. Construção linha ferroviária de Toronto, Hamilton e Buffalo, 1894.



Fonte: Morris (2013, p. 60).

A longo prazo, estes novos médios de transporte promoveram fortes diferençações, pois enquanto as pessoas se organizavam nos espaços urbanos, a vida política se fragmentou e a vida social se segregou por classe, etnia e raça. Em outras palavras, na *cidade caminhante* as relações humanas se consolidavam pessoalmente, cara a cara; enquanto na *cidade industrial*, as relações foram laxas e impessoais. Desta forma, o sentido de comunidade foi desvanecendo-se, e a estrutura de valores comuns geralmente tradicionais, gerou impacto em numerosas subculturas étnicas, religiosas e raciais; que acolheram nos subúrbios o sentido de comunidade e de identidade (Mohl, 1979).

Esta diferenciação de classe, *status* econômico e raça, se converteu numa marca própria da cultura norte-americana; perpetuando-se, desde o período da industrialização onde se acentuo mais o poder aquisitivo, até finais do século XX, quando os grupos étnicos entraram a reclamar participação política, econômica, cultural e social dentro da consolidação das urbes. Esta displicência e reprovação pelas formas explicitas da diversidade cultural dos povos, gerou lutas pela igualdade, que tiveram que ser atendidas de forma tardia, em pleno século XXI, e que ainda não terminam de reconfigurar os discursos de inclusão.

Nos jornais canadenses se registrou em abril de 1994, como uma multidão de brancos perseguiu um homem negro inocente, pelas ruas do centro de Toronto, convencidos que era um fugitivo; dito incidente, detonado pelos médios de comunicação quando fizeram circular fotografias fora de foco, de um homem de cor com *dreadlock*, foi ignorado depois do incidente. Durante um tempo, ao igual que os indígenas do norte, os jovens negros com o sem *dreadlock*, se tornaram monstros atribuídos à histeria pública. Um colunista liberal do Globe and Mail chamado Michel Valpy se aventurou a vincular a tendência crescente de crimes violentos aleatórios em Toronto, com a aparição na cidade, de jovens negros de origem jamaicano, que ele descreveu como promotores de uma cultura de violência. Para o jornalista, a vestimenta, dialeto e comportamento dos jovens negros era um perigo porque intimidavam aos outros jovens canadenses (Clarke, 1997).

Não menos importante, mas de forma mais consciente culturalmente por parte da população, foi o incidente de verão de 1990; quando os indígenas Mohawks armados, bloquearam um campo destinado para golfe em Quebec, porque dito território era cemitério sagrado do povo Oka. Quando o exército canadense, chegou para deter os líderes *mohawk*,

estes foram apedrejados pela multidão branca, impedindo a reação da polícia provincial, *la* Sureté du Quebec. (Baker, 2009). Esta mostra de apoio às diversidades culturais, como os povos de origem; dão conta hoje, que existe no panorama cultural da identidade canadense, um reconhecimento explícito pela importância das lutas étnicas e a participação e defesa de outras comunidades no âmbito nacional. Este processo de reivindicação, é uma luta que apenas começou a estruturar-se.

Nos Estados Unidos semelhante ao Canadá, existiram serias reclamações pela defesa dos direitos coletivos dos grupos étnicos e diversidades que demandam uma participação social, política, cultural e econômica no âmbito nacional, mais visível e inclusiva. Em Toronto, ao igual que em outras cidades canadenses, as vocês que advogam pela reconfiguração da nova história, no que se incluíam os processos de indigenismo e colonialidade, se estão fortalecendo; apesar de que prevaleçam na memória, os processos de exclusão e supressão. De fato, nas palavras de Freeman (2010), os processos sociais, políticos e culturais do desenvolvimento urbano, tem constituído em si mesmos, uma modalidade especifica de colonialismo. No entanto, estes processos de reivindicação ainda continuam em todo o território, apresentando-se exclusões e movimentações pela defesa da identidade regional frente à simbólica e invenção cultura nacional.

Em 2009, no 175º aniversário da cidade, Nathan Phillips Peter Schuler, um velho habitante da cidade, dos índios Mississaugas da Primeira Nação New Crédit, expressava com nostalgia o seguinte: (Freeman, 2010, p. 21): "we stayed quite a while. I´m asked to come a celebrate this city but the city itself kind of moved us out"[55]. Alguns historiadores e analistas do fenômeno urbano consideram que não existe uma história inclusiva que seja diversa ou tente sê-lo; melhor, são os próprios povos os que se encarregaram disso. Esta luta pelo reconhecimento histórico, que apagava a paisagem indígena, consolidou historicidades mais amplas. Unicamente em Toronto, se conhece hoje, que a participação indígena no território durante pelo menos onze mil anos, também inclui outros grupos, entre eles os Wendats (Hurons), Tionnontati (Petuns), Senecas e Mississaugas (Ojibwa, Chippewa, Anishinaabeg).

A história canadense, comparte traços similares à inglesa; assemelhando padrões estadunidenses, britânicos e australianos, no que o papel do sistema capitalista é importante.

[55] Minha tradução: "Nós ficamos bastaste tempo. Me invitaram a vir a celebrar esta cidade, mas a cidade em si nós deslocou" (Freeman, 2010, p. 21).

Sua rápida industrialização em finais do século XIX, cedeu terreno ante a penetração massiva do capital estadunidense a princípios do século XX. O alto fluxo econômico que se mobilizava no território, gerou vorazes demandas de capital e a consolidação das indústrias; apesar de que existia uma frágil economia nacional, penetrada pelas empresas multinacionais estadunidenses, que nas palavras do historiador Ramsay Cook, forjaram as identidades limitadas. Esta reflexão da identidade nacional, trouxe a discussão temas como as desigualdades regionais, as discorias, a segregação de classes, e as demandas culturais, que tão fortemente ressonaram em finais do mesmo século (Kealey, 1995).

Em 1929, o novelista canadense Frederick Phillip Grove, assinalou que a identidade de americanização dentro do regionalismo norte-americano, era um desafio; pois se fazia necessário reformular os valores estabelecidos da colonização europeia, e avaliá-los com os da América em toda sua dimensão. Durante a maior parte do século XIX, e provavelmente até o final da Primeira Guerra Mundial, a maioria de canadenses de fala inglesa, afirmavam que seu país embora norte-americano em geografia e em muitas de suas características materiais, conservava sua essência britânica nas tradições culturais e políticas.

Os canadenses desta época estavam convencidos de três cosas: uma, que do que os diferençava dos Estados Unidos, era haver preservado as instituições políticas britânicas, e havê-las adaptado ao entorno; dois, que sua história evolutiva era superior à experiencia revolucionária de seus vizinhos do sul; e três, que seu historial evolutivo e conservador do passado, era uma boa guia para o futuro (Cook, 1974). Baixo esta rota, Canadá desenvolveu sua economia industrial e agrícola da mão dos mercados britânicos que não só proporcionaram sua defesa militar, senão que dependiam em grande medida do capital, a tecnologia e a economia para seu financiamento. Para 1914, o 75% de todo o capital estrangeiro no Canadá, vinha de inversores britânicos; que a maioria de migrantes durante o século XIX, foram britânicos. Na cidade industrial, o impacto de ditas forças se sentiu principalmente no setor empresarial, onde as operações se concentraram no centro das cidades, centralizando o funcionamento nas corporações grandes emergentes.

O aumento das linhas férreas, passou de 30.000 milhas em 1860, a 160.000 em 1890, permitindo atravessar grandes planícies e montanhas rochosas, até chegar à Costa do Pacifico; marcando uma pauta para os avanços tecnológicos, de engenharia, e práticas

comerciais, reduzindo os custos, encurtando as distâncias e aumentando a importância do transporte ferroviário. A união de cidades afastadas, foi um dos principais logros, pois ajudaram ao crescimento industrial da região, nos anos posteriores à guerra civil (Cook, 1974; Mohl, 1979).

Nas cidades industrializadas ao Norte da América, se consolidaram desta forma a longo do século XIX e XX, indústrias pesadas como a fabricação do aço, o refinamento do petróleo, o processamento de alimentos e a fabricação dos têxteis, produtos químicos, máquinas agrícolas, motores e automóveis. As cidades pequenas, circundantes das metrópoles, se especializavam em certo tipo de manufatura, nos Estados Unidos, *Arkon* se concentrava no caucho, Toledo no vidro, Dayton nas caixas registradoras, Youngstown e Gary em aço, Fall River e New Bedford em têxteis etc. A aparição de um mercado de massas, estimulou aos empresários e fabricantes urbanos, a mercantilizar a produção, em mil de artigos de consumo; convertendo as cidades em centros de vendas, e instaurando grandes armazéns e cadeias de comércios que vendiam produtos estandardizados.

Esta nova estratégia de publicidade, estimulou o mercado de consumo e catapultou o marketing urbano, a partir das vendas por correio, que levavam os produtos a todas as partes. Desta forma, se desenvolveram enormes burocracias de gerentes e empregados numa sociedade de consumo que requeria trabalhadores para distribuir, publicitar e vender bens em massa (Mohl, 1979). Sem dúvida, o fortalecimento econômico em cidades como Toronto foram progressivas, começando desde a possessão de uma propriedade, até a obtenção de recursos suficientes e graváveis. Em Ontário em 1870, os trabalhadores qualificados ou artesãos podiam ganhar 400 dólares anuais, enquanto os trabalhadores comuns 250 dólares se estavam empregados regularmente, mas amiúdo não o estavam.

Na década de 1890, as ganancias médias dos trabalhadores manuais se podiam estimar ao redor de quatrocentos dólares ou menos, o que fazia que seu patrimônio anual de ingressos fosse ajustado; somando-se que os bens imóveis se estavam convertendo claramente numa forma predominante de riqueza taxada à medida que avançava o século. A propriedade de casa, foi para muitas famílias ao longo do século XIX, uma prioridade da classe trabalhadora; assumindo que tê-la era uma das principais formas de riqueza e os afastava da marginação. Toronto experimentou frente ao aumento demográfico, um aumento

na compra de residência que para 1918 era do 45% onde seus proprietários deram uso residencial unifamiliar, convertendo-se numa marca de classe (Darroch, 1983).

Canadá não teve uma pressão demográfica sobre a terra como Grã-Bretanha em finais do século XVI e na segunda metade do século XVIII; o que significou que se pudesse industrializar o campo. A manufatura canadense que estava baseada no mercado, tinha uma forte relação com a localização de produtos como o ferro, o carvão e a lã, que de forma local, não podiam sustentar as tecnologias industriais em curso. De fato, os estilos de residências canadenses foram produto de um campo rico em madeira.

Em Quebec, as vigas pesadas unidas amiúde com cavilhas de madeira, minimizava a demanda de pregos, que continuavam sendo uma fonte básica da demanda interna. Quando as novas formas de indústria, chegaram ao campo canadense em finais do século XIX, dominadas pela atividade extrativa especialmente de madeira, e o processamento da produção agrícola, se expandiram as fábricas e filiais. Desta forma, ao sul de Ontário se estabeleceram novas indústrias; e em Quebec, a indústria de filado de algodão se expandiu na década de 1870, a comunidades rurais como Valleyfield e Montmorency, atraídos pela energia hidráulica. Estas comunidades porto urbanas, careceram de uma aldeia industrial com suas metrópoles e mercados, o que levou a que não se urbanizaram (Morris, 2013).

Para industrializar o país, Canadá se valeu de incentivos, bonificações, e exceções fiscais que eram habituais; promovendo a região de forma entusiasta com as formas de planejamento urbana canadense, como o movimento da *cidade bela*. Canadá se converteu ao público, numa unidade para organizar a reprodução do capital, é dizer num gerador de ingressos onde podiam consolidar-se empreendimentos e alcançar uma frutífera economia em espaços urbanos.

Em 1914, quando apenas começava a sentir-se os efeitos da economia canadense, o capital de inversão britânica e estadunidense ao igual que os trabalhadores, começaram a mobilizar-se ao território. Depois de 1926, a inversão estadunidense no Canadá superou à britânica, mobilizando-se o eixo econômico de norte a sul. Frente às organizações obreiras, o legado da cultura estadunidense, gerou sindicatos agora no Canadá, que se começaram a tratar como uma forma de invasão industrial, sendo a ´americanização do noroeste canadense´, a consolidação do imperialismo tácito (Cook, 1974).

Canadá aliado dos Estados Unidos desde a Great War, replicou o modelo imperialista que se manteve até a consolidação do projeto industrial; perpetuando-se significativamente como uma nova neocolonização, mas esta vez no âmbito econômico. Esta aliança foi preocupante, porque alguns analistas olhavam a Canadá como o Estado Vassalo que dependia da grande fortaleza estadunidense, incluindo das formas de educação e a aculturação da região. Canadá avança cada vez mais a converter-se numa nação norte-americana, apesar que existem algumas diferenças; mas é inegável a influência no território apesar das resistências. Nas palavras de Cook:

> Em procura de sua identidade nacional, os canadenses solem recorrer a dois formas de referir-se a si mesmos. O primeiro é pelo contrário, especialmente com os Estados Unidos. O segundo é baseado na terra. No Canadá, a terra é especialmente importante porque às vezes tem parecido o único elemento em comum da vida canadense. Os canadenses franceses levam muito tempo olhando a sua sociedade, com olhos cada vez mais norte-americanos; mas a celebração do caráter "não europeu" da experiencia e o espírito canadense que chegou a caracterizar sua "pintura da paisagem", era algo novo no Canadá inglês. Esta compreensão de que eram norte-americanos influiu em alguns pintores canadenses na década de 1890, e este espírito triunfou no período de entreguerras com o êxito do movimento em torno ao "Grupo dos Sete". Este movimento havia dado a espalda a Europa, e celebrado a ideia de que Canadá era culturalmente uma nação norte-americana (Cook, 1974, p. 283).[56]

A estas dinâmicas se adicionaram de igual forma, o espírito competitivo em todas as áreas da vida cotidiana. Frente a este fato, a cidade se transformou, socavando o bem-estar humano e o interesse público, pelos valores empresariais dominantes onde a estética das urbes foi arruinada. Dito o planejamento empírica, se materializou com ruas que formavam ângulos retos e apartamentos de grande altura, que serviram para ser alquilados, sobretudo, nas zonas industriais, quando estas ainda estavam em funcionamento; pois quando as indústrias decaiam, se experimentava uma decadência urbana que visibilizava que as cidades não estavam planejadas para os pobres.

No novo modelo industrializador, não havia lugar para aqueles que por desempenhar trabalhos perigosas nas fábricas, ficavam enfermos incapacitados, os feridos, ou

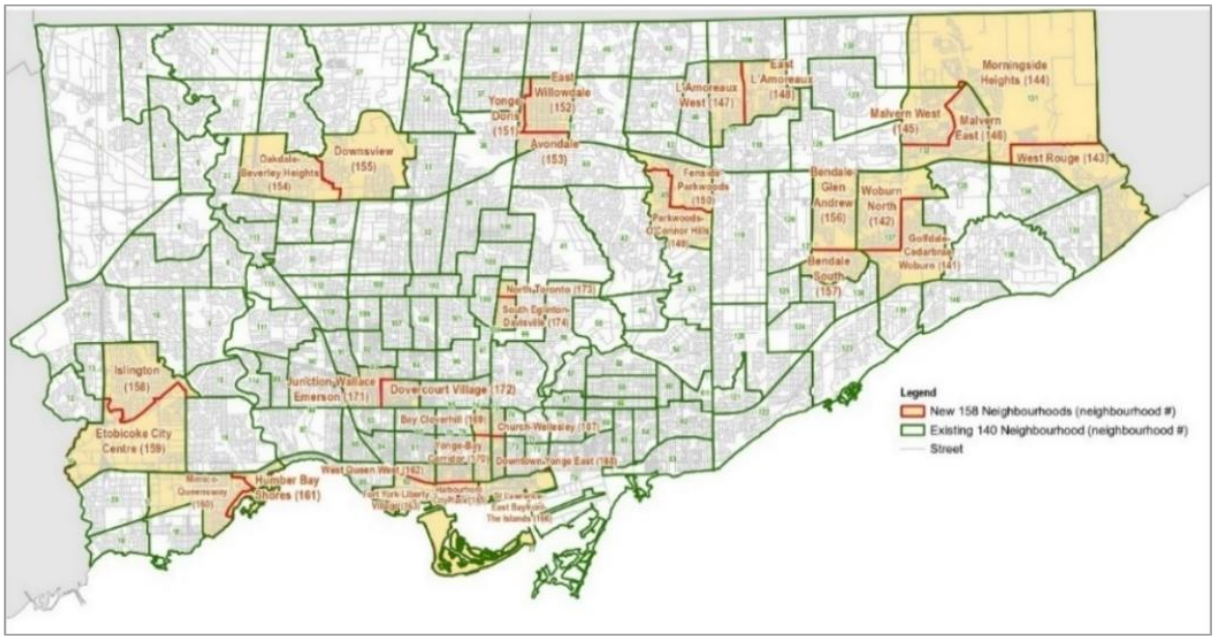
[56] Minha tradução. Texto original: " En cherchant leur identité nationale, les canadiens se toument souvent vers deux modes de se définir. Le premier est par contraste, surtout avec les Etats Unis. Le second est en fonction de la terre. Au Canada la terre est surtout importante parce qu'elle a quelquefois paru le seul élément commun de la vie canadienne. Les canadien-francais avaient longtemps regardé leur societé avec des yeux de plus en plus nord-americains; mais la celebration du caractere 'non-europeen,' de l'experience et de l'esprit canadiens qui arrivaient a caracteriser sa 'peinture de paysages' fut quelque chose de nouveau au Canada anglais. Cette réalisation qu'ils etaient nord-americains influenza quelques peintres canadiens dés les années 1890, et cet esprit triompha dans la période d'entre les deux guerres avec le succés du mouvement qui entourait le "Group of Seven". Ce mouvement avait toumé le dos à l'Europe et célébrait l'idée que le Canada était au point de vue culturel une nation nord-américaine." (Cook, 1974, p. 283).

desempregados (Mohl, 2010). As ajudas públicas, se implementaram muito depois durante o século XX, e esta precariedade, os mais desamparados ficaram desfavorecidos; tendendo a organizar guetos e comunidades que se converteram nos efeitos adversos do mundo contemporâneo na era industrial.

3.2.1. Generalidades e localização no contexto nacional, Toronto cidade industrial

A cidade de Toronto recebeu este nome, derivado do significado da palavra Huron que significa ´presa de pesca´. Localizada na costa nordeste do lago Ontário, a região tem uma latitude de 43° 39", e uma longitude de 79° 23" W. A ampla meseta inclinada, cortada por numerosos vales fluviais onde se posiciona, tem uma superfície de 641 km^2, e se estende 43 km de Este a Oeste; e 21 km de Norte a Sul em seus pontos mais largos. Seu perímetro é de aproximadamente 180 km, desembocando todos seus rios e riachos no lago Ontário, que forma parte da Cuenca de drenagem do Oceano Atlantico. O ponto mais ao norte, é a interseção de Steeles Ave W e Pickering Town Line; ao sul, é a Costa do lago Ontário, na fronteira entre Toronto e Mississauga; ao Oriente, é o encontro do rio Rouge e a Costa del lago Ontário; e mais ao ocidente, é a interseção de Streeles Ave W. e Albin Road (Figura 174) (City of Toronto, 2024) (Osbaldeston, 2008).

Figura 174. Mapa cidade de Toronto, New Social Planning Neighborhoods.



Fonte: City of Toronto, Social Policy Analysis & Research (2022).

Toronto se encontra ao borda oriental da zona do bosque caroliniano; existindo por sua diversidade, 1.600 parques que compreendem 8000 hectares de terra distribuídos em barrancos, vales, bosques, parques, praias, campos de golfe, parques de destino, sendeiros e parques pequenos. Na região, também existem cerca de 10 milhões de árvores, onde aproximadamente 4 milhões são de propriedade pública; semeando-se umas 6.000 árvores nas ruas, vias, boulevardes, árvores comerciais, calçadas etc.; e 3.5 milhões, em parques, barrancos e outras áreas naturais. Para julho do 2022, a cidade de Toronto tinha uma população de 3.025.647; e na área, 6.471.850, marcando para este ano uma taxa de desemprego do 6.8% na cidade. Sem dúvida, existem atualmente refúgios que podem ser ocupados pelos mais necessitados, sendo Toronto Shelter and Support Services – TSSS, uma ajuda para as pessoas sem moradia (City of Toronto, 2024).

Este desenvolvimento na região, não houvesse sido possível; sem a consolidação da etapa progressista que marcou paulatinamente o desenvolvimento e interesse econômico e industrial na região desde a época da colônia. Desta forma, na América do Norte Britânica, as comunidades satélites que foram importantes para o desenvolvimento da vida colonial, onde Quebec, Montreal e Halifax eram dos territórios mais povoados com o redor de 3000 habitantes. Sem dúvida, para 1832, York que não tardaria em constituir-se legalmente na cidade de Toronto, havia sobrepassado a Kingston, para converter-se na maior comunidade urbana do Alto Canadá, com 13.000 habitantes, apesar que para 1813, era um povo pequeno e os terrenos imensamente amplos. Para 1830, York havia cresceu tanto, que foi comparado como um ´segundo Montreal´, por sua importância comercial e mercantil (Brown, 1994).

Na cartografia militar realizada por George Phillpott à Junta de Artilheira e do Inspetor Geral de Fortificações, que representavam a situação defensiva do território; podem apreciar-se para 1823, os desenvolvimentos mais recentes ao oeste e norte do território (Figura 175).

Os engenheiros reais, estiveram durante o primeiro período de assentamento britânico, realizando planos de reconhecimento, planos do forte, mapas topográficos e esquemas de propriedades militares, pela defesa de Toronto. Aos militares lhes interessava particularmente, as linhas e limites de propriedade, para localizar caminhos transitáveis, terras desflorestadas e outros pontos de referência.

A expansão demográfica em finais do século XIX, gerou que se consolidaram propostas para melhorar a qualidade de vida por meio do transporte, e a obtenção de energia hidráulica que deram origem a imponentes edificações e impressionantes traçados urbanos de ruas sobre a terra baldia. As cidades principais, foram centros comerciais, localizados sobre rotas marítimas, prestando um serviço ao interior da região, inestimável. Para Montreal na cabeceira da navegação sobre San Lorenzo, esta zona de influências abarcou ao Alto Canadá até que o melhoramento dos transportes, como o canal do Erie, os canais sobre o San Lorenzo e finalmente a ferroviária, aceleraram o desenvolvimento de Toronto. Essencialmente, cada colônia teve seu próprio porto comercial principal. O crescimento de Toronto se deveu principalmente por localizar-se estratégica e comercialmente como fonte principal de conectividade local (Brown, 1994).

Figura 175. Plano de York (1818) do militar George Phillpotts.



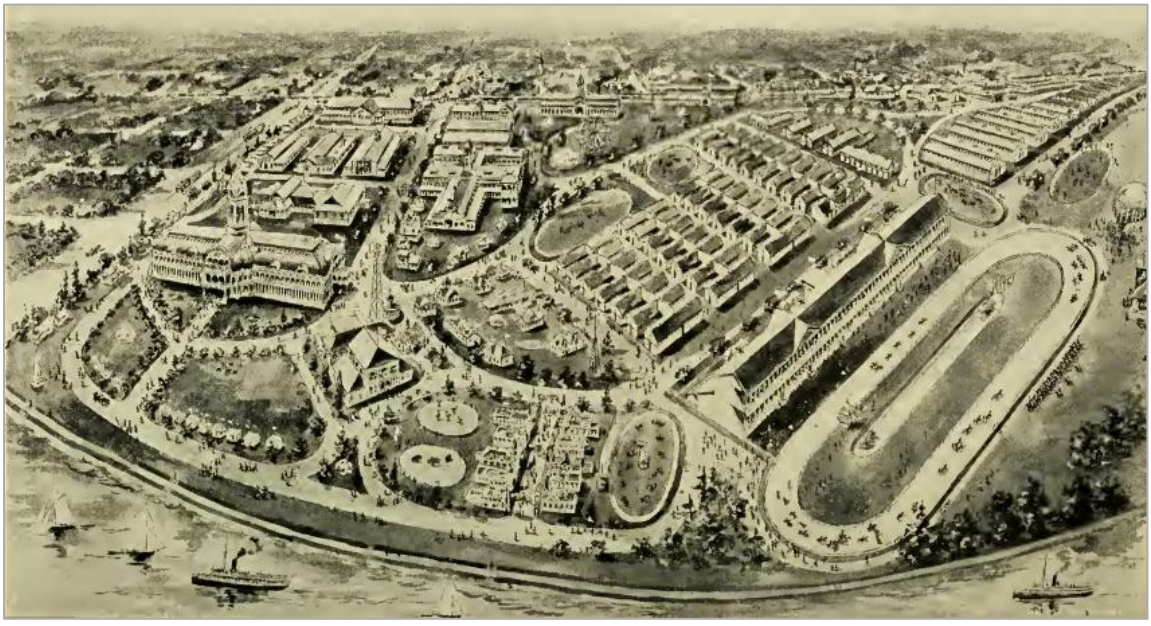
Fonte: Brown (1994, p. 285).

Os limites da cidade se expandiram continuamente, em 1797, o limite oriental se ampliou com uma fileira de lotes de um acre no lado este de Ontário Street, e o limite ocidental, entre Front e Queen Street, até York Street. Em 1798, o limite da cidade se ampliou desde entre Front e Queen Street, até Peter Street. De 1817 a 1831, as grandes ampliações se deram ao oeste e norte, com o aumento da população; anexando-se para 1883, Yorkville, Leslieville, Seaton Village, Brockton e Parkdale, que introduziram novos centros suburbanos, onde agora Toronto tinha uma área de 16.2 milhas quadradas.

Enquanto mais se ampliavam os limites, mais aumentavam os distritos, sendo para 1891, seis. O crescimento e posição a nível comercial e financeiro da região, se reflete nos informes anuais do tesoureiro, que arrecadava maior porcentagem de capital, das propriedades e impostos gerais ou comerciais. Com este aliciente, se procura iniciar as obras públicas de subministro de água (Brown, 1994; Fraser, 1989). Esta transformação da cidade iniciou em finais do século XIX e princípios do XX, com a construção de 256 milhas de ruas pavimentadas; 228 milhas de esgoto; 248 milhas de tubos de água; 225 milhas de tubos de gás; 120 milhas de condutos elétricos subterrâneos e 80 milhas de vias ferroviárias a vapor. O Estado se faz responsável de 4.288 milhas de fios elétricos e aéreos, e 87 milhas de vias ferroviárias urbanas.

Desta forma, começa uma era tecnológica no campo dos transportes, regulando a velocidade das vias e levando passageiros; melhorando a qualidade de vida com o subministro de água limpa tomada das profundidades do lago Ontário, mediante bombas e condutos de aço que logram levar à cidade, mais de 40.000.000 de galões diários. Para esta época, a brigada de bombeiros já está consolidada com aproximadamente 180 homens graduados de oficiais, e uma estação central e quinze subsidiarias, algumas das quais são edifícios modernos, elegantemente construídos (Figura 176) (Fraser, 1989).

Figura 176. Cartografia formação da urbe de Toronto industrial, 1989.



Fonte: Fraser (1989, p. 16).

A população da cidade de Toronto, foi crescendo rapidamente ao longo do século XIX. Sem contar com os subúrbios, na região se estimava para 1834 uma população de 9254 habitantes; em 1841 de 15.000 habitantes; em 1871 de 56.000 habitantes; em 1891 de 180.000 habitantes, e para 1899, de 235.000 habitantes (Statistics Canada, 2022). Atualmente, a população urbana dentro da área metropolitana de Toronto continua em aumento, sobretudo a zona que rodeia a cidade onde ficam os subúrbios, apresentando-se entre o 2016 e 2021, um incremento de 211.400 habitantes aproximadamente; quase um 6.6%. Este fenômeno gerou que Toronto fosse convertendo-se no centro urbano maior Canadá, uma Metrópolis multicultural que se integrou ao estilo moderno (Ver Apêndice SS).

A população no centro principal, cresceu ao redor de um 61%. Desta forma, a cidade identifica 140 vizinhanças de planejamento local; sendo as comunidades de maior crescimento as de Downtown, Midtown, south Etobicoke e várias vizinhanças ao redor de Downsview (City of Toronto, 2024). Durante a guerra de 1812, a cidade de Toronto foi local da Batalha de York, sofrendo grandes danos pelas tropas norte-americanas.

No Canadá unicamente até 1867, a província de Ontário, Quebec, Nueva Escócia e New Brunswick se converteram em províncias; sendo Toronto para 1884, capital de Ontário por sua rápida expansão e a concentração de fábricas que projetavam uma imagem atrativa de prosperidade que incentivou o fluxo de capital e a inversão (Freeman, 2010; Careless, 2002). Antes de sua urbanização, a cidade fazia parte da América selvagem dos povos nativos, obtendo relevância pela união de rotas terrestres e aquáticas que atravessavam a região dos Grandes Lagos. Em outras palavras seu accessível porto lacustre, sua costa baixa e fácil de atravessar, e sua posição em meio do sul de Ontário, foram um aspecto distintivo para ter uma relevância significativa na história.

Na década de 1990 a cidade de Toronto desenho o planejamento social a nível administrativo do território, somando-se 140 bairros. Ao dia de hoje se tem 158 de bairros pelo crescimento demográfico da população os últimos 25 anos. Nossa área de interesse para o desenvolvimento desta pesquisa inclui o velho Toronto que faz referência aos limites da cidade antes do grande incêndio de 1904, quando se destruiu um amplo setor do centro urbano industrial e comercial. Esta área se conhece hoje como ‘Toronto Centre’ delimitado por Bloor Street ao nordeste, Dupont Street ao noroeste, o Lago Ontário ao Sul, Don Valley

ao este, e Bathurst Street ao oeste. Neste setor se concentrou o Governo Municipal de Toronto e o Governo de Ontário que dirigiram desde o centro da cidade, o rumo do desenvolvimento econômico da região.

Esta iniciativa progressista de industrialização, que virou sem controle e prejudicou a centenas de indivíduos e ecossistemas na maioria de regiões ao Norte; foi mudando suas políticas na década de 1980, quando países como Canadá e os Estados Unidos, se responsabilizaram por implementar e fomentar um desenvolvimento sustentável, melhorando a qualidade de vida dos habitantes das zonas urbanas. A reabilitação de terrenos industriais abandonados, que estiveram infra utilizados foram espaços que se começaram a reativar de forma atrativa e fatível. Estas políticas de benefícios econômicos por apoiar projetos sustentáveis, levou a consolidar iniciativas de reabilitação do centro nas cidades com maiores índices de contaminação (De Sousa, 2003).

3.2.1. Crescimento de Toronto, séculos XVI e XX: Avançando à consolidação industrial

Toronto esteve ocupado durante séculos por vários povos indígenas. De fato, antes de que se consolidaram os territórios canadenses, administrativamente; as regiões que se encontravam ao pé das Bahias como no caso de Toronto, experimentaram um panorama amistoso de intercâmbio comercial entre indígenas e europeus que procuravam ganancias dos produtos, por meio das rotas econômicas. Os europeus ou caras-pálidas como foram chamados pelos indígenas, acamparam com os Hurons de Toronto, entre a Bahia de Georgia e as saídas às costas Sud orientais do lago Ontário. As comunidades emparentadas, se deslocavam pelos extensos territórios por estancias curtas, estabelecendo campamentos por breves períodos. Ao longo da costa norte do Lago Ontário, que habitavam estas aldeias eram antepassados dos Wendat. Em finais do século XVI, os Wendat se deslocaram ao norte do lago, unindo-se com a outros grupos do condado de Simcoe, para formar confederações Petun e Wendat; ou ao leste para integrar-se com grupos neutrais (Brown, 1994).

Este panorama, se transformou repentinamente, pelas ferozes lutas dos guerreiros iroqueses, também conhecidos como Haundenosaunee, pela supremacia racial, que terminou em extermínio dos Hurons e o martírio dos missionários jesuítas que chegaram a instaurar um capítulo de horrores e sofrimentos heroicos entre a população indígena. Estas guerras

intertribais provocaram a dispersão das três confederações de Ontário: Os Wendat, os Petun e os Neutrais. No entanto, para o século XVIII a presença de europeus aumentou, com francês e britânicos competindo pelo domínio do nordeste de Norte América e as vias fluviais comerciais. Durante estes conflitos, os franceses reclamaram a região dos Grandes Lagos e assim se construiu o primeiro forte. Foi então em 1749, quando Toronto se organizou por primeira vez, como centro de comércio do home branco, construindo-se um forte de madeira protegido por uma cerca, tomando o nome de Fort Rouille, em honor ao ministro colonial de França (Careless, 2002; Brown, 1994; Fraser, 1989).

Ao redor de Fort Rouille, no extremo oeste do atual Exhibition Place, se consolidou uma pequena comunidade de franceses e índios; enquanto as colônias britânicas do Sul, também enviaram seus intrépidos comerciantes, e a partir de então a luta não foi entre os wyandots e os iroqueses; senão entre britânicos e franceses. Centro de complots e intrigas o velho forte francês conhecido também como Fort Toronto, foi destruído em 1759, por instruções do governador Vaudreuil, para que não fosse a cair em mãos dos britânicos vitoriosos. Depois da Revolução Americana (1775-1783), houve uma forte migração ao norte dos leais. Os britânicos procuraram estabelecer um assentamento, e negociaram para adquirir as terras ao norte de Ontário em 1787 (Brown, 1994).

Em 1793, o tenente coronel Jhon Graves Simcoe, primer tenente governador de Ontário, selecionou à área de Toronto, com a ideia de construir uma capital para a província. Os primeiros colonos da cidade, foram o corpo de Rangers da reina que chegou de Queenston em agosto do mesmo ano, ao igual que o governador. De 1793 a 1754, Simcoe viveu numa tenda que havia pertencido ao capitão Cook, um famoso navegante; a primeira 'Casa de governo' de Toronto, e seu comodidade, fiz que o governador mudara o nome de Toronto, a York, em honor ao duque York, segundo filho do Rei Jorge III, que participava na guerra com França (Fraser, 1989). De 1790 a1830, a propriedade da terra e as concessiones de lotes, se utilizavam para recompensar à nobreza, compensados pela ajuda na escolha dos governantes e pela participação em postos como funcionários militares, políticos ou administrativos. Os lotes outorgados amiúdo ficavam dentro dos dez quarteirões originais da cidade. Os primeiros lotes foram outorgados a representantes ilustres como os governantes Jhon Small e Jhon White, que formaram parte do novo governo do Alto Canadá de Simcoe (Brown, 1994; Fraser, 1989).

Das primeiras paróquias católicas que se assentaram em York, a St. Paul´s Basílica foi a primeira, sendo fundada em 1822. Sem dúvida, esta edificação se encontrava às aforas da cidade e era a única paróquia romana entre Kingston e Windsor. A igreja de estilo renascentista italiano que existe, se conserva com algumas remodelações de ampliação feitas em 1889. Em 1999, o Papa Juan Pablo II, nomeio à igreja como a primeira e única basílica menor de Toronto. De igual forma, destaca-se a pequena igreja de Trinity East e Paris House, a segunda paróquia anglicana da cidade, fundada em 1842 para servir aos migrantes irlandeses pobres recém-chegados. Este fato, deu pé para que se estabelecera uma escola pública e de graça, Enoch Turner School House em 1848, o patrocínio do empresário Enoch Turner (Figura 177) (City of Toronto, 2024).

Figura 177. Escola Enoch Turner, urbe de Toronto.

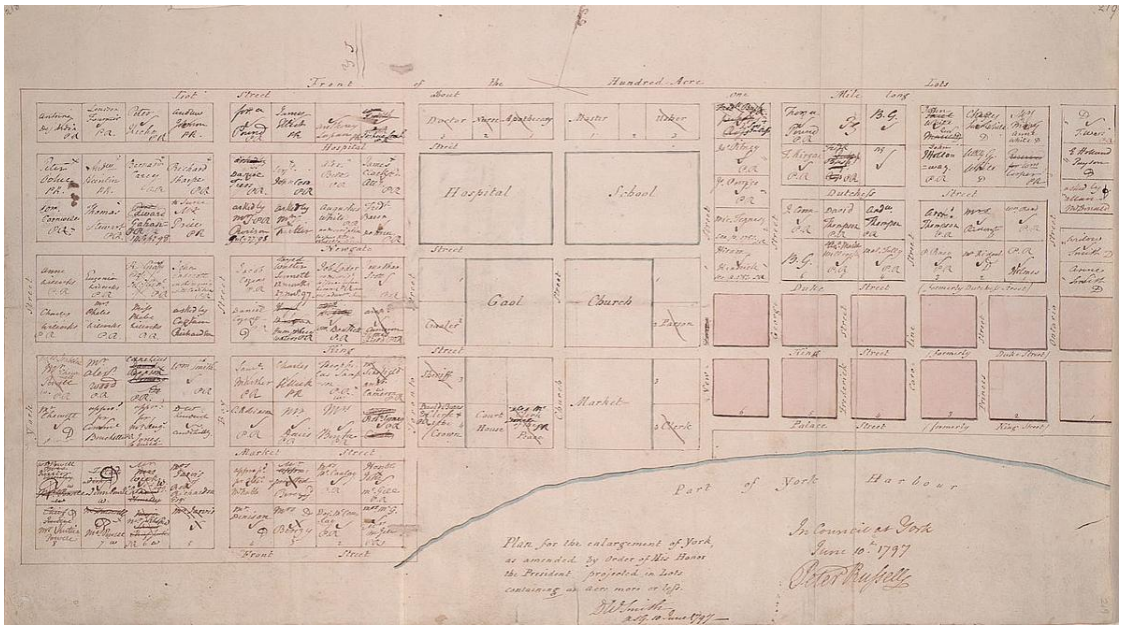


Fonte: City of Toronto (2024).

York, escolhido como porto da cidade militar por Simcoe, se foi consolidando ao redor das dinâmicas comerciais no que os povos indígenas comercializavam seus produtos e acampavam nas ribeiras do lago. A Cathedral Creek, que depois se tornaria em St. James Park, foi talvez a zona escolhida para descansar. Na cartografia de 1797, pode apreciar-se que se haviam consolidado edificações centrais no núcleo urbano, para o funcionamento da igreja, o hospital, o mercado, a escola, a oficina do Chérif, a prisão e a casa da corte; de outorgar-se alguns prédios e estabelecer-se as ruas, que conectavam com o porto, que formavam uma extensão de 10 quarteirões (Figura 178).

O sítio atual do St. James Park que chama nossa atenção ao longo deste documento, realmente não foi uma praça fundacional como aconteceu em outras cidades coloniais; pois originalmente o prédio, formava parte da reserva da igreja que antigamente se conhecia como a Igreja de York e depois, como a Igreja Anglicana de St. James, constituída em 1807 (Friends of St James Park, 2024).

Figura 178. Plano de 1797 da distribuição urbana de Toronto.



Fonte: Alexander (2020, p. 44).

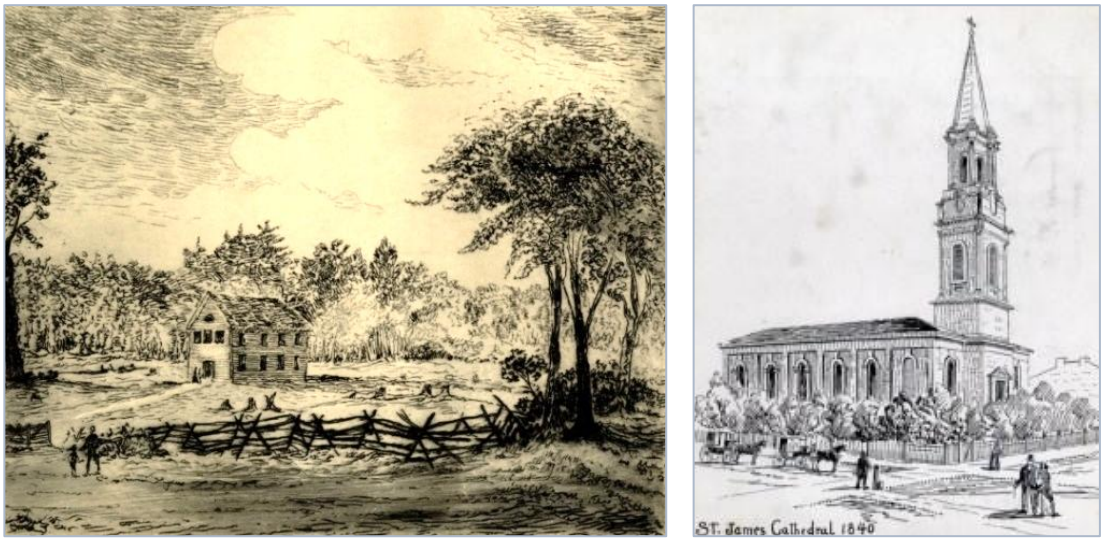
Durante a guerra de 1812, os soldados feridos que se encontravam ao longo da fronteira do Niagara, foram enviados à York, e como a igreja St. James era o edifício maior da cidade, serviu como hospital. Lamentavelmente, quando as tropas estadunidenses invadiram York, destruíram os edifícios do Parlamento e danificaram gravemente o forte, e a igreja também foi estragada e saqueada. Sem dúvida, em 1821, se assentou em York, o Banco do Alto Canadá; edifício que continuou em uso como oficinas na esquina de George e Adelaine; o complexo Goordenham & Worts, o primeiro sítio industrial importante de Toronto, que começou a funcionar inicialmente como moinho de farinha, e em 1837 como destilaria.

Nesta direção, continuaram os intentos por assentar o recuperar escalonadamente a Igreja de St. James; uma em 1833, quando a igreja foi substituída por uma construção de pedra desenhada por Thomas Rogers que não prosperou porque o incêndio de 1839 ocasionou graves danos; logo no mesmo ano, Thomas Young a reconstruiu, ficando em pé, só durante 10 anos

até que foi destruída no incêndio de 1849, que também arrasou com parte do centro (Figura 179) (Friends of St James Park, 2024; Brown, 1994).

Na década de 1840, quando a igreja decidiu alquilar e vender os lotes para obter ingressos econômicos; o quarteirão se foi urbanizando, com edificações comerciais e ruas transversais que puxaram o espaço, segmentando as atividades comuns. A cartografia de 1899, mostra que a zona se foi urbanizando paulatinamente, assentando-se casas e edifícios como hotéis e comércios, de ruas e transversais como Francis Street e Comercial Street, de Este a Oeste (Figura 180). Vários estudos arrojam também que várias famílias negras chegaram a assentar-se na vizinhança, sendo o primeiro advogado negro de Canadá desta localidade, Alfred Mitchell Lafferty, crescendo em Chatham (Friends of St James Park, 2024).

Figura 179. Reconstruções progressivas da Igreja de St. James no século XX.



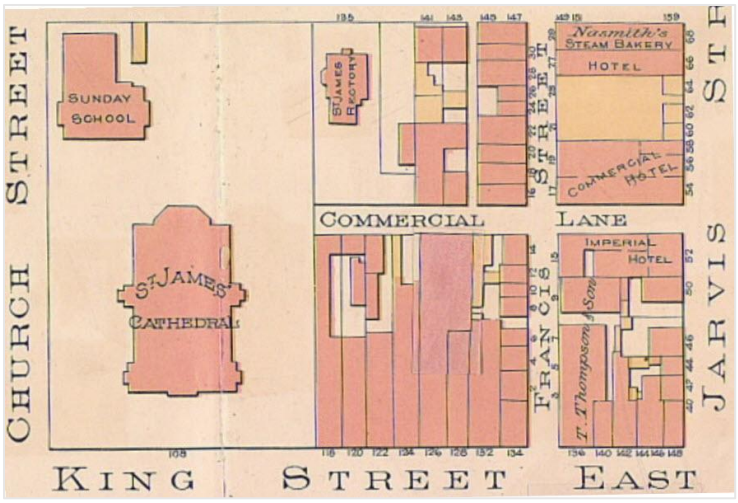
Fonte: Alexander (2020, p. 44).

Em 1850, depois da chegada das vias ferroviárias, os bairros orientais do casco antigo, se industrializaram, começando edifícios como Parlamento, que estavam em desuso, a converter-se numa planta de gás em finais do século XIX; construindo-se locações como a estação de polícia. Não obstante, o centro de gravidade comercial se deslocou ao este na segunda metade do século; King Street East, que havia sido a rua principal da cidade, começo a perder importância, uma circunstância que não mudou, senão até quando novos desenvolvimentos e renovações de edifícios históricos, se repararam na zona. Em 1990, quando se programou grande parte da reconstrução do casco antíguo de Toronto ao Este, se fomentou

a reutilização de edifícios patrimoniais, que geraram um crescimento rápido na zona da região antiga de York, agora com novos condomínios, comércios e serviços, que ativaram a vida urbana da localidade (Scadding, 2020; Brown, 1994).

Em 1840, as populações maiores eram notavelmente mais diferentes, pois seus centros estavam apertados e se veiam pequenos em comparação com a extensão do território. Ricos e pobres, comerciantes e trabalhadores, ocupavam ruas diferentes, e o faziam na maioria de partes da cidade; estas justaposições eram amiúdo assombrosas. Este era o caso da Calle del Rey em Toronto, na década de 1830, onde corriam por ela, carroças puxadas por bois, a penas a um quarteirão de distância, no que ficava o mercado de pescado à beira do lago. Na cidade velha, ao Este, as mansões esplêndidas de comerciantes prósperos se achavam rodeadas pelas barracas pequenas e ruinosas de imigrantes e jornaleiros, que enchiam as ruas do distrito. Ao Oeste, edifícios públicos e privados de estilos georgianos e renascentista gótico anterior, distinguiam a ribeira do lago; mas a curta distância terra adentro, seguiam muito mais moradias humildes (Brown, 1994).

Figura 180. Plano de 1797 da distribuição urbana de Toronto.



Fonte: Friends of St James Park (2024).

As primeiras edificações de York, a nascente Toronto, desapareceram paulatinamente a causa de ventos, incêndios ou inundações; e as que sobreviveram, foram sendo substituídas ou reparas, por outras mais à vanguarda da época progressista. Sem dúvida, ainda se conservam muito poucas edificações e artefatos que aludem às épocas da colônia; entre elas, uma grande estrutura de pedra esculpida cinza, no porto da moderna Toronto, que se distingue por seus alas

radiantes, a torreta situada no ponto central no aire, as paredes brancas sem ornamentos perfuradas no alto de cada andar com uma fila de aberturas de cabeça circular, que sugerem corredores e células sombrias. Se encontrava o edifício onde funcionaram as primeiras Câmaras do Parlamento do Alto Canadá, humildes, mas cômodas estruturas de madeira, antes do final do século XVIII, destruídas em parte pelo incêndio invasor de 1813, e o ajuntamento de 1844-1899 (Figura 181) (Scadding, 2020; Brown, 1994).

Figura 181. Ajuntamento e Edificio del Parlamento, Toronto século XIX.



Fonte: Scadding (2020, p. 17-18).

De igual forma, a *igreja* foi roubada e a Biblioteca Municipal, totalmente saqueada. No mesmo local se construiu o bloque de tijolos mais chamativo e espaçoso, erigido com fins legislativos em 1818, e queimado acidentalmente em 1824. A urbanização se consolidou finalmente, quando as Câmaras do Parlamento, os funcionários do governo e os comerciantes e artesãos, começaram a selecionar lotes e construir moradias convenientes; enquanto Berkeley Street o Parliament Street, como se chamava à parte sul da moderna Berkeley Street, se tornava na via principal da cidade.

A partir de aqui, King Street que cresceu lentamente ao Oeste, foi desenvolvendo a seu passo, o estilo americano habitual, assentando-se um hotel, taberna, Pension, fábrica de automóveis, hojalateria, padaria, armazém, despacho de advogados, impronta e lugares de culto. Ao este de Berkeley Street, King Street, se converteu na rua Kingston que se dirigia ao norte e logo continuava em linha reta à ponte do Don (Scadding, 2020).

Nesta direção, vários comércios e indústrias se estabeleceram no centro de Toronto, entre eles hotéis, armazéns, comércios, padeiras, cafeterias e outros que consolidaram o

entorno cotidiano. Entre os locais de despacho de comidas, se encontravam a padaria de Nashmit, era um dos negócios que se localizava na esquina sudoeste de Jarvis e Adelaine Street desde 1856 a 1912, quando foi comprada por Weston Bakery; e a cafeteria de St. Lawrence Coffee House que abriu ao lado norte de King Street, justo ao Este da catedral; chamando a atenção para a época, da quantidade de edificações que já existiam na cidade ao redor da igreja.

Entre os hotéis comerciais se destacam White Rose e Imperial que se localizavam ao lado Oeste de Jarvis Street (Figura 182). De igual forma, destaca-se o edifício Daniel Brooke, reconstruído entre 1848-1849, sobrevindo ao incêndio de 1845, e convertendo-se num dos poucos que conserva a arquitetura tradicional georgiana de York; e a Cervecería da família Davies que se consolidou em 1879, estabelecendo posteriormente o Dominion Hotel, no extremo leste da propriedade, sendo depois renovado com comércio. O hotel adjacente, é um bar popular (Friend of St James Park, 2024).

Figura 182. Padaria tradicional de Jhon Nashmith no centro de Toronto.



Fonte: Friends of St James Park (2024).

Como panorama de incerteza cultural, se instaurou o primeiro museu de correios em Toronto em 1833, sendo seu diretor James Scott Howard, quem construiu um edifício de três andares de estilo georgiano, para albergar as oficinas de correio e ser ao mesmo tempo, sua morada familiar. Este se converteu no edifício de correios mais antigo da cidade, onde ainda funciona a oficina de correios, se expõem mostras filatélicas e se vendem regalos e lembranças postais. É de propriedade da família Godfrey, que começo sua restauração em

1980, sendo logo administrada pela Sociedade Histórica da Cidade de York. (Town of York Historical Society, 2024)

Em 1959, a catedral vendeu parte de seu terreno à administração da cidade, para que se utilizaram os espaços que haviam sido desaproveitados, e os integrara como parte do projeto de desenvolvimento urbano. Desta forma, se foram recuperando espaços públicos e integrando aos residentes a disfrutar os entornos da cidade. Para a consolidação deste projeto, se demoliu a edificação da antiga reitoria e alguns edifícios comerciais restantes; e para 1960, se tiraram as portas de entrada e cerca de ferro ornamental que protegia o prédio da igreja. Entre 1964 y 1972, se materializou o St. James Park que hoje se constitui como parque central da cidade. O pavimento das ruas Francis e Comercial Street, ajudo a melhorar o fluxo de veículos da zona, e a otimizar o uso do espaço (Figura 183) (Friends of St James Park, 2024; Brown, 1994).

Figura 183. Parque St. James, contraste 1956 – 2014 no centro de Toronto.



Fonte: Esquerda, Friends of St James Park (2024); direita, The Cultural Landscape Foundation (2024).

Por outro parte, o cenário do parque se modificou em finais do século XX, adicionando-se para 1975, e as ruas estavam pavimentadas, um estilo de desenho de Jardim Victoriano em 1981, remodelando todo o distrito a cargo do urbanista Ken Greenberg. No espaço foram colocados uma cerca de ferro que rodeia o parque, proporcionada pela Junta Histórica de Toronto, agora Heritage Toronto; a fonte de água dos cavalos se transladou ao lado Sul de King Street, um pátio de jogos, algumas placas e esculturas como a de Gilbert Boyer ou Robert Gourlay; e como parte do movimento ambiental, a artista estadunidense

Nancy Holt, alentou à comunidade a disfrutar suas obras para interatuar com a paisagem (Friends of St James Park, 2024).

A cidade Toronto, cresceu ao igual que outras cidades colonizadas ao redor de dinâmicas sociais, políticas e econômicas que consolidaram a expansão urbana. Especialmente nesta região, o centro se materializou a partir de dez quarteirões originais que desprenderam do Town of York, definindo-se logo alguns bairros e ruas que se tornaram indispensáveis para o desenvolvimento econômico.

O histórico distrito da destilaria Gooderham and Worts é hoje uma zona de teatro, arte, fotografia, restaurantes e cafés que mostra um sítio industrial restaurado. O velho Toronto, consolidado quando o governador Simcoe traçou para 1793 o plano de York, compreende ao leste de Berkeley Street, ao sul até Front Street e ao norte até o atual Adelaine Street (Figura 184) (City of Toronto, 2024).

Figura 184. Cartografia do centro do velho Toronto, sítios patrimoniais, 2024.



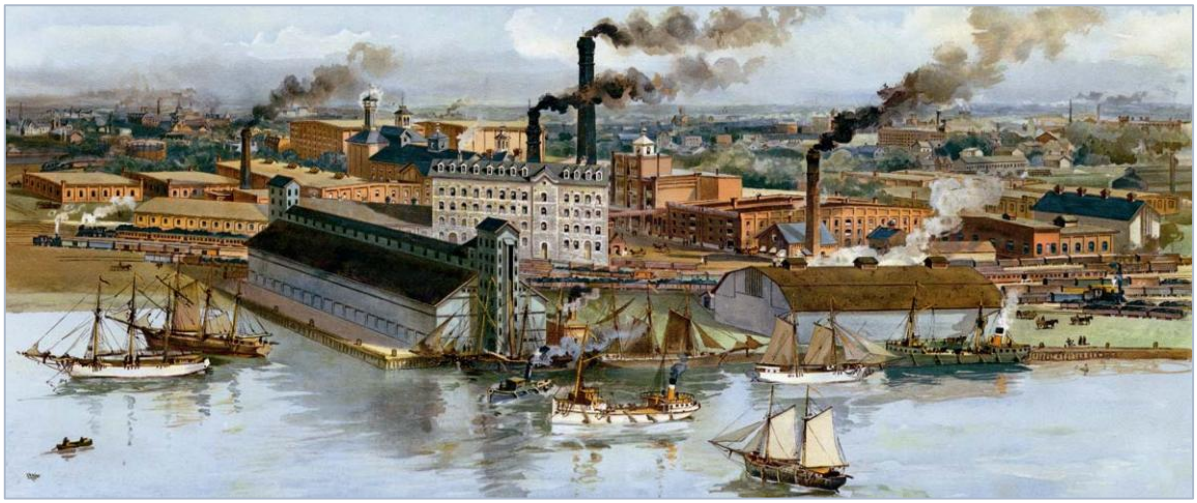
Fonte: City of Toronto (2024), modificado pela autora.

Na cartografia da região, pode apreciar-se uma consolidação do centro histórico do velho Toronto, onde aparecem as edificações mais representativas, entre elas: o edifício Daniel Brooke, o Bank of Upper Canadá, a primeira Post Office Museum, a basílica St. Paul, Square Dominion, a pequena igreja Trinity & Paris House, a escola Enoch Turner, o primeiro distrito de destilaria, os primeiros edifícios do Parlamento, as primeiras avenidas, entre outros. A reativação e conservação patrimonial dos edifícios comerciais de estilo arquitetônico Victoriano, gótico e moderno, representam a essência do patrimônio local. A cidade continua projetando-se em direção ao progressismo industrial, e nesta direção a história se reconfigura desde os espaços habitados.

3.2.2. Consolidação Toronto, século XXI: Reafirmando a industrialização

A história da consolidação do período industrial em Toronto, começou desde as primeiras décadas do século XIX; sendo significativa a expansão na região, por fins comerciais de intercâmbio, e por assentamentos que terminaram confluindo num projeto modernizador econômico. As empresas e indústrias que emergiram produto deste fenômeno; conservaram durante longas décadas, um domínio na região; pois foi necessário instaurar igrejas, comércios, hotéis e algumas residências, para desenvolver a vida cotidiana que passou instaurar uma noção cultural, política, e social diversa, sobretudo pelos imigrantes e indígenas que habitavam a zona.

Figura 185. Pictografia do centro do velho Toronto, sítios patrimoniais.



Fonte: The Distrillery Historic Dictrict (2023, p. 2).

Inusitadamente, o centro da cidade, não se expandiu desde uma praça fundacional, como em outras regiões, apesar de se existiram vários intentos por consolidar um centro que fosse representativo para os provadores e visitantes. A conformação do cêntrico em Toronto, se deu tacitamente, baixo a necessidade de estabelecer dinâmicas de fluxo econômico e perpetuar formas de mercado e comércio, que ajudaram a integrar desde o surgimento da região, ao desenvolvimento econômico como principal ator.

Este fato, se reflete, no surgimento de indústrias que se integraram ao modelo produtivo, e a participação dos imigrantes no território, em plena etapa de progresso econômico. A continuação, se mostra o relato da consolidação industrial de Gooderham & Worts, que a princípios da década do século XX, se converteram em símbolo do legado industrial da cultura em Toronto e arquitetônico pelo estilo Victoriano de sua edificação (Figura 185). Este tipo de descrição se documentava assim:

> No início da década de 1830, James Worts e seu cunhado William Gooderham emigraram da Inglaterra ao Alto Canadá, para estabelecer um negócio de moagem de farinha. Seu moinho de vento de 21 metros de altura, situado na orla da Baía de Toronto, pronto se tornou um símbolo da nova cidade de Toronto. Quando o vento resultou em demasia errático para que funcionara o moinho, Gooderham & Worts (G&W) instalou uma das primeiras máquinas a vapor em Toronto. Em 1837 se adicionou um alambique para converter o excedente de grão em whisky, plantando as sementes, fazendo que o pequeno moinho de vento no deserto crescer e se tornar a maior destilaria do Império Britânico e durante um tempo, do mundo.
>
> A expansão mais significativa da planta veio com a construção da enorme destilaria Stone, que foi concluída em 1861, adjacente à nova Grand Trunk Railroad e aos cais do lago Ontário da empresa. Com a nova planta em operação, a capacidade de produção cresceu de 80.000 para dois milhões de galões por ano, um aumento de 25 vezes.
>
> Uma Malt House e Cooperage foram adicionadas em 1864. Alambiques adicionais foram instalados em 1873, e dez edifícios de armazenamento de álcool foram construídos entre 1879 e 1891 para facilitar o novo requisito obrigatório do governo de envelhecer o whisky antes de vendê-lo. O último edifício vitoriano foi uma casa de bombas de 1895 para o corpo de bombeiros da G&W.
>
> O século XX trouxe duas guerras mundiais, proibição e contrabando e, finalmente, a globalização, levando ao declínio e fechamento da destilaria em 1990, após mais de 150 anos de produção contínua. A planta renasceu em 2003 como o vibrante distrito de artes, entretenimento e cultura que você vê hoje sob a orientação e propriedade da Cityscape Development Corporation e Dream Unlimited Corp (The Distrillery Historic Dictrict, 2023, p. 2).[57]

[57] Minha tradução. Texto original: " When the wind proved too erratic to power the mill, Gooderham & Worts (G&W) installed one of the earliest steam engines in Toronto. In 1837, a still was added to convert surplus grain into whisky, sowing the seeds that saw the little windmill in the wilderness grow into the largest distillery in the British Empire and, for a time, the world. The most significant plant expansion came with the construction of the massive Stone Distillery completed in 1861 adjacent to the new Grand Trunk Railroad and the company's Lake Ontário wharfs. With the new plant in operation,

A maioria das edificações de estilo Victoriano construídas entre 1859 e 1895 em Toronto, se tem conservado para fortalecer a ideia patrimonial. Estas construções feitas com materiais de tijolo, pedra e madeira, utilizando uma estética combinada entre o estilo clássico e gótico, se reproduz ao longo de Ontário, principalmente de 1840 a 1900. Os centros urbanos do século XIX apresentam esta tendência, belas residências e pequenos edifícios comerciais feitos com janelões, vitrais, fileiras ornamentais e portas de entrada elegantes.

As edificações deste estilo na região, se destacam pela coesão arquitetônica, a alienação e conexão entre ruas internas, a uniformidade do desenho, a coordenação de cores, os tetos inclinados, as cúpulas decorativas, as lareiras decorativas, os detalhes italianos que incluem aberturas de meio ponto, a expressão do desenho neoclássico, as tubagens elevadas, a decoração em ferro, entre outros aspetos relevantes. Em Toronto, este tipo de construções foi de caráter utilitário para a conformação de empresas. Os estudos sobre o estilo de arquitetura de Toronto, mostram que existem pelo menos 40 edificações patrimoniais, começando com a destilaria Stone. A maioria das construções do lugar foram desenhadas por David Roberts (1810-1881) e seu filho; o engenheiro fabricante de moinhos nascido em Irlanda e que emigrou a Toronto, David Roberts Jr (1845-1907), e outros que seguem sendo desconhecidos (The Distrillery Historic Dictrict, 2023).

Complementarmente, a cidade de Toronto teve materializados, multiplex estilos e mesclas arquitetônicas, que as sucessivas ondas de desenvolvimento foram criando. O estudo tipológico deste tipo de edificações como padrões urbanos, se converteu numa parte importante do legado e a identidade regional; as edificações e apartamentos existentes antes da guerra no povo de Church-Wellesley, ajudo a entender como se consolidaram as permissões de construção de edifícios altos na cidade, e baixo que delineamentos foi cambiando a urbanização do centro de Toronto. Desta forma se conhece que para 1899, se emitiu a primeira permissão de construção de apartamentos na cidade.

production capacity grew from 80,000 to two million gallons per year—a 25-fold increase. A Malt House and Cooperage were added in 1864. Additional stills were installed in 1873, and ten alcohol storage buildings were constructed between 1879 and 1891 to facilitate the new government mandated requirement to age whisky before selling it. The final Victorian building was an 1895 pump house for G&W's fire department. The 20th century brought two world wars, prohibition and smuggling, and finally globalization, leading to the decline and closing of the distillery in 1990 after more than 150 years of continuous production. The plant was reborn in 2003 as the vibrant arts, entertainment, and cultural district that you see today under the guidance and ownership of Cityscape Development Corporation and Dream Unlimited Corp." (Cook, 1974, p. 283).

A introdução da forma seguiu o estilo das cidades europeias e norte-americanas como New York, Chicago e Montreal. Em 1907, havia se construído oito edifícios de apartamentos, e a partir então, Toronto experimentou um crescimento na construção residencial, que terminou na explosão do desenvolvimento de apartamentos de 1911 a 1912. Os edifícios de apartamentos se tornaram muito atrativos, sendo nossa área de estudo consolidada desde Bloor Street ao norte até Carlton Street ao sul, desde Sherbourne Street ao leste até o oeste de Yonge Street, sitio de interesse para pesquisas relevantes sobre a região (Figura 186) (Architectural Conservancy Ontário, 2018; Brown, 1994).

Figura 186. Localização edificações antigas de Toronto 1856-2023.



Fonte: The Distrillery Historic Dictrict (2023, p. 2).

O interesse pelas edificações foi em grande medida pelo aumento da população entre 1901 e 1921, quando se duplicou, passando de 208.000 a 522.000 habitantes. A migração europeia ao igual que os deslocamentos rurais, criaram um fenômeno sem precedentes, pelo auge econômico e a solidez do mundo corporativo. O aumento do trabalho, de igual forma tanto para homens como para mulheres, sobretudo do trabalho administrativo de professionais de classe média, gerou esperança no conceito de valor e se disparou a integração à globalização. A modernização se materializou, porque em meados do século

XIX e princípios do XX, Toronto estava consolidando novas oportunidades de fortalecimento urbano, entre eles, a construção de edifícios e terrenos na cidade, que depois se elevaram de preço. De fato, se voltou muito rentável acumular terrenos sem urbaniza-los, para evitar o pago de impostos altos, incrementando assim, os valores especulativos no mercado.

Para 1880, os bairros do nordeste do distrito comercial de Toronto, já contavam com moradias unifamiliares de elite como os Gooderham e Massey, aumentado o valor especulativo dos terrenos. Os apartamentos em Church-Wellesley Village, localizados ao centro da cidade, foram ocupados por trabalhadores de classe média. Sem dúvida à medida que a classe média se mudava à zona, a elite de Toronto se mudou a novas comunidades suburbanas como Rosedale, Annex e Forest Hill, de forma que a estética das ruas de Church, Jarvis e Sherbourne, se transformaram rapidamente, pois as mansões foram convertidas em edifícios. Para 1912, havia na zona, uma clara concentração de edificações de apartamentos, sobretudo em Church-Wellesley Village (Ver Apêndice UU). A este fenômeno se somaram reformas e ampliações de casas que foram perdendo a estética original que mantinham (Ver Figura 187) (Architectural Conservancy Ontário, 2018).

Figura 187. Reforma e ampliação de uma casa em Toronto em finais do século XX.



Fonte: Architectural Conservancy Ontário (2018, p. 4).

Paulatinamente, se foram outorgando permissão para construir cada vez mais cerca do núcleo urbano, como um caminho ao moderno, apresentando-se para este panorama, edificações que de princípios da década do século XX, e outros depois de meados dela, com desenhos mais livres e contemporâneos. Convertidos os apartamentos numa moda, os

proprietários das casas rejeitaram sua construção perto de suas residências, pelos impactos negativos que traziam, sendo seus moradores maiormente mulheres jovens e solteiros que viviam independentemente, fraturando o ambiente familiar. Em 1912, o Ajuntamento terminou aprovando a construção de apartamentos em qualquer rua comercial, no entanto, os promotores aludiram estas leis, construindo blocos de canto, com frente a ruas comerciais (Architectural Conservancy Ontário, 2018).

Frequentemente as disposições de permissões para a construção dos apartamentos se outorgou afastado das residências e subúrbios dos mais ricos, pois estas zonas se terminavam convertendo em espaços onde faltava moral, saúde e segurança. Na Wellesley Street, um subúrbio de classe popular baixa se permitiu a construção de apartamentos de 1914 a 1916, sendo ampliados posteriormente em 1948 (Ver Figura 188). Toronto viveu dos auges deste tipo de construção, em 1914 quando os proprietários das zonas residenciais se opuseram a compartir a urbe com estes desenhos, mas ainda assim foram aceitos; e depois da Primeira Guerra Mundial, em 1928, decaindo depois em 1932, pela restrição das permissões de construção. Depois da Segunda Guerra Mundial, a indústria se aproprio da construção de novas edificações, e esta vez se edificaram sem inibições de estilo, escalas ou desenhos específicos (Architectural Conservancy Ontário, 2018).

Figura 188. Transformação de Wellesley Street desde Sherbourne.



Fonte: Architectural Conservancy Ontário (2018, p. 5).

Desde que começou o auge da construção de apartamentos nas primeiras décadas do século XX, O Ajuntamento consentiu baixo ordenanças de forma indireta, a alteração da estética urbana dos subúrbios populares, mudando os estilos regionais que se mantinham, e trocando-os pelos modernos que se imponham como uma moda. A concentração deste tipo de apartamentos, se encontram especificamente desde Bloor Street (norte) até Carleton Street

(sul), e desde Sherbourne Street (Leste) a Young Street (oeste) (Architectural Conservancy Ontário, 2018) (Tabela 21).

Entre os estilos que de consolidaram baixo estas formas de construção durante todo o século XX e princípios do XXI que ainda se conservam se destacam: o estilo Edwardian, uma variante do estilo arquitetônico neobarroco; o estilo Craftsman. herança do estilo arquitetônico doméstico estadunidense; o estilo Tudor Revival, que começou em Reino Unido e se adaptou nas regiões ao Norte da América; o estilo Georgian Revival, de corrente inglesa e desenvolvida pelos Britânicos; o estilo Medital Revival, que começou a consolidar-se em ao sul de Florida e se estendeu, herança do mediterrâneo espanhol; o estilo Art Deco, com características contemporâneas e industriais; e estilo Art Moderne, com estilos populares de influência estadunidense, e outros de estilo popular relevante (Figura 189) (Architectural Conservancy Ontário, 2018; Heritage Resources Centre, 2009).

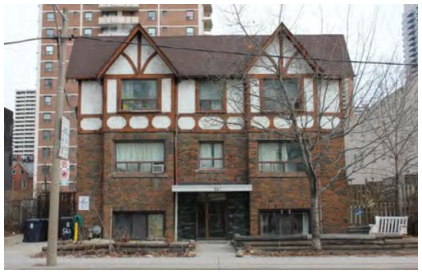
Figura 189. Estilos de apartamentos construídos em Toronto ao longo do século XX.



Fonte: The Distrillery Historic Dictrict (2023, p. 12).

Tabela 21. Tipos de edificação e estilo arquitetônico em Toronto.

Nome, localização, ano	Estilo e Arquiteto	Figura
Gloucester Mansions Apartments, 71 Gloucester St/ 596 Church St. 1910	Edwardian, Arquiteto Stanley Arnold P. Waggett	
Gloucester Mansions, 67 Gloucester St 1912	Edwardian, Arquiteto James Michael Cowan	
St. Charles Court, 30 Charles St E. 1914-1915	Edwardian, Joseph Hunt Stanford	
Ernescliffe Apartments, 477 Sherbourne St/ 195-197 Wellesley St E. 1914-1916	Edwardian, Redmond & Beggs Architects	
Huntley Apartments, 2 Linden St. 1914	Edwardian, Arquiteto Desconhecido	

The Earl, 2 Huntley St. 1918	Edwardian, Langley & Howland Architects	
The Merrill Mansions, 125-135 Earl Pl. 1920-1923	Craftsman, arquiteto William George Hunt	
Biltmore Apartments, 33 Maitland St. 1927	Revivals, arquiteto Herbert Charles Roberts	
Fort Garry Apartments, 561 Jarvis St, 1931	Revivals, arquiteto desconhecido.	
The Manhattan, 628-632 Church St / 70 Charles St E. 1909-1911	Edwardian, Arquiteto James Arthur Harvey	

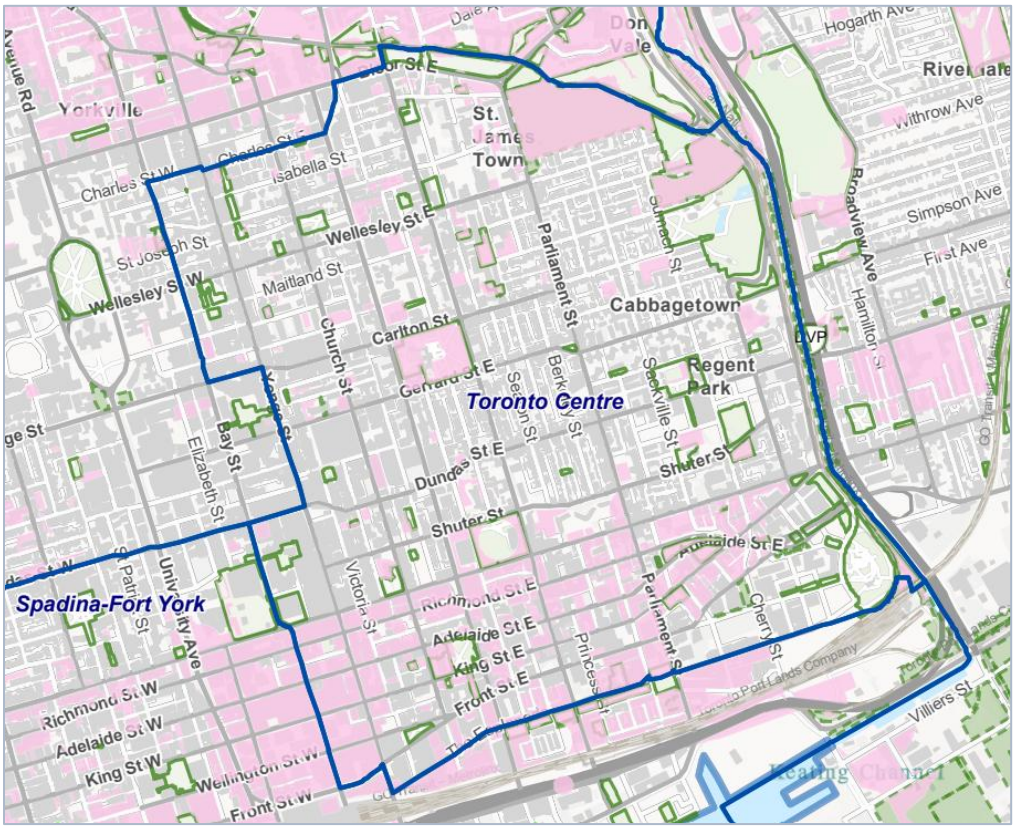
Fonte: Architectural Conservancy Ontário (2018, p. 21-39), realizada pela autora de acordo com os dados registrados.

Atualmente a recuperação patrimonial do centro de Toronto se está consolidando fazendo um barrido pelas construções mais representativas, as histórias de vida dos industriais e que experimentaram o fenômeno do progresso, e os estudos potenciais de áreas históricas e arqueológicas que tem sido significativa para a cidade (Figura 190). O potencial

arqueológico do centro, um dos maiores e diversos de Canadá se realiza com uma proteção cartográfica, incorporando dados históricos dos assentamentos das comunidades indígenas e as populações euro canadenses.

Os registros que datam desde os primeiros assentamentos fazem aproximadamente11.000 anos, representam um legado cultural e débil que tem sido protegido, sobretudo depois de 1950, quando a cidade experimenta uma maior aceleração em términos de industrialização (A Master Plan of Archaeological Resourcesfot the City of Toronto, 2004; Brown, 1994).

Figura 190. Caracterização centro de Toronto com potencial arqueológico (rosado).



Fonte: City of Toronto (2024).

Na região de Toronto, se tem encontrado restos arqueológicos das primeiras edificações do Parlamento do Alto Canadá, no núcleo comercial e industrial da cidade. Nestes tipos de depósitos se encontraram cimentos de pedra calcária e os vestígios das vigas do piso queimado dos Edifícios, descobertos abaixo das camadas de entulho de tijolos. Se tem encontrado depósitos complexos de carvão, argamassa de calcário e solos orgânicos

sobrepostos a uma seção de um piso de laje de pedra e drenagem de subsolo associados aos Edifícios do Parlamento (Figura 191) (A Master Plan of Archaeological Resourcesfot the City of Toronto, 2004).

Este tipo de estudos, tanto históricos como culturais, tem permitido estabelecer relações de identidade e valor simbólico que os habitantes não tinham; pois ao ser Toronto uma cidade comercialmente industrial, os imigrantes, forasteiros e viageiros não se integraram ao projeto urbano de forma contínua. A consciência sobre a qualidade de vida à que conduz o fortalecimento do projeto industrializador, é talvez um dos maiores logros que se percebem em finais do século XX e princípios do século XXI, pois a cidade aposta nos planos de ordenamento urbano e conservação, ao fortalecimento de parques, o cuidado do médio ambiente e a produção sustentável ao longo prazo.

Figura 191. Zona de escavação arqueológica, Edifícios Parlamento do Alto Canadá



Fonte: A Master Plan of Archaeological Resources for the City of Toronto (2004, p. 3).

A influência europeia e estadunidense é visível; sem dúvida existem pesquisadores canadenses que assinalam ainda que a identidade local não tem sido do todo descoberta. Este fato é muito relevante, porque Toronto apresenta uma descontinuidade e desapego por reconhecer outras identidades como atores participantes no contexto regional. A construção da cidade segue seu curso industrializador, secularizando dentro da ideia do patrimônio, as estruturas que ainda são relevantes para estabelecer uma identidade cultural no território. Este é talvez o caminho mais simples na consolidação da história, mas ao mesmo tempo da inclusão aos fenômenos contemporâneos de inserção econômica. Como cidade industrial, Toronto se projeta desde o neoliberalismo a uma duplicidade fugaz: reconhecer a identidade

e cultura patrimonial, incluindo a história; e por outro lado que é muito mais forte, consolidar o projeto modernizador que tanto êxito tem trazido à região.

Reflexões finais

Este trabalho de tese contribui à consolidação dos estudos comparativos no campo das ciências humanas y sociais que iniciaram a princípios do século XX e se consolidaram ao longo das décadas seguintes. El analise sistemático de duas cidades coloniais e duas industriais se realizou com o fim de descrever las características das regiões (a nível descritivo), de mostrar hipóteses sobre algumas relações socioculturais (a nível analítico), de comparar em retrospectiva alguns estudos de caso (a nível específico), de olhar aos sujeitos participantes com os que se constrói a historia de América (a nível dimensional), e caracterizar variáveis que influenciaram e se mantiveram ao longo dos anos (a nível transversal). Em geral, se implementou um estudo de cidade baseado em três perspectivas: a primeira a história e a construção de antecedentes do colonial ao industrial; a segunda desde a identidade e a cultura patrimonial, resgatando a participação dos habitantes na cidade, e finalmente estabelecendo um contraste frente ao desenvolvimento, interpelando a construção da história, diluindo a noção de identidade e irrompendo na cultura patrimonial.

O desenvolvimento impresso e impregnado em cada uma das particularidades históricas das regiões, enriquecem de sobremaneira este trabalho; procurando claro está, não fazer contrastes para estabelecer supremacias, mas se, para estabelecer uma descrição pragmática de nossas realidades, que tantas vesses tem sido tratada com displicências. Planejamos este longo recorrido entre as análises urbanas do Sul e o Norte da América, para permitirmos afirmar, que estamos vivendo circunstancialmente nossos próprios desenvolvimentos; mas em médio desta apologia, estamos vivendo uma agitação seletiva dos modelos que apropriamos no despertar tecnológico, e do que implica apreender a deixar de olhar à frente como referente.

Esta tese contribuiu ao campo dos estudos CTS de análises contrastivos porque marca uma pauta de como podemos entender o desenvolvimento regional desde a urbe, considerando relevante os fatos históricos, geográficos e de índole cultural no marco da antropologia. Demostrou-se que o campo CTS, pode contribuir desde os estudos de contraste e de gentrificação, à reflexão de um continente americana integrativa que vive tanto ao Sul

como ao Norte, suas próprias formas de desenvolvimentos, frente pressões, incertezas e seguranças que ainda procuram em meio dos movimentos de revolução e luta de identidade, definir-se. Desta forma, esta pesquisa é pioneira em fomentar os estudos de contraste na região, girando o caleidoscópio.

As transformações urbanas próprias dos análise de gentrificação, apresentam um marco interessante na descrição de cidades coloniais como Popayán e Kingston que preservam seu legado intencional, na narrativa de uma historicidade eloquente para manter-se na região. De igual forma, as cidades industriais como Cali e Toronto, se convertem no estratagema da consolidação do projeto moderno, mostrando baixo seus resquícios, outras formas de pertença à cidade. Particularmente na história econômica, social e espacial da região, a construção, e transformação de elementos como as dinâmicas de articulação (sistemas de transporte), a reconfiguração das relações urbano e rural, e a distribuição socioespacial dos multiplex atores, propiciam estratégias únicas no espaço e tempo que são consolidadas solo com os próprios atores da época. Cada cidade, representa de certa forma, um nodo estratégico que fortalece o território, e seja na promoção da tradição ou a contemporaneidade, cada uma se converte na expressão única e própria dos limites do ´autônomo´ ou o ´dependente´. Mesmo assim, percorrem baixo suas iniciativas, a ideia do desenvolvimento social, baixo um fluxo sempre cambiante.

Como pontos de encontro é notório que pesar que as cidades coloniais e industriais ao Norte e Sul da América se consolidam com os processos de colonização, os referentes de progresso europeu terminam fraturando-se com cada uma das realidades sociais que vive o território. Este fato é tangível na conformação e independência das cidades ibero-americanas, pois as ideias modernizadoras entram a descontruir ainda mais a divisão, incrementando assim fortemente a desigualdade. No entanto, esta projeção do moderno se materializou com o início das primeiras ruas que formavam ângulos retos e apartamentos de grande altura, que serviram para ser alquilados, sobretudo, nas zonas industriais, quando estas ainda estavam em funcionamento. Como era de esperar-se, quando as indústrias decaiam, se experimentou uma decadência na urbe, muito mais agressiva para aqueles que conformaram estados dependentes, impactando assim nos mais pobres. Dos modelos progressistas, ficaram fora os pobres, os deslocados, e aqueles que não conseguiram aderir-se ao projeto da cidade moderna, e depois a metrópole.

As regiões da América Latina continuam caracterizando-se por mostrar extremos de desigualdade critica, na distribuição do ingresso e a riqueza. Esta desigualdade, tem produzido uma concentração do poder nuclear, no que o Estado reflete os interesses dos grupos dominantes; provocando assim muita mais violência, e um desenvolvimento concomitante e secularizado, que fomentam a brecha da exclusão. Não obstante, este processo de desigualdade, herdado do período colonial diretamente, há intentado apaziguar-se iniciativas como o '*abrandamento aos ricos*', más sós há servido como estratégia a curto prazo como o anota previamente Bulmer-Thomas (2017) e Romero (2006).

A prosperidade de regiões como Canadá, em parte devida à construção da primeira ferrovia transcontinental, o aproveitamento de recursos naturais, as tarifas impostas aos acanceles e fletes, a apertura de terras ocidentais à colonização e o desenvolvimento de novas indústrias, tem gerado que a prosperidade seja uma percepção produtiva. O *regionalismo canadense*, como símbolo distintivo, faz parte de uma característica da economia nacional; mesmo assim, concentrada em poucas zonas, especialmente favorecidas, se percebem padrões de desigualdade regional que tem incentivado programas complementários como a Lei de Prairie Farm Rehabilitation e de Agriculture Rural Development Act, para o pago de serviços sociais, sustentando Desta forma as economias mais fracas da região. Ideologicamente, o uso de tecnologias continua sendo indispensável para o desenvolvimento do Norte e a competência internacional, preocupando as questões de igualdade, a segregação cultural e econômica, a distribuição da riqueza e sobretudo a identidade.

O crescimento das cidades, trouxe uma desigualdade profunda e uma segregação social que ainda continua. As violências de exclusão e o significado do espaço urbano, sempre terminam gerando fortes debates sobre o popular, as relações de trabalho, as barreiras do visível e invisível no acesso dos ambientes urbanos, que evidenciaram as estratégias de desenho geográfico com que projetaram as cidades segregarias. Mesmo assim, este fato não é nada novo, pois desde a fundação das cidades, a moradia e o estilo de vida urbana, o espaço se transformou em benefício das classes mais favorecidas; que hoje ficam nas periferias, por ocupar-se os centros com atividades de comércio e zonas populares.

Os processos de transformação tecnológica, estão incidindo, na construção de outros tipos de cidade simbólica ao interior da mesma representação. A lógica de nodos e redes com

os que se desenha a urbe, nos conduzem a uma sociedade fractal onde aumentam as desigualdades, a segregação e as violências, como resultado da imposição de uma organização econômica de pautas de consumo e circulação agressivas. As tecnologias nesta nova construção de cidade estariam jugando um grande papel, ao justapor multiplex realidades e planos, num mesmo tempo e espaço descontinuo.

Pode-se refletir sobre os seguintes tópicos: 1) existe uma diferença pragmática, discursiva e relacional entre as regiões do Norte e Sul da América por fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, nos quais o desenvolvimento urbano está totalmente atravessado pela história; 2) as cidades coloniais entendidas como aquelas que ainda preservam a traços de colonialidade ao Norte e Sul da América, preservam o legado intangível da história com algumas variações. Neste sentido, ao Norte, a recuperação e preservação do patrimônio se dá de forma seletiva começando desde o centro histórico; enquanto ao Sul, esta relação inclui todo o quarteirão onde a praça fundacional, se perpetua; 3) a cidades industriais entendidas como aquelas que tentam consolidar o projeto modernizador ao Norte e Sul da América, se estabelecem com elas lógicas de progresso e projeção econômica que incide sobre o território. O dano al médio ambiente e o desgaste dos recursos de todo tipo, se converte em finais do século XX e princípios do XXI, num sério problema a atender e 4) A expansão demográfica tanto nas cidades coloniais como nas industriais, trouxe sérios problemas de espacialidade e coloniza as periferias como forma de expressão local. Esta distribuição do território onde as elites ficam aos extremos e os pobres ao outro, consolida desigualdades que se traduz na conformação de classes sociais.

Referências

A Master Plan of Archeological Resources for the City of Toronto. **Interim Report**. Ontário: Toronto City Hall, 2004.

Acevedo, Darío. **La mentalidad de las élites sobre la violencia en Colombia (1936-1949)**. Bogotá: Áncora editores, 1995.

Acevedo Díaz, J. A. La tecnología en las relaciones CTS: una aproximación al tema. **Enseñanza de las Ciencias**, *14*(1), p. 35-44, 1995. Em https://doi.org/10.5565/rev/ensciencias.4238

Acueducto y Alcantarillado de Popayán. **Filosofía e historia**. Popayán: Valparaíso de Servicios, 2023.

_____. **Turismo**. Popayán: Secretaria y Entidades Popayán, 2022.

_____. **Historia**. Popayán: Alcaldía de Popayán, 2021.

Adams, Nick. Iroquois settlement at Fort Frontenac in the seventeenth and early eighteenth centuries. **Ontário Archaeology**, 46 (1), p. 5-20, 1986. Em https://ontarioarchaeology.org/wp-content/uploads/oa046-01_adams.pd

Addie, Jean Paul., Keil, Roger., e Olds, Kris. Beyond town and gown: Universities, territoriality, and the mobilization of new urban structures in Canada. **Territory, Politics, Governance**, *3*(1), p. 27-50, 2015. Em https://doi.org/10.1080/21622671.2014.924875

Acosta, Catalina. Efectos del conflicto armado sobre la población civil en el Valle del Cauca durante el primer decenio del siglo XXI. **Cidse,** 1(21), p. 1-4, 2012.

Agier, Michael. La Ciudad Desnuda. Surgimiento de una Nueva Condición Humana. **Territorios**, 7 (1), p. 125, 2002. Em http://dx.doi.org/10.12804/territ

_____. **L'invention de la ville: banlieues, townships, invasions et favelas**. Amsterdam: éditions des archives comtemporaines, 1999.

Agredo, Liliana. Control físico urbano para la gestión del riesgo. Caso de estudio Popayán, Cauca. **Revista Bitácora Urbano Territorial**, *19*(2), p. 111-122, 2011. Em https://www.redalyc.org/pdf/748/74822445011.pdf

Aguiar, Jórissa Danilla. Teoria pós-colonial, estudos subalternos e América Latina: uma guinada epistemológica? **Estudos de Sociologia**, *21*(41), p. 273-289, 2015. Em https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/8659

Albornoz, Mario. Desarrollo y políticas públicas en ciencia y tecnología en América Latina. **Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas**, *8*(1), p. 65-75, 2009. Em https://www.redalyc.org/pdf/380/38011446006.pdf

Alcaldía de Popayán. **Iniciaron las visitas técnicas a las viviendas del sector histórico que quieren aplicar a la equiparación a estrato 1**. Popayán: Sala de Prensa, 2023.

Alcaldía Santiago de Cali. **Mapa de zonas geográficas**. Cali: Alcaldía de Santiago de Cali, 2024.

_____. **Así es la historia de nuestra amada Cali**. Cali: Alcaldía de Santiago de Cali, 2020.

Alexander, Christopher. David William Smith: Surveyor as State-Builder. **Ontário History**, *112*(1), p. 26-56, 2020. Em https://doi.org/10.7202/1069009ar

Almandoz, Arturo. Modernización urbanística en América Latina. Luminarias extranjeras y cambios disciplinares, 1900-1960. **Iberoamericana**, p. 59-78, 2007. Em https://www.jstor.org/stable/4167789

Almario García. **La configuración moderna del Valle del Cauca, 1850 – 1940: espacio, poblamiento, poder y cultura**. Popayán: Universidad del Cauca, 2013.

Alonso, Julio., Arcos, Mauricio., Solano, Julieth., Llanos, Rocío., e Gallego, Ana. **Una mirada descriptiva a las comunas de Cali**. Cali: ICESI, 2007.

Álzate, Adrián., e Otero, Nancy. Revistas culturales en Cali: Acercamiento a la modernización cultural caleña entre las décadas de 1970 y 1980. **Revista CS**, *1*(9), p. 119-231, 2012. Em https://doi.org/10.18046/recs.i9.1220

Amir, Ruth. Cultural Genocide in Canadá? It Happened Here. **Aboriginal Policy Studies**, *7*(1), p. 103-126, 2018. Em https://pdfs.semanticscholar.org/7971/8052c6bcc3957ad5e89471fd673c13da8e19.pd

Annett, Kevin., e Voice, Eagle. **Ocultado de la historia: el holocausto canadiense**. Vancouver: Territorio Salish de la Costa, 2005.

Andreu, Joseph Ma Castellà. **Canadá: introducción al sistema político y jurídico**, **Volumen 1.** Barcelona: Edicions Universitat, 2001.

Angotti, Thomas. Latin American urbanization and planning: inequality and unsustainability in North and South. ***Latin American Perspectives***, *23*(4), p. 12-34, 1996. Em https://doi.org/10.1177/0094582X9602300403

Aponte, Alejandra e SÁNCHEZ, Camila. **Teses de grado**. Transformación de la Plaza Cayzedo a partir de representación de sus diversos usos sociales a lo largo de la historia de Santiago de Cali, Analizando el contenido en los medios locales. Facultad de Comunicación y Ciencias Sociales: Universidad Autonoma de Occidente, 2019.

Aprile-Gniset, Jacques. Cuatro pistas para un estudio del espacio urbano-caleño. En **Historia de Cali Siglo XX, Tomo I: Espacio urbano**. Cali: Universidad del Valle, 2012.

Arango, Luis. América Latina. Un repaso por lo subalterno, poscolonial y decolonial. **Comunicación**, 1 (32), p. 57-66, 2015. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5472504

Arango Restrepo, Mariano. La industria en Colombia, 1945-1953. **Lecturas de economía**, 12 (1), p. 35-57, 1983. Em https://bibliotecadigital.udea.edu.co/entities/publication/fd0b12c5-c228-4b1a-a541-db33a3a979b2

ArchitecturaL Conservancy Ontário. **Toronto building typology study: Church-Wellesley Village**. Toronto: The Pre-war Apartment Building, 2018.

Archivo Central del Cauca. **Reparações arquitetônicas da Faculdade de Direito na Universidad del Cauca, depois do terremoto no setor histórico**. Popayán: Archivo muerto sin classificar – ACC, 1984.

_____. **Reparações a Soportes da Casa Valencia em 1895 no Setor Histórico da Cidade**. Popayán: Archivo muerto sin classificar – ACC, 1985.

Arias, Magela. Patrimonio, ciudad y cultura: derechos urbanos en peligro. **Canto Rodado: Revista especializada en patrimonio**, (9), p. 27-50, 2014.

Argoti, Carlos. **Tesis de Maestría.** Gestión público privada en la renovación urbana de Cali: retos y posibilidades del nuevo siglo. Facultad de Artes. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2012. Em https://core.ac.uk/download/pdf/427643442.pdf

Arrollo, Jairo. **Historia de las prácticas empresariales en el Valle del Cauca. Cali 1990-1940**. Cali: Universidad del Valle del Cauca, 2023.

Artibise, Alan. Canadá as an urban nation. **Daedalus**, 117 (4), p. 237-264, 1988. Em https://www.jstor.org/stable/20025203

Auge, Marc. **Hacia una Antropología de los Mundos contemporáneos**. España: Gedisa, 1998.

Ayala, Carlos., Velera, Adriana., Gómez Álvarez, Juan., e Coral Guerrón, Jorge. **Popayán en las canciones de Sergio Rojas Fajardo**. Popayán: Universidad del Cauca, 2020.

Ayala, Enrique. **Revoluciones en la historia da América Latina**. Bogotá: Planeta., 2022.

Azuela, Arturo. **La mar de utopías**. Madrid: Instituto de cooperación iberoamericana, 1991.

Barker, Adam. The contemporary reality of Canadian imperialism: Settler colonialism and the hybrid colonial state. **American Indian Quarterly**, *33*(3), p. 325, 2009. Em https://www.jstor.org/stable/40388468

Barriefield Heritage Conservation District Plan. **By-Law 2016-173.** Canada: The Corporation of the City of Kingston, 2016.

Bazzo, Walter. A pertinência de abordagens CTS na educação tecnológica. **Revista Iberoamericana de Educação**, 28 (1), p. 83-99, 2002. Em https://doi.org/10.35362/rie280960

Beltran-Beltran, Lina. Patrimonio industrial colombiano: la definición de paisajes productivos de la Sabana de Bogotá. **Apuntes. Revista de Estudios sobre Patrimonio Cultural**, *1(21)*, 2008.

Berger, Peter., e Luckmann, Thomas. Modernidad, pluralismo y crisis de sentido. **Estudios públicos**, 1 (63), p. 1-54, 1996. Em https://www.estudiospublicos.cl/index.php/cep/article/view/1137/190

Bergquist, Charles. En búsqueda de lo popular en la Guerra de los Mil Días. **Análisis Político**, (52), p. 77-89, 2004. Em https://revistas.unal.edu.co/index.php/anpol/article/view/80460

Berman, Marshall. Brindis por la modernidad. El debate modernidad – postmodernidad. **Revista Nexos**, 89 (1), p. 67-91, 1985. Em https://problemaseducativoscontemporaneos.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/brindis-por-la-modernidad.pdf

Bernecker, Walther. L., e Tobler, Hans. W. **Development and underdevelopment in America: contrasts of economic growth in North and Latin America in historical perspective**. New York: De Gruyter Studies on North America, Vol.8, 1993.

Bethell, Leslie. **Historia de América Latina**. Barcelona: Crítica, 2000.

_____. Historia de América Latina. Tomo VII. En Capitulo 7. ***El crecimiento de las ciudades latinoamericanas 1870-1930*** **de Scobie, James**, p. 202-230, 1991. Em https://isp-sal.infd.edu.ar/sitio/wp-content/uploads/2020/03/Leslie-Bethell-tomo-VII-cap-7.pd

Biblioteca Banco de la República. **Hotel Alférez Real. Cali.** Bogotá: Banco de la República, 1930.

Biblioteca Departamental Jorge Garcés Borrero. **Edificio de la Antigua Sede del Banco de la República en la Plaza de Caicedo Ciudad de Cali.** Cali: Archivo de Patrimonio Fotográfico y Fílmico del Valle del Cauca, 1990.

_____. **Edificio del Hotel Aristi.** Cali: Archivo de Patrimonio Fotográfico y Fílmico del Valle del Cauca, 1980.

_____. **Lavandera en las aguas del río Cali.** Cali: Archivo de Patrimonio Fotográfico y Fílmico del Valle del Cauca, 1956.

_____. **Patrimonio Destruido – Patrimonial.** Cali: Archivo de Patrimonio Fotográfico y Fílmico del Valle del Cauca, 1928.

Biblioteca Digital Universidad ICESI. **Archivo de patrimonio fotográfico y fílmico del Valle del Cauca.** Edificio del CAM. Cali: FFDO, 2002.

_____. **Archivo de patrimonio fotográfico y fílmico del Valle del Cauca.** Los Municipios. Fachada del Teatro Jorge Isaacs remodelado. Cali: Biblioteca Departamental, 1997.

_____. **Archivo de patrimonio fotográfico y fílmico del Valle del Cauca**. Barrio Petecuy. Cali: FFDO, 1990.

_____. **Archivo de patrimonio fotográfico y fílmico del Valle del Cauca. Los Municipios.** Barrio San Nicolás. Cali: Biblioteca Departamental, 1944.

_____. **Archivo de patrimonio fotográfico y fílmico del Valle del Cauca.** Urbanización. Cali: Biblioteca Departamental, 1936.

_____. **Archivo de patrimonio fotográfico y fílmico del Valle del Cauca.** Batallón Pichincha. Cali: APFFVC, 1932.

_____. **Archivo de patrimonio fotográfico y fílmico del Valle del Cauca.** Teatro Jorge Isaacs sin remodelar. Cali: APFFVC, 1931.

_____. **Archivo de patrimonio fotográfico y fílmico del Valle del Cauca**. La Gente. Cali: APFFVC, 1930.

_____. **Archivo de patrimonio fotográfico y fílmico del Valle del Cauca. Plaza de la Constitución**. Cali: Fondo Fotográfico Diário de Occidente, 1885.

Biblioteca Virtual Banco de la República. **Galería Histórica Viajeros por Colombia.** Bogotá: Biblioteca Virtual Banco de la República, 2007.

Bijker, Wiebe E. La vulnerabilidad de la cultura tecnológica. ***Redes***, *14(27)*, 2008. Em http://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/496

Blain, Marie-Pier. **L'orfèvrerie québécoise dans le contexte muséal: une relecture contemporaine**. Collection Henry Birks d'orfèvrerie canadienne, 2018.

Bolán, Eduardo. Las contradicciones de la ciudad difusa. **Alteridades**, 1 (26), p. 15-33, 2003. Em https://alteridades.izt.uam.mx/index.php/Alte/article/view/321

Borja, Jordi. Ciudad, urbanismo y clases sociales. **Sin Permiso**, *27(1)*, p. 1-11, 2014. Em https://www.sinpermiso.info/sites/default/files/textos/jborj.pdf

_____. La Ciudad del Deseo. **Pasajes**, *1(3)*, p. 83-86, 2000. Em http://hdl.handle.net/10550/45626

Borja, Jordi., e Muxí, Zaida. Centros y espacios públicos como oportunidades. **Perfiles latinoamericanos**, (19), p. 115-130, 2001. Em https://www.redalyc.org/pdf/115/11501906.pdf

Borsdorf, Axel. Cómo modelar el desarrollo y la dinámica de la ciudad en Latinoamérica. **Revista Scielo**, 29 (86), p. 122 – 127, 2003. Em http://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612003008600002

_____. Hacia la ciudad fragmentada. Tempranas estructuras segregadas en la ciudad latinoamericana. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, 146 (122), p. 37 – 49, 2003. Em https://raco.cat/index.php/ScriptaNova/article/view/63928

Bravo, Carlos. Centro Histórico Popayán. *Revista Trazsos Diseño*, 6 (1), p. 66 – 71, 2012. Em https://fupvirtual.edu.co/repositorio/files/original/448316ad6b590aac4b016ad98424bb4928fd3721.pd

Brennan, Terri-Lynn. Kingston **First Peoples: Purposeful Dialogues.** Canadá: Cultural Services City of Kingston, s.f.

Brown, Craig. **La Historia Ilustrada de Canadá**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

Bruckmann, Mónica., e Dos Santos, Theotonio. Los movimientos sociales en América Latina En **Seminario internacional REG GEN: alternativas globalização**. Brasil: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 2005.

Buitrago-Campos, Lida. Conservar o renovar: dinámicas de construcción en el centro histórico de tres ciudades intermedias patrimoniales una mirada a través de las licencias urbanísticas. **Revista de Arquitectura**, 18(2), p. 40-49, 2016.

Bulmer-Thomas, Víctor. **La Historia Económica de América Latina desde la Independencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2017.

Byers, Jack. The privatization of downtown public space: The emerging grade-separated city in North America. **Journal of planning education and research**, *17*(3), p. 189-205, 1998. Em https://doi.org/10.1177/0739456X9801700301

Cabrera, Aceneth. **Higiene, salud y ambiente en perspectiva histórica: Cali a comienzos del siglo XX**. Cali: Universidad del Valle, 2021.

Calleja Díez, L. **Gated communities. Adaptación del modelo al entorno de Madrid**. España: Universidad Politécnica de Madrid, 2018.

Calvino, Ítalo. **Las ciudades invisibles**. Italia: Editorial Einaudi, 1972.

Calvo, Luis. Tecnologías y producción arquitectónica en una ciudad colonial. In **Actas del noveno congreso nacional y primer congreso internacional hispanoamericano de historia de la construcción: Segovia**, *13 a 17 de octubre*, p. 311-319, 2015.

Campo, José. **Entre el tiempo y el espacio, o sobre plazas, campanas e iglesias en Popayán**. Colombia: FLACSO, 2018.

Campo, Paolo., e Ortega, Yuri. **Teses de grado**. Recuperación del Espacio Público del Sector de la Calle 13 E entre la Carrera 1 y la Carrera 6 de la Comuna 5, de la Ciudad de Popayán. Popayán: Fundación Universitaria de Popayán, 2018.

Canadian Latern History. **Ontário Lantern CA. Preserving Canadian Lantern History**. Canadá: The Goff Collection, 2024.

Caporalli, Enrique. En Cali esta todo por hacer. Burocracia municipal a comienzos del siglo XX. Em **Repensando la historia urbana: Reflexiones históricas en torno a la ciudad colombiana,** p. 171-196, 2020. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9028631

Cardona, Omar., Wilches-Chaux, Gustavo., García, Ximena., Mansilla, Elizabeth., Ramírez, Fernando., e Marulanda, Cristina. **Estudios sobre Desastres Ocurridos en Colombia: Estimación de Pérdidas y Cuantificación de Costos.** Bogotá: Evaluación de Riesgos Naturales Colombia, 2004.

Cardoso, Fernando., e Faletto, Enzo. **Dependency and Development in Latin America**. London: University of California press, 1979.

Careless, J. **Toronto to 1918: An illustrated history**. Canadá: James Lorimer & Company, 2002.

Caro, Jorge Enríque. Influencias de la Revolución Mexicana en los movimientos obreros y sindicales en Colombia. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, 39 (1), p. 93-113, 2009. Em https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/583

Carrillo, Fabio. Bogotá 1538-1975: de ciudad colonial a urbe capitalista. **Ciudad y Territorio Estudios Territoriales**, p. 85-100, 1983. Em https://recyt.fecyt.es/index.php/CyTET/article/view/81729

Carrión, Fernando. El centro histórico como proyecto y objeto de deseo. **Eure (Santiago)**, *31*(93), p. 89-100, 2005. Em https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0250-71612005009300006&scr

Cartagena, Catalina. Los estudios de la violencia en Colombia antes de la violentología. **Diálogos. Revista Electrónica de Historia**, 17 (1), p. 63-88, 2016. Em https://doi.org/10.15517/dre.v17i1.18103

Castañeda, Andrés. Derrotar las tinieblas: alumbrado público en Cali entre 1910 y 1930. **Anuario de Historia Regional y de las Fronteras**, 18 (1), p. 85-98, 2013. Em http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0122-20662013000100005&script=sci_arttext

Castells, Manuel. La intervención administrativa en los centros urbanos de las grandes ciudades. **Papers: revista de sociología**, p. 227-250, 1979. Em https://papers.uab.cat/article/view/v11-castel

Castillo Caicedo, Maribel. Demanda laboral industrial en el área metropolitana de Cali: un análisis entre 1995 y 2001. **Revista Sociedad y Economía**, 1(11), p. 40-64, 2006. Em https://www.redalyc.org/pdf/996/99616177002.pdf

Castro, Hernando., e Franco, Leonardo. Espacio público, resignificación y neoliberalización en Cali. **Revista Geográfica**, 1 (154), p. 65-89, 2013. Em https://www.jstor.org/stable/4355812

Cataraqui Archeological Research Foundation. **Market Square**. Canadá: Cataraqui Archaeological Research Foundation, 2021.

Census Metropolitan Area – CMA. ***Census summary: population and dwelling counts***. Kingston: The corporation of the city of Kingston, 2021.

Cerezo, José. Los estudios de ciencia, tecnología y sociedad. **Revista Iberoamericana de Educación**, 20(1), p. 1-6, 1999. Em https://doi.org/10.35362/rie2001049

Chapman, William. Espacio, economía, administración y vida urbana en Popayán: de la colonia a la república. **Revista Investigium IRE Ciencias Sociales y Humanas**, *4*(1), p. 133-150, 2013.

Chasatar, Sofia., Giraldo, Estefanía., e Sánchez, Sara. **Tese de Grado.** Cali entre ríos: reconstrucción de la memoria en torno a las relaciones entre la comunidad caleña y los siete ríos de la ciudad. Escuela Comunicación Social, Facultad Artes Integradas. Cali: Universidad del Valle, 2019.

Choay, Françoise. El reino de lo urbano y la muerte de la ciudad. **Andamios**, *6*(12), p.157-187, 2019. Em https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1870-00632009000300008&script=sci_arttex

City of Toronto. **Toronto at a Glance**. Toronto: Social Policy Analysis & Research, 2024.

_____. **New Social Planning Neighborhoods**. Toronto: Social Policy Analysis & Research, 2022.

Clark, Penney. History education debates: Canadian identity, historical thinking, and historical consciousness. **Arbor. Ciencia, Pensamiento y Cultura**, *194* (788), p. 1-13, 2018. Em https://www.torrossa.com/en/resources/an/4446678#page=13

Clarke, George. White Like Canadá. **Transition**, (73), p. 98-109, 1997. Em https://www.jstor.org/stable/2935447

Clarkson, Stephen. ¿Existe América del Norte? **Revista Mexicana de Política Exterior**, (87), p. 85-117, 2009. Em https://revistadigital.sre.gob.mx/index.php/rmpe/article/view/601

Coatsworth, John. Inequality, institutions, and economic growth in Latin America. **Journal of Latin American Studies**, *40*(3), p. 545-569, 2008. Em https://doi.org/10.1017/S0022216X08004689

Cobos, Emilio. La ciudad capitalista en el patrón neoliberal de acumulación en América Latina. **Cadernos métropole**, *16 (1)*, p. 37-60, 2014. Em https://doi.org/10.1590/2236-9996.2014-3102

COMFACAUCA. **Vision Comfacauca**. Popayán: Caja de compensación familiar del Cauca, 2016.

Conteras, Diana. **Popayán, the white city in Colombia. 35 years after the earthquake**. Reino Unido: Cardiff University, 2018.

Cook, Ramsar. Landscape painting and national sentiment in Canadá. **Historical Reflections / Réflexions Historiques**, *1 (2)*, p. 263-283, 1974. Em https://www.jstor.org/stable/41298655

Corbusier, Le. **Hacia una arquitectura.** Barcelona: Ediciones Apostrofe, 1998.

Corporation of the City of Kingston. **Heritage Planning**. Kingston: The Corporation of the city, 2022.

Cortés, Jenny. **Tesis de Maestría**. Uso actual del espacio público en el centro de las ciudades intermedias: Estudios de caso Santa Marta, Popayán y Manizales. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2011.

Coutard, Olivier., e Guy, Simon. STS and the City: Politics and Practices of Hope. **Science, Technology, & Human Values**, *32*(6), p. 713-734, 2007. Em https://doi.org/10.1177/0162243907303600

Cox, Bruce. **Los Indios del Canadá.** Ecuador: ABYA YALA No 5, 1995.

Crist, Raymond. La Personalidad de Popayán. **Cuadernos de Antropología Poética**, 1 (2), p. 59-73, 1975.

Cuellar, Angélica., e Díaz, Daniel. **Trabajo de Grado.** Aproximación al análisis de vulnerabilidad física en las edificaciones del sector histórico de Popayán, un estudio de caso. Fundación Universitaria Popayán, 2020.

Dagnino, Renato., e Thomas, Hernán. La política científica en América Latina: nuevos escenarios y el papel de la investigación. **Revista de Estudios Sociales de la Ciencia**, 13(6), p. 49-74, 1999. Em https://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/995

Dagnino, R., Thomas, H., e Davyt, A. El pensamiento en ciencia, tecnología y sociedad en Latinoamérica: una interpretación política de su trayectoria. **Redes,** 7 (3), p. 13-51, 1996. Em https://ridaa.unq.edu.ar/handle/20.500.11807/504

Darroch, Gordon. Early industrialization and inequality in Toronto, 1861-1899. **Labour/Le Travailleur**, *11 (1)*, p. 31-62, 1983. Em https://id.erudit.org/iderudit/llt11art02

Dávalos, Elisa. **Las raíces históricas de las relaciones económicas interprovinciales en Canadá**. México: Centro de Investigaciones Sobre América Latina, 2019.

Dávila, Ruth. El multiculturalismo en Canadá a la luz de los cambios en las políticas migratorias y de flujo de migrantes. **Revista de Investigación Social,** 5 (17), p. 33-54, 2013. Em https://ru.iis.sociales.unam.mx/handle/IIS/5400

Davyt, Amílcar. La mirada política del campo CTS latinoamericano: tradición, carácter y desafíos. **Ciencia, Tecnología y Política**, 1 (10), p. 1-11, 2023.

De Mattos, C. Modernización capitalista y transformación metropolitana en América Latina: cinco tendências constitutivas. **América Latina: cidade, campo e turismo**, *1 (1)*, p. 41-73, 2006.

De Negret, Betty. La Poesía en Popayán: el hacerse de un paratexto poético. **Thesavrvs Boletín del Instituto Caro y Cuervo**, *42* (2), p. 389-400, 1987. Em https://thesaurus.caroycuervo.gov.co/index.php/rth/article/view/800

De Nieto, Clemencia., e Falchetti, Ana. La orfebrería prehispánica de Colombia. Boletín Museo del Oro, 3 (1), p. 1-53, 1978. Em https://www.cervantesvirtual.com/obra/la-orfebreria-prehispanica-de-colombia-919731/

De Sousa, Chistopher. Turning brownfields into green space in the City of Toronto. **Landscape and urban planning**, *62*(4), p. 181-198, 2003. Em https://doi.org/10.1016/S0169-2046(02)00149-4

Del Alcázar, Joan., Tabanera, Nuria., Santacreu, Josep., e Riutort, Antoni. **História contemporánea de América**. España: Universitat de València, 2003.

Del Castillo Daza, Juan. Cinco Fases de Urbanismo en Colombia. **Bitácora Urbano-Territorial**, *2*(1), p. 1-3, 1998. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4008128

Departamento Administrativo Nacional Destadística. **Proyecciones de población con la actualización post COVID -19.** Bogotá: DANE, 2022.

_____. **Demografía de Cali y Valle del Cauca.** Bogotá: DANE, 2022.

_____. **Popayán-Cauca.** Bogotá: DANE, 2021

_____. **Mapa de Concentración de Pobreza Cali.** Bogotá: DANE, 2020.

_____. **Población Indígena. El Cauca. Resultados del Censo Nacional de Población y Vivienda 2018.** Bogotá: DANE, 2019.

Department of Canadian Heritage. **Chinese History.** Canadá: Kingston Association of museums art galleries + historic sites, 2022.

Di Virgílio, Mercedes e Perelman, Mariano. Ciudades latinoamericanas. **Desigualdad, segregación y tolerancia**. Argentina: *CLACSO*, 2014.

Diario de Occidente. **Cali está celebrando hoy 25 de julio.** Cali: Diario de Occidente 24 de julio, 2022.

Diario del Cauca. **Presentan Listado de Obras de Mitigación de Riegos en la Ciudad Blanca.** Popayán: Diario del Cauca**,** S.F., 2023.

_____. **Impugnan Elección de un Decano en el Alma Mater Caucana.** Popayán: Diario del Cauca**,** S.F., 2022.

Diario Cali Oiga Mire Vea. **El tranvía de Santiago de Cali**. Valle del Cauca: Oiga Mire Vea, febrero 22 de 2019.

Diario Proclama. **Ser Sahumadora y Carguero, una Tradición de Fe en Popayán.** Popayán: Diario Proclama Cauca y Valle, 15 de abril**,** 2022.

_____. **Historia del Instituto Melvin Jones de Popayán.** Popayán: Diario Proclama Cauca y Valle, 13 de mayo**,** 2013.

_____. **Parque Caldas, de Popayán, Continuará siendo Peatonal.** Popayán: Diario Proclama Cauca y Valle, 1 de septiembre**,** 2010.

Díaz, Jorge. Arquitectura mudéjar en la región del valle del Alto Cauca, Colombia (siglo XVIII): tipos y técnicas. **Arquetipo**, 1 (2), p. 89-98, 2011. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5654016

Díaz Giraldo, Hernán. **Columnas del frontispicio del Capitolio Nacional**. Bogotá: Biblioteca Virtual del Banco de la República, 1966. Em https://www.cervantesvirtual.com/obra/columnas-del-frontispcio-del-capitolio-nacional-1127363/

Dorado, H. **Nuestros Personajes Típicos**. Popayán: Imprenta Departamantal del Cauca, 2012.

Dorries, Heather., Hugill, David., e Tomiak, Julie. Racial capitalism and the production of settler colonial cities. **Geoforum**, *132 (1)*, p, 263-270, 2022. Em https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2019.07.016

Duch, Lluís. **Antropología de la ciudad**. Barcelona: Herder Editorial, 2015. Em https://archive.org/details/duch-l.-antropologia-de-la-ciudad-2015

Dupont, Jean-Claude. Le forgeron-soigneur au Canadá français. **Canadian Bulletin of Medical History**, 1 (2), p. 39-53, 1984.

Durston, Alan. Un régimen urbanístico en la América Hispana colonial: el trazado en damero durante los siglos XVI y XVII. **Historia**, 28 (1), p. 59-115, 1994. Em http://revistahistoria.uc.cl/index.php/rhis/article/view/15755

Echaniz, Xabier. **Tesis de Maestría.** «Precariado» y «Ciudades Rebeldes»: una lectura crítica de David Harvey. España: Universidad Autónoma de Madrid, 2021.

Echeverry, María. **Tesis de grado.** Adecuación funcional de la arquitectura doméstica tradicional del valor patrimonial para la reactivación del uso de vivienda en el sector histórico de Popayán. Estudio de caso. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2006.

El Liberal. **Historia de los Barrios de Popayán.** Popayán: Diario el Liberal, 2004.

El País. **Plaza de Caicedo fue cerrada de nuevo, conozca el motivo.** Cali: El país, 2023.

El Tiempo. **¡Terremoto! Semidestruida Popayán; más de 200 muertos y mil heridos**. Bogotá: El Tiempo, 2010.

Empresas Municipales de Cali. **Ejercicio sobre prospectiva urbana y servicios públicos. Documento síntesis**. Cali: Departamento Administrativo de Planeación Municipal, 1995.

Escobar, Guido. La población en Santiago de Cali: Siglo XX y primera década del siglo XXI. **Departamento Administrativo de Planeación de Santiago de Cali**, (1), p. 1-18, 2009.

Escorcia, José. La formación de las clases sociales en una sociedad multi-étnica, Cali 1820-1854. **Historia y Espacio**, 1 (1), p. 34-68, 1980. Em

Esser, Klaus. América Latina. Industrialización sin visión. ***Nueva sociedad***, *125 (1)*, p. 27-46, 1993. Em https://static.nuso.org/media/articles/downloads/2236_1.pdf

_____. La transformación del modelo de industrialización en América Latina. **Revista de la Cepal**, 26 (1), p. 103-115, 1985.

Eusse, Olga., Henao, Ana., Jiménez, Nayibe., GAarzón, José. **Atlas histórico de Cali siglos XVIII – XXI**. Santiago de Chile: Unicatólica, 2020.

Fajnzylber, Fernando. **Industrialización en América Latina: de la 'caja negra' al 'casillero vacío'**. Santiago de Chile: Cepal, 1990.

Feierstein, Daniel. Guerra, genocidio, violencia política y sistema concentracionario en América Latina. **Terrorismo** Desta**do y genocidio en América Latina**, p. 9-32, 2009.

Fernández, Sory. ¿Qué oculta la Ciudad Culta de Popayán? **Desenvolvimento, Fronteiras e Cidadania**, *2* (1), p. 17-22, 2018.

Florian, John. **Teses de Mestrado**. Reforma Agraria y Alianza para el Progreso em Colombia 1960 – 1967. Departamento de História. Colombia: Universidad Nacional.

Fong, Eric., e Shibuya, Kumiko. Multiethnic cities in north America. **Annual Review Sociology**., *31(1)*, p. 285-304, 2005. Em https://doi.org/10.1146/annurev.soc.31.041304.122246

Formiga, L., Oliveira, E., Borges, E., Santos, K., Araújo, A., e Formiga, R. Envelhecimento ativo: revisão integrativa. **Revista Interdisciplinar Ciências e Saúde-Rics**, *4*(2), p. 9-18, 2017. Em https://comunicata.ufpi.br/index.php/rics/article/view/3854

Franco Daza, J. Violencia e injusticia epistémica contra las comunidades indígenas en Colombia: agencia epistémica, participación y territorio. **Estudios de Filosofía**, 1(66), p. 193-222, 2022. Em https://doi.org/10.17533/udea.ef.347697

Frank, Andrés. **El desarrollo y el subdesarrollo**. México: Naciones Unidas, 1973.

Fraser, Alexander. **Toronto, historical, descriptive, and pictorial.** Toronto: Printed by R.G. McLean, 1899. Em https://qspace.library.queensu.ca/server/api/core/bitstreams/fcec7fda-7187-44cc-aab9-fcf054bec283/content

Frenchman, Dennis. Event-places in North America: City meaning and making [Research and Debate]. **Places**, *16*(3), p. 35-49, 2004. Em https://escholarship.org/content/qt7nz126fj/qt7nz126fj.pdf

Friend of St James Park. **The History of St James Park**. Canada: St James Park Toronto, 2024.

Frontenac Heritage Fundation. **14 Sydenham Street, McIntosh**. Canadá: Frontenac Heritage, 2017.

Fulton, Gordon. **Main street Canadá: Conservation in Small Town Downtown.** Canadá: The Institute of Urban Studies, The University of Winnipeng, 1986.

Gagnon, Alain-G. **Quebec y el Federalismo Canadiense**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Estudios Sociales Avanzados, 1998.

Galindo, Jorge. Arquitectura mudéjar en la región del valle del Alto Cauca, Colombia (siglo XVIII): tipos y técnicas. **Arquetipo**, *1*(2), p. 89-98, 2011. Em https://repositorio.ucp.edu.co/entities/publication/cb5296ca-72b8-49bc-b52d-4898432b634a

_____. **Cruzando el Cauca. Pasos y puentes sobre el río Cauca en el Departamento del Valle hasta la primera mitad del siglo XX**. Cali: Secretaría de Cultura y Turismo, 2003.

Galindo, Jorge., Tolosa, Ricardo., e Paredes, Jairo. El Puente Ortiz en la ciudad de Cali, Colombia (1845). Historia de su construcción y caracterización de sus materiales constitutivos. **Escuela de Arquitectura y Urbanismo**, 1(1), p. 347-355, 2013.

Gamarra, José. La economía del departamento del Cauca: concentración de tierras y pobreza. **Documentos de Trabajo Sobre Economía Regional y Urbana**, *95 (1)*, 2007.

García-Canclini, Néstor. Antropología y ciudad. Culturas urbanas de fin de siglo: la mirada antropológica. **Jangwa Pana**, *1*(1), p. 97-110, 2001.

Germani, Gino. La ciudad como mecanismo integrador. **Revista Mexicana de Sociología**, *29* (3), p. 387-406, 1967. Em https://www.jstor.org/stable/353910

Gerschenkron, Alexander. El atraso económico en la perspectiva histórica. **Investigación Económica**, *28*(111/112), p. 141-165, 1968. Em https://www.jstor.org/stable/4277691

Gilbert, Alan. **La ciudad latinoamericana**. México: Siglo XXI, 1997.

Glavich, Eduardo. Los Estudios CTS: una crítica marxista a los constructivistas ya los críticos. **Educação & Tecnologia**, *5*(2), p. 30-37, 2000. En https://www.seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/7

Global News. **Barriefield Resident Support Proposed Housing Development**. Por John Lawless. Canadá: Corus. 14 de June, 2023.

Gobernación del Valle del Cauca. **Informe gestión 2016**. Cali: Gobernación del Valle, 2016.

Gómez, Andrés., Sarmiento, Juliana., e Fajardo, Claudia. Análisis de la dinámica del mercado laboral en Popayán-Colombia. **Económicas CUC**, 37 (1), p. 135-176, 2016. Em https://doi.org/10.17981/econcuc.37.1.2016.07

González, Gloria. Actualidad de los centros Históricos. Una mirada local. **Temas de Arquitectura**, *9*(1), p. 7-21, 2018. Em https://revistas.santototunja.edu.co/index.php/tarquitectura/article/view/1740

González, Lina. **Tese de grado.** Incidencias del Ferrocarril del Pacifico vía Cali-Popayán en los poblados de Jamundí, Guachinte y Timba (Valle) 1915-1930.Departamento de Historia, Facultad de Humanidades. Cali: Universidad del Valle, 2014.

González, Rubén. Una nueva propuesta interpretativa de la ciudad norteamericana: el ejemplo de Canadá. **Investigaciones Geográficas (España)**, 1(58), p. 221-243, 2012. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4293524

González Seoane, José. **Ideología y enseñanza en la arquitectura. La experiencia norteamericana**. España: Boletín Académico Universidad de Coluña, 1993.

Gorelik, Adrian. **La ciudad latinoamericana: una figura de la imaginación social del siglo XX**. Argentina: Siglo XXI Editores, 2022.

_____. Ciudad, modernidad, modernización. ***Universitas Humanística***, 1 (56), p. 11-27, 2003. Em https://www.redalyc.org/pdf/791/79105602.pd

_____. Ponencia Historia de la ciudad e historia intelectual. ***Prismas. Revista de Historia Intelectual***, 3(1), p. 209-223, 1999.

Gobernación del Valle del Cauca. **Mapas y Territorios**. Colombia: Departamento del Valle del Cauca Gobernación, 2018.

Guerra, François-Xavier. La nación moderna: nueva legitimidad y viejas identidades. **Tzintzun: revista de estudios históricos**, 1 (36), p. 79-117, 2002.

Gutiérrez, Diana., e Mejía, Joseph. Sexualidades marginalizadas: un acercamiento a la zona de tolerancia en Cali, 1960-1970. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, *43*(1), p. 203-231, 2016. Em https://doi.org/10.15446/achsc.v43n1.55069

Guzmán, Ney. Terremoto de Popayán: I. Consecuencias Inmediatas. **Portal Regional da BVS. Informação e Conhecimento para Saúde**, 1984.

Habermas, Jürgen. El Estado-nación europeo y las presiones de la globalización. **New left review**, 1(1), p. 121-134, 2000. Em https://newleftreview.es/issues/1/articles/jurgen-habermas-el-estado-nacion-europeo-y-las-presiones-de-la-globalizacion.pd

Hartt, Maxwell. The diversity of North American shrinking cities. **Urban Stadies**, *55 (13)*, p. 2946-317, 2959, 2018. Em https://doi.org/10.1177/0042098017730013

Harvey, David. **La Condición de la Posmodernidad. Investigación sobre los Orígenes del Cambio Cultural.** Argentina: Cultura Libre, 1998.

Hemingway, Ernest. Up in Michigan (Allá en Michigan). En **Three Stories and Ten Poems**. Traducción de Aurora Echevarría, 1923.

Henderson, Jennifer., e Wakeham, Pauline. Colonial reckoning, national reconciliation? Aboriginal peoples and the culture of redress in Canada. **English Studies in Canadá,** *35*(1), p. 1-26, 2009. Em https://muse.jhu.edu/article/384482

Heritage Conservation District Plan. **Old Sydenham Heritage Area**. Canada: The Corporation of the City of Kingston, 2015.

_____. **Part I. Conservation, Design and Landscaping Guidelines**. Canada: The Corporation of the Township Pittsburgh, 2009.

Heritage Districts Work. **Heritage Conservation District Study. Barriefield – City of** Kingston. Canadá: Heritage Resources Centre, 2009.

Heritage Resources Centre. **Ontário Architectural Style Guide.** Canadá: Centre des ressources du patrimoine, 2009.

Hernández Delgado, Esperanza. La Resistencia Civil de los Indígenas del Cauca. **Papel político**, *11*(1), p. 177-220, 2006. Em http://www.scielo.org.co/pdf/papel/v11n1/v11n1a07.pdf

Hernández, Martha., e Castaño, Diógenes. Arqueología histórica de una urbe colonial, Popayán, Colombia. **Teoría y práctica de la arqueología histórica latinoamericana**, *2*(1), p.9-23, 2021. Em https://teoriaypracticaah.unr.edu.ar/index.php/tpahl/article/view/100

Herrera-Ángel, Clemencia. **Popayán: La Unidad de lo Diverso Territorio, Población y Poblamiento en la Provincia de Popayán, Siglo XVIII**. Bogotá: Uniandes, 2009.

Hess, David., e Layne, Linda. The new Ethnography and the Anthropology of Science and Technology. In Hess, David & Layne, Linda ediciones. **Knowledge and Society: The Anthropology of Science and Technology**. Greenwich: Jai Press Inc, 1992.

Hoffman, Kelly., e Centeno, Miguel. El Continente Invertido. Desigualdades en América Latina. **Nueva sociedade**, 1 (193), p. 97-118, 2004. Em https://static.nuso.org/media/articles/downloads/3221_1.pdf

Holston, James. La ciudad modernista y la muerte de la calle. **Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología**, (7), p. 257-292, 2008. Em http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1900-54072008000200012&script=sci_arttext

Hollingsworth, Selwyn. Valores de dirigentes y estudiantes de Popayán. Em Webber, Inving., e Ocampo, Alfredo (Eds.). **Valores, desarrollo e historia: Popayán, Medellín, Cali y Valle del Cauca**, p. 131-151, 1975.

Hommels, Anique. STS and the city: techno-politics, obduracy, and globalisation. ***Science as Culture***, *29*(3), p. 410-416, 2020. Em https://doi.org/10.1080/09505431.2019.1710740

_____. Studying obduracy in the city: Towards a productive fusion between technology studies and urban studies. **Science, Technology, & Human Values**, 30(3), p. 323-351, 2005. Em https://doi.org/10.1177/0162243904271759

_____. STS and the city. **Social Studies of Science**, 33(6): p. 945-950, 2003. Em https://doi.org/10.1177/0306312703336006

Hugill, David. What is a settler-colonial city? **Geography Compass**, *11*(5), p. 4-11, 2017. Em https://doi.org/10.1111/gec3.12315

Humphreys, B., e Sykes, Me. **The buildings of Canada: a guide to pre-20th-century styles in houses, churches, and other structures**. Canada: Environment Canadá, 1980.

INCIVA. **Rescate arqueológico Avenida Colombia, Cali**. Cali: Programa de Arqueología Preventiva, Monitoreo y Rescate, 2015.

Instituto Geográfico Agustin Codazzi. **Plano de la Ciudad de Popayán de 2014.** Colombia: Agustín Codazzi, 2014.

_____. **Plano de la Ciudad de Popayán de 2007.** Colombia: Agustín Codazzi, 2007.

_____. **Plano de la Ciudad de Popayán de 1995.** Colombia: Agustín Codazzi, 1995.

_____. **Plano de la Ciudad de Popayán de 1988.** Colombia: Agustín Codazzi, 1988.

_____. **Plano de la Ciudad de Popayán de 1981.** Colombia: Agustín Codazzi, 1982.

_____. **Plano de la Ciudad de Santiago de Cali de 1970.** Colombia: Agustín Codazzi, 1970.

_____. **Plano de la Ciudad de Santiago de Cali de 1970.** Colombia: Agustín Codazzi, 1980.

Janoschka, Michael. El nuevo modelo de la ciudad latinoamericana: fragmentación y privatización. **Eure (Santiago)**, *28*(85), p. 11-20, 2002. Em https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0250-71612002008500002&script=sci_arttext

Jaramillo, Raúl. Ciudadanía, Identidad Nacional y Estado-Nación. **Revista Lasallista de Investigación**, *11*(2), p. 168-180, 2014. Em http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-44492014000200019&script=sci_arttex

Jiménez, Susana. **La arquitectura de Cali. Valoración histórica**. Cali: Universidad de San Buenaventura, 2009.

Kealey, Gregory. The writing of social history in English Canadá, 1970–1984. **Social History**, 10(3), p. 347–365, 1985. Em https://doi.org/10.1080/03071028508567630

Kalmanovitz, Salomón. Los orígenes de la industrialización en Colombia: 1890-1929. **Cuadernos de economía (Santafé de Bogotá)**, *5*(5), p. 79-126, 1983. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=493497

Katz, Jorge. **Transferencia de Tecnología y Rentas Monopólicas**. Argentina: Universidad de Zulia, 1975.

King, Anthony. Colonial Cities: Global Pivots of Change. Em **Colonial Cities**. Dordrecht: Springer Netherlands, 1985.

Kingston Association of Museums, Art Galery and Historic. Kingston **& Area Museums**. Canada: The Corporation of the City of Kingston, 2024.

Kingston Fortification. **Management Plan**. Canada: Government of Canada Catalogue, 2006.

Kingston Historical Society. **Historic** Kingston. Canada: University of Toronto, 1954.

Kingston News. Kingston**'s Market Square, 1900.** Canada: Funded by the Government of Canada, 23 de July de 2014.

Kingston Public Art Master Plan. Kingston **Public Art Master Plan 2014-2019.** Canadá: Workshop architecture, inc., 2014.

Kramer, Pablo. **Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnología en América: ¿para qué?, ¿Para quién?** Argentina: Universidad Nacional de Quilmes, 2007.

Kuhn, Thomas. **La estructura de las revoluciones científicas**. México: Fondo de cultura económica, 2019.

Lalana, José. El Paisaje Urbano Histórico: Modas, Paradigmas y Olvidos. **Ciudades: Revista del Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de Valladolid**, 1 (14), p. 15-38, 2011. Em https://uvadoc.uva.es/handle/10324/10322

Lampard, Eric. The history of cities in the economically advanced areas. **Economic development and cultural change**, *3*(2), p. 81-136, 1955. Em https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/449680

Lefebvre, Henry. La producción del espacio. **Papers: revista de sociología**, 1 (1), p. 219-229, 1974. Em https://papers.uab.cat/article/view/v3-lefebvr

Levalle, Sebastián. Resistencia a la Violencia Política y Defensa de la Territorialidad Comunitaria en el Departamento del Cauca, Colombia (1971-2012). **Sociedad y economía**, 1 (34), p. 251-266, 2018. Em https://doi.org/10.25100/sye.v0i34.6483

Londoño, Juan., Gaviria, Alejandro., e Guerrero, Rodrigo. **Asalto al desarrollo: violencia en América Latina**. Washington: Banco Interamericano de Desarrollo IBC, 2000.

López, Apolinar., e Mera, Hansel. Modernización y poblamiento en Cali: Los barrios El Calvario y San Pascual 1878–1940. Em **Repensando la historia urbana: Reflexiones históricas em torno a la sociedad colombiana**, pp. 127-170, 2020. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9028632 n

Low, Setha. Transformaciones del espacio público en la ciudad latinoamericana: Cambios espaciales y prácticas sociales. **Bifurcaciones**, *5 (1)*, p. 1-14, 2005. Em https://centroderecursos.cultura.pe/sites/default/files/rb/pdf/Transformaciones_del_espacio_publico_en_la_ciudad_latinoamericana.pdf

Macuacé, Roland., e Cortés, Raúl. **La Dinámica de la Población y el Crecimiento Urbano en Popayán. Un Análisis Comparativo 1985-2018**. Bogotá: ESAP, 2021.

Madsen, Peter., e Plunz, Richard. **The Urban Lifeworld: Formation Perception Representation**. Londres: Routledg, 2001.

Malamud, Carlos. **História de América.** Madrid: Editorial Alianza, 2005.

Mann, Michael. La crisis del Estado-nación en América Latina. **Desarrollo económico**, 44 (174), p. 179-198. 2004. Em https://doi.org/10.2307/3456035

Market Square Heritage Conservation District Plan. **City of** Kingston**. Planning and Development Dept.** Kingston: ERA Architects Inc., 2013.

Market Square Heritage Conservation District Review. Kingston**, Ontário.** Kingston: ERA, 2012.

Martínez, José Mª Serrano. El sistema urbano canadiense y sus relaciones con el Destados Unidos: Integración y discontinuidades. **Papeles de Geografía**, 1 (30), p. 129-149, 1999. Em https://revistas.um.es/geografia/article/view/47571/45591

Martínez, Pedro. El Centro Urbano de Cali, entre el Calvario y la Ciudad Paraíso. **Perspectiva**, 19 (1), p. 167-195, 2014. Em https://doi.org/10.25100/prts.v0i19.971

Martínez Toro, Pedro. El centro urbano de Cali, entre el Calvario y Ciudad Paraíso. **Prospectiva. Revista de Trabajo Social e Intervención Social**, 1 (19), p. 167-195, 2014. Em https://www.redalyc.org/pdf/5742/574261385007.pdf

Mattos, Carlos. Transformaciones de las Ciudades Latinoamericanas: ¿Impactos de la Globalización? **EURE**, 28 (85), p. 1-11. 2002. Em http://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612002008500001

Mcelligott, Greg. A Tory high modernism? Grand plans and visions of order in neoconservative Ontário. **Critical Criminology**, *16 (1)*, p. 123-144, 2008.

Mejía, Eduardo., Moncayo, Armando. Origen y Formación del ingenio azucarero industrializado en el Valle del Cauca. **Revista de Estudios Históricos Regionales**, 3 (11-12), p. 54-107, 1987.

Mills, Joseph. La Política de desarrollo y los convenios regionales de comercio: El caso de la América Latina. **El trimestre económico**, *30* (119), p. 382-396, 1963. Em https://www.jstor.org/stable/20855653

Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural. **Popayán – Cauca. Proyecto Sistema de Información Geográfica Municipal 2013**. Colombia: Ministerio de Agricultura y desarrollo rural, 2013.

Ministerio de Hacienda y Crédito. **Municipio de Popayán. Primer semestre de 2019**. Colombia: Unidad de Proyección Normativa y Estudios de Regulación Financiera URF, 2019.

Mohl, Raymond. The Industrial City. **Environment: Science and Policy for Sustainable Development**, *18*(5), p. 28-38, 1976. Em https://doi.org/10.1080/00139157.1976.9929678

Molina Prieto, Luis. Alfarería y urbanismo. Los chircales de Santafé (hoy Bogotá) y su impronta en la arquitectura y el desarrollo urbano de la ciudad colonial. **Nodo**, *4*(8), p. 31-58, 2010. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=339214

Moore, Steven A. **Technology and Place: Sustainable Architecture and the Blueprint Farm**. New York: University of Texas Press, 2001.

Mora, Alfonso. La renovación de los centros urbanos como práctica ideológica. **Ciudades**, 1 (1), p. 19-35, 1993. Em https://doi.org/10.24197/ciudades.01.1993.19-35

Morera, Esteban. **História de Cali Siglo XX. Tomo II. Politica.** Colombia: Universidad del Valle, 2012.

Morin, Edgar. **O paradigma da complexidade. Introdução ao pensamento complexo**. Barcelona: Gedisa, 2000.

Morisset, Lucie. From town-building to society-making: company towns in Canadá. **Journal of the Society for the Study of Architecture in Canadá**, 42 (1), p. 43-60, 2017. Em http://hdl.handle.net/10222/74970

Morris, Robert. The reproduction of labor and capital British and Canadian Cities during industrialization. **Journal Urban History Review**, 18 (1), p. 48-62, 2013. Em https://id.erudit.org/iderudit/1017823ar

Mumford, Lewis. **La ciudad en la historia. Sus orígenes transformaciones y perspectivas.** España: Editorial pepitas de calabaza, 2012.

_____. **La ciudad en la historia. Tomo II.** Buenos Aires: Infinito, 1979.

_____. **La cultura de las ciudades.** Buenos Aires: Emecé, 1957.

Nelson, Elizabeth., e Godlewska, Anne. Settler Ignorance and Public Memory: Kingston, Ontário. **Geographical Review**, *113*(5), p. 666-684, 2023. Em https://doi.org/10.1080/00167428.2022.2141631

Nieto, Carlos. El ferrocarril en Colombia y la búsqueda de un país. **Apuntes (Colombia)**, *24*(1), p. 62-75, 2011.

Old Sidenham Heritage Area. **Heritage Conservation District Plan.** Canadá: The Corporation of the City of Kingston, 2015.

_____. **Heritage conservation district study.** Canadá: The Corporation of the City of Kingston, 2009.

Olivares, Enrique. Las andanzas del neoliberalismo, la ciencia y la tecnología en América Latina. **Diseño y Sociedad**, (5), p. 91-100, 1995.

Ordóñez, William., e Casas, Valentina. Las víctimas del conflicto armado interno en el departamento del Cauca 1985-2015. **Revista Via Iuris**, 1 (21), p. 85-107, 2016. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=661031

Orellana, Rodrigo. Ciudades de Sísifo. Urbanismo colonial y contingencia. **Estudios Avanzados**, (26), p. 114-129, 2016. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6704816

Orgullo Cali. **Antigua Gobernación del Valle del Cauca**. Cali: Turismo del Valle del Cauca, 2022.

Ortiz, Liliana. El espíritu de democratización cultural de mitad de siglo XX en Cali. **Nexus**, 46-62, 2014. Em https://nexus.univalle.edu.co/index.php/nexus/article/view/727

Osbaldeston, Mark. **Unbuilt Toronto: A history of the city that might have been (Volume 1)**. Toronto: Dundurn press, 2008.

Otero, Andrea. **Cali a comienzos del siglo XXI: ¿Crisis o recuperación? Documento de trabajo sobre economía regional.** Cartagena: Banco de la República, 2012.

Palacios, Eustaquio. **El Alférez Real. Novela crónica del Cali en el siglo pasado.** Cali: Editorial Panamericana, 1886.

Palacios, E., Linsingen, I., Galbarte, J., Cerezo, A., Lujan, J., Pereira, L., Gordillo, M., Osorio, C., Valdés, C., e Bazzo, W. Introdução aos estudos CTS (Ciencia, Tecnología e Sociedade). **Cuadernos de Ibero-América,** (OEI), 1(1), p. 119-170, 2003.

Papamija, Eugenia. **Tesis de grado**. Proyecto de vivienda en Popayán. Bogotá: Universidad de los Andes, 2006.

Paredes, Jaime Pardo. **Popayán.** Bogotá: Litografía Arcos, 1983.

Park, Robert. **La ciudad y otros ensayos de ecología urbana**. España: Serval, 1999.

Patiño, Diógenes. **Patrimonio y arqueología histórica: una mirada desde la Popayán colonial**. Popayán: Universidad del Cauca, 2012.

Patiño, Diógenes., e Zarankin, Andrés. **Arqueologías históricas patrimonios diversos**. Popayán: Universidad del Cauca, 2010.

Pavony, German. **Santafé. De ciudad fundada a ciudad construida.** Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá, 2008.

_____. Los itinerários de la transformación urbana en Bogotá, 1820-1910. **Anuario Colombiano de História Social y de la Cultura**, *1*(24), 1997.

Pedro, Wilson. Um ensaio etnofotográfico sobre o envelhecimento. **Educação, Cultura e Comunicação**, *7*(13), 2016.

Pedro, Wilson., e Mena-Chalco, Jesús. O envelhecimento na Sociologia brasileira contemporânea: notas preliminares. **Revista Kairós-Gerontologia**, *18 (1)*, p. 31-47, 2015. Em https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18iEspecial19p31-47

Perafán, Aceneth. **Higiene, salud y ambiente en la perspectiva histórica. Cali a comienzos del siglo XX**. Cali: Universidad del Valle, 2021.

Perdomo, Libardo. Cali: entre el racionalismo de Harvard y el manierismo de la arquitectura brasileña. **Revista Ciencias Humanas**, *10*(1), p. 99-104, 2013. Em https://doi.org/10.21500/01235826.1738

Pérez Ángel, Héctor. Impacto de las misiones religiosas y de las guerras de independencia en la construcción de pueblos y ciudades coloniales en los Llanos. **Instituto de Estudios Orinocenses**, 1(1), p. 1-22, 1988.

Pérez Hernández, María. **Barrio y vida urbana: Popayán (1920-1983)**. Popayán: Universidad del Cauca, 2022.

_____. **Hábitat, familia y comunidad en Popayán 1750-1850**. Popayán: Universidad del Cauca, 2018.

Periódico la Campana. **Anuncian acciones judiciales frente a la declaratoria del Estado de Ruina del Centro Comercial Anarkos**, 23 de marzo, 2022.

_____. **El Centro histórico de Popayán se convirtió en mercado persa**, 23 de febrero, 2009.

Phillips, Paul. Land tenure and economic development: a comparison of Upper and Lower Canadá. **Journal of Canadian Studies**, *9* (2), p. 35-45, 1974.

Pinch, Trevor. La tecnología como institución: ¿Qué nos pueden enseñar los estudios sociales de la tecnología? **Redes**, *14*(27), p. 77-96, 2008. Em https://www.redalyc.org/pdf/907/90717063003.pdf

Piovani, Juan., e Krawczyk, Nora. Los estudios comparativos: algunas notas históricas, epistemológicas y metodológicas. **Educação & Realidade**, *42(1)*, p. 821-840, 2017.

Plan de Desarrollo Municipal. **Popayán 2020-2023.** Popayán: Alcaldía de Popayán, 2023.

Plan de Ordenamiento Territorial. **Centro histórico de Popayán.** Popayán: Municipio de Popayán Secretaría de Planeación, 2001.

Plan de Ordenamiento Territorial. **Capítulo 1. Marco conceptual y articulación del plan de ordenamiento con el plan de desarrollo municipal.** Popayán: Secretaría Planeación, 2013.

Plan Especial de Manejo del Centro Histórico de Santiago de Cali. **Fase II Formulación.** Cali: Alcaldía de Santiago de Cali, 2014.

Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico de Popayán. **Capitulo I: Diagnóstico.** Popayán: Alcaldía de Popayán, 2009.

Planning and Development City of Kingston. **Planning for the conservation of the archeological resources in the city of** Kingston**.** Canada: Archeological Services Inc., 2010.

Porter, John. Higher public servants and the bureaucratic elite in Canada. **Canadian Journal of Economics and Political Science/Revue canadienne de economiques et science politique**, *24*(4), p. 483-501, 1958.

_____. Concentration of economic power and the economic elite in Canadá. **Canadian Journal of Economics and Political Science/Revue canadienne de économiques et science politique**, *22*(2), p. 199-220, 1956.

Prada, José. Las gated communities como expresión de los nuevos contextos urbanos y socioculturales: un estado de la cuestión. **Revista de Estudios sobre la Ciudad como Espacio prural**, 2(2), p. 19-30, 2010. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3626032

Pulido, Lilian. Arquitectura moderna en Cali. Perspectivas del diseño urbano en la vivienda en serie de la tipología moderna. **Revista oblicua**, 9 (1), p. 25-39, 2016.

Puyana, Alicia., e Costantino, Agostina. La Tierra como Botín: inversiones extranjeras en Argentina y Colombia durante la primera década del siglo XXI. En **La inserción de América Latina en la economía globalizada.** Coord. Puyana, Alicia., e Constantino, Agostina. México: Flacso, 2016.

Quijano, Aníbal. El fantasma del desarrollo en América Latina. **Revista Celsa. International Latin American Review**, *1*(1), p. 38-55, 2000. Em https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/36

Quintero Esquivel. Jorge. **Popayán desde la Torre del Reloj.** Popayán: Boblioteca Luis Angel Arango, 2017.

_____. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, *13*(29), p. 11-20, 1992.

Quintero, Felipe. La ciudad colonial y sus textualidades contempóraneas: el color blanco en Popayán. Un estudio de semiótica cultural urbana. **Nexus Comunicación**, 14 (2), p. 84-105, 2014.

Quintero, Carlos. Enfoque ciencia, tecnología y sociedad (CTS): perspectivas educativas para Colombia. **Zona próxima**, (12), p. 222-239, 2010. Em https://doi.org/10.14482/zp.12.707.99

Rama, Ángel. **La ciudad letrada**. Madrid: Fineo, 2009.

Ramírez, Francisco., e Gutiérrez, Jaime. **Arquitecturas neocoloniales: Cali 1920-1950**. Cali: Centro de Investigaciones en Territorio, Construcción y espacio Universidad del Valle, 2018.

Report to Council. **City of** Kingston**. Report Number 19-119.** Canada: Kingston Integrated Destination Strategy, 2019.

Reyes, Melva. Agricultura y política agrícola en Canadá en los noventa. **México y la Cuenca del Pacífico**, 1 (19), p. 34-40, 2003. Em https://doi.org/10.32870/mycp.v6i19.199

Rinke, Stefan. **América Latina y la Primera Guerra Mundial. Una historia global**. México: Fondo de Cultura Económica, 2019.

Riofrío, Gustavo. Reinventar la ciudad. **Revista Quehacer**, (179), p. 22-27, 2010. Em https://www.desco.org.pe/recursos/sites/indice/798/2309.pdf

Robinson, Ira., e Webster, Douglas. Regional Planning in Canadá History, Practice, Issues, and Prospects. **Journal of the American Planning Association**, *51*(1), p. 23-33, 1985. Em https://doi.org/10.1080/01944368508976797

Robledo, Agustín. El federalismo canadiense. **Cuadernos constitucionales de la Cátedra Fadrique Furió Ceriol**, 1 (2), p. 47-56, 1993.

Rocca, Luis. La malla urbana en la ciudad colonial iberoamericana. **Apuntes: Revista de estudios sobre patrimonio cultural**, *19*(1), p. 30.47, 2006.

Rodríguez, Adriana. **Teses de Grado**. Memoria fotográfica sobre el patrimonio arquitectónico actual de Santiago de Cali. Facultad de Comunicación Social – Periodismo. Departamento de Ciencias de la Comunicación. Universidad Autonoma de Occidente, 2005.

Rodríguez, Alexander., e Moreno Lache, Nubia. **Concepciones e imágenes de ciudad**. Colombia: Universidad Pedagógica Nacional, 2015.

Rodríguez Sánchez, Adriana., Rodríguez Quintero, Ricardo., e Sevilla, Manuel. Más televisores que televisión: espacios domésticos y televisión en Cali entre 1954 y 1970. **Signo y Pensamiento**, *27*(52), p. 145-164, 2008.

Rojas, Javier. La cuadrícula: un modelo urbano para las ciudades americanas. **Ciudad y Territorio Estudios Territoriales**, 1(1), p. 55-76, 1982. Em https://recyt.fecyt.es/index.php/CyTET/article/view/81695

Rojas, Rafael. **El Árbol de las revoluciones. El poder y las ideas en América Latina**. Madrid: Turner publicaciones, 2021.

Romano Galdó, Ana. **Teses de Grado**. Canadá frente al espejo de la historia: la tragedia tras el intento de aculturación de las poblaciones aborígenes. Universidad de Cantabria, 2021.

Romero, José. **Latinoamérica: Las ciudades y las ideas**. Colombia: Universidad de Antioquia, 1999.

Romero, Liliana. La plaza de Caicedo de Cali: sustentabilidad del hábitat construido. **Revista Ciencias Humanas**, *10*(1), p. 105-126, 2008.

Rostow, W. The stages of economic growth. **The economic history review**, *12*(1), p. 1-16, 1959. Em https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315063362-14/stages-economic-growth-rosto

Rougier, Marcelo. **Reflexiones sobre la historia de la industria y las empresas en América Latina**. España: Universidad de Buenos Aires-CONICET (IIEP), 2013.

Rykwert, Joseph. La velocidad de los cambios urbanos: entrevista con Joseph Rykwert. **Minerva: Revista del Círculo de Bellas Artes**, 1(15), p. 36-39, 2010. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4257632

_____. **La idea de una ciudad. Antropología de la forma urbana en Roma, Italia y el mundo antiguo**. España: Alianza, 2002.

Sagasti, Francisco. **Conocimiento y desarrollo: ensayos sobre ciencia y tecnología**. Lima: Mosca Azul Editores S.R.L, 1988.

Salcedo, Jaime. La mujer, los vecindarios y los barrios de Popayán en el siglo XVII. **Ensayos: Historia y Teoría del Arte**, 1 (23), p. 6-35, 2012.

Sánchez, José. La configuración espacial de las elites alta y media en Cali: el caso de la urbanización Miraflores. **Territorios**, 1 (38), p. 67-94, 2018. Em https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/territorios/a.5398

Sánchez, Hugues., e Santos, Adriana. **El crecimiento económico. Mercado de factores, industrialización y desarrollo económico en Cali y el Valle del Cauca, 1900-1950**. Cali: Universidad del Valle, 2023.

Santana, Joaquín. **El problema de la modernidad en América Latina**. Cuba: Colección de pensadores cubanos, 2000.

Santos, Theotonio Dos Santos. The structure of dependence. **The American Economic review**, *60*(2), p. 231-236, 1970.

Santos, Milton de Almeida. **Por una Geografía Nueva**. Madrid: Espasa Calpe, S.A., 1990.

Scadding, Henry. **Toronto of Old**. Germany: Frankfurt am Main – Outlook Verlag GmbH, 2020.

Schlesinger, Arthur. The city in the American history. **The Mississippi Valley Historical Review**, 27 (1), p. 43-66, 1940.

Schorske, Carl. La idea de la ciudad en el pensamiento europeo: de Voltaire a Spengler. **Trampas de la Comunicación y la Cultura**, 24 (1), p. 24-37, 2006. Em https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/3405

Schultz, John. White man's country: Canada and the West Indian immigrant 1900–1965. **American Review of Canadian Studies**, *12*(1), p. 53-64, 1982. Em https://doi.org/10.1080/02722018209480736

Sebastián, Santiago. **Arquitectura colonial en Popayán y Valle del Cauca**. Colombia: Universidad del Valle, 1965.

_____. **Estudios sobre el arte y la arquitectura coloniales en Colombia**. Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá, 2006.

Secchi, Bernardo. **La ciudad de los ricos y la ciudad de los pobres**. España: Los libros de la catarata, 2015.

Secretaria de Planeación Municipal. **Requerimiento para el mantenimiento de un inmueble en el sector histórico de Popayán**. Popayán: Alcaldía Municipal, p. 1-10, 2022.

_____. **Turismo. Iglesias**. Popayán: Alcaldía Municipal, 2021.

Segre, Roberto. **América Latina en su Arquitectura**. México: Editorial Siglo XXI, 1996.

Seniors Association. **Seniors' association** Kingston **region**. Canada: Canada Helps, 2024.

Sennett, Richard. Las ciudades norteamericanas: planta ortogonal y ética protestante. **Bifurcaciones**, *1(1)*, p. 1-16, 2004. Em https://biblat.unam.mx/hevila/BifurcacionesSantiago/2004/no1/7.pdf

Serrano, Ernesto. **Clase, cultura, industrialización y urbe: congresos obreros en Cali, primera mitad del siglo XX**. Cali: Universidad del Valle, 2012.

Servicio Geológico Colombiano. **Sismo del 31 de marzo de 1983 en Popayán.** Bogotá: Sistema de información de sismicidad histórica de Colombia, 2019.

Shane, Grahame. The machine in the city phenomenology and everyday life in New York. In **The urban lifeworld**. Londres: Routledge, 2005.

Sierra, Lilian. Arquitectura moderna en Cali. Perspectivas del diseño urbano en la vivienda en serie de la tipología moderna. **Revista Oblicua**, *9(1)*, p. 25-39, 2016.

Spagge, Godfrey. New Directions for Historical Conservation: A Methodology, with Special Reference to Kingston. **Urban History Review**, *16(1)*, p. 49-61, 1987.

Statistics Canada. **Focus on geography series, 2021 census of population.** Kingston**, Census Metropolitan Area.** Canada: Statistics Canada, 2022.

_____. **City of** Kingston **planning and development projection: NAD 1983 Zone 18N.** Canada: City of Kingston Planning and Development, 2009.

_____. **Canadian demographics at a glance.** Ottawa: Minister of Industry, 2008.

Stephenson, Gordon., e Muirhead, George, G. **A planning study of** Kingston**, Ontário.** Canada: Corporation of the city of Kingston, 1961.

Swamp Ward and Inner Harbour History Proyect. **Mapping she swamp ward**. Canada: Swihhp Kingston, 2024.

Téllez, Germán. Aspectos urbanísticos. En: **Popayán guía histórica**. Bogotá: Ministerio de Cultura, p. 40-58, 1998.

The Corporation of the City of Kingston. **Market Square Heritage Conservation District**. Canada: The Corporation of the City of Kingston, 2024.

_____. **MacLachlan Woodworking Museum.** Canada: The Corporation of the City of Kingston, 2019.

_____. **Village Barriefield Heritage Conservation District Plan Update**. Canada: The Corporation of the City of Kingston, 2006.

_____. **Pump house history in motion**. Canada: The Corporation of the City of Kingston, 2000.

The Corporation of the Township of Pittsburgh. **The Barriefield Heritage Conservation District Plan Review**. Canada: The Corporation of the Township of Pittsburgh, 1992.

The Cultural Landscape Foundation. **Connecting People to Places**. Canada: The Cultural Landscape Foundation, 2024.

The Distillery Historical District. **Self-Guide Tour of Victorian Industrial Heritage and Art.** Canadá: City of Toronto, 2023.

Timmling, Hans Fox. Ciudades coloniales en el nuevo mundo. **Arquitecturas del Sur**, p. 2-6, 1987. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5231405

Tocancipá-Falla, Jairo. "De invasión-asentamiento a barrio, 26 años después: una" mirada retrospectiva" a los cambios y continuidades urbanas en Popayán." **Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología**, 20 (1), p. 21-47, 2014. Em https://doi.org/10.7440/antipoda20.2014.02

Toro, Pedro. El centro urbano de Cali, entre El Calvario y Ciudad Paraíso. **Revista de Trabajo Social e intervención social**, (19), p. 167-195, 2014. Em https://doi.org/10.25100/prts.v0i19.971

Torres, Hernán. Metáforas y traducción de culturas: La Torre de Popayán. **Revista Trimestral de Antropología y Humanismo**, *14* (2), p. 49-57, 1989.

Tovar, Carlos. Ciudad Latinoamericana y conflictos presentes. **Bitácora Urbano-Territorial**, *9*(1), p. 64-81, 2005. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4013910

Town of York Historical Society. **Toronto 1837: A model city**. Canada: Toronto´s First Post Office, 2024.

Trujillo, Juan., e Da Costa Braga, Marcos. De la arquitectura moderna al diseño industrial: algunas ideas sobre una tentativa migración de la utopía del proyecto moderno en América Latina. **Anales del Instituto de Arte Americano**, *43 (1)*, p. 169-181, 2013.

Turner, Frederick. **The frontier in American history**. New York: Dover Publication INC, 2010.

UNESCO. **Rideau Canal. National historical site of Canada**. Canada: UNESCO, 2021.

_____. **Rideau Canal**. Canadá: World Heritage Convention, 2021.

Unimayor. **Áreas responsables de la orientación y vigilancia**. Popayán: Institución Universitaria Colegio Mayor del Cauca, S.F.

Universidad del Cauca. **Facultad de Artes.** Popayán: Universidad del Cauca, 2022.

_____. **Proyecto patrimonio. Panteón de los Próceres.** Popayán: Vicerrectoría de Cultura y Bienestar, S.F.

Universidad ICESI. **Archivo del patrimonio fotográfico y fílmico del Valle del Cauca. Documento Histórico.** Cali: ICESI, 1955.

Uribe, Alberto., e Székely, Francisco. (1979). **Localización y tecnología industrial en América Latina y sus impactos en el medio ambiente**. Chile: CEPAL/PNUMA, 1979.

Urreste Campo, José. Entre el tiempo y el espacio, o sobre plazas, campanas e iglesias en Popayán. En M. Córdoba Montúfar (Coord), **Lo urbano en su complejidad: una lectura desde América Latina**. Quito: FLACSO, p. 325-338, 2008. Em https://www.flacsoandes.edu.ec/web/imagesFTP/1215276016.Entre_el_tiempo_y_el_espacio_por_Jose_Urreste.pf

Utilities Kingston. **Service areas.** Canada: Utilities Kingston, 2024.

Vaccarezza, Leonardo. Ciencia, tecnología y sociedad: el Estado de la cuestión en América Latina. **Revista do observatório do movimento pela tecnologia social de América Latina. Ciência e tecnologia Social**, *1*(1), p. 42-64, 2011.

_____. El campo CTS en América Latina y el uso social de su producción. **Revista Iberoamericana de ciencia tecnología y sociedad**, *1*(2), p. 211-218, 2004. Em https://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1850-00132004000100012&script=sci_arttext

Valori, Giancarlo. El subdesarrollo de América Latina. **Encuentro: Revista Académica de la Universidad Centroamericana**, 1(6), p. 320-337, 1968. Em https://core.ac.uk/download/pdf/35144246.pdf

Valencia, José Néstor. Nuestro pasado con las niguas. Crónica. Cultura regional. **Ánfora** 3(1), p. 42-44, 1994. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6331928

Vanegas, Giraldo., e Rojas, Axel. **Poblaciones negras en el norte del Cauca. Contexto político organizativo.** Bogotá: Observatorio de Territorios Étnicos, 2012.

Varela, Carmen. La ciudad latinoamericana en nuestros días. **Revista Austral de Ciencias Sociales**, (2), p. 19-26, 1998. EM https://www.redalyc.org/pdf/459/45900202.pdF

Varsavsky, Oscar. **Hacia una política científica nacional.** Argentina: Ediciones Periferia, 1972.

Vargas, Vanessa. Coordenadas para entender una nueva cartografía según Marc Augé. **Revista comunicación. Estudios venezolanos de comunicación**, *1* (161), p. 14-19, 2013. Em https://gumiteca.org/PDF/COM2013161_14-18.pdf

Vargas, Bellanith., Molina, Luis. Árboles para Popayán. Especies que fortalecen la estructura ecológica principal. **Ciudad Medio Ambiente y Hábitat Popular**, *4*(2), p. 55-69, 2008.

Vásquez, Edgar. Historia del desarrollo económico y urbano de Cali. **Boletín económico** 20 (1), p. 1-28, 1990.

_____. Ensayo sobre la historia del desarrollo urbano en Cali. **Historia y Espacio**, 1(5), p. 9-63, 1980. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7387973

Vásquez, Luís. **Teses de Grado**. Sembrando memorias y cosechando resistencias: sistematización de experiencias eco barrio Sinaí, Popayán – Cauca (2019-2022). Facultad de Ciencias Sociales. Popayán: Colegio Mayor de Cundinamarca, 2022.

Vásquez, Edgar. **Historia de Cali en el siglo XX. Sociedad, economía, cultura y espacio.** Cali: Artes Gráficas del Valle, 2001.

Vazquez, María., Lahitte, Héctor., e Tujague, Maria. El análisis descriptivo como recurso necesario en ciencias sociales y humanas. **Fundamentos en humanidades**, *11*(22), p. 103-116, 2010. Em https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18419812007

Vejarano, Jaime. **Estampas de mi ciudad Popayán.** Popayán: Tecnigrafías Distribuciones, 2005.

_____. **Popayán en su anécdota (1537-1999).** Popayán: Tecnigrafías Distribuciones, 2000.

Vergara, Rafael. El Plan de Ordenamiento Territorial (POT) de Cali, una aproximación**.** Popayán. **Revista Apuntes del CENES**, *35*(62), p. 169-207, 2016. Em http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-30532016000200007&script=sci_arttext

Viales Hurtado, Ronny. **La intersección entre ambiente, ciencia, tecnología y sociedad. Aproximaciones teóricas para su estudio desde la perspectiva CTS.** Costa Rica: Cuadernos del Bicentenario CIHAC, 2017.

Vieira, Maruja. **Ciudad remanso, Popayán.** Popayán: Universidad del Cauca, 1956.

Villa, William., e Houghton, Juan. **Violencia política contra los pueblos indígenas en Colombia 1974-2004**. Bogotá: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas Iwgia, 2005.

Village of Barriefield Heritage Conservation District Plan Update. **Inventory of properties within the barriefield heritage conservation district.** Canada: The Corporation of the City of Kingston, 2016.

_____. ***Issues Analysis Report.*** Canada: The Corporation of the City of Kingston, 2014.

Villamil, Carlos. Los curanderos. **Boletín de Medicina del Cauca**, 1(131), 1898.

Villamizar, Darío. **Las guerrillas en Colombia: una historia desde los orígenes hasta los confines**. Bogotá: Perguin Random House, 2017.

Villota, Dora Alexandra. **Teses de Grado**. Popayán a través del discurso de modernidad y las prácticas modernizadoras, 1920-1940. Departamento de Historia. Popayán: Universidad del Cauca, 2017.

Villota-Enríquez, Maribel. **Teses de Grado**. Obtención de sílice (Dióxido de Silicio) a partir de la cascarilla de arroz para la remoción del tinte azul de metileno. Popayán: Universidad del Cauca, 2021.

_____. **Teses de Mestrado**. Os fundidores de metal na Colômbia e no Brasil: um estudo transversal em Popayán e São Carlos no campo CTS. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2018.

Villota, Maribel., Villota, Dora., Bámaca, Efraín., e Galindez, Pedro. Los espacios tecnológicos: un acercamiento al malestar cultural de los medios de comunicación en McLuhan. **Revista Colombiana de Filosofía de la Ciencia**, *17* (34), p. 179-198, 2017. Em https://revistas.unbosque.edu.co/index.php/rcfc/article/view/208

Vinasco, Diana. **Teses de Grado**. Transporte público, expansión urbana y planeación: Cali 1910-1993. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades. Universidad del Valle, 2016.

Visitor Information Guide. **The visitor information centre in confederation park, in the former train station of the** Kingston **and pembroke railway.** Ontário: Visit Kingston, 2021.

Vivas, Isusko. Construir la ciudad: modernidad y neoracionalismo entre el simbolismo y la funcionalidad. una mirada desde Europa a la arquitectura de América Latina. **Estoa. Revista de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo**, *5*(9), p. 55-80, 2016. Em http://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?pid=S1390-92742016000100055&script=sci_arttext

Viviescas, Fernando. El siglo XXI: el reto para la ciudad colombiana. Un contexto para pensar a Cali. **Memorias para pensar la ciudad**, p. 10-26, 2006.

Wagner, Peter. Redefiniciones de la modernidad. **Revista de Sociología**, (28), p. 9-27, 2013. Em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10140392

Waisman, Marina. El patrimonio en el tiempo. **Revista Astrágalo**, *1(7)*, p. 115-123, 1997. https://idus.us.es/server/api/core/bitstreams/d5c5c721-7be3-41d7-acc2-7d179ebfc059/content

Walker, Richard., e Lewis, Robert. Beyond the crabgrass frontier: industry and the spread of North American cities, 1850–1950. **Journal of Historical Geography**, *27*(1), p. 3-19, 2001. Em https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0305748800902664

Wassenaer, P., Schaeffer, L., e Kenney, W. Strategic planning in urban forestry: A 21st century paradigm shift for small town Canada. **The Forestry Chronicle**, *76*(2), p. 241-245, 2000. Em https://doi.org/10.5558/tfc76241-2

Whiteford, Andrew. **Popayán, una ciudad tradicional andina de mitad del siglo XX**. Traducida por Tocancipá- Falla, Jairo. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2019.

_____. **Popayán y Querétaro. Monografías latinoamericanas**. Bogotá: Editorial Iqueima, 1963.

Wilches-Chaux, Gustavo. La vulnerabilidad global. **Los desastres no son naturales**. *1144 (1)*, 1993.

Winner, Langdon. **La ballena y el reactor. La búsqueda de los límites en la era de la alta tecnología**. España: Gedisa S.A, 2008.

_____. Do artifacts have politics? in: D. MacKenzie and J. Wajcman (Eds). **The Social Shaping of Technology**. Buckingham: Open University Press, 1999.

Woolgar, Steve. **La Ciencia: Abriendo la Caja Negra**. España: Anthropos Editorial del Hombre, 1991.

Wyrobisz, Andrzej. La ordenanza de Felipe II del año 1573 y la construcción de las ciudades coloniales españolas en América. **Estudios Latinoamericanos**, 7 (1), p. 11-34, 1980. Em https://doi.org/10.36447/Estudios1980.v7.art1

Wythe, Gorge. La industrialización de Latinoamérica. **El Trimestre Económico**, *4*(14), p. 100-127, 1937. Em https://www.jstor.org/stable/20854290

Yangana, Jairo. **Informe de Análisis y Descripción de la Fachada de la Carrera 7 entre Calle 5 y 4 en los Años 1890, 1910 y 2019**. Popayán: Fundación Universitaria de Popayán, 2019.

Yu, Henry., Ling, Sara., e Fong, Denise. Re-Storying and Restoring Pacific Canadá: Alternative Pasts for a Changing Present. In **Oral history, education, and justice**. Canadá: Routledge, 2019.

Zabala, Maritza. **Tesis de Maestría**. Gobernanza urbana y desarrollo: Análisis desde la intervención del espacio público urbano en Popayán, ciudad patrimonio. Bogotá: Universidad de los Andes, 2010.

Zapata, Francisco. Enclaves y sistemas de relaciones industriales en América Latina. **Revista Mexicana de Sociología**, 39 (2), p. 719-731, 1977. Em https://doi.org/10.2307/3539782

Zuluaga Hernández, Esnedy. Los idiotismos de la modernización sin modernidad: un acercamiento a la dinámica urbana de principios de siglo XX en Colombia a partir de suenan timbres de Luis Vidales. **Alpha (Osorno)**, 1 (43), p. 75-92, 2016. Em https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-22012016000200006&script=sci_arttext

Zuñiga, James. **Tesis de Grado**. El barrio está vivo: construcción de la memoria colectiva del barrio 31 de mayo de la ciudad de Popayán. Colombia: Universidad del Cauca, 2020.

Apêndices

Apêndice A – Crescimento demográfico das principais aglomerações urbanas canadenses.

Área Metropolitana	Población 1991	Población 2011	% Crec.
Toronto (Ont.)	3.898.933	5.583.064	43,19
Montréal (Que.)	3.208.970	3.824.221	19,17
Vancouver (B.C.)	1.602.590	2.313.328	44,35
Ottawa - Gatineau (Ont./Que.)	941.814	1.236.324	31,27
Calgary (Alta.)	754.033	1.214.839	61,11
Edmonton (Alta.)	841.132	1.159.869	37,89
Québec (Que.)	645.550	765.706	18,61
Winnipeg (Man.)	660.450	730.018	10,53
Hamilton (Ont.)	599.760	721.053	20,22
Kitchener - Cambridge - Waterloo (Ont.)	356.421	477.160	33,88
London (Ont.)	381.522	474.786	24,45
St. Catharines - Niagara (Ont.)	364.552	392.184	7,58
Halifax (N.S.)	320.501	390.328	21,79
Oshawa (Ont.)	240.104	356.177	48,34
Victoria (B.C.)	287.897	344.615	19,70
Windsor (Ont.)	262.075	319.246	21,81
Saskatoon (Sask.)	210.949	260.600	23,54
Regina (Sask.)	191.692	210.556	9,84
Sherbrooke (Que.)	140.718	201.890	43,47

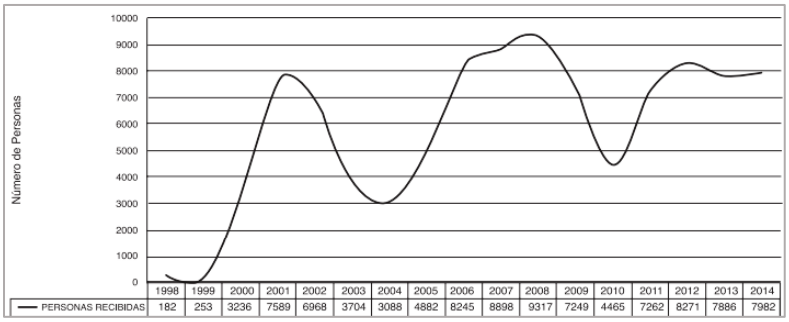
Gonzáles (2012, p. 228).

Apêndice B – Variação da população em Popayán 1985-2022.

Ano	1985	1993	2005	2018	2021	2022
População	158.336	187.519	265.702	318.059	330.750	333.382
Porcentagem de crescimento	-----	15%	41%	19%	-----	----

Departamento Administrativo Nacional Destadística (2021).

Apêndice C – População deslocada recebida em Popayán 1998-2014.



Macuacé e Landázury (2021, p. 58).

Apêndice D – Classificação CIIU das empesas do município de Popayán.

Atividade de classificação	**Número de empresas**	**Participação %**
Agricultura, pecuária, caça e silvicultura	85	1.1
Pesca	3	0
Exploração de minas e pedreiras	11	0.1
Industria	598	7.6
Eletricidade, gás e água	13	0.2
Construção	193	2.5
Comércio	4.176	53.4
Hotéis e restaurantes	840	10.7
Transporte, armazenamento e comunicações	440	5.6
Intermediação financeira	112	1.4
Atividade imobiliária	736	9.4
Administração pública e seguridade social	9	0.1
Educação	39	0.5
Serviços sociais de saúde	164	2.1
Outras atividades de serviço	406	5.2
Total	7.825	100 %

Gómez, Sarmiento e Fajardo, (2016, p. 139).

Apêndice E – Número de proprietários do setor histórico.

Proprietários	**Número de prédios**	**Porcentagem (%)**
1-5	5.728	96.57
6-10	174	2.93
11-15	26	0.43
16 – >	3	0.05
Total	5931	100

Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico (2009, p. 183).

Apêndice F – Informe de visita técnica *Secretaria de Planeación Municipal* de Popayán.



ALCALDIA DE POPAYAN	F-GR-01
INFORME VISITA TECNICA	Versión: 02
	Página 1 de 4

FECHA DEL INFORME		
29	03	2022

DATOS DEL SOLICITANTE			
Nombres y Apellidos.	YIN ANDERSON POSADA RAMIREZ		
No de Identificación. CC.	1061729797		
No radicado de solicitud.	20221130072412	Fecha:	11/03/2022
No contacto Tel. Fijo o Cel.	3044602080		

UBICACIÓN			
Dirección:	calle 14 N 4-27	Barrio:	Alfonso López
Vereda o Corregimiento.	Secto Histórico		

RESULTADO DE LA VISTA TECNICA			
La secretaria de Planeación del municipio de Popayán presenta el siguiente informe de visita técnica realizada el: 08/04/2022;			
Visita atendida por:	YIN ANDERSON POSADA RAMIREZ		
No de Identificación:	1061729797	Teléfono:	3044602080
Dirección:	calle 14 N 4-23	Barrio/vereda:	Alfonso López
Código para visita: 20221130072412			

MOTIVO DE LA SOLICITUD DE LA VISITA

petición de Yin Anderson Posada Ramírez, queja por predio que amenaza ruina a su casa ubicada en el barrio Alfonso López en la calle 14 # 4-27

OBSERVACIONES DE CAMPO

Se realiza visita al bien inmueble ubicado en la dirección calle 14 # 4-27 en el barrio Alfonso López con el fin de verificar la petición realizada por el señor YIN ANDERSON POSADA RAMÍREZ, en la cual manifiesta que el lote vecino con dirección calle 14 # 4-23 está afectando la estructura de la vivienda, donde se evidencia humedad por todas las paredes del inmueble de tal forma este problema le está afectando la salud.

Se observa que dentro del predio hay escombros de la construcción en tierra de la vivienda abandonada, como también se identifica que le ha crecido maleza, arbustos, aún conserva la pared que se encuentra mal estado, la misma afectación se está presentando en los predios colindantes.



ALCALDIA DE POPAYAN	F-GR-01
INFORME VISITA TECNICA	Versión: 02
	Página 2 de 4

Vivienda afectada calle 14 # 4-27

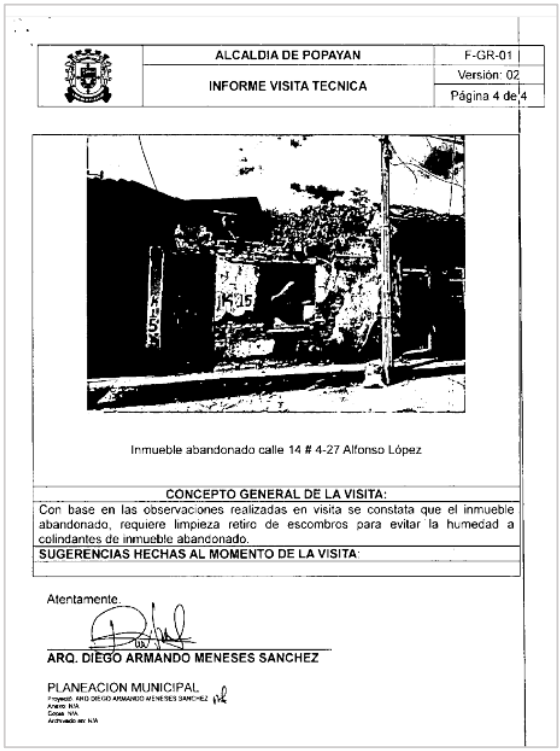
Pared con Humedad al final de la construcción hay un cuarto con afectaciones en la cubierta



ALCALDIA DE POPAYAN	F-GR-01
INFORME VISITA TECNICA	Versión: 02
	Página 2 de 4

Vivienda afectada calle 14 # 4-27

Pared con Humedad al final de la construcción hay un cuarto con afectaciones en la cubierta



ALCALDIA DE POPAYAN	F-GR-01
INFORME VISITA TECNICA	Versión: 02
	Página 4 de 4

Inmueble abandonado calle 14 # 4-27 Alfonso López

CONCEPTO GENERAL DE LA VISITA:

Con base en las observaciones realizadas en visita se constata que el inmueble abandonado, requiere limpieza retiro de escombros para evitar la humedad a colindantes de inmueble abandonado.

SUGERENCIAS HECHAS AL MOMENTO DE LA VISITA:

Atentamente.

ARQ. DIEGO ARMANDO MENESES SANCHEZ

PLANEACION MUNICIPAL

Fonte: Secretaria de Planeación Municipal (2022, p. 2-8).

Apêndice G – Cronologia da evolução do aqueduto de *Popayán*.

Evolução do aqueduto de Popayán	Rota ou Percurso	Data
Construção do primeiro aqueduto da cidade por Jacinto de Mosquera e Francisco José Arboleda, para o serviço das monjas do Monastério da Encarnação e casas do centro.	Águas trazidas desde Poblazón, conduzidas por gravidade usando acequias e tubos em bairro.	1712
Pedro Agustín Valencia tesoureiro da Casa Real da Moeda, proporciona água às casonas de famílias prestantes, edifícios de governo e conventos. O sistema se amplia até formar o Cabildo para conformar redes e administrar o serviço, por um custo de 5 pesos – 2 cm^3.	A água flui através de canaletas em tijolo, trazida das colinas orientais de Popayán.	1764-176
Se ampliam redes de aqueduto e esgoto, substituindo as redes antigas, que funcionaram até princípios do século XX.	As redes são substituídas por materiais de tubos e canais em cimento e metal.	Século XIX
Filtração ao lado ocidental do Rio Molino, para abastecer à população, inaugurando a planta de Tulcán, construção a cargo do engenheiro Lobo Guerrero.	Canalização de um costado do Rio Molino	Século XX
Inauguração do aqueduto Municipal segundo o periódico matinal Independiente El Trabajo No. 1217 (abril 1929). A inícios de 1929, se realizaram 626 conexões e se esperava ampliá-las até 1000 com o esgoto. Com o estabelecimento de filtros de água para eliminar o maior tipo de impurezas, pretendia-se diminuir grandes doenças.	A Casa Gaviria, Smith e Cia., subministrou os materiais e o engenheiro H. Gómez desenho os planos, sendo os integrantes da empresa de Lobo Guerrero y Cia., que realizaram a construção.	1928
Criação Fundação Cuenca Rio las Piedras pela conservação dos recursos hídricos da região.	Recursos hídricos da Cuenca Río Piedad do município de Popayán.	1990
Inauguração planta Palacé e ampliação. Serviço disponível para as locações de Morinda, Cajete, Julumito. Entrega do tramo na Rua 5, entre carreiras 23 e 28 pelo Puente de Chune. Reposição de tubulação, ampliação de ramais e instalação de hidrantes e, 17 veredas. Água potável para as Veredas Figueroa, setor Aguacatal, Pueblo Nuevo, e os Pame	Instalação de 220 metros de tubulação de diâmetro de 4 polegada na Vereda Real Palacé. Ampliação de tubulação de 4.560 metros lineais, 4.5 km.	2012-2022

Dados integrados das fontes documentais do Acueducto y Alcantarillado de Popayán (2023); Hernández e Patiño (2021); e Villota (2017).

Apêndice H – Novas locações registradas no plano cartográfico 1981 em Popayán.

Locações registradas no plano cartográfico de 1981			
Construções novas e edificações com outras funcionalidades	**Hotéis e Bancos**	**Praças e escolas**	**Outros**
Edifício Fcb.	Hotel Monastério	Colegio Guillermo Valencia	Tipografia
Caja de Previsión del Cauca	Hotel Casona del Virey	Serviço Nacional de aprendizagem SENA	Bomba de gasolina
Confamiliar	Hotel San Felipe	Biblioteca Rafael Maya	Centro Comercial Idema
Central energética *CEDELCA*	Hotel los Balcones	Colégio San Agustín	Bombeiros
Profamilia	Banco del comercio	Bacharelado oficial Francisco Antônio de Ulloa	Madeiras do Cauca
Ministério de Educación	Banco de Colombia	Colégio Santo Tomás de Aquino	Diário El Liberal
Apostolado	Banco de Bogotá	Rafael Pombo	Notaria Segunda
Sindicato de produtores de café	Banco Ganadero	Universidad del Cauca, sedes	Radio Todelar
Fedetrabajadores	Banco de la República	Governação do Cauca	*Avianca Sam*
Coocaficultores	Banco del Estado	Monumentos	Nacional de Seguros
Palácio Nacional	Banco Central Hipotecário	Teatro Guillermo Valencia	ICETEX

Fonte: Abstração da Autora da cartografia Instituto Geográfico Agustín Codazzi – IGAC (1982).

Apêndice I – Pseudônimos das ruas antigas da cidade de Popayán.

Pseudônimo Ruas Antigas de Popayán	**Localização**
Los Bueyes	Carrera 3ra ao oriente
De la Lomita	Carrera 10ª ao ocidente
De la Pamba	Carrera 3ª ao norte
Del Chirimollo	Rua 6ta ao sul
De la Legislatura	Calle 3ra
De Santo Domingo	Calle 4ta
De la Carnicería	Calle 7ma
Del Cacho ou De La Ermita	Calle 5ta
San Francisco	Calle 5ta A
Del Empedrado	Calle 8va
Real de San Francisco	Calle 4ta
De la Herrería	Calle 2da A
De Piedragrande	Carreira 5ta
Del Humilladero	Carreira 6
Del Chocó ou Macarón	Carreira 7ma
Del Ferrocarril	Carreira 7ma e 6ª
De San Camilo ou Del General Carlos Albán	Carreira 9na

Dados integrados pela Autora de Quintero Esquivel (2017); e Villota (2017).

Apêndice J – Registro da Notícia do Terremoto de 1983 no Periódico *El Tiempo*.



¡TERREMOTO!

Semidestruida Popayán; más de 200 muertos y mil heridos

Popayán surgirá de sus escombros B.B.

Popayán surgirá de sus escombros B.B.

El Presidente dirigió 'operación solidaridad'

El Tiempo (2020).

Apêndice K – Surgimento de Novos bairros nas periferias de Popayán.



EL LIBERAL

LOCAL 3A

¿QUÉ POPAYÁN

EL BARRIO

Urbanización El Perpetuo Socorro

Un sector emprendedor

Nuevo rector

Sin atención en vías y aseo

Entregan implementos

LAS ORGANIZACIONES

Datos del barrio

Obras significativas



Obras significativas

Destrucción vial

Preocupación por deterioro

LA COMUNIDAD

Principales necesidades

Contaminación ambiental

LA CALLE

Aspectos positivos

El Liberal (2004).

Apêndice L – Novas locações registradas no plano cartográfico 1995 em Popayán.

Locações registradas no plano cartográfico de 1995			
Construções novas e edificações com outras entidades	**Hotéis e estacionamentos**	**Praças, Bancos e escolas**	**Outros**
Camara de Comercio del Cauca	Hotel Berioska	Banco de Occidente	Correo Aéreo
Unión de Trabajadores del Cauca	Hotel Lord	Banco Caja Social	Instituto Catequistico
La Caja Agraria	Hotel Achalay	Banco Las Villas	Centro Comercial
Club Popayán	Hotel Casa Grande	Banco Ahorramas	Radio Súper
Club de Leones	Hotel Pakande	Bancoop	Radio Mil 40
Junta de Deportes Seccional Cauca	Hotel Casa Suiza	Banco Caja Social del Ahorro	Notarias 1era, 2da y 3ra
La CRC e Edificio Pedro Grande	Hotel El Paso	Teatro Municipal	Desarrollo Comunitario
Porvenir	Hotel Amalia	Teatro Anarkos	Aeroenvios
Contraloria Departamental	Hotel La Alcayata	Colegio San Francisco de Asís	Fundación Mundo Mujer
Caja de Previsión Municipal	Hotel La Plazuela	Posgrados UniCauca	Liga Lucha Contra el Cáncer
Registro de Instrumentos Públicos	Hotel Marandua	Fundación Universitaria	Clínica Vidsa
Instituto Geográfico Agustín Codazzi	Hotel Bolívar Panamá	Corporación Autonoma	Bodegas Centro Idema
Asoinca	Hotel Los Olivares	El Panteón de los Próceres	Almacenes Ley
Procuraduría General de la Nación	El Gran Hostal	Colegio San Agustín	Almacenes Supermaxi
Fundación Casa de la Cultura	Hotel Señorial	Escuela Pubenza	Centro Com. Camino Real
Instituto de Crédito Territorial	Hotel Olivares	Parque e Monumento Obando	Copecan Judicial
TELECOM e Cajanal	Residencias Venecia	La ESAP	Centro Com. Mundo Center
Impuestos Nacionales	Hotel Nuev. Manizales	Teatro Orfeón	Diners Club
Registraduría del Estado Civil	Hotel Casa Marquez	Universidad Cooperativa	Colsanitas
Casa de Velación San José	Estacionamientos	Caja Agraría	Pastoral Social

Elaborada pela autora da cartografia Instituto Geográfico Agustín Codazzi – IGAC (1995).

Apêndice L – Nomes tradicionais na cartografia de Popayán de 1995.

Ruas da área centro	**Localização**
La Pamba	Calle 3 entre Carreras 3 e 7
La Ermita	Calle 5 entre Carreras 5 e 3.
Calle del Humilladero	Carrera 6, Calle 4 e Calle 5
Calle de San Agustín	Carrera 6, Calle 5 e Calle 6
Calle del Reloj	Carrera 7 entre Calle 5 e 6
Calle del Gobernador Carlos Albán	Carrera 9 entre Calle 7 e 8
Calle del Moscarón	Carrera 7 entre Calle 6 e 7
Calle de la Compañía	Carrera 8 entre Calle 3 e 11
Calle de San Francisco	Calle 4 con Carrera 9
Calle del Seminario	Calle 5 entre Carreras 7 e 8.
Calle del Chirimollo	Calle 6 entre Carreras 8 e 9.
Calle de los Bueyes	Carrera 3 e Calle 7
Calle de Pandiguando	Calle 4 con Carrera 10
Calle el Callejón - Barrio Bolívar	Carrera 6 entre Calle 4 e 6
Calle Santo Domingo	Calle 4 entre Carreras 3 e 6.
Calle de la Universidad	Calle 5 entre Carreras 5 e 6.
Calle de la Carnicería	Calle 7 entre Carrera 3 e 4
Calle del Chocó	Calle 3 entre Carrera 7 e 8

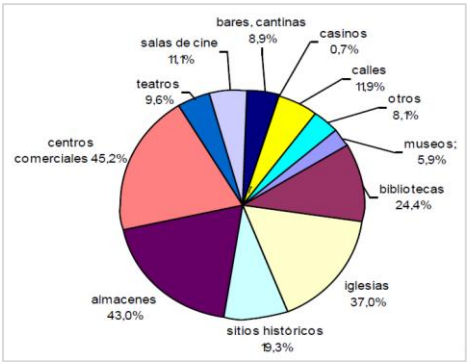
Cartografia Instituto Geográfico Agustín Codazzi – IGAC (1995).

Apêndice M – Novas locações registradas no plano cartográfico 2007 em Popayán.

Locações registradas no plano cartográfico de 1995			
Construções novas e edificações com outras funcionalidades	**Hotéis, Restaurantes e Centros de Saúde**	**Bancos, escolas e Centros comerciais**	**Outros**
Prevención Población Desplazada	Hotel Soratana e Pakande	Banco Davivienda e Santader	Junta Pro Semana Santa
Oficinas Atención e Acción Social	Hostal Colonial	Banco Fondo del Ahorro Nal	Pasaje el Renacimiento
Curaduría Urbana No.1	Hotel Hostal Pass Home	Banco Popular	Loteria Pubenza
Licorera e Estacionamientos	Hotel Marandu	Banco Bilbao Vizcaya	Bar el Sotareño
Seguros Porvenir	Hotel La Herrería	Bancafé e Megabanco	Coopechance
Sede Movimiento Político MIRA	Hotel La Alcayata	Colegio San Agustín	Ferretería Cadiz
Oficinas em Coomeva	Hotel Popayán Plaza	Centro educativo Las Marianitas	Café Valdivia e Madeira
Ministerio de Protección Social	Restaurante Zalermo	Colegio Mayor del Cauca	Almacenes Factory
Edif. Guillermo Gómez Segura	Restaurante Lonchería Caldas	Institución Educativa Sistem Plus	Surtibelleza
Oficina de Turismo	Restaurante Lonchería la Viña	Colegio Unidos por el Cauca	Deportivos Pubens
Oficinas Edificio Versalles	Restaurante Lonchería Belalcazar	Colegio los Alcazares	Oficinas Aviatur
Oficina Dirección de Impuestos	Laboratorio Clínico Rialab	Colegio Bolivariano	Papelería Surticauca
Fiscalia General de la Nación	Salucoop	Colegio Fesutrac e Escuela Taller	Almacén Electromillonaria
Oficinas Edificio Hormaza	Consultorio Oral de Salud	Colegio Coop. Ciudad Popayán	Foto Japón e Deprisa
Edificio Albarracín Ordóñez	Centro de Salud Profamiliar	Univ. Nal. Abierta y a Distancia	La Fontana
Registraduria Nacional	Fund. Oftalmológica Bejarano	Corporación Univ. Rémington	Almacén Vitrola e Luber
Empresa de transporte Velotax	Clínica Ortodoncia y Ortopedia	Inst. Técnico Investig. privada	Cacharrería el Gancho
Escuela Automovilismo	Salud Diagnóstico Prenatal	Inst. Educativa Rafael Pombo	Sala de Velación la Ermita
Edificio Altozano	Clínica Médico Quirúrgica	Inst. Tecnológico Comfacauca	Seguros Livert
Apartamentos Vásquez Cobo	Empresa de Salud Líder Salud	Centro Comercial Mundo Center	Almacén Pecado Original
Casa Cural e Teatro Orfeón Obrero	Droguería Comfacauca	Centro Comercial Anarkos Plaza	Almacén Electrocréditos
Aduanas Nacionales	Droguería Popular	Centro Comercial Rodrival	Pensiones Horizonte
Instituto de Desarrollo Rural	Drogas Shadai	Centro Empresarial Comfacauca	Librería Central
Editorial Departamento del Cauca	Drogas la Rebaja	Centro Comercial Plaza Colonial	Café Colombia e Peñas Blancas
Caprecom e oficinas no Edificio Colonial	Drogas la Salud	Centro Comercial Luis Martínez	Cacharrería Shelín

Elaborada pela autora da cartografia Instituto Geográfico Agustín Codazzi – IGAC (1995).

Apêndice O – Lugares visitados com maior frequência na zona urbana de *Popayán*, 2009.



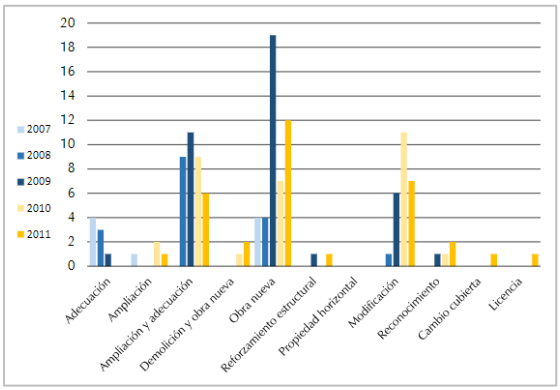
Plan Especial de Manejo del Sector Histórico (2009).

Apêndice P – Acordos municipais dos limites e dinâmicas do setor histórico em Popayán.

Acordo 12 de 1964	Acordo 15 de 1989	Acordo 29 de 1997	Acordo 7 de 2002
Define-se dois zonas: bairros históricos e bairros antigos de transição.	Define-se cinco zonas: Setor histórico, Zona de complementação, Zonas verdes, Zonas de renovação, e Zona de proteção.	Define-se quatro setores: Centro monumental, ocidental do centro histórico, oriental do centro histórico, e norte do Centro Histórico. Se estabeleceram dois áreas: a periferia sul e as áreas de conservação ambiental, entre elas a ronda do rio Molino, o Morro Tulcán, o Morro de Belén e as Tres Cruces.	Define-se cinco sectores homogêneos: Centro monumental, Ocidental do centro histórico, Oriental A y B do centro histórico, norte do centro histórico, Sul do centro histórico Periferia sul do centro histórico e áreas de Conservação ambiental do Centro histórico.

Cortés (2011, p. 56).

Apêndice Q – Tipo de licenças tramitadas no centro de Popayán 2007-2011.



Buitrago-Campo (2016).

Apêndice R – Transição espaçotemporal de algumas edificações do setor histórico.

Nome	1980-1999	2000 - 2009	2010-2019	2020 – 2023
Parque Caldas **Centro**	 Parque Caldas depois do terremoto de 1983. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Popayán, 2008. Fonte: Vargas e Molina (2008).	 Parque Caldas, 2017. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Diario del Cauca, 2021. Fonte: https://diariodelcauca.com.co/popayan-en-decadencia/
Alcaldía Municipal	 Demolição da Alcaldía depois do terremoto. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Interior da Alcaldía, 2009. Fonte: Papamija (2006)	 Costado lateral da Alcaldía. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Alcaldía, 2022. Fonte: Diario del Cauca https://diariodelcauca.com.co/dependencia-en-popayan-aspira-6-mil-millones-antes-de-2023/

Gobernación	 Esquina Gobernación antes da remodelação do setor, 2010. Fonte: https://www.colombia.com/actualidad/nacionales/a-36-anos-del-terremoto-de-popayan-224060 .	 Gobernación antes da remodelação do setor, 2010. Fonte: Zabala (2010).	 Diario El Heraldo, 2011. Fonte: https://www.elheraldo.co/nacional/10-heridos-al-explotar-artefacto-en-popay-n-46826	 Gobernación, 2022. Fonte: Diario las Orillas. https://diariodelcauca.com.co/dependencia-en-popayan-aspira-6-mil-millones-antes-de-2023/
Torre del Reloj	 Torre despois do terremoto de 1983. Fonte: Zabala (2010).	 Ambiente urbano, 2009. Fonte: Zabala (2010).	 Torre, 2017. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Vista ao centro da cidade, 2013. Fonte: Plam de Desarrollo Municipal 2020-2023
Igreja ***La Catedral***	 La Catedral depois do terremoto de 1983. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Historia de la Catedral, 2004. Fonte: https://historiografica.wordpress.com/2011/06/02/historia-de-la-catedral-de-popayan/	 Lateral da Igreja da Catedral. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Diario el Tiempo 2020. Fuente: https://www.eltiempo.com/colombia/cali/reapertura-de-iglesias-en-popayan-cauca-con-protocolos-535890
Igreja ***San Francisco***	 San Francisco depois do terremoto de 1983. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Historia y Patrimonio, 2007. Fonte: http://popayancity.blogspot.com/2007/01/	 Flickr 2017. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Diario el Quindiano 2019. Fonte: https://www.elquindiano.com/noticia/14887/consejo-de-cultura-del-cauca-en-la-mira-de-la-procuraduria-por-dar-licencia-de-construccion-en-el-centro-historico-de-popayan
Iglesia de ***Santo Domingo***	 Santo Domingo depois do terremoto de 1983. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Igreja Santo Domingo. Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico PEM (2009).	 Flickr 2017. Fonte: https://www.flickr.com/photos/zug55/35228547320/in/album-72157682811297063/	 Momento 24, 2023. Fonte: http://www.colparques.net/POPAYAN
Igreja ***La Ermita***	 Calle da Ermita depois do terremoto de 1983. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Iglesia. Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico PEM (2009).	 Flickr 2017. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Flickr 2018. Fonte: https://www.flickr.com/photos/

Igreja *San Agustín*	 Iglesia antes do terremoto de 1983. Fonte: Cuellar y Díaz (2020).	 Iglesia. Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico PEM (2009).	 Igreja 2017. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Iglesia 2022. Fonte: https://www.flickr.com/photos/
Igreja *San José*	 Flickr 1989. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Iglesia. Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico PEM (2009). https://www.flickr.com/photos/	 Flickr 2017. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Iglesia, 2022. Fonte: https://www.flickr.com/photos/
Morro de Tulcán	 El Morro depois do terremoto de 1983. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Tulcán Popayán. Fonte: Plan Especial de Manejo y Protección del Sector Histórico PEM (2009).	 Flickr 2017. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Morro de Tulcán, 2020. Fonte: https://radio1040am.com/2020/12/04/en-que-avanza-la-construccion-del-muro-en-el-morro-de-tulcan/
Puente del Humilladero	 Puente del Humilladero, 1941. Fonte: Banco de la República https://babel.banrepcultural.org/digital/collection/p17054coll19/id/1323	 Puente, 2022. Fonte: Universidad del Cauca http://artemisa.unicauca.edu.co/~jornadasfalto/costos.htm	 Flickr 2017. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Puente del Humilladero, 2018. Fonte: Contreras (2018).
Puente da Custodia	 Puente, 1941. Fonte: Banco de la República https://babel.banrepcultural.org/digital/collection/p17054coll19/id/1323	 Aventuras, 2009. Fonte: http://www.traveladventures.org/continents/americas/popayan05.html	 Flickr 2017. Fonte: https://www.flickr.com/photos/	 Historias de mi ciudad, 2022. Fonte: https://elnuevoliberal.com/mi-ciudad/historias-del-puente-viejo-de-cauca/

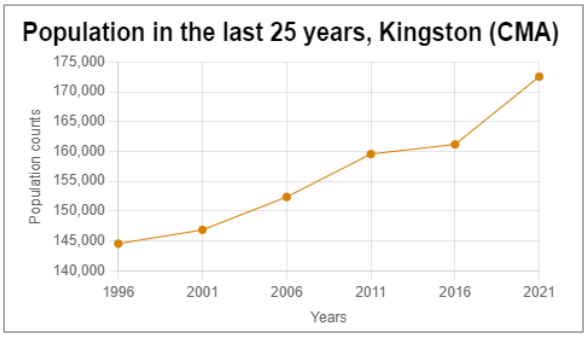
Elaborada pela autora, 2023.

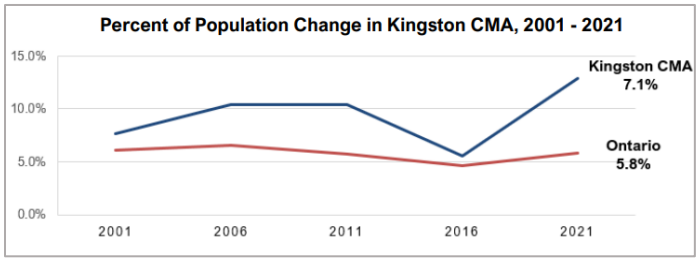
Apêndice S – Variação da população em Kingston 2001-2021.

Ano	**1996**	**2001**	**2006**	**2011**	**2016**	**2021**
População	144.528	146.838	152.358	159.561	161.175	172.546
Porcentagem de crescimento	_ _ _ _	1.6%	3.8%	4.7%	1.0 %	7.1%

Statistics Canadá (2022), realizada pela autora de acordo com os dados estadísticos.

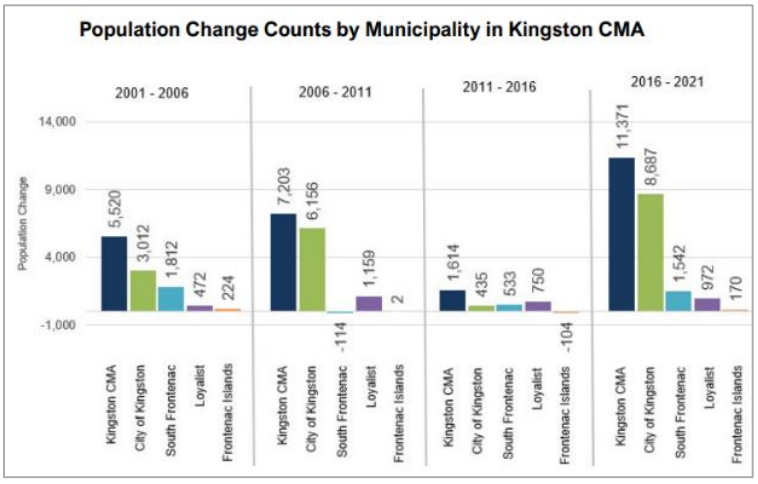
Apêndice T – Variação da população em Kingston de 1996 – 2021.





Superior, Statistics Canadá (2022), e inferior Census Metropitan Area (2021, p. 3).

Apêndice U – Variação da população em Kingston, Ontário e seus municípios.



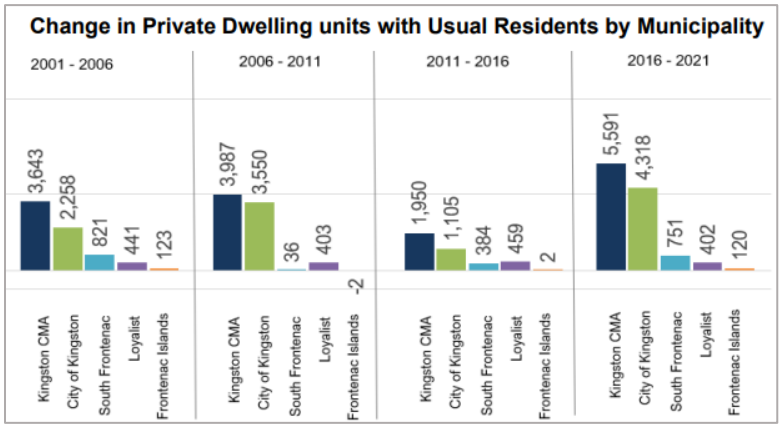
Census Metropitan Area (2021, p. 3).

Apêndice V – Incremento da população em Kingston.

Private Dwelling Counts in Kingston CMA					
	2001	2006	2011	2016	2021
Total Private Dwellings	65,883	70,003	73,889	77,173	80,955
Total Private Dwellings Occupied with Usual Residents	58,335	61,978	65,965	67,915	73,506
Total Unoccupied Private Dwellings	7,548	8,025	7,924	9,258	7,449

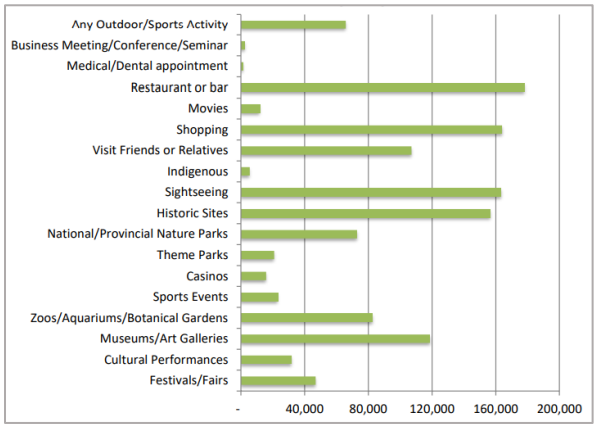
Census Metropitan Area (2021, p. 4).

Apêndice W – Variação de unidades de casa privada Kingston, Ontário e seus municípios.



Census Metropitan Area (2021, p. 4).

Apêndice X – Atividades de participação em Kingston.



Report to Council (2019, p. 22).

Apêndice Y – Ferrovias da América Latina 1913.

País	Companhias	Longitude (Km)	País	Companhias	Longitude (Km)
Argentina	18	31859	Honduras	6	241
Bolívia	2	18284	México	13	25600
Brasil	15	24737	Nicarágua	1	322
Chile	10	8069	Panamá	4	479
Colômbia	11	1061	Paraguai	1	410
Costa Rica	1	878	Peru	9	2970
Cuba	6	3752	Puerto Rico	3	408
Equador	2	1049	Rep. Dominicana	2	644
El Salvador	1	320	Uruguai	10	2576
Guatemala	1	987	Venezuela	4	1020
Haiti	--	180	América Latina	---	83 246

Bulmer-Thomas (2017, p. 112).

Apêndice Z – Exportações de produtos primários por porcentagem de total.

País	*1980*	*1990*	*2000*
Argentina	76.9	70.9	67.9
Bolivia	97.1	95.3	72.9
Brasil	62.9	48.1	42.0
Chile	88.7	89.1	84.0
Colombia	80.3	74.9	65.9
Costa Rica	70.2	72.6	34.5
Ecuador	97.0	97.7	89.9
El Salvador	64.6	64.5	51.6
Guatemala	75.6	75.5	68.0
Honduras	87.2	90.5	64.4
México	87.9	56.7	16.5
Nicaragua	81.9	91.8	92.5
Panamá	91.1	83.0	84.1
Paraguay	88.2	90.1	80.7
Perú	83.1	81.6	83.1
Uruguay	61.8	61.5	58.5
Venezuela	98.5	89.1	90.9
América Latina[a]	80.0	77.2	66.4

Bulmer-Thomas (2017, p. 22).

Apêndice AA – Inversão direta e acionaria na América Latina em 1914.

	Deuda pública externa			*Inversión extranjera directa*		
País	*Millones de dólares*	*Reino Unido (%)*	*Estados Unidos (%)*	*Millones de dólares*	*Reino Unido (%)*	*Estados Unidos (%)*
Argentina	784	50.8	2.4	3217	46.7	1.2
Bolivia	15	0	20.0	44	38.6	4.5
Brasil	717	83.4	0.7	1196	50.9	4.2
Chile	174	73.6	0.6	494	43.1	45.5
Colombia	23	69.6	21.7	54	57.4	38.9
Costa Rica	17	47.1	0	44	6.8	93.2
Cuba	85	58.8	41.2	386	44.0	56.0
Ecuador	1	100	0	40	72.5	22.5
El Salvador	4	100	0	15	40.0	46.7
Guatemala	7	100	0	92	47.8	39.1
Haití	1	0	100	10	0	100
Honduras	26	0	61.5	16	6.2	93.8
México	152	92.1	7.9	1177	54.0	46.0
Nicaragua	6	50.0	0	6	33.0	67.0
Panamá	5	0	100	23	0	100
Paraguay	4	100	0	23	78.3	21.7
Perú	17	47.1	11.8	180	67.2	32.2
Puerto Rico	44					
República Dominicana	5	0	100	11	0	100
Uruguay	120	75.0	0	355	43.4	0
Venezuela	21	47.6	0	145	20.7	26.2
América Latina	2229	67.8	13.8	7569	47.4	18.4
Sector						
Agricultura				255	4.7	93.7
Minería				530	19.1	78.3
Petróleo				140	2.9	97.1
Ferrocarriles				2342	71.2	13.0
Servicios públicos				914	59.7	13.9
Manufacturas				562	14.8	3.0
Comercio				485	0.4	7.0
Otros y no distribuidos por sector				2341	50.0	5.2

Bulmer-Thomas (2017, p. 109-110).

Apêndice BB – Entrada e saída de mercadorias por Buenaventura de 1895 – 1954.

Ano	Importações (milhares de dólares)	% Total Nacional	Exportações (milhares de dólares)	% Total Nacional
1895-1898	926	6.5	898	5.3
1905	993	8.4	822	7.0
1910-1914	2.505	12.2	1.699	6.8
1918-1919	2.674	6.3	7.753	12.2
1922-1924	6.821	12.1	14.627	22.9
1925-1929	22.720	17.5	27.698	25.0
1930-1934	9.162	18.2	19.748	23.3
1935-1939	21.063	24.3	25.397	27.2
1940-1944	34.035	40.0	43.114	38.5
1945-1949	104.725	38.6	122.758	46.8
1950-1954	192.171	39.7	286.786	55.5

Sánchez e Santos (2014).

Apêndice CC – Casas comerciais consolidadas na região do *Valle del Cauca*, século XIX.

Constituição de casas comerciais	Asociados da região
Em 1854 estabeleceram a sociedade Fernandez, Arroyo & Cia, dedicada ao cultivo e explotação de quina no Caldas (Cauca)	Marco Fernandez e irmãos Arroyo de Popayán
Em 1856 se associaram para exportar casca de quina	José Vásquez Córdoba e Manuel José Caldas de Cali
Em 1856 criaram uma sociedade dedicada ao comercio exterior, exportação e importação	Fazendeiros e comerciantes Manuel Garcés e filho
Em 1857 constituíram uma sociedade para comprar e exportas couros, que também vendiam internamente para elaboração de empaques o zurrones de tabaco e quina	Gonzales e Vallejo. Socio principal Rafael Gonzales Umaña
Em 1858 se construí "Caicedo irmãos" com maquinaria trazida dos Estados Unidos e localizada em Santa Monica ao norte de Cali. Se dedicava à venda de louças e recipientes de aguardentes.	Federico e Cenón Caicedo (proprietário da primeira fábrica de tijolos e telhas de Cali)
Em 1859 se constituiu Borrero & Bermudez com sede em Cali. Importava e exportava mercadorias varias, posteriormente foi proprietária de uma libraria e papeleira.	Angel María Borrero e Carlos Bermudez
Em 1859 se fundou a Casa Comercial Gaviria dedicada à compra de couros para vender ao interior y exportar. Também comerciavam com cacau e café.	--------
Em 1860 a sociedade Sánchez, Uribe e Cia se dedicou à curtume, venda interna e exportação de couros	Cándido Sánchez, Felipe Martín Uribe e Charles Heyn

Vasquez (2001, p. 24).

Apêndice DD – Licenças de construção em Cali em meados do século XX.

Licenças expedidas de acordo à Câmara de Comercio	
Ano	**Número de Licenças**
1946	936
1947	760
1948	1017
1949	1169
1950	1249
1951	1238

Vasquez (2001, p. 214).

Apêndice EE – Primeiras transformações urbanas em Cali no século XX.

Casas urbanas acumuladas e áreas de construção anuais (m^2)		
Anos	**Casas acumuladas**	**Area de construção (m^2)**
1933	7.700	53.965
1945	19.161	139.872
1958	61.896	306.085

Vasquez (2001, p. 214).

Apêndice FF – Cultivos agrícolas e superfícies em Cali, 1953.

CULTIVOS AGRÍCOLAS Y SUPERFICIES

	Plazas			Plazas	
Café	111.996	(25.1%)	Frijoles	12.744	(2.9%)
Maíz	57.230	(12,8%)	Café,Cacao,Plátano	6.828	(1.6%)
CaféyPláL	108.329	(24.3%)	Tabaco	1.060	(0.2%)
Caña	63.499	(14.2%)	Yuca	7.356	(1.7%)
Airoz	13.986	(3.1%)	Cacao	8.967	(2.0%)
Plátano	12.426	(2.8%)	Otros Cultivos	41.531	(9.3%)

(Área Total 445.952 Has.).

Vasquez (1999, p. 5).

Apêndice GG – Extensão do cultivo de cana de açúcar na região Século XX.

EXTENSIÓN DEL CULTIVO DE CAÑA (HECTÁREAS)

Años	Has.	Años	Has.
1915	7.958	1952	37.495
1937	14.341	1953*	40.693
1941*	29.398	1954**	42.748
1951	36.926	1970**	91.800

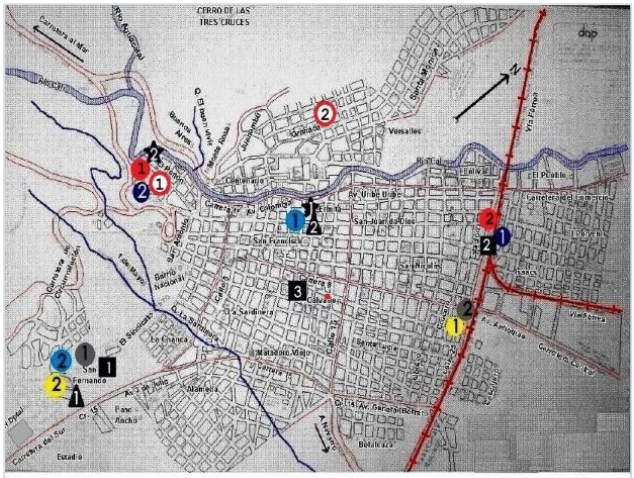
* El área cultivada de caña para azúcar se estimó en 335.9%.
** Superficie de caña para azúcar.

TIERRAS INCORPORADAS AL SECTOR AZUCARERO (1922-1952)

Períodos	Plazas	%
1922-1930	1.274	2.7
1931-1938	3.977	8.5
1939-1945	16.284	34.6
1946-1952	25.514	54.2

Vasquez (1999, p. 5-6).

Apêndice HH – Primeiras rotas consolidadas na urbe de Cali para 1930.



Vinasco (2016, p. 33).

Apêndice II – Capacidade total do aqueduto de Cali 1948-1978.

Anos	Planta	Capacidade total Cali (m^3/dia)
1948	Ampliação da capacidade em *San Antonio* (20.000 m^3)	69.811
1952 / 1958	Poços profundos (20.000 m^3)	89.811
1958	Planta rio Cauca I. ampliação San Antonio	203.731
1970	Planta rio Cauca II	333.331
1978	Planta rio Cauca III	592.532

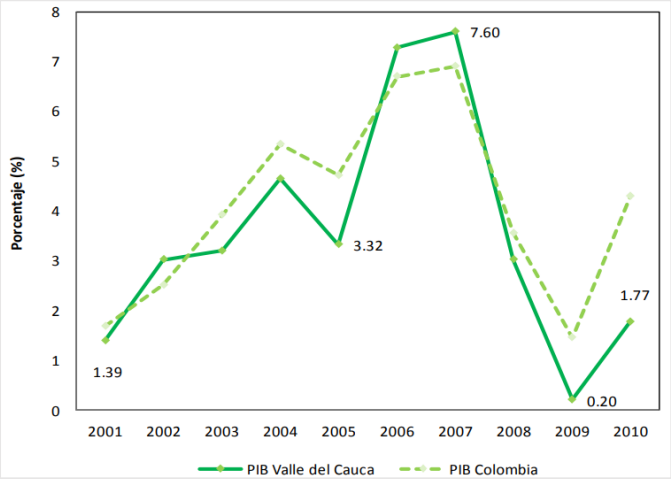
Vasquez (2001, p. 223).

Apêndice JJ – Bairros ilegais em Cali em finais do século XX.

Bairros	Antes de 1950	1950-1959	1960-1969	1970-1979
Bairros de invasão	139,7	157,2	84,2	141,1
Bairros piratas	13,9	118,3	411,2	47,9
Bairros clandestinos	15,2	62,0	183,2	37,7
Total	168,8	337,5	678,4	227,5

Vásquez (2001, p. 225).

Apêndice JJ – Crescimento do PIB do *Valle del Cauca* e Colômbia em 2001-2010.



Otero (2012, p. 11).

Apêndice LL – População da cidade de Cali de acordo com os censos 1912-2005.

Año	Mes	Día	Población Total	Población cabecera	%
1912	3	5	27,747	nd	nd
1918	10	14	45,525	nd	nd
1938	7	5	101,883	88,366	86.7
1951	5	9	284,186	241,357	84.9
1964	7	15	637,929	618,215	96.9
1973	10	24	991,549 [a]	971,891	98.0
1985	10	15	1,429,026 [a]	1,402,893	98.2
1993	10	24	1,847,176 [a]	1,809,054	97.9
2005	06	30	2,119,908 [b]	1,809,054	98.3

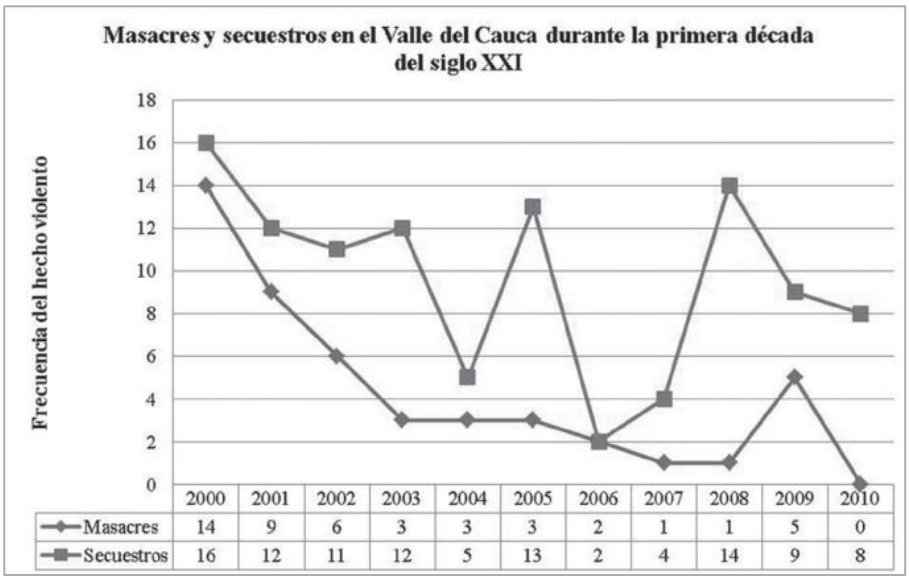
Escobar (2006, p. 2).

Apêndice MM – População Cali de acordo com a região onde nasceu e donde faz 5 anos.

Región	Región donde nació		Región donde vivía hace 5 años	
	Total	%	Total	%
Bogotá	32,197	1.6	9,399	0.5
Antioquia	42,910	2.1	7,275	0.4
Valle del Cauca	1,527,935	74.1	1,822,583	96.3
Atlántica[3]	15,107	0.7	3,910	0.2
Oriental[4]	31,655	1.5	4,190	0.2
Central[5]	171,677	8.3	17,516	0.9
Pacífica[6]	234,007	11.3	26,127	1.4
Orinoquía - Amazonía	5,545	0.3	2,024	0.1
San Andrés	354	0.0	163	0.0
No informa	1,501	0.1	274	0.0
TOTAL	2,062,888	100.0	1,893,461	100.0

Escobar (2006, p.11).

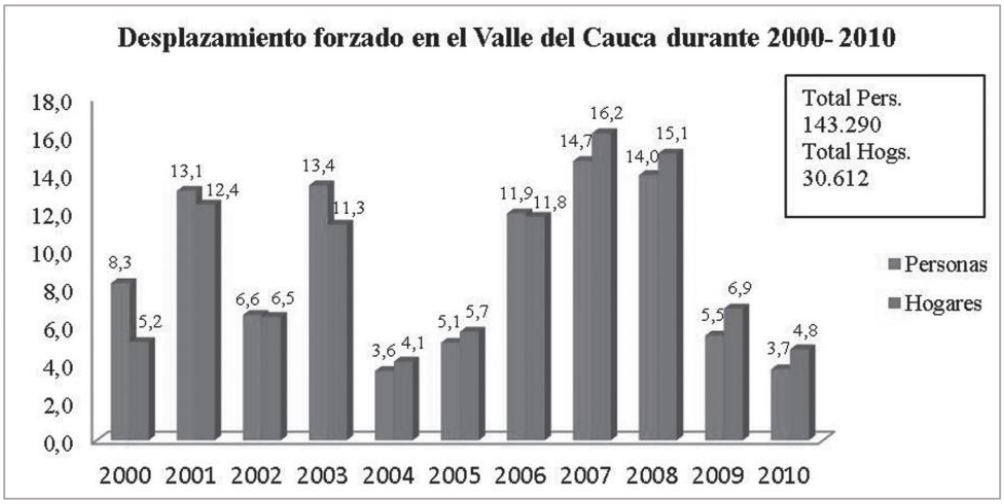
Apêndice NN – Massacres e sequestros no *Valle del Cauca*no no século XXI.



	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Masacres	14	9	6	3	3	3	2	1	1	5	0
Secuestros	16	12	11	12	5	13	2	4	14	9	8

Acosta (2012, p. 1).

Apêndice OO – Descolamento forçado no *Valle del Cauca*no durante 2000 – 2010.



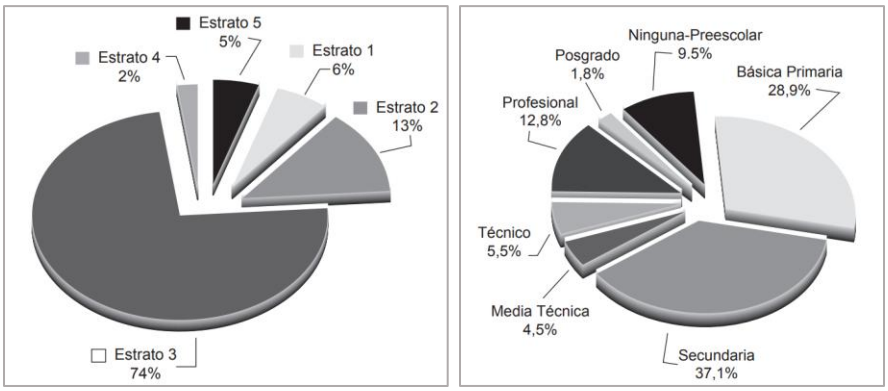
Acosta (2012, p. 2).

Apêndice PP – Porcentagem de moradias com acesso aos serviços públicos 2005-2018.

Ano	Energía elétrica	Aqueduto	Sistema de drenagem	Gás	Recolecção de Lixo	Internet
2005	99%	98.2%	96.8%	61.6%	---	---
2018	99.7%	99%	97.8%	89.6%	99.1%	72%

Departamento Administrativo Nacional Destadística (2022, p. 40), modificado pela autora.

Apêndice QQ – Estratos econômicos e nível educativo na comuna do *Parque Caicedo*.



Alonso *et al*. (2007, p. 19).

Apêndice RR – Espaços públicos no centro histórico da cidade de Cali, 2013.

Tipo de Espacio Público	Denominación	Área de Espacio Público (m²)	Indicador de Espacio Público (m²/hab)[24]
Parque	Santa Rosa	1588	0,58
	De los Poetas	2460	
Plaza – Plazoleta	Plaza de Caicedo	11026	3,34
	Plaza de San Francisco	9172	
	Plazoleta de Mercurio	3176	
Calle Peatonal	Paseo del Río (Av. Colombia)	11000[25]	1,57
Andén		26933	3,84

Plan Especial de Manejo y Protección del Centro Histórico de Santiago de Cali (2014, p.114).

Apêndice SS – Contexto Urbano do centro histórico de Santiago de Cali.



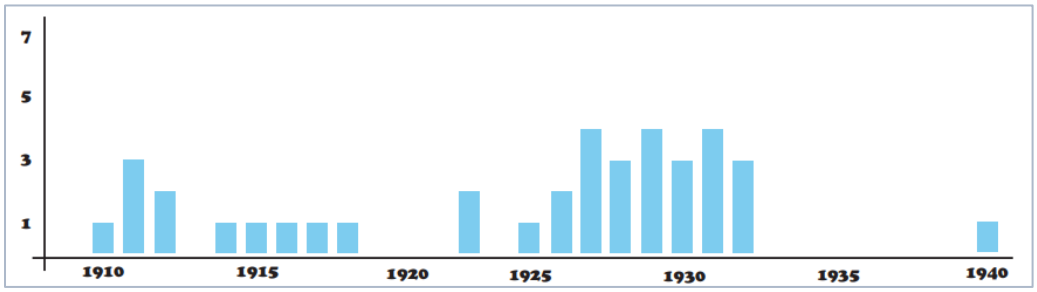
Departamento Administrativo Nacional Destadística (2020, p. 6).

Apêndice TT – Estadística de população em Toronto, Canadá.

Census Division	Toronto (Hab)
2001	2.481.494
2006	2.503.281
2011	2.615.060
2016	2.731.571
2021	2.794.356
2022	~3.025.647

Statistics Canadá (2022).

Apêndice UU – Urbanização a partir de edifícios na área cêntrica, Toronto.



Architectural Conservancy Ontário (2018, p. 10),